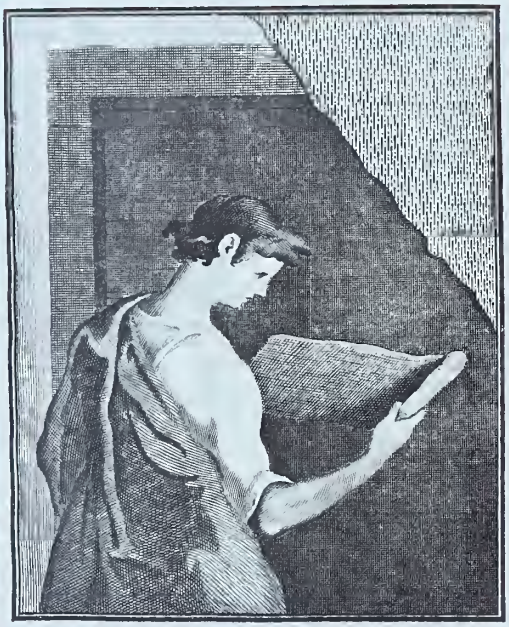


THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/boletimdearchite05asso

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

TOMO 5.º 2.ª SERIE

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

LISBOA

MDCCCLXXXVIII

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1886 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUCÇÕES

N.º 1

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

DUAS PALAVRAS COMO PROLOGO, pela Redacção ..... Pag. 1

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Memoria sobre a architectura romanica — pelo socio effectivo sr. Manoel Maria Rodrigues ..... » 2

Mafra. — Breve noticia dos nomes dos artistas mais celebres que trabalharam no edificio de Mafra, desde a creação do monumento até aos nossos dias — pelo socio sr. Joaquim da Conceição Gomes ..... » 12

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA.

A proposito das mumias americanas expostas no Museu do Carmo — (continuação) pelo Dr. Baldy .... » 13

Explicação da estampa n.º 57 — pelo sr. J. da Silva ..... » 15

Chronica ..... » 15

Noticiario ..... » 16

DUAS PALAVRAS COMO PROLOGO

Quem encara em globo as sociedades modernas, presenceia um curioso espectaculo:

Entre os trabalhadores da lida quotidiana, entre os obreiros do presente, entre os fadigosos artifices das futuras civilisações, vê formigarem, descomprehendidos e muita vez amaldiçoados, outros obreiros, n'uma faina immensa, n'uma fadiga de todas as horas, sem salario e sem estimulo, devotados á tarefa colossal de reconstruir as eras mortas.

Lidam uns em favor do porvir; os outros, não menos uteis, lidam em favor do passado. Ao tempo que uns erguem hymnos á aurora, entôam os outros elegias ao occaso.

Todos teem rasão; todos cumprem a sua missão proficua; todos são prestadios; são injustas as intolerancias mutuas.

Se aquelles esculpem a estatua que ha de campear sobre o pedestal, estes cavam e affeiçoam os alicerces sobre que ella tem de assentar. O pedestal é o presente; os alicerces são o passado; as tradições são o cimento Avivar pois as tradições millanarias dos povos é prestar culto ao seu porvir.

*
* *

Isso tudo assim o entendeu a *Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes;* e (com bem o digâmos) já o numero dos que a protegem, dos que a animam, dos que lhe querem pertencer, vai crescendo de dia para dia. Ha logar para todos; ou antes: o concurso de todos é util a cada um, e o de cada um é prestadio a todos.

Uma das maneiras por que a Associação entendeu dever prestar os seus serviços a Portugal, foi a publicação do seu Boletim. Já conta doze annos de existencia este periodico, unico do seu genero na bibliographia portugueza. Vae encetar o decimo terceiro anno.

*
* *

Ao percorrer os numeros publicados, póde qualquer pessoa notar com quanto afan aqui teem collaborado escriptores distinctos, e archeologos notaveis; com que diligencia o Boletim se esforça em vulgarisar os descobrimentos feitos na nossa terra; em salvar documentos unicos; em reproduzir pela phototypia exemplares diplomatisticos interessantes; em tornar accessiveis e attractivos aos estudiosos os trabalhos archeologicos; em confraternisar com as sociedades estrangeiras, apreciando as obras d'ellas, e dando-lhes a conhecer as nossas.

Este foi o programma seguido até hoje, e continuará a ser o dos futuros volumes. Esperâmos a collaboração dos nossos consocios, e até a sollicitâmos de pessoas idoneas, alheias á Sociedade.

* * *

Dito isto, demos principio ao quinto volume, e lisonjeâmo-nos com a ideia de que a opinião publica ha de continuar a auxiliar-nos. Muito se tem feito, mas ha ainda muito por fazer.

Avante! avante sempre! — é a nossa divisa. Servindo o passado, temos a ufania de ser dos mais dedicados obreiros do porvir.

Os R.R.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

Memoria laureada pela Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes no concurso sobre a architectura romanica

pelo socio effectivo o sr.

Manoel Maria Rodrigues

EXPLICAÇÃO PREVIA

Antes de entrarmos no assumpto principal d'esta *Memoria*, cumpre-nos justificar as causas que nos determinaram a adoptar a palavra *Romanico*, para designar o estylo da architectura a que entre nós se tem dado usualmente o titulo de *romano byzantino*.

Esta ultima denominação, inspirada naturalmente pelos elementos de decoração oriental que se accentuam nas construcções do estylo romano degenerado, não nos parece, por mal adequada, que deva continuar a subsistir, tanto mais quando ha um termo unico, geralmente acceite, que define, sob todos os pontos de vista, o conjuncto dos caracteres d'essa architectura.

É sabido que de ha muito é ella conhecida em França pela designação de *romane*, e não foi arbitrariamente, mas sim depois de controversias travadas a esse proposito, que tal titulo se adoptou.

Os archeologos francezes denominaram por longo tempo esse estylo, *gothico antigo*, ou *normando*, quando se referiam ás construcções da Neustria; *merovingio* e *carlovingio*, para as que se ergueram durante aquelles dois periodos da monarchia franceza; *teutonico* para as da Allemanha; *saxonio* para as da Grã-Bretanha; e *lombardo* para as de Italia.

Foi mr. Gerville quem primeiro propoz a substituição d'esses diversos titulos por um unico, que resumindo-os todos, indicasse a origem do estylo architectonico que elle designava, e assim chamou *roman* ao estylo em que foram concebidos todos os monumentos anteriores ao seculo XIII, fundando-se para isso no facto de se chamar *romane* á lingua latina degenerada que começou a misturar-se com a lingua dos francos, no tempo de Carlos Magno.

Mais tarde, em 1823, mr. de Caumont na sua *Histoire sommaire de l'architecture religieuse, civile et militaire au moyen-age*, adoptou aquella denominação, empregando-a até no seu quadro chronologico dos estylos architectonicos.

Depois mr. Albert Lenoir, nas *Instruccions du comité des arts et monuments*, e nos *Études d'architecture en France*, deu a denominação de estylo *latino* a todos os monumentos imitados directamente da architectura romana e que se construiram desde o V ao XII seculo, isto é, antes dos elementos byzantinos terem produzido notaveis modificações no estylo primitivo da arte christã, mas conservou a qualificação de *roman* ao estylo dos monumentos, que se erigiram durante os seculos XI e XII.

Outros antiquarios, porém, demonstrando que a ornamentação dos edificios do seculo XII era imitada da dos gregos de Byzancio, entenderam que a denominação de *romano-byzantino* devia ser applicada ao estylo de architectura que reunisse os elementos degenerados da decoração byzantina.

Um d'esses archeologos foi mr. Batissier, mas este mesmo, que nos seus *Elements d'archeologie nationale* adoptára aquella qualificação, rejeitou-a depois na *Histoire de l'art monumental* por a julgar muito absoluta e não ter portanto uma applicação sufficientemente geral. Assim, pois, conservou a designação de estylo *roman* dada por Caumont aos diversos modos de construcção usados nos seculos XI e XII, advertindo comtudo que entendia dever designar pelo titulo de architectura *romane*, a architectura romana degenerada.

Mr. Vitet foi um dos que tambem criticou asperamente no *Journal des savants*, o que havia de improprio nas diversas denominações dadas ao estylo de que se trata e particularmente na palavra *roman*, que, diz o referido escriptor, implica uma assimilação da architectura *romane* á lingua *romane*, quando os seus principios de formação não são completamente os mesmos, mas a estes argumentos, que foram combatidos por mr. Leonce Raynaud, objecta mr. Charles Blanc: «Mas convém por estes motivos (os apontados por Vitet) que se substitua a palavra *roman*? Cremos que não. Esta palavra é hoje acceite por tantos archeologos e consagrada por tantos livros, que não poderia mudar-se sem causar perturbação no espirito dos leitores.

Ha pois menor inconveniente em conserval-a (a titulo de inventario), do que haveria em propor uma outra.»

Finalmente o proprio mr. Viollet-le-Duc nos seus *Entretiens sur l'architecture* emprega por vezes a palavra *roman,* dizendo que a epoca durante a qual se misturaram as tradições romanas com as importações orientaes, foi a que se conveiu chamar em França, a epoca *romane.*

Apoiados, pois, em auctoridades como as que citamos e firmados nos argumentos que apresentam, entendemos que, como em França, em Portugal deve adoptar-se a denominação *romane*, para a architectura que entre nós tem sido designada impropriamente pelo titulo de *romano-byzantina.*

Como convém, porém, admittir uma palavra portugueza que exprima perfeitamente o sentido da franceza, sem dar logar a confusões nem a desconsonancias, preferimos o termo *romanico*, que não se confunde na especificação dos estylos de architectura, com o *romano* (romain), nem dá logar a denominações pouco euphonicas como o *roman* francez, ou o *romão* ou *romã*, quando se quizesse dar-lhe uma apropriação litteral na nossa lingua.

CAPITULO I

A architectura romanica

Nos primeiros periodos, que se succederam á queda do paganismo, a religião christã não teve uma arte propriamente sua, porque, perseguida e trucidada, refugiava-se nas profundezas mysteriosas das antigas pedreiras de Roma, que depois serviram de tumulo aos seus martyres, emquanto a tolerancia não lhe permittiu celebrar as suas praticas religiosas nos edificios que melhor podiam servir ás ceremonias do seu culto.

Foi só quando o christianismo se viu um tanto desafrontado d'essas perseguições, que os christãos de Roma começaram a utilisar-se das basilicas para a reunião dos fieis, preferindo esses edificios já pela sua amplitude, já pelo facto de não terem servido a nenhum culto idolatra. No entretanto os christãos gregos mais arrojados e imaginosos construiam ao mesmo passo em Byzancio os seus templos, conservando-lhes da architectura romana apenas a estructura, mas caracterisando-os com motivos novos de decoração.

As basilicas, como é sabido, destinavam-se promiscuamente a tribunaes e a praças de commercio, destacando-se exteriormente pela sua extrema simplicidade, porque, a não serem as janellas que se abriam nas suas paredes, nenhum genero de ornamentação as aformoseava. Interiormente o edificio era dividido em toda a sua extensão por duas filas parallelas de columnas ou pilares, servindo a galeria central, que era a mais ampla e elevada, uma parte aos mercadores, advogados e litigantes e a outra ao povo. Na extremidade das tres galerias havia um logar reservado, como nos nossos tribunaes, exclusivamente aos advogados, aos escrivães e aos outros officiaes de justiça, terminando por um espaço semi-circular fronteiro á galeria central, onde tomava logar o presidente ou primeiro juiz, rodeado pelos juizes adjuntos.

Estes edificios transformados pelo christianismo foram os que serviram de modelo ás futuras egrejas.

O bispo, acompanhado do clero, colloca-se ao fundo do hemicyclo, que fôra o tribunal, e que se chama *tribuna* ou *abside,* por ser abobadado. O espaço reservado aos officiaes de justiça, occupam-o os cantores e intitula-se côro. O altar fica situado defronte do abside e á direita e á esquerda do côro collocam se dous pequenos pulpitos nos quaes se lerá a epistola e o evangelho.

Os fieis tomam logar nas galerias lateraes, os homens á direita e as mulheres á esquerda, e a central destina-se ás ordens menores e aos catechumenos que vão ouvir as instrucções pastoraes, mas que não teem ainda o direito de assistir á celebração dos mysterios. Para os não expôr ás correntes de ar, da porta, construe-se um ante-portico, ou alpendre, *atrium*, que corresponde ao *pronaos* dos templos antigos, e ao vestibulo que nas egrejas byzantinas se chama *narthex.*

Assim fica, pois, a basilica romana applicada ás praticas da religião christã. Mais tarde a predilecção pelo symbolismo modifica esse plano, e d'este modo emquanto a architectura christã do Oriente adopta para os seus templos a fórma da cruz grega, a do Occidente dá-lhes a da cruz latina.

A cupula, nos primitivos templos polygonaes do Oriente, era como que o emblema do triumpho alcançado por Jesus Christo, e mais tarde, quando o augmento da concorrencia dos fieis tornou necessario ampliar o espaço que lhes era reservado, essa cupula formou o centro de uma cruz, cujos quatro braços eguaes tomaram a fórma da cruz grega. Esta cruz era composta pela combinação das quatro *gamma*, e como a terceira letra do alphabeto grego exprime o numero tres, dava se á figura assim disposta o nome de *gammada*, que significava a trindade. Os dois caracteres symbolicos da architectura christã no Oriente, eram pois a cupula e a cruz grega.

Nos templos do Occidente, o architecto, querendo representar a imagem de Christo expirando no instrumento do supplicio, preferiu a cruz alongada e para isso accrescentou ás tres naves uma outra transversal, que ficou compondo os dois braços da cruz, aos quaes se chama *transeptos.*

Uma das primeiras distincções a estabelecer, pois, entre a architectura byzantina e o estylo occidental é o plano da cruz latina.

E' difficil seguir todos os passos da architectura no Occidente durante os seculos IX e X, porque, anniquilados os ultimos vestigios da civilisação romana, e derrubados, por mal construidos, os monumentos dos primeiros periodos da monarchia *franca*, tudo é desordem e confusão.

Além d'isso os espiritos aterrados pela superstição de que o mundo acabaria no anno 1000, enervavam-se em um desalento e inacção que nada podiam produzir de util para erguer a arte do abatimento a que havia chegado.

O anno 1000 porém passou, o Anti-Christo não appareceu, o mundo não deixou de existir, e então, renascendo a fé e a coragem, os corações, libertados do terrivel pesadello que os opprimira, expandem-se em provas de reconhecimento a Deus, erguendo-lhe templos por toda a parte e reconstruindo os destruidos em um estylo *novo,* segundo as palavras de um chronista contemporaneo, *Guillaume de Malesbury.*

Se bem que a architectura byzantina já houvesse construido no seculo X a egreja de S. Marcos de Veneza, e tivesse penetrado em França, é certo comtudo que até ao seculo XI nenhum florescimento se accentua na architectura occidental. Depois d'isso é que a arte, como que despertando do lethargo em que se havia abysmado, tomou uma nova phase e creou o estylo romanico.

Esse estylo foi procurar os seus elementos aos antigos principios romanos e á arte byzantina, creada no Bosphoro, no reinado de Justiniano e já adoptada n'essa epoca não só em todo o imperio do Oriente, mas até na Italia.

Os ultimos vestigios da architectura romana, isto é, umas edificações grosseiras e desataviadas opulentam-se com uma profusão riquissima de ornatos e para isso contribuem essencialmente as relações incessantes, que por meio do commercio se estabelecem desde o seculo X até ao XI entre o imperio do Oriente e a Gallia meridional e central pelos portos do Mediterraneo e pelas costas do Oeste. Foi, aproveitando-se d'essas relações incessantes com Constantinopla e da frequencia dos transportes, que as artes do Occidente se desenvolveram.

Recorreu-se não só aos artistas orientaes, mas até aos artefactos, taes como os estofos, as joias e os moveis, para se extrahirem os modelos da decoração dos frisos, dos tympanos, dos capiteis, etc., não tendo tambem contribuido menos para a florescencia d'essa ornamentação a familiarisação dos christãos com as artes do Oriente motivada pelas cruzadas que se emprehenderam no seculo XII.

Sahiram dos conventos os primeiros artistas que deram impulso á evolução que originou o renascimento da architectura christã, porque não só o povo pelas luctas em que andava continuadamente empenhado, como os servos pelo seu estado precario, mal podiam preoccupar se com o estudo das artes e das industrias.

Os monges, pelo contrario, mais tranquillos e independentes, não se sentiam embaraçados com taes difficuldades e por este modo trataram de crear escolas artisticas das quaes sahiram não só os architectos, mas esculptores e pintores, sendo d'esse centro formado nas margens do Saone, do Marne, do Rheno, do Loire, e do Sena, que irradiaram até ao seculo XII as primeiras noções da arte na Europa Occidental, incluindo a Italia.

A par dos caracteres byzantinos que se notam na decoração romanica, accentuam-se tambem por vezes n'ella elementos da arte arabe e isso explica-se pela influencia local exercida nas construcções em que, aproveitando-se os restos romanos existentes, se procurava aformoseal-as com tudo o que podesse imprimir-lhes uma feição de novidade. Essas variantes, comtudo, pelo proprio ar de familia que conservam entre si, em nada alteram a homogeneidade dos principios da referida architectura.

Mr. de Caumont classifica do modo seguinte a architectura romanica:

Primordial, desde o V ao X seculo.

Secundaria, desde o fim do X seculo até ao começo do XI.

Terciaria ou de transição, fim do XI e XII seculos.

Mr. L. Bastissier classifica-a:

Primeiro periodo — Architectura de arco semicircular (*á plein cintre*): estylo *latino*, do IV ao XI seculo; estylo *romanico*, XI e primeira metade do XII seculo.

Segundo periodo — Architectura de arco semicircular e em ogiva: estylo *romanico-ogival*, ou *romanico de transição*, segunda metade do seculo XII.

Sem designação de epocas determinadas, nós intendemos que estas diversas classificações se podem simplificar do modo seguinte:

Estylo *romanico puro*, e estylo *romanico de transição.*

O primeiro refere-se ás construcções em que predomina unicamente o arco de volta redonda: e o segundo áquellas em que principia a accentuar-se a tendencia da ogiva ou em que esta se manifesta já sem restricções.

CAPITULO II

Detalhes do estylo romanico
Planta. — Systema geral de construcção

As egrejas romanicas apresentam os mesmos principios nas suas disposições geraes.

O plano, como acima fica dito, é o das primitivas basilicas latinas modificado com o prolongamento das naves transversaes que formam os braços da cruz junto ao abside.

Os primeiros architectos cingiram-se ás disposições simples d'essas basilicas, que não eram abobadadas, não só porque não dispunham dos meios poderosos que os romanos possuiam para as suas construcções, mas tambem pela falta das grandes massas de materiaes, de braços e de apparelhos de conducção.

O templo era pois coberto de madeira, mas esse material offerecia tão pouca resistencia, deteriorava-se tão depressa, e podia ser tão facilmente destruido pelo fogo, que os architectos trataram de construir a abobada, cobrindo-a com um telhado de dois declives para o escoamento das aguas.

N'este ponto, porém, surgiram as difficuldades, porque, tendo-se perdido as antigas tradições do systema das abobadas, os architectos viram-se a braços com um verdadeiro problema que tiveram de resolver depois de ensaios e tentativas persistentes.

Assim começaram por dar maior espessura ás paredes longitudinaes para poderem resistir ao peso das abobadas que ao principio eram em fórma de berço, substituindo ao mesmo tempo as columnas por pilares, mas viu se que este meio, além de dispendioso, não preenchia os fins desejados nas construcções de maior vulto e então ensaiou-se a abobada de arestas, distribuindo-se o seu peso por diversos pontos de apoio reforçados com pilares macissos e consolidando-se a segurança do edificio com contrafortes exteriores pouco salientes, diminuindo essa saliencia por meio de um talude regular á medida que se elevavam.

Esse contraforte representa uma nova distincção entre o estylo byzantino e a architectura romanica, porque sendo n'aquelle o contraforte interior e occulto por causa do systema de cupulas sobrepostas, n'esta é exterior e visivel.

Tanto no Occidente como no Oriente a columna não deixou comtudo de continuar a exercer as funcções de supporte, sendo muito raro encontral-a ligada á parede como contraforte. Um d'estes exemplos pouco vulgares encontra-se na egreja de Cedofeita, do Porto, apesar d'esse templo pertencer já á epoca romanica de transição.

Como as simples columnas isoladas mal podiam supportar o peso das abobadas, os architectos introduziram nas edificações os pés direitos macissos, com quatro columnas nas suas quatro faces, sendo duas dos lados para receberem os arcos parallelos da nave, uma anterior para suster o arco da pequena abobada que cobre as partes baixas e outra posterior para sustentar o arco da grande abobada da nave central.

Quando mais tarde os monges deixaram de praticar essa architectura sombria e pesada, os novos artistas é que procuraram innovar um systema de cobrir com a menor quantidade de materiaes a maior superficie possivel, de elevar as naves á maior altura sobre pontos de apoio mais ligeiros e de fazer n'essas naves grandes aberturas para inundar de luz e de ar os edificios, creando por este modo a elegante e delicada architectura ogival, chamada impropriamente por diversos escriptores, architectura *gothica*.

Fachadas

As fachadas das egrejas romanicas são sempre coroadas por uma empena ou frontão, mais ou menos agudo, consoante a inclinação dada aos telhados.

Quando a fachada é ornamentada, guarnecem-a decorações pouco salientes, taes como pequenas arcarias, circulos, losangos e imbrincamentos. Por cima da porta corre uma galeria de pequenas arcadas sustentadas por columnas figuradas e que se destinam apenas a ornato, vendo-se por vezes sob essas arcarias estatuas de santos.

E' rarissima a fachada que não tem um oculo ou rosacea, redonda, rodeada de molduras historiadas e com travessas figurando os raios de uma roda. Os ornatos mais vulgares das rosaceas são as *cabeças de prégo*.

Nas fachadas mais simples, a decoração limita-se ás *cabeças de prégo*, estrellas, besantes e outros ornatos singelos.

As fachadas lateraes, bem como os absides são igualmente ornamentados com muita simplicidade, vendo-se estes, comtudo, em alguns templos enriquecidos com columnatas e molduras.

As cornijas, mais ou menos largas, mas mais singelas do que as da arte antiga, compõem-se de molduras separadas, redondas ou achatadas, sendo por vezes os chanfros ou inclinações superiores ornados de pontas de diamante, folhagens, figuras e animaes phantasticos. Estas cornijas são sempre apoiadas em supportes em fórma de cachorros ou modilhões *(corbeaux)*, mais ou menos historiados consoante a riqueza architectonica do edificio. Ha-os figurando carrancas e alguns até representam figuras inteiras em posições excentricas.

Arcos

O typo generico da architectura romanica é o arco de volta redonda ou semi-circular, sendo essa fórma do arco bem como a abobada circular adoptados exclusivamente pelos architectos christãos até ao XII seculo. No emtanto muitas outras va-

riantes se encontram n'esse estylo architectonico, taes como:

O arco abatido, composto de uma volta menor do que o semi-circulo. O arco elevado, formado por um semi-circulo, cujas linhas lateraes se prolongam parallelamente abaixo do seu centro. O arco em fórma de ferradura ou ultrapassado, prolongando-se a sua curva além do semi-circulo e apresentando a fórma geral do arco arabe. Esta variante é mais usada na architectura oriental, mas encontram-se muitos exemplos na do Occidente.

Além d'estes typos mais geraes, ha outros ainda, se bem que raros, de arco composto, e que são:

O arco trilobulado, isto é, cujo intradorso se talha em tres segmentos de circulos, que se chamam lobulos. Esta é a unica fórma de arco romanico composto indicada nas *Instruccions du comité historique des arts et monuments*. O arco cujo intradorso é delineado em muitos lobulos redondos ou em contra-lobulos, isto é, cortados em fórma concava. Arco de intradorso talhado mais ou menos profundamente em fórma de dentes de serra, agudos ou rombos e mesmo em zig-zags.

No seculo XII foi adoptado o entrelaçamento das arcadas romanicas, systema elegante de ornamentação mais commum na architectura normanda. Esta intersecção de arcadas fórma ogivas por vezes ornadas de janellas ponteagudas, systema que no dizer de um escriptor inglez deu origem á ogiva. Esses arcos são umas vezes entrelaçados e outras encruzados.

A arcada romanica geminada ou dupla compõe-se de dois pequenos arcos apoiados em uma columna collocada ao centro e descrevendo um grande arco. O tympano do grande arco quasi sempre é ornado de um oculo, de uma rosacea, de um trevo, etc. Esta disposição encontra-se tambem no arco principal de ogiva obtusa ou ogiva romanica.

Ha finalmente a arcada emparelhada angular em fórma de mitra ou de frontão.

A ogiva romanica começa a apparecer principalmente no seculo XII.

Chama-se *arcadura* á disposição das arcadas romanicas não abertas e que servem para a decoração de diversas partes do edificio, mas nunca de apoio. A *arcadura* foi empregada com frequencia em todas as épocas da architectura christã e é por isso que se encontra tambem no estylo ogival.

Columnas

Renunciando ás ordens gregas, os architectos romanicos variaram infinitamente as proporções da columna, fazendo-a umas vezes espessa e curta como as do dorico primitivo de Corinthio ou de Pæstum, outras elevada, elegante e delicada, conforme as necessidades da construcção. E' simples e sem ornamentos no fuste quando empregada como pilar, mas, quando se applica com intenção decorativa, então o fuste é canellado, listado, estriado, ornado de folhagens em espiral, de lavores, tranças, losangos, zig-zags, flôres destacadas, escamas sobrepostas, etc., etc.

A columna póde ser cylindrica, quadrada, tomando n'este caso o nome de *pé direito*, prismatica, ellyptica, rectangular, e quando se embebe na parede chama-se pilastra. A pilastra apresenta ás vezes na face uma columna redonda adherida a ella.

Base.— Na maior parte dos casos, a base romanica é uma imitação, mais ou menos modificada, da base attica, servindo para a sua composição diversas fórmas de molduras e ás vezes até figuras humanas acocoradas, leões e outros animaes, principalmente nas columnatas dos porticos e janellas.

Nas egrejas mais modestas encontram-se tambem por vezes columnas sem base, repousando o fuste sobre uma consola ou sobre uma simples saliencia do tambor inferior.

Um detalhe caracteristico nas bases romanicas e que se accentua desde o seculo XII em diante, é uma garra ou folha recurvada, collocada nos quatro angulos do socco ou plintho. Essa garra tem por fim suavisar as arestas esquinadas do socco, de maneira a não molestarem os fieis, porque, nas columnas de grandes proporções, o socco eleva-se precisamente á altura dos quadris ou do cotovello.

A garra desapparece, porém, por desnecessaria, a datar do XIII seculo em que o estylo ogival subjuga o romanico, visto os angulos do plintho serem dispostos de modo a mudar o quadrado em octogono.

A ornamentação das bases é tão variada, que difficilmente se poderiam descrever as suas especies.

Fuste. — O fuste romanico é cylindrico, apresentando sempre um diametro igual em toda a sua extensão, o que permitte ao architecto dar-lhe a altura que lhe aprouver, facto que já não póde succeder na columna que adelgaça proporcionalmente, como succede na architectura grega.

No interior dos templos, isto é, quando a columna desempenha as funcções de supporte, o fuste é liso, mas quando se applica como parte decorativa, apresenta-se canelado, estriado, imbrincado, em espiral, ornado de folhagens, de torcidos, de artezãos, etc.

Os fustes decorados vêem-se principalmente nos porticos das egrejas, onde a sua variedade se alterna com o numero de columnas que os compõem.

Capiteis. — O esquecimento das tradições das ordens gregas trouxe comsigo a transformação do

capitel, ao qual o estylo romanico deu uma liberdade absoluta, e uma variedade infinita.

O abaco composto de molduras antigas é muito desenvolvido e o *cesto*, pela configuração que tem, assimilha-se ordinariamente ao capitel corinthio.

Por vezes o capitel romanico tem a fórma de metade de uma esphera cortada nas quatro faces, como uma cupula invertida e outras apresenta o aspecto de um funil, de um coração, de uma pyramide truncada e invertida com arestas redondas como no estylo byzantino, de uma campanula, e de um barco, tornando-se então scaphoide.

A diversidade da sua ornamentação é maior ainda do que a das bases e a dos fustes, não se encontrando dois capiteis iguaes em um mesmo edificio.

Foi o capricho que presidiu as mais das vezes a essa decoração, que se compõe quer de figuras humanas, quer de elementos do reino animal e vegetal, quer finalmente de bordados, de passamanaria, etc.

Quando os capiteis são symbolicos, a obscuridade d'esse symbolismo augmenta o seu interesse.

As figuras são acanhadas e grosseiramente desenhadas, mas esculpidas com um certo arrojo. O demonio é frequentemente representado sob todas as fórmas, tendo azas de gripho, busto de sereia, ou a figura e os chifres do velho Pan, com pés de bode.

Se se trata das lendas dos santos, quasi sempre fundadas no exterminio de algum monstro de fórmas extravagantes idealisadas pela imaginação popular, no capitel continuo que corôa por vezes um feixe de columnas, vêem-se santos perseguindo a cavallo uma fera que foge por entre folhagens imaginarias.

Do reino vegetal, os principaes ornatos empregados nos capiteis são a folha d'agua, imitada do antigo, os palmitos, a folha bordada de perolas, as flôres e os fructos pertencentes quer á flora, quer á decoração oriental, sendo só no começo do XIII seculo que começam a reproduzir-se as folhagens indigenas.

Nos capiteis da architectura romanica têem apparecido vestigios de pintura, sendo provavel que a pintura polychrome se empregasse inclusivamente na esculptura. Esta addição da côr á fórma crê-se que foi adoptada só no seculo XIII, havendo, comtudo, quem julgue tambem que fosse trazida do Oriente, pelo menos no seculo XII.

O emparelhamento e a alternação das columnas é um dos caracteres do estylo romanico

As columnas isoladas alternam frequentemente nas naves com os pilares flanqueados de meias columnas, tendo este systema por fim fazer destacar a perspectiva dos planos successivos de uma extensa nave.

Cornijas, coroamentos e modilhões

Os architectos romanicos nas suas aspirações de innovação supprimiram o entablamento grego, composto de architrave, friso e cornija, conservando comtudo a cornija como parte indispensavel ao coroamento de um edificio, visto ella destinar-se a desviar a queda das aguas pluviaes.

No primeiro periodo da architectura romanica esses coroamentos eram extremamente simples, recebendo, porém, uma ornamentação opulenta no seculo XII, época da transição.

A cornija encontra-se nos templos romanicos no seu verdadeiro logar, isto é, no cimo das paredes e na base da armação do telhado, e para indicar exteriormente a divisão interna dos andares collocou-se um cordão horisontal sustentado apparentemente por uma série de pequenas arcadas cujas impostas, suspensas da parede, formam como que uma franja que se presta ás variedades da elegancia.

Estas arcadas, de uma pequena saliencia nos andares inferiores, tomam maior relevo e importancia na verdadeira cornija, sendo por vezes sustentadas por columnelos adherentes á parede, e quando essa cornija fórma declive, os columnelos acompanham a obliquidade, ficando todos á mesma altura, o que dá uma certa graça e belleza aos frontões.

Os coroamentos mais antigos consistem em uma cornija chata ou arredondada, algumas vezes até ricamente decorada, supportada por modilhões de uma fórma particular representando a extremidade saliente das vigas da armação da basilica primitiva.

Os modilhões ou cachorros são quadrados ou rectangulares, teem uma parte ornada que se compõe quer de cabeças e de figuras humanas completas, quer da representação dos objectos mais extravagantes, alguns d'elles até de uma inconveniencia flagrante.

A partir do fim do seculo XI, foi diminuindo gradualmente a importancia dos modilhões e das cornijas, sendo aquelles um dos ornatos mais notaveis da architectura romanica.

Porticos

Os portaes ou porticos são uma das partes mais interessantes dos templos romanicos, já pela belleza do seu aspecto, já pela variedade da sua ornamentação.

A porta apresenta uma serie de columnas separadas umas das outras, que ligam com outros tantos arcos, ornados de diversas molduras, de losangos, estrellas, cabeças de prego, cubos partidos, zig-zags, meandros ou gregas, entrelaçamentos, franjas, besantes, schedas, etc.

Uma das feições notaveis do portico romanico é

ser ordinariamente a abertura da entrada dividida a meio por uma verga de pedra, sobrepujada por uma archivolta que tem entre o arco e a abertura um tympano decorado com figuras esculpidas.

Esses baixos relevos que representam scenas ou allegorias religiosas, vêem-se tambem nos tympanos das portas que não offerecem a particularidade da divisão ao centro.

Janellas

As janellas romanicas, como as portas, a não ser na época da transição em que a ogiva começa a pronunciar-se ou é já manifesta, terminam em arco circular e abrem-se frequentemente em arcadas geminadas, enquadradas de uma archivolta maior. No espaço livre entre o arco e a archivolta vê-se por vezes um oculo ou olho de boi, como acima já referimos.

No seculo XI estas janellas eram já ornadas de vidros coloridos.

Oculos

O oculo ou olho de boi é uma abertura circular, de pequenas dimensões, praticada antigamente na fachada das basilicas latinas, e no estylo ogival aberta ordinariamente nos tympanos das arcadas geminadas. Ha os simples, divididos interiormente em tres contra-lobulos formando um trevo, ou em quatro, em fórma de quatro folhas. Estas aberturas vasadas umas vezes pela parte de dentro e outras pela de fóra, são ornamentadas ou simplesmente circumdadas de molduras.

Rosaceas

Quando o oculo tem maiores dimensões e desempenha uma parte mais importante na decoração dos edificios, chama se rosacea e vê-se sempre por cima do portal do templo, quando não é substituida por uma grande janella circular ornada de columnas e de outras decorações.

A rosacea romanica é caracterisada por uns raios formados por pequenas columnas, com bases e capiteis, reunidas entre si por molduras redondas, o que lhes dá o aspecto de uma roda.

Por vezes as columnas são sobrepostas em duas ordens com direcção igual, apresentando as molduras que formam a circumferencia, arabescos e outros ornatos, de que os mais vulgares são as cabeças de prego.

Torres

Além das grandes e fortes torres ameiadas, que como pontos de defeza se erguiam de cada lado da fachada do templo, o architecto romanico construiu no sitio em que os byzantinos erguiam a cupula, isto é, no cruzeiro formado pela intersecção dos braços da cruz, uma outra torre que indicava ao longe não só o templo e o logar do altar, mas servia tambem como de atalaia, de onde os ecclesiasticos observavam o campo e o movimento do inimigo.

Esta torre continha os sinos que serviam egualmente em occasiões de perigo, para dar o signal de alarme, apresentando interiormente a fórma de uma cupula e exteriormente a de uma flexa pyramidal ou conica, cuja altura e belleza faziam o orgulho e a ostentação do prelado e do seu clero.

Os vestigios, se bem que já desfigurados, d'esses torreões, ainda se encontram perfeitamente definidos em diversos templos do nosso paiz.

Cryptas

Em quasi todos, ou n'uma grande parte dos edificios romanicos de alguma importancia, existia por baixo do côro a crypta ou capella subterranea, de uma architectura severa e pesada, na qual crypta, á imitação das catacumbas romanas, se depositava o corpo do martyr, padroeiro da egreja.

A ornamentação das cryptas era por vezes de uma grande riqueza, consistindo em mosaicos, frescos e columnas com capiteis muito historiados.

Apparelhos e decorações polychromes

Pelos vestigios que se tem encontrado por baixo das grandes camadas de cal e outras tintas, sabe-se que as abobadas e as paredes dos templos romanicos eram ornadas de pinturas em mozaico, hoje muito raras.

Exteriormente as paredes teem por vezes uma decoração simples e de um bello effeito, devida não só ao corte symetrico das pedras do apparelho, mas principalmente ás incrustações de pedras de côr, ajustadas com um cimento que separa as divisões e torna mais visivel essa disposição.

Esta ornamentação é muito commum em todo o Auvergne, por causa da abundancia de lavas e escorias vulcanicas que alli existem.

O emprego d'essas lavas e escorias data, segundo uns, do seculo XI e segundo outros do fim do seculo XII. O que é certo é que os architectos romanicos souberam tirar um bom partido da diversidade das côres d'esses materiaes para o bom effeito dos desenhos da decoração externa dos edificios.

No nosso paiz não existiu esse systema de ornamentação, pelo menos pelo conhecimento que temos de grande numero de templos romanicos, e isso explica-se pela qualidade dos materiaes que se empregavam e que eram o granito e os calcareos.

Caracteres principaes

Segundo as indicações de Charles Blanc, os caracteres principaes do estylo romanico, áparte os

pontos de similhança que se dão entre elle e o byzantino, são os seguintes:

O plano das egrejas em fórma de cruz latina.
A evidenciação dos contrafortes.
O predominio dos cheios sobre os vacuos.
A ausencia de qualquer relação fixa entre a altura das columnas e o seu diametro, havendo no mesmo edificio umas muito curtas e outras muito elevadas.
A juncção das columnas em feixes.
Os pilares flanqueados de columnas.
As bases das columnas ornadas de garras.
O emprego frequente da alternação.
Os capiteis variados e historiados.
As arcadas decorando a nudez das paredes ou sustentando os frisos e as cornijas.
A torre substituindo a cupula oriental.
As molduras redondas, grossas, protuberantes, robustas e uma ornamentação meio byzantina, meio imitada da heraldica, das artes e officios e de uma flora imaginaria.
Finalmente as inscripções em letras romanas ou em letras onciaes.

Taes são os grandes caracteristicos da architectura romanica, que já contém em si os germens do estylo ogival.

CAPITULO III

A architectura romanica em Portugal

O nosso paiz era sem duvida alguma opulentissimo em monumentos quer religiosos, quer civis, da architectura romanica e se bem que grande parte d'elles tenha desapparecido por destruições lamentaveis ou por meio de alterações comprovativas da mais grosseira ignorancia, ainda assim restam-nos muitos vestigios, aliás importantes, da nossa passada grandeza artistica.

Desde a simples capella até á magestosa cathedral, deparam se-nos a cada passo exemplares magnificentes d'esse estylo, nos quaes se concentram todos os primores e todas as phantasias de ornamentação que se accentuam nos templos da mesma epoca, de outros paizes.

Para se descreverem minuciosamente todos os caracteres da architectura romanica em Portugal, seria necessario proceder-se a um inventario cuidadoso e intelligente dos diversos edificios ainda existentes da idade média, visto não existirem trabalhos alguns methodicos que possam servir a uma orientação definida e clara.

Aparte algumas descripções dispersas, muitas d'ellas, até incompletas e pouco fieis sob o ponto de vista artistico, de varios templos de maior importancia, nada ha que possa guiar o archeologo em um estudo consciencioso e severo sobre o referido estylo.

Só excursões detidas feitas por todo o paiz com o escrupulo e competencia que demandam investigações de tal natureza é que poderiam fornecer os elementos indispensaveis para um trabalho digno, que seria ao mesmo tempo um auxiliar tão poderoso para a historia da arte em Portugal como interessante para o estudo dos artistas.

Essas excursões demandam porém tempo e despezas que nem todos estão habilitados a fazer, e assim, emquanto uma corporação official ou uma empreza particular não tomarem iniciativa tão prestante, creando inclusivamente uma publicação illustrada, cada um terá de limitar-se ás suas observações pessoaes e á colleccionação dos elementos que podér reunir.

É por esse motivo e além d'isso pela propria natureza d'esta simples *Memoria*, que não podemos dar aqui uma resenha completa e circumstanciada de todos os numerosos monumentos romanicos existentes em Portugal, limitando-nos por isso a indicar alguns dos que conhecemos.

É uso vulgar entre nós attribuir uma vetustez extraordinaria a muitos dos nossos antigos templos religiosos, não faltando até as lendas mouriscas a realçar-lhes o maravilhoso da procedencia.

Por mais que bradem porém as tradicções e até as noticias de velhos chronistas, a analyse e a observação destroem por completo, sem grande custo, na parte artistica do existente, essas phantasias seculares.

Sem duvida alguma nas épocas anteriores ao seculo XI existiram no nosso paiz templos christãos, mas ou pela ligeireza da construcção ou pelas destruições das hordas invasoras que talaram por vezes repetidas o nosso solo, taes egrejas desappareceram.

Assim póde dizer-se que não se encontra entre nós um unico edificio religioso construido anteriormente á fundação da monarchia.

Foi com a vinda do Conde D. Henrique para Portugal que as artes começaram a ter um certo incremento, o qual augmentou e se desenvolveu á medida que se consolidava a nossa autonomia pelos factos politicos que se succederam até á constituição definitiva da nacionalidade portugueza.

As chronicas attribuem a fundação de varios templos e casas religiosas não só ao referido Conde D. Henrique e a sua esposa D. Thereza, mas principalmente a seu filho D. Affonso Henriques.

A respeito d'este ultimo, principalmente, nenhuma duvida resta de que não só fundou alguns templos, mas até contribuiu liberalmente para a dotação de diversas cathedraes e corporações monasticas.

A introducção do estylo romanico em Portugal

não póde pois garantir-se que fosse anterior ao seculo XII, isto é, á época em que em outros paizes já elle passava pela transição que mais tarde devia dar logar á architectura ogival.

As primeiras construcções romanicas entre nós foram sem duvida dirigidas por francezes, como succedeu com o sumptuoso mosteiro de Alcobaça, um dos exemplares mais importantes que possuimos da pureza d'aquelle estylo, e assim se explicam os grandes pontos de similhança que se dão entre o romanico de Portugal e o de França.

Tambem é muito de presumir que fossem monges os architectos d'esses edificios, pois que nem de outra maneira se poderá explicar a falta completa de indicações sobre os nomes de taes artistas.

Esta como que mysteriosa abstenção tambem se dá em França, sendo explicada pelo facto de que tomando o habito, o homem perdia a sua individualidade ou confundia-se na communidade de que era apenas uma fracção, e assim assignar a sua obra seria um acto de orgulho contrario á humildade prescripta a todo o monge.

Esses architectos religiosos eram reclamados pelas communidades que precisavam aproveitar-se das suas aptidões, e d'este modo andavam elles de região em região, propagando as suas ideias e os seus systemas architectonicos.

A architectura romanica predominou entre nós nos seculos XII e XIII, propagando-se de um modo notavel por todo o paiz e especialmente pelo norte, onde a abundancia de monumentos d'esse estylo é consideravel.

Assim a sua influencia foi muito mais geradora do que a do estylo ogival, que se póde considerar ter ficado circumscripto ao grandioso mosteiro da Batalha, visto nenhum outro edificio d'essa architectura se ter construido entre nós tão completo e com *detalhes* tão manifestos.

O influxo do referido estylo apenas exerceu uma acção limitada nas construcções portuguezas, pois alguns dos seus elementos só se encontram dispersos em um ou outro templo.

Mais do que o estylo ogival, actuou depois nas edificações religiosas e civis a renascença portugueza, conhecida pelo titulo de architectura *manuelina*, terminando com ella o florescimento de uma arte que depois foi decahindo rapidamente pela invasão do *rocaille* e d'essas construcções deselegantes e pesadas que principiaram a erguer-se desde o seculo XVI em diante.

Feito este rapido esboço das diversas phases por que a architectura passou no nosso paiz, vamos dar a nota de alguns templos romanicos existentes, nota incompleta pelas razões que acima apontamos.

CAPITULO IV

Edificios romanicos em Portugal

Romanico puro

A *sé velha de Coimbra*, minuciosamente descripta pelo finado archeologo Augusto Filippe Simões nas suas «Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal», é um dos monumentos mais caracteristicos do estylo romanico puro. A sua construcção data de fins do seculo XII a principios do seculo XIII, e a sua importancia artistica póde ainda bem avaliar-se graças ás poucas transformações que tem soffrido essa fabrica do maior interesse para o estudo dos investigadores. E' pois um monumento importante sob muitos pontos de vista.

A *sé de Lisboa*, de maiores dimensões, se bem que muito alterada tanto interior como exteriormente, conserva ainda assim vestigios salientes da sua opulencia architectonica.

Por um acaso verdadeiramente providencial existe ainda em uma capella do abside, do lado direito da entrada, uma grade de ferro romanica, bem conservada, sendo esse talvez o unico exemplar mais caracteristico da serralheria d'aquella épocha que ha em Portugal. E' uma verdadeira preciosidade que tem passado despercebida á analyse dos archeologos, pois nunca a vimos descripta nem sabemos que se haja feito a menor menção d'ella.

A *sé do Porto* foi tão incrivelmente adulterada no interior e no exterior, que a não ser pela sua configuração, disposição interna das naves e alguns vestigios da fachada, do abside e das paredes, mal se diria ter sido um rico templo romanico.

A *sé de Evora,* apezar das restaurações que soffreu, está muito bem conservada e offerece elementos curiosissimos de estudo.

A *sé de Braga*, que tem passado igualmente por transformações successivas, das quaes as mais flagrantes foram as ultimas, apenas conserva do seu estylo primitivo uma parte da porta principal e uma outra lateral, á esquerda da egreja. Do mais foi tudo reconstruido na época de D. Manuel, e desfigurado e emplastrado em restaurações posteriores.

As sés de Lamego, Vizeu e outras, mais ou menos adulteradas, mas construidas igualmente durante o florescimento da architectura romanica em Portugal, apresentam do mesmo modo excellentes signaes d'aquelle estylo, quer na sua estructura, quer nos restos que existem da sua ornamentação primitiva.

O *mosteiro de Alcobaça* é um exemplar magnifico da architectura romanica no que conserva da sua construcção primordial, já pela pureza do seu estylo, já pela sua decoração caracteristica. Compete-lhe um dos primeiros logares entre as edificações religiosas do seculo XII.

As *egrejas de S. Thiago e de S. Salvador*, de Coimbra, descriptas tambem pelo sr. Augusto Filippe Simões nas suas «Reliquias», são egualmente dois templos importantes sob o ponto de vista artistico.

A *egreja da Senhora da Oliveira* de Guimarães, apezar de completamente desfigurada pelas restaurações e addicionamentos feitos desde o reinado de D. João I em diante, conserva comtudo o claustro, que é um verdadeiro monumento romanico pela pureza do seu estylo.

A *egreja de S. João de Alporão*, em Santarem, transformada em theatro, tambem ainda possue, como que por milagre, importantes vestigios da magnificencia do seu estylo.

Romanico de transição

O *mosteiro de Leça do Bailio*, cuja construcção actual remonta ao meiado do seculo XIV, é pela sua excellente conservação um dos monumentos interessantissimos do estylo romanico de transição.

A *egreja de Cedofeita*, no Porto, tambem conserva muitos e curiosos vestigios da sua primitiva architectura que pertence ao primeiro periodo de transição.

A *egreja de S. Francisco*, da mesma cidade, em que se encontram patentes tradições romanicas, se bem que a ogiva se manifeste n'ella em toda a plenitude, é egualmente um templo de todo o ponto interessante.

O *mosteiro de Pombeiro*, proximo de Vizella, além de alguns vestigios de decoração interna, possue ainda a magnifica porta principal, intacta, que se póde considerar como typo esplendido do estylo romanico, apezar de pertencer já á época de transição.

A ornamentação d'essa porta é tão rica, que talvez não tenha rival em magnificencia decorativa no nosso paiz, isto é, nas construcções d'aquella época.

Junto do referido portal e na parte que formava a antiga *galilé* existem tambem dous tumulos romanicos, nas tampas dos quaes se vêem deitadas duas estatuas de aspecto collossal.

Como exemplares de esculptura romanica, os unicos talvez que ha no paiz, esses dous tumulos são verdadeiras preciosidades que precisam ser preservadas de estragos futuros. Felizmente não estão ainda muito deteriorados.

As figuras dos tumulos representam dous cavalleiros da idade média em trage civil, tendo um d'elles espada e esporas.

Sob o ponto de vista da arte e da archeologia, estas esculpturas são notabilissimas. Uma d'ellas, bem como um dos capiteis da porta, foram reproduzidos no n.º 7 da «Arte Portugueza», segundo dous *croquis* de Soares dos Reis.

A *egreja de Paço de Souza* faz-se notar pelo caracter pronunciadamente byzantino da sua ornamentação, facto que se dá tambem no interior da egreja de Pombeiro.

A *egreja de S. Francisco* de Guimarães, comquanto pertença ao ultimo periodo de transição, contem ainda alguns vestigios romanicos.

Iguaes elementos se encontram nas egrejas de *Aguas Santas*, proximo do Porto, de *Cete* e do *Convento de Arouca*, edificios estes mais ou menos alterados pelas reconstrucções que têem soffrido.

No Minho são ainda abundantissimas as capellas ou pequenos templos, a maior parte d'elles da época de transição.

Como exemplo apontaremos a *capella de S. Miguel do Castello*, em Guimarães, que um benemerito grupo de cavalheiros d'aquella cidade mandou restaurar ha annos com todo o cuidado e a *capella de Santo Adrião*, de Vizella.

Em um terreno proximo d'esta ultima capella, e o qual serve de cemiterio, vê-se um cruzeiro romanico com pequenas figuras esculpidas.

Esse cruzeiro, que como os tumulos de Pombeiro constitue uma raridade inapreciavel, está bastante damnificado, por se achar exposto ao tempo e se não se procurar conserval-o, seguirá o caminho de outros tantos monumentos notaveis que teem desapparecido pela incuria ou pelas devastações da ignorancia.

Da architectura civil da idade media, ha egualmente numerosos monumentos disseminados por todo o reino, sendo a maior parte d'elles castellos.

Como especimens do estylo romanico civil apontaremos, para mero exemplo, tres edificios.

O primeiro é o *castello da Feira*, que não está muito arruinado e que se póde considerar como o mais perfeito exemplar que existe entre nós.

O segundo é o *Castello de Guimarães*, egualmente bem conservado;

O terceiro são os vestigios ainda salientes de uma parte do edificio dos Paços do Duque de Bragança, na mesma cidade.

Nas construcções civis d'aquella época, as portas de entrada são ordinariamente ogivaes e as janellas quadradas, caracterisando estas ultimas uma especie de cruz de pedra que as divide a meio, em fórma de caixilho.

Na parte superior d'essas janellas, e destacada, vê-se quasi sempre uma cornija muito simples. Interiormente teem de cada lado um assento de pedra.

As paredes são construidas com o que se chama grande apparelho.

As ameias, quadradas ou ponteagudas, apresentam por vezes seteiras, algumas d'ellas em fórma de cruz.

Fim.

Ars longa, vita brevis.

MAFRA

Breve notícia dos nomes dos artistas mais celebres que trabalharam no edificio de Mafra, desde a creação do monumento até aos nossos dias

De tempos a tempos e com intervallos de seculos, apparecem sobre a terra certos genios que, immortalisando-se por arrojados pensamentos, deixam em suas producções a sua imagem.

A epocha de D. João v, com quanto faustosa e fanatica, marca um periodo notavel na historia das bellas artes desde muito esquecidas em Portugal. Não obstante, o monarcha influenciado pelo espirito do seculo, e pela sua indole generosa, pensa em erguer um edificio soberbo, e concorrem logo tres architectos distinctos: Ludovici, Juvara e Canevari, apresentando cada um d'elles o seu plano. E' approvado o do primeiro. Em torno do grande vulto agrupam-se milhares de homens, e levam ao cabo a empreza que constituiu uma escóla famosa, onde se crearam artistas eminentes.

Escrevem-se biographias, levantam-se padrões á memoria dos generaes, dos estadistas, dos sabios, dos poetas, ao passo que ficam esquecidos os nomes d'aquelles que, pela sua intelligencia e vasto saber, produziram obras de arte tão famosas que causam assombro, e servem de ensinamento ás gerações subsequentes.

Faremos uma breve resenha dos homens mais notaveis, que trabalharam e exhibiram suas producções artisticas no edificio de Mafra.

Architecto

Já dissemos que Ludovici fôra o architecto cujo plano foi preferido ao de Juvara e ao de Canevari. A biographia d'esse artista notavel, escripta por Volkmar Machado, é em parte contestada, com documentos, pelo sr. visconde de Sanches de Baena *(Diario Civilisador — 1881)*.

Seguiremos esta:

João Frederico Ludewig, baptisado segundo a seita lutherana na freguezia de S. Miguel da villa de Hohenhart na Suevia, em 1670, assentou praça em Ausbourg, na edade de 19 annos, um anno depois de ter começado a guerra da Liga que terminou em 1697; e em 1698-1699 residiu na Penitenciaria de S. Pedro em Roma, entretido nas praticas religiosas para abjurar, como abjurou, o lutheranismo.

Em 1700, tendo italianisado o seu nome para Ludovici, casou na freguezia de S. Marcos d'aquella cidade com Clara Ignez Morelli, e embarcando para Lisboa teve a sua morada n'esta cidade, perto do collegio dos jesuitas, nascendo então o primeiro e unico filho d'este matrimonio, João Pedro Ludovici, que tambem foi architecto nas obras de Mafra. Fallecendo sua mulher, casou segunda vez, no mez de julho de 1720, com D. Anna Maria Verney, de origem franceza. O primeiro officio de Ludovici foi de ourives.

Diz-nos Volkmar Machado que Ludovici, sendo encarregado por D. João v da feitura da obra de Mafra, tivera o ordenado de um conto de réis, e fôra gratificado com a Cruz da Ordem de Christo; e ainda, no reinado de D. José, por decreto de 1750 nomeado architecto-mór do reino, com patente e soldo de brigadeiro d'infanteria na primeira plana da côrte.

Além de muitos desenhos e projectos para obras reaes, o grande architecto fez a capella-mór de S. Domingos em Lisboa, e a porta da capella real na mesma egreja; a capella-mór da Sé de Evora, sumptuosa e bella; a sua ermida em Bemfica, e o seu palacio na calçada da Gloria da mesma cidade de Lisboa, onde falleceu no mez de janeiro de 1752. Accrescenta mais Volkmar Machado que Ludovici modelava e esculpia em prata e em outros metaes, desenhava ornatos e figuras com grande magisterio, e era muito sabio em perspectiva; na architectura seguiu o estylo dos seiscentistas: Bernini, Borromini, e principalmente do padre Pozzo, moderando, porém, as liberdades que elles tomaram; e finalmente, que o modo de lavrar bem os ornatos de pedra data do seu tempo, porque até então a pedra era mal cortada, e a mão de obra pouco elegante. N'estes e outros pontos Cyrillo não é contestado. A real associação dos architectos e archeologos portuguezes, por diligencias do distincto architecto o sr. Joaquim P. N. da Silva, possue o retrato, a oleo, d'aquelle homem tão notavel.

Esculptores

Alexandre Giusti. Este egregio estatuario — como justamente diz Cyrillo V. Machado — nasceu em Roma em 1715; tendo frequentado a escóla do cavalleiro S. Conca, passou ao estudo da esculptura com Baptista Mayne, e executou parte dos trabalhos da capella de S. João Baptista, a qual, depois de acabada, elle acompanhou para Lisboa a fim de a assentar. Determinando D. José substituir os quadros de pintura da egreja de Mafra pelos de marmore, em relevo, que existem, nomeou Giusti director da escóla de esculptura com o ordenado de 60$000 réis mensaes, tendo ainda uma gratificação no acabamento de cada quadro.

Em 1753 entrou Giusti em Mafra, com sua familia e os desbastadores Francisco Alves Canada, e Pedro Antonio Luquez que foi depois seu ajudante, e com elles fez o retabulo dos *Santos Bispos*, o primeiro, que collocou em 1755. Soffrendo da cataracta, foi a França em 1773 para se lhe fazer operação, da qual não tirou resultado; voltando para Lisboa ahi residiu, e falleceu em fevereiro de 1799. Foi casado com uma filha de Pecoraro, musico da ca-

pella real; o consorcio celebrou se em 1749. Giusti, entrando na Ordem Terceira de S. Francisco, em Mafra, foi syndico da irmandade, e assignava-se *Alexandre Justi, sinico*. Foi expulso; não sabemos a rasão.

— «Joaquim José de Barros Laborão, discipulo de João Grossi, nasceu em Lisboa em 1762. Como elle modelava e esculpia com perfeição, foi lhe dado na escóla de Mafra o logar vago pelo impedimento physico de Giusti. Ali concluiu o retabulo da *Coroação da Virgem*, e alguns outros trabalhos que estavam apenas esboçados. Laborão teve o habito de S. Thiago, e falleceu em Lisboa no mez de março de 1820. Deixou grande numero de obras — diz Cyrillo

— «Joaquim Machado de Castro, famoso estatuario, nasceu em Coimbra pelos annos de 1732; tendo ali estudado com seu pae Manuel Machado, frequentou depois em Lisboa a escóla de José de Almeida. Em 1756 entrou em Mafra, como ajudante do Giusti e ahi se conservou, trabalhando em modelos, até ao anno de 1770 em que partiu para Lisboa, a fim de modelar a estatua equestre de D. José. Tendo sido encarregado de dirigir ali a escóla d'esculptura — oriunda da escóla de Mafra — foi nomeado esculptor da casa real e das obras publicas, e agraciado com o habito de Christo. Machado de Castro, além de famoso estatuario, e dos muitos trabalhos que fez, especialmente para a basilica do Coração de Jesus, era dado tambem á lição dos livros e ao trato das musas. Falleceu em Lisboa no mez de dezembro de 1822.

(Continúa.)

O socio

J. Conceição Gomes.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

A PROPOSITO DAS MUMIAS AMERICANAS EXPOSTAS NO MUSEU DO CARMO

No cyclo das civilisações antigas a evolução intellectual do homem sobe da phantasia á razão, da idolatria ao polytheismo, da philosophia á logica scientifica, e perde-se no incognito.

E assim, gradualmente, partindo do objectivo para o subjectivo, do creado para o increado, do prestigio para o milagre, procura na sua essencia superior, uma ascendencia divinal, acalentando o sonho previdente da immortalidade, o ideal esperançoso de uma vida melhor.

Hoje, depois da paleographia granitica, em que é estudado o homem primitivo, pela confrontação das raças, pelo estudo das linguas, das emigrações, das influencias locaes e politicas, se vae aprofundando a historia da humanidade.

Se muito podem no homem as influencias cosmotelluricas, não menos n'elle imperam as condições moraes e educativas.

Se, da cultura cuidosa das flores, nos advem admiração pelas pompas da variedade, assim das raças animaes resalta a belleza e força pelas diligencias do apuramento e domesticidade.

Por isso tambem as differenças de côr e de perspectiva, conforme as plagas do mundo, não impressionam o naturalista, porque conhece as influencias locaes e a gradual acção da luz e do calor sobre o homem, no cosmopolitismo de todas as zonas.

E' verdade que, se n'um ponto de civilisação, subitamente apparecesse uma feroz papûa ou um hediondo esquimó, qual seria a cortezã ou o diplomata que não recuassem espavoridos, negando com repugnante antipathia o seu parentesco intimo!?

E, cousa notavel, toda a humanidade representada pelas familias que povoaram a terra, nas suas abstracções contemplativas, pelo coração, e pelo espirito, admitte a idéa de uma resurreição, a esperança de uma vida futura.

É que o homem nunca se pôde convencer ou conformar-se com a idéa da destruição absoluta da sua personalidade, e por isso vemos, conforme as rudezas e superstições d'essas idades primitivas, os mortos serem guardados em grutas, em dolmens, em tumulos, e acompanhados pelos parentes e amigos levarem-nos à sepultura, aonde, adrede, tinham disposto as armas, ornatos, talismans e iguarias para a sua viagem espiritual.

Assim, desde os tempos prehistoricos, fosse a sepultura uma caverna ou o souto de uma floresta, em todas as plagas do mundo, em todos os tempos, o homem procurou sempre, por previdencia, aventar-se do finito do presente ao infinito do futuro; e selvagem ou sabio interroga o cadaver do seu similhante, que na mudez da morte não responde ao energico, mas respeitoso protesto, contra esse attentado de destruição, que nunca poderá ser uma lei moral.

Assim, desde os tempos sem tradicção, pelo que nos revelam as rochas, as turfeiras, os macissos das florestas, os comaros da terra, os cumulos de pedra, as cellulas, ou as molles megalithicas, a idéa de um futuro posthumo é manifesta n'um emblema de immortalidade, ou no orgulho de divinisação.

Esses monumentos formados para encerrar, co-

brir, ou esconder o cadaver do homem, ainda agora representados nas magnificencias da Asia, nos deslumbramentos do Egypto, nas elegancias da Grecia, nas sumptuosidades de Roma, irradiam a luz d'uma vida futura, recompensada, ou punida.

Presumiam os antigos, que as almas dos insepultos vagavam por cem annos no espaço, ou se abeiravam dos bordos frios, e escuros da lagoa stygia, á espera que Charonte as passasse para além: e ainda hoje, conforme o dogma religioso, e a noção de Deus, a insepultação é uma pena condemnatoria.

A impressão dos phenomenos naturaes, o accesso das cousas tangiveis, as occorrencias do acaso preparam-lhe, nos progressos da mente, a evolução das crenças religiosas

Pae ou chefe, o homem prehistorico, n'um goso edenico, ou n'uma lucta feroz, reuniu, em seu redor, a familia pelo amor, e a tribu pelo respeito; orou lhes pela vida do espirito, e pela communhão da sociedade; e na guerra ou nas treguas atravez de abstruzas superstições de idolatria e de absurdas praticas de fetichismo nomada ou emigrante, povoou a terra com os seus parentes, e o céo com os seus deuses.

Nas theocracias, os chefes, quasi sempre de raça sacerdotal, favorecidos pela ignorancia do povo, e avidos de boa fortuna, em homenagem sua, e a prol dos seus heroes, inventaram deuses á similhança dos homens, com as suas ruins paixões, anthropophagos, libertinos, e mais do que tudo interesseiros. O proprio Olympo era a sala de um alcouce e o barathro um pelourinho de tratos de polé.

Nos rituaes antigos, os sacrificios de victimas humanas, em holocausto, pelo fogo ou sobre a ara, pelo sangue, eram horriveis e innumeros.

E no presupposto de uma vida de além, pagavam-se aqui os direitos de passagem, com presentes de alfaias, com dadivas de utensilios de iguarias, e sempre o morto ia acompanhado das suas armas, insignias e talismans na sua viagem ignota.

As religiões antigas immolaram mais victimas do que as pestes. Em todas as nações idolatras e pagãs os sacrificadores eram mais crueis e sanguinarios do que os nossos magarefes. Era preciso que os seus deuses fossem iguaes em sevicias!

Basta-nos este monstruoso e horripilante facto: os astéques, na America, immolavam, por anno, vinte mil victimas, arrancando-lhes o coração pelas costas com uma faca de obsidiana.

Ainda hoje, não obstante a influencia benefica das nações civilisadas, em Dahomey e Ashanty, nas ceremonias religiosas e funebres ha sacrificios humanos. Nas ilhas Viti, quando morto o chefe da tribu, enterra-se com elle o mancebo mais robusto, e armado de um bastão para o defender na sua viagem espiritual.

Hoje, felizmente, com a luz redemptiva, que alvorou no Calvario, e enche o mundo inteiro, perante a cruz infamante, de martyrio, onde pregaram a Christo, o sacrificio mais barbaro, e cruento, que entre homens se viu, e que fez estremecer os craneos, de que estava juncada a montanha, e lividos tornou os raios do sol, o homem decaído rehabilita-se pela oração, lustra-se pela agua do baptismo e consagra-se nas aras incruentas da missa!

A cruz do Golgotha é o marco da redempção; o sacrificio de Christo, o symbolo da immortalidade; e assim se fechou a evolução da idéa religiosa

Com a resurreição do Nazareno confirmou-se a crença do homem primitivo, ante-historico, e providencial conquistador da terra, a quem ninguem póde disputar o primeiro logar pela sua fórma peregrina, e pela sua sciencia adquirida.

A historia do homem primitivo esclarece-se muito com o estudo dos documentos, encontrados nas suas sepulturas, desde as idades da pedra, e do bronze até á do ferro.

Ha cincoenta annos ninguem crêra, que poderiamos interrogar a sepultura do homem da epocha quaternaria que viveu, o menos, ha duzentos mil annos! na primeira idade da pedra, e na era do rénno, ainda nosso contemporaneo nos paizes glaciaes.

A estação de Solutré representa indubitavelmente um ossario. A gruta era habitação e catacumba; queimado o corpo do defunto, e, soterradas as cinzas, sobre o campo de repouso reedificava-se nova choça.

Outras vezes depunham-se os cadaveres sobre um sedimento de saibro, de ossos triturados, ou de cinzas vegetaes.

Pelos fins da idade da pedra lascada, elevaram-se os primeiros monumentos funerarios á guiza de grutas naturaes, imitando as cavernas, e com enormes montões de pedras toscas e rudes, se fizeram os dolmens, ou disseminados, em alas, ou cobertos, na terra escavada, por uma lagea symbolica.

No tempo da pedra polida, começaram a erigir-se *tumulos*, ou camaras, que muitas vezes, agrupando se ou reunindo-se em muitas grutas sepulchraes, formavam a necropole da tribu, como ainda hoje se observa na Scandinavia.

N'estas galerias, em cellulas sepulchraes, formadas por lousas de pedra bruta, os corpos apresentavam-se poucas vezes em posição horisontal, quasi sempre assentados, ou agachados, como os Guaranos do delta do Orenoque.

As chulpas dos antigos peruanos correspondem ás cellulas sepulchraes dos dinamarquezes, em quanto á construcção das lousas, e posição dos esqueletos; e, como os antigos egypcios, os peruanos muitas vezes embalsamaram os cadaveres.

h2

Na America meridional substituia se o embalsamamento pelo deseccamento lento do defunto, sobre o fogo de ramos resinosos e aromaticos.

Os australianos, mesmo actualmente, seccam os corpos dos seus mortos, no meio dos bosques, em fogueiras de lenha.

Em Queensland, depois de servido o banquete, que a familia do finado offerece, esfolam o cadaver, cuja pelle é curtida e apresentada á familia, como reliquia piedosa.

Sempre, ainda mesmo n'estas idades remotissimas, o morto, conforme a sua cathegoria, foi sepultado com um certo culto religioso, e respeito de affectos; e sobre a sepultura erecta, quando menos, uma serie de pedras, como nos cromlechs da Bretanha; ou uns toscos obeliscos, sem relevos, nem esculpturas, como se fazia na India.

(Continua) DR. BALDY.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 57

A remota egreja de Villarinho de S. Romão na provincia do Douro, districto de Santo Thyrso, é um dos poucos exemplares do typo da architectura *Roman* que existem, em Portugal do seculo XII; pertencendo ao numero dos cem edificios religiosos que foram construidos durante o reinado do primeiro soberano de Portugal, D. Affonso Henriques. Não sómente por esta circumstancia, mas pela origem de sua architectura, a mais remota que ha no reino, se faz recommendar, tanto para servir de estudo architectonico, como para a historia artistica e archeologica de Portugal.

Examinando a photographia que representa este edificio religioso, nota-se lhe um aspecto severo, porém, caracteristico do atrazo civilisador na fundação da monarchia, em que a rudez do povo curava mais de consolidar o dominio real no territorio conquistado pelo seu audaz esforço e fortalecido pela crença de cumprir um dever sagrado em resgatar da heresia dos sectarios do Koran, os povos que elles tinham subjugado na Lusitania; pensando unicamente em fazer triumphar a lei de Christo, não cuidava de mais nada, nem mesmo lhe sobrava o tempo n'esta imperiosa luta que tinha emprehendido para implantar a fé no paiz, empreza que coubera ao poderoso descendente do conde D. Henrique. Portanto, não se estranha que a edificação singular d'este edificio possa indicar tambem a inferioridade em que estava a civilisação do povo que tinha erguido esse santuario para n'elle render louvores ao Ente Supremo pelas suas victorias, que deveriam estender-se por todo o paiz para engrandecimento da fama nacional e para gloria de Deus.

Serve, pois, este edificio de proveitoso ensino, por apresentar o estylo correspondente á architectura designada *Roman,* que serviu de transição da architectura romana para a ogival; devendo-se particularisar no que a faz distinguir dos outros typos, afim de nos inteirarmos das principaes fórmas que caracterisam a architectura d'esta época.

A primeira cousa a notar é ter todas as suas aberturas de volta inteira ou semicircular; não ter cornija o frontespicio, e o espelho que dá luz á nave ser um simples olho de boi apresentando uma forma rudimentar. A igreja é precedida da *galilé*, servindo-lhe de adro coberto; as janellas teem a fórma de frestas, pela sua pouquissima largura; a torre é de fórma quadrangular e de limitada altura e construida com excessiva solidez, ficando coberta por um telhado pyramidal. A sua construcção foi executada com apparelho pequeno; tendo as juntas das pedras com bastante largura e cheias de argamaça. A fachada da igreja ficou sem decoração alguma, assim como o portal principal indica tudo ser a construcção mais primitiva d'esta architectura.

No interior ainda mais nua apparece, sendo composta de uma só nave, separado o altar-mór pelo arco triumphal de egual feitio que a arcada da *galilé*, havendo apenas duas inscripções já mutiladas que, por incompletas, não se podem lêr, excepto na torre, onde é legivel o nome do devoto que a mandou construir.

Serve de freguezia, e como a junta de parochia tem poucos meios, eis o motivo por que este edificio se tem salvo de não lhe alterarem o caracter da sua architectura. É o caso de se repetir: ha males que...

Como d'este typo existem tão poucos edificios, cremos que será para estimar podermos offerecer aos nossos leitores um exemplar digno da sua attenção.

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O nosso dignissimo presidente da secção de Archeologia, sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, foi eleito por unanimidade vice-presidente da Real Academia das Sciencias para este anno, e Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz acceitou ologar de Presidente, que era occupado por El-Rei o Senhor D. Fernando, de saudosa memoria.

Tendo-se concluido o curso elementar da 1.ª parte de Archeologia, concorreram aos exames onze estudantes que tinham frequentado este curso, e se ha-

viam habilitado para responder aos 32 pontos do referido estudo. O jury composto de cinco membros, socios da nossa associação, classificou os estudantes pelos valores respectivos e da seguinte fórma:

O sr. D. Antonio José de Mello, approvado e com o 1.º premio de 50$000 réis.

Os srs. Alfredo d'Ascensão Machado e Luiz de Saldanha Oliveira Daun e Sousa, approvados e com o 2.º premio de 24$000 réis cada um.

Os srs. José Ribeiro d'Almeida, João Carlos Aranha Gonçalves, João Rodrigues Ferreira e Joaquim Pereira, approvados e com premios de menção honrosa. Com approvação simples os srs. Adolpho Benarus e Antonio Eduardo Romeira de Macedo.

Em sessão solemne foram entregues os diplomas e os premios aos laureados.

Continua este curso, como foi annunciado.

O nosso estimado socio correspondente o sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro, publicou uma noticia archeologica de summo interesse ácerca dos tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho 1.º, que existem na egreja de Santa Cruz, em Coimbra.

São bem conhecidas as publicações archeologicas de que este perseverante cultor das antiguidades nacionaes tem enriquecido o nosso paiz. Novamente o felicitamos por mais esta importante publicação.

Os desenhos de quatro medalhões com retratos de tres guerreiros e de uma dama, os quaes existem collocados proximo da egreja de S. Miguel situada dentro do Castello de Penella, são curiosos pelas armaduras que usam, que podem indicar a era em que estas esculpturas se fizeram; são do XVI seculo e de origem italiana, pois têem o nazal movediço no capacete. Os normandos, que o tinham inventado, usaram d'elle, ficando fixo, o que depois foi adoptado pelos allemães e inglezes.

Merece louvor o nosso distincto socio effectivo sr. Delfim José d'Oliveira, de Penella, por fazer conhecidos estes retratos no opusculo que vae publicar, prestando assim um serviço archeologico interessante para Portugal.

O nosso distincto socio, o sr. senador conde Gozzadini, alcançou do ministro italiano que se adquirisse uma Estella Etrusca, muito interessante pelas esculpturas, em alto relevo, de satyros brigando em attitudes burlescas. E' um achado archeologico que vae augmentar os preciosos objectos antigos do celebre museu civico de Bolonha.

O socio correspondente da Academia das Sciencias, sr. Sebastião Philippe Martins Estacio da Veiga, offereceu-nos um exemplar do projecto de legenda symbolica da carta de archeologia historica do Algarve, submettida ao exame da referida Academia. Foi acceite como merece este trabalho de tão laborioso archeologo.

O insigne architecto Mr. Carlos Garnier, membro do Instituto e socio honorario da nossa associação, foi eleito presidente do Instituto de França para o exercicio do presente anno. Os seus dignos collegas avaliaram o merecimento do celebre architecto na conta em que elle é tido no mundo artistico; e esta agradavel noticia foi recebida tambem com muita satisfação pelos seus confrades e collegas estrangeiros d'esta real associação.

NOTICIARIO

Principiou agora a construcção, em Paris, d'um asylo para *os invalidos do trabalho*. Ainda bem que um philanthropo deixou para esse fim um legado de 130 contos de réis. Portugal já possue desde 1857 o *Albergue dos invalidos do trabalho*, e posto que este paiz não seja dos mais opulentos da Europa, e não recebesse legado algum para fundar tão util estabelecimento, todavia n'este periodo de 29 annos tem dado asylo a 80 valetudinarios artistas portuguezes.

Uma lei foi promulgada em Nova York para limitar a altura dos predios sómente a 21 metros, em vez de 45, que tinham até agora. E' util esta medida por causa dos incendios e porque dá mais luz e ar ás habitações.

Um antigo prefeito francez comprou um dolmen no departamento de *Charente*, fazendo-o transportar para o cemiterio e collocar sobre uma sepultura de pessoa da sua familia.

Foram precisos 18 cavallos para o transportar, no que levaram 3 dias, não obstante a distancia ser só de tres kilometros. Este empregado francez poderá fazer suppor de futuro que descendia dos Celtas; ou que ainda no anno de 1886 se construiam monumentos megalithicos na Europa!

Nós temos tido auctoridades que deixam destruir esses monumentos, mas ainda nenhuma se lembrou de um tão grande absurdo e vandalismo de mau gosto.

Pintura luminosa. — Tomar cascas de ostras, laval-as em agua quente, e calcinal-as na chaminé durante meia hora pouco mais ou menos. Quando estiverem frias, reduzil-as a pó, separando as porções escuras. Pôr este pó n'um cadinho, por camadas alternadas com flor de enxofre; tapar hermeticamente o cadinho e cobrir a tampa com areia e barro. Aquecei tudo isto durante uma hora e deixae arrefecer.

E o pó obtido em seguida, faz-se passar atravez de cassa fina, tendo a precaução de deitar fóra as particulas cinzentas.

O pó branco é muito fino, e póde-se misturar com verniz branco, ou simplesmente uma dissolução de gomma arabica colorida com tintas claras.

Applicae esta tinta durante o dia, expondo ao sol o quadro pintado. A pintura attrairá uma certa luz do sol e apparecerá depois luminosa na obscuridade.

O betume para cantaria endurece rapidamente, sendo feito com protoxido de chumbo reduzido a pó muito fino, misturado com a quantidade conveniente de glycerina, a fim de a massa engrossar. Este betume não se dissolve n'agua.

1886, Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1886 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 2

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Mafra. — Breve noticia dos nomes dos artistas mais celebres que trabalharam no edificio de Mafra, desde a creação do monumento até aos nossos dias — (Conclusão) pelo socio sr. Joaquim da Conceição Gomes..... Pag. 17

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — Parecer sobre a proposta para a creação de cursos de archeologia religiosa — pelo socio sr. Vilhena Barbosa..... » 20

Necropole da Certoza de Villa Nova — Necropole de Marzabotto — pelo sr. J. P. N. da Silva..... » 22

A proposito das mumias americanas expostas no Museu do Carmo — (continuação) pelo Dr. Baldy..... » 26

Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal, appartenant à l'architecture du moyen âge. Avec 45 planches et fac-similes » 29

Chronica ..... » 31

Noticiario ..... » 32

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

MAFRA

Breve noticia dos nomes dos artistas mais celebres que trabalharam no edificio de Mafra, desde a creação do monumento até aos nossos dias.

(Concluido do tom. V, n.º 1.º pag. 13)

Discipulos de Giusti

— «Antonio Pecoraro, seu cunhado, trabalhou pelo tempo de nove annos na escóla de Mafra; inclinando-se depois á musica, saíu para Napoles.

— «Roberto Luiz da Silva, natural de Lisboa.

— «Salvador Franco, de Mafra, trabalhou pelo espaço de 12 annos na escóla; mas sendo despedido por causa de travessuras, deu-se ao estudo da engenharia, e morreu em Matto Grosso.

— «Lourenço Lopes, de Mafra, estudou 16 annos, e trabalhou, especialmente, no grande retabulo da *Sacra Familia.*

— «José Joaquim Leitão, de Mafra, fallecido em 1805.

— «Alexandre Gomes, da Picanceira, no concelho de Mafra, fallecido em 1801.

— «José da Silva Pevides, de Mafra, fallecido em 1785; trabalhou na escóla durante 19 annos.

— José Patricio, de Mafra, filho de Pedro Antonio Luquez, admittido em 1767; deixou o seculo em 1803, e entrou no mosteiro dos conegos regrantes de Santo Agostinho. Este homem respeitavel, cujo nome pronuncio com o maior acatamento e veneração pelas lições que me dispensou, falleceu na mesma villa de Mafra em 30 de dezembro de 1840, na idade de 86 annos, e jaz ahi sepultado.

— «João José Elveni, de origem allemã, natural de Lisboa.

— «Francisco Leal Garcia, de Santarem, fallecido em 1814.

— «Silverio Martins, de Linda a Pastora, fallecido em 1795.

— «Joaquim Antonio de Macedo, de Lisboa, onde falleceu em 1820 com 70 annos de idade; trabalhou na escóla de Mafra pelo espaço de 10 a 12 annos.

— «Braz Toscano de Mello, natural de Alvito no Alemtejo, e ultimo director da escóla de Mafra; casou n'esta villa e teve tres filhas e um filho que foi para o Brazil, e era ali official da marinha de guerra. Braz Toscano não só modelava com perfeição, mas fez tambem muitos trabalhos d'esculptura, e d'entre elles são muito para notar as lunetas, em alto relevo, para as capellas lateraes do templo. Falleceu na mesma villa de Mafra em março de 1823, com 79 annos de edade.

— «José d'Almeida fez, em madeira, o Santo Christo e anjos de adoração para a capella-mór, os quaes foram depois substituidos pelos de marmore que ora existem. O Almeida estudou em Roma, e falleceu em Lisboa no anno de 1769, tendo mais de 60 annos de edade.

— «Manuel Dias, discipulo de Manuel d'Andrade, fez em madeira as imagens, de grandeza natural, para os nove andores que constituem a procissão da Ordem Terceira de S. Francisco. Falleceu em março de 1754.

— «João José de Aguiar, natural de Bellas, em 1785 foi para Roma onde estudou com Labruzzi, e José Angelini; voltando á patria em 1798, occupou o logar de esculptor da fundição, e ali fez as primorosas banquetas de metal, cruz, castiçaes e relicarios para a capella-mór da basilica de Mafra, além d'outras peças, taes como os thuribulos e as navetas, de trabalho assás delicado.

Escóla italiana

Esta escóla está representada pelas 54 estatuas de grandeza acima do natural, collocadas no atrio e no templo.

São todas de marmore de Carrara, assignadas — com datas de 1730 a 1732 — pelos seguintes artistas: Ticiati; Jacob Baratta; Joannes Baratta; S. Martinez; J. Franzi; J. Fortini; B. Vacca; J. B. Mayni; B. Ludovicius; Bracci; Montanti; Faggini; Barbierus; Pincellotti; Monaldi; Piemontini; Corsini.

Comparadas as duas escólas, a nossa excedeu a italiana.

Pintores

— «Trevisani, celebre artista discipulo de Zanchi, nascido em Capo d'Istria em 1680, é o auctor do quadro da capella-mór, que representa a Virgem depondo o Menino Jesus nos braços de Santo Antonio. Trevisani falleceu em 1746.

— «Ignacio de Oliveira Bernardes, filho de Antonio de Oliveira Bernardes, nasceu em Lisboa em fevereiro de 1695, e ahi falleceu em janeiro de 1781. São obra d'este artista o quadro que representa S. Francisco recebendo as chagas, e se acha no altar da sacristia; os dois quadros dos oratorios do palacio; e o quadro da Virgem com o Menino, e Santo Antonio, na portaria-mór do convento. Oliveira Bernardes estudou em Roma, onde foi discipulo de Lutti, e de Mathei. O seu estylo é demasiadamente brando, mas o desenho é muito correcto.

— «Pedro Bianchi, auctor do quadro que representa Christo, a Virgem, e os patriarchas S. Domingos e S. Francisco, e se acha na portaria-mór do convento. É um quadro de grandes dimensões, e de muito merecimento. Bianchi nasceu em Roma em 1694, e ahi falleceu em 1740.

— «Pedro Antonio Quillard fez o painel da Cêa para a capella do Campo Santo, e o do Lava-pés que está na capella do Paço; o seu estylo é vigoroso. Quillard nasceu em Paris em 1700; tendo vindo para Portugal, foi nomeado pintor do rei e desenhador da academia, com o ordenado de 60$000 réis mensaes. Falleceu em Lisboa em 1733.

— «Agostinho Massucci, italiano, nascido em 1671, e fallecido em 1758, pintou o quadro da Sacra Familia, e o de Nossa Senhora e os Santos Martyres, existentes hoje na capella do Paço. Este ultimo é um famoso trabalho.

— «Giaquinto Corrado, italiano, pintou o painel de grandes dimensões, que representa a Coroação da Virgem, e que tambem se acha na referida capella. O seu estylo é demasiadamente brando.

— «Sebastião Conca pintou o famoso quadro da — Conceição — que existe na sala dos actos. É um trabalho magnifico; o estylo é delicado, mas vigoroso, e tem admiravel transparencia de colorido.

— «Francisco Solimena, discipulo del Polo, pintou o quadro da — Crucificação — obra de alto merecimento pela delicadeza de execução, pela suavidade das tintas, e sobretudo pela expressão de verdadeira dôr que as figuras exprimem; esta peça acha-se hoje na galeria da Ajuda.

Solimena nasceu em Nocera de Pagani no anno de 1657; falleceu em La Barra em 1747.

— «Francisco Vieira Lusitano pintou em grande painel uma Sacra Familia para a Capella dos Sete Altares, e que — segundo diz Cyrillo — foi regeitada pelas intrigas dos seus emulos. Braz Toscano de Mello possuiu d'elle um Santo Antonio, peça magnifica que hoje se acha em poder do sr. Firmino de Moraes Cardoso, de Lisboa, como herdeiro do fallecido conego Moraes Cardoso, que o houve por compra feita á familia do Toscano. Vieira Lusitano nasceu em Lisboa em outubro de 1699. Diz Cyrillo que Vieira, passados apenas os annos da puericia, déra signaes de que seria tão extremoso amante como insigne pintor. As suas aventuras amorosas são muito sabidas. Em 1774 perdeu elle a sua querida esposa, D. Ignez Helena de Lima e Mello, que falleceu em Mafra em 22 de agosto d'esse anno; cheio de dôr retirou então para Lisboa, onde falleceu em 1783.

Pinturas a fresco

Os frescos das salas do palacio de Mafra são obra dos seguintes professores:

— «Cyrillo Volkmar Machado, nascido em Lisboa em julho de 1748, tendo estudado com seu tio João Pedro Volkmar, partiu para Roma onde se demorou até 1777; voltando então para Portugal, foi em 1796 encarregado de dirigir as pinturas das salas do palacio de Mafra, recebendo uma pensão annual de 720$000 réis. São obra de seu pincel o tecto da sala

da audiencia, e das tres salas contiguas. Volkmar Machado foi tambem escriptor, e publicou diversas obras sobre pintura, esculptura e architectura. Falleceu em 1823.

— «Domingos Antonio de Sequeira nasceu em Belem, em 1768; tendo frequentado a aula regia de desenho, onde obteve alguns premios, partiu para Roma, chegando a essa cidade em 1788. Ali ganhou um primeiro premio da academia, e foi recebido academico de merito. Em 1796 regressou á patria; e em 1802 foi nomeado primeiro pintor da Camara e Côrte, com o ordenado annual de dois contos de réis. Em Mafra pintou os bellissimos quadros representando episodios de batalhas, na antiga sala da audiencia no palacio. São o melhor trabalho de pintura que ali se encontra. Sequeira, que em Roma foi discipulo de Cavalluci, foi em Portugal mestre da princeza D. Maria Thereza, sendo-lhe dado o habito de Christo. Sob a sua direcção foram executados os trabalhos da preciosa baixella offerecida a Wellington. As suas obras e o seu nome são venerados em Portugal e no estrangeiro. Este homem notavel, que na historia da arte deve ser collocado ao lado de Rembrandt, como diz Racksinsky, falleceu em Roma no mez de março de 1837. O seu retrato acha-se no museu da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, no Carmo em Lisboa; e a sua biographia, perfeitamente escripta pelo sr. marquez de Sousa, foi publicada no jornal *Artes e Letras*. O nome do illustre Sequeira vae continuando respeitado nas suas obras, e nas pessoas de sua muito digna familia que ainda existem.

— «Manuel da Costa nasceu em Abrantes em 1755, e foi discipulo de Simão Nunes; pintou algumas das figuras allegoricas no palacio, mas não concluiu os trabalhos, porque foi para o Rio de Janeiro em 1811.

— «Bernardo Antonio de Oliveira Goes, natural da Lobagueira, freguezia da Encarnação, concelho de Mafra; em 1796 foi admittido como ajudante de Cyrillo, e fez no palacio algumas pinturas nos tectos das salas, e executou algumas figuras allegoricas.

Pinturas a oleo

Houve nas salas do palacio seis grandes quadros, que hoje existem no Rio de Janeiro, pintados pelos seguintes artistas:

— «Francisco Vieira, natural do Porto, foi discipulo de Corvi, em Roma, onde ganhou um primeiro premio em 1791. Tendo casado com uma senhora da familia Bartolozzi, voltou a Portugal em 1802; falleceu na ilha da Madeira no anno de 1805, com 40 annos de edade. O quadro que executou representa Duarte Pacheco defendendo o passo de Cambalão.

— «Archangelo Foschini fez o quadro que tem por assumpto *Vasco da Gama desembarcando em Calecut*. Foschini nasceu em Lisboa em 1771; estudou na aula do Rocha, e em 1788 passou a Roma, onde foi discipulo de Labruzzi, e ali ganhou um premio. Em 1792 voltou para Portugal e falleceu em 1834.

— «Bartholomeu Antonio Callisto pintou o quadro, cujo assumpto é: *D. João de Castro triumphando de Jusar-Kan*. Callisto estudou na aula do Rocha, e, passando a Roma ali foi discipulo de Labruzzi. Em 1797 voltou para Portugal, e aqui falleceu no mez de junho de 1821.

— «José da Cunha Taborda, natural do Fundão onde nasceu em abril de 1766, foi discipulo do Rocha; e foi tambem pensionado, estudando em Roma com o Labruzzi. É d'elle o quadro que tem por assumpto *Antonio da Silveira obrigando a levantar o cerco de Diu*. Taborda falleceu em junho de 1836.

Os restantes dois quadros são — um de Sequeira representando os Almeidas que derrotam Cutialle em Panane; o outro de Cyrillo que representa Affonso de Albuquerque edificando a fortaleza de Cochim.

Bibliotheca

Manuel Caetano de Sousa foi o architecto que delineou e dirigiu os magnificos trabalhos na famosa sala da bibliotheca de Mafra. Era filho de Caetano Thomaz, de quem foi tambem discipulo; sendo nomeado architecto das obras publicas e do infantado, recebeu a patente de coronel de artilheria, e teve o habito de Aviz. Manuel Caetano falleceu em 1802 com 64 annos de edade.

Orgãos

Joaquim Antonio Peres Fontana, e Antonio Xavier Machado foram os reconstructores dos seis famosos orgãos que existem no templo. A ornamentação metallica foi feita no nosso arsenal; os medalhões e algumas outras peças fôram modeladas pelo italiano Carlos Amatucci. Este artista veiu para Lisboa em 1804, e sendo admittido no real serviço, falleceu em 1809.

Carrilhões

Nicolaus Levache, e Guilhelmus Withlockx foram os artistas que construiram em Antuerpia, no anno de 1730, os soberbos carrilhões que se admiram no grandioso edificio; as duas peças são perfeitamente eguaes, e modeladas pela mesma fórma. Levache veiu a Portugal, e dirigiu os trabalhos de uma fundição de sinos que se estabeleceu no Campo de Santa Clara, em Lisboa.

Para-raios

D. Joaquim da Assumpção — O Velho — conego regrante de Santo Agostinho, dirigiu os trabalhos da collocação dos para-raios no edificio, no anno de 1787.

D. Joaquim foi socio da Academia Real das Sciencias e escreveu muitas e interessantes memorias.

Falleceu no anno de 1793.

Depois das epochas que ficam apontadas nada mais se fez notavel, no palacio de Mafra, até aos reinados da senhora D. Maria II, e do senhor D. Pedro V em que, sob a direcção do distincto architecto sr. Joaquim Possidonio N. da Silva, se prepararam condignamente os aposentos reaes no pavilhão do sul, e as duas salas para recepções.

N'este nosso pequeno estudo, imperfeito talvez pela deficiencia de varios recursos, não tivemos outro intuito senão o de apontar os nomes dos homens que, trabalhando no grandioso monumento, exhibiram ali as suas producções artisticas. Faltarão alguns. O nosso trabalho despertará o louvavel desejo a pessoa competente para que, ou corrigindo os erros — se os houver — ou preenchendo as faltas, possamos afinal ter conhecimento das altas capacidades artisticas a quem é justo render o devido preito.

Não deve a archeologia — com quanto seja esse o seu fim — tratar sómente dos productos materiaes que povos antigos nos legaram, deve tambem não consentir que fiquem no olvido os nomes d'aquelles que mais se distinguiram no progressivo desenvolvimento das obras de arte.

Mafra — 1885.

O socio

J. Conceição Gomes.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Na sessão de assembléa geral em 10 de fevereiro d'este anno, foi apresentada pelo socio o sr. Possidonio da Silva uma proposta para que se solicitasse dos Prelados portuguezes que estabelecessem nos Seminarios do reino cursos de archeologia religiosa. Tendo sido admittida esta proposta, foi nomeada uma commissão para dar o seu parecer. D'essa commissão foi eleito relator o socio sr. Ignacio de Vilhena Barbosa.

Na sessão immediata foi lido o parecer do referido socio e a assembléa approvou que elle fosse publicado no nosso boletim. N'esta conformidade o transcrevemos em seguida:

Os monumentos historicos ou simplesmente artisticos são os marcos que assignalam os passos, mais ou menos firmes, vagarosos ou apressados, que os povos vão dando no caminho da civilisação. Porém, não se pense que, relativamente a esses padrões, a cultura de uma nação deva ser avaliada sómente pela significação d'elles, por mais gloriosa que seja, ou por mais que se aprimorasse n'elles a arte, mas sim tambem pelo apreço e respeito com que essa nação vela pela sua conservação.

Sobreleva Portugal a todas as nações na alta significação dos seus monumentos, porque não commemoram unicamente façanhas militares e virtudes christãs e civicas, communs a outros povos. Não recordam só mil acções de valor, de coragem e de abnegação, praticadas na defensa da patria, ou para alargamento das suas fronteiras, ou para honra e lustre do seu nome. Mas fallam tambem os nossos monumentos d'essas arrojadissimas emprezas de navegações e descobrimentos, com que os portuguezes abriram de par em par as portas á moderna civilisação, levando a luz do evangelho, atravez de mares ignotos, ás mais longinquas regiões do globo.

Quasi todas essas glorias, que doiram as paginas da nossa historia, foram memoradas por nossos maiores com a fundação de um templo, acanhado e singelo, ou grandioso e opulento, segundo o permittiam a rudeza dos tempos, ou a florescencia da nação, bem como o animo e posses dos fundadores.

As convulsões do solo, a pouca illustração dos reedificadores, e modernamente a sanha brutal dos demolidores, tem destruido ou desfigurado muitas d'essas auctorisadas testemunhas dos tempos heroicos de Portugal. Este vandalismo, que nos degrada do gremio das nações cultas, não está, infelizmente, ainda de todo proscripto d'entre nós. Os poderes publicos ainda não prestam aos nossos monumentos toda a attenção e vigilante solicitude que, para a sua conservação, elles demandam, e a honra e bom nome do paiz com tanta justiça reclamam. E não basta que se attenda á conservação dos monumentos commemorativos dos grandes factos historicos, e ao mesmo tempo opulentos d'arte. Merecem o nosso apreço e cuidados todos os padrões, que interessam, de qualquer maneira, aos annaes da nação e á historia da arte.

Não obstante os differentes elementos de destruição, que tem actuado entre nós, ainda existem de pé n'este reino não poucas egrejas anteriores á fundação da monarchia, ou contemporaneas do nosso primeiro rei, ou construidas sob o sceptro dos seus

immediatos successores. São pequenos e de construcção mesquinha todos esses templos, tendo por feição principal a mesma simplicidade e pobreza, que distinguiam n'essa epocha o viver da nação. Todavia, embora o acanhamento das proporções, e a simplicidade da architectura corram parelhas com a pobreza das memorias historicas, todas essas egrejas são exemplares de subido valor para a historia da arte em Portugal, tanto mais quanto é tristemente certo, que os grandes templos, levantados nos principios da monarchia, têem sido mascarados e desfigurados, por occasião das reedificações, como aconteceu ao de Alcobaça, á Sé de Lisboa e a outros, ou desappareceram, como o de Santa Cruz de Coimbra e o de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, para em seu logar se edificarem outros mais vastos e mais sumptuosos.

Pois essas preciosas reliquias de tão remota antiguidade que têem resistido ao duro embate das tempestades no correr de tantos seculos, zombando até agora dos cataclysmos da natureza e dos furores do camartello, acham-se presentemente ameaçadas, pelo menos algumas d'ellas, de perderem, em reconstrucções dirigidas sem amor da arte, e sem respeito aos monumentos de remotas eras, as suas primitivas e venerandas feições.

E ao mesmo passo vão desapparecendo das velhas parochias sertanejas as suas antigas alfaias, vendidas por uma bagatella, a titulo de alcançar meios para reparação do edificio, e os seu svasos sagrados dos seculos anteriores ao XVIII, de muita belleza e primor artistico, a troco de outros de fabrica moderna, mais luzentes e vistosos, porém destituidos da formosura e elegancia das fórmas, e da delicadeza e perfeição do trabalho esculptural, que dão fóros universaes de preeminencia á ourivesaria, principalmente dos seculos XV e XVI.

Os compradores d'objectos d'arte e de industria, antigos, que vem a Lisboa todos os annos do estrangeiro, sobretudo de França e da Allemanha, percorrem as nossas provincias em todas as direcções; apparecem em todas as cidades, nas villas e nas proprias aldeias, tentando com dinheiro á vista os possuidores d'essas preciosidades, que não sabem apreciá-as, desconhecendo-lhes o valor.

É mister por honra do paiz, e por exigencia imperiosa dos interesses publicos, que se trate de pôr algum cobro, quando não possa obstar-se inteiramente, á assolação ou deformação d'aquelles monumentos da antiguidade, e a esta continua expropriação das nossas riquezas artisticas, documentos irrecusaveis do alto grão de florescencia nas artes, e por conseguinte de civilisação, que Portugal attingiu n'esse glorioso passado.

Um dos meios inquestionavelmente mais adequados, seria oppôr a essa torrente devastadora a illustração e o zelo dos parochos, illustração e zelo provenientes de conhecimentos especiaes para saberem apreciar aquelles objectos, ricos d'arte e de memorias piedosas, que os estranhos nos cobiçam, e que os nacionaes malbaratam por ignorancia.

Se os parochos tivessem algumas noções da archeologia religiosa, não consentiriam, certamente, que as suas egrejas perdessem, com feições bastardas, o typo primitivo que as ennobrecia, nem haviam de tolerar, que fossem despojadas, por compra ou troca, dos seus vasos sagrados e alfaias antigas, que são nos templos verdadeiros brasões da sua nobreza, e testemunhas authenticas, eloquentes na sua propria mudez, do amor da religião dos nossos antepassados, que n'elles se casava com o amor da patria. E não limitariam esses parochos a sua acção benefica, sem duvida, a salvaguardar as preciosidades artisticas das suas egrejas; mas não deixariam tambem, em casos identicos, de dispensarem aos parochianos os conselhos do seu saber e da sua experiencia.

Foram estas considerações retemperadas pelo affecto que todos devemos á terra, que nos serviu de berço, e ás santas crenças, que recebemos dos maiores, que moveram esta Real Associação a elevar ao esclarecido juizo dos Prelados portuguezes o pedido de instituirem nos seus respectivos seminarios uma cadeira de archeologia religiosa.

É uma sciencia muito complexa a archeologia, não ha duvida, pois que cada uma das partes, que a compõem, e que se subdividem, a seu turno, em outras partes de materia amplissima para o estudo, constitue um ramo importante dos conhecimentos humanos, que demanda muita applicação para ser bem sabido.

Porém, no que diz respeito á archeologia religiosa é um estudo muito limitado, facil e agradavel, e que pode restringir-se, querendo abrevial-o, estabelecendo o ponto de partida da invasão dos povos septentrionaes e destruição do imperio romano; ou dos tempos mais proximos da fundação da monarchia portugueza. O que é mister é que se dê nos seminarios aos futuros parochos a instrucção precisa para que conheçam os differentes estylos architectonicos, empregados nos templos do christianismo; a época da sua introducção em Portugal, e as modificações, que tiveram aqui, determinadas pelo estado da nossa civilisação e pelos habitos e costumes da sociedade. É indispensavel tambem ministrar-lhes eguaes conhecimentos em relação á ourivesaria religiosa, e ás mais artes liberaes e mechanicas, que, no correr da era christã, têem concorrido com os seus productos para o serviço dos altares, e para a ornamentação das egrejas.

Os parochos assim instruidos não deixarão de

apreciar devidamente, e de velar com verdadeiro zelo pela conservação dos edificios e dos objectos concernentes ao culto, venerandos pelas tradições religiosas e pela consagração dos seculos, e dignos de grande estima pelo seu valor artistico ou archeologico.

Lisboa, 27 de abril de 1886.

O Socio

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA.

NECROPOLE DA CERTOZA DE VILLANOVA (ITALIA)

PRÓXIMO DA CIDADE DE BOLONHA

Tivemos occasião de estudar o cemiterio etrusco proximo de Bolonha, situado em *Villanova*, o qual foi descoberto em 1853 n'uma propriedade do sr. conde Gozzadini, presidente do Congresso; tendo sido feitas todas as investigações sob a direcção d'este sabio archeologo.

Em uma epocha mais recente a população que primitivamente habitou nas terramares, veiu a fazer mais tarde grandes progressos industriaes. O uso de ferro ajuntou-se ao de bronze. Com o ferro, appareceu a necessidade de servirem-se do torno e do forno do oleiro, o que conseguiram fazer; sendo facil reconhecer os novos depositos pelo exame dos fragmentos da louça de barro, que apresenta uma fórma mais regular, tendo estrias concentricas e mostrando uma cozedura mais completa e muito mais uniforme, o que dá ao barro a sua côr encarnada. A descoberta do cemiterio da *Certoza* de Bolonha veiu proporcionar conhecer-se de uma maneira positiva quaes eram os costumes, os usos, as crenças, d'essas populações extinctas já ha tantos seculos, causando-nos tanta curiosidade como grande admiração ver esses productos que nos deixaram, e que as incessantes investigações dos archeologos nos fizeram conhecer e apreciar.

Suppõe-se ter existido, no sitio de Villanova, a primitiva cidade etrusca, a antiga Felcina; e se d'ella temos unicamente conhecimento pela morada dos mortos, é porque a cidade que pertenceu aos vivos, não nos podia deixar nenhum vestigio, pois era apenas composta de casas mesquinhas, mui pouco solidas, não estando ainda conhecido o emprego da cal e da argamassa; como nos vieram comprovar as escavações feitas nas terramares. Das habitações romanas que appareceram muito tempo depois, postoque fossem grandes, de maior resistencia, e muito bem construidas, todavia é raro encontrar-se os vestigios envoltos em alguns montões de entulho.

Ha n'este cemiterio etrusco quatro feitios differentes de sepulturas; umas construidas com seixos e lages de grés; outras que têem sómente seixos, sendo as que são feitas só de lages em menor numero, emquanto as que estão divididas sómente pela separação da terra, apparecem em quadruplicado numero.

As sepulturas construidas com os seixos ou lages, foram desde a sua origem, para ficarem soterradas (cobertas de terra), como se fazia com as outras simples sepulturas; pois que foram umas e outras encontradas ao mesmo nivel, estando todas soterradas a $1^{m},14$; portanto o solo d'esta localidade tem variado muito desde a remota épocha em que serviu de cemiterio.

O interior das sepulturas construidas com materiaes (grossos seixos sem cimento algum, mas trabalho esmerado), continha um pequeno recinto no qual estavam depositados diversos objectos.

Os cadaveres foram queimados, havendo uma unica urna cineraria para conservar os restos dos ossos humanos carbonisados. A altura d'estas urnas varia entre 39 e 18 centimetros. A terra que se encontra dentro é mais negra que encarnada.

Estas urnas estão ornadas com desenhos gravados em concavo. As urnas estavam todas cobertas por uma especie de tigela com azas que se suppõe foram quebradas no acto do enterro.

Em todas as urnas era muito raro acharem-se dentes. A um canto havia diversos objectos em bronze, mostrando terem estado expostos ao lume.

Quasi sempre nas sepulturas formadas de lages, havia, em roda da urna, outros vasos de barro, não sendo nunca o seu numero superior a 8. Mesmo nas sepulturas sómente construidas com terra, havia egualmente esses vasos de barro; sendo para notar que eram estas sepulturas e as outras formadas de seixos, em que appareciam maior numero d'estes vasos. Nas sepulturas mais ricas, achava-se um montão de vasos inteiros e quebrados entre 20 e 40, tendo a altura de 38 centimetros.

Os ornatos mais repetidos n'estas urnas eram gregas com desenhos mui complicados. Foram gravadas em concavo quando o barro estava ainda molle. Outras urnas tinham rodellas com cruzes alternadas entre ganços e boneços, collocados em zonas, repetidos e tudo gravado em concavo. Pequenas serpentes em feitio de S apparecem gravadas em quasi todas as urnas, assim como nos outros objectos de metal, como emblema de immortalidade.

Os ganços, posto que grosseiramente indicados, eram para symbolisar que o espirito dos mortos tinha de atravessar a terra, o ar e agua para gosarem o repouso; bem como *volateis* d'esta especie vivem n'esses tres elementos. Emquanto á representação das figuras com a cabeça larga e acachapada, o corpo secco e hirto, sem se lhes haver indicado as extremidades das mãos e dos pés, sup-

põe-se que representavam os espiritos dos parentes do fallecido. Das tigelas que cobrem as urnas, algumas são de barro preto e de qualidade muito fina; as outras são toscas e encarnadas. As poucas tijelas sem azas tambem não tinham ornato algum.

As urnas com duas azas são mui raras.

Uma fórma muito exquisita é a de varias peças cylindricas de louça de barro, divididas no meio por um diaphragma, parecendo formar dois calices unidos em sentido inverso. Eram tambem muito raros entre os outros objectos, tendo a côr encarnado escuro. O genero dos seus ornamentos era o mesmo empregado para as urnas, porém mostrando mais trabalho e feito com mais esmero. As tampas, tão raras nas terramares, são n'este cemiterio pelo contrario em grande numero, e de fórmas mui variadas.

Ha pequenos potes sem azas, tendo o fundo redondo e abaulado: são muito communs e encontram-se 3 ou 4 na mesma sepultura.

A louça de barro descoberta em Villanova, tinha 18 marcas differentes; menos as urnas, nas quaes não appareceu signal algum. Tambem se descobriu uma nova fibula de bronze.

Todos esses vasos accessorios das sepulturas encontravam-se vasios. Apenas em um pires havia ossos de ovelhas, de boi, porco e javali sem mostrarem terem estado expostos ao lume. Finalmente duas cascas de ôvo de gallinha foram tambem achadas dentro da mesma sepultura e junto á urna.

Algumas avelãs foram tiradas das cinzas; estando as mais das vezes dentro das urnas com os ossos calcinados.

Diversos outros objectos que continham as sepulturas, eram principalmente de bronze; todos amontoados e postos de proposito, ficando juntos ás urnas. Apenas as fibulas e os alfinetes do cabello estavam dentro d'ellas proximo da boca da urna.

Entre as peças maiores e mais pezadas em bronze, se encontraram umas chapas com o feitio de uma secção de sino; do comprimento de 125 a 160 millimetros e da largura de 107 a 130, com uma grossura por egual de 5 a 8 millimetros. São curvas na base, e na parte superior têem um remate composto de uma pequena haste que termina por uma argola. Estão ornadas sobre as duas faces, com a impressão de pequenas serpentes, gravadas, todas eguaes e similhantes entre si, porém irregularmente alinhadas. Apparecem quebradas dentro das sepulturas. Foi na occasião do enterro que se partiram. Junto a estas peças sempre se encontra um cylindro, em bronze, tendo nas duas extremidades uma maçaneta egualmente feita de metal. Uma d'estas maçanetas era furada, correspondendo o buraco á parte aberta do corpo do cylindro. Estes cylindros juntamente com as maçanetas serviam para bater sobre a chapa, a qual ficava suspensa pela argola, imitando o som do tantano, instrumento que parece ser usado nos funeraes.

Havia um machado com azas, notavel pela grandeza da sua lamina, e principalmente pela sua diminuta grossura, e esta egual em todo elle.

N'uma outra, muito mais grossa, porém bonita pela sua forma quadrada, as azas conservavam os vestigios de terem servido com cabo de madeira. Outra estava quebrada e torcida singularmente.

Nos tumulos de Villanova appareceram:

Machados de ferro, com o mesmo feitio, mas de differentes tamanhos. Entre os mais pequenos o cabo era de bronze.

Pezos de æs rude; dinheiro sem effigie, e sem cunho, inteiramente de feitio tosco, tendo de pezo entre 64 grammas, 12 e 12,52. Quatro eram quasi um quadrado, estando ao lado da urna cineraria. Foi encontrado em uma sepultura rica em objectos de metal e em louça de barro.

Tambem alguns pregos de bronze, de cabeça convexa, ornada com uma bella cruz, muito bem desenhada.

Muitos braceletes; o maior numero de bronze, tanto macissos como ôcos. Alguns eram de ferro, e tambem de osso. Os differentes tamanhos d'estes braceletes fazem ver que pertenciam a homens, a mulheres e a creanças.

Outros instrumentos de bronze do feitio de meia lua, com um pequeno cabo com argola. Suppõe-se serem navalhas para rapar a cabeça, nas ceremonias funebres. Nunca appareceram dous d'estes na mesma sepultura, estando postos sobre a cinza em que se depositava a urna com os ossos calcinados.

Uma cousa muito curiosa de se notar, vem a ser que em todas as combinações feitas para ornar os fundos apparentes d'essas diversas louças de barro, apparece a configuração bem indicada da cruz, posto que por diversos modos combinada a sua forma. A mais simples é formada pelo encruzamento de series de linhas parallelas, cortando-se em angulo recto. Algumas vezes entre os braços da cruz ha pequenas caudas redondas.

Quando este enfeite está tambem no fundo interno dos potes, têem no meio uma rodella um pouco hemispherica, e as differentes linhas parallelas, concavas para formarem a cruz, vem findar contra o relevo da rodella. Outras rodellas apresentam circulos concentricos, ornando o fundo, em logar de estar liso. Tambem ha outros, em que a figura da cruz está indicada por duas ordens de dentes concavos encruzando-se, etc., etc.

A repetição d'estas cruzes, que se encontram quasi na metade dos fundos das talhas descobertas e principalmente observando a variedade com que

foram executadas, demonstra que este feitio na louça de barro das terramares não é obra do acaso; mas sem duvida derivada de uma intenção bem determinada, e que para essas populações teria um sentido particular. Este facto é bastante curioso, pois que tudo que se tem tirado das terramares da epocha do bronze, não tem nenhuma relação de pertencer a um culto qualquer.

Havia folhas de facas de bronze ou, para melhor dizer, em cobre, resultado de detida analyse. Outras facas de ferro estavam muito estragadas, porém eram maiores que as outras de bronze.

Appareceram varias bolas massiças de bronze tendo uma argola, com a forma espherica. Serviam talvez de pesos para se poder traçar os fatos. Igualmente se encontraram outras bolas de barro, como as que se encontravam nas terramares.

Ao pé d'essas bolas havia cylindros com duas cabeças em barro preto muito fino, feitas com muito esmero; apparecendo sempre aos pares, desde 2 até 20 na mesma sepultura, e collocados dentro da urna; ou então postos sobre as cinzas. A maior parte tinham as cabeças ornatadas, representando cruzes de differentes feitios.

Encontraram-se diversos alfinetes para os cabellos, quasi todos sem terem já cabeça; outros com as cabeças muito grandes em bronze, cheias de uma certa massa; tambem os havia esmaltados de diversas côres. Alguns tinham a cabeça destruida pela acção de fogo: isto faz ver que uma parte dos objectos passavam pela fogueira; emquanto outros não eram expostos ao lume, pois que se encontravam alguns feitos de ambar, materia muitissimo fragil e combustivel. Rara era a sepultura que não tivesse dous d'estes alfinetes. Geralmente estavam depositados sobre a aza das urnas, quando em posição vertical; ou sobre o gargalo junto da boca, quando a urna estava deitada horisontalmente.

Os objectos mais abundantes eram as fibulas. Estes alfinetes de colchetes, que não havia na épocha do bronze, foram muito communs no principio da épocha do ferro. O maior numero era feito de bronze e de feitios muito variados. Os mais pequenos eram macissos, e os outros formados por laminas de pouca grossura; estando o interior inteiramente cheio de uma massa similhante á dos alfinetes. Os seus ornamentos eram muito variados, ainda mais que as suas formas; posto que simples, mas graciosos, eram gravados em cavado, em aresta, ou em relevo: quasi todos têem esses enfeites, porém sem nenhuma representação de objectos naturaes. O metal está bem trabalhado, apresentando o polimento de aço fosco.

Ha tambem outras fibulas formadas de pequenas contas de vidro azul com tres circulos de esmalte amarello. Algumas estiveram expostas ao fogo, achando-se as contas de vidro deformadas e soldadas umas ás outras por causa da elevada temperatura a que estiveram expostas.

Acharam-se algumas combinadas com ossos e ambar, ficando alternadas; ou a fibula toda feita de osso, com enfeites de pequenas contas de ambar, fixadas á superficie.

Estas fibulas pertenceram a individuos de todos os sexos e de todas as idades, como indicam os seus tamanhos tão variados.

As fibulas estavam muitas vezes juntas aos pares, ambas perfeitamente eguaes; e eram collocadas immediatamente sobre os ossos. Algumas sepulturas tinham 10, 14 até 20 e 30 fibulas; entre ellas muitas estavam quebradas e torcidas.

Não se encontraram armas nas sepulturas de Villanova; o que faz suppor ser esta população extremamente pacifica.

No meio d'estas sepulturas de cadaveres queimados, encontraram-se 14 esqueletos inteiros, posto que fossem da mesma epocha e estivessem enterrados entre as outras sepulturas e na mesma profundidade; todos tinham os pés virados para o Oriente. Os ossos estavam ainda bastante consistentes, de maneira que se conhecia muito bem qual a sua posição.

Quatro d'estes esqueletos tinham por baixo da nuca duas fibulas, e entre o hombro esquerdo e a cabeça uma unica louça de barro.

Um esqueleto de mulher tinha no dedo um annel formado de uma só rosca; tres fibulas uma debaixo da nuca, outra adherente ao buraco da orelha, e uma outra sobre o peito (externum): duas bolas de barro junto do pé esquerdo, e duas defezas de javali postas sobre as claviculas, a ponta revirada para a barba.

Um unico esqueleto de homem estava de joelhos descançando o corpo sobre os calcanhares e os braços encruzados sobre o peito, levantada a mão esquerda para a boca, e a outra sobre o ventre; no punho tinha bracelete de ferro.

Não estarem esses ossos calcinados, mostra que pertenciam estes esqueletos a gente pobre que não teve os meios necessarios para fazer a despeza da fogueira, e por isso foram enterrados d'aquelle modo.

Estas sepulturas suppõe-se que datam de 714 annos antes da vinda de Christo; ha todavia fortes rasões para as considerar ainda muito mais antigas; porque em todas ellas não se encontrou o menor vestigio de louça pintada, que tanto caracterisa a epocha etrusca; nem mesmo a louça negra pertencente á sua primeira civilisação, nem tão pouco frasquinhos de vidro. Dos idolos tão abundantes na Etruria, apenas se descobriram aqui dois, que foram sem duvida transportados de outra parte; as-

sim como não appareceram caracteres escriptos. As fibulas de colchetes não tinham feitio curto e largo como eram tão abundantes nas estações etruscas e egualmente não apresentavam os anneis engastados como elles usavam. Portanto o cemiterio de Villanova offerece todos os caracteres que se encontram nas terramares, que são intermediarios entre os depositos da épocha do bronze e aquelles onde se encontram os vestigios positivos da occupação etrusca; vindo pois a pertencer á primeira épocha de ferro, e n'este caso este cemiterio é seguramente anterior á fundação da nova Etruria.

NECROPOLE DE MARZABOTTO

Na valle do Rheno, a 27 kilometros de Bolonha, existe uma planura que tem o nome de Misano, na qual desde o anno 1550 se tinham encontrado por acaso varias antiguidades, porém então não havia despertado a curiosidade, pois que os estudos archeologicos ainda não tinham começado para se apreciar como mereciam essas descobertas. Em tempos menos remotos, 1831, novos achados de pequeninas estatuas de bronze e outros objectos importantes chamaram a attenção dos homens da sciencia; todavia foi sómente em 1862 que se principiaram a fazer investigações bem dirigidas pelo illustre sabio o sr. Conde de Gozzadini; e tão importantes descobertas se fizeram, que o proprietario d'esta antiga Necropole julgou que os membros do Congresso de Archeologia estimariam ir examinar o terreno em que havia estes remotos vestigios dos antigos habitantes da Etruria, para o que lhes dirigiu um convite afim de julgarem a importancia d'aquella descoberta. Sem duvida alguma é na Etruria Central o deposito mais curioso e interessante para o estudo da archeologia; não deviamos omittir uma descripção d'essa Necropole, e dos variados e ricos objectos n'ella descobertos, mesmo para nos familiarisarmos com as formas que lhes são proprias e nos habilitarmos a distinguil-os dos outros de differente épocha, assim como nos iniciarmos nos usos e costumes dos habitantes d'essa antiga éra.

A disposição d'esta Necropole é formada de encruzamentos de paredes mixtas, construidas de seixos sem cimento. Algumas vezes são duplicadas essas separações, ficando divididas por estreitos fossos com pouca profundidade, os quaes estão calçados tambem com seixos, e os lados guarnecidos por telhas. Ficavam 25 centimetros debaixo do chão; a largura das paredes, era de 40 a 60; e algumas, ainda que em pequeno numero, chegavam a ter 2 metros, sendo só a sua profundidade no solo de 1^{m}50, vindo pois a formar, por esta disposição, um vasto xadrez de covas com differentes dimensões. Muitas estavam cobertas pelos restos dos seixos da calçada com pouca grossura. Havia vestigios de duas espaçosas avenidas, que pareciam dividir a Necropole de Leste a Oeste, e do Norte ao Sul.

Dentro das covas se encontrou grande quantidade de cacos de louça tosca, poucos de louça fina e da pintada, e abundancia de telhas chatas. Estas telhas sem duvida haviam servido para formar em separado os cofres sepulchraes, conforme outros que se encontravam intactos, os quaes continham cinzas em varias camadas, e muitas pequenas urnas funerarias, além de azas pertencentes a vasos; outros eram de bronze; e sobre tudo estatuasinhas e peças de *aes rude*. Havia sempre dentro das sepulturas grandes urnas, o maior numero quebradas, as quaes teriam servido para conservar os restos da fogueira e da incineração, pois havia dentro cinzas e ossos queimados, terra preta e pegadiça, proveniente da decomposição dos corpos dos animaes. Havia tambem muitos esqueletos humanos, dos quaes 6 tinham armas postas a seu lado. Appareceram poços funereos, cobertos de lages, contendo esqueletos d'homens e de animaes, bastantes ossadas e paos do ar serrados, tanto dos animaes domesticos, como dos bravios.

Os poços funéreos, achados na parte mais elevada da Necropole, são de um feitio singular, e os primeiros descobertos na Italia. Ha alguns similhantes a estes em diversos pontos da França; mas pertencem a uma epocha menos antiga, pois são todos posteriores á conquista romana, confirmados pelos objectos que n'elles existiam. Alguns d'estes poços de Marzabotto differem pelo feitio, pois que em logar de serem cylindricos, como geralmente são construidos, teem uma fórma de amphora sobre o comprido, ou como se imitassem o feitio d'um badalo de sino! A sua profundidade varia de 2,^{m}25 a 10,^{m}25; sendo a sua abertura de 30 a 77 centimetros, e construidos de pequenos seixos agudos sem cimento, collocados com grande esmero. (V. o desenho.) Um d'estes poços estava assente sobre a antiga superficie da Necropole por um rectangulo de 4,^{m}36 e 1,^{m}20 de alto, construido de grandes pedras sem argamassa; tinha degraos para subir a elle, talvez para celebrar sobre o defuncto as *silicernias* annuaes.

Estes poços encerravam de um a tres esqueletos humanos, uma grande urna, vazos de bronze e barro (alguns pintados), e diversos objectos; entre outros uma lagea funerea, sobre a qual estava gravado um nome etrusco. Dentro havia muitas camadas de ossadas de animaes, a saber: do grande e pequeno boi, de ovelha, de cabra, de porco, de cão, de gato, veado, lebre, cavallo, burro e

sapo; havia cascas de marisco e bocados de armas de veado, porém serradas.

Outros sepulchros eram feitos de grandes tijolos do feitio de caixa com tampa angular, contendo esqueletos e objectos de enfeites de valor. Finalmente 170 sepulturas em forma de cofre construidas com grandes lages de trufo lavrado, contendo quasi todos os restos da fogueira, muitos diversos objectos, e sobretudo vazos pintados, outros de bronze, em alabastro e em vidro, estatuasinhas, espelhos em bronze e enfeites de ouro. No mais pequeno d'estes sepulchros havia 57 objectos d'este metal.

Os principaes objectos descobertos em 1831 são:

Esteles ou cippos ornados de cornijas em tufo, sendo specimens de architectura notaveis, muito raros na Etruria Septentrional.

A base em marmore de uma columna sepulchral com 4 cabeças de carneiro esculpidas nos angulos de uma maneira toda primitiva, e que parece ter relação ao culto de *Ammon*, nome que os povos da Lybia davam a Jupiter.

Uma estele funerea em grés, onde estava esculpido, em baixo relevo, um corpo de mulher vestida de uma tunica e de um pallium (a toga grega), na attitude de levar aos labios uma *patera* (pires para beber vinho). principiando a libação aos deuses acheronticos (infernaes). Esta estele é uma das mais notaveis não sómente na Etruria, por causa do objecto representado, como pela maneira antiga da esculptura, e sobre tudo por dar a certeza de que foi trabalho executado n'aquella localidade.

Muitas *antefixas* com pequenas palmas em relevo e coloridas (modelo), as quaes serviam para os remates dos tumulos.

Cacos de vasos pintados, principalmente *cotyles* (vasos que serviam para medir a porção dos remedios) tendo figuras pretas sobre fundo encarnado, ou figuras encarnadas sobre fundo escuro.

Alguidares de barro para cobrir as urnas.

Vasos em alabastro para perfumes; outros de vidro colorido, encontrados nas sepulturas de mulheres.

Espheras achatadas em pedra calcarea, nas quaes ha gravadas 3 linhas parallelas, sobre a outra 4 linhas tambem parallelas; e outras tendo um X; serviam para pezos.

Muitos milheiros de bocados de *aes-rude*, que foi o primeiro meio legal de se trocar pelos generos, e o primeiro passo para realisar a moeda, dinheiro; o seu pezo é 10 a 249 grammas.

Cestas de bronze, de uma fórma particular á Etruria. Serviam de urna para se guardarem os ossos calcinados.

Uma perna inteira d'homem, de bronze, é um objecto votivo bastante curioso.

Espelhos em bronze ornados de folhagens; apenas havia dois na Etruria.

Braceletes em bronze, outros de ferro e um de prata, os quaes estavam ainda enfiados no radium de esqueletos.

Dados para jogar; uns, pretos, de barro, outros de osso, dos quaes alguns são singulares pela sua forma parallelipipeda. Encontram-se similhantes no Oriente, mas differentes pela disposição dos numeros d'aquelles como sempre estão marcados os dados gregos e romanos.

Pequenas cabêças de mulher, e de animaes em relevo, que provavelmente serviram de amuletos.

Anneis de differentes feitios de bronze, prata e ouro; alguns com pedras preciosas.

Finalmente, grande quantidade de craneos humanos foram achados n'esta Necropole, posto que esmigalhados.

De todas as ossadas de animaes ajuntadas, para se conhecer a que especie pertenciam, só de 18 se pôde reconhecer a raça. Resultou d'este estudo, que a do boi de pequenas armas, que presentemente não existe na Italia, era então muito commum n'aquelle tempo; assim como duas especies de cabra com os chifres muito grandes. Tambem havia em Marzabotto o cão e o porco silvestre, o javali, o veado, a cabra montez e o urso, de maneira que a fauna d'este paiz teve modificações depois da épocha d'esta Necropole.

J. P. N. da Silva.

A PROPOSITO DAS MUMIAS AMERICANAS EXPOSTAS NO MUSEU DO CARMO

(Continuado do n.º 1, tom. V)

No tempo da pedra polida o corpo era amortalhado na cortiça branca de certas arvores, coberto com placas de mica, mettido entre lousas á guisa de uma caixa de pedra, aonde tambem encerravam com elle suas armas, utensilios de pedra, manilhas de aço, e talismans, como se tem encontrado nas antigas sepulturas do Peru.

Na idade do bronze, na Europa, os cadaveres eram sepultados em troncos de arvores, escavados em fórma de piroga, ou queimados, e as cinzas guardadas n'uma urna.

Todos estes monumentos funerarios, e processos de sepultação, eram destinados, sob uma idéa religiosa, á conservação do cadaver.

Assim, desde os tempos sem tradição, pelo que nos revela a paleographia granitica, fosse a sepultura uma gruta, uma caverna, o macisso de uma floresta ou o recinto de um templo, encontramos sempre n'esses comoros de terra montões de pe-

dras, cellulas, obeliscos, pyramides, a idéa de um futuro posthumo, o emblema da immortalidade, o orgulho da divinisação.

Procurando para o seu morto a sepultura, n'essa espontanea manifestação, mostra o homem respeitar os restos do seu similhante, e honrar a sua memoria.

De todas as sepulturas antigas as mais celebres e sumptuosas foram as egypcias, assim como nenhum povo ainda as egualou na edificação dos mausoléos, na arte de embalsamamentos, na decoração dos esquifes.

Agora mesmo os specimens dos corpos preparados por embalsamamento como preservação contra os estragos da putrilagem, resistem ha milhares de seculos, com espanto nosso ao seu desfazimento.

Porque sabiam que o tempo tudo envolve em feral mortalha para uma causa final, crença intima, pedra fundamental de toda a philosophia antiga e moderna; como receiassem, que o seu pó se misturasse com as cinzas da humanidade e sem epitaphio, caisse no eterno tumulo do olvido; ou que, de geração em geração, redemoinhasse á feição dos ventos, sobre as cabeças dos nossos vindouros, a intuição natural, a sciencia adquirida, inspirou-lhes um dogma, ensinou-lhes o culto, abriu-lhes a sepultura, para receber um corpo embalsamado.

A esses corpos seccos, mirrados ou embalsamados, se tem dado o nome generico de mumias.

A palavra — mumia — que na lingua arabe se escreve — muin — e significa cêra, foi apropriada, pelo decurso dos tempos, a designar genericamente todo o cadaver, quer de homem, quer de animal, que se encontre resequido, e desfeito a pelle e ossos; seja pelas qualidades da terra de inhumação, ou por embalsamamento de substancias adstringentes, e odoriferas, com o fim de evitar a podridão; por isso, n'estes casos, tambem Saumaise a deriva do vocabulo persa — *amom* — perfume.

O embalsamamento, qualquer que fosse o processo empregado, era feito em porfias de preservar o cadaver de corrupção e devoramento de vermes. N'este caso a mumificação era artificial; ha outros, porém, em que a conservação dos mortos é devida a causas accidentaes.

Podem notar-se tres especies de mumias, as de cadaveres, que foram reduzidos pelas reacções physico-chimicas ou dos terrenos em que jazeram, ou dos sarcophagos em que foram sepultados.

Seja exemplo, o que na chronica de el-rei D. Manuel, relata Damião de Goes: «O infante D. Henrique, cardeal, no anno de 1555, sessenta annos depois do fallecimento do glorioso rei D. João, mandou abrir a sua sepultura, e n'ella viu o seu corpo inteiro e d'elle sahir suavissimo odor »

Tambem as dos suppliciados, cujos cadaveres por muito tempo estiveram suspensos nas forcas, pela influencia do sol, e dos ventos seccos se consomem mirrados.

Finalmente muitas provém de caminheiros, que nas caravanas, atravessando os grandes desertos da Africa e da America, foram envolvidos pelas tempestades de areia e sob ellas, pela ardencia do clima, reduzidos a corpos seccos.

Todavia a palavra — mumia — melhor se emprega, e de preferencia, conforme a etymologia arabe, para significar o cadaver do homem ou de qualquer animal, embalsamado por um processo particular, e conservado para incorrupção.

E assim grande é a dessimilhança entre os cadaveres seccos pela influencia do sol, e da atmosphera, ou conservados pelas reacções chimicas da sepultura ou preservados da putrilagem por adstringentes, anti-putridos, balsamos, resinas e aromas.

Mesmo em relação aos processos antigos e modernos, ha grandes differenças, tanto na preparação dos mortos como tambem nos agentes empregados, e assim no methodo e execução do embalsamamento.

Sem nos demorarmos sobre os methodos de embalsamamentos modernos ao alcance de todos, recuemos até aos tempos da tradição e da historia antiga, e archivemos o que n'essas remotissimas eras occorreu de mais verosimil e notavel.

Nos longos periodos das idades da pedra até á do bronze, os homens, muito comparaveis n'alguns habitos, praticas e recursos da existencia com a selvageria actual das tribus da Polynesia, dos sertões da Africa, e das florestas e desertos da America, segundo a raça, vida pastoril, nomada, guerreira, ou lacustre, vislumbres de moral e de religião, sem ritual, a não ser a do amor e de respeito pelos seus mortos, sepultavam, queimavam ou dessecavam os cadaveres.

Os dois processos, soterramento e cremação, foram, no principio da humanidade, os mais seguidos; e o ultimo o mais hygienico, porque previne o inquinamento dos ares de mephytismos, e a nocividade das aguas pelo infiltramento da putrilagem nos terrenos.

Melhor fôra, para salubridade publica, a incineração dos cadaveres, do que dal-os á terra, mas a isso se oppõem os dogmas de cultos religiosos, e os ritos e funeraes de enterramentos privativos; pelo que as urnas e lacrimatorios cairam em desuso.

E os restos humanos, recolhidos em dolmens cellulares nas Indias, em tumuli nas Americas, em hypogeus no Egypto, em cromleks, como na Bretanha, ou queimados, qual ainda hoje se pratica na Australia, foram sempre guardados para commemoração e recompensa.

O saimento do defunto era um acto simples, necessario e esperançoso, e fazia-se, conforme a dôr do coração, que era então o verdadeiro luto da familia.

Mais tarde, as tribus transformadas em nações, a toante da civilisação e do culto religioso, fizeram exequias aos seus mortos, com funeraes de honras, de festas publicas, de apotheoses, e sempre, o peior e mais horrivel de tudo, com sacrificios cruentos, degollações de homens e de animaes.

Das mais antigas civilisações admiramos ainda hoje os destroços e ruinas de templos, de circos, de amphytheatros e de fortalezas. Fóra da religião e da guerra poucos são os edificios notaveis e de utilidade publica.

Assim, para julgarmos da mumificação, funeraes e sepulturas no velho Egypto, dos seus grandiosos monumentos, construidos ha mais de quatro mil annos, nos reinados dos primeiros Pharaós, bastanos revolver as ervas e roçar os mattos, que cobrem as magnificas cidades de Memphis e de Thebas; ou ir ao fundo das montanhas descarnar os hypogeus que serviram para sepultamento dos antigos habitantes das margens do Nilo.

Ao pensamento do theocrata, á voz do hyptha, a musculosa mão do arabe troglodyta, sem escopro de ferro, metal ainda desconhecido, arrancou da rocha viva esses enormes pylones, de que se formaram as pyramides, soberbas pelo assombro de grandeza, os alevantados obeliscos, os dromas de androsphynges; e essas cylindricas ou polygonas columnas de capiteis, em forma de sino voltado ou quadrangulares, com enfeites brutescos, á guiza de caryatides, para supportarem, na profundeza das montanhas, as galerias e salas d'esse palacio sepultural, em cujas abobadas e paredes se esculpiam em affigurados e cinzelados relevos as divindades do ritual isiaco, circumdadas como de ornatos pelos quinhentos hieroglyphos do elegante alphabeto egypciaco.

Essas collossaes pyramides, que sobre as areias de Gyzeth erigiu o orgulho dos Pharaós nas faustosas monarchias theocraticas, e que assistiram a vinte e cinco esplendorosas dynastias, foram as sepulturas do famoso Cheops, de Cephrem e de Mycerinos.

Esses gigantes de pedra, testemunhas de guerras fratricidas, das pragas de Moysés, da fuga dos Israelitas, das conquistas de Alexandre, das torpezas de Cleopatra, do assassinato de Pompeu, ouviram em 1798 a eloquente apostrophe do bravo general Bonaparte, que, á frente de um punhado de heroes, destroçou esses feros mamelucos, defensores do despotismo musulmano; e vêde-as ainda agora firmes e solertes como phantasmas do cego despotismo ao estrondo dos canhões aguardar a hora de redempção moral que em fraterno amplexo una as castas e iguale os povos, a cumprir-se a prophecia de Moysés ao atravessar o mar das Algas, guiado por uma columna de fumo.

Estes monumentos funebres, desde as pyramides e mausoléos que affrontam os horisontes do mundo, até ás syringes e hypogeus, escavadas nas entranhas da terra, foram fabricados para receber as mumias dos predestinados.

O embalsamamento dos cadaveres era, no antigo Egypto, obrigatorio. Nas capitaes, conforme as leis civis e o culto isiaco, e segundo a pragmatica e ritual, a mumificação dos reis, magnates e opulentos fazia-se com magnificencia; os cadaveres além de embalsamados, ungiam-nos com aromas.

Comquanto esta pratica fosse geral nas grandes cidades e nas provincias, não se creia que os mortos do povo fossem assim preparados.

Os mais humildes, como sempre, e os miseros escravos podiam apenas contar com uma escavação no interior da montanha. Os seus cadaveres, pobremente enfaixados n'um panno de grosseria, e asphaltados, endurecidos como pedra, com o rosto resequido e da côr do ebano, eram depostos sob uma camada de areia e carvão, para obterem uma completa incorruptibilidade.

Processo fôra este seguro, se não fôra demorado e dispendioso, porque hygienicamente nos livrára dos males dos cemiterios.

Estes embalsamamentos, quer pobres, quer sumptuosos, essas ostentações funerarias, não foram sómente a consequencia do ritual e das civilisações orientaes, como tambem são o reflexo apaixonado do amor de familia e do respeito pelos mortos, em que os que sobrevivem significam no ultimo adeus a saudade que lhes fica.

Os processos custosos de embalsamamento, de ornatos, de cartonagens, de esquifes e decorações de sepulchros e hypogeus, exigiam a intervenção de muitos, e especiaes artistas, como eram esculptores, architectos, pintores, aderecistas, douradores, ourives, marceneiros, armadores, oleiros e hyeroglyphitas, que, arredados das capitaes, viviam agrupados em povoações distinctas, com bairros demarcados para suas differentes officinas.

Por exemplo: Defronte da famosa Thebas, das cidades de cem portas, hoje em ruinas mal definidas...

«Cadano le citá, cadano i regni.
Copre Thebe, e Carthago erba ed arena.»

Da outra banda do Nilo avistava-se uma grande povoação, os Memnovias, que se empregavam exclusivamente nos embalsamamentos, e mais artificios funerarios.

Os embalsamadores, conforme a hierarchia social, apresentavam á familia do finado os seus mo-

delos de mumificação, em figuras de madeira ou em quadros de pintura, que, á raza de preços, podia escolher, como bem lhe aprazia e convinha.

Apoz o contracto, suppondo um embalsamamento magnificente, esses restauradores dos estragos da morte procuravam conservar no cadaver todas as reminiscencias da sua vida physica e moral. Em conformidade com os monumentos funebres, a que impunham o sello da eternidade, assim com a mumificação preparavam o defunto para a immortalidade.

Cada embalsamador tinha a sua attribuição especial.

O paraschiato, com um instrumento obliquo, em forma de pinça, extraía, pelas narinas, o cerebro; e após enchia a cavidade craneana de puro licor de cedria. Em acto continuo, com uma faca de obsidiana da Ethiopia, praticava uma larga incisão no flanco direito, por onde lhe arrancava as visceras, que, lavadas com vinho de palmeira, e envolvidas em pós aromaticos, eram fechadas em urnas de marmore oriental ou de argilla com bellos lavores e pinturas.

A cavidade do ventre era cheia de algodão embebido em balsamos e perfumes, excepto do incenso, e por onde tambem introduziam estatuetas de barro, esmaltado de symbolismo e talisman. Logo depois unia os labios da incisão abdominal com pontos de sutura.

Entrançava-lhe os cabellos para ulterior arranjo; e assim preparado o cadaver, o entregava ao colchyto, que o immergia n'um banho geral de natrum, por não menos de trinta dias, nem mais de setenta. Findo este praso de salmoura, era o corpo bem limpo e lavado com vinho de palmeira, ungido de perfumes e entregue ao tarischenta, que o enfaixava, segundo a cathegoria do personagem, com todo o esmero e admiravel artificio, como mais adiante veremos.

E assim embalsamado o defunto, e depositada a mumia no jazigo, tal fascinação promovia o seu aspecto ao profanador, tal prestigio ao antiquario, que explorava o seu recesso funebre, que a muita gente preoccupou a idéa de que, nas mumias, por immanencia, havia um espirito, independente da alma, que lhe vitalisára o corpo, e que, por uma reacção physico-chimica do novo plasma, adquirira qualidades magneticas e sympathicas a servir de nómina ou de talisman contra certas calamidades physicas e moraes.

Tal foi a voga d'estas crenças, e tantas as abusões medicas, que preconisavam as suas reliquias como remedio e esconjuro contra doenças nervosas, que o bom preço por que se vendiam as mumias egypcianas, vindas pelo Levante, convidou a avidez dos judeus e a traficancia dos gregos, a preparal-as ficticias, seccando em fornos os cadaveres, induzidos de pós de myrtha, de aloes caballino e de outras drogas.

(Co tinua) DR. BALDY.

É este *Boletim* um repositorio de importantes noticias scientificas e artisticas, e na sua principal direcção tem sido incansavel o venerando presidente da real associação dos architectos e archeologos, sr. Possidonio da Silva. Prestando homenagem ao merecimento de tão illustre cavalheiro, começamos agora, com permissão de s. ex.ª, a reproduzir uma memoria por elle escripta em 1868, que foi impressa em separado, mas que é possivel, é talvez certo, nem todos os nossos assignantes conheçam. Eis o notavel trabalho a que nos referimos:

MÉMOIRE DE L'ARCHÉOLOGIE SUR LA VÉRITABLE SIGNIFICATION DES SIGNES QU'ON VOIT GRAVÉS SUR LES ANCIENS MONUMENTS DU PORTUGAL, APPARTENANT A L'ARCHITECTURE DU MOYEN-ÂGE. AVEC 45 PLANCHES ET FAC-SIMILES.

En faisant publier le résultat de nos recherches sur l'interprétation qu'on peut donner aux différents signes avec lesquels les ouvriers tailleurs-de-pierre ont marqué les pierres des édifices, qui ont été bâtis en Portugal pendant le moyen-âge, et qui existent, non seulement sur les monuments religieux, mais aussi sur les civils, c'est dans l'intention de tâcher de découvrir si la signification supposée qui leur a été attribuée, est ou non la véritable. On les a regardés comme des signes symboliques, vu que dans ce temps-là, les ouvriers tailleurs-de-pierre et les maçons étaient rassemblés et initiés secrètement dans les mystères difficiles de leurs métiers. De cette manière ils étaient seuls capables de construire ces hardis édifices, ces monuments extraordinaires qui excitent encore aujourd'hui notre grande admiration; malgré que ce ne soit plus un mystère de connaître les règles de la stéréotomie, ni la manière de donner la stabilité nécessaire pour assurer la solidité de ces grandioses édifices, que nous ont laissé les générations éteintes du XI au XIV siècles, et qui méritent nos tributs d'éloges pour les travaux qu'ils ont exécutés à cette époque.

Désirant connaître à fond l'origine de l'invention de ces signes, il est de notre devoir d'éclaircir ce point autant que possible; et pour le rendre plus facile nous publions un grand nombre de ces marques, que nous avons copié de plusieurs édifices qui existent dans ce pays, et par leur comparaison on aura aussitôt la preuve, que ce que quelques personnes avaient pensé sur cette question assez confuse, était dénué de tout fondement; ce qu'il

faut sans doute attribuer à n'avoir encore paru aucun travail comparatif pour aider à trouver quelle serait la signification de ces divers signes. Nous n'avons pas la vanité de déchiffrer cet énigme, mais tout simplement de tâcher de faciliter le moyen pour qu'une autre personne plus intelligente et plus érudite puisse résoudre cette question si problématique jusqu'à présent.

Monsieur le Comte de Raczynski a été le premier qui a fait graver dans son remarquable ouvrage *Les Arts en Portugal* trois planches avec quelques signes copiés du château de *Freixo de Espada á Cinta*, de ceux de *Moncorvo*, de *Numão*, de *Lamego* et de *Beja*; il est disposé à croire que ces signes étaient choisis par les *franc-maçons* pour se reconnaître; parceque les ouvriers qui appartenaient à cette société, et qui pendant le moyen-âge parcouraient l'Europe Centrale pour exercer leurs métiers, bâtirent les monuments du style ogival. Nous avons fait imprimer d'autres signes dessinés d'après les plus remarquables édifices du Portugal, pour les mettre sous les yeux des amateurs qui se livrent aux études de l'archéologie; et en même temps nous voulons faire voir qu'on ne saurait admettre l'opinion de ceux qui ont cru que leur signification était maçonnique.

Les édifices que nous avons choisis pour copier ces signes sont: le *chateau de Leiria*; l'église de *Sainte Croix*, et celle de *Sainte Clara* (l'ancienne); *la Cathédrale* (l'ancienne) de la *Ville de Coimbra*; l'église de *Saint Jean d'Alporan*; celle de la *Graça* et de *Saint François* de la ville de *Santarem*; les églises de *Saint Jean*, *Sainte Marie de Oliveira* et celle du *Couvent* de la *Ville de Thomar*, les *Cathédrales* de *Lisbonne*, *Porto*, *Braga*, *Guimarães* et *Evora*; les églises et les couvents de *Batalha*, de *Belem*, d'*Odivellas* et de *Setubal*; l'église du *Carmo* de *Lisbonne*; le *palais royal* de la ville de *Cintra* et l'*ancien cloître* faisant partie du *château* de S. M. le Roi D. Ferdinand, *dans la même ville;* ainsi que les signes des *châteaux* de *Numão*, *Lamego*, et *Moncorvo*, copiés d'après l'ouvrage de Mr. le Comte Raczynski.

La première chose à remarquer, c'est que tous les signes gravés sur ces différents édifices ne sont pas identiques ; quand tous les archéologues sont d'accord sur la fondation de ces sociétés maçonniques, qui étaient chargées de faire ces constructions, et qu'elles jouissaient de tant de considération jusqu'à recevoir la très-puissante protection des ordres religieux, et encore celles des Princes et des Papes.

En second lieu, pourquoi ces ouvriers *franc-maçons*, qui marchaient tous ensemble pour aller exécuter leurs travaux, même ceux de leur pays et ailleurs, se transportant avec leurs familles dans les pays étrangers, auraient-ils mis ces signes sur les pierres puisque tous leurs compagnons se connaissaient pour leurs associés?

Car il n'y avait que *les initiés* ou *affiliés à leurs loges*, qui étaient admis à prêter concours à faire ces belles constructions; et pouvoir de cette manière se protéger réciproquement, comme de loyaux frères, et *surtout conserver entre eux les secrets de leur métier*. Pourquoi donc montrer ces marques à tout le monde, si c'était (comme on dit) dans l'intention de se *reconnaître* pour *franc-maçons*, si tous ces ouvriers se connaissaient déjà pour *frères*? Et d'ailleurs leur était-il permis de rendre publiques ces signes, s'ils étaient réellement ceux du Rite dans lequel ils avaient été initiés?

En dernier lieu, si ces signes étaient positivement caractéristiques de *l'ordre maçonnique*, ils devaient sans aucun doute paraître identiques sur tous les édifices; parceque le *quadre hiéroglyphique* étant composé d'un certain nombre de figures, et la maçonnerie n'ayant au commencement qu'un seul Rite, ce devait être nécessairement qu'ils auraient employé dans les cas urgents pour se reconnaître, ou se correspondre; mais jamais pour s'en servir inutilement, et les exposer aux regards du public, ou des *profanes*.

De la réflexion attentive sur toutes ces objections, et aussi parce qu'il existe une si grande diversité de ces signes, nous croyons déduire une preuve assez positive pour nous convaincre que ces figures ne sont nullement symboliques, et ne sauraient avoir aucune signification complète; car, pour cela il aurait fallu que ces signes fussent gravés dans un certain ordre; cependant on ne trouve cela aucunement sur les édifices que nous avons examinés, et dont nous présentons les marques: on les voit au contraire placés sur des pierres à différentes hauteurs et sans qu'ils aient aucun rapport entre eux, et d'ailleurs un grand nombre se trouvent placés dans une position contraire, malgré qu'ils soient semblables pour la forme. Nous nous réservons d'expliquer ici, après, la raison de cette ressemblance des signes entre eux; ainsi que le motif pour lequel les mêmes signes se trouvent plusieurs fois répétés sur quelques-uns de ces monuments !

Il est hors de doute, que l'habitude de graver ces marques sur les édifices du moyen-âge en Portugal, était une chose très-nécessaire; car on ne saurait supposer que cette constante répétition ne fut qu'une puérilité, que ce fut un sot amusement de la part de tant d'ouvriers de marquer des pierres en si grand nombre, et sur tous les édifices, sans qu'il y eût pour cela une nécessité obligatoire. Nous tâcherons dans ce mémoire de donner une explication plausible, en attendant une autre plus convaincante ; nous offrons celle qui nous a le plus

frappé dans nos recherches minutieuses; si elle ne satisfait pas entièrement les amis de la science, peut-être appellera-t-elle l'attention des personnes plus compétentes, qui la feront dériver d'une autre origine, et dont les érudites démonstrations par leur véracité entraineront la conviction de tous.

(A suivre.) LE CHEVALIER J. DA SILVA.

Havendo tambem obtido auctorisação do auctor d'esta memoria para extractarmos periodos da correspondencia que teve com diversos homens de sciencia, tanto nacionaes como estrangeiros, a quem consultou ácerca da interpretação que deu aos signaes gravados nas pedras das construcções executadas nos monumentos da idade-media; julgamos interessante fazer egualmente conhecidas as importantes apreciações de pessoas tão respeitaveis pela sua illustração.

Sr. — .....
é todavia de parecer a generalidade dos membros d'esta corporação, a quem o folheto de v. foi presente — que o serviço prestado revela da parte de v. um trabalho importante, do qual deverão por ventura conseguir-se vantagens para o estudo da archeologia. — *José Ernesto de Carvalho e Rego*, vice-reitor da Universidade de Coimbra.

Monsieur. — Le conseil de la Société archéologique d'Athènes ayant pris dernièrement en considération votre livre intéressant sur les signes qui se trouvent sculptés sur les constructions du moyen âge, vous a admis avec grand plaisir au nombre de ses membres correspondants.

Nous avons, monsieur, toute la confiance dans votre zèle pour la science, que vous voudrez bien continuer à concourir au but scientifique de la dite Société. *Philippe Jeans.— Etienne Coumanonds.*

Sr. — Recebi e agradeço o opusculo de v. ácerca dos signaes gravados nas pedras dos antigos edificios.....

A opinião de v. acho-a fundada em boas razões e extremamente sensata.

Santarem, 1 de outubro de 1868. *A. Herculano.*

Sr. — .....
o valioso presente que v. me quiz fazer, da sua interessante e muito curiosa Memoria, que eu muito agradeço. Posso, porém, assegurar a v. que eu muito admirei a paciencia, o zelo e a intelligencia com que v. procedeu no trabalho insano de colligir, classificar comparar e desenhar uma tão numerosa e variada multidão de Jeroglificos, extrahidos de tantos edificios antigos notaveis, espalhados por toda a superficie d'este nosso Portugal, e tendentes a reconstituir e descortinar a linguagem symbolica dos architectos e pedreiros d'aquellas remotas idades. — Lisboa, 17 de novembro de 1868. — *Conde da Carreira.*

Sr. — .....
não ter ainda agradecido o mimo com que me prendou da sua interessante memoria sobre os signaes gravados nos nossos monumentos architectonicos.

Li com bastante gosto o seu trabalho que attrahe agradavelmente o interesse; e a critica apurada com que o assumpto é tratado, atêa a claridade por entre as trevas da historia das bellas artes em o nosso paiz e em um ponto inteiramente desconhecido, com credito do quem o tratou com tanta proficiencia. — *Visconde de Juromenha.* — 6 de novembro de 1869.

Monsieur le chevalier. — Je suis très disposé à m ranger à votre avis et il me parait t ès probable que les signes en qu stion no sont pas autre chose que ce que vous supposez et n'ont rien de commun avec l'association maçonnique.....
.....

J'aime beaucoup plusieurs de vos beaux monuments architectoniques des temps passés et je m'intéresse vivement à votre pays. Je vous prie de recevoir l'assurance de ma considération très distinguée. — Berlin, 29 octobre 1868. *C. Raczynski.*

(*Continúa*).

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Foi approvada por acclamação a proposta apresentada pelo nosso digno presidente, na sessão da assembléa geral do mez de Abril, a fim de que uma commissão fosse ao paço d'Ajuda solicitar de S. A. o Principe Real nos concedesse a honra d'acceitar ser o presidente honorario e protector da Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes.

Tendo-se, pois, dirigido ao Paço a commissão composta do presidente em exercicio, o sr. Possidonio da Silva, dos dois secretarios srs. visconde de Alemquer e de Castilho, e dos srs. socios general Azevedo e Zepherino Brandão, no dia 10 de maio, á uma hora da tarde, recebeu-a Sua Alteza o Principe Real com a affabilidade que lhe é peculiar pelo seu bondoso caracter. Ouvindo do presidente o pedido para que se dignasse occupar na mesma Real Associação o logar de seu Augusto Avô El-Rei o Senhor D. Fernando de saudosissima memoria, Sua Alteza dignou-se acceder ao que a Associação tanto desejava, manifestando estar disposto a proteger este instituto, contribuindo com tudo que elle precisasse para o seu progressivo desenvolvimento.

Na mesma occasião a referida commissão felicitou o Augusto Principe, em nome da nossa Associação, pelo seu venturoso consorcio, o que Sua Alteza agradeceu com bastante amabilidade. A commissão manifestou tambem ao Principe Real quanto a Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes lhe estava reconhecida por ter Sua Alteza protegido generosamente os estudos archeologicos em Portugal, facto glorioso que ficará assignalado na historia de tão illustrado Principe.

O sr. barão da Fonte Bella, digno socio effectivo da nossa Real Associação, fez-lhe uma offerta de subido apreço historico, mandando transportar da ilha de S. Miguel a capella portatil, na qual se disse a missa a que assistiram os 7:500 valorosos liberaes que deram á sua patria as regalias constitucionaes.

Essa reliquia historica que commemora o acrisolado patriotismo d'esses heroes, está patente no museu do Carmo, e se pelo seu merecimento artistico não causa admiração, certamente será contemplada com veneração pelos portuguezes, pois representa o altar da liberdade e da civilisação.

A bibliotheca da nossa associação recebeu uma obra artistica de grande apreço, constando de quatro volumes em 4.º com dezenas de excellentes gravuras de monumentos architectonicos de differentes estylos. Foi offerecida pelo nosso muito illustre socio effectivo sr. marquez de Vallada. De um fidalgo

de tão reconhecida illustração não se podia receber senão uma obra escolhida de superior merecimento como são todas as que ornam a bibliotheca d'este erudito e afamado cultor das lettras.

Deliberou a assembléa geral que se effectuasse uma sessão solemne afim de se ler o elogio historico do chorado Principe El-Rei o Senhor D. Fernando, presidente de Honra e Protector da nossa Real Associação.

Foi convidado o distincto socio o sr. marquez de Vallada para se encarregar d'esse panegyrico, o que s. ex.ª acceitou do melhor agrado, não sómente para comprazer com a associação, como tambem prestar homenagem á memoria do finado que sempre respeitou com a veneração devida.

A assembléa geral da nossa associação approvou unanimemente a proposta do sr. Possidonio da Silva e o parecer do sr. Vilhena Barbosa, que publicamos n'outra secção, para se sollicitar dos Prelados Portuguezes que estabeleçam nos respectivos seminarios o curso de archeologia religiosa.

Esta resolução foi tomada em 2 de junho corrente.

O nosso consocio sr. Oliveira offereceu a esta associação o primeiro plano de construcção do real palacio d'Ajuda, plano que foi elaborado pelo architecto Manuel Caetano de Sousa.

Agradecendo a offerta, folgamos ao archivar mais este trabalho de reconhecido merito.

Assim podessemos obter muitos outros, que se acham dispersos, e, talvez, perdidos.

Ao insigne architecto mr. Charles Garnier, socio honorario da nossa Real Associação, foi conferida a grande medalha de ouro da rainha Victoria destinada pelo Instituto Real dos Architectos Britanicos a laurear os mais importantes serviços architectonicos, em todos os paizes, dos mais celebres architectos.

Esta subida distincção ao architecto francez é a maior consideração tributada ao seu raro talento e illustração, e causou grande satisfação aos seus confrades portuguezes, que o felicitam.

Da provincia da Bahia foram offerecidos pelo sr. Cesar Ribeiro de Cerqueira cinco machados de pedra, e um fragmento de material extraido de um monumento prehistorico.

O digno socio sr. José da Nova Monteiro, residente na mesma cidade, offereceu egualmente á nossa Associação dois machadinhos votivos, tres cachimbos de barro de uso indigena, uma espada formada de madeira tendo por gume nos dois lados dentes agudissimos de peixe espadam.

NOTICIARIO

O 10.º congresso internacional d'Anthropologia e d'Archeologia terá logar em Athenas no mez de agosto d'este anno, 1886.

Do *Diario de Noticias* de 27 de março ultimo:

PROPRIEDADE ONDE NASCEU DAMIÃO DE GOES

Foi vendida ha dias em praça, em Alemquer, por 11:200$000 réis em execução movida contra os herdeiros do seu ultimo possuidor, o sr. Augusto Telles Machado, que falleceu em Africa, onde estava em commissão de serviço publico, a quinta do Barreiro, onde nasceu o illustre historiador Damião de Goes, no anno de 1501, em commemoração de cuja data a camara municipal d'aquelle concelho fizera ali collocar uma lapide no anno de 1884, por instancia do insigne architecto, o sr. Joaquim Possidonio da Silva.

Fizeram voar pelos ares um extraordinario rochedo, situado á entrada do porto de Nova York. Seis mil pés cubicos de rochedo ficaram destruidos pela explosão, estando a mina em communicação com uma bateria, e deixando depois um *largo canal* por onde *poderam passar navios de alto bordo*. No momento da explosão as vagas ficaram bastante agitadas, e um volume enorme d'agua misturada de blocos de pedras e madeira quebrada subiu na altura de 150 a 200 pés; o que produziu um abalo em todos os bairros da cidade.

O sr. deputado Reis Torgal perguntou na camara ao governo se este tencionava obstar ao aniquilamento dos monumentos archeologicos que existem proximo de Thomar, no sitio onde esteve a antiga cidade de Nabancia.

O sr. ministro da fazenda declarou que o governo se interessa muito pela conservação dos monumentos nacionaes, quer artisticos, quer historicos, e que elle, orador, não tinha conhecimento do facto da camara municipal de Thomar mandar construir ali uma estrada.

Está reconhecido presentemente que os para-raios com haste de ferro são mais perigosos que uteis, e quanto maior altura tiverem mais contribuirão para destruir os edificios, devendo ser substituidos por pequenas pontas feitas de cobre.

A torre *gigantesca* de 300 metros, cuja construcção figurará na exposição de Paris em 1892, será toda de ferro; aos 70 metros de altura se estabelecerá uma grande plataforma onde haverá um *restaurant*. No cimo, debaixo da cupula, se poderá contemplar um panorama de 130 kilometros de extensão. Servirá tambem para observações astronomicas, principalmente para se apreciar o movimento da terra.

1886, Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1886 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:
Architectura monumental na Grecia — pelo sr. J. P. N da Silva ..... Pag. 33
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA.
Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal, appartenant à l'architecture du moyen âge. Avec 45 planches et fac-similes — par le Chevalier J. da Silva ..... » 39
A proposito das mumias americanas expostas no Museu do Carmo — (continuação) pelo Dr. Baldy ..... » 43
Bibliographia — pela Redacção — Os azulèjos — pelo sr. Gabriel Pereira ..... » 45
Chronica ..... » 47
Noticiario ..... » 48

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Na Grecia

Antes de tratarmos da arte monumental da Grecia, convém lançar um golpe de vista sobre a origem d'esta nação. Posto que se ignore quaes foram os primeiros habitantes da Hellada, todavia sabe-se com certeza que foi a mais antiga nação assignalada na Grecia pelos historiadores, e que os Pelasgos vindos do Oriente em 1:900 annos, antes da era v., se espalharam pela Asia Menor.

Este povo não tinha cidades, nem edificios publicos, nem tão pouco governo estabelecido. Achava-se dividido em differentes tribus, que disputavam a primasia sobre o dominio do paiz. Foi por esta causa que a tribu dos Hellenos, a mais poderosa de todas, expulsou os outros Pelasgos da Grecia.

Passados tempos, as demais tribus de que se compunha a nação dos Hellenos, dividiram-se egualmente; e quatro d'ellas tiveram um grande predominio, sendo estas as dos Dorios, Jonios, Eolios e Acheus. As duas primeiras podem ser unicamente consideradas como as principaes tribus da Hellada. Os Jonios, de um caracter voluvel e emprehendedor, occuparam a Attica, região da Grecia a mais oriental de todas, entre o mar Egéo e a Béocia. Os Dorios, de um humor grave e austero, espalharam-se, no seculo XII antes de Christo, no Peloponeso, peninsula que limita a Grecia ao sul e a reune ao continente pelo isthmo de Corintho, conhecido hoje com o nome de Moréa, que lhe deram os venezianos, quando a possuiram no anno de 1204 da nossa era. Todavia o mais certo é ter vindo a colonia dos Pelops da Asia Menor, e foram elles que deram o seu nome ao Peloponeso.

E' pois, d'essa épocha, em que viveram heroes tão celebres nas tradições gregas, que se devem datar as mais remotas construcções da Hellada. Esses povos praticavam as edificações das suas cidades nos cumes das montanhas, cercadas por muralhas de excessiva grossura feitas com pedras toscas, construcções conhecidas pelo nome de Cyclopeannas e Pelasgicas. Por esta fórma são as muralhas de Tyrinthio da era de 1380 antes de Christo. Entre os edificios que fizeram construir os antigos soberanos da Hellada, devemos citar os Thesouros com feitio de torres conoides e de abobadas, onde guardavam as suas riquezas, conservando-se ainda em perfeito estado um d'estes edificios da era 1481 antes

de Christo, em Mycenas, cidade de Argolida ao norte de Argos.

Por estes monumentos se conhece que os gregos, em uma épocha bastante remota da historia, sabiam já edificar muralhas com pedras apparelhadas e conheciam a arte de construir abobadas.

Em quanto aos monumentos consagrados aos Deuses, ha pouco conhecimento d'essas edificações. Sabe-se unicamente que levantaram templos a Apollo em Trezena; a Minerva, na Phocêa e na Jonia; a Apollo, em Samos; a Jupiter, em Egina; a Venus-Urania, em Athenas; a Juno, em Argos, e a Diana em Megara.

Taes são as noções que possuimos sobre as primitivas construcções executadas na Grecia durante o periodo heroico, podendo se deduzir d'estas considerações que os Hellenos empregavam as materias mais faceis de pôr em obra, e que antes de ornar os seus monumentos com esculpturas, cobriam-os de bronze e cobre.

Na época da guerra de Troia, 1209, a civilisação grega tinha feito grandes progressos. As expedições maritimas tinham engrandecido o desenvolvimento das idéas, e excitado um impulso consid - ravel. Foi depois d'esta época de prosperidade, que a tribu Dorica veiu a ser a dominante, e enviou colonias para a Asia Menor e Italia Meridional. Estas colonias tinham com a metropole uma união de origem, de linguagem, de intelligencia e de interesses, que motivou ficarem unidas por relações reciprocas. As artes egualmente prosperavam como as lettras. As colonias da Asia Menor, emquanto a Grecia estava occupada com as luctas dos Héraclitos, descendentes de Hercules, os quaes queriam apoderar-se de Peloponeso, (como veiu a acontecer depois em 1104 antes da era de Christo), gozavam dos beneficios da paz e poderam emprehender importantes construcções. N'esta mesma época, os Jonios levantaram na Sicilia e na Italia templos que ornaram com columnas de um genero particular, as quaes conservaram o nome d'este povo. Egualmente na Hellada, não obstante as guerras intestinas que desolaram aquelle paiz, edificaram monumentos de primeira ordem, entre os quaes citaremos o sanctuario de Esculapio que aprendeu a medicina com o centauro Chiron, e os tumulos de Agammenon, marido da rainha Clytemnestra, e dos outros gregos mortos por Egistho, amante d'essa rainha perjura.

A architectura Dorica e a Jonica da Asia, desenvolveram-se simultaneamente; a primeira foi sobria no emprego dos ornamentos e tinha um caracter severo; a segunda, desde o seu principio, teve o aspecto elegante e gracioso que distingue os monumentos que ella orna.

Logo no começo da primeira Olympiada, em 776 annos antes da era de Christo, apparece um 3.° periodo, durante o qual os progressos da architectura hellenica foram bastante visiveis, e muito mais rapidos do que anteriormente: contribuindo muito para este desenvolvimento os jogos pythicos e olympicos, os quaes fazendo reunir todos os homens mais distinctos da Grecia, e excitando entre elles uma nobre emulação, deram logar a que as cidades de Corintho, Eginia, Delphos, Delos, Athenas, Olympia, Sicyonia e Megara, se aformoseassem com bellos monumentos, os quaes foram depois reconstruidos ainda com maior magnificencia.

Um 4.° periodo comprehende todo o tempo que decorre desde a victoria dos Gregos sobre os Persas e a submissão da Hellada ao dominio Macedonio; desde a LXXV á CXI olympiada, isto é, a começar do anno 479 até 336 antes de Jesus Christo.

Os exercitos de Dario e de Xerxes tinham devastado a Attica e o Peloponeso, e arruinado todos os antigos monumentos, mas depois que expulsou os inimigos e concluiu a paz, a Grecia veiu a ser mais poderosa e mais prospera que nunca. O perigo tinha estreitado os laços da nacionalidade entre estes diversos povos da Hellada. As suas cidades ricas de despojos da Asia e tranquillas a respeito dos perigos da guerra, dedicaram-se então á cultura das sciencias, das lettras, das artes e da philosophia, com um enthusiasmo que fez produzir obras as mais perfeitas e as mais admiraveis que a intelligencia humana tenha conseguido realisar. Eschylo alcançou o premio pelas suas tragedias, e traçou essa vereda luminosa e poetica que seguiram depois d'elle e com tanto brilho, Sophócles e Euripides. Uma philosophia sublime era ensinada por Anaxágoras, Platão e Socrates, ao mesmo tempo que os architectos Callicrates, Ictinus, Mnéricles, Corobus, Eupolemus, Metagene, Polyclito e Xenocles, levantavam monumentos de estylo o mais puro. Hippodamus, Phidias, Ctésias, Phradmon, Myron, Alcamenes e Pœmius, conduziam a esculptura ao seu mais alto grau de perfeição; e a pintura produziu as suas mais bellas obras primas com os pinceis de Polygnoto, de Denys, de Micen, de Nicanor, d'Apollodoro, e de tantos outros artistas, em que os historiadores nos conservaram os nomes gloriosos.

Erguem-se templos, edificam-se Agoras ornadas de columnas, construem-se theatros de cantaria, cercam-se as cidades de novas muralhas: edificam-se gymnasios que competem com os sanctuarios dos deuses, tanto pela belleza da architectura como pela riqueza da decoração.

Athenas então obtem a preeminencia sobre as outras cidades da Hellada, vindo a ser o centro das artes e das letras, e se enriquece, sob a brilhante

administração de Péricles, dos mais sumptuosos monumentos que se possam citar, e a arte monumental da Grecia apparece no seu maior esplendor e causa assombro no mundo. Este varão illustre, que deixou d'existir em 429 antes de Christo, teve uma influencia tão activa sobre as letras e as artes durante todo o tempo que elle conservou o poder, que mereceu como Augusto, Leão X, Luiz XIV e Pombal a gloria de dar o seu nome ao seu seculo.

As causas que contribuiram na Grecia para este extraordinario desenvolvimento das Bellas Artes tão digno do nosso assombro e da nossa admiração, devem ser explicadas. Entre as despezas de primeira ordem do Estado, comprehendia-se a de realçar a honra e gloria das suas cidades, e por esta rasão não se eximiam de nenhum sacrificio para estampar nas construcções religiosas o maior caracter possivel de magestade e de magnificencia. É preciso tambem notar que a cultura das Bellas Artes na Hellada era um objecto inteiramente politico. Não só se edificavam grandiosos monumentos, como tambem as estatuas e bustos eram egualmente outros monumentos publicos, que se collocavam nos templos e com os quaes se ornavam os theatros, os porticos, e os gymnasios: portanto a arte, na Grecia antiga, tinha um caracter eminentemente nacional. Todas as suas manifestações eram consagradas á religião, ou faziam a apotheose dos homens cujo talento e coragem eram a gloria da patria; o que excitava uma nobre emulação entre as cidades, e fazia que os artistas fossem respeitados do mesmo modo que mereciam os magistrados os mais distinctos. Alem de que, o povo grego dotado de uma razão clara, imaginação poetica, e gosto dedicado, que era o seu apanagio, julgava os artistas, e sabia na occasião com os seus applausos e distincções publicas animal-os a produzirem obras primas.

Não emprehenderemos indicar todas as construcções monumentaes de que os auctores antigos nos conservaram a lembrança, nem tão pouco todas aquellas de que existem ainda restos magestosos na Attica e no Peloponeso. Não foram sómente as cidades da Grecia, como Thebas, Argos, Megara, Sicyonia, Megalopolis, Delfos, Elis, Epidauro, que se illustraram com magnificos monumentos: egualmente as cidades da Jonia, na Asia Menor, tiveram excellentes artistas para erguer os seus templos e monumentos publicos, incendiados depois pelos Persas. Citam-se principalmente pela sua belleza o sanctuario de Apollo Didymeanno, em Mileto, o de Minerva Polliadea, em Priène; o de Baccho, em Théos; o d'Arthemisa em Magnésia. Syracusa, Selinonte e Agrigento conservam curiosos fragmentos dos antigos templos doricos. Encontram-se egualmente restos magestosos na Grande Grecia, em Pœstum, Cumas, Pauzoles, Nola, Herculano, Pompeia e Tarento.

Se a guerra do Peloponeso foi desastrosa para os monumentos da Grecia, todavia n'essa época não se nota descanço na pratica das Bellas Artes.

Foi então que os pintores Pamphilio, Apelles, Euphranor, Zeuxis, Tymanthe, Aristides, Protogenio, Parrhasios, e que os escultores Polyclés, Leochores, Thimothéas, Briaris, Praxiteles, Scopus, Euphranor e Lysippo dotaram a Grecia de uma grande quantidade de obras primas. Athenas tendo-se libertado do jugo aviltante dos 30 annos, em 401 antes de Jesus Christo, pareceu recobrar o esplendor, que tinha adquirido sob o governo de Pericles.

Durante o periodo de que nos occupamos, todos os ramos da arte de edificar estavam em progresso e alcançaram o seu maior gráu de perfeição. As Ordens Doricas e Jonicas receberam as mais bellas proporções a que não tinham ainda chegado. As molduras foram profiladas com firmeza, e os differentes membros da architectura dispostos com uma symetria fundada na razão e no mais apurado gosto. Os ornamentos applicados aos edificios eram sempre bem motivados, e não lhe tiravam nada do seu aspecto nobre e grave, nem o seu caracter de força e solidez.

Desde a época em que a Grecia ficou submettida á dominação macedonia, um quinto periodo se abre para as artes. O gosto das formosas construcções não diminue; porém a architectura modifica-se, altera-se e marcha em decadencia. A lucta entre os Jonios e os Dorios, entre os póvos da Attica e do Péloponeso, consequencia da diversidade dos usos, dos dialectos e do caracter, que tinha já causado a guerra do Peloponeso, e ao mesmo tempo quebrantado o vinculo social que unia as cidades da Hellada. Um sem numero de outras causas acarretaram a corrupção dos costumes e a ruina das artes e da poesia. A religião, que tinha inspirado tantas obras de primor, que havia sido juntamente com a linguagem, um dos elementos conservadores da nacionalidade grega, succumbia sob os esforços da philosophia.

Este estado foi cada vez peiorando desde que a Attica e o Peloponeso ficaram submettidos ao poder macedonio. Perdendo a sua liberdade, os gregos perderam esse gosto eximio e essa sublimidade nas idéas que caracterisam todas as obras do seculo de Pericles. As alterações nas ordens não são ainda importantes, posto que lhe déssem proporções mais esbeltas, ornamentos mais variados e mais multiplicados. É verdade que são já symptomas evidentes de decadencia do gosto; mas todavia, examinando os monumentos levantados pelos gregos n'esses tempos de ruinas e desolação,

achamol-os ainda admiraveis, podendo-se citar mesmo alguns, que merecem ser considerados entre as obras as mais magnificas produzida pela intelligencia humana.

Se passamos em revista os monumentos os mais importantes executados pelos artistas gregos durante este quinto periodo, devemos notar primeiramente muitos edificios levantados em honra do rei Philippe de Macedonia. Sob o reinado de Alexandre, trabalharam na restauração do templo de Diana em Epheso e concluiu-se o sanctuario de Minerva em Priéne. Este ultimo rei fundou, como se sabe, a cidade de Alexandria no baixo Egypto e embellezou-a com magnificos monumentos.

As guerras que, do começo da CXIV olympiada, rebentaram entre os successores d'este grande rei, arruinaram as cidades da Hellada e contribuiram a destruir o resto do espirito nacional que os gregos haviam conservado. N'esta época o architecto Philem ajuntou ao templo de Cères e Proserpina em Eleusis columnas de boas proporções. Cassandra fez reedificar Thebas e ornou diversos edificios publicos. Na Asia Menor, tambem as cidades de Epheso e de Smyrna são separadas, uma pelos cuidados de Lysimaco, a outra pelas ordens de Antigone.

N'este seculo, a Grecia, dilacerada e enfraquecida pelas discordias intestinas, ficou deserta dos seus mais habeis artistas, que foram apresentar-se aos successores de Alexandre no Egypto e na Asia; sendo muito bem recebidos na corte de Ptolemeu Philadelpho. Este principe fez edificar um palacio para si, e levantar um templo ao deus Serapis, deus egypcio celebre, sob a dominação dos Lagides, cujo culto passou a Roma no primeiro seculo antes de Jesus Christo, assim como mandou construir o celebre farol que allumiava o porto de Alexandria, executado por Guidieno Sostrate, e reputado uma das sete maravilhas do mundo!

Alguns dos successores de Alexandre tentaram reparar os desastres que a Hellada havia soffrido. Principiaram com effeito um templo e um extraordinario theatro, reedificaram o templo de Jupiter Olympico, um gymnasio em Athenas e ornaram Delos de altares e estatuas. Porém o ultimo arranco da nacionalidade grega estava prestes a exhalar-se. A historia não tem mais a registar, que assolações e barbaras destruições. Philippe, ultimo rei da Macedonia, não deixou pedra sobre pedra em Pergamo, fez demolir a Academia de Athenas e os templos que a rodeavam. A' medida que os Romanos se assenhoreavam do paiz, desmantelavam as praças, e transportavam para Italia todas as preciosidades, todas as obras de Bellas Artes de que podiam apoderar-se. As estatuas, os vasos, os paineis foram arrebatados de Syracusa por Marcellus. As devastações continuaram e cada vez mais irreparaveis como as que Sylla praticou, pois, tendo tomado Athenas, destruiu o Pirêo, edificado por Themistocles, famoso porto que podia conter 400 navios; assim como destruiu os edificios que lhe ficavam proximos; fez transportar para Roma uma parte das columnas do santuario de Jupiter Olympico para ornar o templo de Jupiter Capitolino, e apoderou-se de objectos preciosos accumulados em Delfos, Epidauro e Elis. A Asia-Menor e a Grande Grecia não foram poupadas tão pouco a essa completa destruição; não obstante o estado de aviltamento dos gregos n'essa época, viam comtudo, com profundo pezar, a destruição dos seus monumentos e a perda de suas artes, que haviam feito a alegria do seu paiz, e manteem ainda essa faisca do fogo sagrado, que o amor das bellas artes, as almas nobres e bem formadas conservam sempre até ao seu derradeiro suspiro. Foi esse elevado sentimento pelo bello de sua arte monumental, que fez que Cicero stygmatisasse tão energicamente no Senado as depredações praticadas por Verres na Sicilia. São, diz o orador romano, essas obras admiraveis, essas estatuas, essas columnas, que deleitam principalmente os gregos, e podeis julgar por esses queixumes tão sentidos que elles fazem ouvir, quanto lhes é cruel ficarem esbulhados d'essas preciosidades artisticas!

Não é para surprehender que em resultado d'essas grandes vicissitudes e desastres a decadencia da architectura grega não fosse completa. A Hellada, quando veiu a ser provincia romana, conservou, sob o ponto de vista das artes, a superioridade que adquirira sobre as outras nações; pois ainda foram architectos gregos que em Roma construiram a maior parte dos bellos monumentos que datam do fim da republica e do principio da era imperial.

Não devemos deixar de nos occupar da celebre capital da Attica para admirarmos os restos dos seus magnificos monumentos, ornados com obras primas que nunca se poderão igualar; mas convem primeiro tratarmos das ruinas da Lydia, essa parte occidental da Anatolia, pertencente á região da Asia-Menor, situada sobre a sua costa Oriental, entre a Myria e a Caria onde se fundaram, sendo todas estas cidades gregas as que formaram a confederação Jonica. Essa Lydia teve por ultimo rei Crezus, tão celebre pelas suas avultadissimas riquezas, como por ser dado aos excessivos prazeres; assim como pela grande protecção que lhe mereceram as Bellas-Artes. Era sua côrte a patria dos doutos e dos philosophos, e foi a um d'elles que deveu não perder a existencia, como lhe aconteceu perdendo todos os seus haveres; pois quando no auge da sua grandeza mostrava cheio de orgulho a Solon os seus immensos thesouros para elle

admirar quanto era feliz, o illustre philosopho limitou-se em lhe dizer: « Não chamemos ninguem feliz antes da sua morte. » Esta grande maxima em breve tempo confirmou a judiciosa reflexão do philosopho. Cyrus, esse regenerador do imperio da Persia, e um dos maiores conquistadores da Asia, tomando de assalto a capital da Lydia, Sardes, no anno 548 antes da era vulgar. na qual Crezus estava cercado, mandou que o fizessem prisioneiro. Sendo depois conduzido á presença de Cyrus, este mandou fazer uma fogueira para elle ser queimado vivo. Então o desditoso monarcha conheceu a verdade das palavras do philosopho de Athenas, e não poude deixar de exclamar na presença de seu tão grande infortunio: «O' Solon, Solon!» Isto causou admiração ao conquistador, e quiz saber o que significava aquella exclamação: deu-lhe o captivo rei a explicação, referindo o que o philosopho lhe dissera a respeito da felicidade sobre a terra. O victorioso rei reflectindo sobre a instabilidade das cousas humanas, revogou então a sentença proferida, e quiz ter o infeliz inimigo junto da sua pessoa, honrando-o com a sua confiança para lhe suavisar o seu cruel destino. Ha factos no mundo, cuja lembrança serve em todos os tempos de lição aos homens.

Havendo-se estabelecido os gregos de origem Jonica, em 1140, no littoral da Asia-Menor, desde a Phocéa a Mileto, ali fundaram as suas 12 cidades principaes; e foram os povos d'esta nação que tiveram uma civilisação a mais rapida; conseguindo grande prosperidade no commercio e na navegação, até adquirindo grandes riquezas. Amavam o luxo com paixão, e chegaram a ter no maior auge de desenvolvimento as Bellas-Artes; assim como a poesia e a philosophia nasceram n'este paiz, sendo Homero filho d'este solo privilegiado. O dialecto Jonico era o mais agradavel da lingua hellenica, e o modo na musica Jonia era tambem o de mais melodia e voluptuoso.

Foram estes povos dotados de tão delicado gosto que crearam a bella ordem de architectura Jonica, com que aformozearam tantos soberbos templos em toda a Grecia, e principalmente em Sardes, capital da Lydia, no formoso templo de Cybele, deusa da Terra, filha do Ceu, mulher de Saturno, e mãe de Jupiter, de Juno e Neptuno; esses mythos que representavam o mundo. Era Cybele adorada na Phrygia e em Creta. O seu culto foi introduzido muito tempo depois em Roma por Annibal; tendo vindo a sua estatua de Pessinonte, cidade da Galacia, e acreditando esses povos que esta estatua havia caido do céu!

Representavam a Deusa proxima a augmentar a geração humana, e tendo os peitos cheios do doce succo que alimenta a humanidade no berço, como emblema da fertilidade da terra e da sua constante reproducção.

As ruinas de Sardes estão quasi todas destruidas, pois tendo sido tomada esta cidade á viva força, incendiada, saqueada sete vezes pelos Scythas, Persas, Gregos, Godos e Sarracenos; abalada até aos seus alicerces na occasião do horroroso tremor de terra que houve no reinado de Tiberio, que devastou toda a Asia-Menor, soffreu ainda uma outra tão completa devastação em 1402, causada pelos soldados de Tamerlão, que hoje existe deserta, triste e silenciosa! Não fallamos em duas magnificas columnas, alem de outras 4 que ainda existiam no seculo passado, pertencentes ao famoso templo de Cybele, construido no reinado de Alexandre o Grande. O seu nobre e grandioso aspecto mostra ainda qual seria a magestosa vista do monumento completo. Posto que estas columnas estejam com uma terça parte enterradas, todavia se não fosse a bella perfeição que os architectos gregos souberam empregar para a sua arte monumental, uma columna de outro caracter architectonico, que figurasse n'esta ruina, talvez nos causasse assombro pelas suas excessivas dimensões, mas não teria o encanto que esta produz á vista, não obstante ser composta de pedras sobre-postas, pois nem mesmo se fosse uma columna monolitha, impressionaria o nosso entendimento, indicando não sómente que pertenceram a um grandioso templo, mas que a razão, a sciencia e o gosto presidiram á sua edificação. Este sublime da arte monumental foi só á Grecia dado ter faculdade de o poder crear; e não obstante transplantar a sua portentosa architectura para differentes regiões, conservou sempre o seu caracter, de simplicidade, harmonia e magestade.

Estas ruinas da antiga cidade qneimada pelos Athenienses em 509 e que deu origem á guerra Médica, ficam proximas da base da cordilheira do Tmolus, montanha da Lydia; vendo-se os cumes graniticos d'esta montanha que se erguem atravez estas columnas, e parecem querer competir com ella pelo seu aspecto grandioso, entre as obras dos homens e da natureza. N'este contraste mais se faz sobresair a sua extraordinaria belleza. As ruinas d'este templo deserto causam no observador intelligente uma profunda melancholia pela perda de tão sublimes obras.

Entre as cidades da confederação Jonica avultava a principal que havia na Asia Menor, a celebre Epheso, fundada pelos Carios, a qual possuia uma das sete maravilhas do mundo, o afamado templo de Diana, mandado construir por Cresus. Este templo, pela sua superior celebridade, deu causa á sua destruição. Erostrato incendiou-o, com o fim de seu nome passar á posteridade por ter commettido tão grande desvario, no anno 366 antes de Jesus Christo,

no mesmo dia em que Alexandre o Grande nasceu. Quiz elle depois reedificar essa maravilha, porém o povo se oppoz a isso, porque, sendo um deus, não lhe pertencia levantar o templo pelos deuses.

Foi depois reedificado á custa de todas as cidades da Asia, com maior magnificencia pelo architecto Ctésiphon; porém este segundo templo foi egualmente destruido por Constantino. Ephéso era a patria dos insignes pintores Apelles e Parrhasios. Esta cidade tinha sido fundada na sua primitiva pelas heroinas Amazonas que habitavam as margens do Thermodão no Tom, tendo por capital Themiscyro; as quaes tiveram rainhas celebres, entre ellas Phomysis que fez perecer Cyrus, depois de ter desbaratado os seus exercitos.

Os Gymnasios, esses grandes edificios destinados na Grecia ao exercicio dos athletas apresentando-se com o corpo nu, eram divididos em duas grandes divisões proprias do destino para que serviam; ainda hoje apparecem as minas das macissas arcadas do gymnasio que pertencia a Epheso; e posto que sejam vestigios informes, deixam comtudo ver qual seria a importancia da sua extraordinaria construcção.

De todos os generos de obras que pertencem á arte de edificar, nenhuma obteve mais solidez, grandeza e magnificencia, que os edificios consagrados ao culto e adoração da divindade; e nenhuns mais multiplicados que aquelles nos quaes um sentimento universal concorreu em todos os tempos e em todos os paizes, para que fossem dignos de prestar homenagem á Divindade. Esta a origem de se levantarem edificios sagrados, logares de reunião, ou de crenças e de ceremonias feitas em commum, vindo a ser um vinculo espiritual, o qual produziu este accordo moral e essa attracção poderosa que os homens, vivendo sem atilado accordo e isolados, são levados por um sentimento providencial a formarem-se em corpo politico, sob o nome de cidade, de povo, ou nação.

Qualquer idéa tem necessidade de signaes que a fixem, que a façam evidente e perpetuem. A idéa de Deus, posto que seja inherente á natureza do homem, ainda que seja instinctiva, é o resultado necessario do desenvolvimento da sua razão, não obstante, precisa que seja lembrada e despertada á intelligencia, para manter a idéa do Creador como o principio de todas.

Ora é nas construcções dos templos, e na variedade das suas fórmas, que a intelligencia de cada povo parece ter esgotado todos os recursos que se pode imaginar de mais acertado na architectura, para elevar o sentimento e o espirito dos homens ao nivel da grande idéa que tão importante obra de arte devia representar.

É pois n'estas grandiosas edificações, que devemos ir procurar o caracter da arte monumental da Grecia; não só pela sua superior significação como por ser o unico typo do bello, e do sublime que na architectura nos deixou esse povo celebre, que nos causa admiração e assombro, que nos serve de mais util estudo na architectura.

O templo Grego apparece á nossa vista concluido completo como epopêa de Homero, sem se poder descobrir a sua origem de uma maneira positiva. A idéa fundamental do templo grego era sem duvida a que determinava as disposições do seu culto; esta idéa exigia a separação imperiosa e absoluta do sagrado e do profano. Eis aqui porque o solo natural do rochedo era nivelado primeiramente para elevar depois sobre elle um espaçoso terraço; não só destinado a estabelecer uma boa sahida do templo, como egualmente uma união permanente com o solo do paiz, e que parecesse tambem como uma cousa feita especialmente, uma obra solemnemente fundada, e levantada sobre a sua propria base, e ficasse sempre superior ao solo, que não podessem os homens calcar diariamente, quando corressem aos seus negocios. É no limite d'este alicerce reservado que espaçosos degraus cercam ainda o contorno do edificio sagrado, devendo ser só tres para confirmar o prognostico feliz de vêr o primeiro e ultimo degrau pisado sempre pelo pé direito.

Conforme a sua destinação, o logar onde está collocada a representação da divindade devia ser solido, estavel e em recinto vedado. Por conseguinte grossas muralhas circumscreviam o espaço occupado pelo sanctuario, *a Cella*, que era quadrada, e voltada para o Oriente. Porém este sanctuario devia ao mesmo tempo ser accessivel e visivel. Na frente da fachada do templo estava collocado o altar dos sacrificios, e os sacrificadores deviam exercer as suas attribuições na presença da Divindade. Foi preciso um espaço intermediario entre o local occulto aos profanos e o recinto exterior; o que se obteve deixando a fachada oriental do templo aberta.

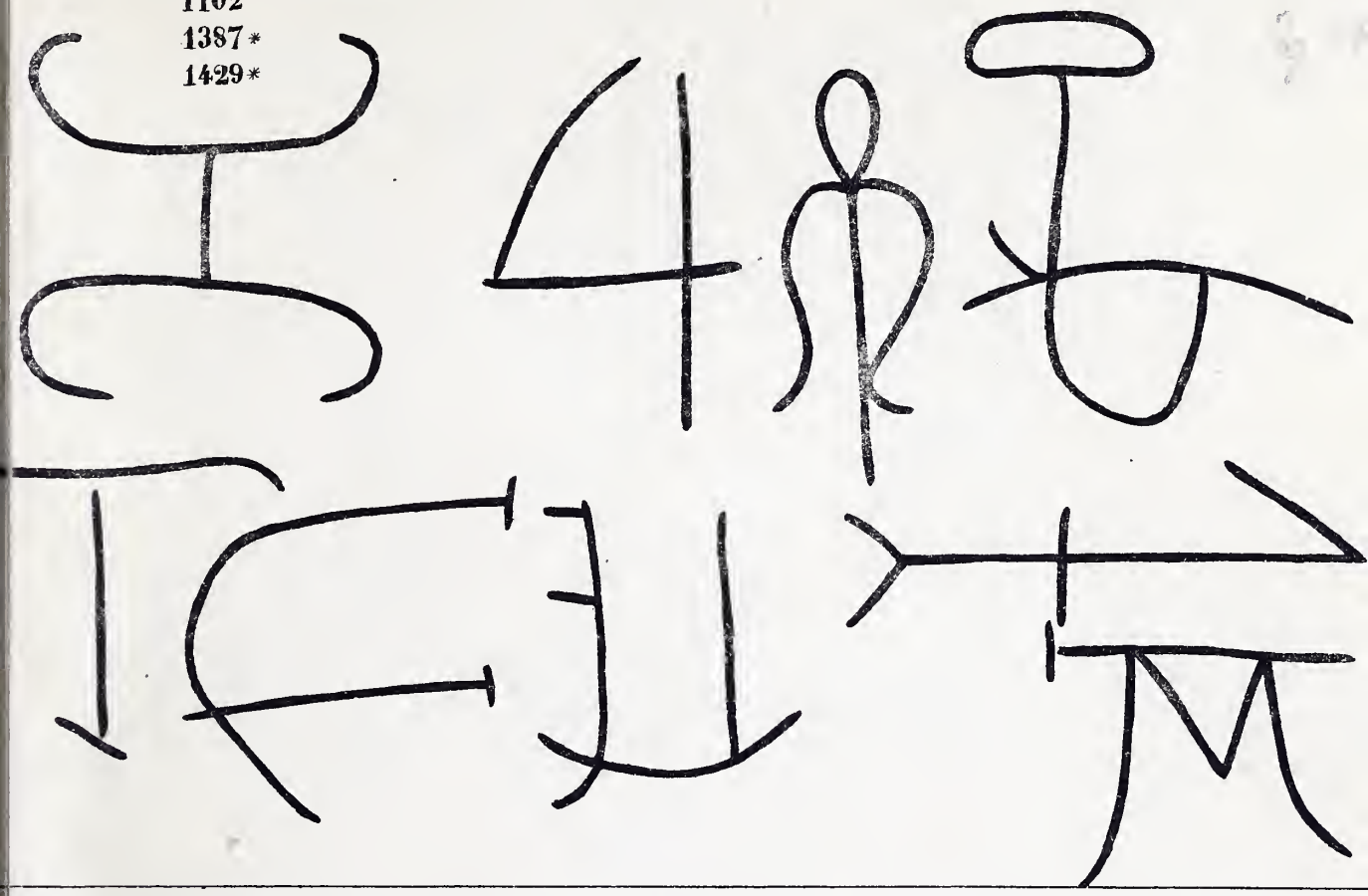
Tal é o esqueleto do templo grego. Cada uma das partes de que se compõe é uma fracção indispensavel e essencial do todo, e que preenche, no logar que occupa; o complemento geral da concepção do plano, sem ser todavia por si só cousa alguma. É o kosmos do Estado dorico symbolisado na pedra; formando uma harmonia que fere o observador pela sua severidade imponente, que tranquilliza ao mesmo tempo pelo seu aspecto de estabilidade, e apresenta ao espirito a significação sagrada proveniente da precaução determinada pelo culto, ficando evidente aos seus olhos de uma maneira palpavel e de um modo surprehendente.

Esta impressão moral do monumento Dorico não devia ser diminuida por nenhum adorno exterior;

SIGLAS NAS CONSTRUCÇÕES DA IDADE-MÉDIA

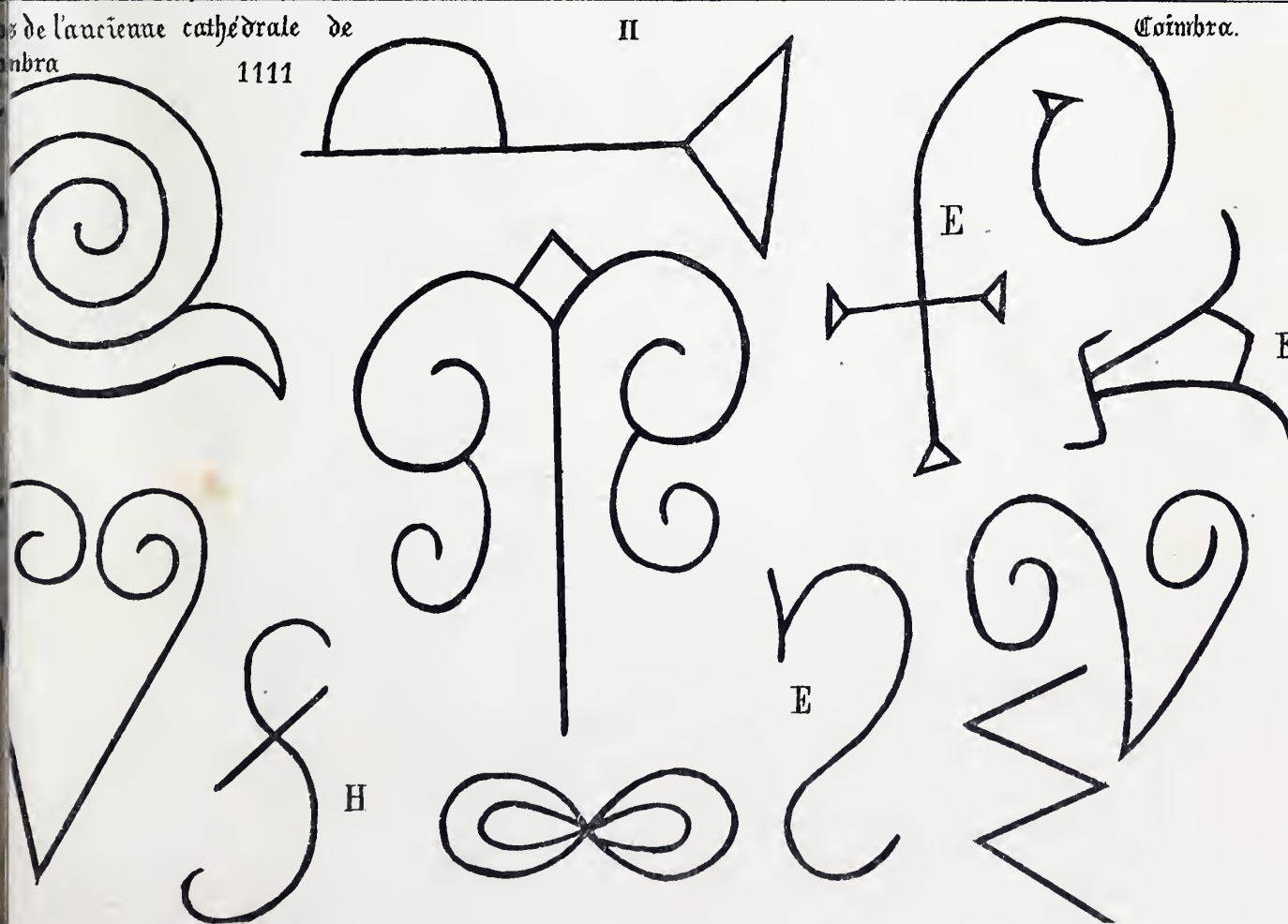
ns la cathédrale de Guimarães — I — Guimarães

1102
1387*
1429*



s de l'ancienne cathédrale de Coimbra. — II — Coimbra.

nbra
1111

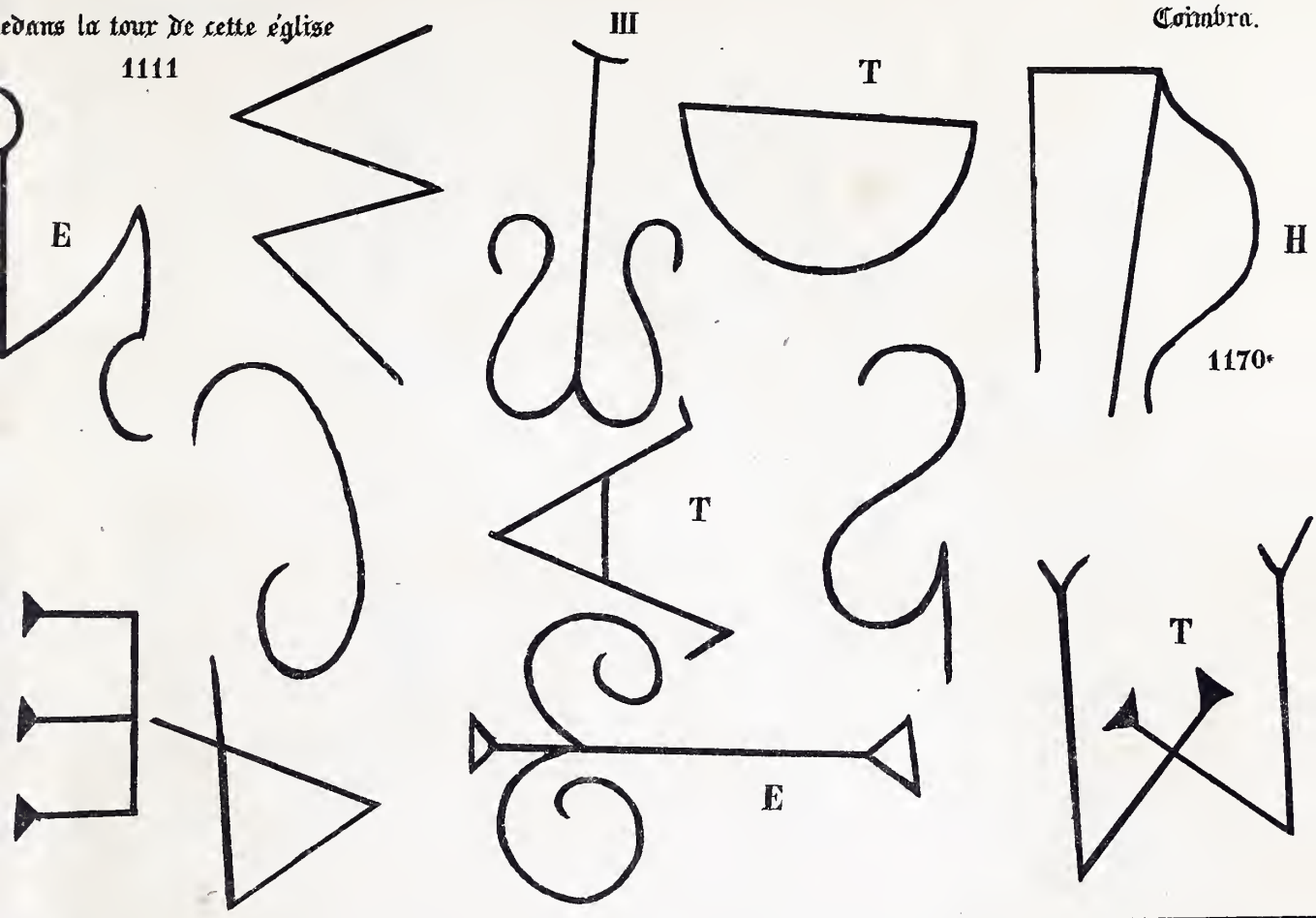


SIGLAS NAS CONSTRUCÇÕES DA IDADE-MEDIA

edans la tour de cette église
1111

III

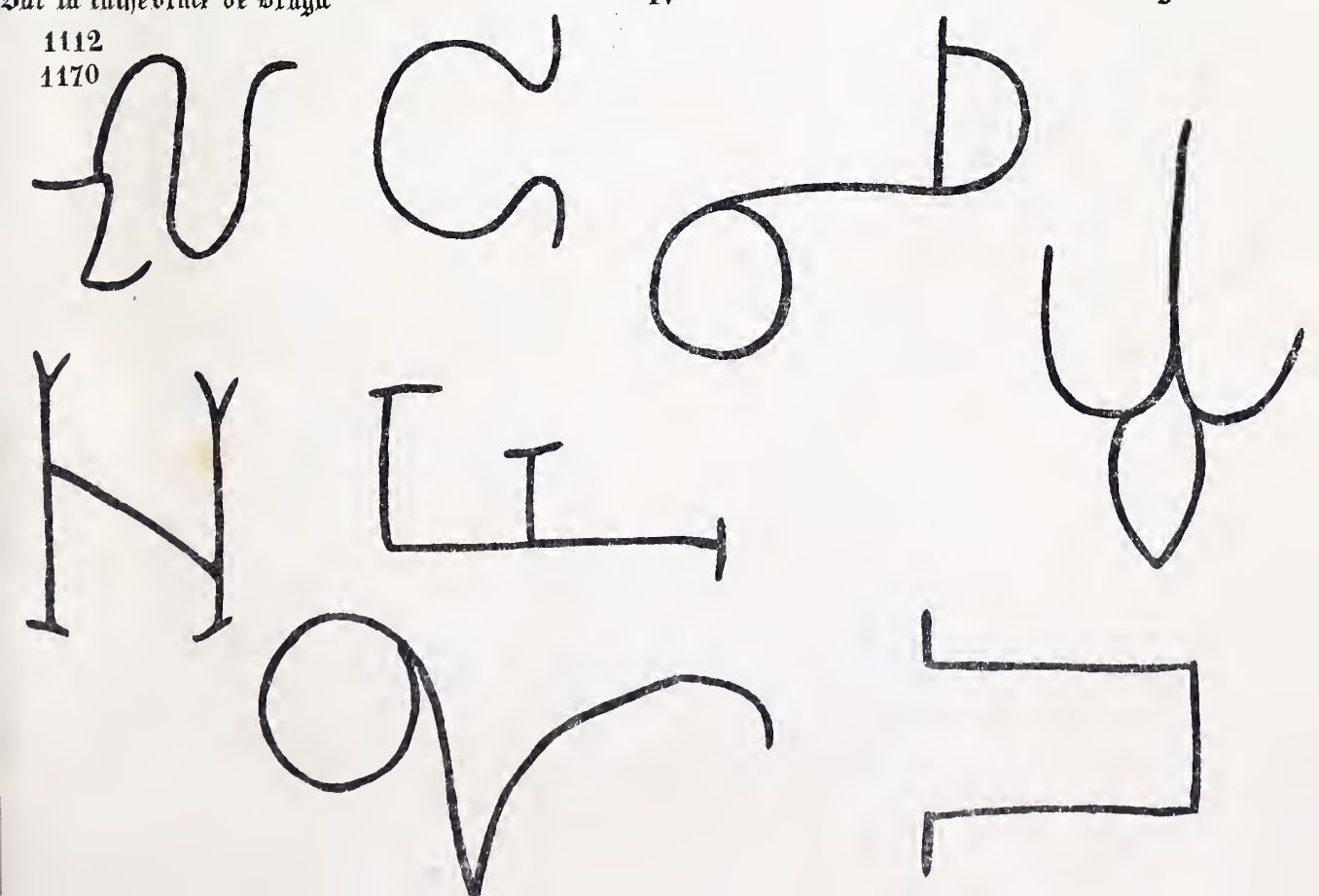
Coimbra.



Sur la cathédrale de Braga
1112
1170

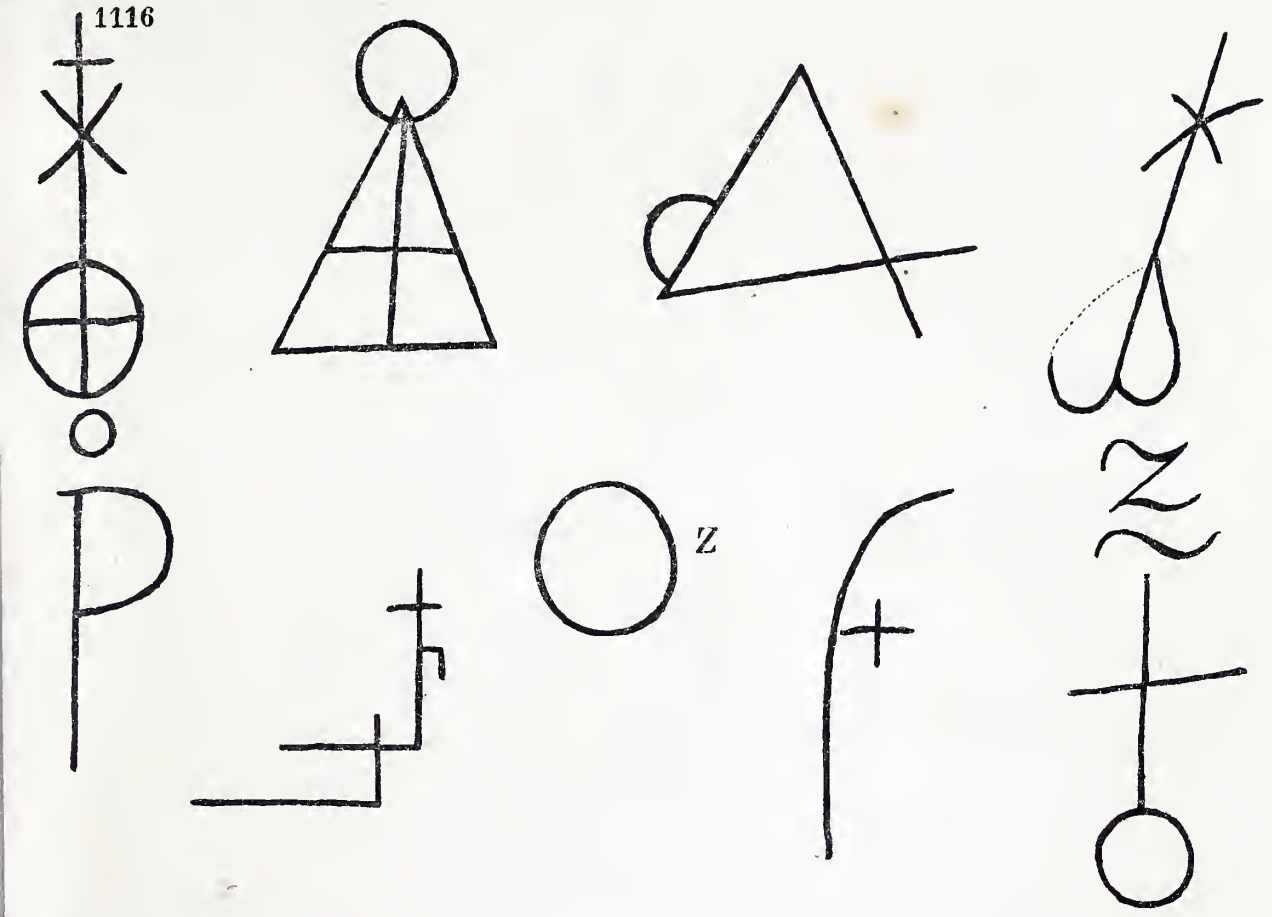
IV

Braga.



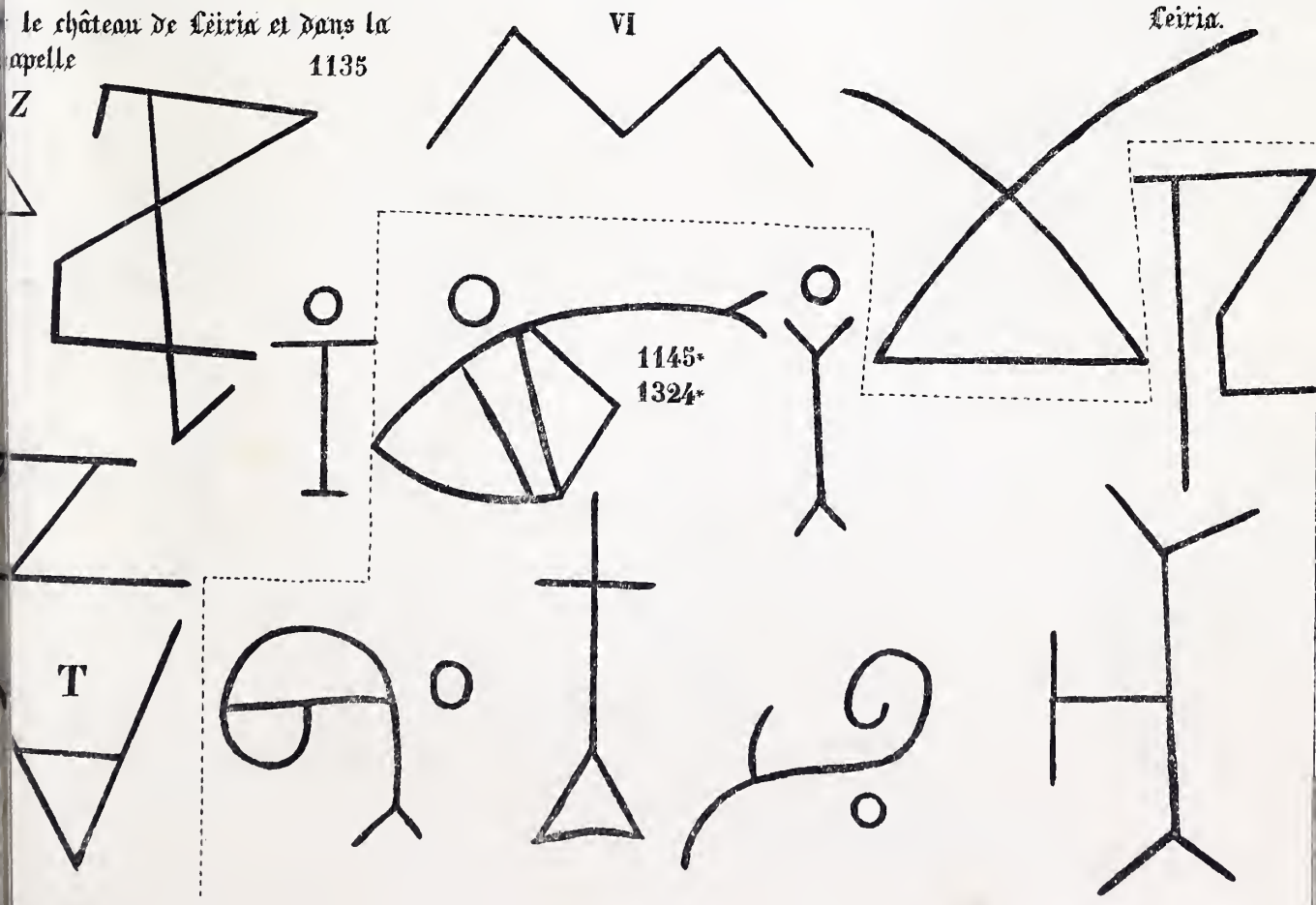
s la cathédrale de Porto — V — Porto.

1116

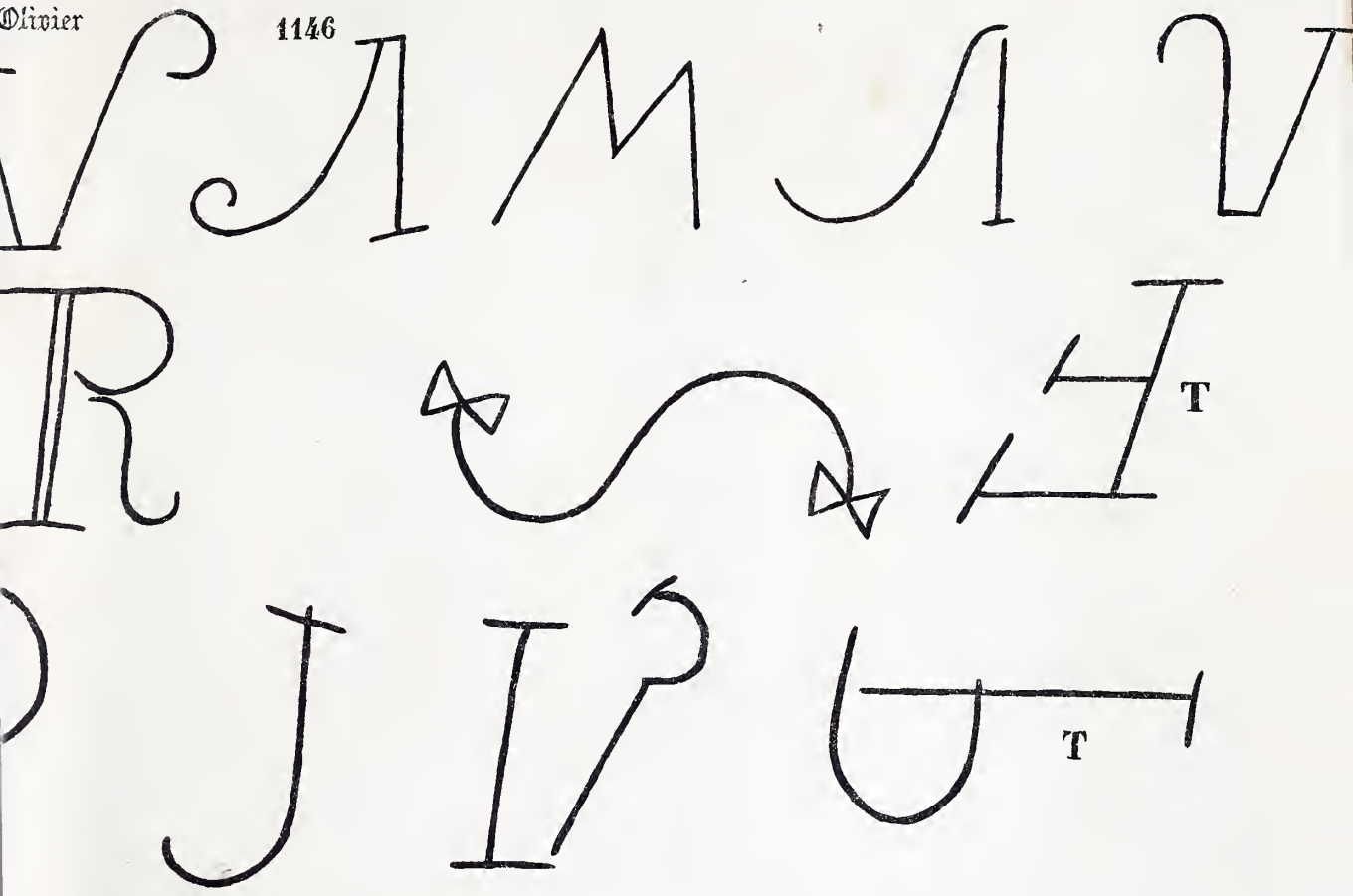


le château de Leiria et dans la
apelle — VI — Leiria.

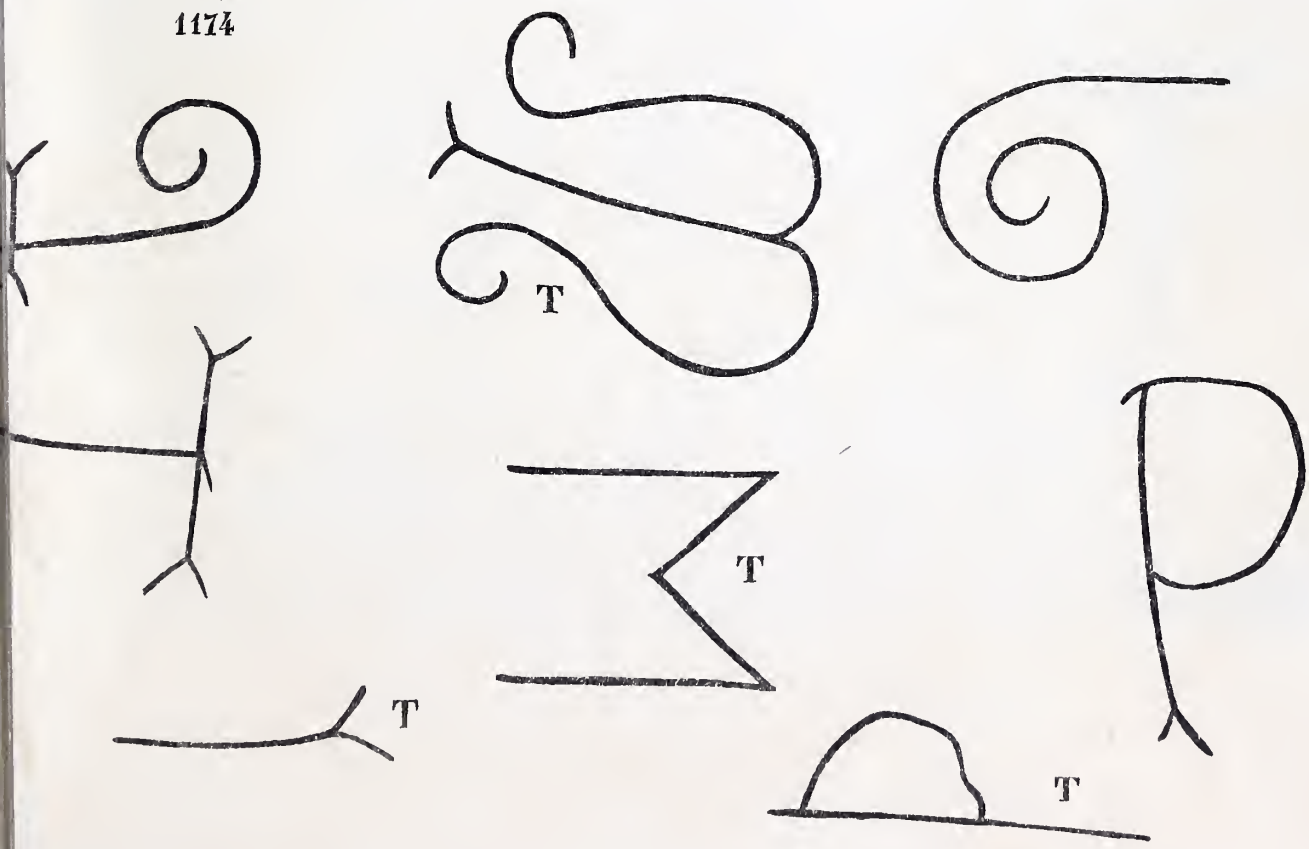
1135



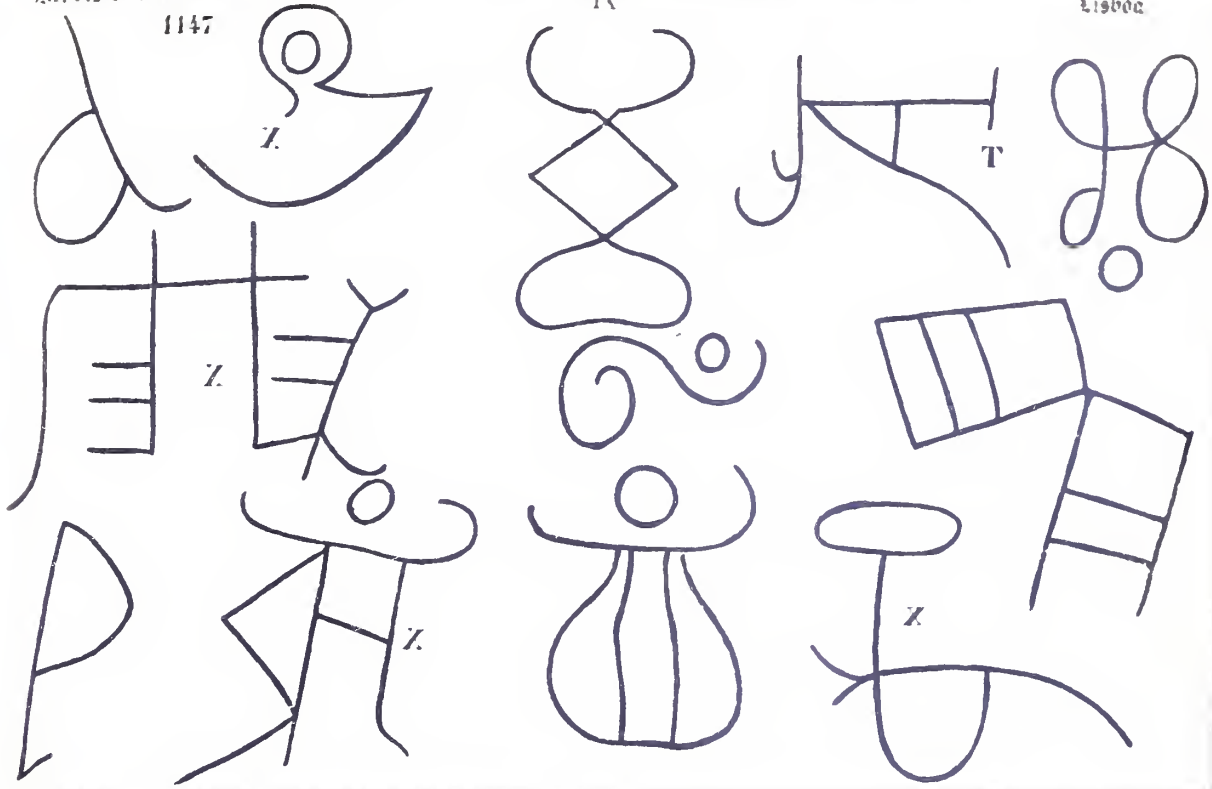
ans l'église de Sainte Marie — VII — Thomar.
Olivier 1146



ors l'église de S.t Jean d'Alporão — VIII — Santarem.
1174

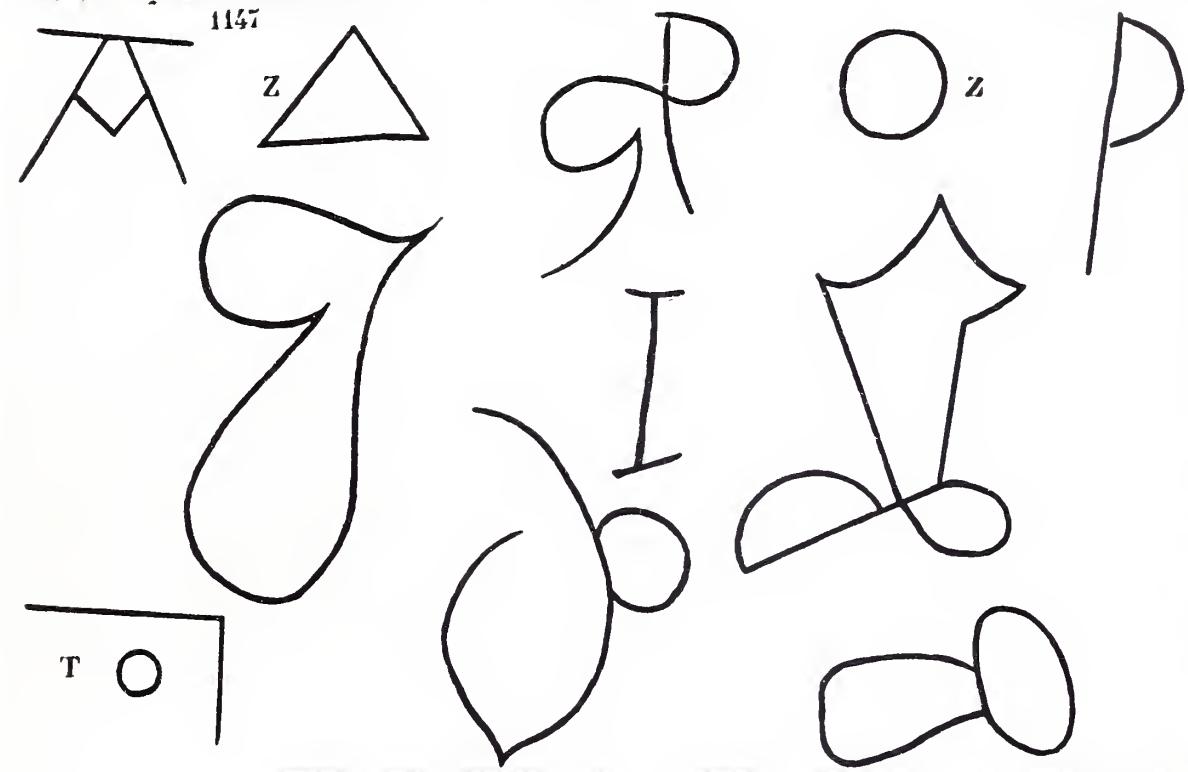


Dehors la cathédrale de Lisbonne 1147 — IX — Lisboa

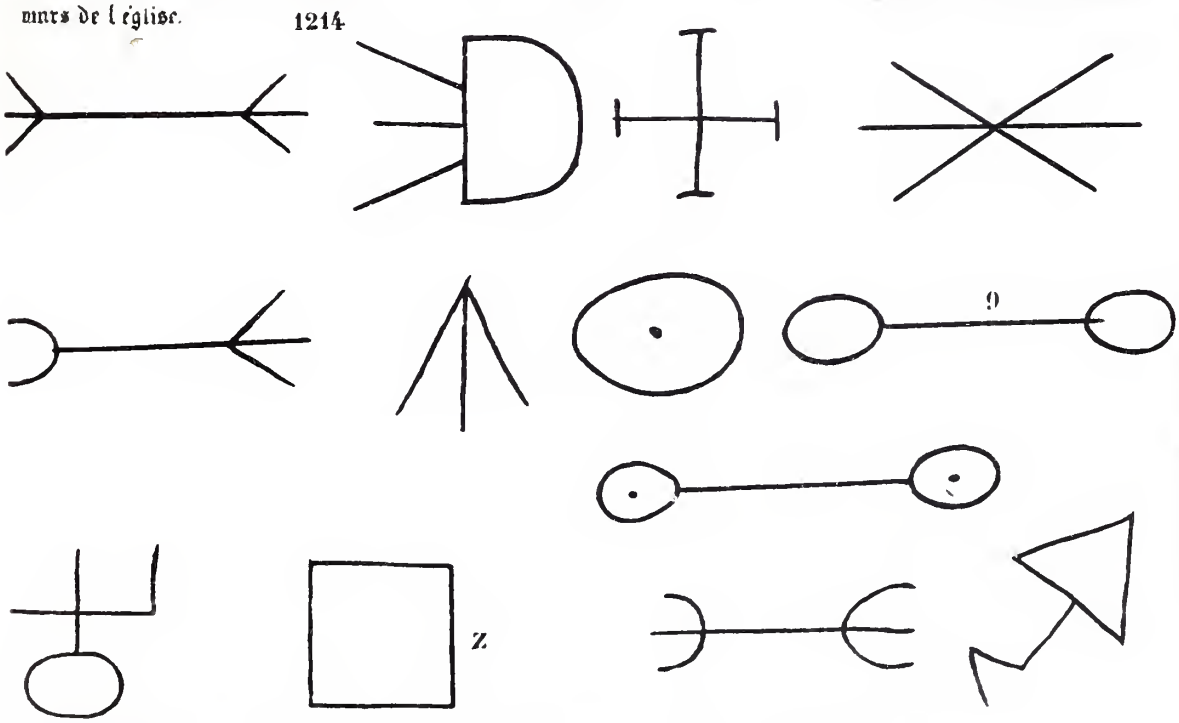


Sur les arcs boutants. 1170 1344 — X — Lisboa.

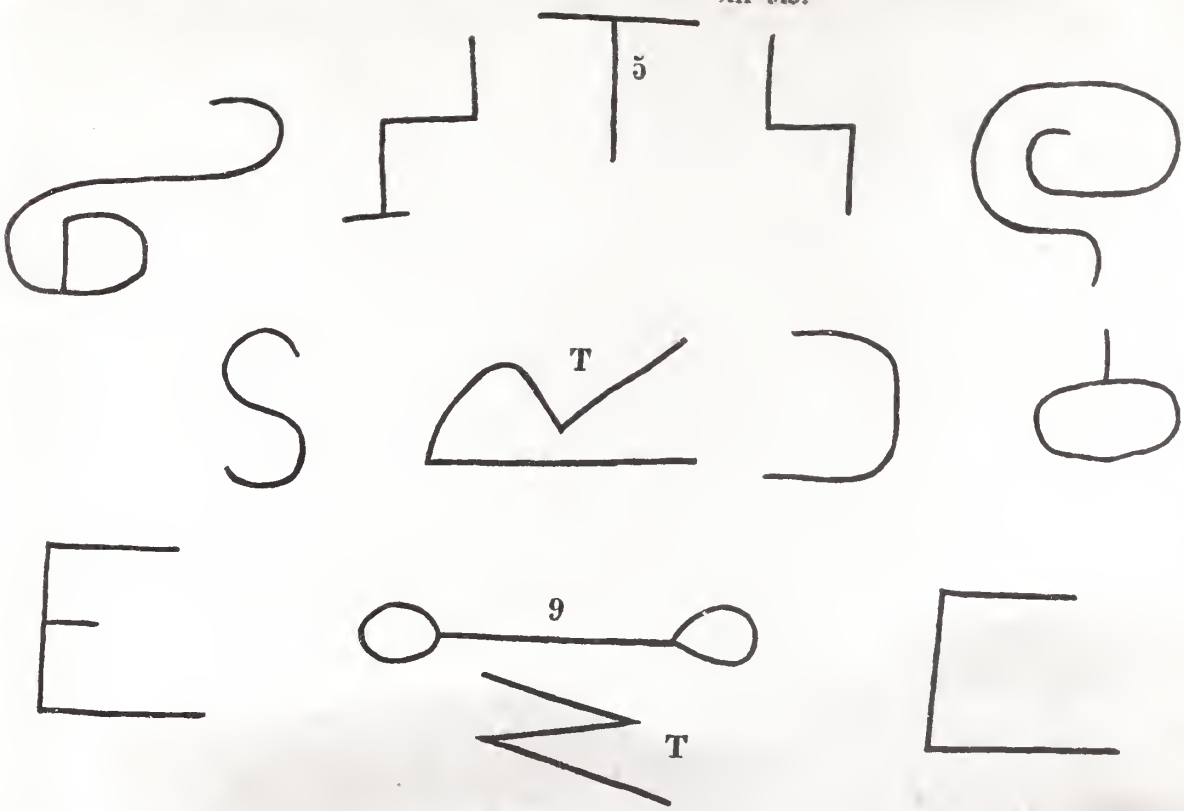
Dehors l'église de Saint Martin. 1147 — XI — Cintra



Sur l'extérieur du château et sur les murs de l'église. 1214 — XII — Freiro de Espada à Cinta.



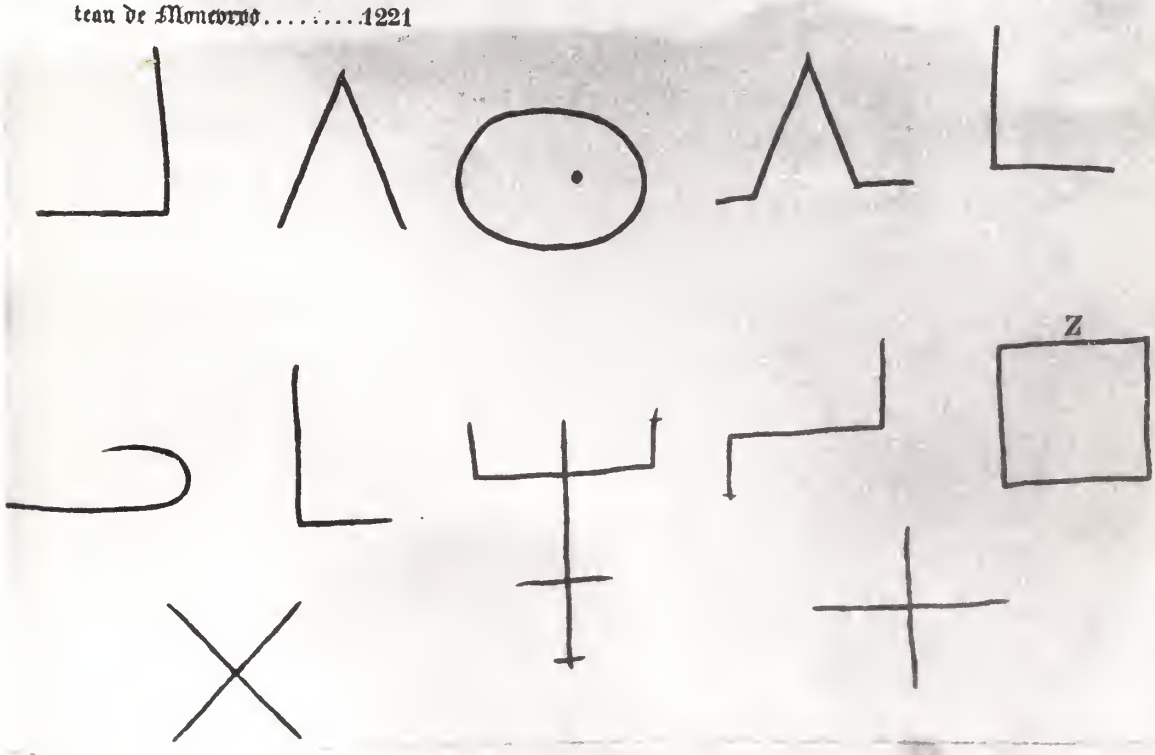
XII bis.



Sur l'intérieur des murailles du château de Moncorvo.....1221

XIII

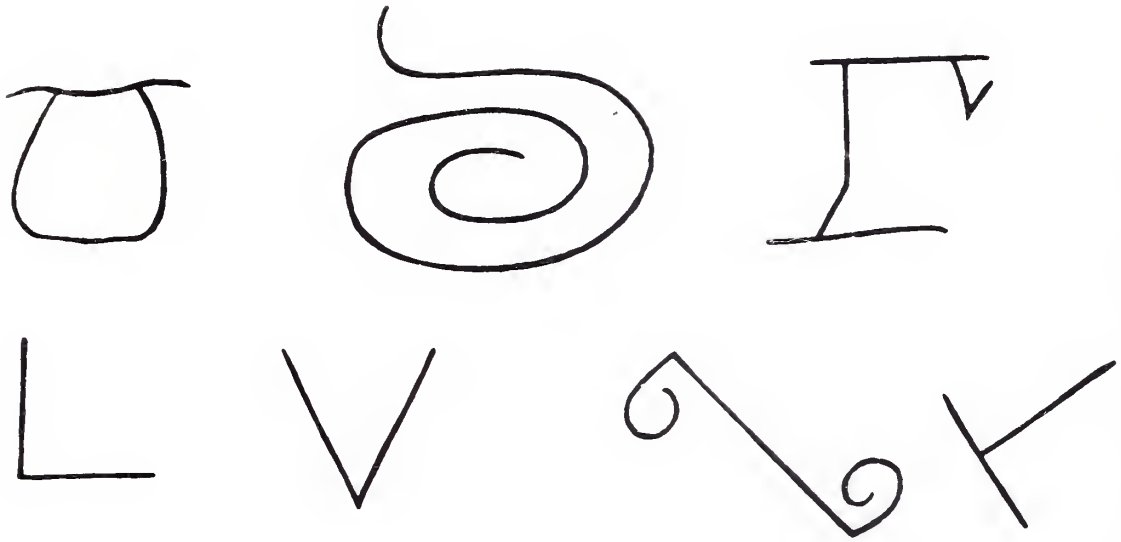
Moncorvo.



Sur l'extérieur de la chapelle du château de Numão 1058

XIV

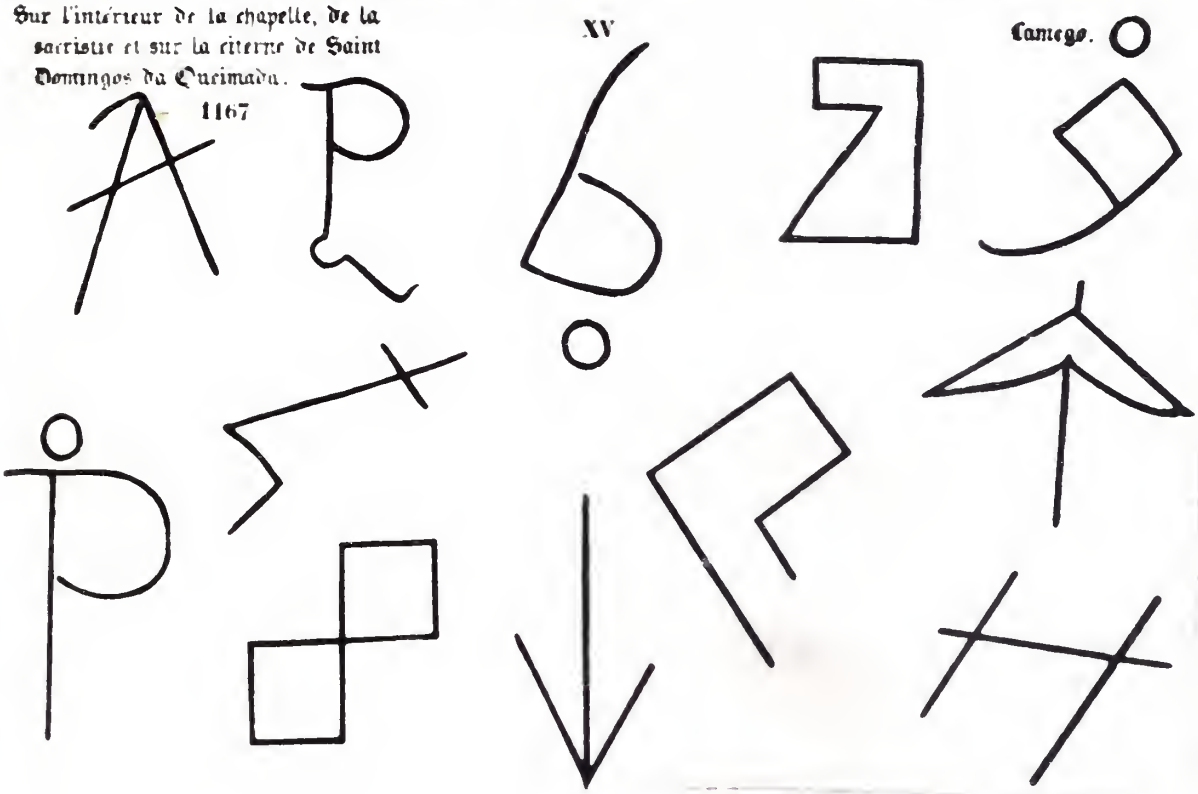
Numão.



Sur l'intérieur de la chapelle, de la sacristie et sur la citerne de Saint Domingos da Queimada. 1167

XV

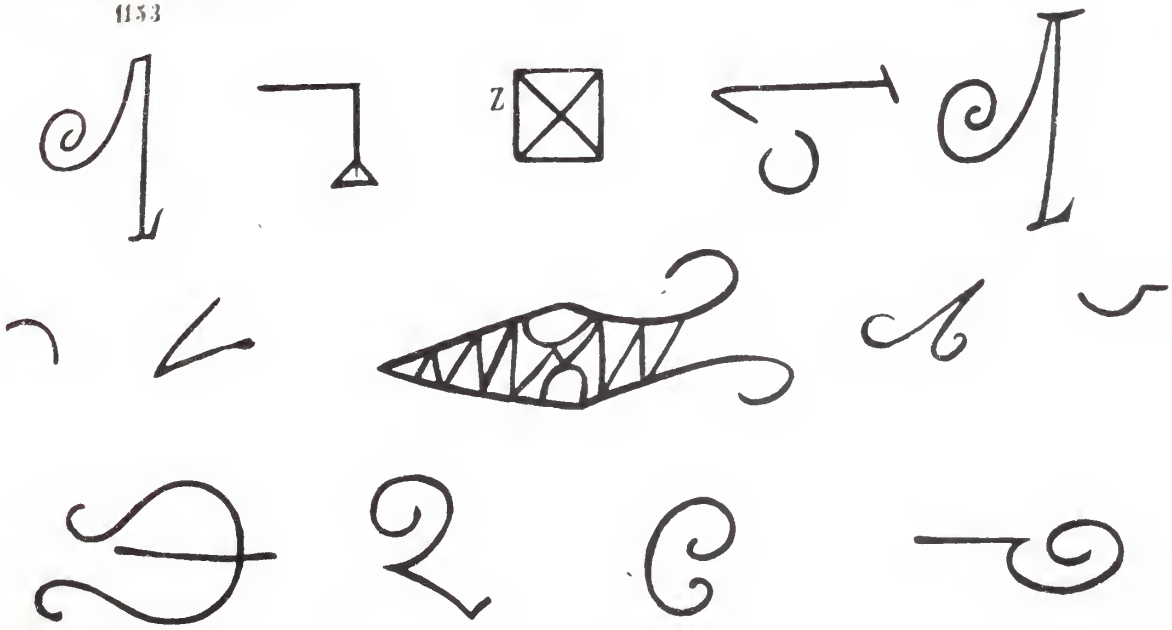
Camego.



Sur l'église du Couvent
1153

XVI

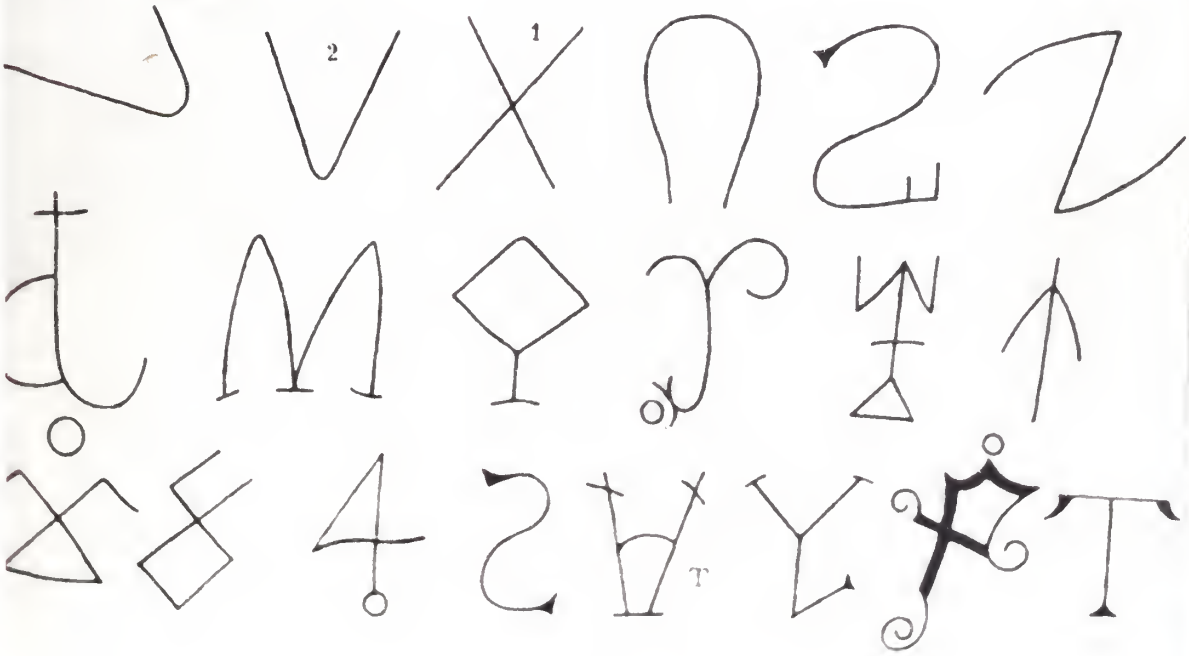
Alcobaça



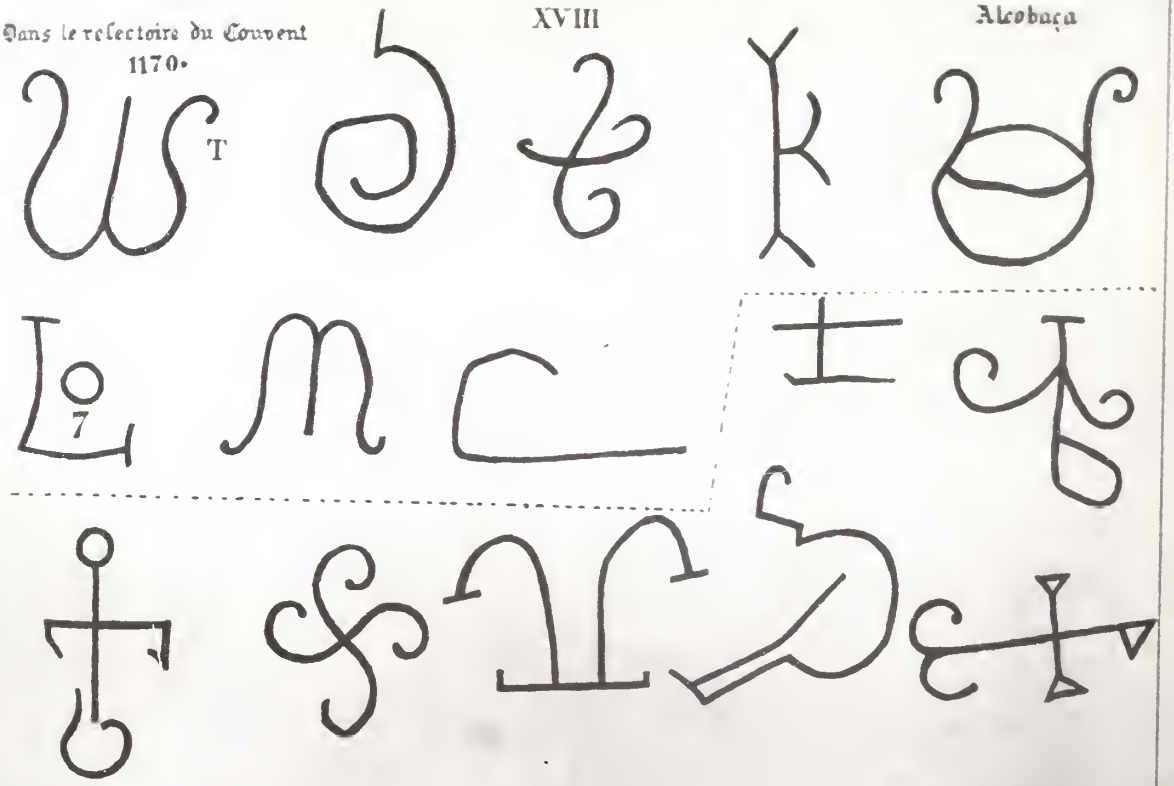
Dedans l'église de Saint Jean
1165

XVII

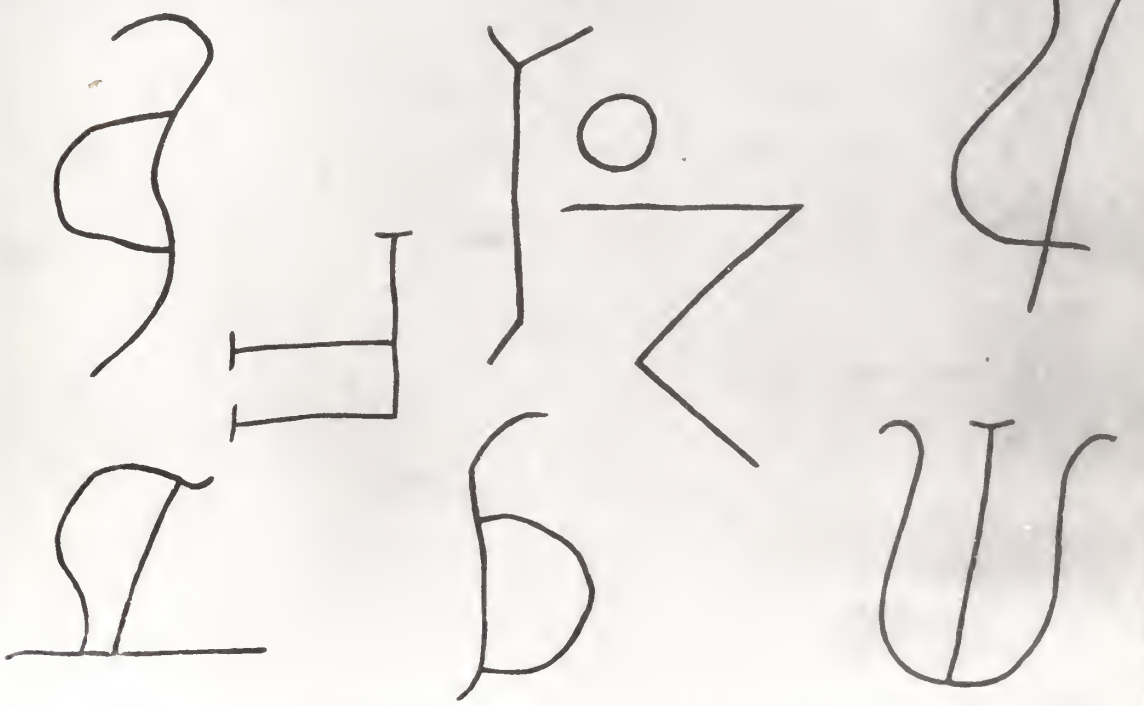
Thomar.



Dans le relectoire du Couvent 1170. XVIII Alcobaça

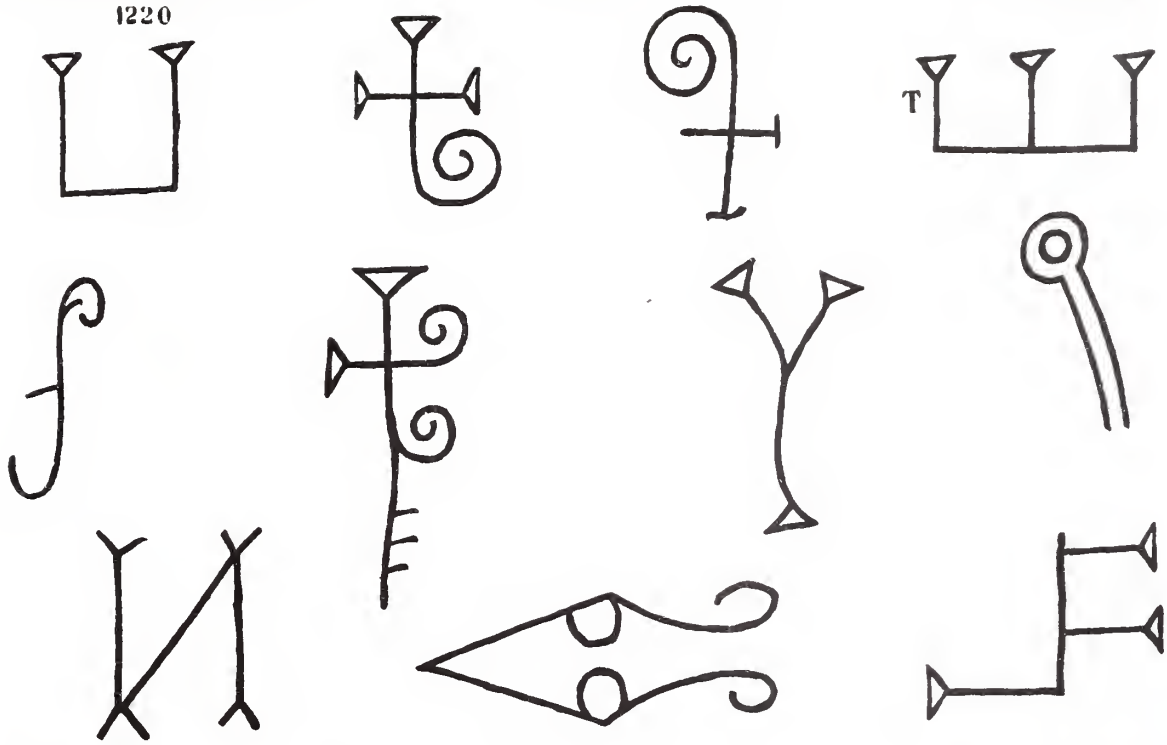


Dedans la cathédrale 1186 XIX Evora



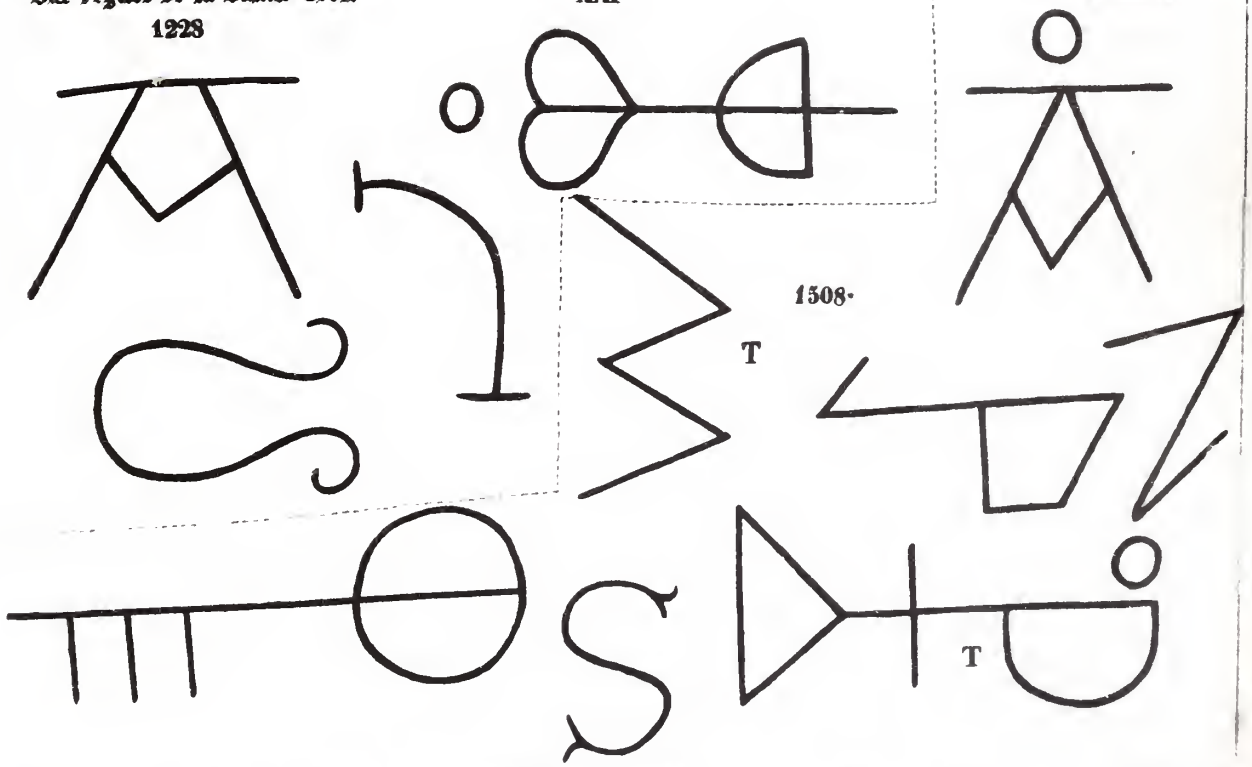
Dans le cloître du couvent — XX — Alcobaça

1220

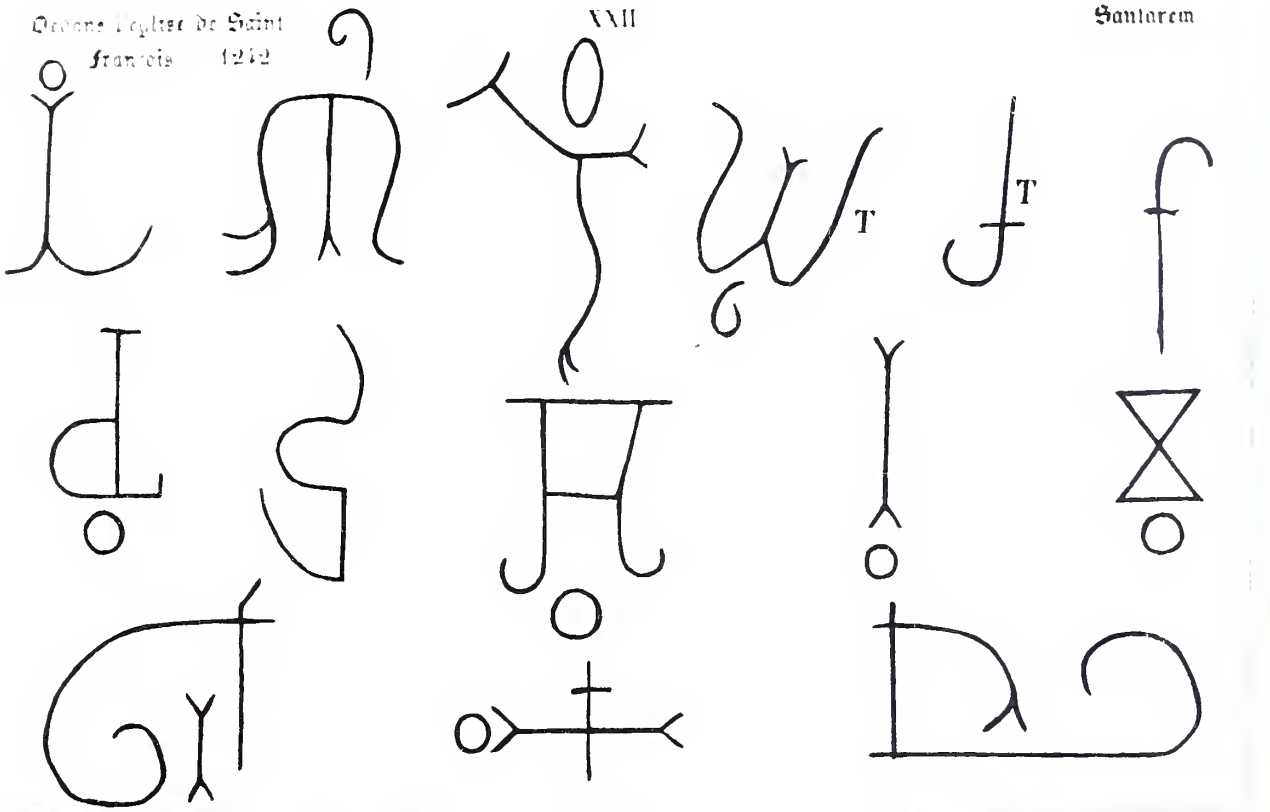


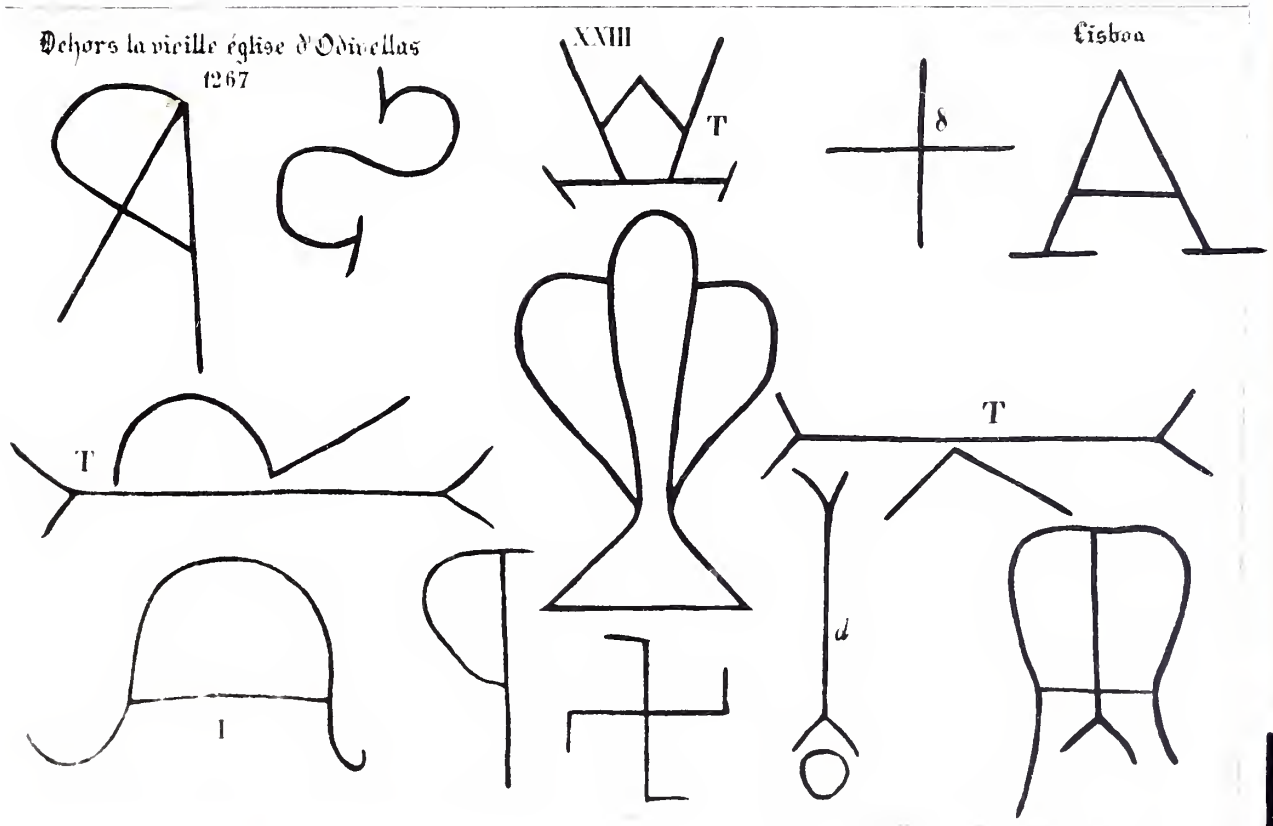
Sur l'église de la Sainte Croix — XXI — Coimbra.

1228



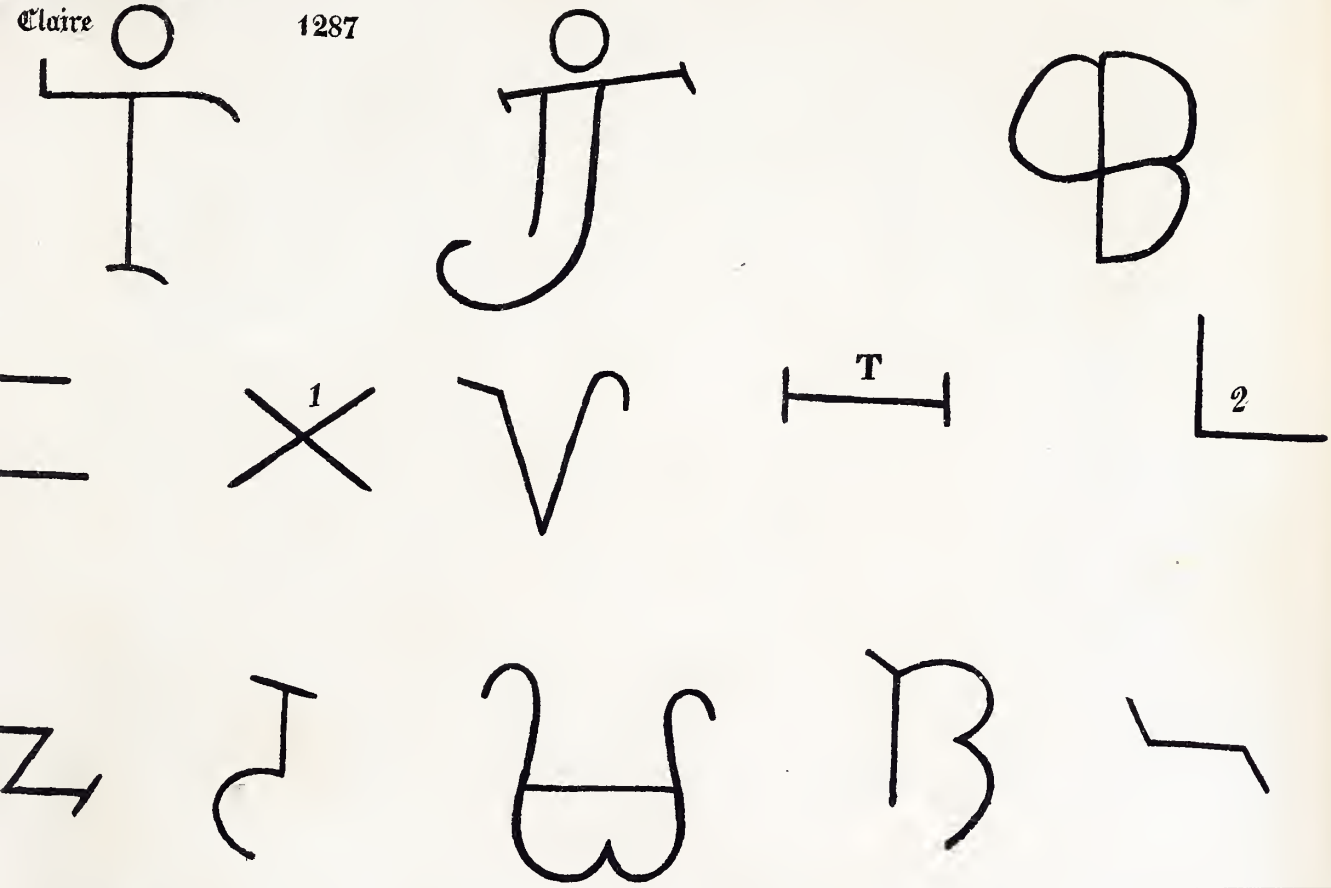
c 2


Dehors l'église de Saint François 1242
XXII
Santarem
T
T

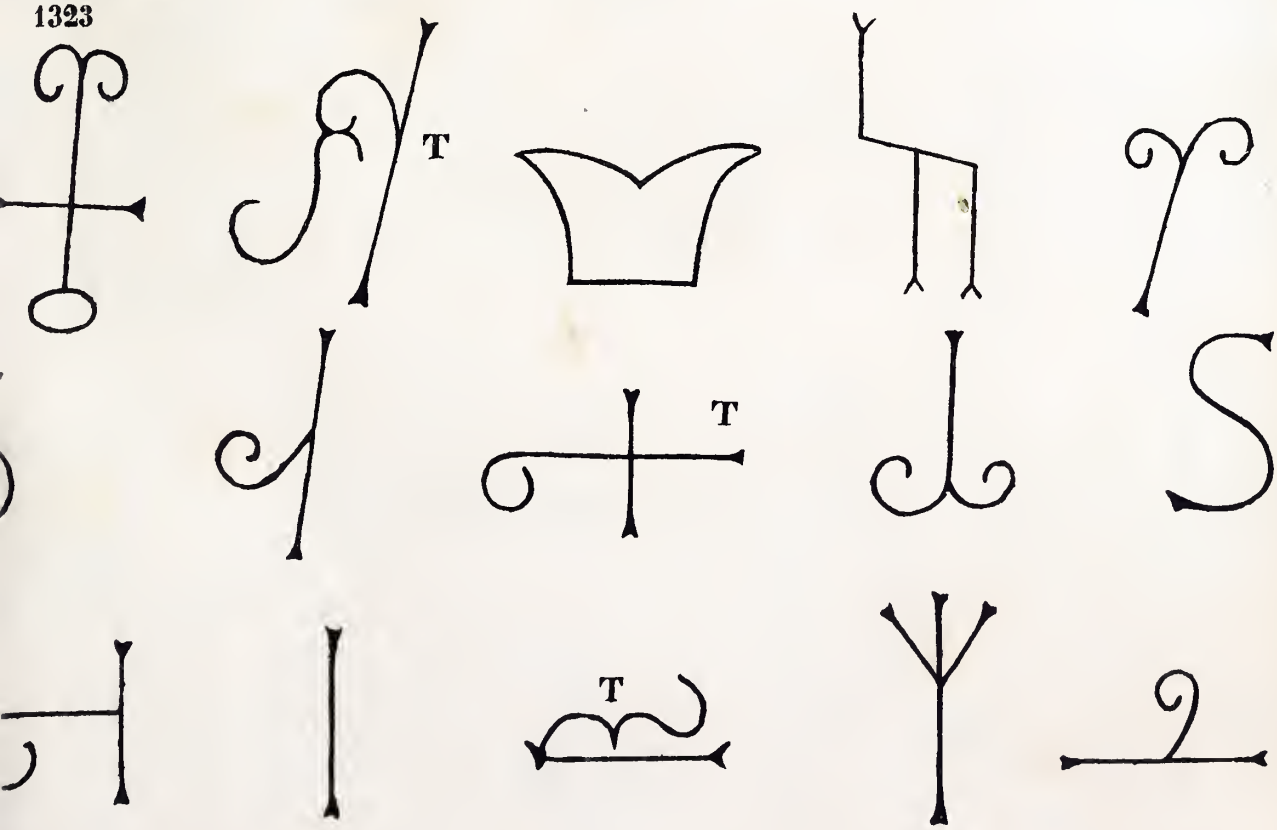

Dehors la vieille église d'Odivellas 1267
XXIII
Lisboa
T
δ
T
T
d
I

51

Dedans du vieux convent de Sainte Claire 1287 — XXIV — Coimbra.



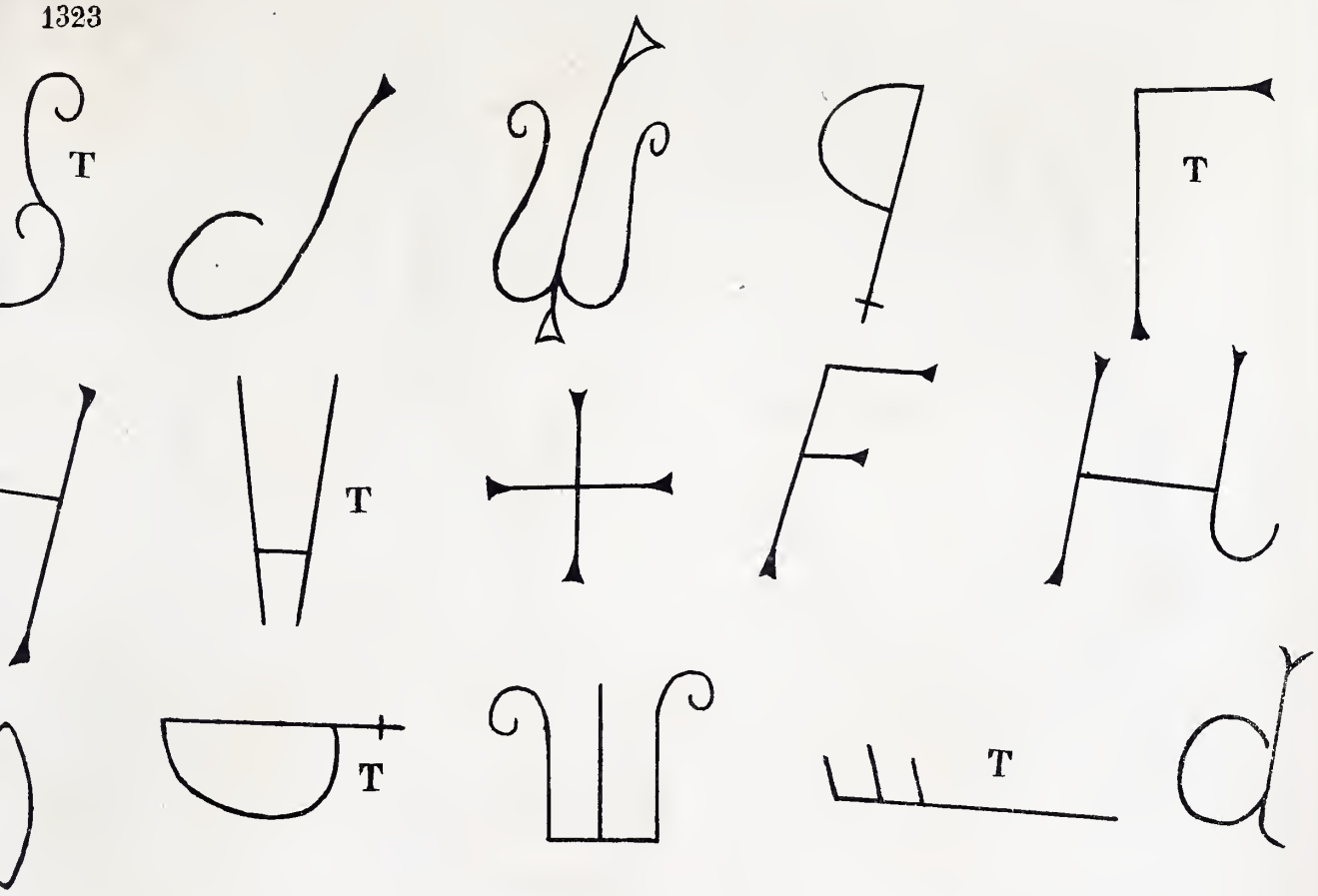
Dans le convent 1323 — XXV — Thomar.



a tour de l'église
1323

XXVI

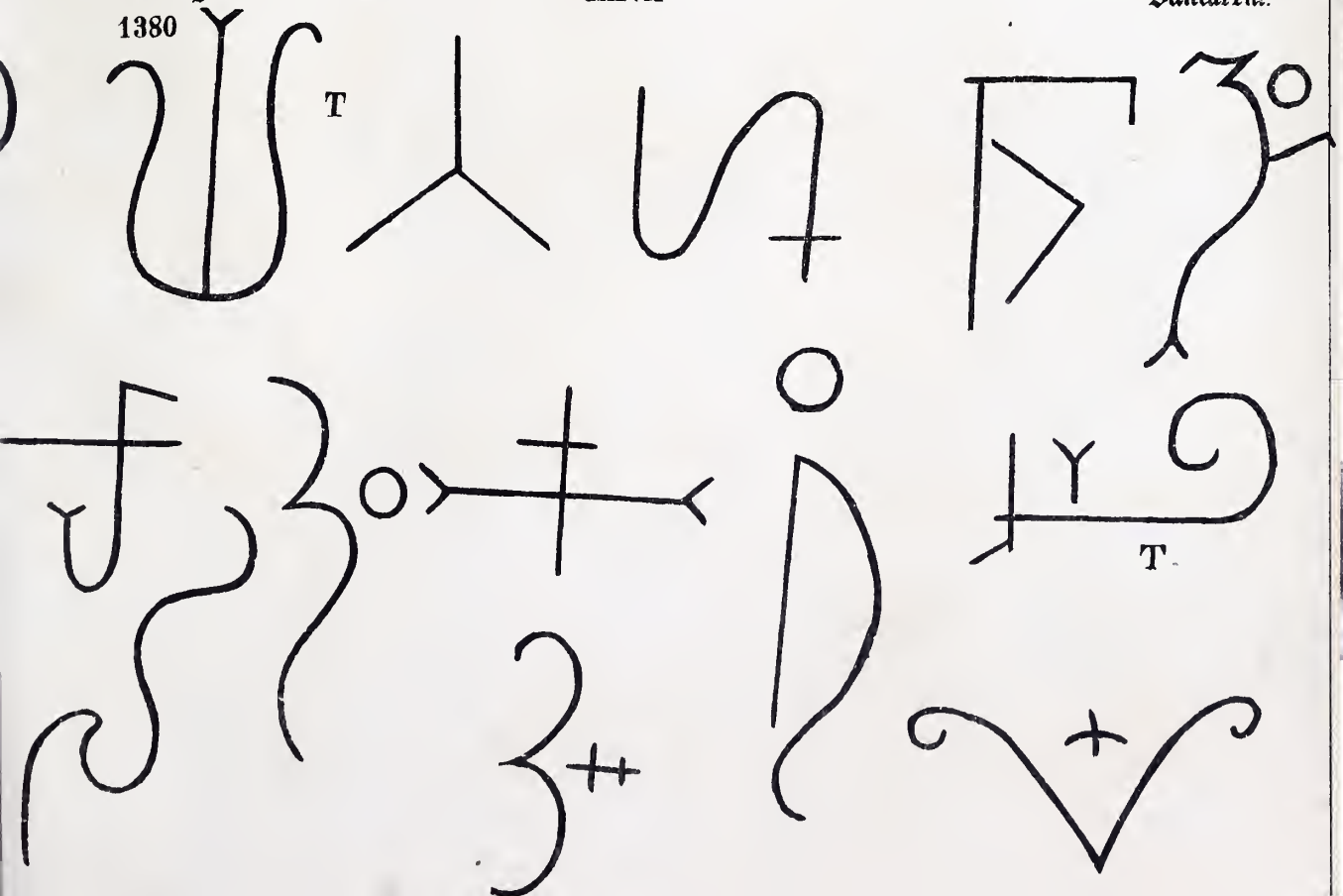
Thomar.

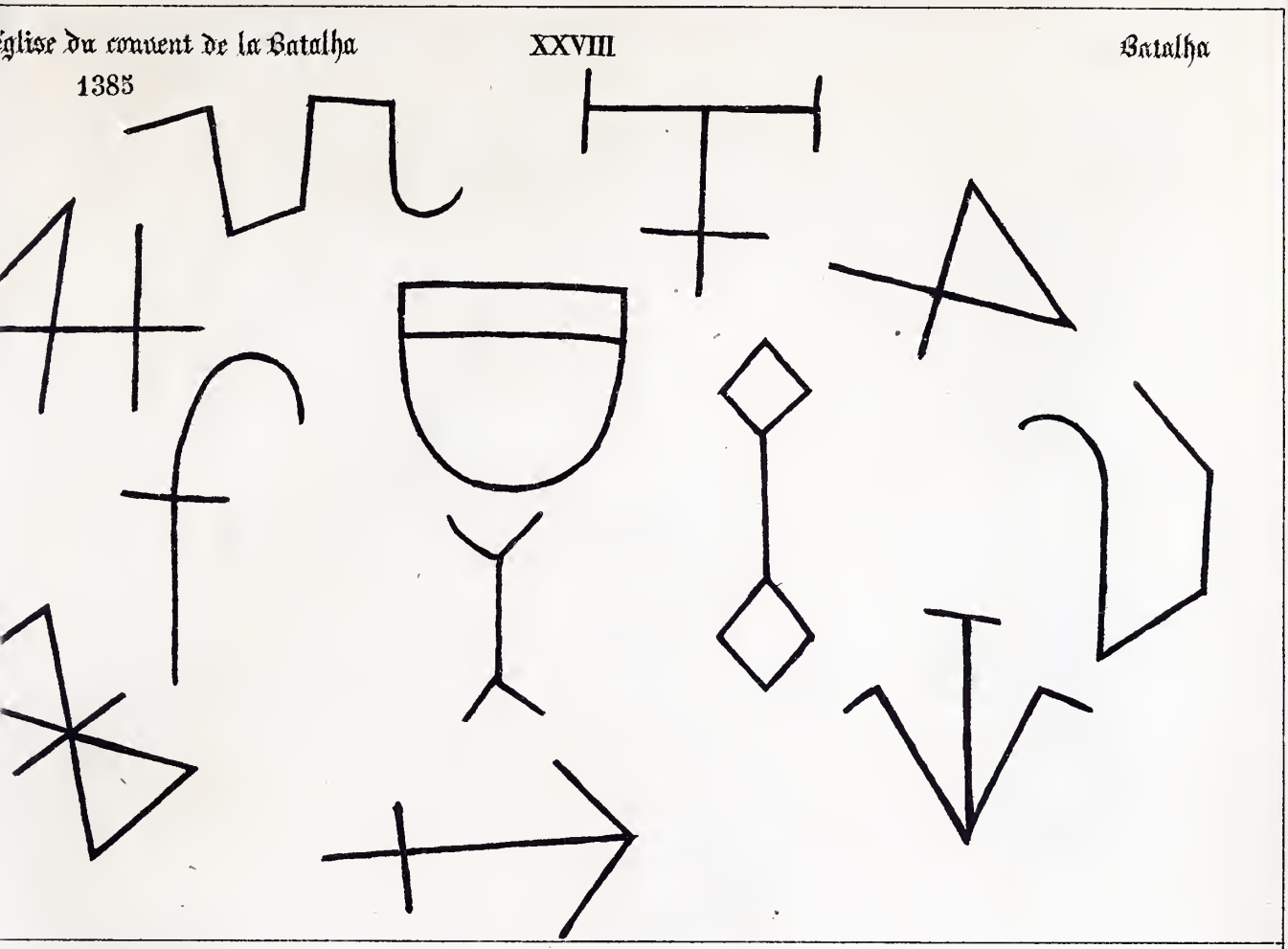


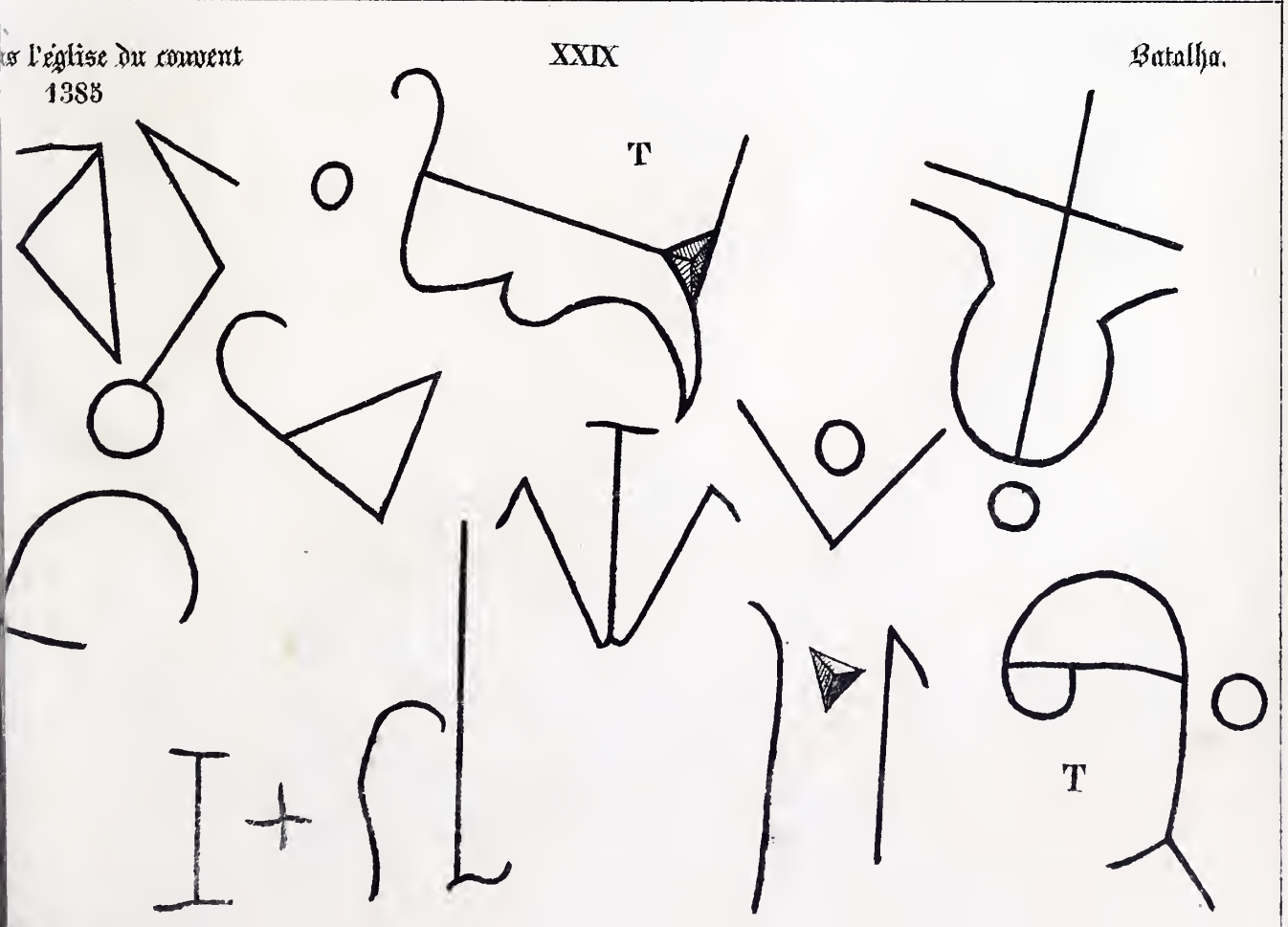
s la tour et l'église de la Grace
1380

XXVII

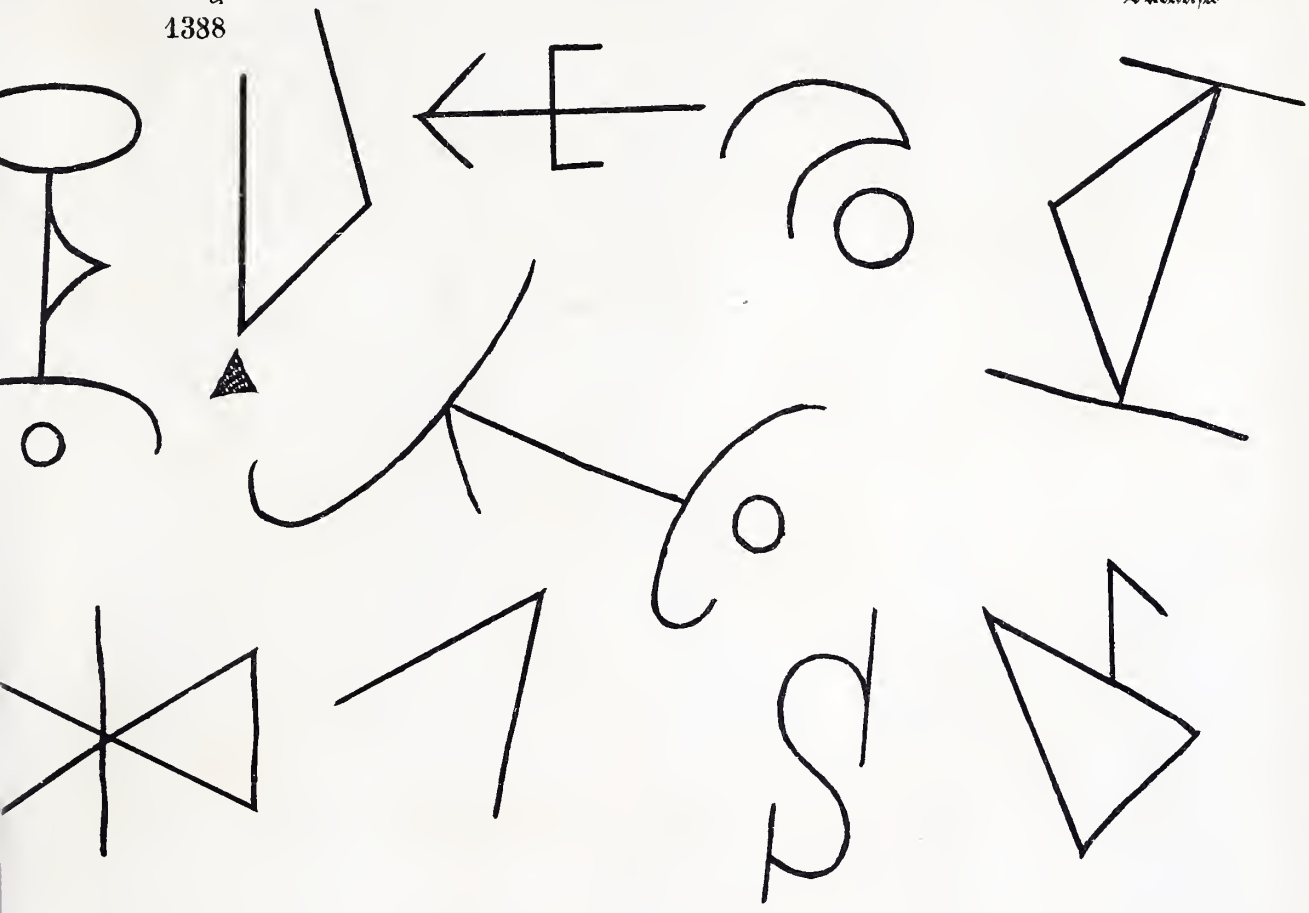
Santarem.



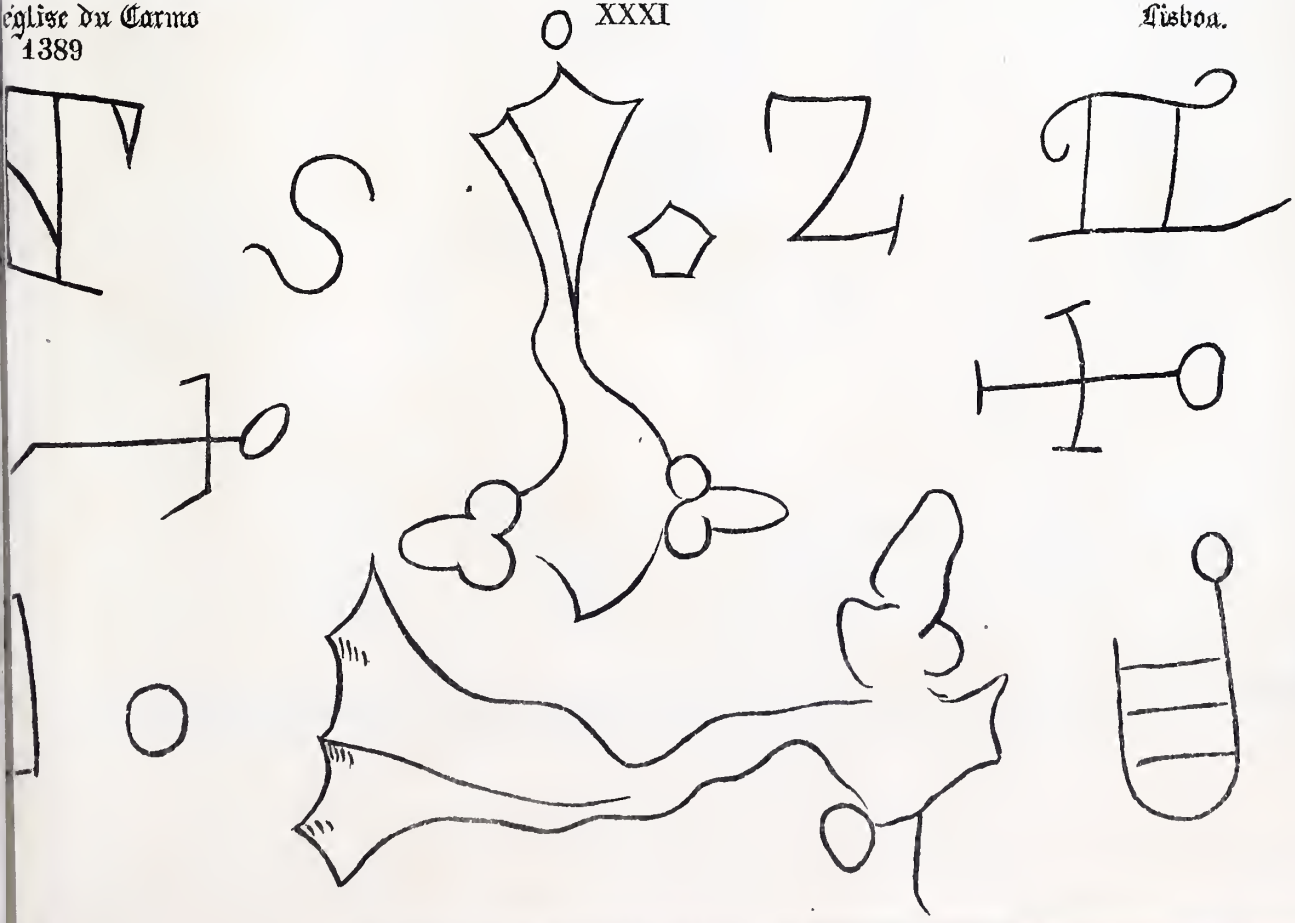

église du couvent de la Batalha
1385
XXVIII
Batalha


s l'église du couvent
1385
XXIX
Batalha.
T
T

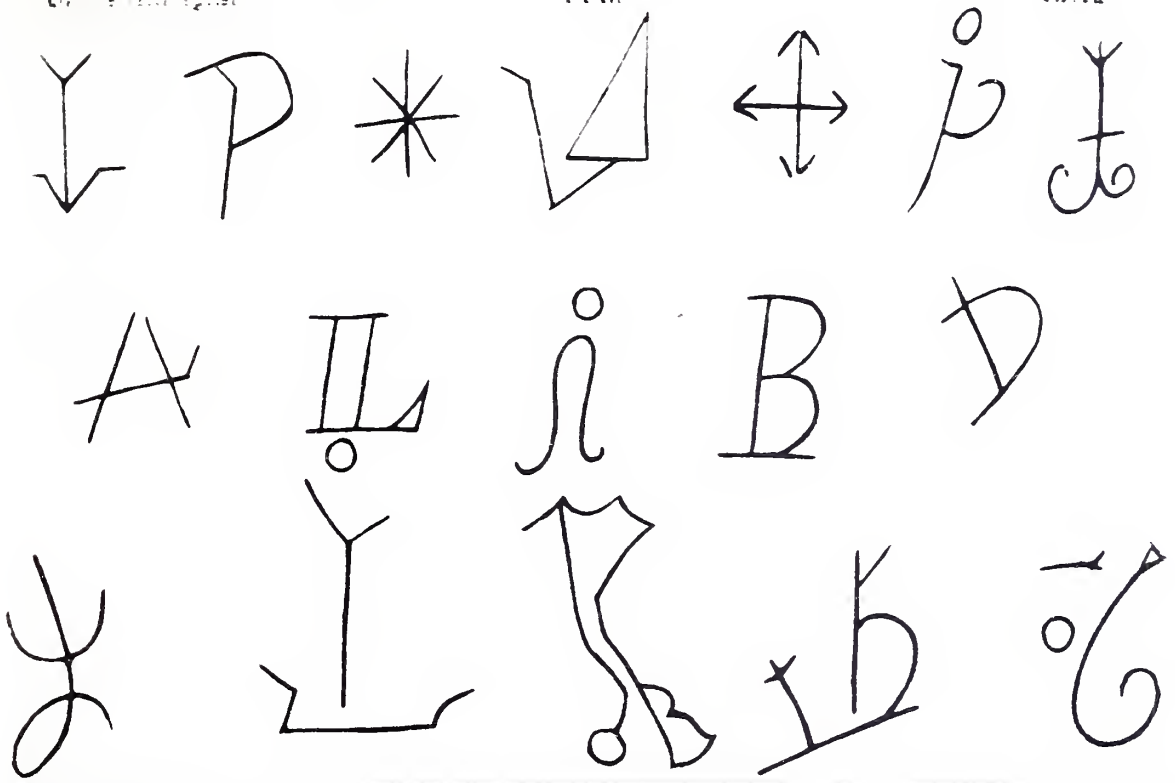
edans le cloître royal de ce convent 1388 — XXX — Batalha



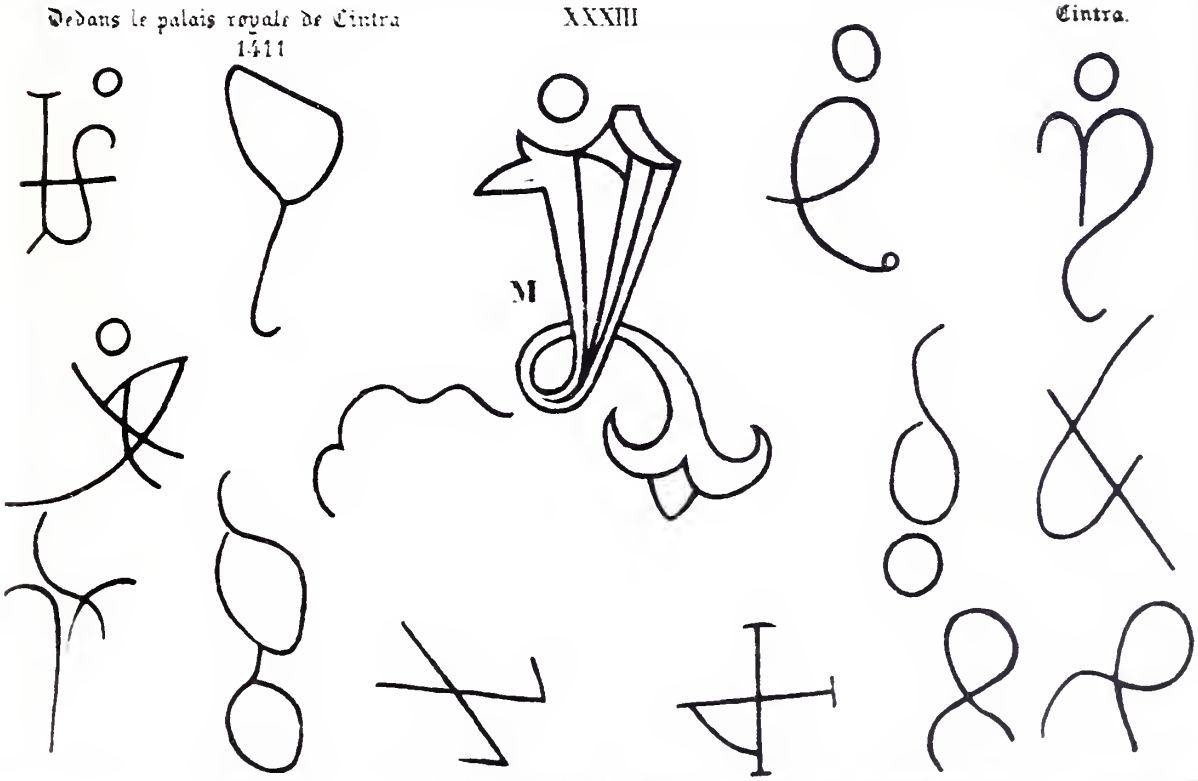
église du Carmo 1389 — XXXI — Lisboa.



Dedans cette église XXXII Cintra



Dedans le palais royale de Cintra 1411 XXXIII Cintra.

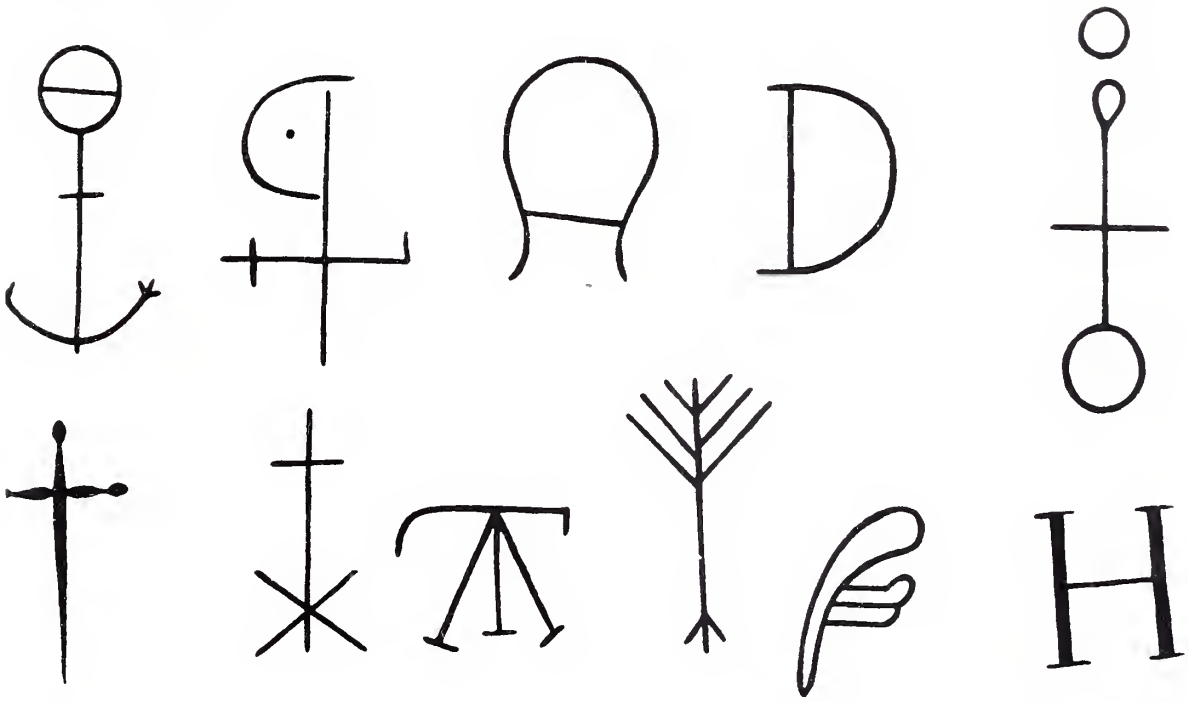


62

Dedans l'église de Saint François
1425

XXXIV

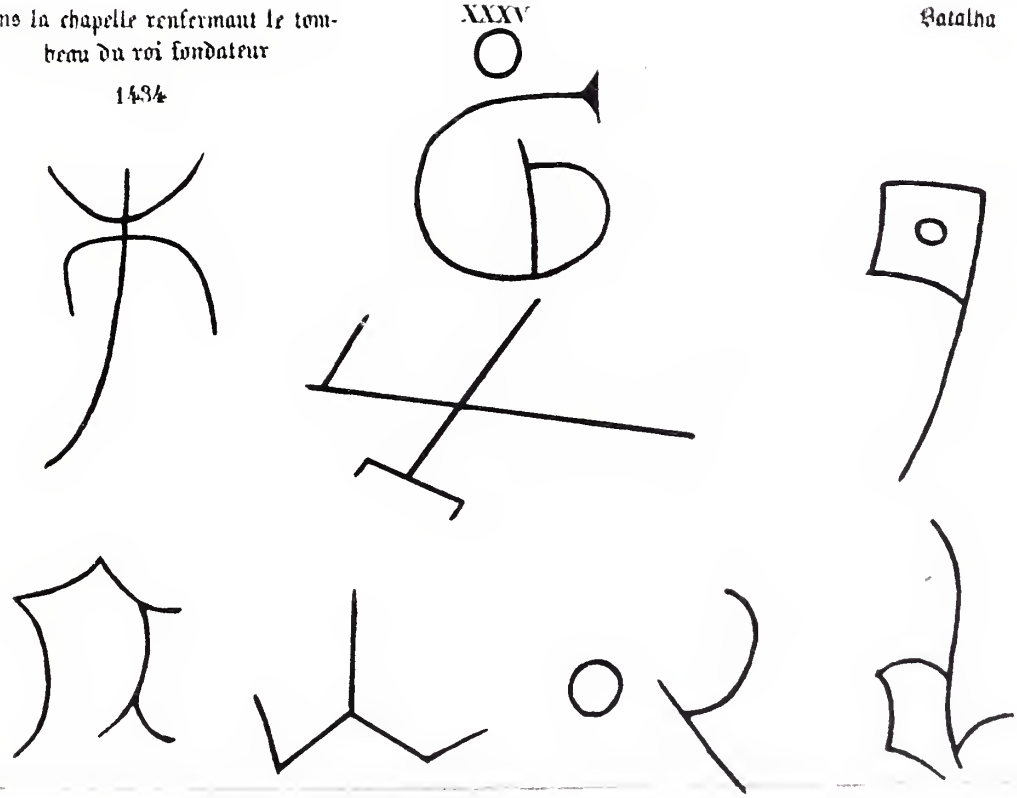
Porto



Dans la chapelle renfermant le tombeau du roi fondateur
1434

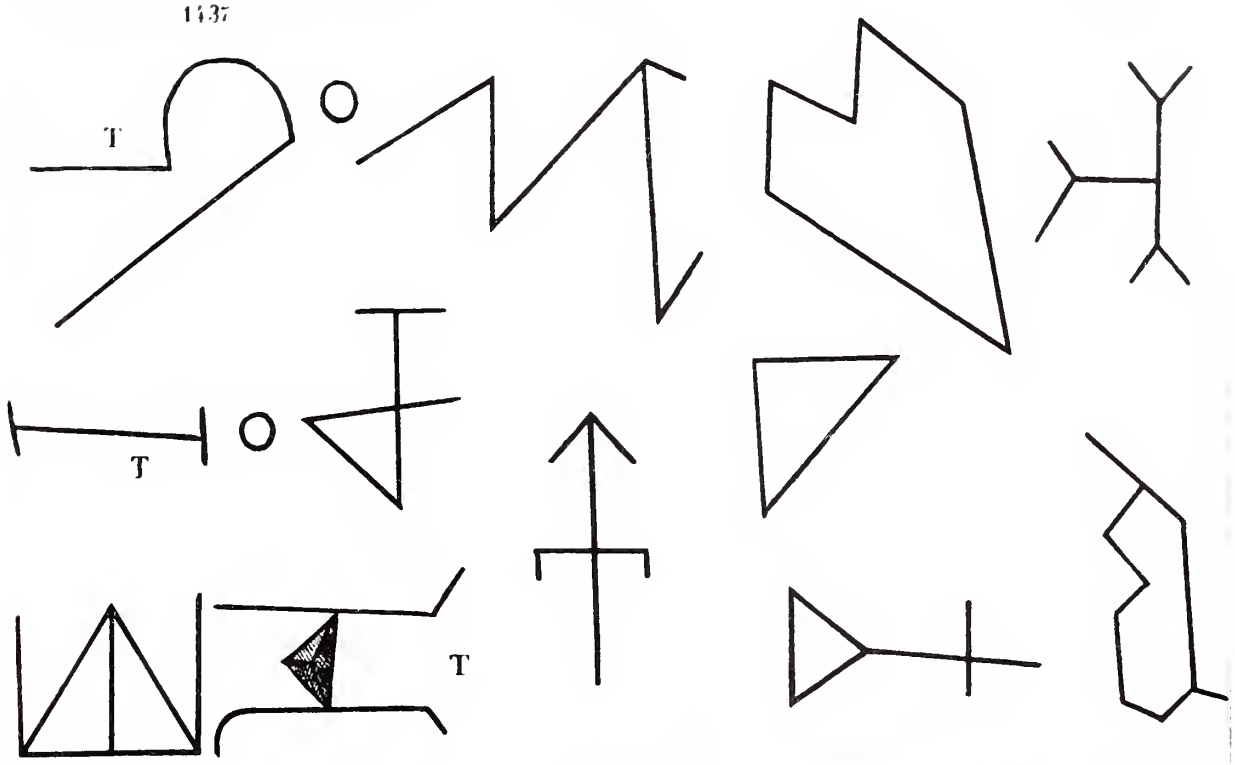
XXXV

Batalha

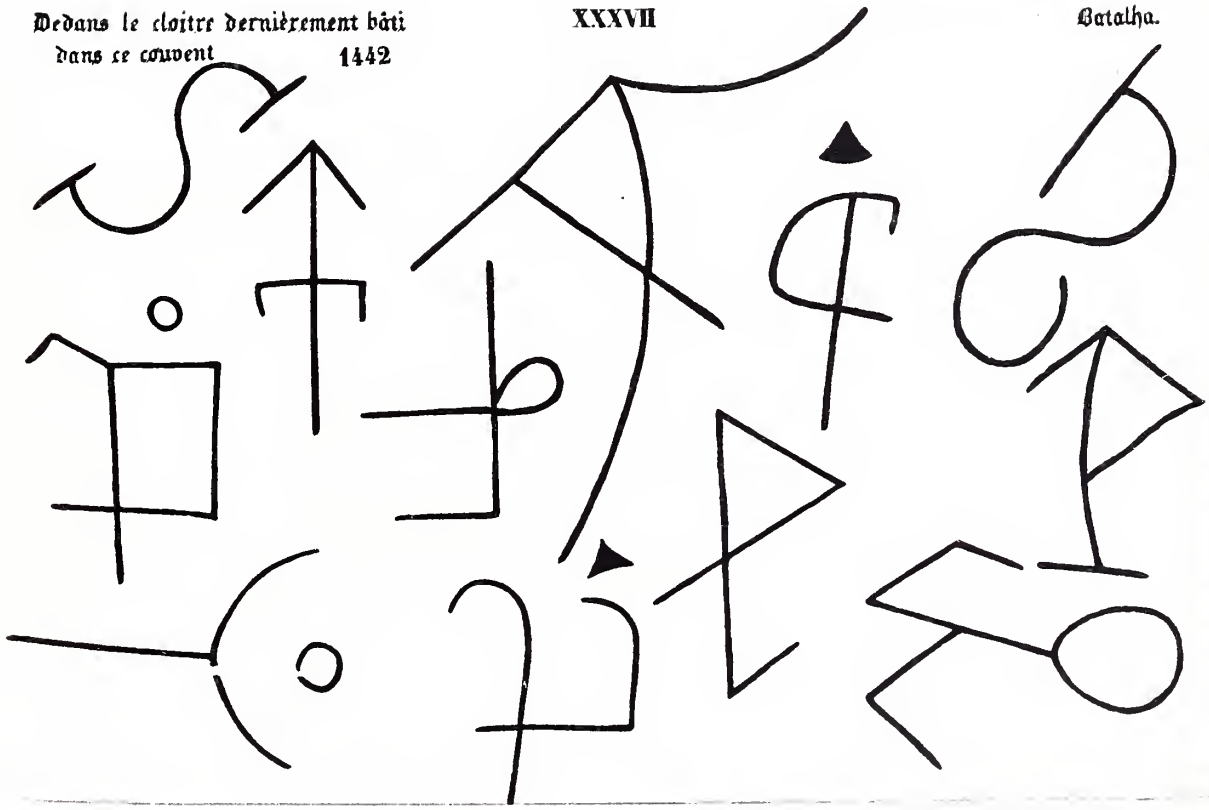


25

Sur la chapelle mortuaire de ce couvent 1437 — XXXVI — Batalha



Dedans le cloître dernièrement bâti dans ce couvent 1442 — XXXVII — Batalha.

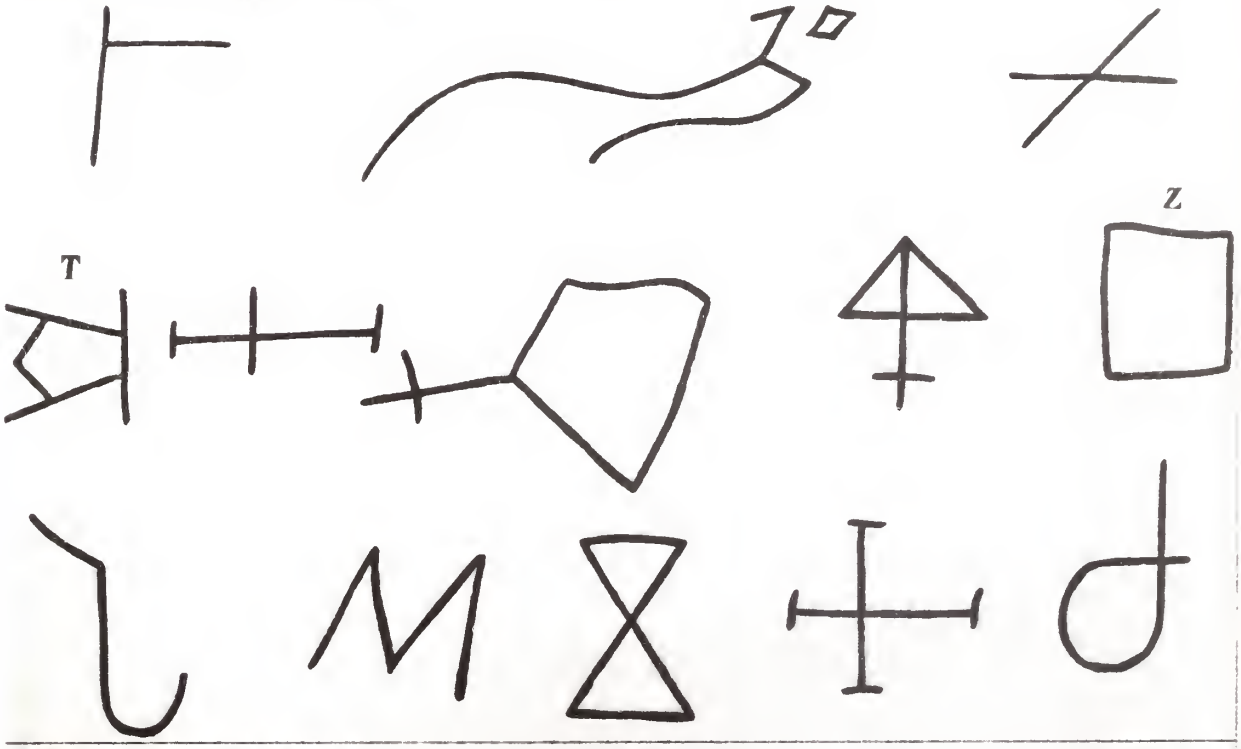


46

Dehors et dedans leglise du Bon Dieu
1489

XXXVIII

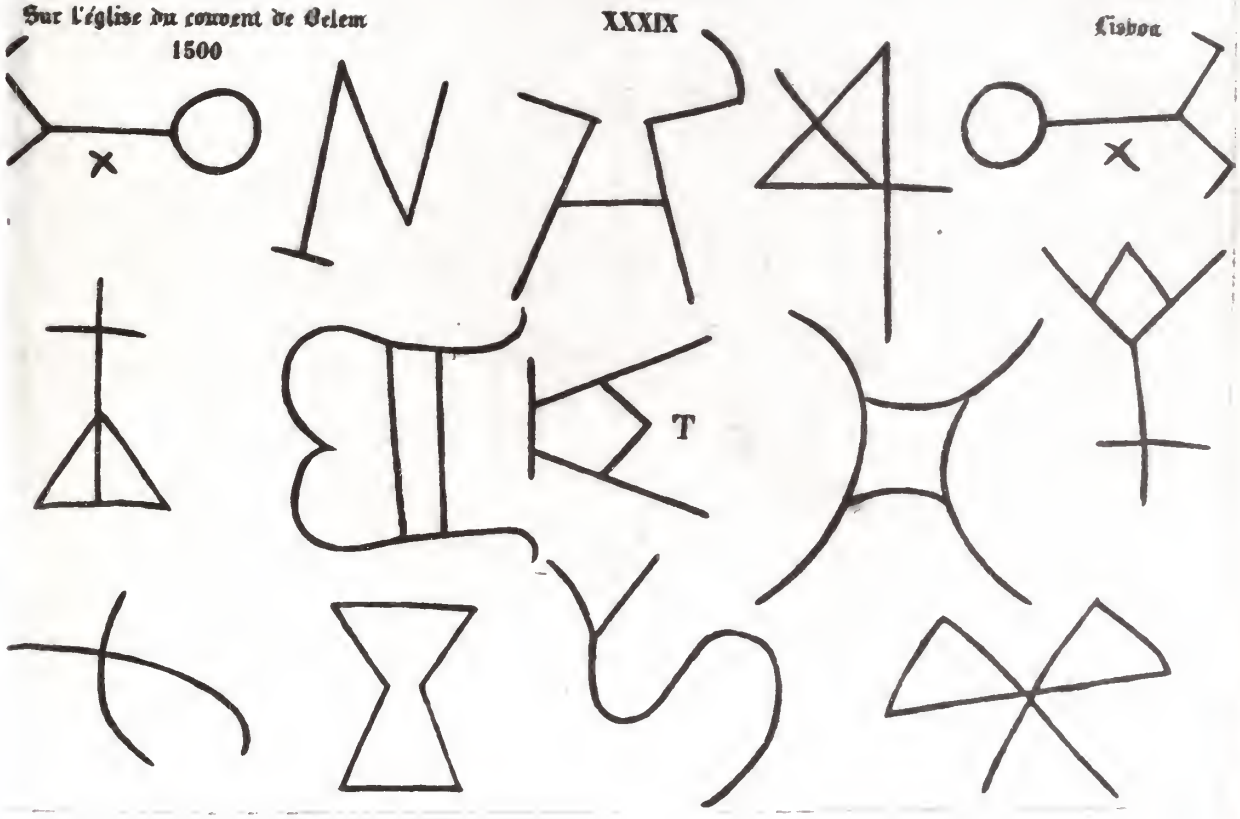
Setubal.



Sur l'église du couvent de Belem
1500

XXXIX

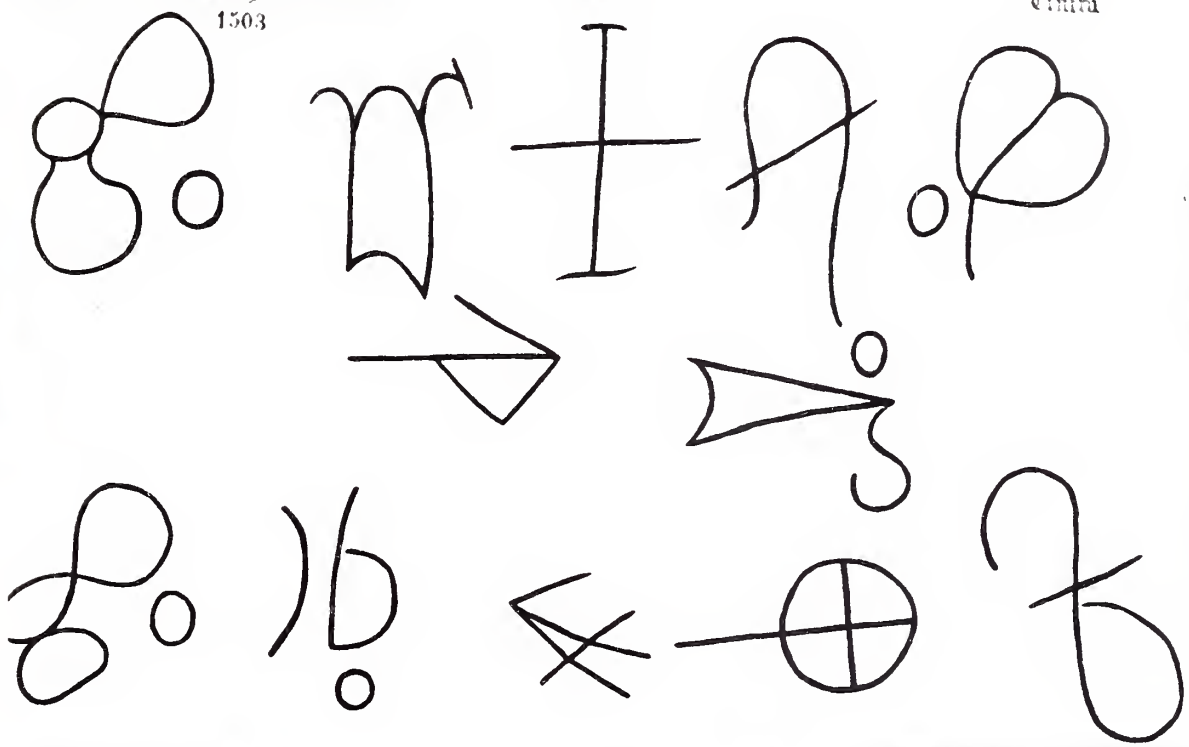
Lisboa



Dedans le palais royal de Cintra
1503

XL

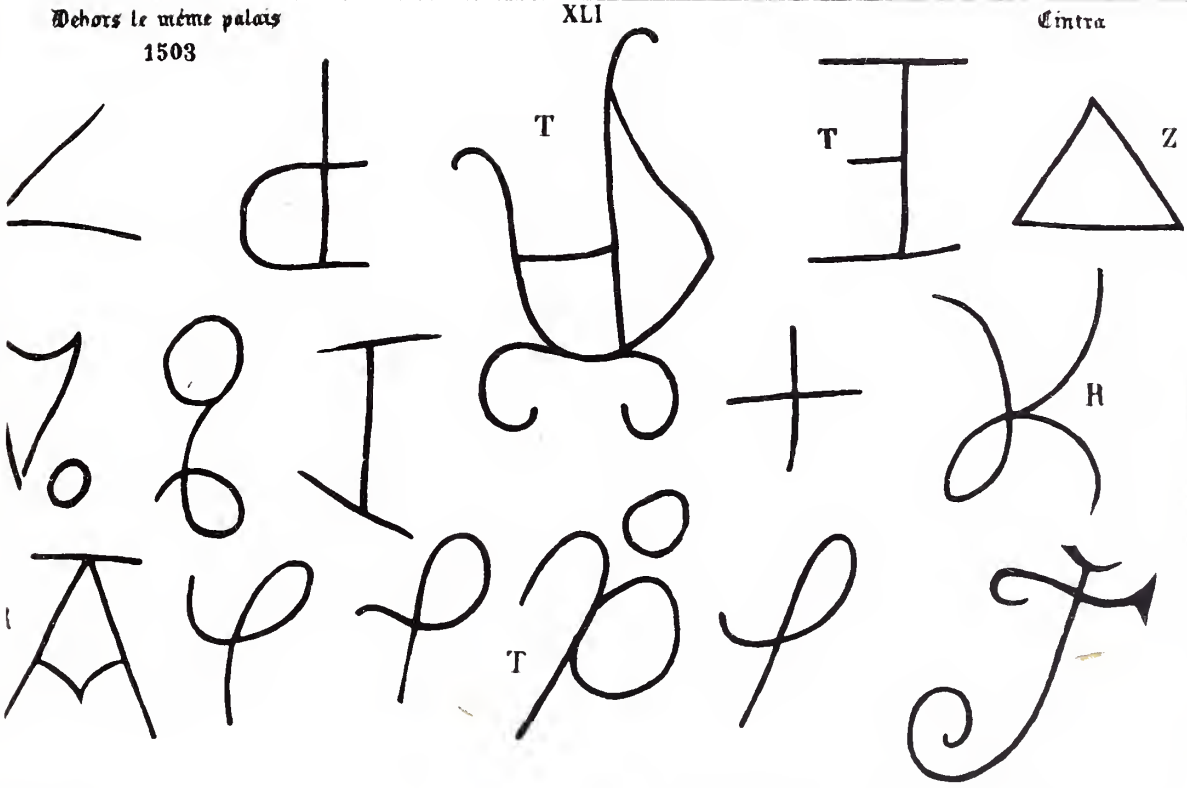
Cintra



Dehors le même palais
1503

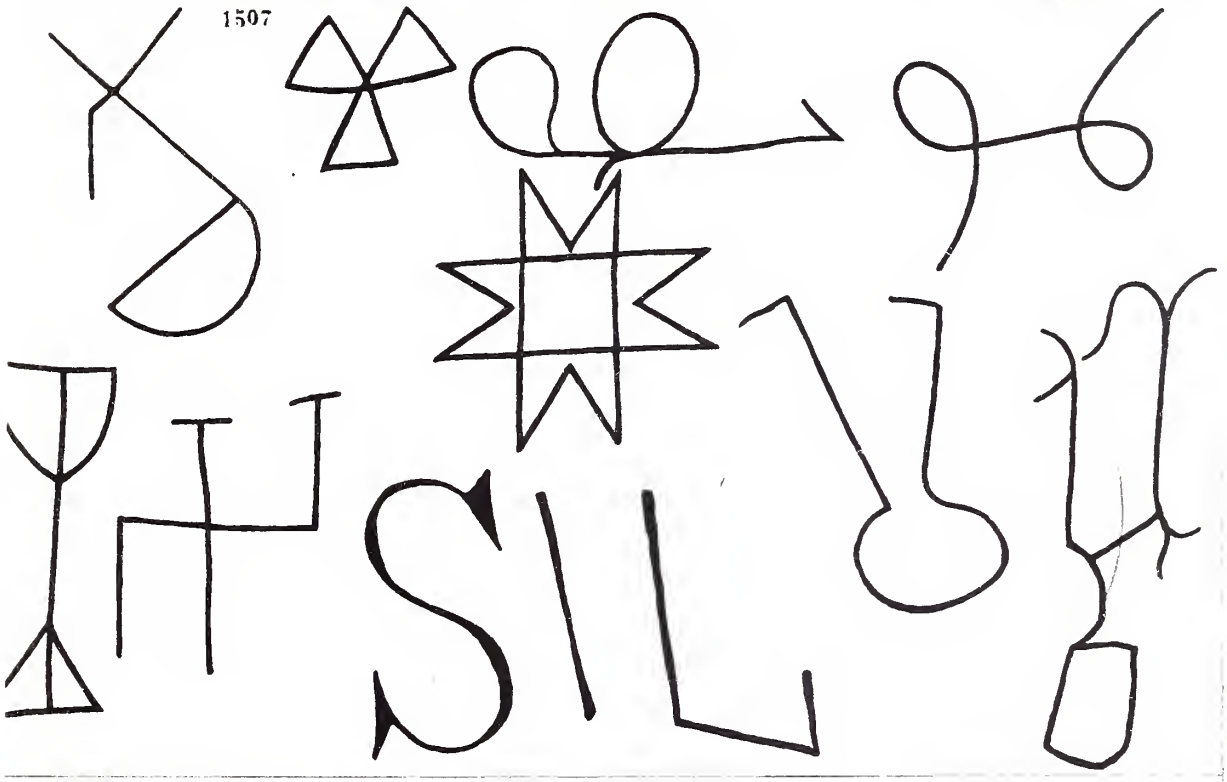
XLI

Cintra



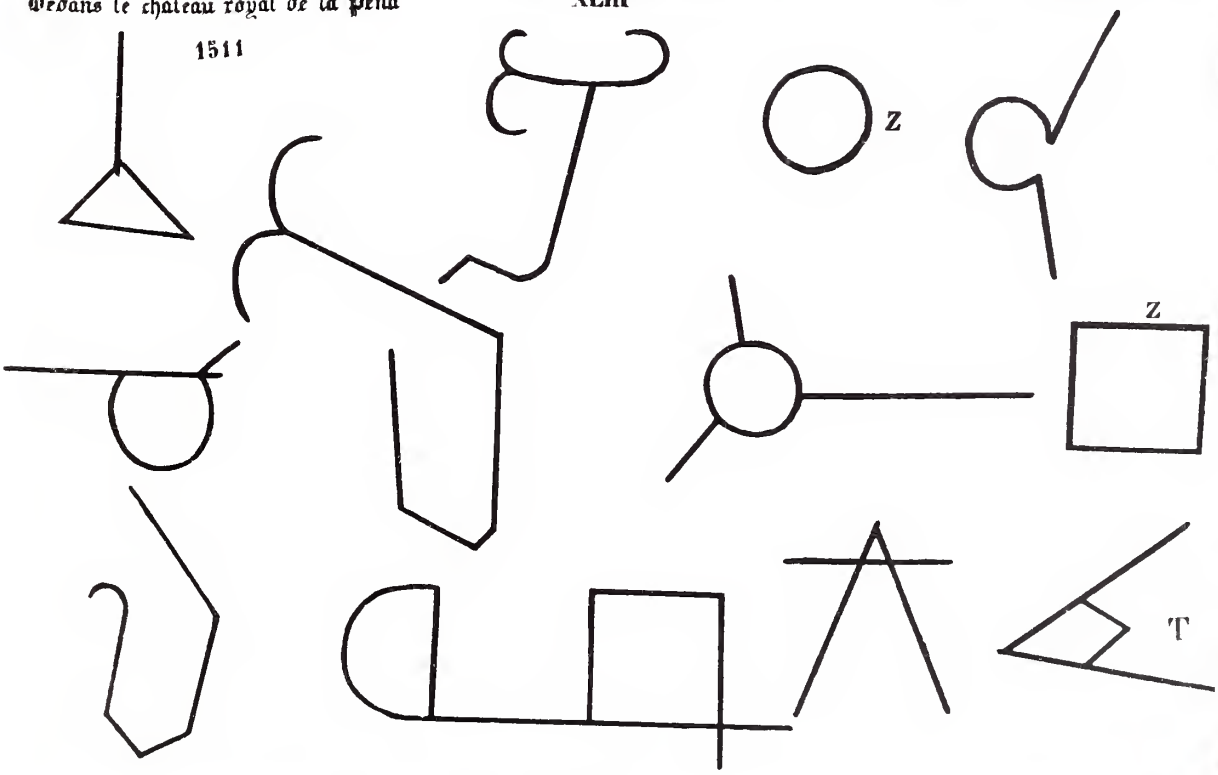
Sur le cloître du couvent de Belem — XLII — Lisboa

1507



Dedans le château royal de la Pena — XLIII — Cintra.

1511



Anciens hieroglyphiques maçonniques XLIV

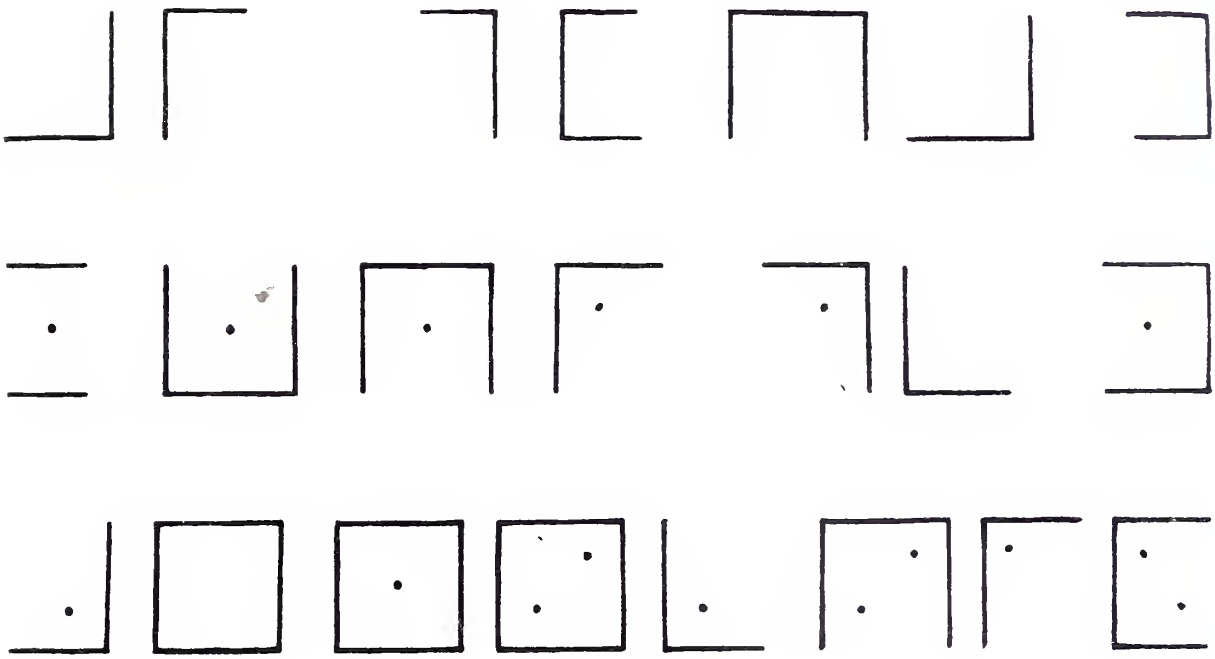
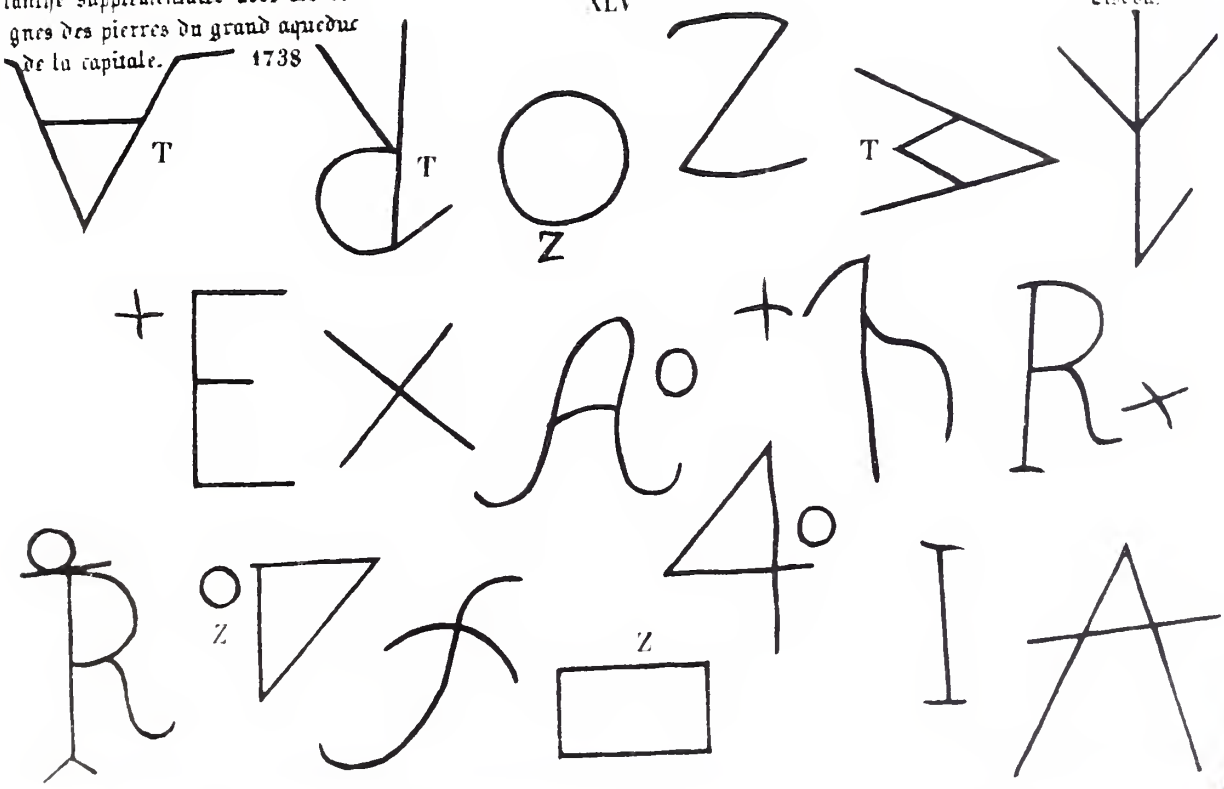


Planche supplémentaire avec les signes des pierres du grand aqueduc de la capitale. 1738 XLV Lisboa.



FIM

assim como a articulação interna deve apparecer na sua singela verdade, e na sua completa essencia. Se o pensamento politico dos Dorios se desenvolveu essencialmente sob a auctoridade do Oraculo de Delfos, é de presumir que o templo Dorico tivesse uma origem identica. O desenvolvimento e o progresso do estylo Dorico estão certamente em relação com o sanctuario d'onde sairam os primeiros fundamentos para a organisação social d'este povo. Portanto a ordem Dorica é das tres ordens da architectura grega, indubitavelmente a mais indigena, e pode-se appellidar a ordem por excellencia; pois é n'ella que se encerram os principios e o caracter monumental da architectura grega. Por este motivo, não é para surprehender, que quasi todos os monumentos que nos ficaram pertencentes aos Gregos sejam ornados com esta mesma ordem. Isto nos convence que elles a empregaram com complacencia, e uma especie de profusão durante muitos seculos; e em todos os paizes onde o seu dominio penetrou, essa ordem predilecta teve sempre a preferencia para ornar os seus mais importantes monumentos.

Nas principaes cidades da Grecia, da grande Grecia e da Sicilia, unicamente nas cidades mais florescentes, era esta mesma ordem escolhida para fazer realçar esses magnificos monumentos. Se todos esses soberbos edificios apresentam um caracter similhante e contemporaneo, foi porque todos elles pertenciam ao bello periodo das Bellas-Artes n'aquelle paiz classico.

A preferencia que tinha a ordem Dorica para se applicar nos templos das principaes divindades, e egualmente nos edificios mais importantes, era porque, no entendimento dos gregos, se reputava como a mais apropriada para indicar o grandioso. Esta ordem é pois o complemento da architectura grega no seu mais elevado grau; sendo o resultado do gosto apurado e da experiencia adquirida em muitos seculos, que lhe fez conseguir esse conjuncto de concepções, baseadas em relações as mais bem combinadas, obtidas pela reflexão, e inspiradas pela sublimidade da intelligencia e do pensamento!

Tudo aquillo que concorre para produzir a idéa de força e solidez é um caracteristico proprio dos templos Doricos: todavia a força, a gravidade, o poder e a energia não excluem da architectura, como da esculptura, reunir tambem uma certa graça, leveza e mesmo elegancia; pois que a expressão extrema de uma qualidade não apparece nunca sem ter contacto com a expressão da qualidade inversa. E' na difficuldade de não ultrapassar esses limites, que consiste o verdadeiro talento, o gosto delicado e o merito do artista consummado nas producções da sua arte.

O que mais distingue de todas as outras a arte monumental grega, é esse systema de imitação e de proporção, que se acham eminentemente assignalados na ordem Dorica, o que se pode observar no templo de Pœstum; pois constitue um dos mais importantes que possuimos da architectura grega.

Este caracter é de tal forma proprio a esta architectura monumental, que é o seu distinctivo especial, e esse caracter foi originado pela imitação das construcções primitivas, feitas de madeira, que este povo artista havia primeiramente adoptado.

O que estabeleceu entre a arte monumental da architectura grega e as outras artes monumentaes, a diversidade mais caracteristica, é que o modelo da primeira sendo já um complexo da correlação e de partes unidas umas com as outras, o seu aperfeiçoamento devia, com o correr dos tempos, vir a formar um systema de proporções, capaz de estabelecer n'esta architectura uma fixidez de principios, uma forma determinada e regras invariaveis, como se nota e verifica nos seus monumentos.

O bello templo de Pœstum, cidade antiga pertencente á Grande Grecia na Lucania, exprime no maior grau essa perfeição, essa força, essa magestosa harmonia, como o melhor exemplo d'esses principios invariaveis, e da regra constante seguida n'esta arte monumental.

O recinto d'esta mesma cidade encerra ainda um grande numero de outras ruinas, das quaes a principal é este famoso edificio; tendo a nave interior dividida por tres naves, formadas por dois renques de columnas com duas ordens sobrepostas.

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal, appartenant a l'architecture du moyen-age. Avec 45 planches et fac-similes.

(Voir le n.° 2 pag. 29.)

L'architecture ogivale a élevé ces constructions extraordinaires dans les pays catholiques au moyen-âge, à l'époque où la foi était dans toute sa vigueur; et quand même le sentiment religieux des peuples n'aurait pas été si exalté, les artistes et les ouvriers de cette époque n'auraient pu exécuter ces édifices, bâtis d'une manière si admirable par la hardiesse de leur conception, et par la difficulté de leur travail, et leur donner en même temps cette agréable harmonie qu'on observe dans ses

grandioses constructions; cela étant dû au constant accord et à l'obéissance passive établie parmi les différents artistes et les ouvriers désireux de mettre en pratique les beaux plans de l'habile Maître Maçon, tous étant alors également pénétrés de ce sentiment religieux, qui avait tant d'empire sur les idées des habitants de l'Europe à cette époque.

Pour pouvoir exécuter des travaux aussi importants il a été nécessaire d'avoir beaucoup d'ouvriers, d'autant plus qu'on faisait de semblables travaux en plus d'un pays, et presque en même temps; et pour l'exécution desquels on donnait la préférence aux ouvriers les plus habiles, et ceux-là étaient précisément de la Société des franc-maçons; pour ce motif ils étaient recherchés partout pour ces constructions.

Quoique le nombre de ces adeptes fut considérable, cependant il en fallait davantage pour satisfaire à tant de travaux en train d'exécution: c'est pourquoi ils ont été appelés à venir aussi travailler aux monuments du Portugal, avant et pendant les travaux de l'église et du couvent de Batalha.

Il y a encore une autre raison bien plus forte pour confirmer l'opinion que nous allons donner sur cette question; c'est que les travaux ne marchaient pas bien vite; non seulement à cause des grandes dimensions données à ces édifices, mais surtout parce qu'on employait des pierres de taille de petit volume, et toutes ces constructions étaient faites avec des pierres des parements faits sur toutes leurs faces; ce qui augmentait considérablement la main d'œuvre; le seul moyen dont on s'était avisé pour éviter cet inconvénient et pour activer les travaux, et en même temps pour obtenir plus de gain aux ouvriers, c'était de leur donner à forfait la coupe de ces pierres, d'après les dimensions données et ornées suivant les dessins de l'architecte. Cependant pour faire les payements à un si grand nombre d'ouvriers sans se tromper, pour savoir au juste ceux qui avaient fait les différents ouvrages dont ils étaient chargés, car on ne pouvait perdre du temps à attendre que toutes les pierres fussent prêtes avant de commencer à les mettre en place; les ouvriers façonnaient leurs pièces les unes après les autres; et pour éviter de changer leur travail l'un par l'autre, les tailleurs de pierre avaient l'habitude de marquer leurs pièces d'un signe convenu, comme représentant leur signature, ou paraphes, pour qu'on sût combien il leur était dû pour leur travail. Voilà la raison, selon nous, pourquoi on remarque tant de signes différents, non-seulement sur le même monument, comme sur les autres qui existent en différentes provinces du Portugal; et pourquoi ils se trouvent sur ces pierres en divers endroits. Car les maçons ne pouvant attendre que le même tailleur de pierre achevât toutes les pierres d'une même assise, pour remplir des murs si gros, ce qui aurait été impossible, à proportion qu'il finissait les pierres commandées, on lui en faisait commencer d'autres pour un autre endroit, et pour être posées plus haut; puisque d'autres ouvriers étaient en train de préparer les autres pierres qui devaient se joindre à celles que leurs compagnons antérieurement avaient achevées.

A cette époque le peuple ne savait pas écrire, et pour cela les ouvriers étaient obligés de se servir de certains gr ffonnages qui désignaient chaque individu en particulier; cet usage passait de père en fils, de la même manière c'était l'habitude dans ce temps là (comme encore aujourd'hui dans beaucoup de familles), que les fils exerçaient le même métier que leurs pères. Voilà encore une raison de plus pour nous faire croire que des signes pareils qu'on voit sur les édifices des provinces du Portugal, que les tailleurs de pierre d'une telle localité (et par la date de l'édifice il sera facile de savoir où l'ouvrier a été d'abord employé), ont aussi pris part à la construction de tel monument du même style dans cet endroit.

Notre supposition sur ce point nous conduit encore plus loin; car elle nous fait connaître aussi combien d'ouvriers de la même famille, c'est-à-dire ayant un même surnom, auraient travaillé au même édifice et à la même occasion; et pour parvenir à savoir cela, il suffit de remarquer la seconde marque ajoutée au signe spécial qu'ils avaient adopté pour eux; laquelle sera alors identique pour tous leurs parents; ces signes seront indiqués par un zéro 0, un triangle △, un disque ○, une petite croix ✠, et un trièdre, joint à cette figure ou séparé d'elle. Planches 6, de 9 à 12; 17, 18; de 21 à 24; 27, 29, de 30 à 33; de 35 à 37, de 39 à 41 et 45.

Nous pouvons aussi nous assurer si le même ouvrier a fait tout seul un ouvrage complet. Dans ce cas on trouvera sur la pierre un signe seulement; exemple qu'on voit dans les parties isolées de la construction, ou sur des objets de petite dimension. Comme on remarque sur la jolie porte de la chambre à coucher de S. M. la Reine, et celle des appartements de S. M. le Roi D. Ferdinand, dans le palais Royal de Cintra. Planche 33, fig. M.

On pourra nous faire une objection sur la manière dont nous prétendons expliquer le motif pourquoi on a mis les signes sur les pierres des édifices construits pendant le moyen-âge; car si ils étaient posés d'après notre conjecture, pour que ces signes servissent à montrer combien de pierres chaque ouvrier avait façonnées par semaine pour le même monument, et savoir par leur nombre ou cubage quelle devrait être la somme à recevoir pour son travail; alors si cette marque avait été

mise exprèssement pour cela, elle aurait dû être posée sur toutes les pierres. A cette observation, qui paraît avoir quelque fondement, nous répondons sans hésitation, que ce n'est pas une raison si les marques ne sont pas apparentes sur toutes les pierres, car elles peuvent se trouver sur les faces cachées dans l'épaisseur des murs, comme nous avons remarqué sur le portail de la vieille cathédrale de Coîmbra, ayant vu ces signes H H, planches 2 et 3, étant cachés derrière les fûts des colonnes, et ils ne seraient pas apparents aujourd'hui, si ces fûts ne fussent pas cassés; mais nous croyons inutile ce soin, puisqu'il suffit de compter le nombre de pierres qui se trouvent séparées par deux signes différents, pour avoir une idée exacte à l'occasion où l'on construisait l'édifice, de la somme que ces pierres pouvaient rapporter à chacun des ouvriers.

Il ne doit pas non plus nous surprendre de voir sur ces pierres les signes mis de travers, car cela dépendait de la position qu'avait la pierre à façonner, mise vis-à-vis de l'ouvrier à l'occasion où il finissait son travail; et comme cette marque n'avait aucun rapport avec celles de ses compagnons, il n'y avait absolument aucune signification maçonnique, il lui était très indifférent que ce signe fût mis sur un côté quelconque de cette même pierre; comme c'était aussi la dernière chose à faire avant de la mettre en place, l'ouvrier la marquait selon la position où elle se trouvait sur son chevalet, ne voulant pas se donner la peine de tourner la pierre pour choisir le côté convenable pour mettre son signe; comme on remarquera sur la position des pierres T. T. T. des planches 2, 3, de 6 à 12; 14, de 16 à 27; 29, 36, 38, 39, 41, 43 et 45. Cela vient encore à l'appui de notre conjecture, comme la plus naturelle sous quelque rapport qu'on la considère.

Quand un même tailleur de pierre faisait toutes les pièces d'une colonne, ou un chambranle de porte ou de fenêtre, alors on voit la marque sur la base ou le socle, qui était la place choisie pour mettre le signe adopté par l'ouvrier; cela n'empêche pas que l'on voit sur l'autre colonne ou chambranle de la même baie, une autre marque différente; car cela nous dit clairement qu'un seul ouvrier a façonné cette partie de l'ouvrage, et que pour cela on ne trouve aucun autre signe sur les autres pierres qui composaient ce travail. Examiner les belles fenêtres de la façade du palais Royal de Cintra, planche 41, fig. R. R. R.

Il n'en n'est pas de même cependant pour les pierres que forment les arcs des voûtes ou les arcs boutants; car chaque pierre a un signe différent, attendu que ces pierres sont taillées d'après les modèles de panneaux, de sorte que plusieurs ouvriers pouvaient faire ce travail en même temps; car comme il était nécessaire d'employer ce moyen, pour ne pas faire attendre cette partie de la construction dont dépendait la continuation des travaux; donc il n'est pas étonnant de voir sur chaque pierre un signe spécial, comme il était d'usage de faire; voilà encore un autre exemple qui vient appuyer notre opinion; celle de pouvoir connaître combien il était dû aux ouvriers pour le travail par eux façonné, pour qu'on pût leur donner le payement correspondant.

Finalement, comment pouvait être, que ces signes soient ceux des ouvriers franc-maçons, quand on les a mis sur les pierres de plusieurs monuments plus anciens que leurs confréries fussent organisées?

Les signes hiérogliphiques plus anciens de la Maçonnerie, qu'on trouve dans les livres imprimés, et dont nous donnons aussi une copie, planche 44, pourqu'on puisse les comparer aux autres trouvés sur les monuments en Portugal, on remarquera tout de suite la grande différence qu'il y a dans la configuration de ceux, que les ouvriers du moyen-âge nous ont laissé gravés sur les pierres; cependant si ces marques avaient quelques rapports avec les signes symboliques appartenant à l'ancien Rite Maçonnique, nécessairement la plupart d'entre eux, même gravés avec beaucoup d'imperfection, devaient sans doute paraître tant soit peu semblables à ceux que l'ordre des franc-maçons avait adopté. Une autre indication très positive que ces signes n'appartiennent pas à l'ordre maçonnique, c'est que les ouvriers ont marqué quelques pierres sur différents édifices avec des signes imitant les caractères romains, onciales et gothiques! Comment pourrons nous expliquer cette façon inusitée d'indiquer de cette manière sur les pierres que ces ouvriers étaient des franc-maçons?! Cela ne viendra-t'il pas donner encore plus de force à notre opinion? Démontrant que tous ces signes ont été faits par pure fantaisie, pour servir au but que nous avons exposé, que ces signes servaient uniquement aux tailleurs de pierre qui ne savaient pas écrire, de moyen pour marquer le travail qu'ils faisaient; tandis que ceux, qui étaient plus intelligents et en ayant déjà connu la valeur des lettres, auront alors marqué avec les lettres initiales leurs noms ou leurs surnoms pour désigner quelles étaient les pierres par eux façonnées.

Nous avons trouvé gravés sur différents édifices presque toutes les consonnes, comme on peut s'en assurer en examinant les planches que nous donnons.

Pour tirer toutes les doutes à cet égard, on voit sur le mur qui fait le fond du beau cloître du couvent de Belem à Lisbonne, et qui a la face tournée vers le Nord, plusieurs pierres marquées avec de très-grandes lettres réunies de cette façon SIL, planche 42, ce qui signifie très-clairement le nom de

Silva, qui est le surnom de beaucoup de familles portugaises; et dans ce cas il serait le nom de l'ouvrier tailleur de pierre, lequel aura travaillé pour ce cloître.

Nous laissons à l'impartialité des personnes données à ces recherches, de faire cette comparaison avec les 544 signes copiés sur les pierres des monuments anciens qui ont été bâtis dans ce pays, et nous les offrons dans les 45 planches de ce mémoire; par ce moyen ils pourront former leur jugement sur ce point de l'archéologie, que nous présentons au public pour servir d'étude sur les antiquités de ce royaume. Cette question dans son genre n'est pas la moins intéréssante à résoudre sur l'histoire de l'art en Portugal.

Cintra, 17 Mai 1868.

Le Chevalier J. da Silva.

Conclusão dos excerptos da correspondencia a que nos referimos no anterior numero, pag. 31

Sr. — ..... Peço perdão de me ter demorado tanto tempo em agradecer a V.... a muito interessante memoria sobre os signaes gravados que se encontram nos antigos monumentos de Portugal.

Este importante trabalho de V...., sem duvida de grande interesse para a historia dos nossos monumentos, não o é menos para os da archeologia da Europa, e faz muita honra aos seus conhecimentos, como pelo louvavel zelo em fazor conhecer fóra do paiz as riquezas nacionaes.....

Este que se honra de ser de V.

Junqueira, 13 de maio de 1869. — *Conde de Lavradio.*

Sr. — ..... O trabalho por V.... publicado em lingua franceza sobre os signaes das pedras nos velhos monumentos é de importancia e curiosidade para os amadores.

A variedade d'estes signaes é tal que a opinião sustentada sobre a sua significação maçonica não tinha fundamento.....

É pois possivel que os signaes nas pedras fossem a abreviatura de algum pensamento que se quizesse exprimir.

Apresenta V... uma idéa muito plausivel, que desenvolve perfeitamente.....

Fez V... um bom serviço aos estudos archeologicos pouco adiantados entre nós. A mim obsequiou V... immenso offerecendo um exemplar do seu magnifico trabalho.

Digne-se V... dispor de quem se preza de ser..... — *Conde de Samodães.*

2 décembre 1868.

Je suis très frappé, monsieur, de votre si précieux travail, j'ai étudié les signes déchiffrés par vous.

Vous aurez la gloire d'être le Champollion de ces hiéroglyphes.

Vous promenez le flambeau dans l'obscurité géologique comme Champollion dans l'obscurité égyptienne.

Je vous salue et le fondateur des Invalides du Travail à Lisbonne, et l'architecte-archéologue.

Vous avez bien mérité du peuple et de l'Art. Je vous serre deux fois la main. — *Victor Hugo.*

Nice, le 26 décembre 1868.

Monsieur.

J'ai reçu, Monsieur, votre intéressant ouvrage sur les signes gravés sur les anciens monuments du Portugal. Il en sera rendu compte dans le *Bulletin Monumental*, revue archéologique. Votre ouvrage m'a paru du plus haut intérêt, et tous les membres de la *Société Française d'archéologie*, aux quels je l'ai fait lire, l'ont jugé, comme moi: aussi est-ce à l'unanimité que nous vous avons proclamé membre étranger. Je serai flatté de recevoir vos lettres, si vous avez quelque communication à faire à la *Société Française d'Archéologie.*

Veuillez agréér, Monsieur, l'assurance de ma considération la plus distinguée. — *V. de Caumont.*

Sr. — ..... São muito judiciosas, e parecem-me muito concludentes todas as observações que faz, e razões que emprega para demonstrar, que os signaes, que se veem gravados nas pedras dos nossos monumentos antigos, não são symbolicos, mas sim particulares a cada um dos canteiros para com elles designarem o trabalho individual, facilitando assim o pagamento dos salarios.

Entendo, portanto, que V. tratou a questão muito bem, encarando-a por todos os lados, e até colhendo d'ella auxilio, pode dizer-se, um guia para investigações historicas, que muito interessam aos annaes da arte em Portugal.....

Essa memoria, com que acaba de enriquecer a litteratura patria, em um assumpto ainda não tratado entre nós, veiu mostrar-me mais uma vez, entre tantas, quanto incansavel é V... em tudo que póde concorrer para lustre e aperfeiçoamento das artes, das quaes é tão distincto cultor e professor, e para honra e beneficio d esta terra.

Quinta da Formiga em Villar do Paraizo, 29 de Outubro de 1868. — *Ignacio de Vilhena Barbosa.*

Sr. — Recebi agradecido, e li com o maior prazer a interessante Memoria, que V... me fez a mercê de enviar, e na qual se propoz a caracterisar a significação dos signaes esculpidos na cantaria dos antigos monumentos de Portugal.....

Mas lamento que a minha incompetencia recuse valor scientifico á declaração, que mui gostosamente faço, de que me pareceu plausivel a opinião que V... sustenta.....

Lisboa, 28 de Setembro de 1868. — *José Silvestre Ribeiro*

Penafiel, 20 de outubro de 1868.

Meu caro amigo e senhor. — Recebi o favor da sua carta de 18 do corrente, que acompanhava a interessante memoria que muito agradeço, e as quaes revelam não só profundo estudo e saber, mas ainda muito amor pela sciencia; e louvavel curiosidade de prescrutar todos os seus mysterios.....

Acho judiciosas como plausiveis e sensatas todas as rasões sobre o assumpto, que me parece haver resolvido o problema, senão com evidencia mathematica que não comporta, com as possiveis probabilidades de acerto: entendo tambem que prestou-um grande e valioso serviço á sciencia e aos apaixonados d'ella; para bem merecer d'aquella e d'estes. Dou-lhe sinceros para bens.

Acredite que sou com a maior consideração..... — *Dr. Rodrigo de Beça.*

A PROPOSITO DAS MUMIAS AMERICANAS EXPOSTAS NO MUSEU DO CARMO

(Continuado do n.º 2, tom. V)

Para complemento d'esta narrativa detalhemos os pormenores de um embalsamamento rico, feito com a singular pericia, e o peregrino trabalho de artistas que primavam em dar á mumia todas as apparencias, e louçainhas de animação, ao revez do que acontecia com o dos cadaveres vulgares, que mineralisavam para preserval-os da podridão, sem que lhes importasse a complexão natural.

Supponhamos, por ser mais exigente de composturas e atavios, a mumificação do cadaver de uma mulher nobre.

Tirado o corpo do banho de natrum onde adquiria a côr de bronze novo, e a resistencia á putrescibilidade, era todo limpo, e lavado com vinho de palmeira.

Após esta purificação, quando o corpo estava secco, envolviam-lhe o busto, e os membros, comprimindo os brandamente, com tiras de finissima tela de lã, ou de linho, que dispostas em espiraes regulares, e bem adaptadas resumiam graciosamente todas as linhas naturaes da figura; sobre estas tiras, á guisa de verniz applicavam uma unção odorifera de cedria e de balsamo de Judea, juxtapondo-lhes a ultima trama, que, qual uma nuvem subtil, deixava transparecer na mumia toda a corporea belleza.

Os dedos das mãos e dos pés, por egual feitio premidos e aromatisados, introduziam-nos em estojos laminares de ouro nativo, ou apenas lhes douravam as unhas.

Os braços com as mãos abertas; encostavam-nos ao tronco; e as pernas, em ligeira flexão, unidas até aos pés, igualavam com a posição horisontal do corpo.

A tenuidade da teia de envolvimento, o numero e o intrincado das voltas das ligaduras, caracterisavam o lavor e perfeição do embalsamamento.

Da testa curta, e pouco saliente, attributo d'esta casta, erriçavam-se-lhe para o alto da cabeça os fartos e azevichados cabellos, que aromatisados com as fragrancias do cinnamomo, eram entrançados ou frizados, cobertos comlaminas, ou presos com pregos de oiro; e ás vezes envolvidos com flores de nymphea, deslisavam cahidos em madeixas sobre os hombros.

Vestiam-lhe duas tunicas sobrepostas, de estofo finissimo; e adornada a segunda com um peitilho, esmaltado das mais brilhantes côres, representando o escarabeu sagrado.

Finalmente o rosto era ponto culminante dos mais attentos cuidados do embalsamador, e com todo o esmero o retocavam a conservar-lhe as feições de similhança.

Cobriam-lhe toda a face de uma delgadissima camada de gesso alvo, e sobre ella estendiam uma tela mui fina a imitar a cutis, ou lh'a douravam, e d'esta arte se completava a mascara da mumia.

Geralmente occultavam-lhe os olhos nas palpebras, como se as tivera fechadas para o somno eterno, puxando-lhe as pestanas e debruando-as de pallidez; ás vezes substituiam-lh'os por outros de esmalte, com as côres proprias, scintillantes e como abertos á luz da immortalidade.

Das sobrancelhas bastas e obliquamente arqueadas desciam as linhas de antimonio ao gosto oriental, com a lividez circular das olheiras, a imprimir ao semblante uma vaga melancholia.

Os labios grossos e acarminados, subtilmente deixavam entrever, n'um sorriso indefinido, os aljofares da boca.

Das maçãs do rosto, como, naturalmente, retintas pelo pudor, e animadas por uma esperança, irradiavam as côres phantasticas do nacar.

D'aquella metamorphose artificial resaltavam vislumbres de vida magnetica! Não era um espectro horrivel, porém uma resurreição sympathica, que, no protesto contra os estragos da morte, ainda hoje exhibe um prodigio da arte; prodigio em que as civilisações modernas não poderam competir com ess'outra extincta ha mais de quatrocentos seculos, e que nunca foi nem sequer imitado pelos seus posteros.

Os lobulos das orelhas, pequeninas e elasticas, enfeitavam-n'os com discos de ouro polido; e pela parte superior dos seus rebordos corriam duas tiges de lodão a virem desabrochar sobre a fronte n'uma flôr azulada.

Adornavam-lhe a cabeça com um toucado, imitando, em fino esmalte, a pintada ou gallinha da India, cujas azas, em posição de vôo, pairavam sobre as fontes; o bico airosamente afilado vinha á testa, e a cauda constellada de pontos brancos á nuca. Este toucado era guarnecido de penas de avestruz, quando donzella; e de penas de abutre, symbolo de maternidade, se fôra casada.

Cercavam lhe o pescoço com um triplice collar, sendo o primeiro formado por um fio de canotilhos de vidro, de côres differentes, esplendidos; o segundo por uma cadeia de contas de ouro, de perolas, e lapis-lazuli; o terceiro por umas figurinhas de barro, esmaltadas, representando deuses e talismans.

Do pulso esquerdo pendia-lhe um bracelete, em fórma de argola, de agata cornalina, de heliótropos, ou de ouro, de que descia até ao index um cordão do mesmo metal, a prender a um annel, onde se engastava o escarabeu sagrado, com os seus elytros abertos.

Apertavam-lhe as tunicas, por baixo dos pei-

tos, com um cinto de esmalte luzente, ou de pedrarias, para imprimir no corpo feitio mais esbelto.

Era-lhe sobreposta, como emblema de alma, a tarja de divisa, com as imagens de Osiris, Isis, e de Horus, onde na inscripção perpendicular que a percorria, se patenteava entre sentenças moraes, e visitas ás divindades, o nome, qualidades, e titulos do defunto, e assim se completava a toilette da mumia.

Mettiam-n'a em ataude com a forma de estojo, feito de uma só peça de sycomoro antigo; e n'elle, por fóra e por dentro, se viam pintadas, de permeio com ornatos, e grinaldas, transcripções, e textos dos rituaes funebres, e sentenças do livro dos mortos. Sobre a tampa esculpiam em baixo relevo, a face similhante do defunto, com exacção do sexo e da idade.

Collocavam a mumia na attitude, que o rito isiaco determina; e cobriam-n'a, qual n'um envoltorio, com uma rica cartonagem, enfeitada de flores de lotus e grupos de uraeus, e logo fechavam o caixão hermeticamente.

Este feretro era como embutido n'um outro laminar de cedro, que lhe servia de forro, tambem ornado de allegorias e symbolos funebres.

E estes ainda eram fechados dentro de um terceiro caixão de roble, rescendente, que cercavam de alfaias, utensilios de uso particular, e de um exemplar do ritual funerario e de estatuetas de barro, esmaltadas ou de figurinhas de pau, pintadas a capricho, representando as divindades, talisman e symbolos cabalisticos, que os parentes e amigos vinham depôr no feretro, como recordações de respeito e saudade, similhantemente ao que nós fazemos com os bilhetes de luto e corôas funerarias.

Tanto as fórmas de ataudes como as decorações, variavam segundo as épocas e as dynastias. As grandes obras de arte, como as pyramides, os obeliscos e mausoleus pertencem ás primeiras dynastias, como ainda hoje se pode verificar pelas ruinas de Thebas e de Memphis, essas monumentaes cidades, que a Egyptologia nomeia, como tendo sido alternativamente os poderosos focos de esplendidas civilisações dos Pharaós, e o attestam os padrões do museu de Bulac, os restos do Serapion e as inscripções stelares.

Assistiam, nas cerimonias funebres, ao encerramento da mumia, os parentes, magnates, sacerdotes e carpideiras, que, em procissão, acompanhavam o feretro com preces e prantos até ao monolytho de porphyro oriental ou de cimento; e ali com propiciações, musicas e sacrificios cruentos a depositavam.

Sem nos transviarmos do nosso detalhe, paremos um pouco na resumida descripção dos aposentos do hypogeu, reservados ás mumias de pessoas nobres e opulentas.

Estas sepulturas eram magnificas e pareciam mais palacios subterraneos do que sepulchros; ou sobre o solo soberbamente se alevantavam em pyramides ou em mausoleus; qual o que Artemisia mandou fabricar para seu marido; e como diz o nosso A. de Macedo no oriente.

> Que os despojos mortaes no seio occulta
> Tropheu de amor e timbre de ternura

Nas montanhas, sobranceiras ao Valle de Arec, o egyptologo, como olheiro pratico, quando encontrava, nas suas escarpas, um cumulo de pedras derruidas no seu interior, e já calcinadas, marcava o ponto de exploração. Era quasi certo o achado de uma sepultura egypcia, e muitas vezes de um thesouro.

O explorador chamava então os fellahs da comitiva, que armados de alavancas, cordas e archotes, á sua voz esforçadamente faziam rolar para o declive esses enormes pedaços de rocha, com que o colchyto procurava encobrir, ou vedar a entrada do hypogeu.

Removido este artificio de escondimento, apparecia, trabalhado no proprio granito da momanhã, um portico quadrilongo com dois pilares, e hombreiras, tendo por capiteis duas cabeças de Vacca, de cornos em crescente isiaco, que rematavam no cimo da porta, em cujas almofadas se representava por hieroglyphos em linhas longitudinaes, como na escriptura chineza, um quadro emblematico.

N'este painel circular pintado de amarello, via-se no centro o escarabeu sagrado, symbolo do renascimento, e uma cabeça de carneiro a indicar o sol no poente. Dos lados da moldura do disco, de joelhos na attitude de admiração mystica, estavam collocados Isis e Nephthys, personificações do principio e fim de tudo.

Descosido um delgado muro de tijolos, que facilmente cedia á picareta dos trabalhadores, apparece o solo de argilla, que o colchyto impoz sobre a lousa, quando ao fechar a sepultura, o hieroglyphita escreveu a divisa mysteriosa no mappa dos hypogeus.

A' luz dos archotes, que levam os fellahs, penetra-se n'um corredor, escavado pela profundeza da rocha, cujas paredes, sobre um plintho azul, são ornadas de textos moraes em linhas hieroglyphicas, ao fundo do qual se apresenta uma figura de côr vermelha, com a cabeça de gavião, mitrada, e sobraçando um globo com duas azas, e que parece vigiar a sepultura, qual sentinella da eternidade.

Mais adiante uma outra porta de pedra, fechando a arcada n'uma esphera, suspensa por duas azas em vôo e timbrada com o sêllo de argilla, conduz por uma escada ingreme, talhada na roca, a uma galeria, cujas paredes de fundo verde, cintadas de

uma tira azul, deixam vêr á luz dos archotes, procissões de figurinhas pintadas de côres vivas e brilhantes, emblematicas dos enigmas mysteriosos, que os hieroglyphitas propõem aos visitantes.

Dos lados apparecem um chacal, reposto sobre o ventre, e uma figura ajoelhada, com cabeça mitrada, sustendo na mão direita um circulo, e como guardando uma terceira porta, que, no fundo, sustem duas estatuas de mulher, de joelhos, vestidas de roupas ligeiras, estendendo, á maneira de azas, um dos braços, emplumados.

Ainda por maior declive, esta porta abre ingresso a um outro corredor, egualmente ornado com allegoria, e signaes hieraticos de adoração ao escarabeu sagrado e á serpente azul.

No fim d'este corredor o fellah, que allumiava a diante, parou surpreso á beira de um poço quadrangular, fundo e negro, como um abysmo a interromper a passagem para o interior do hypogeu.

Os colchytos, como prevendo as profanações e roubos, que assolariam as suas reconditas sepulturas, empregavam, para as tornar inacessiveis e impenetraveis, estas simulações, e subterfugios; por isso era cousa frequente encontrarem-se poços, alçapões, cégos e falsos precipicios, que ainda assim não transtornavam a cabeça e diligencia dos exploradores.

Todavia o antiquario arguto, seguido dos seus fellahs, experimentados n'estas explorações, escuta todos os recessos da montanha, até que, pelo ôco e sonoridade de qualquer ponto, conhece logo a lagea amovivel, que dá para o vestibulo da sala azul, aonde, no corredor, que a precede, se veem Osiris, sobre o throno, ordenando ás deusas da Verdade e da Justiça, conduzam a alma do defunto perante o tribunal do Charenti.

Esta sala é sustentada por quatro pilares, cada um representando em figura vermelha um perfil, cintada com uma tanga branca, no estylo da época classica, sala que communica para outra mais alta, porém mais pequena e que tambem se firma sobre dois pilares pintados no mesmo gosto.

N'estas salas admira-se além das pinturas o colorido fresco e vivo tambem, em quadros de baixo relevo, relatando as acções do morto, e designadas por hieroglyphos as offerendas ás divindades funerarias, e o boi Apis levando a mumia para as regiões do Occidente.

No recinto da segunda sala está o deus Charenti, cercado dos quarenta e dois juizes, que hão de julgar-lhe a alma.

A segunda sala fecha a sepultura, porém o explorador sabido conhece, que, sem o monolitho ou sarcophago, não ha hypogeu completo; e que o architecto e o colchyto procuraram ainda com sinuosidades e segredos occultar o caminho para a sala dourada.

É por isso que o viaducto se torna a interromper por um profundo haito, que parece o ponto final n'essa elegia de granito.

Dr. Baldy.

BIBLIOGRAPHIA

Novas publicações archeologicas acaba de realisar o distincto socio laureado da nossa Real Associação o sr. Gabriel Pereira, que tão illustrados serviços já tem prestado á sua patria, tornando conhecidas as importantes antiguidades que encerra a capital da provincia do Alemtejo, e fazendo agora a monographia dos seus monumentos com o criterio de um erudito historiador, afamado archeologo e artista illustrado, a que reune subidas e distinctas qualidades, e o mais acrisolado patriotismo.

Os quatro recentes opusculos que se imprimiram este anno, *Antigo mosteiro de S. João Evangelista*, *O edificio do collegio do Espirito Santo*, *Evora Romana*, e o *Mosteiro de N. S. do Espinheiro*, veem confirmar os merecidos creditos de tão dedicado pugnador pelos nossos monumentos e da superior intelligencia com que sabe descrevel-os e analysal-os. De suas instructivas descripções colhe-se, não só o verdadeiro conhecimento artistico do respectivo caracter architectonico, mas tambem a apreciação das bellezas que contem, e o merecimento de suas especiaes construcções, sendo, portanto, um assignalado serviço feito á nação, e mui principalmente digno dos louvores dos habitantes da cidade de Evora. É tambem este distincto archeologo, que em todo o Portugal tem feito constar a importancia dos numerosos edificios antigos que ennobrecem essa opulenta cidade.

Para dar mais uma idéa de quanto são instructivas as publicações emprehendidas por este prestante cavalheiro, tomamos a liberdade de reproduzir a sua util noticia sobre o fabrico dos azulejos que se executaram em Portugal.

A Redacção.

OS AZULEJOS

Nenhuma povoação do paiz possue tão grande variedade de azulejos como Evora; muitos e optimos exemplares de differentes epochas.

Alguns estão datados, a outros podemos marcar-lhe epocha porque fazem parte de obras datadas, sem vestigio ou indicio de alteração ou concerto posterior.

Os azulejos em relevo da capella de Garcia de Resende, na cerca do Espinheiro, são de 1520.

Os da sachristia da casa Pia, 1599.

Capella mór da egreja da casa Pia, 1631.

Egreja de N. S.ª das Brotas, á porta do Raymundo (recentemente modificada), 1651.

No refeitorio de S. Bento, 1654.

Portaria do Paraizo, 1678.

Santa Martha, 1698.

Em S. Thiago, bellos azulejos representando a historia do filho prodigo, assignados — Gabriel del Barco F. 1699.

(Em S. Pedro hoje Escola Normal, havia azulejos de gosto e desenho inferior, 1702).

Loios, egreja de S. João Evangelista, assignados — Antonius ab Oliva, 1711.

Misericordia, Manuel Borges, 1716.

Ermida da Senhora da Cabeça, assignado — Oliva, 1736.

Casa Pia, no *conventinho*, 1745.

Idem, na porta da aula para a varanda, 1746.

Os bellos azulejos do Espinheiro e das Mercês da segunda metade do seculo passado, assim como os da rotunda da Casa Pia.

Do seculo XVI devem ser ainda os de S. Braz, alguns do Espinheiro (escada da cisterna) alguns em relevo em S. Francisco (sacristia), e outros muitos notaveis que estavam na arcada da horta do convento do Salvador, de que ha especimens na collecção da Bibliotheca publica.

Tambem do seculo XVI são os seis formosos azulejos que estavam na claustra de S. Bento, de mimoso desenho representando a = Annunciação =, e que actualmente pertencem á Bibliotheca publica.

A respeito dos da egreja da Misericordia encontrei que em 1715 se contractou com o azulijador Manuel Borges o fornecimento dos azulejos. O trabalho agradou, porque em maio de 1716 a Mesa deu-lhe como gratificação duas duzias de queijos na importancia de 4$800 réis (Livro das despezas dos mezes que principiou em julho de 1712).

Antonio de Oliveira assignou os seus azulejos de bello desenho na egreja dos Loios. Nas capellas lateraes da egreja do Espinheiro ha azulejos com ornatos, figuras, pequenos quadros, que são lindissimos. De bom colorido vivo e de firme desenho são os da egreja das Mercês, tendo ao mesmo tempo bastante originalidade. O artista representou os symbolos da Virgem, o poço, a terra, o sol, a lua, o espelho, etc., em molduras ellipticas sobre um todo architectonico, com uma nitidez, um gosto, uma correcção admiraveis.

Os da sacristia da Casa Pia são originaes tambem; a pintura representa pyramides de base quadrada.

A pequena egreja das Brotas era revestida de azulejos em quadros de bom desenho; muito superiores aos que revestiam a egreja de S. Pedro.

No seculo XVII os ladrilhadores, ou melhor os pintores d'azulejos, obedecendo ao gosto da época, tiveram a mania de imitar a ceramica indiana. Temos em Evora muitos exemplos d'isto. Aproveitavam os conhecidos ornatos extravagantes dos jarrões de Malabar e Martavão, as folhagens, os animaes caprichosamente agrupados, as graciosas meudezas dos pratos do Industão. Bastará citar os da entrada da Casa pia, da terceira capella á direita em S. Francisco, outros identicos n'uma capella de S. Vicente, na egreja de Santo Antão, na capella da claustra do extincto convento de Santa Monica, etc.

Os azulejos de S. Braz devem ser antigos; o veneravel templo parece ter soffrido poucas alterações ou reparos. As paredes estão revestidas de azulejos e meios azulejos, verdes e brancos, formando xadrez e alguns centros variados, em arabescos. Ora estes azulejos correspondem exactamente aos que revestem ainda hoje no espinheiro as paredes da pequena escada que leva ao terraço da cisterna.

Ha uma particularidade de fabrico n'estes azulejos que me parece merecer reparo, os brancos são de um barro claro, fino, e nos verdes, fazendo saltar um bocadinho de esmalte, descobre-se um barro finissimo, vermelho vivo, que supponho de Estremoz.

No ponto de vista artistico, principalmente na historia da arte, são de particular importancia os azulejos relevados; é n'estes que se manifesta bem a influencia mourisca que foi grande no seculo XVI.

Não são raros os azulejos, de brilhante esmalte azulado ou esverdeado com reflexos metallicos: em S. Braz, no Espinheiro, etc. ha muitos exemplares, em construcções do fim do seculo XV, ou começo do XVI. Apparecem tambem azulejos com relevos geometricos, gosto mourisco, eguaes aos mais antigos da sé velha de Coimbra, aos do paço real de Cintra, etc. Seriam fabricados em Evora, ou seriam importados de Granada? Não sei. Ha muitos documentos da cidade, especialmente municipaes, posturas, etc. que nos provam que nos seculos XIV e XV, oleiros e ladrilhadores eram mouros; o mesmo facto se dava em Hespanha, ainda no começo do seculo XVI, como o prova o sr. Juan Riano no seu *Essay on Spanish art* (publicado no *Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art, South Kensington Museum 1881.)* N'esse trabalho importante o sr. Riano é justamente considerado como auctoridade superior em historia da arte, affirma-se: — *Tiles, «azulejos» painted a reflects, are only to be found at the* **Cuarto Real**, *at Granada, and at the* **Casa de Pilatos**, *at Seville* — Pois Evora conserva bastantes exemplares d'essa variedade.

Diz ainda — *During the middle ages azulejos had been decorated with a mixture of Arab and Gothic ornamentation. At the* **renaissance**, *Italian forms began gradually to be adopted.*

Em Portugal, e só em Evora, temos exemplares comprovativos de todas as evoluções, seguiu-se a mesma lei; especimen admiravel do azulejo da renascença é a — Annunciação, — que está na Bibliotheca. Mas logo á influencia da renascença italiana succedeu outra muito poderosa, a indiana, ou melhor asiatica, como é natural, n'um paiz que em poucos annos, no primeiro quartel do seculo XVI, se viu inundado de porcelanas industanicas.

GABRIEL PEREIRA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Alguns prelados já responderam ao officio que a nossa Real Associação teve a honra de dirigir-lhes, afim de se abrir curso de archeologia religiosa nos respectivos seminarios. O ex.mo Bispo de Beja não só louvou a idéa, como disse que já tencionava inaugurar esse estudo seminario d'aquella cidade, para o que estava redigindo um compendio, e esperava pela auctorisação do Governo para levar a effeito tão necessario ensino. Este nobre e illustrado exemplo dado por tão respeitavel prelado, merece da nação gratos applausos; e sem duvida os outros dignos prelados do reino terão eguaes desejos de que essa util instrucção tambem se divulgue nos seus seminarios para que fiquem a par dos estabelecimentos dos outros paizes, que são tão cuidadosos n'esse proficuo ensino.

Damos em seguida a copia do officio que a associação dirigiu aos bispos do reino tendo-se-lhes remettido tambem, por copia, o excellente relatorio do nosso distincto socio o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, no qual desenvolveu com todo o saber e evidencia o proveito que resultaria para a conservação dos edificios e alfaias religiosas, dos conhecimentos archeologicos, que infelizmente andam ainda pouco divulgados no nosso paiz.

Copia. — «Ill.mo e Ex.mo Sr. Quando hoje tive a honra de receber a carta de V. Ex.a de 2 do corrente com o parecer de 27 d'abril ultimo, havia poucos momentos, que acabava de ter escripto a ultima palavra do capitulo final dos meus elementos de archeologia e iconographia christã na aula de desenho, que, por minha iniciativa propria, instituí no Seminario d'esta Diocese, e que funcciona desde novembro do anno passado. Todavia como os seminarios se conservam sujeitos ao Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos, não me contentei com uma fundação de tal ordem sem auctorisação do governo, a qual sollicitei ultimamente em officio de 14 do corrente, como V. Ex.a pode ver da inclusa copia, que tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.a. E não sómente pedi a creação da cadeira de desenho e archeologia christã, mas tambem pedi a creação de uma cadeira de sciencias naturaes. Não puz a archeologia christã fóra da aula de desenho, porque sou de parecer, que se não póde perceber nem aprender archeologia sem ao menos se conhecerem os principios geraes do desenho, especialmente do desenho geometrico e do desenho de architectura. Alem d'isto quero, que o ensino n'esta aula não seja limitado unicamente á architectura monumental, mas exijo, que se ensinem tambem noções geraes dos objectos que ornam os monumentos, como são, pinturas em vidro, utensilios, figuras e symbolos. E' mister, que o padre portuguez, visitando os monumentos do culto christão, não só reconheça a epocha, a que pertence o estylo da sua architectura, senão tambem a epocha do estylo da pintura das suas vidraças, da fórma dos seus utensilios; e que não fique ignaro e mudo ante as figuras, esculpidas ou pintadas, que as ornam e embellezam; mas antes as reconheça, e saiba decifrar os seus symbolos. Foi debaixo d'este pensamento, que instituí a aula de desenho e de architectura christã, e por elle guiei a organisação do meu livro, que em breve espero dar á estampa. Sinto-me devéras ufano de vêr, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes se inspirou do mesmo pensamento do que eu, e que pede aos bispos portuguezes a instituição de aulas de archeologia nos seus seminarios. Pela minha parte, agradecendo a honrosa consideração. só me resta declarar, que o justissimo pedido da Real Associação está satisfeito desde o dia 1 de novembro de 1885. — Com o maior respeito e consideração tenho a honra de assignar-me. — De Vossa Excellencia muito attento venerador e criado — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — Beja, 17 de junho de 1886. — (Assignado) ✠ *Antonio Xavier*, Bispo de Beja.

Uma importantissima offerta foi feita ao nosso presidente, o sr. Possidonio da Silva, pelo seu confrade o distincto archeologo mr. Elmer R. Reinolos, de Washington, de cerca de 1:000 *objectos prehistoricos*, descobertos pelo referido archeologo na região da America do Norte. E' sem duvida de grande interesse para o estudo prehistorico em Portugal esta preciosa collecção. Folgamos de ver o desenvolvimento progressivo que o museu archeologico da capital tem alcançado para a sciencia, e que é de tanta utilidade para esses estudos no nosso paiz.

O nosso estimado socio o sr. Visconde de Alemquer foi eleito presidente da Delegação em Portugal da Instituição Scientifica Universal. O sr. D. Luiz I é protector d'esta sociedade que tem a sua séde em Paris; sendo o sr. Visconde de Sanches de Baena, vice-presidente; o sr. Ernesto da Silva, secretario; e delegado geral o sr. Possidonio Narciso da Silva.

A figura de granito que no XVI seculo servia para indicar no rio Douro o seu curso para os navios não encalharem, figura que estava ha muitos annos despresada, e mesmo se ignorava qual teria sido o seu destino, veiu para o Museu do Carmo, e está sobre um pedestal de marmore na nave principal do monumental edificio erecto pelo invicto condestavel D.

Nuno Alvares Pereira. Ao nosso digno presidente se deve obtermos o conservar-se esta recordação historica.

Adquiriu o nosso museu por intervenção do nosso consocio o sr. capitão Antonio Bernardo de Figueiredo alguns instrumentos prehistoricos de pedra polida, ceramica e bronze. Entre estes differentes objectos ha de notavel, ter uma placa de schisto na parte superior um recorte que se assemelha um tanto ás imperiaes de uma coroa, não se tendo descoberto em outros paizes com este feitio; egualmente um fragmento de ceramica mostrando um começo de aza. Posto que no principio d'esta industria da época da pedra polida não se encontrassem vestigios d'este apendice nos vasos de barro; todavia, tendo sido encontrado esse fragmento em um Dolmen no Alemtejo, deve-se suppor que elle pertence a uma época muito mais recente em que já se tivesse empregado a aza em vasos de pequena grandeza.

NOTICIARIO

A inauguração da estatua da *Liberdade illuminando o mundo*, terá logar no dia 20 de outubro d'este anno, havendo em New-York, por essa occasião, uma extraordinaria e brilhante festa franco-americana.

A continuação das obras para o novo bairro em Roma, no Monte Cœlius, deu logar a descobrirem-se muitos mosaicos em perfeita conservação, reproduzindo exercicios de gymnastica entre mancebos. As figuras são pretas sobre fundo branco.

Um d'estes mosaicos tambem representa o rapto de Proserpina por Plutão, copia d'um desenho traçado por mão habil: Proserpina, colhendo flôres no valle d'*Enna*, na Sicilia, embriagando-se do seu perfume (principalmente da flôr de narciso), quando Plutão, que passava no seu carro, a viu e arrebatou. No mosaico vê-se Plutão levando nos seus braços Proserpina desmaiada, em quanto que as companheiras da formosa nympha fogem espavoridas.

Na frente do carro, corre Mercurio, o mensageiro dos Deuses.

Á roda d'este mosaico, que é uma verdadeira pintura, ha bustos representando as quatro estações, d'uma esmerada execução.

A illuminação electrica nos Estados-Unidos compõe-se de 90:000 focos electricos de arco, que illuminam todas as noites as ruas de New-York.

Os fabricantes produzem 800:000 barras de carvão para a luz cada mez, e 50 lampadas de arco com tres dinamos!

O governo italiano publicou o programma para o concurso de uma nova fachada para a cathedral da cidade de Milão, com o fim de que fique mais analoga ao estylo do primitivo templo, devendo ser construida de marmore, deixando-se aos concorrentes toda a liberdade de augmentar o espaço, altear o frontispicio, ter maior numero de arcadas e janellas, mas sem ser preciso demolir cousa alguma da sumptuosa decoração da parte que propriamente constitue esta egreja, nem das suas fachadas lateraes. O projecto limitar-se-ha a dar maior grandeza á nova fachada e ornal-a mais em harmonia com ostentação d'este notavel monumento. Um unico premio de oito contos de réis é destinado ao architecto nacional ou estrangeiro, que, depois da segunda prova do seu talento, tiver o seu projecto proclamado superior aos dos outros concorrentes. O jury é composto de 15 membros, sendo seis architectos, dos quaes tres estrangeiros; um engenheiro eleito pela Associação dos Architectos e Engenheiros Italianos; quatro artistas eleitos pelos concorrentes, sendo dois architectos, um pintor e um esculptor; um antigo artista pintor, esculptor e architecto nomeado pelo cabido; assim como um outro architecto eleito pela commissão conservadora dos monumentos.

Este notavel certamen fará alcançar ao laureado um nome celebre na historia das bellas-artes no final do seculo XIX.

A Russia vae agora crear uma academia de bellas-artes em Roma. Portugal, posto que tenha hoje *herejes artisticos*, já ha perto de um seculo tinha um estabelecimento d'esta ordem na Italia, o que prova ter sido a nossa nação solicita em curar no desenvolvimento das bellas artes desde remota data, quando nações mais poderosas sómente muito depois julgaram de utilidade publica essa providencia.

As escavações no Egypto em roda da colossal Sphinx, estão já na profundidade de 16 metros. Sonda-se o terreno para se verificar se ella está assente sobre um pedestal, conforme a representação que existe muito antiga n'uma tela.

Ha opinião de que o rochedo em que foi este monumento executado, não era apparente sobre o solo, mas foram obrigados a fazer uma grande cavidade no plan'alto afim de pôr a descoberto o rochedo para ser esculpida a esphinge!

Adquirem sufficiente resistencia os ornatos formados com gesso immergindo-os depois de seccos, em uma dissolução de sulfato para formar um precipitado insoluvel. Os sulfatos que dão melhores resultados são o de zinco e o de ferro.

Acaba de ser approvado em New-York um projecto o mais grandioso e extraordinario, que os americanos do norte teem realisado, ainda que habituados a pol-os em execução. Consiste em construir, debaixo das principaes ruas da actual cidade, outras ruas subterraneas illuminadas a luz electrica, tendo lojas, vias ferreas, trens, cafés, telegraphos, etc.

Esta nova cidade applicará a tudo a electricidade, não só para mover as machinas como os trens. A subscripção para começar as obras foi tres vezes coberta. O municipio em vez de contribuir, pelo contrario, receberá ainda 3 p. c. da receita, esperando os accionistas cobrar 7 p. c. do seu capital, não obstante esse *onus* para a companhia. Haverá pois toupeiras humanas que exercerão a sua industria no norte da America! Triste viver!

1886, Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1886 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 4

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Acta da sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes..... Pag. 49
Elogio historico de S. M. El-Rei D. Fernando II pelo ex.mo sr. Marquez de Vallada..... » 51
Bibliographia..... » 63
Chronica da Nossa Associação..... » 64
Noticiario..... » 64

SESSÃO SOLEMNE

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Em 24 de outubro de 1886

Sob a presidencia de Sua Alteza Real o Principe D. Carlos, teve logar esta sessão solemne, a fim de ser lido pelo socio effectivo, sr. marquez de Vallada, o elogio historico do fallecido Presidente Honorario e Protector da Real Associação, o Senhor D. Fernando II, de saudosa e honrada memoria.

A's 2 horas e um quarto da tarde, abriu Sua Alteza a sessão, tendo á direita o seu secretario particular sr. conde de S. Mamede, e á esquerda o seu ajudante de campo, sr. tenente-coronel de infanteria Novaes Sequeira.

N'um estrado proximo, e á esquerda do que fôra occupado por Sua Alteza e pessoas da sua côrte, tomaram assento os srs: Possidonio da Silva, presidente effectivo; Zephyrino Brandão, servindo de secretario; visconde de S. Januario, ministro da guerra e vice-presidente d'Associação, e o general Sousa Pinto, ajudante de campo d'El-Rei. Em frente da mesa da presidencia, no logar que lhe fôra reservado, estava o sr. marquez de Vallada.

Aberta a sessão, communicou o socio servindo de secretario, que mandaram desculpa por não poderem comparecer os srs: Bispo de Beja, visconde de Castilho,

visconde de Valmôr, conde das Alcaçovas, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, Joaquim Conceição Gomes, o coronel d'Estado-maior João Pedro Tavares Trigueiros, conde de Seisal, José Maria Caggiani, Francisco Gomes d'Amorim, presidente do conselho de ministros José Luciano de Castro, governador civil de Lisboa, Martinho Tenreiro, beneficiado Almeida, tenente-coronel Valladas, Licinio Silva; e os srs. ministros da Grã-Bretanha e da Belgica, n'esta côrte, que tinham sido especialente convidados como representantes dos Estados, cujos soberanos são dos mais proximos parentes do finado Rei o Senhor D. Fernando II.

Terminado o expediente, foi por Sua Alteza concedida a palavra ao sr. marquez de Vallada, que leu o panegyrico abaixo transcripto, parecendo haver inspirado a leitura d'este erudito trabalho o mais vivo interesse da assembléa, que a escutou com religiosa attenção.

A esta solemnidade, a todos os respeitos digna de ser commemorada, assistiu o Serenissimo Principe D. Carlos com o collar da Associação e as insignias de cavalleiro da muito antiga e nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito.

Sua Alteza Real encerrou a sessão ás tres e meia horas da tarde, e foi acompanhado até á carruagem pelos membros da mesa da Associação, bem como pelos socios presentes, que o tinham egualmente esperado á entrada do museu.

Mostrou-se Sua Alteza, o illustrado e sympathico Principe, muito satisfeito, dando assim mais uma prova evidente da protecção, que se digna dispensar á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a qual se honra de ser já devedora a Sua Alteza Real dos serviços mais relevantes por Sua Alteza prestados.

Estiveram tambem presentes a esta sessão os seguintes socios:

Conselheiro Diogo Antonio Palmeiro Pinto, Visconde de Juromenha, D. Frederico de Bojas, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Augusto Duvall Telles, Commendador Eduardo Jayme Carvalho e Silva, Manuel Antonio Vidal, Francisco Xavier Marques, Joaquim Maria Victor Senior, Conselheiro José Silvestre Ribeiro, Valentim José Correia, general Antonio Pedro d'Azevedo, Visconde da Torre da Murta, Eduardo Augusto da Rocha Dias, Commendador Cypriano Costa Goodolphim, Commendador José da Cunha Porto, Pedro Wenceslau Brito Aranha, Ernesto da Silva, Commendador Antonio Pinto Bastos, Antonio Pimentel Maldonado, Julio Carlos Mardel d'Arriaga, Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa.

2.ª SERIE

BOLETIM

DA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Sua Magestade El-Rei D. Fernando

Protector e Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

ESTAMPA N.º 79

Pag. 51
Vol. 5.º
Est. 77

ELOGIO HISTORICO

De Sua Magestade El-Rei

D. FERNANDO II

Lido pelo socio effectivo o Ex.mo Sr. Marquez de Vallada

SERENISSIMO SENHOR

ILLUSTRES CONSOCIOS:

ÃO venho hoje perante vós e em occasião tão solemne depor uma corôa de lisonja sobre um sepulchro respeitavel.

Não é no templo da sciencia e perante tão eximios cultores d'ella que se ergue impunemente o thurybulo da lisonja, profanação tremenda em templo tão augusto, desacato mofino, que provocaria da vossa parte castigo exemplar e censura merecida. E a minha voz que nunca se profanou com a mentira, virá hoje sómente prestar culto á verdade e preito á justiça. E, felizmente, posso affirmar-vos que jámais me arredei d'esta senda, por quanto me foi dado consagrar os primeiros sons da minha voz á defeza da minha fé.

E, em verdade, em um seculo no qual, a par das mais brilhantes conquistas no campo das sciencias, campêa altivo e audaz o egoismo mais cynico e o materialismo mais desenfreado, em uma epocha, digamol-o com desassombro, porque o diremos com verdade, em que o despotismo do facto parece querer supplantar a santidade do direito, ou, o que é o mesmo, em que o direito da força quer substituir a força do direito, é a meu ver um serviço que se presta á sociedade combatida por tão ruins paixões, o apresentar-lhe modelos de virtudes preclaras e de sciencia provada do que é verdadeiro, do que é util, do que é justo, do que é bom e do que é bello; e direi que o apresentar taes modelos equivale a desenrolar um estandarte que, pela sympathia que a sua divisa desperta, enthusiasma as multidões, inflammando-lhes os espiritos com o fogo sagrado do amor do dever e da propagação da verdade.

Honrado, pois, com a escolha que esta illustre Associação Real ou, para melhor dizer, Academia Real dos Architectos Civis e Archeologos, fez da minha pessoa para recitar em publica assembléa, e solemnissima, porque a ella preside Vossa Alteza Real, o elogio do nosso preclaro Presidente El-Rei o Senhor D. Fernando II de saudosissima memoria, augusto avô de Vossa Alteza Real, principe de egregias prendas, de sublimes virtudes e de levantado caracter, eu para obedecer aos desejos, que para mim são ordens, dos meus illustres consocios, apezar de reconhecer a debilidade das minhas forças, procurarei desempenhar-me de tão levantado encargo.

Horacio, poeta eximio, cuja elevação de pensamentos eguala a finura da critica, disse, na altura da sua linguagem, aos escriptores:

«Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
«Viribus, et versate diu, quid ferre recusent,
«Quid valeant humeri.»

Na humildade da minha linguagem, direi: que se as forças poderiam faltar-me, attenta a sublimidade da materia, alenta-me comtudo a benevolencia dos meus illustres consocios e mais que tudo, e sobre tudo, o sentimento de gratidão á memoria do illustre Principe que tanto me distinguiu em vida com sua real benevolencia; e ainda que é principio certo de que se deve escrever a historia sem que o odio inspire ou o affecto illuda, eu confesso que, escrevendo sobre a vida e acções d'El-Rei o Senhor D. Fernando II, decerto escrevo sem odio, mas não sem affecto, porque não está na minha mão deixar de amar a virtude.

Alem de tudo honrou-me o illustre Principe em repetidas praticas, o que me deu occasião não só a avaliar os seus variados conhecimentos, mas a apreciar a rectidão do seu espirito e a elevação do seu caracter; direi mais que poude avalial-o quando mesmo se não põe no tracto tamanho esmero.

Avaliam-se os sujeitos ou pelas grandes emprezas do genio ou pelos vôos sublimes do talento de que resultaram os grandes commettimentos que a historia dos povos registra e que a consciencia publica applaude.

As grandes virtudes, as grandes acções, os actos de prudencia e de politico precate, são o assumpto dos diversos panegyricos e o thema que os historiadores e os biographos com maior ou menor eloquencia desenvolvem em seus arrazoados.

Possue um iudividuo, uma virtude em sublime grau; é, pois, esse o thema para o seu elogio; se esse individuo, porém, se excedeu em merito em diversas situações, e importantes, ou, o que é o mesmo, se patenteou subido engenho em diversas aptidões ou demonstrou em differentes empenhos raro aviso e precate maior, em taes casos deve ser mais complexo o elogio por quanto debaixo de varios pontos de vista tem de ser julgados seus procedimentos e a boa critica tem de exercer-se sobre complexos e variados assumptos.

Assim, pois, como a divisão dos poderes na ordem constitucional dos estados é uma das bellezas da moderna civilisação administrativa, assim na ordem do discurso a divisão das materias é uma necessidade imperiosa para a boa intelligencia e melhor clareza dos assumptos. Bem ponderado, pois, o proposito que nos occupa em quanto á sua gravidade e altura, parece-nos conveniente adoptar um processo accommodado a todas as boas regras litterarias e subordinado aos preceitos que a razão pura e a razão pratica dictam e que o sentimento dos bem avisados e doutos sancciona e confirma.

SERENISSIMO SENHOR

ILLUSTRES CONSOCIOS:

Foi a vida do nosso sempre lembrado e augusto Presidente bem accidentada na ordem politica como magistrado supremo na qualidade de Regente do Reino. Temos, pois, de o avaliar como Rei na ordem politica. Chefe de numerosa familia, temos de o avaliar na ordem domestica, respeitando, comtudo, todos os melindres e guardando todas as deferencias que a boa educação jámais pretere nos delicadissimos pontos de vida particular e domestica. Temos ainda de avaliar o nosso augusto Presidente debaixo do ponto de vista litterario e artistico, e com um generoso accrescentamento: como protector dos artistas e dos operarios ou, o que é o mesmo, como amigo do povo e como protector do trabalho.

O Augustissimo Senhor Dom Fernando Augusto Francisco Antonio, Duque de Saxe Coburg Gotha, nasceu na capital d'este principado aos 29 do mez de outubro de 1816, sendo seu pae o Duque Fernando de Saxe Coburg Gotha e sua mãe a Duqueza Antonia de Roarg.

E' a casa de Coburg tão esclarecida pela antiguidade que conta, como por os feitos generosos de seus representantes e assim o attestam as velhas chronicas da Allemanha inscrevendo com aureos caracteres em seus annaes, as brilhantes acções que foram outros tantos incentivos á virtude, que os ascendentes do nosso Principe lhe legaram em seus testamentos de gloria. Pouco ou nada vale aos olhos de uma razão esclarecida uma ascendencia generosa, se os que d'ella vem a não igualam

ou imitam no merito e na virtude; mas ninguem ousará contestar que se os que vem de nobilissima estirpe, e, não sómente a não deslustram por seus procedimentos, porém movidos de tão nobres incentivos, procuram com o proprio esforço e honrado trabalho e acções tornar-se dignos do nome illustre que herdaram com o sangue; ninguem, repito, ousará negar que o proprio merito muito se esclarece e esmalta com o luzimento da linhagem.

Deram os antigos rhetoricos certas regras que ficaram inscriptas como preceitos nos compendios mais conceituados d'esta arte, e n'elles encontramos a divisão dos estylos com as notas explicativas dos fins a que são adequados e se porventura, e com effeito, um dos fins do orador ou do escriptor é deleitar os que o ouvem ou que o leem, a utilidade do conselho ou do conceito é o mais nobre fim a que deve attingir o que falla ou o que escreve, pois que a orthodoxia da doutrina, a persuasão ao bem e a utilidade para o individuo ou para o estado, para o bem da familia ou da republica, deve ser a mira a que tenda quem escreve ou quem falla e n'este proposito deve pôr esmero grande e empenho maior.

O grande Horacio, o eximio auctor de tantos preceitos uteis e cujos altos conceitos nunca cessaremos de encarecer e exaltar, bem o ponderou no seu elevado pensar, quando proferiu aquella elevada sentença que é ao mesmo tempo uma apreciação justa e um conceito salutar: «*Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*» e com não menos propriedade ponderou Plinio, o Moço, dizendo: «*Equidem beatos puto quibus Deorum munere datum est aut facere scribenda aut legenda scribere*; *beatissimos vero quibus utrumque.*»

Esplendida sentença é esta que acabamos de citar de Plinio, o Moço, em que julga dignos e bemaventurados no empenho aquelles que praticam actos dignos de serem escriptos ou que escrevem conceitos dignos de serem lidos e sobretudo os que juntam um a outro feito. Associarei aos dois genios a que me soccorro o que outro luminar proferiu e nem mais nem menos do que Lucano fallando de Catão; não podemos resistir a mais este valioso patrocinio que vem tão de molde para robustecer a nossa opinião: «*Non sibi sed toti genitum se credere mundo.*»

E com o illustre Lucano completaremos este triumvirato esclarecido!!

Espalhar flores sobre o tumulo dos que passaram é uma doce consolação para os que ficam; apresentar, porém, ás gerações que nos succedem exemplares magnificos de virtudes ingentes e de merecimentos preclaros, parece-nos empenho de mais subida valia, porque é proposito da mais geral utilidade. Sujeitam-se ás vezes os oradores ás criticas desdenhosas dos Zoilos de contrabando ou dos Aristarchos de convenção; se o poder, porém, da inveja ou da insania é grande, é maior a força da verdade. Não é, pois, para obtermos applauso vão ou elogio passageiro que os nossos esforços devem ser empregados, mas, para sermos uteis á sociedade, devem convergir todas as nossas attenções. Mais uma ponderação que presumo não será vão conceito.

Vae um critico ouvir um discurso para ouvir elegancias e só em um trocadilho que se fez todo se enleva. Vae o satyrico a ouvir os piques e só com uma historia a que se alludiu todo se recreia. Vae o poeta a ouvir descripções e só com uma flor que se pintou, todo se entretem. Vae o curioso a ouvir novidades e só com um assumpto novo que se inventou todo se occupa. Vae o discreto a ouvir conceitos e só em uma agudeza que se descobriu todo se applica.

E entretanto o que é de mais superior alento, de maior folego porque é de verdadeira utilidade, passa despercebido e sem reparo: é a doutrina, é o exemplo, é o que persuade, é o que civilisa, é o que instrue, é o que aproveita.

Escrever pois sobre o homem que em elevado estadio por seus meritos deixou apoz si um rasto de gloria que illumina a par de nobres incitamentos que aproveitam e prestam, é serviço grande e de utilidade maior que se presta á sociedade, ao povo e á patria; é, porém, não só conveniente, mas necessario para geral aproveitamento, que o escriptor sobre assumpto tal e tão importante se não limite e circumscreva á simples, futil e aliás facil, mas inutil tarefa de chronista de factos sem que adequado commentario acompanhe a narração para que á publicação dos factos corresponda o apparato dos principios que instruem, dos commentarios que esclarecem, das comparações que utilizam e da critica e da hermeneutica que tanto aproveitam e servem. As grandes acções explicadas devidamente permanecem na historia dos povos como facho brilhante que illumina as gerações que passam e se succedem para as illustrar ou como livro immorredouro ou como cathecismo permanente para guiar os homens n'essa peregrinação atravez os seculos.

Reproduzimos a idéa generosa escripta em palavras sublimes por um dos mais abalizados criticos da antiguidade erudita. E' Tacito escrevendo de Agricola, e nós, seja-nos permittido fazer applicação das palavras que Tacito escreveu a respeito de Agricola ao assumpto que nos occupa e ao sujeito de que tratamos: o augusto Principe, nosso antigo Presidente: *Quotquod ex Agricola vidimus, quotquod ex Agricola amavimus, manet mansurumque in æternitate temporum.*» Que as nossas palavras sinceras e conscienciosas possam produzir nos animos beneficio salutar e despertar nobres incentivos no caminho do bem, é o voto mais sincero que o nosso animo de patriota fórma e a que a nossa ambição de escriptor aspira.

Deixámos pois consig ada já a data do nascimento do nosso Presidente, os nomes de seus nobilissimos paes e a clara ascendencia, de que vem. Prosigamos agora na historia da sua vida, no commentario dos seus feitos e no merecido elogio de suas acções nobilissimas debaixo dos diversos pontos de vista que já deixámos apontados e nas differentes situações em que temos de consideral-o.

Teve o Senhor D. Fernando a fortuna de nascer de honrados e disvellados paes, que nem um instante perderam porque bem cedo principiaram a aproveitar a indole privilegiada a par de precoces talentos do filho para que juntamente com elevada instrucção e educação finissima baseada nos principios da sã moral christã e nas maximas que formam o crente e o cavalheiro, podesse, com o aproveitamento de felizes disposições, desenvolver n'aquelle joven espirito aquellas grandes aptidões que mais tarde a todas as luzes se patentearam no Rei, no Chefe de familia, no artista e no patriota. É a familia de Coburg conhecida no mundo illustrado como frondosa arvore cujos ramos se teem expandido por paizes diversos da Europa culta, produzindo fructos generosos no campo da prudente politica das nações, com geral applauso dos bem avisados. A esta familia pertenceu o grande Leopoldo, primeiro Rei dos Belgas, homem de raro aviso e de singular precate. Chamado em circumstancias gravissimas para pacificar um povo e para radicar uma nacionalidade ciosa dos seus fóros, este illustrado espirito tão bem desempenhou a sua missão que, grangeando o publico applauso, grangeou com elle o titulo de mestre dos monarchas. Este chefe supremo de um paiz por elle regenerado era irmão do pae do nosso chorado Presidente. A actual Rainha de Inglaterra, prima co-irmã do Principe, com a sua prudencia, herança ou, o que é o mesmo, preciosa joia de familia, governa e domina o povo mais liberal do mundo, produzindo a admiração de todos. Viuva de um Principe da mesma familia, o Principe Alberto, que tanta e, diremos mesmo, tão geral sympathia grangeou, na Inglaterra. Estremoso marido e prudente conselheiro da Esposa, tão bem conhecia o terreno do paiz que adoptara, o seu espirito tradicionalmente liberal, os seus melindres, que jámais se lhe notou desvio na subida linha de conducta que, desde que entrou n'aquelle grande reino, jámais deixou de seguir.

A nobre Duqueza de Reut, mãe da Rainha Victoria, deveria ser collocada na galeria das mulheres celebres como heroina na educação.

Poderiamos dizer mais e muito mais, mas basta o referido como prova de que a familia Coburg sobresae nos tempos que passam, como em mais remotas eras, pela sabedoria do seu proceder e por tantos dotes do espirito e do coração.

Em geral a educação nos castellos dos Principes na Allemanha é generosa e n'ella se preparam e tem preparado os grandes modelos dos grandes guerreiros, dos grandes pensadores e dos finos politicos. Como poderia, pois, degenerar o Senhor D. Fernando II, ramo de tão benefica arvore, generoso fructo de tão sabia cultura!?

Recebeu, pois, o joven principe aquella educação classica que na Allemanha não só é particular aos Principes e ás classes superiores, mas de que tanto têem aproveitado os homens em todas as ordens sociaes que tanto têem illustrado a sua terra e muitos quasi divinisado o seu nome. No estudo das humanidades encontrou o Principe prazer grande, no estudo das artes encontrou prazer maior. Nunca se apagaram essas luzes que o estudo dos classicos latinos e gregos lhe accendera no espirito.

Ao enthusiasmo pelas boas lettras veiu juntar-se o amor das boas artes.

A pintura e a gravura foram para elle favorito estudo, e a tal ponto levou o seu amor por estas artes que do seu pincel distincto dão testemuho as vistas do Castello da Pena por S. M. pintadas em duas sobreportas de uma salla reservada da Senhora D. Maria II no Real Paço das Necessidades.

Fôra o Augusto Principe passar algum tempo ás Caldas da Rainha; ahi se lhe despertou o desejo de emprehender a pintura de ornato em pratos de louça e, tendo-lhe agradado o ensaio, deixou uma collecção de cem objectos pintados, constando de pratos, vasos e placas, pinturas que, por o primor e esmero, demonstram superior engenho. As suas iniciaes com que firmou estes objectos, são um accrescentamento ao enthusiasmo com que iniciara o trabalho. Mais tarde, e como prova da real consideração para comigo, convidou-me o Senhor D. Fernando a entrar no seu gabinete de trabalho, no Paço das Necessidades e a assistir á pintura de alguns pratos, em que estava empenhado, no genero oriental. S. M., ao mesmo tempo que proseguia no trabalho que tanto o entretinha, principiou uma larga conversação comigo sobre a arte ceramica. Descançava de quando em quando e então mais a conversação se animava, fazendo a comparação dos trabalhos das diversas fabricas de louças que tanto illustraram a Allemanha principalmente, e n'este ponto foi mais demorada a conversação, passando depois uma larga revista sobre as celebres fabricas de Sèvres e do duque d'Angoulême em França, de Cepo di Monte em Italia, demorando-se S. M. largamente com a analyse da fabricação dos Saxes de Corôa e dos de Espadas, e da notavel Imperial fabrica de Vienna.

Era o Rei perito na arte da gravura que tanto cultivou, chegando a ajuntar basta collecção de estampas que só por si formam bem provido museu. Não era o Rei menos apaixonado da pintura; deixou do seu engenho sobejas provas que sem duvida merecem singular louvor. A musica enlevava aquelle animo d'artista ao mais subido grau. Durante a epocha de verão que o illustrado Principe passava no Castello da Pena, objecto de todos os seus enlevos, havia em cada semana um dia

destinado á musica e então era certo alli o eximio professor portuguez Manoel Innocencio dos Santos, que ao mesmo tempo é distincto artista e honrado cidadão, e n'esses dias ora acompanhando o Rei ao piano, ora quer no piano quer no harmonium executando as mais agradaveis harmonias. E' notavel que a casa de Bragança, a que El-Rei se ligou por seu casamento, é egualmente enthusiasta da musica. Quando o distincto professor ia a Cintra, destinava um dia para o Paço da Pena e outro para o Paço da virtuosa e sempre lembrada princeza D. Izabel Maria. Ahi se entretinha o notavel professor, ora tambem acompanhando, ora elle só encantando os ouvintes com as suas agradaveis melodias, quer no piano, quer na harpa. O nosso actual Monarcha, herdeiro das virtudes e engenho de seu pae e de sua mãe, partilha do enthusiasmo pela arte que seus ascendentes, principalmente depois de D. João IV com relação á arte de musica, têem invariavelmente patenteado e d'ahi vem a protecção que esta Real Familia tem desde antigos tempos dispensado aos artistas.

O amor que o Senhor D. Fernando consagrava á arte, produzia n'elle outro sentimento superiormente generoso: a protecção dispensada aos artistas e aos operarios, a dedicação com que sempre se apresentou, promovendo os melhoramentos na arte nacional e o desenvolvimento do ensino artistico e industrial, quer auxiliando os artistas, quer auxiliando as emprezas. Exemplifiquemos.

Havia no partido dos operarios da Casa Real dois officiaes, sendo um marceneiro e outro carpinteiro de bastante habilidade. O Senhor D. Fernando aconselhou o marceneiro para que fizesse um contador de pau santo segundo a phantasia lhe inspirasse, afim de figurar na exposição universal de Londres em 1859. O operario obedeceu á lembrança do Principe apresentando um bello trabalho que muito agradou; e como as testeiras das gavetas devessem ser cobertas de marfim, o generoso Principe, amigo do povo e da arte, gravou com agua forte lindas composições de grupos de animaes obtendo o protegido operario por o primor da sua obra, a que o Rei fraternalmente e patrioticamente se associára, uma medalha n'essa exposição. Chamava-se o operario João Caula.

O habil carpinteiro Francisco Anacleto foi encarregado por Sua Magestade o Senhor D. Fernando para tirar o modelo em madeira de um cavallo que o Augusto Principe tinha em superior estimação. Hesitando, porém, o operario ante as difficuldades da execução, animou-o o Senhor D. Fernando que o ajudaria com os seus conselhos para a execução d'aquelle trabalho. Não sabia o operario o desenho e como julgasse impossivel modelar o cavallo na acção de andar, a condescendencia e bondade do Senhor D. Fernando estendeu-se ao ponto de lhe fazer o desenho do cavallo na posição devida. Esta obra é conhecida de todos que eram recebidos por o Senhor D. Fernando, pois que estava a todos patente na primeira salla do Paço das Necessidades. Este esforço de engenho do bom operario inspirou ao Senhor D. Fernando mais outra boa obra e foi o encarregal-o de construir para seu filho o actual Rei D. Luiz, então Infante, um violoncello e tão bem acabada ficou esta obra que foi approvada por o distincto professor e eximio musico Manoel Innocencio dos Santos e se fez ouvir em um concerto no Paço.

Levou El-Rei o Senhor D. Fernando mais longe a sua bondade com relação a este operario, fazendo estudar medicina ao filho d'elle, generosa e util profissão que hoje exerce, o que deve á protecção do magnanimo Principe.

Tambem aqui recordarei, o que muitos sabem, mas que nem por isso deve deixar de ficar consignado, porque tanto honra o Senhor D. Fernando, e é a protecção por elle concedida a estudantes a fim de irem aos paizes estrangeiros mais cultos estudar e desenvolver os seus talentos nos diversos ramos artisticos. Ainda direi para provar quanto o Senhor D. Fernando desejava sempre concorrer e contribuir para o aperfeiçoamento das Bellas Artes e officios. Citarei, pois, a maneira generosa e digna como Sua Magestade já em adiantado progresso da sua fatal molestia recompensou um operario habil. Tendo comprado duas arcas antigas ornadas com obras de talha, faltando-lhe, porém, bocados, mandou chamar o entalhador Antonio de Almeida para as concertar e quando a obra de restauração se concluiu e o operario se lhe apresentou, perguntou-lhe o Senhor D. Fernando quanto tinha a satisfazer lhe por o seu trabalho. Respondeu-lhe o operario: «O que Vossa Magestade quizer dar.» Ao que acudiu o Principe: «Diga, que eu quero saber quanto é.» Então o operario, obrigado por o preceito de Sua Magestade, disse: «São quinze libras.» Interrompeu-o o Senhor D. Fernando, dizendo-lhe: «Isso é pouco, porque a obra ficou muito perfeita e merece que lhe mande dar trinta libras.»

No celebre e para sempre memoravel Castello da Pena em Cintra dispendeu o Senhor D. Fernando muitas centenas de contos de réis. Ali desenvolveram muitos operarios e artistas distinctos as suas aptidões e os seus talentos. D'ali partiu durante quasi meio seculo a animação, o conforto e o sustento a centenares de familias que pelo trabalho honrado ganhavam o pão e o ensino. Além de tantos beneficios para os homens de trabalho e de talento, quantas familias desvalidas em Lisboa e na Pena procuravam o allivio a seus males na generosidade e caridade do Senhor D. Fernando! Comprára o Senhor D. Fernando o edificio da Pena em 1836. D'ahi partiu para ir vêr o famoso monumento da Batalha que então se achava em estado de adiantada ruina. Tal impressão produziu si-

milhante desleixo no espirito patriotico e artistico do Senhor D. Fernando que logo resolveu empenhar toda a sua influencia para que o governo tratasse de fazer proceder a tão necessaria restauração. A elle se deve, pois, em grande parte mais este bom feito.

Tudo quanto se relacionava com a gloria da patria ou com as glorias da arte animava de generosos enthusiasmos o espirito esclarecido e patriota d'El-Rei D. Fernando, e por isso mais uma vez além de tantas patenteou a sua real munificencia contribuindo todos os annos com uma avultada verba para as obras da Casa Pia, monumento grandioso do grande Rei D. Manoel, padrão sublime de nossas grandezas d'outr'ora e que El-Rei não desejava que fosse transformado em monumento desgraçado de nosso desleixo e incuria.

Tudo que attestasse as nossas antigas glorias prendia docemente todos os generosos affectos do Principe, promovendo a sua conservação no paiz como recordação e incentivo. Achava-se o Senhor D. Fernando de passagem em Roma e ahi lhe fizeram ver um grande retabulo em madeira representando a conquista de Arzila. Não curou do preço que lhe pediam e attendeu só ao assumpto que o interessava; comprou, pois, o quadro e nas Necessidades foi collocado em honrado logar como o assumpto requeria e ao novo possuidor tanto interessava.

Quando se descobriu a famosa argola de ouro e logo que o Senhor D. Fernando viu a photographia d'ella, pensou em adquiril-a, receioso de que aquella joia se perdesse para Portugal, embora fosse necessario sacrificio a fim de conservar no paiz aquella preciosidade archeologica, unica n'aquelle genero conhecida.

Ora aqui tendes, Senhores, para que serviu e para que servia o dinheiro d'El-Rei o Senhor D. Fernando.

Para animar vocações artisticas, para conservar monumentos patrios, para desenvolver aptidões para as artes e para os officios, para recompensar o trabalho honrado, para enxugar muitas lagrimas, para sustentar muitas familias, para ser util a muitos, sendo benevolo para todos.

Tendo pois de considerar o Rei debaixo de diversos aspectos, como indiquei no principio d'este Discurso, e achando-me em um templo consagrado ás artes, entendi que devia principiar considerando o Rei D. Fernando como artista e como protector das artes.

Dignou-se o excelso Principe acceitar a presidencia de honra e o protectorado d'esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

Por vezes se dignou S. M. vir pessoalmente de Cintra presidir a sessões solemnes em que se distribuiram medalhas aos socios laureados pelas suas publicações artisticas e archeologicas, apresentando-se sempre trazendo ao collo o distinctivo d'esta nossa Real Associação; e tanto desejou honrar-nos e distinguir-nos que tirou da sua excellente e selecta galeria de esculptura o seu busto para ornar a salla das nossas sessões no anno de 1883.

Tendo mandado tirar as photographias das mais preciosas collecções de objectos de prata e de prata dourada do seu admiravel museu do Paço das Necessidades de tudo que fosse sómente obra executada por os ourives portuguezes a fim de figurar na exposição universal de Vienna de Austria, onde causou merecida admiração, teve a extrema delicadeza de offerecer essa mesma collecção para enriquecer o museu da nossa Real Associação, sendo para notar a alta valia d'este real brinde por quanto, havendo apenas tres exemplares d'essas collecções e achando-se um d'elles em poder de S. M. a Rainha da Grã-Bretanha, pertencendo outro ao inventario do Senhor D. Fernando e tendo por essa razão de ser dividido por os herdeiros que nem todos são portuguezes nem vivem no nosso paiz, vem a ficar completo no nosso Portugal este unico exemplar que pertence á nossa Real Associação. Será esta collecção memoria permanente do augusto doador e ficará como monumento grandioso da dedicação que elle consagrava a esta Real Associação e ao mesmo tempo recordação preciosa da arte nacional.

Passaremos agora a considerar o Senhor D. Fernando sob o aspecto de chefe de familia.

A fama que se espalhára das elevadas prendas do Senhor D. Fernando, da sua bondosa indole, esmerada educação esmaltada por brilhante talento; tantos dotes reunidos e acompanhados do elevado conceito que a familia Coburg merecia na Europa monarchica e nas elevadas estações diplomaticas, determinaram a escolha d'este Principe para esposo da Rainha a Senhora D. Maria II de saudosa memoria. Encarregado o conde de Lavradio d'esta negociação, desempenhou-se d'ella como era de esperar de tão experimentado diplomata e notavel estadista. Seguiu-se o tratado matrimonial e é necessario aqui notar que o esclarecido Principe cedeu de tudo que podia caber-lhe em heranças de seus paes, e é bom que se diga e que se saiba que S M. sómente percebia o que lhe pertencia em Portugal em virtude dos contractos solemnes que se celebraram por occasião do seu consorcio. E em verdade, para quem tudo abandonou e cedeu na patria e na casa paterna, para adoptar esta nova patria, ninguem dirá que, attendendo a todas estas circumstancias e á elevada e importante posição que vinha occupar, S. M. o Senhor D. Fernando recebia exaggerada dotação. E o que recebia já nós demonstrámos como o dispendia em beneficio da sociedade e do paiz.

Encontrou o Senhor D. Fernando na esposa o verdadeiro thesouro de que nos falla a Biblia, quando descreve a mulher, no famoso livro dos Proverbios com as seguintes palavras: «*Mulierem fortem quis invéniet? procul, et de ultimis finibus prétium ejus. Confidit in ea cor viri sui, et spóliis non indigébit. Reddet ei bonum et non malum, omnibus diébus vitæ suæ*». N'estas palavras está descripta toda a elevação da dignidade da mulher e toda a sublimidade e grandeza da familia.

Amava a Senhora D. Maria II o esposo com excessos de affecto, correspondia-lhe o esposo com extremos de agradecido.

Respeitava elle a esposa como mulher digna, admirava-a como Rainha energica. Nunca o affecto minguou nos reaes consortes, mas augmentou-o a confiança e radicou-o a convivencia. Tal admiração conservou sempre o Senhor D. Fernando pela virtuosa esposa que determinou escrever a biographia d'esta tão notavel Princeza. N'este precioso trabalho, que infelizmente ficou incompleto, exaltava o Senhor D. Fernando os altos dotes da Senhora D. Maria II, quer como esposa dedicada, quer como Soberana discreta.

Estabeleceu-se tal accordo e tão completo para a obra prima da vida domestica, a educação dos filhos, tão ajustado era o pensar sobre assumpto tão importante, que nas resoluções sobre o proposito jamais houve discrepancia. Adivinhavam-se os dois corações ao mesmo tempo que no pensar se ligavam os dois espiritos. Escolheram uma piedosa dama para vellar por suas filhas e filhos. Chamava-se D. Maria de Vasconcellos, senhora da mais sincera piedade e da mais sublime discrição e prudencia, qualidades que herdara de seus virtuosos pae e mãe, os marquezes de Castello Melhor. Desempenhou ella bem o encargo, com geral applauso.

Abençoou a Providencia este consorcio com o nascimento de basta prole.

Quiz a Senhora D. Maria II ser a primeira mestra de escripta e leitura de seus filhos; quiz o Senhor D. Fernando acompanhal-a nos misteres do ensino, leccionando elle nos preliminares do desenho aos jovens Principes. Cresciam os filhos em annos e, quando as tenras plantas iam medrando, cresciam nos paes os cuidados da intellectual cultura. Chamaram-se então abalisados mestres para variadas disciplinas, disvellando-se os paes não sómente na busca de eruditos, mas na escolha de exemplares caracteres. Não se esquecia o Senhor D. Fernando do recato com que fôra creado e da vigilancia com que fôra acompanhado. Honrou-me uma vez este excelso principe contando-me promenores da sua infancia e da sua muito bem dirigida educação.

Não se esquecerá tambem a Senhora D. Maria II da sua Dama que dirigira a sua educação, a notavel matrona portugueza D. Leonor da Camara, depois marqueza de Ponta Delgada, que atravessára os mares e afrontára perigos para ir tomar conta da educação da joven Rainha então no exilio e com bem poucas esperanças de recuperar a perdida corôa. Não esquecera tambem a Senhora D. Maria II os notaveis professores que, sob a judiciosa direcção de D. Leonor da Camara, dirigiram a sua educação litteraria.

Não admira, pois, que os reaes esposos, preparados com tão fina educação, procurassem transmittil-a aos seus filhos, e assim o realisaram escolhendo professores dotados do mais subido merito como eruditos e dotados da mais sã moral como cavalheiros. Sobresae entre todos o conselheiro Viale, o grande sabio, illustre academico, tão notavel pela sua erudição vastissima como pelas suas virtudes e sincera piedade. O sabio mathematico Folque, o notavel grammatico e poeta Bastos, poeta latino, traductor e annotador do conciso Persio e do mordaz Juvenal, auctor de um celebre poema sobre as estações que, apezar de não imitar o melodioso Thompson nem o agradavel Saint Lambert, tem bastante merecimento no seu trabalho e certa originalidade nas suas descripções. Estes e outros foram escolhidos para a educação dos jovens Principes.

A escolha do conde da Carreira para aio de Suas Altezas e director superior da sua educação foi, por assim dizer, o chefe de obra ou, o que é o mesmo, a obra prima em tão sublime empenho e momentoso proposito. O conde da Carreira, distincto fidalgo de raça e mais fidalgo ainda pelas acções generosas que valem mais do que todo o mais nobre sangue desacompanhado de merito, fora habil diplomatico e tambem fora militar distincto; servira a causa liberal com excessivo zelo, carregado de serviços valiosos e ornado das mais elevadas prendas acompanhadas e realçadas pela larga experiencia dos negocios publicos: este homem era sem duvida o mais proprio e o mais adequado para o importante, difficil e honroso encargo de director superior da educação dos Principes. Correspondeu elle á missão com sabedoria e reganho.

D'este consorcio do Senhor D. Fernando II com a Senhora D. Maria II nasceram dois Reis, que bem mostraram ambos o quanto aproveitaram da fina educação que receberam. Um falleceu rodeado das bençãos do povo e do applauso da Europa; o outro vive e Deus o conserve incolume e defendido de todo o mal, para bem fazer aos povos que rege e á patria a que pertence.

São os votos que forma a minha dedicação provada e o meu affecto reconhecido.

Ao Egregio Principe, deante do qual tenho a honra de fallar, Principe descendente de tantos Reis e herdeiro de tantas glorias, que a Providencia o preserve de todos os perigos, o livre de todos

os maus conselhos e o inspire sempre nos caminhos da justiça e da prudencia para sempre honrar o estado, para sempre felicitar a nação.

Chegamos agora, Senhores, á parte mais importante da vida publica e politica d'El-Rei D. Fernando, que até aqui tivera uma vida de reflexo e agora entra em um periodo de vida propria na ordem politica e na ordem constitucional.

São os Reis, segundo a nossa Constituição, depositarios do poder moderador e chefes do poder executivo e se porventura a elles não cabe responsabilidade politica por seus actos como Chefes do estado, nem por isso se póde considerar que a celebre maxima de que o Rei reina e não governa, significa que o Chefe do estado tem apenas um primado de honra no meio de uma immobilidade absoluta.

Essa immobilidade seria um escarneo, se não fôra um absurdo.

Os Reis governam segundo as leis e conforme com os preceitos n'ellas consignados; mas os Reis e os governos inspiram-se e devem sempre inspirar-se nos principios de justiça que são eternos como a razão e que só podem conformar-se com a verdade.

E' velha a maxima que as Sagradas Escripturas impõem como preceito aos Reis para que lhes sirva de guia na sua marcha e de limite ás suas ambições: «*Per me reges regnant et legum conditores justa decernunt.* Lição proficua e sublime, porque vem da sabedoria infinita e porque em si consubstancia a mais luminosa idéa e o mais elevado principio de justiça social, e é: que as soberanias são todas limitadas, porque todas foram creadas para harmonisar os povos e nunca para tyrannisar as sociedades. A omnipotencia do poder dos Reis ou a omnipotencia do poder dos povos são egualmente fulminadas pelas palavras inspiradas da mais elevada philosophia.

O poder vem de Deus, a investidura, porém, é dos homens A sociedade não póde ser governada nem por os caprichos de um homem nem pelas loucuras de uma multidão. Os povos delegam o poder como nós delegamos individualmente os nossos poderes em um pleito que nem todos podem tratar pessoalmente, porque nem todos conhecem as regras do direito e as leis da justiça. Se os reis não pódem ser arbitrarios, os povos não pódem ser destruidores. As sociedades só vivem com a harmonia e não podem subsistir com a desordem. Não é essencial a todas as sociedades a mesma fórma de governo. Conforme a sua indole e a sua historia variam as suas necessidades e bem applicavel é aqui o que diz Montesquieu no seu *Espirito das leis* «As leis devem ser feitas em harmonia com as necessidades dos povos que vivem sob o seu imperio. As fórmas de governo são muitas vezes indifferentes. O que não é nem póde ser indifferente para os povos é o ataque a certos principios que são as bases mesmo de toda a sociedade. São os fundamentos e os alicerces de todo o edificio social que se aluem e, destruidos elles, perece a sociedade.»

Estas idéas liberaes são as verdadeiras idéas de ordem. Inspirou-se o Senhor D. Fernando em tão salutares principios, foram elles o seu crédo e o seu formulario durante o tempo que governou, tendo empunhado o sceptro do poder por occasião do fallecimento de sua esposa a Senhora D. Maria II de saudosa memoria e durante a menoridade de seu filho o joven rei o Senhor D. Pedro V tambem de saudosa memoria.

Acolhia o Rei a todos com affabilidade, conhecia dos negocios com particular escrupulo e jámais poude apontar-se-lhe parcialidade na resolução de qualquer assumpto. Com fina comprehensão e espirito recto, empenhou-se sempre em attender a todos os clamores e em dispensar attenção a todas as pretenções justas. Ouvia a opinião publica, procurava conhecer da justiça que a cada um assistia, informando-se *intus et in cute* de todos os negocios que eram submettidos á sua resolução e despacho.

Só o amor do bem o inspirou sempre e nunca essas vinganças mesquinhas que deslustram ou essas condescendencias com os aduladores que compromettem. Aconselha um notavel escriptor da antiguidade que se chamava Synesio, no seu livro intitulado *De Regno*, dirigindo-se ao Imperador Arcadio «que o seu maior cuidado seja livrar-se dos aduladores, pois que, apezar dos guardas de que está cercado, assim mesmo elles lá penetrarão, primeiramente para exercerem sobre elle poderosa influencia a fim de que em seguida o possam despojar do imperio.»

Accommoda-se a este julgado de Synesio a opinião de Tacito, quando affirma que a lisonja mais vezes destroe do que as armas dos inimigos; e em menos palavras ainda, mas com egual força de razão, accrescenta o famoso Cornelio a Lapide: «que os aduladores domesticos são mais nocivos do que os inimigos de fóra.» Mas se era realmente reconhecida a elevação de sentir do Senhor D. Fernando, manifestada na rectidão das suas resoluções, nunca inspiradas por odio ou por valimento, nem por isso deixou de ter emulos, de ter inimigos, porque a alta virtude nunca deixa de os ter.

Themistocles, famoso capitão da Grecia, em seus primeiros annos, e apezar de ser geralmente estimado, andava triste e pensativo e perguntando-se-lhe a causa da sua melancolia, não tendo inimigos que mál lhe quizessem, respondeu Themistocles: «Por isso mesmo que não tenho inimigos

estou triste, pois que, se já houvera praticado honrada acção, houvera grangeado inimigos e inimisades.» Crescendo em annos este varão notavel e crescendo a fama das suas victorias, ao mesmo tempo que destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavam contra elle dentro da patria!

Aquelles inimigos eram os clarins da fama de Themistocles, porque invejosos só invejam quando têem que invejar.

Mal se olha para os reptis que se esmagam, mas temem-se deveras os leões que resistem.

Não podem sempre os monarchas ou os magistrados ou ministros, investidos de superior mando, satisfazer os desejos ou os caprichos de todos os pretendentes e essas recusas bastas vezes lhe grangeam inimisades, quando lhe não criam figadaes odios; devem, porém, lembrar-se que a nimia condescendencia é demonstração de fraqueza, emquanto que a obstinação repetida pode denotar o odio.

D'estes dois escolhos deve livrar-se o homem publico e o funccionario honrado.

Não ha escudo com que melhor se possam rebater as injurias do que a grandeza do injuriado, que, á semelhança de superior ceu, sua mesma eminencia o faz inaccessivel a estes rasteiros vapores da inveja e a estas furiosas exalações da vingança.

Inflexivel era e foi sempre o Senhor D. Fernando e por isso nem as lisonjas o amolleceram nem as invectivas o prostraram.

E' bem difficil, nos tempos que correm, a missão dos monarchas. Incumbe-lhes como chefes do poder executivo uma suprema inspecção que debalde poderão realisar, quando não estejam sempre attentos, não só aos grandes movimentos que atroam, mas a certas combinações que, parecendo na fórma insignificantes, se convertem por vezes em difficuldades perturbadoras. Têem por tanto os chefes do estado o dever de attender, não só aos negocios de superior alento, mas tambem áquelles que se consideram de diminuto alcance.

Quantas vezes a diplomacia enreda com suas traças um negocio, que á primeira inspecção foi julgado claro e simples e que, em resultado de descuidos, se converteu em causa de grandes desgostos e á semelhança da pequena nuvem que, apenas se enxerga no horisonte, cresce e se avoluma e é prenuncio de procella ingente e de catastrophe momentosa. Quantas vezes o estadista illustrado ou o diplomata perspicaz é victima da insidia de politicos mediocres e insignificantes!

Tratem, pois, os superiores pilotos das naos dos estados de bem attender á hora que soa e á briza que sopra, porque algumas vezes se escapa de naufragar em tremendos cachopos para vir a soffrer desastre grande em insignificante rochedo.

Vem a proposito recordar o que aconteceu a Aristides tão famoso capitão nas campanhas da Grecia que mereceu entre os antigos as primazias de esforçado e morreu do veneno que lhe influira a picada leve de uma aranha. E quando se esperava que soffresse com valor este ultimo trabalho, se poz lastimosamente a chorar seu infortunio. «Que eu morresse, dizia elle, ou ás mãos de um guerreiro na batalha ou nas garras de um leão na montanha; a mesma morte do vencido se podia gloriar com a grandeza do vencedor, mas que escapando eu em Thebas das lanças de um inimigo nobre, venha a morrer agora pela picada de um animal tão humilde; não sei que possa haver allivio que me suavise tamanha dor.»

Parece que todas as maximas que temos apontado formavam parte do programma governativo do illustre e sempre chorado Rei D. Fernando. Na sabedoria dos passados seculos se inspirou sempre o grande Principe e na conversação com a moderna Europa culta, no conhecimento das obras dos modernos auctores na ordem politica, diplomatica, administrativa, litteraria e artistica entretinha as suas horas que rapidas corriam para quem jámais podia estar ocioso.

Era sempre a sua opinião de alto valor, inexcedivel a sua imparcialidade em julgar os acontecimentos e jámais abandonava este sereno pensar, desejando sempre ser justo, procurando sempre ser tolerante e imparcial.

Tive bastas occasiões de poder conhecer o modo por que elle desejava descobrir as causas dos acontecimentos, não só os de passadas eras, mas egualmente os das modernas idades.

Avaliava o Rei no seu alto criterio as diversas vicissitudes dos povos. Era sinceramente liberal no verdadeiro sentido da palavra.

Os reis têem hoje mais do que nunca o dever de estudar os acontecimentos a fim de regularem a sua politica conducta. O Senhor D. Fernando fazia inteira justiça aos politicos de todos os tempos e de todos os paizes, julgando-os com imparcial criterio.

Os philosophos têem classificado geralmente até agora os governos pelas suas formas. Quanto a mim julgo mais prudente classifical-os por suas tendencias em ordem a resolver o problema social; e esta classificação será sem duvida mais luminosa e mais profunda.

Este problema não tem mais do que tres soluções possiveis: ou a sociedade ha de absorver a individualidade ou a individualidade ha de absorver a sociedade ou a sociedade e a individualidade hão de co-existir por meio de uma constante harmonia. Estas tres soluções caracterisam os governos

differentes. Estes tres governos dominaram o mundo. O primeiro no Oriente; ali o homem perde-se no seio da sociedade, a sociedade no seio de Deus. O segundo nasceu no seio da Grecia; e ahi rompe-se a unidade terrivel do Oriente, ahi o homem é cidadão e ahi entoa hymnos á sua emancipação conseguida e á liberdade conquistada. Veiu depois Roma, a sua vida foi um combate entre o principio absorvente das sociedades asiaticas e o individualismo da sociedade grega, entre os tribunos e os patricios, entre o senado e o povo.

O Oriente foi um sepulchro, a Grecia foi um festim, Roma, um campo de batalha. Sobre esse campo de batalha não levantou seu throno a victoria, mas apenas a morte ergueu os seus tropheus. A espada de Mario poude vingar os tribunos, a espada de Sylla poude vingar os patricios, porém nem a primeira poude dar vida ao povo nem esta fortalecer o Senado. A republica era um cadaver.

Durante o imperio não combatem nem dominam principios. Roma era uma casa de prostituição ao serviço dos Imperadores. E como toda a sociedade que se não governa por principios, não tem elementos de organisação, perece, Roma pereceu.

Quem subiu então ao Capitolio abandonado para regenerar o mundo? Uma raça que veiu do norte e uma religião que baixou do céu.

E aqui terminou o periodo da civilisação antiga para começar o periodo da civilisação moderna. Do seu seio nasceu o governo representativo, que se generalisou na Europa; e distancía-se esta fórma de governo dos governos das sociedades antigas que apontámos e a que nos referimos, porque respeita e defende a individualidade humana sem despedaçar o vinculo social e d'esta arte a classificação dos governos, segundo as suas fórmas, é uma classificação esteril, em quanto que a classificação segundo as suas tendencias é uma classificação philosophica e fecunda. A missão do governo representativo foi a de resolver o problema que o mundo oriental, o mundo grego e o mundo romano não poderam resolver.

Este problema, repito, consiste em respeitar a individualidade humana sem que os alicerces da sociedade vacillem e em conservar a sociedade sem algemar a individualidade; em uma palavra, consiste em encontrar a lei que ha de converter em unidade fecunda o dualismo incoherente da lei do individuo e da lei da associação.

Accrescentaremos, pois, que sendo a liberdade do individuo no sentido absoluto um elemento dissolvente da sociedade, a sociedade, para defender-se do principio que a invade, reune todas as suas forças parciaes que constituem a força publica, o seu depositario é o governo, cuja missão é conservar a sociedade por meio de uma resistencia constante a todas as liberdades invasoras, que podem converter-se em anarchia perigosa ou em tyrannia declarada.

O que nos mostra, pois, a experiencia dos seculos e a historia do mundo é, que as sociedades a cuja testa se encontram os mais precatados e os mais intelligentes, atravessam grandes crises e escapam a grandes convulsões. Uma sociedade, á qual os prudentes abandonam ou da qual os intelligentes desapparecem, é uma sociedade condemnada ou ao marasmo completo ou á decomposição total.

E se queremos verificar o nosso asserto, lancemos um rapido golpe de vista sobre a Grecia na epocha das suas glorias, e responda-nos a philosophia da historia sobre as causas da sua decadencia; e se passamos á epocha de Carlos Magno, interroguemos os seculos sobre o estado de confusão que precedeu este glorioso reinado e sobre a mudança do mundo á voz sublime d'aquelle heroe famoso.

Qual foi, pois, o espectaculo que nos offereceu a Grecia dominada pela philosophia?

Um espectaculo unico nos annaes da humanidade.

Um espectaculo de um povo ao qual sobram louros para com elles tecer as mais esplendidas coroas.

Cingem corôas os vencedores em Platéa, em Marathon e em Salamina. Louros pertencem a Herodoto, quando nos jogos olympicos é tão grande como Jupiter, improvisando a Minerva, porque, cantando os seus combates, improvisa a historia. Louros lhe dão o fundador da Academia e o fundador do Lyceu, quando em seu vôo sublime percorrem o horisonte da intelligencia humana e quando, obedecendo á sua voz, se faz tambem Atheniense o genio da philosophia.

Louros lhe dão os que inspirados pelos deuses, animando os marmores e a tela, obrigam o genio das artes a que habite o Parthenon e que abandone o Olympo.

E como se lhe faltasse ainda uma bella flôr para a sua esplendida corôa, nasce Demosthenes e com elle invade a praça publica magestoso e sublime o genio augusto da Tribuna

Este foi o ultimo e o mais illustre de todos os cidadãos.

Um novo espectaculo se offerece aos nossos olhos.

Os historiadores, os philosophos e os artistas desapparecem e com elles os guerreiros e os oradores tambem. A Grecia transforma-se em orfã, porque a intelligencia d'ella se affugentou. A Grecia arrasta os crepes da viuvez, porque a abandonou a antiga gloria. Seccam-se-lhe os louros, porque jazem no sepulchro todos os seus grandes cidadãos.

A Grecia desalenta-se e desfallece, porque, para consolal-a em sua orphandade, só tem á sua beira

aquelles que apparecem sempre para conduzir ao sepulchro os povos agonisantes, quando a intelligencia os abandona e quando a Providencia os condemna.

Fallámos da Grecia em curto summario. Em poucas palavras digamos o a que nos referimos sobre a epocha de Carlos Magno.

Quando este heroe appareceu no mundo e se assentou no throno, o throno era um nome e o mundo era um chaos e elle converteu aquelle nome em um poder e, subjugando o mundo com a sua vasta intelligencia, arrojou ao seu seio o germen da reorganisação social.

O Christianismo, para imprimir nas sociedades o sello da sua acção civilisadora, carecia de uma espada; Carlos Magno, para constituir a sociedade, carecia de uma ideia.

Quando, pois, o genio do Christianismo e o genio de Carlos Magno se encontraram no Capitolio, Carlos Magno achou-se de pósse de uma ideia e o Christianismo de posse da sua espada.

Quando a intelligencia, e isto nos diz a historia, se abriga no seio de um homem, todos os homens o seguem; quando a intelligencia o abandona, o seu poder ephemero passa. Quando a intelligencia se apodera de uma sociedade, a espada d'essa sociedade alcança os pólos e submette as nações. Quando a intelligencia desapparece, essa sociedade morre.

Emquanto Napoleão representou a intelligencia da França, os Principes o acataram; os povos lhe obedeceram, emquanto encheu o mundo com os resplendores da sua gloria.

Foi um astro sem eclipse, foi vencedor e foi Rei. Quando deixou de ser o homem da França, foi o homem de Waterloo e de Santa Helena, porque só a intelligencia é o poder, só a intelligencia é o direito, só a intelligencia é a vida.

Mas o nosso paiz não é hoje um paiz guerreiro, foi em tempos que passaram, e então alcançou glorias immorredouras e tropheus gloriosos. As epochas de conquista passaram e não se governa com a espada, embora brilhante que fere, mas com a prudencia e com o precate que salva. Mostrei, em ordem a corroborar os meus argumentos, como as sociedades antigas se transformaram. Seriam loucura hoje certos emprehendimentos que tanta fama espalharam do nosso valor nos tempos que foram, mas que, intentados hoje, demonstrariam imperdoavel insania.

Conhecia o Senhor D. Fernando estas verdades, porque era versado na historia e porque era verdadeiro philosopho politico; e por isso durante as suas regencias demonstrou sempre em todos os seus passos a mais consummada prudencia acompanhada de fino tacto e admiravel tino. Houve um acontecimento na sua vida politica que veiu patentear a todas as luzes até que ponto e tão subido amava esta nação.

Não trocava esta patria por outra, tanto era e tão entranhado o seu affecto por o seu querido Portugal. Honra eterna a quem a tudo antepoz o amor da patria. D. Fernando pelas suas obras provou a sua altissima intelligencia, por obras demonstrou a magnanimidade do seu coração, por obras provou o seu amor ao povo e á patria, o seu respeito ao dever e á justiça.

Res non verba, actos bons e não palavras vãs. Eis o que encontramos na vida d'El-Rei D. Fernando, e ainda que, como deixei ponderado, teve emulos, teve inimigos, não temo que saia um sequer a desmentir-me.

São as obras os melhores pregoeiros da virtude dos sujeitos, pois que a verdadeira rhetorica do sol são os seus raios. A lingua com que o fogo nos falla é o seu calor, a musica das perolas a sua candura, a voz do ouro os seus quilates e o verdadeiro cantico das estrellas o seu brilhantismo.

Temos percorrido as differentes phazes da vida do nosso illustre e augustissimo Presidente o Senhor Rei D. Fernando, tendo-o, como promettemos, avaliado debaixo de tres aspectos, — como artista e protector dos artistas e dos operarios, como chefe de familia e como Rei Regente d'estes nossos reinos. Vamos, pois, chegando ao termo para junto de um tumulo espalhar flôres de saudade e derramar lagrimas de dôr; mas não ponhamos prematuro remate á nossa obra de gratidão e affecto sem commemorarmos a coragem verdadeiramente christã e o animo verdadeiramente valoroso com que o amado Principe supportou os tormentos dolorosos da molestia fatal e terrivel.

Como poderemos formar idéa de tão acerbo soffrimento, que tanto fez soffrer a todos os amigos dedicados?

Algum de nós terá talvez acompanhado já algum amigo na lenta agonia de uma molestia dolorosa.

E' como uma batalha aonde tantos accidentes se succedem e aonde ou a esperança nos sorri ou a morte nos ameaça.

Em doenças taes que alternativas de esperança, que repetidas crises de desalento!

Improvisamos uma primavera de flores que nos alegra para encontrarmos um outomno em que as arvores se despovoam de flores, como do nosso coração se ausentam as esperanças!

Fagueiro porvir que phantasiavamos! Triste realidade que nos feriu e nos mata!

Terrivel desenlace que tem por epilogo um tumulo, e por remate um epitaphio!

Não se apagará no nosso espirito a lembrança das grandes virtudes do nosso Presidente como ao nosso coração não abandonará a saudade pela sua perda.

Longe de nós paira o seu espirito, mas em nós permanece a sua memoria.

Olhemos para esse céu que no maior dos seus planetas nos está debuxando n'esta ausencia os excessos do nosso rendimento. Disse o poeta Apuleo: «*Luna solis æmula noctis decus... quanto magis abiit a sole tanto largius illuminatur.* «Vede esse sol, diz elle, quanto mais da lua se aparta, melhor a illustra. Por isso certo auctor pintou a lua que em distancia grande do sol estava participando com mais liberalidade de seu resplandor; repetindo aquelle conceito do immortal Ovidio: «*Jam sum tibi charior absens*»; pois que d'elle embora mais afastados, não seremos por isso menos favorecidos.

Pois que estamos privados da sua vista, mais viva permanece em nós a saudade e com ella se nos avivam os seus exemplos.

SERENISSIMO SENHOR

ILLUSTRES CONSOCIOS:

Duas estatuas levantou a fama antigamente á memoria de Pompeo para eterna recordação de seus immortaes triumphos, uma em o Capitolio e a outra nos Pyrinéos, aquella sobre um altar, esta sobre um rochedo, aquella composta de metal precioso, esta formada de um tosco penhasco, aquella ornada toda de joias, esta coberta toda de musgo.

Plinio, como auctor d'esta historia, julgou que a dos Pyrineos tinha mais similhança com Pompeo do que a do Capitolio, por quanto, se a do Capitolio o representava como illustre cidadão, a dos Pyrineos o representava como generoso vencedor, pois a do Capitolio era venerada em um Templo e esta exposta em um monte.

Por minha parte, direi que, se tivessemos de levantar uma estatua á memoria do Rei artista, que a não collocassemos em uma praça, circumdando-a dos incensos do estylo e das pompas da realeza.

Seria uma demonstração á realeza e eu prefiro uma demonstração de popular affecto ao homem e ao artista.

Que essa estatua se levante em um rochedo na Pena, aonde elle tantas vezes parou, olhando para o povo que o amava, para o povo a quem serviu, para os artistas que auxiliou, para os pobres que favoreceu. No meio do povo sincero e grato este monumento de popular gratidão ao artista, ao benemerito, ao philanthropo e ao patriota.

Exemplar brilhante da magistratura real!

Longe das invejas humanas, fóra do alcance dos tiros da iniquidade, repousa em paz, Augusto Principe, a quem as galas da realeza não enebriaram, a quem as lisonjas não illudiram, a quem as injustiças não desalentaram, porque, fiel á tua missão, o amor da patria foi a tua bussola, o cumprimento do dever a tua mira, o bem do povo o teu pharol, porque o fogo sagrado do amor da patria jámais se apagou em teu peito, porque na tua carreira te allumiou sempre o brilhante sol da justiça, brilhante sol sem occaso que, despontando fulgurante no horisonte dos estados, se prolonga magestoso em toda a extensão dos seculos.

BIBLIOGRAPHIA

São mui raras as publicações ácerca dos monumentos que pertencem a Portugal, além de incompletas nas suas apreciações, não apresentam precisos conhecimentos dos caracteres distinctivos de seus respectivos typos, nem dos estylos que os distinguem.

Era, sem duvida, uma lacuna assaz para lamentar, deixar-se no olvido essas importantes obras architectonicas de subido apreço para a historia da arte do nosso paiz, que servem de padrões do progresso da nossa civilisação, de testemunhas perduraveis do fervor do culto christão dos portuguezes e de tropheus dos corajosos feitos praticados para as conquistas e independencia da nação.

Appareceu em 1843 um distincto escriptor archeologo, que, possuido do mais acrisolado patriotismo, tomou a peito divulgar e representar, por meio de illustrações, os edificios mais notaveis do reino; com seu talento superior e amena erudição, saiu a campo para revindicar os monumentos nacionaes, o valor do seu merecimento artistico, e a memoria dos factos que haviam originado a sua fundação.

Foi essa a primeira obra que n'este genero alcançou devido apreço, fazendo obter ao seu auctor merecidos louvores e fama.

Aos que são, como elle, dotados de sentimentos nobres, prezando com zelo o credito nacional, e que têem a convicção de prestar um valioso serviço á sua patria, nem as fadigas nem os sacrificios diminuem as forças de seu empreendimento. Elles sómente pretendem engrandecer o nome da Nação, e concorrer para que se aprecie com justiça o merecimento architectonico dos monumentos n'ella existentes.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa na sua excellente e nova publicação — *Os Monumentos de Portugal, historicos, artisticos ou archeologicos*[1] desenvolveu com o maximo esmero as descripções architectonicas d'esses importantes edificios; não só recorda-nos a fundação historica d'elles, como tambem nos faz notar as suas bellezas artisticas e a comparação archeologica de suas construcções. É este livro um notavel monumento — que aprecia completamente os que existem em Portugal, com a proficiencia da superior illustração de seu auctor. Damos os emboras a este eximio campeão das nossas antiguidades.

Ousamos transcrever, de tão importante obra o final de um capitulo ácerca da egreja de S. Miguel de Guimarães, em que o sr. Vilhena Barbosa, nosso distincto consocio, dá publicidade a um pequeno serviço que a associação dos architectos e archeologos, onde é mui digno presidente da secção archeologica, teve occasião de prestar, para que se restaurasse aquelle remoto edificio religioso de gloriosa recordação.

A Redacção.

A egreja de S. Miguel em Guimarães

(Vid. *Monumentos de Portugal* pelo sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, pag. 108)

«... essa veneranda sentinella dos tempos, que tem visto passar junto de si tantas gerações; esse padrão dos fastos nacionaes, que zombou por muitos seculos do embate das tempestades, esteve ameaçado de desapparecer da face da terra, não obstante o seu incontestavel jus ao acatamento dos portuguezes.

Ainda não ha muitos annos estava aberto ao culto, e era uma das parochias de Guimarães. Porém a incuria de quem lhe cumpria velar pela sua conservação, deixou arruinar o telhado, a ponto de abater. Com mais alguns annos de abandono, desmoronar-se-hiam as paredes pouco a pouco; e em breve seria um montão de pedras derrocadas o templo em que o vencedor de Ourique, o strenuo campeão da fé, o heroico propugnador da independencia dos portuguezes recebeu, com a graça do baptismo, o nome que as suas façanhas tornaram glorioso e immortal!

Houve, felizmente, em Guimarães corações generosos e patrioticos, que se doeram da triste sorte do monumento, e que se propozeram a salval-o da destruição, livrando tambem a sua terra de uma grande vergonha, porque taes ruinas lhe seriam eterno desdouro.

Tomou a seu cargo a execução d'este pensamento uma benemerita commissão de que fizeram parte os srs. padre Antonio José Ferreira Caldas e J. Pinto de Queiroz, ao primeiro dos quaes se deve, se estou bem informado, a idéa inicial. Movida do louvavel empenho de proceder á reconstrucção do templo sem lhe alterar a architectura primitiva, a commissão consultou a real associação dos architectos e archeologos portuguezes. Esta associação, que tem prestado ás artes e ao paiz excellentes serviços, correspondeu benevolamente ao convite, nomeando logo uma commissão para estudar o assumpto e dar o seu parecer.

Para que ella se desempenhasse cabalmente d'este difficil encargo, offereceu-se um dos seus membros, o sr. conselheiro Feijó, para ir examinar o monumento. O distincto engenheiro foi com effeito a Guimarães, e, em resultado do exame consciencioso a que procedeu, redigiu o parecer da commissão

---

[1] Obra in-grande 8.º de 500 pag., illustrada de 26 primorosas estampas, e com o retrato do erudito auctor.

com tanto acerto e conhecimento da arte, que foi approvado pelos outros membros da commissão, e logo depois pela associação reunida em assembléa geral.

Seguindo-se pois as indicações apresentadas no referido parecer, a igreja de S. Miguel do Castello foi reedificada e restaurada, conservando a sua antiga simplicidade e pureza de estylo, exemplo muito raro nas reconstrucções dos edificios antigos, a que se tem procedido n'este reino.»

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Sua Alteza o Principe Real D. Carlos, veiu de proposito de Cascaes a Lisboa no dia 24 de outubro para presidir á sessão solemne da nossa Associação, o que demonstra mais uma vez quanto S. A. deseja proteger e dar consideração aos estudos archeologicos augmentando o credito da nossa Associação. Tão alta mercê nos torna mais reconhecidos e perseverantes.

O Eminentissimo Patriarcha dignou-se annuir ao empenho que a nossa Real Associação lhe manifestou para se crear um *Curso de archeologia religiosa no Seminario de Santarem*, havendo Sua Eminencia estabelecido, na recente reforma d'este Seminario, uma cadeira para esse ensino.

Não são menos illustrados os Prelados portuguezes que os dos outros paizes mais cultos; e é de esperar que o ensino da sciencia archeologica, tomará o preciso desenvolvimento, de que tanto carecia, para o progresso da nossa civilisação.

Sob proposta do nosso digno presidente o sr. Possidonio da Silva, na ultima assembléa geral, foi approvado por acclamação se conferisse uma medalha de prata ao nosso distincto socio honorario Mr. Emile Cartailhac, attendendo a que este distinctissimo archeologo francez acaba de publicar uma obra do maximo interesse scientifico, que tem por titulo —*Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal.*

Daremos, no proximo *Boletim*, desenvolvida noticia de tão importante publicação, não só em referencia aos estudos archeologicos como mui principalmente para se apreciar o que existe d'essas antiguidades em Portugal. Considerâmol-a a mais util e completa obra que sobre os descobrimentos prehistoricos da peninsula tem vindo a lume. O illustrado auctor é bastante conhecido pelo seu saber e subida intelligencia n'estes estudos, e por isso a sua publicação com 500 gravuras se recommenda aos archeologos de todos os paizes; entre os quaes, serão os portuguezes os mais reconhecidos por Mr. Cartailhac divulgar com tanto criterio e mestria os preciosos vestigios que o nosso paiz possue de tão remotas idades.

NOTICIARIO

Parte dos operarios italianos formaram uma associação cooperativa, que dispensa os empreiteiros.

Já teem construidos varios trabalhos publicos e concorrem ás arrematações para as obras.

A sua organisação faz lembrar as companhias dos pedreiros-livres, que percorriam a Europa na idade média, para construirem as cathedraes e as pontes.

Estes operarios apresentam-se com todo o seu material e acompanhados de medico, pharmaceutico, cosinheiros e sapateiros. O governo concede-lhes passagem nos caminhos de ferro a prèços reduzidos.

A associação é dirigida por um conselho eleito, que julga tambem das contendas entre os associados.

Quando os trabalhos ficam concluidos, dividem, entre si, a receita que existe em cofre, depois de tirarem uma parte para o fundo de reserva, e para a pensão dos aposentados.

No Havre de Grace, França, o syndico de industria das obras da cidade fundou um museu de productos nacionaes, e materiaes para construcções.

A associação dos architectos portuguezes tambem creou, em 1869, um museu com amostras dos differentes materiaes que ha no reino, tanto naturaes como formados pela industria, apresentando a procedencia, o preço d'elles e o frete de conducção á capital. Não foi preciso esperar pelo exemplo extranho para se organisar este util museu nacional.

Está provado o inconveniente da silicatisação das pedras das construcções dos edificios, e para evital-o propoz o acreditado chimico Mr. Kessler, ser essa operação feita pela *fluosilicatisação*, isto é: que em vez de introduzir nos póros da superficie da pedra que se deseja conservar sem alteração, um silicato de soda ou de potassa, emprega-se um *fluo-silicato terroso ou metallico*, cujas combinações com a cal são insoluveis.

O termo *fluatada* acceite, para esta applicação, tem dado os melhores resultados. Todas as fachadas do novo edificio do correio geral de Paris foram fluatadas.

Foi descoberta uma cidade que teria sido habitada por uma colonia romana no departamento de Dordogne, França. Calcula-se que estas antiguidades devem occupar um extenso espaço que não será menos de dez hectares. As escavações continuam para esses vestigios ficarem patentes. Os paizes cultos não desprezam tão interessantes descobertas archeologicas.

Nas escavações que se estão fazendo em Tunis, no local em que existiu Carthago, já se descobriram 800 metros de um aqueducto que servia de alimento ás cisternas d'essa remota cidade. Ha idéa de restaurar essa monumental construcção.

1886, Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1887 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 5

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:
Architectura monumental. Templos da Grecia — pelo sr. J. P. N da Silva ..... Pag. 65
Segundo periodo da architectura da idade média — Architectura roman — pelo sr. J. P. N. da Silva... » 70
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:
Resumo elementar de archeologia christã — pelo sr. J. da Silva ..... » 75
Explicação da estampa — pelo sr. J. da Silva ..... » 78
Chronica ..... » 80
Noticiario ..... » 80

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Templos da Grecia

Em todas as épocas, têem captivado a attenção dos investigadores instruidos os monumentos mais celebres da Grecia; pois que pela belleza da architectura, posto que em ruinas, causam assignalada admiração, sobre todos aquelles que possue a afamada Athenas! Basta só citar o nome d'essa formosa cidade á qual Athênê, a deusa das artes, deu o seu nome. Onde haverá um só amador, ou discipulo das musas, que não sinta despertar em si todos os sentimentos de gloria, todas as imagens de belleza, a quem similhante recordação não faça avivar na alma a sympathia arrebatadora, que por tantos titulos esse povo de heroes, esses eximios artistas nos merecem pelos seus feitos, pelos primores d'arte que chegaram á admiração da posteridade!?

Se a architectura é de todas as artes a que talvez faz maior honra ao genio do homem, que prazer não se experimenta, considerando-o creador d'esta sublime arte, estando nós rodeados d'essas obras primas devidas á sua intelligencia, gozando, pelo agradavel aspecto d'esses trabalhos artisticos, o nobre contentamento que o seu talento nos faz experimentar, e de que a propria natureza não lhe póde disputar a posse! Que prazer não será o de habitar (ainda que seja só pelo pensamento) essa celebre cidade que todas as artes haviam concorrido para aformosear afim de que fôsse digna d'ellas? E que proficua lição não colherá o artista, meditando na perfeição da architectura, que a famosa Athenas lhe apresenta na sua memoravel arte monumental?

Athenas

O templo de Minerva, chamado Parthenon, ou o templo da Virgem, está situado quasi ao meio do rochedo da cidadella, que domina pela sua altura toda a planicie de Athenas. A sua situação é de Oriente ao Occidente. Tem de comprimento 72,^{m}82^{c}, de largura 31^{m},02^{c}, sem comprehender os degraus. As columnas teem 1,^{m}87^{c} de diametro, e de altura 10,^{m}56^{c}; havendo em roda do templo 46 columnas.

As esculpturas das métopas representam o combate dos Athenienses contra os centauros. A esculptura do frontão representava o nascimento de Minerva.

Em 1687 o doge veneziano Morosini tendo posto cerco a Athenas, uma bomba caiu no templo, que servia de paiol aos turcos, fez explosão e arruinou esse magnifico edificio, o mais bem conservado monumento que se possuia dos gregos.

A deusa Minerva era de tal forma venerada pelos Athenienses, que elles tinham levantado dous templos, um dentro da Acropolis, e outro menos

importante, que foi consagrado a Minerva Poliada, ou a protectora da cidade. Era proximo d'este que havia a habitação das canephoras, essas virgens que serviam ao culto da deusa,[1] as quaes foram muito celebres na antiguidade. Junto a este templo havia outro levantado a Pandrosia, filha de Cécrops, que em recompensa da sua discrição, Minerva tinha feito primeira sacerdotiza do seu culto, e associada ás honras que recebesse.

O templo de Minerva Poliada era composto de tres corpos; o que estava no meio, sendo mais elevado, pertencia á deusa. A parte hoje arruinada, á esquerda, é o templo de Pandrosia ornado com a Ordem Jonica. Ao sul vê-se o maravilhoso portico com caryatides, dedicado ás virgens canephoras e servindo tambem de tumulo do rei Cécrops.

Os Athenienses ufanavam-se da famosa construcção dos Propyleos,[2] edificados pelo celebre architecto Mnésieles. Este edificio tinha 5 portas, e era coberto de marmore branco. Pela grandeza das pedras e pelos seus aprimorados ornamentos passava por ser a melhor cousa que se podesse ver e admirar, conforme relata Pausanias.

As fachadas estavam ornadas com 6 columnas em cada frente. Entrava-se n'uma especie de sala dividida por dous renques de columnas Jonicas, monolithos de marmore que sustentavam o tecto. Dous grandes pedestaes, quasi tão altos como as columnas Doricas, ornavam a fachada principal e sustentavam estatuas equestres que se suppõe representassem os filhos de Xenophonte, d'esse grande general que como philosopho foi digno discipulo de Socrates, e como historiador escrevia com um estylo muito elegante e ameno, que o fez apellidar *a abelha attica*; morreu na era 354 A. de J. C.

Ornam este recinto os pedestaes das estatuas de Venus, de Apollo, de Minerva Hygia, do cavallo Duriano, os vestigios do sanctuario de Diana, o recinto de Minerva Erganea, o templo de Augusto e de Roma.

Acropolis, palavra grega que significa — *Cidade Alta* — era a denominação que se applicava a um logar em situação elevada, e tambem a uma eminencia que encerrasse um recinto fortificado pela natureza, assim como pela arte; devendo conter o templo principal da divindade e os outros edificios publicos e sagrados que convinham ás necessidades da civilisação d'aquellas éras. A descripção circumstanciada da Acropolis d'Athenas, que é a mais principal e celebre da Grecia, reservo-me para a fazer depois das outras que existem n'esse paiz. Vamos agora dar uma idéa geral das que existiam nas cidades tambem de renome na antiguidade, como servindo de historia da arte monumental no solo pertencente á nacionalidade grega.

O maior numero das cidades hellenicas, principalmente aquellas, cuja fundação remonta á mais antiga época, foram primitivamente edificadas sobre um terreno reunindo todas as condições, que se deveriam procurar para o logar de uma cidade alta, ou d'uma Acropolis. Sobre esse solo levantava-se o Templo da Divindade protectora, e quando o augmento do numero dos habitantes os obrigava a estender-se além d'este recinto, que já era acanhado, ficava para a Acropolis, considerando-se esse logar o mais sagrado, porque recordava as mais remotas lembranças da sua fundação, as tradições mais venerandas, a origem da sua patria, servia de refugio aos habitantes quando fossem atacados, e finalmente porque era, ao mesmo tempo, um santuario augusto e uma cidadella inexpugnavel. A Acropolis de Athenas é a representação mais completa das idéas que os antigos ligavam a uma Acropolis.

Muitas cidades antigas deixaram como unica prova de sua existencia os vestigios d'essas construcções; sendo uma consequencia da situação occupada n'esses logares, que, achando-se menos accessiveis e menos proximos do theatro onde a destruição se operava pela mão dos conquistadores, ou pela dos proprios habitantes, sem nenhuma duvida teriam soffrido menos o effeito das devastações.

A maior parte das Acropolis antigas apresentavam tão limitado espaço, que ha grande difficuldade de as representar, pelo pensamento, pois além de serem a residencia dos habitantes, continham os edificios sagrados e publicos.

As cerimonias religiosas e politicas d'essa população por mui pouco numerosa que ella fosse, e por mais modestos que fôssem os seus usos, exigiam espaço grande. Juntamente com os logares santificados devia-se reunir a habitação real. Devia tambem haver o asylo para proteger os habitantes contra os perigos de uma invasão, assim como depositos para a subsistencia do povo; o que se julga reconhecer nas galerias ainda existentes entre as ruinas de algumas d'estas Acropolis; principalmente na de Tirynthe e na de Argos, suppondo-se ser esse o logar destinado para essas diversas applicações. Tambem a Acropolis devia possuir as sepulturas dos homens illustres, os tumulos dos fundadores da cidade, ou dos heroes, taes como os tumulos de pedra que existem ainda na Acropolis de Troia.

A mais antiga cidade da Grecia, que tinha mesmo a pretensão de ser a mais remota de todas as cidades do mundo, era a de Lycosura, na Arcadia, centro das tribus do Peloponeso. A sua

[1] O museu do Carmo possue duas estatuas que as representam.
[2] Palavra composta do grego que significa — *Antes da porta* — *Antes da entrada.*

Acropolis estende-se na aba de um precipicio; sendo de fórma oblonga, com as extremidades viradas do norte para o sul. A parte de Oeste é inaccessivel, e do lado que fica voltada para Megalapolis, essa grande cidade que foi edificada por Epaminondas para servir de capital á Arcadia, na éra de 370 A. de J. C, consiste em um duplo terraço revestido de construcções cyclopeas: entre as suas ruinas encontram-se fragmentos de columnas, architravas de marmore de côres, e muitos capiteis doricos.

A Acropolis de Argos, a mais notavel da Grecia, era nomeada Acropolis Aspis (escudo), por causa dos jogos que n'ella se celebravam, e em que davam por premio um broquel: continha um estadio. logar para as corridas, e cinco templos. Presentemente não existem mais que os alicerces no apparelho cyclopeu, indicando esse monumento a civilisação primitiva dos Gregos.

Na Argolida, região da Grecia, de remota antiguidade de 1986 annos, foi que o Phenicio Ancios veiu fundar o reino de Argos.

Apresenta duas Acropolis, pertencentes ao mesmo systema de construcção, e indicando egual civilisação: são as de Tiryntho e Mycenas. A primeira foi chamada por Homero, *Soberba pelas suas muralhas*. Ainda hoje estão quasi no mesmo estado em que estavam no tempo de Pausanias.

O recinto que circumdava esta linha de muros, occupava o alto de uma eminencia de 16 metros acima do nivel da planicie. As muralhas que seguem a tortuosidade do rochedo têem 12 metros de alto, estando interrompidas em tres sitios que serviam de portas. No angulo E. d'esta muralha gigante pelas extraordinarias dimensões das pedras com que foi construida, ha uma galeria na extensão de 30 metros, e tem 6 aberturas para o lado da cidade. É sem duvida alguma a mais grandiosa e magnifica obra cyclopea que existe no mundo.

A Acropolis de Mycenas occupava uma eminencia de forma de cogumello, que deu o nome á cidade. Os muros que fecham o seu recinto, e que Euripides attribuia aos cyclopes, subsiste ainda em muitos sitios até uma altura consideravel. Uma das suas portas, do lado N. é formada por duas grandes pedras postas ao alto, e de uma outra horisontal formando verga, sobre a qual collocaram uma muito maior, de fórma triangular.

A porta principal d'esta Acropolis apresenta tambem, por cima da sua architrava, uma grande pedra, sobre a qual estão esculpidos, com bastante alto-relêvo, dous leões postos de pé, olhando um para o outro, tendo entre si um marco, do feitio de columna. Foi esta famosa porta dos Leões, que attrahiu em subido grau a attenção de Pausanias, no segundo seculo da nossa éra, por ser este o mais antigo monumento de esculptura que existe no solo da Grecia.

Ainda ha vestigios de mais 6 Acropolis das cidades do Peloponeso, distinguindo-se pela sua forma de uma ilha, como a comparava Dionysio de Halicarnasso, a Orchomenia da Arcadia, a qual era fortificada com torres quadradas, sendo para notar a mais importante ruina, o celebre thesouro de Minyas, filho de um dos primeiros reis da Arcadia.

Na proximidade da Acropolis de Lebadéa pertencente á cidade da Phocida, existiam antigamente a gruta e o oraculo de Trophonius, um dos mais antigos e venerados santuarios da Grecia. Merece dar-se sobre elle uma explicação, por ser curiosa a sua origem. Trophonius e seu irmão Agamedo eram reputados como habeis architectos; a elles se attribue a construcção do celebre templo de Delphos. O rei de Orchomenia, Hyrias, encarregou-os de construirem um edificio para guardar o seu ouro. Os dois irmãos arranjaram n'esse thesouro uma entrada occulta, servindo-se d'ella durante a noite para delapidarem o rico deposito do rei. Este principe, vindo a descobrir isso, armou uma cilada aos delapidadores. Agamedo foi apanhado; porém Trophonius temendo as revelações que seu irmão fizesse, degolou-o e fugiu levando a cabeça do assassinado, mas pouco tempo depois morreu em uma caverna nas circumvisinhanças de Lebadéa. Sabendo da sua morte, Apollo quiz ser reconhecido a ter este architecto edificado o seu citado templo; por este motivo lhe concedeu o dom de *vaticinar o futuro*. Tal foi a origem da celebre gruta tão respeitada pelos antigos gregos.

A Acropolis de Cheronea, reedificada depois da época das guerras dos Medas, apresenta torres quadradas e fragmentos de architectura jonica. Na ponta mais aguda d'esta Acropolis está a rocha chamada *Petrarchos*, onde a tradição diz, que Rhea enganou Saturno apresentando-lhe uma pedra em logar de Jupiter recem-nascido para elle a tragar, conforme havia promettido ao seu irmão Titão, allegoria esta do Tempo, que destroe tudo que elle mesmo cria.

Entre as Acropolis pertencentes á Asia Menor, citaremos a de Assas por causa das ruinas de um templo Dorico que corôa o cimo, e do qual os os baixos relevos são de um estylo anterior ao seculo de Phidias.

Na Italia Central, a mais importante Acropolis pela celebridade da cidade é a de Tusculum, que conserva ainda muitas bellas ruinas romanas.

Finalmente a Sicilia, que foi tambem, na época pelasgica e no tempo hellenico, a sède de numerosas colonias, possue muitas d'estas fortificações,

entre as quaes a Acropolis, de Cefalú, a qual conserva os fragmentos de um templo Dorico, e as ruinas de um palacio da época pelasgica, monumento de architectura civil, proprio para nos dar uma idéa da maneira do viver dos povos do tempo heroico.

Na Acropolis de Selinonte, em Girgento, se vêem ainda tres templos doricos da primeira edade da colonia grega; porém, todas estas cidades altas, não obstante as suas importantes construcções, são curiosas pelas suas ruinas, e famosas pelas suas recordações historicas; não se podem comparar, nem pela situação, nem pelo merecimento de seus magnificos monumentos, á famosa Acropolis d'Athenas.

Não ha sobre a terra outro logar que fosse tão bem disposto pela natureza, para ser ornado com os grandiosos monumentos que o genio e o talento do homem ideou para coroar sitio tão magnifico, destinado á Acropolis da celebre capital da Grecia. De qualquer lado que se contemple esta cidadella, fica-se surprehendido pela belleza de suas formas magestosas, pelo grandioso do aspecto geral, e maravilhado de contemplar os monumentos que se acham ahi reunidos; fazendo despertar as interessantes e poderosas recordações que lhes dizem respeito. Tudo isto produz uma impressão de indefinivel assombro, de incrivel encanto e de profunda veneração.

A cidade primitiva de Athenas occupa um rochedo calcareo que se levanta 125 metros acima da planicie que lhe serve de base, tendo uma forma quasi elliptica. Este rochedo, de uma composição muito rija, e de uma côr afogueada, forma um plano quasi nivelado, tendo-se alcançado estabelecer n'elle differentes terraços. Foi aqui onde se construiram, no principio d'esta povoação, as primeiras habitações, e mais tarde os edificios sagrados que as substituiram.

Este rochedo, que antigas tradições ligam á lembrança de Cécrops, apresenta uma outra vantagem, que lhe devia fazer obter esta preferencia sobre as collinas onde estão o Areopago, o Pnyx e o Museu que lhe ficam visinhos, isto é, por ser inteiramente inabordavel do lado do Norte, Este, e Sul, inclinando-se para offerecer uma communicação unica, do lado Oeste. Por todos os outros pontos, os flancos da Acropolis são tão alcantilados e difficeis de escalar que seria impossivel transportal-os e mesmo agora que os entulhos accumulados pelos seculos teem alteado o solo, que rodeia a base, não se pode chegar ao cume da Acropolis, pela unica entrada que a natureza tinha preparado, e que os Athenienses resguardavam com a edificação dos Propyleos.

Este rochedo inexpugnavel foi desde o principio fortificado com muralhas, principalmente do lado onde a natureza o tinha feito accessivel, e se divisam ainda no angulo Nordeste, vestigios das antigas muralhas que a tradição attribuia aos Pelasgos. No angulo opposto distingue-se uma muralha mais recente, que foi levantada sob a administração de Cimon, filho de Milciades, distincto guerreiro que venceu os Persas no mesmo dia, tanto por terra como por mar (470 A. J. C.); sendo essa muralha conhecida pelo nome de *Cimoneanna*.

A maior extensão da muralha do norte conserva na sua construcção fragmentos de membros de architectura do primitivo templo de Minerva, queimado pelos Persas; capiteis inteiros, architravas, troços de columnas com 2 metros de diametro, o que tudo se distingue pelos caracteres da arte monumental da Arcadia. Esta parte das muralhas foi reconstruida á pressa por Themistocles, esse illustre Atheniense, que destruiu a armada da Persia em 480 A. J. C., pela celebre victoria de Salamina, e que dizia aos seus concidadãos: «que os louros alcançados por Milciades não o faziam dormir, para adquirir novos louros em gloria da sua patria.» Depois da retirada dos persas de Athenas, foram empregados esses fragmentos dos antigos edificios sagrados, como os destruidos pelo exercito de Xerxes, esse successor de Darius, que emprehendeu a segunda guerra dos Medas, e no seu furor contra as vagas as fez açoutar, pelo contra tempo que soffreu atravessando o Hellesponto, canal dos Dardanellos.

Nota-se na mesma Acropolis uma elevada torre e algumas fortificações da idade media, monumento da dominação dos principes francezes, duques de Athenas e no XIII seculo, como se vê tambem uma bateria feita pelos Turcos. Portanto todas as idades, todos os povos nos grandes acontecimentos que experimentaram, deixaram a sua passagem assignalada n'este recinto. Poderiam as pedras que compõem esta Acropolis substituir os annaes da historia da capital da Grecia. As obras collossaes dos Pelasgos escondem nos entulhos, como da mesma fórma o seu nome se occulta nos reconditos da historia; os nomes de Themistocles e de Cimon lêem-se nos monumentos de seu generoso patriotismo; a invasão dos Persas, como o dominio dos Turcos, ficaram gravados nas ruinas dos Propyleos do seculo de Pericles; e o reducto acastellado da nobreza franceza arvorou a cruz encarnada das cruzadas sobre o solo sagrado das divindades da mythologia grega. Quantas lições uteis para os homens, quantas reflexões prudentes para as nações não despertarão no espirito essas famosas ruinas, essas muralhas grandiosas; quanto não deverão interessar ao philosopho, ao historiador e ao archeologo?!

O sem numero de recordações, que se acham ligadas á Acropolis de Athenas, estão consagradas pela tradição e sobretudo no sitio do plano onde o solo conserva a sua desegualdade primitiva. Tinha sido ali o logar, (dizia-se) da lucta entre Minerva e Neptuno; fôra ali que rebentára a nascente d'agua produzida pela vontade de Neptuno; era tambem n'aquelle logar que tinha saido da terra a oliveira, produzida por Minerva, que deveria proteger aquella nascente cidade, fazendo produzir uma cousa que fôsse mais util aos homens. Egualmente foi ali, que edificaram o primeiro templo a Minerva Poliada, Protectora de Athenas; e cada vez que este templo ficou destruido, reedificava-se no mesmo sitio, sempre de maneira que conservasse o logar occupado pelo mar de Neptuno, como pela oliveira que Minerva fizera nascer.

Ao norte d'este rochedo ha duas cavernas naturaes que ficam situadas a pequena distancia uma da outra: são pouco profundas, e occupam alturas differentes: uma era consagrada ao culto de Aglaura, filha de Cécrops, fundador de Athenas na era 1643, A. J. C.: como já haviamos dito; a outra era dedicada a Pan, deus que presidia aos rebanhos e aos partos. A plebe da Grecia acreditava que Pan fazia passeios nocturnos, o que causava terror em toda a parte: isto deu origem ao proverbio *terror panico*. As festas na Arcadia d'esta divindade chamavam-se Lycéos, pois o monte que tinha este nome em Athenas lhe era dedicado. A montanha tinha aquelle mesmo nome por significar o grande numero de lobos que ella creava. Esta rocha está ainda hoje toda cheia de pequenas cavidades destinadas n'aquellas eras a receber baixos relevos votivos. Por detraz da caverna de Aglaura uma grande fenda natural existia na rocha; tinham aproveitado para construir uma escada que conduzia acima da planicie da Acropolis, e era por esta via subterranea que as duas virgens canephoras transportavam de noite á cabeça os objectos sagrados dos sacrificios, collocados no açafate mystico. Durante o ultimo cerco de Athenas pelos turcos, em 1826, os gregos refugiados na Acropolis descobriram esta antiga escada, escondida desde tantos seculos debaixo das ruinas.

Esta Acropolis, tão fertil em recordações e em tradições, tinha-se coberto de templos, altares, estatuas e monumentos de toda a especie formando um vasto sanctuario, um monumento unico do culto e da arte dos athenienses. Não obstante os estragos do tempo e o vandalismo dos homens, não obstante as guerras e os desastres, os aformoseamentos que os seus antigos habitantes tinham ajuntado á belleza da situação, não desappareceram de todo. A Acropolis de Athenas conserva numerosos fragmentos do seu esplendor primitivo, e o Parthenon, posto que mutilado, respira, n'isso que subsiste ainda, o bello seculo de Pericles, e a celebre intelligencia de Phidias.

Continuando, descreveremos a não menos curiosa Acropolis Corinthis, geralmente chamada Acrocorinthio. Este nome que significa a *Alta corinthis*, designava a eminencia alcantilada que dominava a cidade antiga; e para dar uma ideia da admiravel vista que do seu cimo offerece o mais magnifico panorama do mundo, citarei a bella imagem da qual se serviu Stace, esse Tasso latino, nascido em Napoles no anno 61 da era vulgar, que pinta Acrocorinthis com estas palavras: «Levantando a sua cabeça acima das nuvens e protegendo alternativamente dois mares com a sua sombra immensa».

Foi sobre o vertice d'esta montanha, destinada pela natureza a ser uma fortaleza inconquistavel, que se formou o primeiro estabelecimento dos corinthios. Strabon viu ainda as ruinas do famoso palacio de marmore branco de Sisypho, que instituira os jogos isthmicos no XIV seculo A. J. C. em memoria de ter morrido afogado seu filho Melicetre; jogos que foram abolidos por Adriano, imperador de Roma, no anno 130 da nossa éra. O templo de Venus occupava o cume da Acrocorinthio, era um dos mais celebres da Grecia, que existia ainda intacto do tempo de Pausanias; talvez, porque a destruição de Corinthio pelo general romano Mummius, se tinha limitado sómente a derrubar as muralhas da cidadella.

As ruinas d'estas muralhas dão um aspecto pittoresco a Acrocorinthio, que se ergue isolada, occupando o centro da planicie que a rodea; assim domina ao longe o isthmo e a situação do Peloponeso que lhe fica proxima, como se fosse uma immensa columna (Stela) hermetica, erigida sobre o tumulo da Grecia antiga.

No meado do II seculo da nossa éra, havia ainda muitos templos que occupavam a summidade nivelada da montanha, por esta fórma: primeiramente dois recintos consagrados a Isis, e dois outros recintos dedicados a Serapis; depois varios altares do Sol, deus a quem a Acrocorinthio inteira era consagrada, e que o havia cedido depois a Venus, conforme a tradição local. Seguia-se um templo dedicado á Necessidade e outro da Força; onde era permittido entrarem unicamente os sacerdotes. D'ali é que sahiam os oraculos. N'este logar sagrado não havia claridade alguma, era um Adytum,[1] como o Secos dos egypcios.

Mais alto, na montanha, estava situado o templo de Proserpina, de Ceres e das Parcas, cujas estatuas não eram visiveis. Ficava proximo o

[1] Era d'onde sahiam as vozes sobrenaturaes e se mostravam as apparições, para illudirem os supersticiosos.

templo de Juno, que seu filho Mercurio lhe havia erigido. Era pois um d'esses edificios primitivos, dos quaes se fazia remontar a origem á edade mythologica. Chegando finalmente á superficie da Acrocorinthio avista-se o templo de Venus. A deusa estava armada de um broquel, como se vê representada sobre muitas medalhas coloniaes de Corinthio. Duas outras estatuas, a do Sol e a do Amor, tendo este um arco, se achavam tambem no templo.

Sobre grande numero de degraus da montanha, por detraz do templo, e um pouco abaixo, havia uma fonte alimentada pelo rio Sisypho, cuja agua se acreditava que era a mesma da fonte Pyrena, situada em baixo na cidade, e que communicava com aquella por encanamentos subterraneos. Havia n'esta cidadella 200 poços, e era uma cousa notoria na antiguidade a abundancia das aguas espalhadas sobre toda a extensão de Acrocorinthio.

Porém 20 seculos de destruição têem reduzido os monumentos de Acrocorinthio a fragmentos que cobrem o chão de capiteis, fustes de columnas, bocados de entablamentos, unicas reliquias dos edificios sagrados do estylo hellenico; e apenas duas mezas de marmore, ornadas de corôas, sobre as quaes estão gravados os nomes dos vencedores nos jogos isthmicos, marcaram ainda a existencia d'esse povo heroico, que encheu o mundo antigo pela fama de ter possuido a cidade a mais importante pela sua população, commercio, e riquezas; assim como pelo seu luxo, e colonias; e que além de possuir magnificos monumentos, creou e deu o seu nome á formosa Ordem da architectura Corinthia; cujo bello capitel o habil architecto Collina ornou com as engraçadas folhas d'acantho.

Esta é a arte monumental dos Pelasgos. N'essas Acropolis, n'essas antigas cidades, que pelas suas construcções gigantescas, nos conservam a memoria dos primeiros habitantes da Grecia, gravaram elles a sua origem, deixando obras de fortificações de tal maneira construidas, que teem resistido aos seculos, para causarem a admiração das gerações presentes e futuras.

Examinaremos agora como eram considerados os Templos conforme a mythologia grega, as suas formas respectivas, o caracter principal que lhes dava o grau de sua significação, e finalmente em que consistia essa belleza sublime, que fez confessar a todas as mais abalizadas intelligencias dos artistas de todos os povos antigos e modernos—ser impossivel de se crear outra architectura tão harmonica na sua disposição como aquella que os gregos inventaram.

(*Continua.*) J. P. N. da Silva.

SEGUNDO PERIODO DA ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

ARCHITECTURA ROMAN

No seculo VII, já a pratica da arte antiga se havia perdido a ponto de causar admiração que o architecto na era 638 podesse edificar uma capella, não se servindo para isso de pequenos fragmentos de alvenaria, mas sim imitando essas bellas fiadas de cantaria faceadas, similhantes ás que se empregavam nas fortificações das cidades antigas.

As construcções no seculo X não foram executadas com as condições de sufficiente duração, pois os principios d'arte não estavam ainda completamente determinados; occupavam-se sómente em arremedar certas fórmas sob a influencia das tradições romanas, e por isso n'essa época, por derivação, se dava á sua architectura a denominação roman: estylo que se costumaram no nosso paiz a designar, fosse d'este genero ou da transição latina até á época do estylo ogival, como estylo bysantino, confundindo assim as épocas respectivas.

Em Portugal existem mui poucos edificios que apresentem a fórma caracteristica bysantina, isto é, a *cupula sobre abobodas pendentes:* apenas se notam alguns detalhes que parecem pertencer áquella architectura, exceptuando a charola do convento de Christo, em Thomar. Esta confusão nasce pela falta de se ter classificado os estylos dos nossos monumentos, pois até ao anno de 1881 não se tinha curado d'este objecto tão interessante para a historia d'arte entre nós. É de esperar agora, pela providencia que o Governo tomou, nomeando uma commissão especial para se fazer a apreciação dos principaes monumentos nacionaes, que será facil de se determinar o caracter respectivo de cada época, e assentar a sua apreciação em dados positivos adquiridos pela sciencia archeologica.

N'aquella época haviam sómente servido de modelos alguns monumentos romanos quasi em completa ruina, dos quaes não se sabia comprehender a estructura; e por este motivo, forçosamente a architectura da idade média devia ser uma arte inteiramente nova, tendo-se formado pouco a pouco, depois de muitas pesquisas e estudos, tendo hesitado muito antes de haver realisado o seu novo typo.

Anteriormente ao seculo IX existiam poucas construcções; as do seculo X differençavam-se pouco das do XI. Indicaremos todavia alguns dos caracteres respectivos d'essas anteriores construcções.

Então para tal fim, empregavam-se pedras de pequeno volume, tendo tanto de altura como de largura; algumas vezes eram collocadas de maneira a formarem a figura de rhombos; serviam-se tambem muito do tijolo, para indicarem cordões ou desenhos com o feitio de folhas de fetos. Na orna-

mentação estava ainda ignorada a imitação da natureza; sendo unicamente as formas geometricas empregadas como eram os dentes de serra. Alguns ensaios de marchetados ou de mosaicos, executados com bastante imperfeição, eram compostos por cubos de granitos de diversas côres, no numero das quaes não entrava o vidro colorido, como se praticára no tempo dos romanos.

As cidades que haviam recebido a influencia da architectura romana, fizeram interpretações assás inexactas das Ordens gregas. Nas cidades menos importantes veem-se em monumentos antigos as columnas formadas por pilares quadrados, massiços, corôados por uma cornija, e até então ainda não lhe tinham ajuntado as meias columnas envoltas, cujo uso fôra adoptado nos seculos seguintes. O capitel é composto d'um ajuntamento tosco de molduras collocadas como se fosse uma *coleira* posta sobre a cabeça da columna. As bases, nas quaes o capricho do canteiro indica ser obra inteiramente sua, patenteavam ainda muito mais a ignorancia no córte e na sua composição, pois muitas vezes são demasiadamente altas para columnas de pequeno diametro, ou pouco elevadas para a grossura das columnas; outras vezes apresentam molduras sobrepostas sem motivo algum.

O entablamento das Ordens antigas já não se empregava; a cornija era posta por baixo do telhado e sustentada unicamente por cachorros mui singelos. Os arcos das arcadas descançam sem nenhuma separação de permeio, pois assentam logo sobre o capitel, e sem levar ornamento algum; são tambem algumas vezes compostas de pedras e tijolos: o arco é de volta inteira ou alteado, quando não é de fórma de ferradura ou de mitra. Até ao seculo XI fizeram-se poucos ensaios de abobodas; contentavam-se em ornar o madeiramento apparente, ficando dividido o tecto em caixotões.

O alçado na sua composição era muito simples, figurando com tijolos os ornatos. Para indicar o portal bastavam sómente duas pedras quadradas postas de encontro á parede, por cima da qual havia um arco de volta inteira, formado com pedras e tijolos, ou unicamente por tijolos. O espaço do tympano ficava cheio por um ornato em xadrez, ou de alguns outros de feitio geometrico: por cima d'elle abria-se uma janella, vindo depois a substituil-a o *Oculus Christi*. A entrada, algumas vezes, era precedida d'um portico. Desde essa época sobre os lados dos monumentos notam-se já contrafortes; posto que fossem mui simples no seu feitio, tendo menos sacada do que largura; a sua grossura ia diminuindo até á extremidade: tambem ha exemplos de apparecerem com fórmas circulares na parte superior, ou imitando columnas mais ou menos involtas, ornadas do competente capitel.

Dissipado o temor de se acabar o mundo no anno 1000, as pessoas esperançosas no futuro, apressaram-se em testemunhar o seu reconhecimento para com Deus de misericordia, erguendo-lhe novos templos, mais numerosos e ainda muito mais magnificos. Tres annos depois do anno 1000, as basilicas foram reedificadas em quasi todo o universo, posto que algumas estivessem bem conservadas. Porém os povos christãos rivalisaram entre si a qual edificaria com maior sumptuosidade. Os mosteiros enriqueceram com as successivas offertas que haviam feito, com o receio de se que acabar o mundo, afim de obterem a salvação: por este motivo ficaram as ordens religiosas mais poderosas, e poderam construir bellos claustros e grandiosas egrejas, empregando uma riqueza nunca vista até então. Os frades dirigiam essas magnificas construcções: S. Guilherme abbade de Hirscham em Suabi, regia então duas escolas de architectura.

A architectura monastica tinha-se preparado para essa transformação no seculo XIII: tendo sido o resultado de continuos ensaios que determinou esse periodo entre o estylo latino e a nova architectura á qual se ajuntaram algumas fórmas bysantinas. havendo principiado o novo estylo nas regiões septemtrionaes da Europa.

Os paizes situados ao occidente estavam então, desde a origem da organisação monastica, sob a influencia do estylo que em Roma se havia adoptado; em quanto todo o Oriente seguia a architectura bysantina, a qual continuou sempre o mesmo caracter que lhe era proprio; portanto foi na região do norte da Europa o berço do novo estylo roman. Durante este periodo de aperfeiçoamento, elle se aproveitou dos progressos adquiridos pela sciencia; porém conservou, não obstante, uma physionomia particular que se reconhece á primeira vista. O que a caracterisa em primeiro logar, é de ter abandonado as proporções e as fórmas adoptadas no estylo anterior, liberdade essa para facilitar aos artistas religiosos de tudo innovar, desde a fórma geral até aos minimos detalhes, e de assignalar no caracter dos novos edificios o sentimento religioso de que estavam penetrados. Este impulso creador que deram á arte christã, pondo-a em perfeita harmonia com o estado social do periodo no qual ella se desenvolveu, foi a causa principal da sua acceitação.

Em consequencia d'esta architectura ter tido origem nas regiões septemtrionaes e centraes da Europa, por isso são essas edificações mais raras nas outras situadas ao Meio-dia; e só ali appareceram depois da completa conquista dos Normandos, deixando então a architectura roman vestigios nos paizes occidentaes da Europa.

Geralmente no plano das capellas, deram-lhes a fórma d'um parallelogrammo, tendo quasi em com-

primento duas vezes a sua largura e notando-se uma differença principal dos edificios latinos, pois deram ás paredes uma grossura maior, para poderem com o peso das abobodas. Nas capellas de maior importancia, vê-se um *septum*, que separa o côro da nave, consolidando as paredes por pilastras, ou contra fortes, tanto no interior como no exterior; porém, estas pilastras conservam as fórmas e caracter da architectura antiga; e algumas vezes columnas involtas as substituiam.

No seculo XI apresentavam esses edificios a fórma de uma cruz latina limitada por absides; e em alguns cruzeiros findavam com fórma circular; em outros, no centro que marcava no plano o encruzamento dos braços da cruz, formavam um quadrado perfeito, sendo consolidado por grossissimas paredes, para poderem suster uma torre central, invenção esta pertencente aos constructores religiosos. Quando a egreja não apresentava o feitio da cruz, collocava-se então a torre sobre o côro, ou o altar-mór, e solidos contrafortes externos substituiam os pontos de apoio do quadrado pertencente ao cruzeiro, a fim de resistirem ao peso das torres, estando collocados sobre aquelles pontos.

O aspecto exterior d'estas construcções é, no estylo da architectura antiga, modificado pelo periodo latino. A applicação das abobodas para substituirem com mais solidez os tectos de madeira, que estavam em uso na architectura latina, obrigou a altear mais as paredes das empenas, o que se não tinha praticado no estylo precedente. Nas construcções de alvenaria do seculo XI, não se serviam dos tijolos como era costume nas edificações latinas, mas sim, de fiadas, quer de cantaria ou de alvenaria sómente, quando não eram collocadas alternativamente.

Dava-se claridade a essas capellas por 3 frestas (janellas muito estreitas) postas a uma grande altura para darem luz tambem ao santuario, o qual tinha a fórma quadrada, estando voltado para o lado do Oriente. O chão lageava-se de marmore no feitio de *opus Alexandrinum*.

Nota-se n'esta architectura a profusão de ornamentos no interior, executados sobre estuque bastante rijo, em fundo de côr pouco carregada, offerecendo, pela delicadeza e pelo bello d'esses ornamentos, o caracter especial d'esta architectura. Não obstante este gosto apurado na decoração, todavia os capiteis e as bases affastam-se muito das agradaveis proporções que os gregos e romanos nos deixaram nas suas Ordens de architectura.

Ainda se vêem n'este periodo alguns adros ornados de columnas, como usavam os latinos, para indicar a entrada da egreja ou do convento.

As fontes para as purificações prescriptas pelo rito nos primeiros seculos da igreja, já tinham sido supprimidas no periodo romano, na parte externa dos mosteiros, ficando substituidas pelas pias d'agua benta, collocadas á porta d'entrada dos templos; porém, os poços continuaram a construir-se como recordação d'aquelle antigo uso.

Os baptisterios que estavam d'antes annexos, foram tambem supprimidos n'essa época, sendo mudados para dentro das igrejas; porque tinha sido modificada a ceremonia do baptismo, dispensando-se a immersão pela infusão.

As primeiras igrejas christãs tiveram um unico altar; porém, já no seculo VI tinham quatro, um em cada braço da cruz, formado pelo plano; dois seculos depois o seu numero era consideravel.

Já fiz notar que a torre para os sinos não tinha logar certo nas basilicas latinas, porque esta invenção era posterior á construcção da maior parte das igrejas primitivas. As igrejas romans distinguiam-se pelos seus lados salientes, que indicavam a configuração do cruzeiro no interior: na reunião dos quatro braços, punham quatro solidos e grossos pilares, sustentados por igual numero de arcadas, disposição esta desconhecida nas basilicas latinas, onde o cruzeiro era unicamente consolidado por uma construcção transversal. D'esta fórma podiam collocar a torre dos sinos sobre o altar-mór, ou sobre o cruzeiro, como já mencionei, occupando o mesmo logar em que a architectura byzantina havia construido a cupula principal, que dera o caracter ás suas edificações.

Essa torre era geralmente de fórma quadrangular e algumas vezes coberta por uma cupula sustentada por abobodas-pendentes, parecendo ser esta uma imitação do santuario grego, para indicar o logar onde estava o altar e o triumpho da Cruz.

Tanto em França como na Gran-Bretanha e Noruega, seguiram esta mesma disposição. Porém, na Italia, o plano latino conservou-se intacto, mesmo depois que a arte roman foi transplantada. Juntaram áquellas edificações columnas involtas, como sendo uma imitação de outro estylo, afim de darem maior resistencia ao arco triumphal, mas não por ser preciso este apoio, visto que não havia torre central n'aquelle genero de architectura.

Segundo as novas disposições que foram adoptadas geralmente no seculo XI, além das que já indicámos, ficava o santuario isolado das outras construcções adjacentes. Uma galeria annular, formando a continuação das naves lateraes, dava logar a poder circular-se na parte oriental do templo e facilitava entrar-se nas tres capellas situadas na abside, o que resultou de se haver procurado um sitio mais conveniente, escolhendo o prolongamento das naves para se collocar outras capellas e altares para os santos, pondo-os em roda do côro, como sendo o logar mais nobre do edificio, assim como para isolar o san-

tuario, aproveitaram as galerias das naves lateraes, além do cruzeiro, para que o povo podesse circular no interior de toda a egreja e tambem com mais facilidade approximar se do altar mór, passando d'uma nave lateral para outra sem ser preciso atravessar o corpo da egreja, como temos um exemplo na Sé de Lisboa.

Em logar de ficarem as torres separadas do adro, tinham adoptado, quando havia uma só, collocal-a na frente da porta principal da egreja, e n'este caso a sua base formava o vestibulo da egreja como existe na egreja de S. Martinho em Cintra. Mas quasi sempre duas torres flanqueavam os angulos da fachada occidental. Se por ventura formavam uma grande saliencia, então um vestibulo unia as duas bases, como se vê na Sé de Braga; no caso contrario dava logar a haver no interior do templo um só vestibulo á entrada da nave principal, como na Sé de Vizeu.

Estas duas torres não excluiam ordinariamente outra maior que se elevava sobre o cruzeiro ou sobre o côro; algumas vezes punham torres de pouca importancia sobre os braços do cruzeiro, no cimo da fachada e por cima da abside, chegando a haver sete torres em um mesmo edificio para fazer lembrar as sete egrejas primitivas.

A maior parte das abbadias de França meridional, Italia e Hespanha, não obstante construidas no estylo roman mais ou menos caracterisado, conservavam quasi as mesmas distribuições anteriores, collocando as torres como se praticava no estylo latino de maneira a ficarem isoladas das construcções da egreja. Temos no nosso paiz um unico exemplo na torre quadrangular da egreja de Jesus na cidade de Thomar.

Os planos das egrejas do seculo XI mostram, da parte externa sobre toda a extensão das paredes das naves lateraes e em frente dos pilares que existem na sua parte interna, solidos contrafortes destinados a sustentar o encontro das abobodas. As absides as capellas agrupadas em roda do santuario foram pelo mesmo modo consolidadas, e algumas egrejas d'este periodo apresentam já exemplos de empregarem arcos gigantes não tão desenvolvidos como appareceram depois d'esta épocha, porém como rudimento d'esta applicação nas construcções.

O pensamento que deu logar a estabelecerem-se numerosas capellas em roda do santuario das egrejas romans teve mais tarde applicação sobre os cruzeiros e na frente oriental; isto deu ao plano uma configuração nova, apparecendo em cada um dos braços da cruz como se fosse outro pequeno templo reservado com um ou mais altares collocados n'esses novos santuarios. Para augmentar ainda mais o numero d'esses altares figuraram um segundo cruzeiro, aliás menos importante que o principal, porém com a mesma disposição, vindo a mostrar o plano geral do templo o feitio d'uma cruz archiepiscopal, e posto que na parte interna esta disposição lhe desse maior superficie, todavia isso causou alguma confusão no contorno do edificio.

A ordem de S. Bernardo que construiu 600 abbadias na Europa até ao seculo XII, deu geralmente uma disposição aos edificios religiosos que se distingue pela presença de quatro capellas collocadas lateralmente ao lado do santuario e na mesma direcção d'elle, sendo a entrada para essas capellas pelo cruzeiro. No fundo do côro havia sempre espaço para tres frestas e o oculo por cima d'ellas. A escada para o dormitorio estava posta no angulo do cruzeiro e communicava directamente com o templo. Temos um exemplo d'estas disposições na egreja de Belem.

As fachadas das egrejas que não tinham torres e que se edificaram no norte da Europa, tomaram physionomia differente das basilicas latinas, porque a introducção das abobodas nas construcções dos edificios religiosos d'essa épocha modificou os remates d'essas fachadas, precisando ter uma empena com maior inclinação do que se lhe dava d'antes, pois o madeiramento que cobria esses edificios devia-se combinar com a curva do tradoz produzida pela grossura e fórma d'essas abobodas, e tambem para facilitar a queda das aguas da chuva e da neve, dando-lhe uma corrente mais rapida, coisa muito essencial nas regiões septemtrionaes. As egrejas construidas em França, Gran-Bretanha e Allemanha sob a influencia roman teem egualmente as suas fachadas limitadas por um frontão agudo, o que fica em perfeita harmonia com as fórmas pesadas de todo o monumento e os seus detalhes. Ha em Santa Clara a Velha, em Coimbra, e na egreja de S. João de Alporão em Santarem, uma exacta configuração da maneira de se construirem as egrejas n'essa épocha.

O vertice do frontão d'estas fachadas que foram construidas no seculo XI, tem uma cruz aberta na pedra e com proporções pesadas, o que existe tambem nas duas egrejas citadas. A zona situada por baixo da empena contém uma ou mais janellas; na parte inferior do edificio ha uma porta larga de verga circular, da qual a archivolta é formada por toscas e pesadas molduras chatas ou salientes, sustentadas por pequenas columnas, como se vê na Sé Velha de Coimbra, egreja de S. Francisco de Santarem, Alcobaça, etc. As naves lateraes são indicadas sobre as fachadas, por paredes, das quaes o cimo se inclina conforme a rampa da inclinação dos telhados lateraes, como se nota nas egrejas de Santa Clara a Velha de Coimbra e S. Francisco de Santarem. Algumas frentes das egrejas romans eram guarnecidas por seteiras para defeza. As egrejas

do nosso paiz já citadas, todas teem esta fortificação indicada.

Nos paizes meridionaes e centraes da Europa, em Italia, Hespanha e Portugal, a architectura roman apresenta-se sob o aspecto de uma importação estrangeira, ligando-se a todas as recordações do estylo latino e mesmo do antigo. A empena superior toma a mesma inclinação marcada, conforme as construcções dos romanos; as portas conservam frequentemente as proporções elevadas e a sua ornamentação foi inspirada pela arte pagã; o portal latino, ornado de columnas reproduz-se sobre o frontispicio com uma ou mais portas. Umas vezes é o portal saliente para abrigar o povo, outras são fingidas, por mera decoração. Da primeira disposição temos em Santarem a entrada da egreja de S. Francisco, e da segunda a de S. João de Alporão na mesma cidade.

Certas ceremonias religiosas tiveram assás influencia na decoração architectural das fachadas romans e motivaram disposições particulares, prinpalmente de dia de Ramos.

Esta ceremonia recordava a chegada triumphante de Jesus Christo a Jerusalem no dia das Palmas. Era preciso que os cantores collocados em uma janella entre as torres e por cima da porta principal, cantassem *Gloria laus* etc., o que obrigou a collocar n'esse logar uma janella; porém nas abbadias mais importantes, augmentavam-lhe o numero, depois uniram as janellas umas ás outras para a musica produzir todo o seu melodioso effeito, disposição esta, que fazia parecer uma extensa galeria em toda a largura da fachada. Algumas vezes substituiram a essas janellas multiplices, uma verdadeira galeria com columnas, na qual se podia girar. Eis aqui a origem da decoração executada em serie de arcadas que geralmente ornam a frente das egrejas romans.

Completou-se a decoração architectural dos frontispicios romans por um symbolismo e uma conographia muito mais desenvolvida, do que não fôra nos dois estylos anteriores. As egrejas do periodo de transição mostravam, no meio dos seus frontões, triangulos, que vinham a ser symbolos da Santa Trindade, como se vê no frontão da egreja dos templarios em Thomar. Era o mesmo symbolo figurado que se encontrou nas sepulturas d'esses cavalleiros, sobre as quaes os cadaveres repousavam a cabeça, como se vê um specimen no museu de archeologia Real da Associação dos Architectos de Lisboa.

No seculo XI a esculptura figurada mostrava n'esse mesmo logar a imagem de Christo sobre a cruz, ou apparecendo triumphante na sua gloria.

As fachadas do lado occidental das egrejas romans tiveram no principio o uso de torres á similhança da cupula bysantina. A torre central supportava junto á sua base o telhado da nave principal, do santuario e do cruzeiro. A sua decoração no começo foi mui simples, porém depois foram ornados com um ou muitos andares de arcadas. Assim era a antiga torre central que decorava a Sé de Lisboa e foi derrubada pelo terremoto; da mesma maneira estava edificada a da Sé Velha de Coimbra, que foram obrigados a apear, pois ameaçava ruina.

A architectura bysantina no occidente apresenta muitas vezes a disposição de torres redondas. É pois provavel que viesse da Italia septemtrional a introducção nos outros paizes centraes da Europa d'essas torres com fórma cylindrica, pertencendo ao seculo XI o exemplo de tal construcção.

As torres quadrangulares levantadas ao centro do cruzeiro das egrejas, como ha exemplos no seculo IX, fazem suppôr que o plano quadrado era preferivel ao circular para melhor collocação dos sinos; por isso se nota que desde o fim do seculo X ou no principio do seculo XI uma torre quadrada se construe sempre do lado do norte, ao occidente das egrejas. Finalmente quando a arte roman ficou completamente desenvolvida, grandiosas torres quadradas se levantaram em cada um dos angulos das fachadas, ficando bastante affastadas umas das outras, para deixar vêr a empena ou frontão superior, bem como o oculo ou as janellas circulares, que davam claridade á nave principal, como se nota na Sé da capital.

O apparelho na construcção é geralmente de grandeza mediana, mais sobre comprido do que alto. Empregava-se toda a qualidade de pedras, até tijolos; porém, são mais bem preparadas que precedentemente, no que diz respeito ao apparelho das fachadas. As juntas das pedras são combinadas de maneira a formar diversos desenhos, que produzem um effeito agradavel. Vêem-se tambem com xadrez de um aspecto vistoso.

A ornamentação não apresenta o mesmo caracter em todos os paizes. Em tal região conservam-se as fórmas geometricas muito variadas e de mui habil execução, differente do que costumavam fazer antes d'esta épocha. N'outros paizes seguiram a influencia bysantina.

No interior dos templos, aos pilares massiços da epocha precedente juntavam-se columnas que lhes davam mais leveza Essas columnas vieram a ser mais numerosas á medida que os arcos das abobodas se multiplicaram. Os capiteis do seculo XII são muito variados, muitas vezes apresentam nos angulos duas folhas viradas em volutas e separadas por uma console. Era já como uma preparação para os cogulos do seculo XIII. Encontram se tambem imitações bysantinas, como reminiscencias do capitel corinthio ou compósito.

No seculos XI e XII executaram-se muitos capi-

teis enfeitados; ás suas folhagens se misturam figuras de demonios, grifos, episodios da historia sagrada, lendas populares, etc. Estas representações, posto que muito imperfeitas em execução, eram todavia como uma lição para o povo, pois que, sendo então raro haver quem soubesse ler, essas imagens representadas na pedra serviam para lhe explicarem a sua significação; porém, desde o seculo XII este uso ficou desde logo abandonado em alguns paizes.

As bases são ainda imperfeitas e imitam um pouco a base antiga. No principio do seculo XII são ornadas de garras e de folhas de fórmas mui variadas, que enchem o intervallo liso que fica sobre o soco quadrado da base e molduras circulares que a completam.

Algumas vezes os fustes das pequenas columnas, principalmente nos claustros das abbadias, enfeitam-se com ornamentos mui complicados, em feitios de pontas de diamante, imbricações, etc.

As janellas fazem se de grandeza mediana. A sua archivolta simples ou ornada de molduras, tem por apoio duas columnas ou sómente as duas hombreiras. Isto se praticava tanto no interior como no exterior dos edificios, ficando muito estreitas na parte externa e com rasgamento para o interior. Outras vezes duas janellas são mettidas dentro do mesmo arco e tomam então o nome de janellas geminadas.

Na épocha roman figuram-se ensaios de abobodas. Quasi sempre nos grandes edificios punham unicamente abobodas sobre naves lateraes e nas extremidades das capellas, descrevendo a curva d'essas abobodas, unicamente um quarto de circulo.

As experiencias de abobodas para maiores naves tiveram melhor exito nas igrejas de pequenas dimensões; pois que nas maiores apresentavam grandes difficuldades e pouco duravam, desabando, pela insufficiencia dos meios empregados n'essa época para sua estabilidade.

Emquanto ao exterior, no principio do seculo XI, a ornamentação do portal era ainda muito simples. A archivolta é quasi sempre lisa, e sustida por duas columnas, ou então por hombreiras singelas. No meado d'este seculo, a archivolta orna-se com estrellas, zigzags, ou aros; multiplicam-se as archivoltas concentricas formando resaltos, e por esta razão tambem augmentam o numero das columnas para as sustentar; como se vê no portal da Sé velha de Coimbra, do convento de S. Francisco em Santarem e da igreja de Santa Maria em Cintra. O tympano enche-se de desenhos formando xadrez ou estrellas, ou de baixos relevos. Muitas vezes representavam Jesus Christo rodeado de symbolos dos evangelistas: o pilar que separa a porta para lhe dar duas entradas, isto é, um lado para sair e outro para entrar, costuma ter por cima uma estatua, e por cima de tudo havia arcadas juntas umas ás outras, tendo algumas vezes imagens dentro: no cimo apparece o *Oculus Christi*, que vae augmentando cada vez mais as suas dimensões, precisando de se lhe ajuntar raios para o consolidar. Temos um exemplo na empena da igreja de Jesus em Santarem, Sé velha de Coimbra e S. João de Alporão.

Aos lados, estão as paredes consolidadas por contrafortes mais numerosos e mais grossos, conservando todavia a fórma que tinham no precedente seculo.

A cornija é formada por uma moldura saliente sustentada por modilhões de feitios mui variados; taes como figuras grotescas, cabeças de animaes, carrancas de monstros, etc.; outras vezes esses modilhões estão reunidos por pequenos arcos, como existe um exemplo no fundo das capellas, na parte externa da Sé velha de Coimbra e em Roiz.

(Continúa).

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Introducção)

Inaugurando-se agora nos seminarios de algumas dioceses de Portugal cadeiras para o ensino de archeologia christã, estudo que ha muito era urgente criar-se no nosso paiz, proponho me publicar, no Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, os elementos principaes d'esta sciencia, afim de facilitar os estudos a quem desejar possuir esses conhecimentos indispensaveis para curar da conservação dos objectos do culto e evitar o ignorante modo de se restaurarem os edificios religiosos dos differentes estylos, que pertencem á nação; pois já é tempo de não se continuar a praticar desacertados concertos nos edificios, que alteram o caracter respectivo da sua architectura, e causam tambem desdouro ao avaliar-se a nossa civilisação.

Ainda que não façamos um compendio completo, que não era compativel com a fórma d'esta publicação, comtudo, talvez possa ser de algum auxilio para se divulgarem as instrucções principaes d'esta natureza afim de pôr cobro aos vandalismos

que teem destruido tantas antiguidades e objectos preciosos do culto.

Muito embora não se consiga desde já o proficuo resultado d'este ensino, todavia ficará registado no final do seculo XIX, o empenho que illustres Prelados teem tomado para obstar a serem illudidos os parochos nas substituições das alfaias, e para se opporem ás defeituosas restaurações dos monumentos religiosos do nosso paiz. Darei por bem empregada esta minha modesta publicação, se por ventura conseguir este empenho patriotico artistico a que tenho constantemente dedicado a maior parte da minha existencia.

POSSIDONIO DA SILVA.

CAPITULO I

Principios da arte christã no Occidente

PRIMEIRO PERIODO

Summario. — Descripção das catacumbas de Roma — Principios artisticos e classificações das pinturas das catacumbas — Symbolos ou allegorias dos primitivos christãos — Representação de Jesus Christo e de Nossa Senhora — Imagens dos santos — Monogramma de Christo — Lampadas — Sarcophagos christãos — Vasos de sangue — Monumentos christãos fóra das catacumbas — Edificios religiosos construidos nos tres primeiros seculos — Cemiterios á superficie do solo — Alfaias e instrumentos do culto.

Os mais numerosos monumentos christãos que se offerecem para o estudo da archeologia christã são os cemiterios subterraneos da cidade de Roma. Os christãos continuaram a escavar nas antigas pedreiras da cidade novas catacumbas depois do reinado de Constantino, e durante os quatro ou cinco seculos seguintes, transformaram as catacumbas em logares de peregrinação. Fizeram-se restaurações e embellezamentos n'estes santuarios até ao fim do seculo VIII.

As catacumbas eram destinadas a tres fins: o primeiro e principal era servirem de cemiterio aos christãos. Os tumulos ficavam dispostos nas paredes uns por cima dos outros formando fileiras de tres a doze. Os corpos eram collocados em nichos oblongos, fechados por tampas de marmore, ou por tijollos ordinariamente em numero de tres, ajustados perfeitamente com cal.

N'estas galerias veem terminar em muitos sitios camaras sepulchraes. São especies de covas funerarias no fundo das quaes se encontra muitas vezes, debaixo de uma aboboda, um tumulo encerrando os restos mortaes de algum martyr illustre. Estes tumulos serviam de altar no dia anniversario do martyr, em que os christãos vinham fazer as suas orações.

A fórma dos sepulchros era variadissima: ha-os circulares, semi-circulares, octogonaes, hexagonaes e pentagonaes; comtudo a maior parte são quadrados.

O segundo fim a que destinavam as catacumbas era servirem de logar de reunião para ahi celebrar as ceremonias do culto. Foi para fazerem as suas assembléas religiosas que os primitivos christãos construiram nos seus cemiterios subterraneos oratorios, compostos a maior parte das vezes de dois ou tres sepulchros contiguos, e que se designam pelo nome de *basilicas das catacumbas*.

O terceiro fim das catacumbas era tambem servirem de retiro ao pontifice, ao clero e aos fieis no tempo da perseguição.

A historia das catacumbas pode dividir-se em tres periodos principaes: o periodo da formação, o periodo da restauração e de visitas piedosas, e o periodo de explorações scientificas.

O primeiro periodo abraça os quatro primeiros seculos. No decurso do seculo IV viu-se diminuirem as sepulturas subterraneas pelo augmento dos tumulos á superficie do solo. Depois do anno 410 não se encontram sepulturas nas catacumbas.

O segundo periodo estende-se desde os primitivos annos do seculo V até ao principio do seculo IX.

Chamam-se cryptas historicas as camaras sepulchraes em que repousavam os restos de martyres illustres.

O ultimo periodo, de explorações scientificas, data do anno de 1578.

No mez de maio de 1578, uns trabalhadores que se occupavam em extrahir pozzolana n'uma vinha, a duas milhas da cidade de Roma, descobriram uma abertura que dava para um cemiterio christão decorado de pinturas, de sarcophagos e de inscripções.

Estas pinturas pertencem a épochas differentes, e algumas ao primeiro seculo da nossa era. As do seculo II são mais numerosas, porém as do seculo III são ainda em muito maior numero.

A maior parte das decorações das paredes das catacumbas foram executadas a fresco, sendo feitas algumas com mosaicos em limitado numero.

Os antigos artistas contentavam-se em traçar a silhuêta dos personagens e dos objectos, enchiam em seguida o espaço comprehendido entre os contornos por côres lisas ou illuminuras, e indicavam convencionalmente as rugas dos fatos com traços cheios e as saliencias por traços finos. Faziam o contrario do que se praticava desde o seculo VI, desprezando, na representação dos assumptos, os accessorios.

As pinturas dos tumulos, em fórma d'arco, apparecem sobre um fundo ornado, um assumpto com muitas figuras traçadas dentro de molduras de fórma quadrada ou semicircular. Os ornatos são na maior parte imitações de objectos usuaes, açafates com fructos ou grinaldas de flores, sendo imitado este genero de decoração de pintura da arte pagã.

O peixe era, na Egreja primitiva, o symbolo mais conhecido de Jesus Christo.

Nas catacumbas representava-se ordinariamente Jesus Christo debaixo da fórma do Bom Pastor. As imagens do Redemptor não se encontravam isoladas, apresentando todos os caracteres das pinturas posteriores a muitos seculos á conversão de Constantino.

A Santa Virgem é figurada nas pinturas das catacumbas sobre os vidros dourados e os sarcophagos dos seculos primitivos, estando sentada, com o Menino Jesus ao collo.

A adoração dos Magos recordava aos fieis tres dogmas: a vocação dos infieis, a Divindade de Nosso Senhor, e a Maternidade Divina.

Os primitivos christãos representavam tambem a Virgem com ou sem o Filho, debaixo da forma d'uma *orante*, isto é, em pé e levantando os braços n'uma attitude de supplica. Muitas imagens são anteriores ao seculo IV.

Jesus Christo multiplicando os pães: figura a Santa Eucharistia, como sendo alimento das almas.

O Salvador é representado em geral debaixo da figura d'um mancebo imberbe vestido com manto e tunica ornada com duas bandas de purpura.

O paralytico curado é representado no momento em que, deixando a piscina, leva a sua cama ás costas. Está vestido com uma tunica cinta e uma especie de ceroulas.

Jesus resuscitando Lazaro: é representado Lazaro debaixo da fórma d'uma pequena mumia envolvida em pequenas fitas e collocada na posição vertical á entrada do tumulo, que tem a fórma de um edificio ou pequeno templo.

As representações de refeição dividem-se em duas classes conforme symbolisam a Eucharistia ou a felicidade dos predestinados á bemaventurança.

A felicidade dos predestinados é symbolisada por um banquete ao qual servem o Amor e a Paz, porque estes dois gozos eram tidos como os principaes do paraiso.

Jesus Christo rodeado dos seus discipulos: representa o ensino dado aos apostolos e a celebração da ultima ceia do Senhor.

As imagens dos santos encontram-se nas cryptas historicas e todas em geral são posteriores á conversão de Constantino. Muitas são ornadas de resplendor, que só foi dado aos santos no principio do seculo VI.

A scena de Orpheu tocando lyra, tirada da mythologia, é muito commum nas pinturas das catacumbas e sobre os monumentos christãos dos primeiros seculos.

Entre os primeiros christãos, Orpheu deleitando os animaes ferozes com os sons da sua lyra, era um symbolo de Jesus Christo domando as paixões dos homens e attrahindo-os com os encantos da sua doutrina.

Os primeiros christãos reproduziam de differentes maneiras as quatro estações sobre as paredes das catacumbas e sobre os sarcophagos, porque as estações symbolisavam aos olhos dos christãos a futura resurreição.

Os primitivos christãos serviam-se dos symbolos, em primeiro logar, para subtrahir á irrisão dos infieis as mais augustas verdades da religião, e em segundo logar, para se conhecerem entre si. Os mais antigos d'estes symbolos eram a pomba, o peixe, a barca, a lyra e a ancora.

Durante os primeiros tres seculos da Egreja, o peixe era um dos symbolos mais divulgados entre os christãos para significarem Jesus Christo. Empregava-se de dois modos, como nome e como figura. A palavra *ichtus*, que significa peixe, fornece as iniciaes das palavras *Jesus Christo Filho de Deus*.

O peixe representado sobre os monumentos pintados ou esculpidos tinha a mesma significação, era um signal hyerogliphico lembrando aos christãos a palavra grega e todas as verdades que ella symbolisava. Tanto o acrostico como o peixe symbolico, era principalmente gravado sobre as pedras e sobre os objectos portateis para o uso da piedade dos primeiros christãos.

A cruz que se encontra nos monumentos christãos dos quatro primeiros seculos apresenta-se com fórmas dissimuladas, de ancora, que era ao mesmo tempo o symbolo da esperança, e serve desde o primeiro seculo para recordar aos fieis o signal da Redempção.

Empregou-se desde os primeiros seculos o cordeiro para representar Jesus Christo.

Os primitivos christãos tinham por costume orar em pé, com os braços estendidos e levantados para o ceu. Na maior parte dos monumentos christãos primitivos vêem-se fieis dos dois sexos, e principalmente mulheres em attitude de *orantes*.

A *orante* symbolisa a alma christã admittida no ceu e considerada esposa de Jesus Christo. As duas arvores que em alguns monumentos se encontram aos lados, designam o paraiso ou a felicidade eterna.

Encontra-se frequentemente nos primitivos monumentos christãos de toda a especie a pomba, e principalmente nos epitaphios dos seis primeiros seculos da nossa era. Nos tumulos symbolisa ordinariamente a alma pura e innocente dos fieis. A oliveira que está ao seu lado ou o ramo d'esta arvore que muitas vezes tem no bico, são o symbolo da paz que gosa a alma, e equivale á formula *in pace*, tantas vezes empregada nos epitaphios.

A *palma* tem sido em todos os tempos o symbolo do triumpho; os christãos primitivos collocaram-n'a

nos seus tumulos para recordar a victoria ganha pelo defuncto aos inimigos da fé.

O *monogramma de Constantino* ou simplesmente *monogramma* são as duas letras gregas X P ligadas da seguinte maneira:

Outro *monogramma cruciforme* parece ter existido no Oriente e tem a letra X com a fórma d'uma cruz † onde está ligada na perpendicular superior a barriga da letra P:

As duas fórmas tambem se empregaram no Occidente.

A partir do meado do seculo IV, o monogramma é muitas vezes acrescentado com mais duas letras gregas A e Ω, a primeira e a ultima do seu alphabeto.

O monogramma data da conversão de Constantino que mandou fazer o *lábaro,* que era encimado pelo monogramma.

Durante os primeiros seculos da Egreja, o altar era apenas uma taboa de madeira, servindo de mesa aos apostolos para celebrar os divinos mysterios.

As catacumbas forneceram-nos mais tarde o typo dos altares em fórma de tumulo. As tumbas *em arco* tinham uma prateleira horisontal cobrindo os restos do santo martyr; sobre esta prateleira é que se dizia a missa.

As lampadas que se encontraram nas catacumbas tinham a fórma das *lucernæ* dos antigos. Assemelham-se a uma barquinha, que era um dos symbolos mais usados na Egreja primitiva. A maior parte são de argila; tambem se encontram algumas de bronze. Estas ultimas pertencendo a uma épocha menos remota, são quasi todas munidas de cadeias que serviam para as suspender nos tectos das capellas.

Chama-se sarcophago (palavra derivada de *sarcos* carne e *phagos* eu como) um tumulo de marmore ou de porphyro mais ou menos ornado de esculpturas.

Podemos classifical-os em *simples, mixtos* e *ricos.*

Os sarcophagos *simples* apresentavam a fórma de um cofre rectangular sem ornamentação.

Na maior parte os sarcophagos eram adornados de um ornato que se chamava *strigiles.*

Os *strigiles* são canneluras de fórma sinuosa, imitando o raspador, instrumento de que os antigos se serviam para tirar, na occasião de se banharem, a humidade e os corpos estranhos, espalhados na superficie da pelle.

Os sarcophagos *ricos* têem as quatro faces ou pelo menos tres, ornadas de esculpturas em baixo, no meio ou no alto relevo. Quando se reproduzem sobre uma mesma face muitas scenas ou estatuas, são justapostas simplesmente, ou separadas por columnas ornadas de pampanos e de pequenos genios colhendo fructos.

Muitos sarcophagos têem, no centro da face principal, um medalhão circular, onde se vê em busto a figura do defuncto. Os tumulos que serviam de sepultura a dois esposos, têem dois bustos, e algumas vezes uma arcada central apresentando, com a mesma significação, dois personagens em pé, dando a mão e chorando.

Os sarcophagos *mixtos* são ornados parte com strigiles e parte com figuras gravadas a traço ou esculpidas em relevo.

Os sarcophagos dos tres primeiros seculos foram escolhidos nas officinas pagãs, ou esculpidos por artistas christãos, segundo modelos profanos.

As scenas da paixão propriamente dita, taes como a flagellação, o coroamento de espinhos e a crucificação, não se encontram representados em monumento algum do primitivo christianismo.

Os christãos dos primeiros seculos punham muitas vezes nas sepulturas objectos que tinham pertencido ao defuncto.

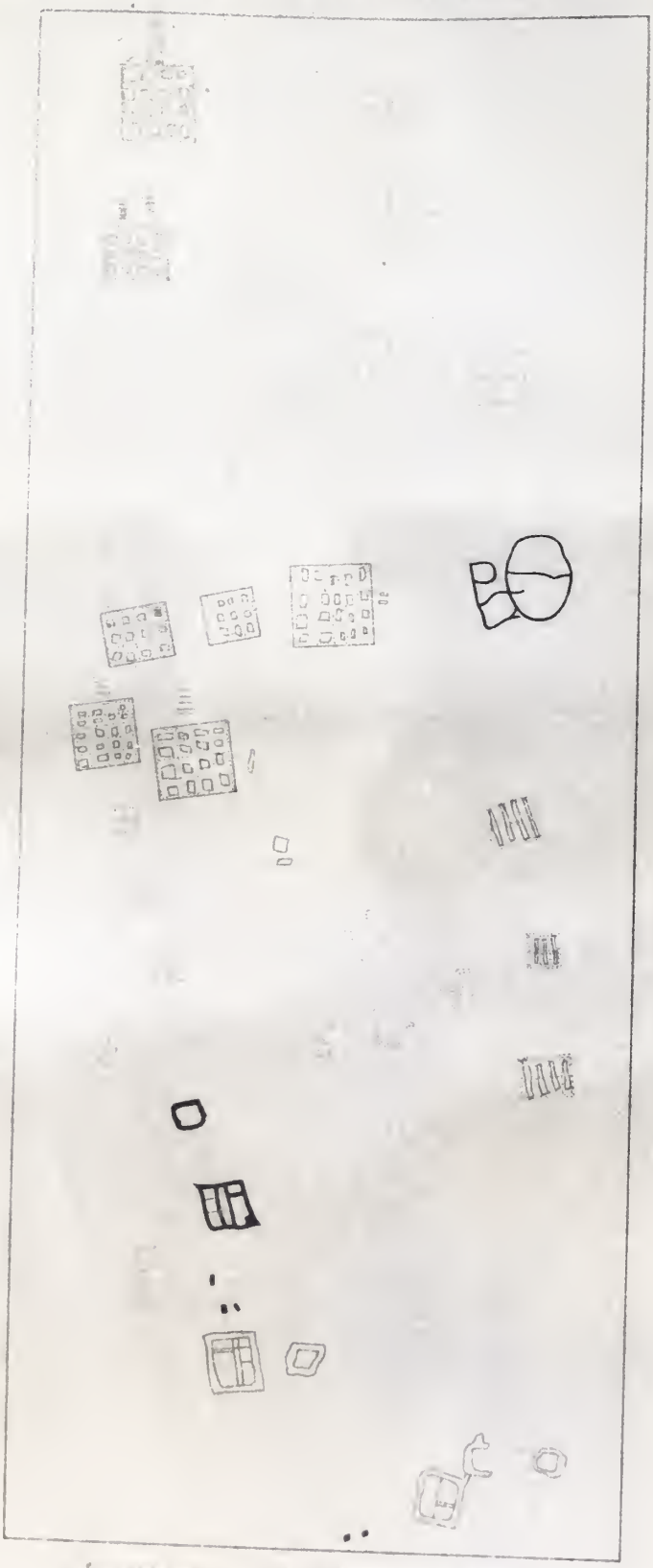
(Continúa).

J. da Silva.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 77

Na provincia do Douro ha um penhasco sobranceiro ao tunnel da Rapa, entre a estação do Tua e a passagem da Valleira, a 133,920 metros, da via ferrea d'aquella provincia. Este penhasco existe perto do logar de Linares, termo da villa de Anciães, e na superficie d'elle veem-se diversos signaes coloridos, d'apparencia lustrosa, devida sem duvida a uma materia de betume, que, segundo é tradicional, durante o verão lhe apparece na base, o que teria contribuido para conservar ha seculos esses signaes.

E' tambem para notar que a sua face do lado opposto acha-se sempre coberta de cryptogamas, talvez por estar esse lado em exposição ao norte. As figuras occupam grande espaço, sendo a altura $3^m,18$, e a largura $0^m,82$. Esta singularissima antiguidade estava condemnada a ser destruida, conforme o costume que ha entre nós de arrazar tudo o que pertence a épochas remotas. O caminho de ferro devia atravessar n'esse ponto, e portanto irremissivelmente havia de sacrificar-se o penhasco, muito embora se desprezasse um dos importantes monumentos archeologicos de Portugal. Por fortuna, um digno Par do Reino, alto apreciador das antiguidades nacionaes, o sr. visconde de Seabra conseguiu da sua camara recommendar ao Governo,



Sinaes sobre um penhasco no logar de Lamares na provincia do Douro
N.º 5.º
Estampa 78

450

que evitasse um tal vandalismo, o que se cumpriu; sendo ordenada uma alteração na directriz da linha. Pela mesma occasião o referido sr. visconde propoz que se mandasse tirar copia da *inscripção* existente no penhasco, e *até indicou pessoa para esse trabalho*, afim de se averiguar o que ella significava.

Tendo noticia d'isto, fui logo á cidade do Porto para obter uma copia fiel das figuras traçadas na pedra, e quando em 1885 a *associação franceza para o progresso das sciencias* celebrou o seu congresso em Grenoble, enviei o respectivo desenho aos seus illustrados membros, pedindo-lhes que o examinassem e déssem o seu parecer ácerca de tão curiosa antiguidade. Baldado empenho! Não se conseguiu a desejada solução.

A estampa que acompanha este numero, apresenta o desenho, que eu fiz, reduzido a um quarto do original, e por elle se veem diversas figuras geometricas, com a côr que mais resistiu exposta aos rigores das estações.

Já no anno 1735 Contador d'Argote havia tirado uma copia mais completa, que continha maior numero de figuras, omissão que se nota actualmente nos espaços que separam as figuras existentes, mas que vão indicadas por simples pontos. Aquelle zeloso antiquario descreveu o que viu na occasião de tirar o desenho, pela seguinte maneira:

«*Na face lisa se vêem debuxadas diversas figuras com côres diversas; a saber, uns quadrados, e outras, que se não póde bem julgar se são jeroglyphicos, ou letras. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do xadrez, em parte differem, porque nem são tantos, nem de duas côres, nem brancos e negros, mas só de uma côr, que é um vermelho escuro; a margem, porém, em uns é azul; outros a não teem. As demais figuras se compõem das mesmas duas cores. O vulgo (e, o que é mais, alguns homens nobres e eruditos) entendem, que estas figuras se renovam todos os annos em dia de S. João Baptista, e que apparecem mais brilhantes.*»

Nada mais diz sobre a sua origem. Supponho que o calor do mez de junho fizesse ressumar a materia bituminosa, dando maior brilho ás côres d'essas figuras. Quando Contador d'Argote copiou esse curioso monumento, mostrava-se o espaço todo cheio de quadrados em fórma de xadrez, divididos por outros mais pequenos, além de varios desenhos, entre os quaes apparece o antiquissimo symbolo da Cruz *Sevastika* dos Arios.

Esta singular, e talvez unica antiguidade, merece ser estudada a fim de se descobrir qual a sua significação; e como ainda não se conseguiu, não será fóra de proposito apresentar uma hypothese que o nosso consocio, sr. Victorino da Silva Araujo, esclarecido antiquario e meu presado amigo, me communicou, depois da consulta que a este respeito lhe dirigi. Suppõe o seguinte:

«Não é mais que a representação d'uma batalha, dada no tempo das guerras dos romanos na Lusitania. Aquelles quadrados e quadrilongos ordenadamente collocados figuram as tropas divididas em varios corpos ou esquadrões, marchando umas de frente, outras de flanco. Os quadrados maiores, que estão no fundo traçadas as duas linhas, tendo cada um perto de si outro quadrado mais pequeno, são os arraiaes ou acampamentos com seu fosso e estacada. Estes arraiaes mais pequenos costumavam elles fazer ao pé dos maiores, quando estavam em guerra; e serviam-lhes para se recolherem n'elles, quando eram batidos dos maiores. O serem uns poucos denota que trouxeram alguns dias de marcha até chegarem ao ponto onde se deu a batalha; porque é sabido que os romanos, quando tinham proximo o inimigo, ainda que viessem de marcha não passavam uma noite sem levantar entrincheiramentos; que o exercito que entrou em batalha, constava de varias legiões.»

Affigura-se-nos tambem que talvez seja isso a representação do desenho; pois é sabido que os romanos davam ao seu acampamento a fórma quadrada e dispunham tendas a par umas das outras para a tropa, occupando 10 pés cada um dos espaços quadrados. Ficavam separadas, com um pé de intervallo para se firmarem as estacas, servindo cada tenda para 10 soldados e um subalterno. O desenho em xadrez indica essa mesma disposição e por elle se poderia calcular a força numerica do exercito. Em quanto ás diversas côres, seriam para designar as dos estandartes dos abarracamentos distinctos de cada corpo; como era uso praticarem os romanos.

As outras figuras espalhadas na superficie seriam os obstaculos naturaes encontrados sobre o terreno durante a marcha do exercito. A figura redonda, com tinta preta, pode ser alguma praça e suas dependencias, existente no paiz.

Talvez esta explicação possa d'algum modo esclarecer a significação dada ás figuras do desenho.

E' realmente para causar grande admiração que os romanos tivessem o cuidado de executar n'um penhasco a prumo e em tosca superficie tão difficil trabalho, apparecendo por esse motivo a irregularidade das figuras. Haverem as cohortes do povo rei acampado na Lusitania, em ponto do territorio que pertence actualmente á provincia do Douro, desperta-nos a curiosidade de investigar que direcção tomariam e que destino teriam taes forças militares? Que cidade ou logar importante haveria perto do acampamento para que os roma-

nos ali nos deixassem gravado um testemunho da passagem do seu exercito? .

Eis um ponto de magna importancia para os antiquarios resolverem.

Em todo o caso é um monumento historico de incontestavel interesse. Esperamos que illustrados archeologos alcancem a gloria de decifrar o enygma.

J. da Silva.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Já está exposta no Museu de Archeologia da nossa Associação a notavel figura que estava desprezada ha muitos annos, a um canto do sitio designado Cruz de Ferro, na cidade do Porto!

Ainda que não seja um primor de Bellas-Artes, pelo contrario, é do mais incorrecto trabalho de esculptura, porém o facto historico que representa, tendo sido originado por um sentimento assaz humano e assignalando um serviço publico, não deveria ficar olvidado dos vindouros, nem dar-se motivo a ser censurado pela presente geração, por aquelles que presam as antiguidades nacionaes, ter-se commettido a mais subida ingratidão á memoria do abalisado varão que tão generosamente mandou erigir essa figura na foz do Douro, para evitar que os mareantes corressem perigo na passagem do rio, quando viessem aportar á cidade do Porto.

O Bispo de Vizeu D. Miguel da Silva, de egregia linhagem, praticou o louvavel patriotismo de fazer collocar a citada figura de granito sobre um penhasco na foz do Douro, para com o braço direito estendido apontar o canal do rio e entrar-se no porto a salvamento; além d'isso fez collocar balisas sobre a margem do mesmo rio para indicar a direcção a seguir. Ainda ha vestigios d'essa acertada providencia.

Esta obra de grande utilidade para a cidade do Porto e de maior valia para os maritimos, teve logar no anno de 1535.

Este insigne Prelado causou assombro pela sua erudita illustração, pelos seus vastos conhecimentos quando esteve por embaixador em Roma. Fôra amigo intimo d'el-rei D. João III sendo depois victima da hostilidade do mesmo soberano, e da ingratidão do Papa Paulo III. Morreu miseravelmente em Roma, abandonado pelo rei, pelo chefe da christandade, de quem era amigo, e da sua nação, quem tanto merecêra ser respeitado e protegido.

Mais tarde, em occasião de um forte temporal, a figura foi derribada e cahiu no rio, onde permaneceu dezenas de annos.

Mas o benigno bispo mandou construir, depois d'este acontecimento, na barra do Douro, uma torre na qual montou e adaptou um *pharol, que foi o primeiro do nosso paiz!* Ainda lá se vê a torre encostada á casa dos pilotos, junto do sitio já citado da *Cruz de Ferro* na Clantareira, onde se erigiu o monumento da figura que possue hoje o Museu.

Uma lapide, que tinha na base d'esse monumento, tem a inscripção seguinte, que comprova o facto citado, e tambem está exposta no Carmo.

MICHAEL SILVIVS
EPISCOPVISENS
NAVIGANTIVM
SALVTIS CAVSA
TVRRES II FECIT
ET IIIICOLVMNAS
POSVIT ~
ANN M.D.XXXV †

Coube á Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, no termo de *trezentos e cincoenta e um annos*, haver salvado do esquecimento este serviço publico prestado por tão venerando Prelado; e se o seu illustrado nome não recebeu um monumento de publico reconhecimento, é de esperar que elle será conservado e commemorado com respeito por todos que visitarem as antiguidades existentes no Museu do Carmo, vendo posta em logar distincto essa figura que recordará o notavel serviço d'aquelle insigne varão que assignalou o seu nome por tão importante obra.

NOTICIARIO

Entre as mumias, ultimamente descobertas no Egypto, appareceu uma sem nome, que parecia ter sido afogada em carbonato de soda. E' d'uma pessoa que teria 25 annos de idade, denotando os membros terem sido contrahidos. A cabeça exprime uma terrivel dôr. Sem duvida foi essa pessoa collocada ainda com vida dentro do apparelho funereo. Algum mysterio de *harem* ou de conspiração se poderá attribuir este cruel successo.

No Instituto de França, a Academia de Bellas-Artes poz a concurso o seguinte thema:

Procurar se ha uma estnetica commum que seja applicavel aos monumentos, pertencentes ás grandes épochas das artes.

Estudar sob este ponto de vista os monumentos egypcios, gregos, romanos, da idade média, do renascimento e dos tempos modernos até ao fim do seculo XVIII.

O museu de Louvre adquiriu recentemente uma cabeça de granito, designada *Cabeça de intendente egypcio*, cujo modelo existia até ao presente em baixo relevo no tumulo da decima terceira dynastia.

Tambem um cão de caça, tamanho natural, executado em basalto preto, unico exemplar conhecido até hoje, que tem mais de tres mil annos, veiu augmentar os objectos d'este afamado museu.

1887, Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1887 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 6

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:
Architectura monumental. Templos da Grecia (Conclusão) — pelo sr. J. P. N da Silva ..... Pag. 81
Segundo periodo da architectura da idade média. Architectura roman (Continuação) — pelo sr. J. P. N. da Silva. » 84
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:
Archeologia historica. — O Foral de Penella — pelo sr. Ricardo Simões dos Reis ..... » 88
Architectura Portugueza. Lisboa — (Traducção) ..... » 90
Explicação da estampa n.º 79 — pelo sr. J. da Silva ..... » 92
Archeologia prehistorica — Descobertas recentes de monumentos megalithicos na Russia Meridional — pelo sr. J. da Silva ..... » 93
Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) — pelo sr. Possidonio da Silva ..... » 94
Chronica ..... » 95
Noticiario ..... » 96

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Templos da Grecia

(Conclusão. Vid. n.º 5, pag. 70)

A situação dos templos era determinada conforme as divindades a que se consagravam: portanto collocaram o sanctuario de Mercurio no Forum; e os de Hercules no Gymnasio; de Marte, Venus e Vulcano junto das portas da cidade; o de Ceres nos campos; o de Esculapio sobre os logares altos e isolados: os de Jupiter, Juno e Minerva, sobre os pontos mais elevados da cidade. Os Dorios dirigiam as 4 faces do templo para as 4 *plagas* do mundo, de tal maneira que a entrada do edificio ficava virada para o occidente; porém os habitantes da Attica, pelo contrario, não obstante orientarem os seus edificios religiosos, voltavam a entrada para o lado opposto, o Nascente.

O templo tinha quasi sempre a fórma de um quadrilongo, e distinguia-se pela disposição e numero das columnas que o ornavam, tendo nomes especiaes que designavam a respectiva fórma.

Os grandes templos construiam-se geralmente sobre um terreno sagrado, circumscripto por uma divisão de parede com uma só entrada. Este peribolo, que, nos ultimos tempos da independencia grega, era decorado de porticos e columnatas, sendo o exemplo o mais completo e o mais magnifico de peribolos com porticos, existia em Palmyra, encerrava, além do principal templo, algumas vezes um bosque sagrado, uma fonte, grutas, capellas, thesouros, columnas em que se viam gravados os tratados de paz ou de alliança, estatuas e altares, assim como outros monumentos religiosos levantados por diversos povos. O recinto do templo de Esculapio em Epidauro, continha uma stade, e um theatro que era o edificio mais magnifico d'este genero que os Gregos construiram. Finalmente a entrada d'estes peribolos era algumas vezes annunciada, como a de Eleusis e a de Sunium, por grandes construcções chamadas propyleos. O principal altar estava collocado n'este espaço, em frente da entrada do Templo, ao fundo da escada, sobre um plano mais inferior que a estatua do deus. Adiante d'elle havia um espaço rodeado de uma balaustrada, onde se degolavam as victimas antes de as pôr sobre o altar.

Os templos, por causa do grande numero de objectos d'arte e de antiguidades que continham, podiam-se considerar como verdadeiros museus. A estatua principal do deus a quem o edificio era consagrado, estava collocada em frente da cella ou sanctuario sobre um pedestal; era algumas vezes um collosso com 14^{m},74 de alto, representando a divindade em ouro ou marfim. A parte onde estava o simulacro formava um logar sagrado, que era cercado por uma especie de balaustrada. Alem dos altares collocados da parte de fóra do templo, havia muitas vezes outras na cella, e sempre defronte da estatua do deus. Estes altares eram geralmente de fórma quadrada, posto que tambem houvesse alguns cylindricos. No mesmo templo podia haver mais divindades, as quaes estavam dispostas á roda do simulacro principal. Alem das estatuas em marmore e em bronze, conservam-se antigos idolos de madeira colorida, outras vezes cobertos de ricos vestidos: a sua origem era motivada por algum acontecimento milagroso, e por isso reputada objecto de grande veneração.

Os principaes ornatos das cellas consistiam em grande numero de pinturas. Estes paineis eram de madeira, suspensos no sanctuario como offertas religiosas. Os retratos pintados sobre escudos formavam egualmente a decoração dos edificios publicos dos sanctuarios, sobretudo sendo votados pelas cidades aos cidadãos que haviam bemmerecido da patria: penduravam-se ás columnas, ou então se introduziam sobre o frizo do entablamento do edificio.

O templo grego, como se vê, não era sómente o sanctuario das artes e glorias nacionaes: os de Jupiter em Olympia e Apollo em Delphos causavam pelas suas dimensões, riqueza e magestoso aspecto, a maior admiração, e inspiravam um respeito maravilhoso. De todos esses monumentos magnificos, não existem hoje mais do que ruinas informes, de perystilos incompletos, frontões espedaçados, e despojados de suas bellas esculpturas, fragmentos mutilados enterrados no solo, e que parecem ter sido preservados de uma total destruição, unicamente para testemunhar ás nações modernas a perfeição que havia attingido a arte monumental grega, tendo decorrido mais de 2:000 annos!

Os mais importantes vestigios dos templos gregos dignos de estudo são: o Templo de Ulisus, Theseu, Minerva ou Parthénon, triplice templo de Pandrose, Erechteon e Minerva; de Jupiter Olympico; de Victoria proximo dos propyleos de Athenas; de Nemesis; de Themis em Rhamnunte; de Jupiter em Argos; de Ceres e de Proserpina; de Diana Propylea em Eleusis; de Minerva em Sunium; de Apollo em Basso; de Jupiter em Neméa; de Jupiter em Ely: de Bacchus em Théos; de Juno, da Concordia e de Jupiter em Agrigente; de Juno em Samos; em Ségesto; de Minerva em Syracusa; de Minerva em Triene; de Diana em Magnesia; de Apollo em Mileto, de Cybele em Sardes, etc.

Póde-se formar uma ideia de qual seria o magestoso aspecto de um grande Templo Grego, pela restauração que se fez do magnifico templo de Jupiter que ornava a cidade de Egina, ilha situada no mar Egeo, entre a Argolida e a Attica no golfo Saronico. Dedicaram este templo ao rei dos deuses, por ter o filho da nympha Egina reinado n'esta ilha, em memoria de seu pae Jupiter.

A ilha Egina presentemente é um cadaver! Da antiga e opulenta cidade, apenas estão intactos, ou ainda em pé, um templo dedicado a Venus — um bello xadrez em mosaico — uma columna — e os vestigios de suas muralhas — Pois a guerra, essa peste devastadora, assignalou a sua passagem como costuma, com a destruição!

No cume da montanha mais elevada está edificado o templo de Jupiter, protector antigo d'esta ilha; porém só existem 23 columnas d'esse monumento. É todavia uma das mais bellas ruinas da Grecia, e occupa uma das mais magnificas situações do mundo. Egina apparece presentemente na base com as suas ruinas, seus novos edificios e jardins odoriferos. A plaga, como uma bordadura alvacenta, brilha e faz contraste agradavel com o azul do mar. Ao Sul se contorna Hydra a victoriosa; segue-se Poros e os seus montes escalvados; e no fundo, com formas indecisas, avistam se o Parthenon, Athenas — Salamina — e o continente da Grecia: é um dos mais bellos panoramas do Universo.

Tinha sido povoada a ilha d'Egina pelos Hellenos da Thessalia e conquistada depois pelos Dorios. Os Athenienses apoderaram-se d'ella no seculo VII antes da era vulgar; tendo-se libertado d'esse jugo depois de finda a guerra do Peloponeso, em resultado da batalha naval de Ægospotamos, ganha pelo Spartiata Lysandro. Os Eginistas passam por ter inventado o dinheiro, e trabalhavam no bronze com grande superioridade: eram egualmente muito habeis nos exercicios gymnasticos, em os quaes haviam alcançado um grande numero de triumphos nos jogos publicos da Grecia.

Mas para chegar a esse auge de perfeição, haviam os gregos feito antes conhecimento mais particular com os povos e os principes da Asia e do Egypto, facilitando-lhes um commercio mais activo com esses estrangeiros, o que lhes proporcionou adquirirem immensas riquezas: além d'isto, o bom gosto innato n'esta nação para o bello nas artes liberaes estimulava os chefes dos Estados Gregos a levantarem monumentos de architectura dignos da realeza: portanto edificavam esses templos espaçosos e palacios magnificos; e por este motivo a architectura e a estatuaria se desenvolveram pouco a pouco-

porém com bastante zelo, e este progressivo desenvolvimento foi um dos mais poderosos meios para constituir a nacionalidade grega, baseada sobre a religião e o amor á patria, tendo adoptado as duas Artes, tanto a Architectura, como a Esculptura, as ideias mythologicas determinadas pelos poetas e legisladores.

A existencia intellectual era alimentada então pela poesia épica: o genio creador d'esta nação tão poetica e tão intellectual, devia tornar muito visivel a sua actividade incessante, e conquistar afinal o apogeu da Arte, dedicando todas as suas aptidões ao aperfeiçoamento da architectura. Em quanto não se conseguiu este resultado, a synthese e a epopeia da Arte ficaram incompletas. A espontaneidade do talento grego fez brotar repentinamente esse mais bello esplendor do seu diadema intellectual. Os altares e os monumentos mesquinhos consagrados ás personificações multiplices das faculdades da divindade, foram substituidas por templos espaçosos, onde as almas piedosas e as intelligencias superiores e reconhecidas podiam dirigir as suas orações, e dar acções de graça, longe da multidão e do borburinho da vida civil. A architectura, havendo fundado grandes templos, fundou tambem os grandes centros da soberania da oração.

O que favoreceu em grande parte o desenvolvimento da intelligencia dos gregos, foi não existir no seu paiz uma casta separada dos sacerdotes; e assim as sciencias e as artes não eram o dominio exclusivo nem o monopolio de um corpo especial.

Todos estes factos contribuiram para desenvolver os principios e os elementos d'essa harmonia, com que se formou a arte de construir, applicando-a ás leis do bello: por esse motivo, a architectura se emancipou da apparencia servil, grave e achatada, que teve sob a influencia do Dorio victorioso: os Jonicos vieram-lhe dar, com a magestade Dorica, a esplendida elegancia transparente da belleza, que nos testemunham os monumentos d'essa epocha.

Durante este periodo, a architectura hieratica, coadjuvada pelos esforços mais louvaveis, e mais auspiciosos dos particulares, assim como dos Estados gregos, fez apparecer monumentos, que não teem nunca sido egualados, e muito menos inventados outros superiores em elegancia, belleza e encanto. Os dous estylos Dorico e Jonico, cada um no seu caracter, e na sua propria applicação, foram desenvolvidos e aperfeiçoados, o primeiro de uma maneira nobre, soberba e magestosa; o segundo brilhantemente, com uma graciosa delicadeza, com um tacto e uma superioridade de gosto nunca excedido depois.

Em todos os logares da Grecia, mesmo no Peloponeso, na Asia Menor, na Grande Grecia, em Italia, na Sicilia, em todas as colonias gregas, vastissimos monumentos foram levantados, interessantes para a historia da Arte, e dos quaes, felizmente, o tempo nos conservou as ruinas assaz consideraveis para podermos reconstruil-as em grande parte; e n'alguns têem desapparecido do solo; os restos que subsistem confrontados com os edificios que lhe são contemporaneos, e o auxilio dos textos de auctores antigos, são sufficientes para apreciarmos como elles teriam sido no seu estado completo.

Posto que da geometria sejam derivadas as formas e as subdivisões das partes de que se compõe a Architectura; ainda que esta sciencia viesse auxiliar o artista para exprimir o seu pensamento; vêmos n'isto ainda as leis da natureza que lhe vem prestar o seu concurso. Só ellas seriam susceptiveis de dar magestade e uma verdadeira significação ás fórmas de construcção architectonicas; só ellas poderiam introduzir a poesia na Arte de edificar. As leis da natureza foram indicadas n'essas formas, onde cada objecto recebia o cunho, que estrictamente precisava ter, guardando sempre a maior harmonia com o todo e as mais partes componentes.

As mathematicas por si só não podem produzir um bello monumento d'Arte, nem um magnifico monumento d'Architectura; é preciso possuir tambem uma imaginação creadora, ter uma inspiração brilhante, variada e fecunda, haver profundado os principios fundamentaes da Arte; só d'esta maneira se poderá realçar e dar attractivo á combinação; pois sem o auxilio da scentelha fecunda, que allumia e inflamma a intelligencia do Artista iniciado em todos os preceitos da Architectura, não lhe seria dado realisar convenientemente essas producções architectonicas; em quanto a sciencia só entregue ás suas transcendentes apreciações fará tentativas artisticas sempre glaciaes, e sem significação nenhuma monumental.

Esta verdade é bem evidente na Architectura grega, pois se não fosse inspirada pela intelligencia que lhe deu as proporções das suas Ordens; se não fosse o apurado gosto que presidiu á judiciosa relação que fez obter essa perfeita harmonia, que tanto distingue a Arte Grega, sendo ella aformoseada pela graça dos profis, pela fórma agradavel dada ás suas molduras, pelo talento elevado na delineação dos seus monumentos; se não tivesse reunidos todos estes elementos, que constituem a sua verdadeira superioridade sobre as outras architecturas conhecidas; então no mundo teria ficado muda a fama sobre a arte monumental da Grecia.

Não basta ter sómente bom gosto, é preciso ter o architecto um sentimento elevado da Arte. Essas lindas côres com que os Gregos pintaram os seus templos, foram um objecto de grande admiração na antiguidade, e uma causa de regosijo para um povo

inteiro, essa privilegiada nação, que foi tão diversamente a mais eximia em bellas-artes: é portanto a Arte Monumental Grega aquella que deve ser mais estudada, e que deverá servir para nos inspirar novas producções que possam satisfazer aos nossos usos e costumes modernos; é a que tem a mais bem entendida proporção, a mais elegante combinação, a que reune a belleza das formas á harmonia das linhas, não só para crear uma architectura digna da nossa illustração, como para regenerar o gosto do publico nas Artes liberaes, contribuindo para realce da nação, credito dos artistas modernos, e fama da nossa época.

A Architectura Romana, essa grandiosa Architectura que invadiu todos os paizes da antiguidade, será aquella de que no seguinte numero d'este Boletim principiaremos a demonstrar qual foi o caracter monumental; sendo as differenças provenientes de suas formas o que constitue o caracter do engenho e do gosto do povo que a designou pelo seu proprio nome: portanto indicaremos da Architectura Romana qual a variedade que apresenta nas diversas épocas do Imperio em que a sua Arte Monumental mais se desenvolveu; assim como nos fará conhecer, que, na sua origem, nenhum povo o egualou em fazer obras tão importantes de utilidade publica: veremos tambem que foi este mesmo povo rei, que construiu novos monumentos, que nunca os gregos possuiram, havendo se servido dos bellos marmores da Africa e da Asia, aproveitando-se dos obeliscos do Egypto, e estabelecendo a sua collossal escola de Bellas Artes na propria Grecia captiva. A Architectura Romana podia pois elevar-se, e se elevou effectivamente a um esplendor onde nenhum outro povo tinha ainda conseguido nas Bellas Artes, e será muito provavel que nunca outro possa conseguir, mesmo na prolongada duração das escolas futuras, igualar a sua magestosa representação, como egualmente as mais magnificas ruinas pertencentes aos seus admiraveis monumentos comprovam terem a superioridade que se observa nos que pertenceram aos Romanos.

J. P. N. da Silva.

SEGUNDO PERIODO DA ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

ARCHITECTURA ROMAN

(Continuado do n.º 5, pag. 75)

No tempo em que a architectura Roman acabava de erguer as suas mais importantes construcções; no momento de ter alcançado libertar-se das perplexidades da sua estreia, parecendo que faria rapidos progressos; uma agitação extraordinaria se havia apoderado dos espiritos, e motivou uma renovação na arte de edificar. No principio do XII seculo, toda a organisação social estava posta em duvida; parecia que os poderes publicos iam transformar-se. No mesmo tempo que as municipalidades se constituem, os conhecimentos humanos transpõem as barreiras dos claustros, os quaes haviam protegido as lettras durante os longos seculos de barbaria; então se derramam extraordinariamente as luzes e se dispõem a desprezar o jugo das tradições austéras. A philosophia exalta-se, e se ergue resoluta em frente da theologia; a doutrina escolar se constitue, e preoccupa extraordinariamente todos os espiritos; uma litteratura accessivel ao vulgo se cria junto da litteratura dos eruditos; emfim a architectura procura timidamente no principio, e inaugura pouco depois fórmas das quaes não havia precedente. E no norte da França, que as imaginações se lançam com maior ardor em uma nova senda, é ali que a architectura, esta grande expressão da existencia social, se renova.

Deixa então de ser dirigida a arte pelos ecclesiasticos, como havia acontecido nos seculos antecedentes. Era pois aos seculares que este cuidado competia, tendo achado apoio, não sómente nas novas tendencias, mas ainda no poder episcopal que a protege, como tambem a auctoridade real a favorece, assim como a nova organisação dos municipios. A feudalidade é o inimigo commum; o povo, que tem o instincto dos seus interesses, toma grande parte na luta que se vae empenhar ao mesmo tempo contra a feudalidade monachal e contra a da nobreza. Os bispos querem provas visiveis do seu poder, querendo magestósas as cathedraes, pois tendo sido modestos os seus edificios até então, exigem que possam prevalecer sobre as mais sumptuosas abbadias, e os povos conformam-se a este convite, com fervor prodigioso, e um verdadeiro enthusiasmo. Os meios não faltam; todos os esforços parecem dirigir-se para o mesmo fim. A construcção de grandiosas cathedraes vem a ser a principal preoccupação da época, e vê-se levantar, em todas as dioceses, edificios de uma extensão, de uma importancia desconhecida desde muitos seculos. Os mais magnificos monumentos religiosos pertencem ao meado de XII seculo e aos primeiros annos do seculo seguinte. Estas grandes fabricas são entregues á direcção de architectos seculares; deixando a antiga architectura para se construir as abbadias pelos ecclesiasticos, inaugurando-se desde logo a nova arte d'uma maneira a mais esplendida.

A intelligencia que preside a esta renovação d'arte, é a que se nota na mesma época em todos os ramos dos conhecimentos humanos. E' um pensamento investigador, ancioso de descobertas,

subtil no maior grau, cheio de arrojo; porém, occupando-se mais dos detalhes do que do conjuncto, limitando a sua ambição a consolidar sobre novas bases, a encobrir com novas fórmas, aquillo que havia sanccionado pelos seculos anteriores.

A disposição d'uma cathedral, por maior que ella fosse, era a imitação d'uma basilica, tal qual havia sido comprehendida na época precedente.

Compunha-se d'uma extensa nave de largura assás restringida e de grande altura, que acompanham as naves lateraes; quasi sempre ha um cruzeiro, marcando a fórma da cruz: tendo uma capella mór, mais ou menos desenvolvida; com uma galeria alta, por cima das naves lateraes, ou pelo menos um *triforium;* abobadas de barrete, sobre plano quadrado, para cobrir os lados, e o mesmo feitio d'estas abobadas para a nave principal, porém sobre um quadrado-longo; janellas dando luz á nave pela parte superior; columnas delgadas em volta, com pilares, erguendo-se desde o nivel do solo até ao nascimento das abobadas; todas estas fórmas se encontram nos novos monumentos d'este periodo. Tudo que era fundamental na construcção do edificio foi respeitado; limitando-se sobre este ponto a dar-lhe mais desenvolvimento e evidencia na sua representação. Mas as fórmas accessorias não são mais as mesmas, sendo concebidas com um outro pensamento: fica o caracter completamente mudado. Se são restringidas no seu alcance, todavia as innovações são numerosas, radicaes, reflectidas e patenteam uma admiravel virtualidade. Apparecem indicadas sobre todas as cousas; sobre os arcos, sobre as columnas, capiteis e profis, assim como sobre as janellas, sobre os ornamentos e esculpturas. E' impossivel que em nenhuma outra época se tivesse feito tanto e tão rapidamente creado novas producções d'arte. Não se encontram aqui nenhum d'esses combates interiores que haviam produzido até então as revoluções d'esta ordem. Nem a fundação de um novo imperio apparece sem infusão de sangue novo na geração, a explicar aqui esse phenomeno; pois esta renovação foi toda espontanea e geral.

Consolidar as abobadas desde o principio do IX seculo, tinha sido a maior preoccupação dos architectos da edade media, e repetidas experiencias frustradas haviam demonstrado as difficuldades do intento, e os vicios das disposições adoptadas.

Procurava-se sair d'este apuro. Entre o numero dos ensaios tentados, resultou a substituição da semicircumferencia do circulo pela ogiva, como directriz do intradoz. A nova curva tinha (comparativamente á antiga), a dupla vantagem, sob o ponto de vista da estabilidade, de não exigir tanta perfeição no corte das peças da abobada para se suster no seu logar, e de não determinar um esforço horizontal tão *consideravel.* Porém limitaram a sua applicação ao que era rigorosamente necessario e apenas a indicavam; parecia temerem de a deixar patente. Esta timidez não foi seguida pelos novos architectos. A fórma era racional: portanto põem-na ostensivamente em evidencia, traçando-a com franqueza; e por este modo apparece em seguida esta fórma exclusiva. Todas as abobadas, sejam quaes forem as aberturas, todos os arcos, sejam grandes ou pequenos, são traçados em ogiva aguda.

As abobadas, posto que diminuindo por estas acertadas disposições, podiam não ficar sufficientemente estaveis nos pontos de apoio, que separa a nave principal das naves lateraes; pontos de apoio dos quaes se procuravam então reduzir tanto quanto fosse possivel as dimensões horisontaes: oppondo-se á sua acção por meio de *arcos-botantes*, já não tão massivos como no XI seculo; ou ficando dissimulados como no X seculo; porém projectando os com arrojo na parte externa, e applicando-os tão elevados quanto convinha, para serem efficazes. E' verdade que podia occasionar o resvalar, ou derribar a parte superior dos contrafortes sobre que se estribavam. Preveniram este effeito mudando esses contra-fortes por corochêos mais ou menos desenvolvidos. Aqui tambem, aquillo que era racional foi adoptado sem se hesitar; mas não hesitando, se os precedentes assim o auctorisavam, uma unica cousa preoccupava: qual era a fórma que convinha melhor; pondo pois de parte sem escrupulo as tradições seguidas.

Os arcos-botantes não teem sómente por effeito darem estabilidade ás abobadas; facilitam tambem descer os peitoris das janellas abaixo do nascimento d'essas abobadas, e permittem por este meio mais luz no interior dos monumentos, cousa que antes não era possivel fazer-se. Por isso as antigas egrejas eram sombrias; e muito principalmente nas cidades do norte: porém as construidas pelo novo systema poderam ter bastante claridade.

Ao mesmo tempo, as galerias superiores, que tinham sido inventadas mais depressa pela necessidade de elevar á altura conveniente a parte da abobada formando arco-botante que as cobria, do que pela rasão de offerecerem maior espaço para utilidade, foram abandonadas; sendo substituidas por essas galerias baixas e estreitas, ás quaes deram o nome de *triforium,* e que haviam já sido introduzidas na pratica da architectura Romã.

A nova arte não se affasta com menos evidencia da precedente pelas suas proporções e formas decorativas.

As proporções vem a ser mais esbeltas. As naves são mais elevadas, as frestas mais ouzadas; as empenas mais agudas do que as que se tinham cons-

truido antes. Ao mesmo tempo que a altura das columnas augmenta, o seu diametro diminue, e os mais volumosos pilares ficam disfarçados por columnas delgadas e enfeixadas.

Os capiteis cubicos, os capiteis enfeitados, os capiteis que ornam as folhagens byzantinas ficam desprezados, não estando já em harmonia com a disposição das novas columnas. Aquelles que são mais abertos, rodeando-se de folhas enroladas em volutas, ou, mais depressa, em cogulos na parte superior, serviam-se da flora da localidade em que se fazia a construcção. Da mesma maneira são as folhagens que armam as cornijas ou cobrem as inclinações das empenas.

A ornamentação toma mais importancia que durante o periodo da arte Romã, a qual se introduz em toda a parte. Nada parece que não seja proprio á decoração, e nenhuma superficie deixam ficar liza. Molduras acompanham os artezões das abobadas; folhagens vestem as arestas dos corochêos e dos pinaculos; delicadas arcaduras cobrem as paredes, as gargolhas transformam-se em animaes fantasticos. Os portaes adquirem grandes desenvolvimentos, e são da maior magnificencia.

Durante um certo tempo as novas formas se experimentam, e as antigas resistem; a ogiva se associa á volta inteira; ao lado de ornamentos archaicos, apparecem outros que saem completamente das tradições; as proporções não têem ainda a temeridade que mostraram mais tarde. O estylo d'esta época é que foi devidamente chamado o — *estylo de transição*.

Durou mais tempo em França que em nenhuma outra parte, porque ali era o ponto de partida, o foco da elaboração, e ali deixam numerosos monumentos, e importantes edificios. Póde-se marcar a segunda metade do XII seculo este periodo de luta ou de hesitação. Desde o começo do seculo seguinte, a nova arte, a arte ogival, ficou completamente constituida.

Se alguns ecclesiasticos deliniam ainda alguns projectos de architectura Romã no silencio de suas cellas, elles não teem acceitação além do seu mosteiro, e as suas lamentações são infructuosas. Não ha mais vestigios da volta inteira, nem ornamentos byzantinos desde os primeiros annos do XIII seculo.

O mais completo monumento d'architectura da época de transição é sem duvida a antiga cathedral de Noyon em França. Compõe-se esta egreja de tres naves, de dois cruzeiros, como a cathedral de Worms na Allemanha. As frentes septentrional e meridional d'esta cathedral são circulares; tem uma capella mór circular, em roda da qual radiam cinco capellas egualmente circulares. Sobre cada uma das frentes orientaes dos cruzeiros, existe um portal. Do lado do oeste entra-se na egreja por tres portas precedidas de um adro. O portal está flanqueado por duas torres collossaes, de aspecto veneravel e solido. Por cima de duas escadarias que flanqueiam a capella-mór no lado do occidente, e tocam o lado oriental dos cruzeiros, se erguem duas torres que não se chegaram a concluir. Quatro escadas commodas, claras e espaçosas, conduzem ao magnifico triforium, ou tribunas do primeiro andar, cujas aberturas sobre a nave principal se compõem d'uma grande arcada, a ogiva dividida por uma columna que sustem um lado de duas outras ogivas. A nave é formada de pilares quadrados flanqueados de delgadas columnas, e columnas isoladas sustentando arcos de ogiva. As columnasinhas da capella-mór, que em numero de doze se elevam por cima dos capiteis de cada columna do rez-do-chão, e se elevam até ao nascimento da abobada, tem 7 braçadeiras. As columnas das cinco capellas da abside tem egualmente uma faixa. As 6 capellas lateraes, ao norte da nave, são do XIII seculo.

O fundo da capella-mór de N. S. Noyon e inclina para a direita; pois em se prolongando o eixo da capella-mór, occidente até ao grande portal central da nave, este eixo chega á esquerda d'aquelle tirado da porta principal a uma distancia de quasi um metro, 0,^{m}92.

O comprimento na parte interna d'este monumento é de 91,^{m}33. A largura da nave, de centro a centro das columnas isoladas é de 10,^{m}23, a largura das naves lateraes é de 4,^{m}76: a largura total da egreja é de 19,^{m}76: o comprimento total do edificio, comprehendendo o portal, é de 103,^{m}11. A altura debaixo das abobadas é de 22,^{m}73.

A ornamentação é rara n'esta egreja, apparece unicamente nos capiteis e em algumas misulas da capella-mór. Todos os capiteis do XII seculo são compostos de folhagens formadas de plantas exoticas. A maior variedade se encontra nos capiteis d'esta cathedral; unicamente os das columnas juntas aos pilares da nave principal se repetem; todas mostram essa folha larga de cogulhos revirados nos angulos, estylo ainda em uso no XIII seculo.

N'este monumento religioso é talvez onde a ogiva se acha misturada a volta inteira de uma maneira a mais patente e a mais extraordinaria. Vê-se nas arcadas do rez do chão da nave, depois no triforium; por cima d'este ultimo gira uma elegante pequena galeria com arcos de volta inteira. No andar em questão as grandes janellas abertas na parte superior da parede coroando as arcadas da nave, o triforium e a pequena galeria, está formada de abertura, com o arco de volta inteira. Cada espaço de que se compõe a egreja contém duas janellas geminadas, cercadas egualmente d'uma volta inteira. Na

parte externa, do lado occidental não apresenta nenhuma ogiva: esta apparecê no exterior da capella-mór e dos cruzeiros unicamente. Eisaqui como se apresenta o periodo de transição, não devendo esquecer a influencia que tiveram os monumentos romanos, nos paizes onde elles existiram; foi grande causa para influir nas concepções dos architectos no primeiro seculo da edade media; o mesmo aconteceu para a época de *transição*, e varios exemplos que se encontram nas egrejas d'esse periodo, comprovam que os artistas da edade media não eram indifferentes ás bellezas dos monumentos antigos, e que, se modificavam em alguma cousa a architectura que tinham patente, foi para apropriar á destinação dos seus edificios; como por exemplo, pôr estrias nas pilastras, etc.

As torres pertencentes á época de transição não differem d'aquellas do seculo precedente emquanto ás suas disposições geraes. São caracterizadas sobretudo pela presença da ogiva e da volta inteira nas ventanas das torres. As arcadas trilobares são tambem muito empregadas n'esta época. Os corochéos postos na base das frechas, são mais elegantes, mais elevados, feitos com mais leveza do que os do seculo precedente, apresentando pequenas arcadas rendilhadas e com molduras ornadas de folhas de fetus. Os estudos sobre os edificios religiosos d'este periodo são muito interessantes, pois que se observa não só a fuzão do estylo romã e do estylo ogival, mas reconhece-se a origem e o desenvolvimento progressivo d'este ultimo estylo.

Não posso deixar no esquecimento uma cathedral de grande importancia para o estudo que emprehendemos, que vem a ser o notavel monumento da cidade de Bonn, nos Estados Prussianos a 25 kilometros de Colonia: a sua cathedral, chamada tambem *Munster*, merece toda a attenção do archeologo e do architecto.

Attribue-se geralmente a primeira fundação, assim como a de muitas outras, á imperatriz Helena, e uma tradicção diz que a mãe de Constantino a tinha consagrado, no anno de 119 á memoria dos Santos Cassio e Florencio, chefes da legião thebana, essa heroica cohorte de christãos que se deixaram antes exterminar, do que adorar os falsos deuses: existindo ainda d'essa remota fundação a capella subterranea á capella-mór. Não obstante faltarem documentos positivos sobre a época em que foi levantado o edificio actual; todavia, reconhece-se, em certas partes e sobre tudo na parte meridional da capella-mór, alguns vestigios da primitiva construcção. A abside oriental, assim como as duas torres que a acompanham, parecem pertencer ao fim do XI seculo, ou ao principio do XII. Póde-se ainda attribuir quasi á mesma época as duas absides polygonaes e toda a nave principal até á segunda galeria, por cima da qual mostra um outro estylo.

A cathedral de Bonn apresenta uma disposição particular da qual se encontram mui poucas analogas fora da Allemanha, mas particularmente sobre as margens do Rheno; além disso, essas egrejas differem muito, posto que possuam egualmente *tres absides* semi-circulares, porém nenhuma d'ellas apresenta o comprimento desmar cado da capella-mór, e o espaço vasio que existe entre as absides e as duas torres d'Este, singularidade que fórma o caracter distinctivo d'este monumento, não sendo possivel interpretral-o, só querendo suppôr que seja um signal de fundação ecclesiastica, caracterisada pela dupla cruz archiepiscopal reproduzida no plano, bem como a intenção escrupulosa dos ultimos fundadores d'esta egreja, para conservar religiosamente á capella-mór a sua primitiva fórma restringida talvez, na origem, a esta só parte, assim como se acham exemplos entre as construcções as mais antigas dos monumentos christãos, contentando-se unicamente depois em augmentar successivamente as absides, as torres e as naves. Seja como fôr, o plano geometral representa primeiramente a figura de parallelogrammo sobre comprido, dividido em tres porções desiguaes, formando as naves, e, na parte oriental, um appendice comprehendendo a capella-mór e absides, que acompanham duas torres quadradas; depois, na extremidade das naves no sitio onde as linhas, vindo a cortar-se transversalmente, reproduzem a fórma da cruz, symbolo venerado dos christãos, notam se dois outros appendices polygonaes, dando a configuração ás absides accessorias do lado do Norte e do lado do Sul: a figura octogonal, ao centro do edificio, indica o logar da maior torre; finalmente, duas pequenas torres cylindricas flanqueam, á direita e á esquerda, a fachada occidental do templo.

Poucos monumentos têem a sua configuração externa indicada de uma maneira mais magestosa e mais severa que o *Munster* de Bonn; e por isso se explica o enthusiasmo continuo dos archeologos ao verem o seu aspecto. Essas linhas, tão simples, as combinações variadas de arcadas sobre arcadas, esta reunião de torres que projectam nos ares as suas frechas elegantes e esguias, parecendo levar a humilde oração do christão até ao throno do Ente Supremo; essa torre de tanto arrojo que corôa e domina tão magestosamente os edificios, tudo concorre para fazer da egreja dos Santos Cassio e Florencio um monumento curioso e unico, digno da admiração geral e preferido pelos artistas para as suas scientificas investigações.

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARCHEOLOGIA HISTORICA

O Foral de Penella

Summario. — Alexandre Herculano e suas principaes obras — Fr. Bernardo de Brito, D. Antonio C. de Sousa e J. P. Ribeiro — Motivo que levou A. H. a parar no proseguimento dos seus trabalhos historicos — Terras portuguezas que primeiro receberam foral — Errada opinião de Herculano e de outros sobre este assumpto, e restabelecimento da verdade historica pelo exame e confrontação diplomatica — Pelo mesmo processo se esclarecem outros pontos historicos, no texto e notas illustrativas.

Alexandre Herculano, o prodigioso historiador, o homem de mais incontestada e incontestavel probidade litteraria, que até hoje, entre nós, tem manejado uma penna, antes de se abalançar a escrever os seus quatro volumes da *Historia de Portugal*, levou annos na improba tarefa de colligir documentos authenticos da nossa vida politica, civil, ecclesiastica e administrativa; e esse vastissimo repositorio de noticias historico-archeologicas, respeitantes a Portugal, quer antes quer depois de definitivamente emancipado da corôa de Leão e Castella; esse thesouro preciosissimo, accumulado á custa de improbas e fadigosas investigações por alguns dos membros mais conspicuos e eruditos da Academia Real das Sciencias, cuja alma e oraculo elle era então; essa mina de riquezas, dispersas ou perdidas ainda pelos archivos e cartorios do reino, depois publicada por ordem d'aquella benemeritissima sociedade, sob o titulo de *Portugaliae Monumenta Historica*, é o segurissimo pedestal sobre que assenta o eterno bronze, em que elle burilou com mão de mestre os fastos portuguezes, desde o doce alvorecer da esperança de independencia no rude peito do nobre conde, Henrique de Borgonha, até ao fim do reinado de D. Affonso, o Bolonhez.

Quem hoje quizer escrever conscienciosamente, sem fazer copia quasi servil da narrativa de Herculano, a historia de Portugal, no seu longo periodo de elaboração autonomica, cujo inicio, embora inconsciente, poderia talvez remontar-se á investidura do consul, alvazil ou conde D. Sisnando no governo do territorio colimbriense, em 1064, por Fernando Magno, terminando emfim, não no Campo de Ourique, em 1139, sellada com o sangue dos pêrros mussulmanos, mas na conferencia de Samora, em 1143, onde D. Affonso VII desistiu solemne e definitivamente, na presença do legado pontificio Guido de Vico, d'esta pequena parcella da sua vasta monarchia nas mãos do ambicioso filho de D. Thereza de Leão; quem hoje quizer, dizemos, sem recalcar as pégadas do gigante, caminhar com passo firme e seguro n'este primeiro periodo de vida, tão nebuloso e revôlto, do novo organismo politico, ha de por força compulsar, dia e noite, as paginas d'aquelles tres grandes *in folio*, *Portugaliae Monumenta Historica*, trabalho assombroso de paciencia e de critica.

Não foi Herculano — já o dissemos e é de justiça dizel o — o unico operario, cujo nome ficou vinculado a este glorioso monumento; mas foi elle o architecto e tambem o trabalhador mais assiduo e indefesso, a ponto de ficarem quasi na sombra os seus collaboradores.

Fr. Bernardo de Brito, com os quatro continuadores da *Monarchia Lusitana*, e D. Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* e *Provas da Historia Genealogica*, tinham, é verdade, accumulado materiaes immensos; e o ultimo, principalmente, dá-nos bem a medida do muito que pode a vontade do homem, quando movida pelo sancto amor de bem servir a sua patria. O illustre e paciente theatino, avergado ao peso de 85 annos, cançado de viver, que não de trabalhar, desceu emfim ao tumulo, deixando publicados vinte e tres grandes volumes de trabalhos historicos, afóra muitas outras obras manuscriptas e imperfeitas, encorporadas depois na *Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real de Historia*. Foi uma vida util a d'este illustre monge; póde dizer-se que, desde que soube pegar n'uma penna, não recostou a cabeça para descançar, sem primeiro haver escripto uma pagina proveitosa para a historia do seu paiz.

Estavam, pois, reunidos muitos e valiosissimos materiaes, mas havia ainda muito que fazer; ainda pelos archivos do reino havia muito que respigar, e sobretudo faltava extremar o oiro de lei do oiropel, que tantos incautos tinha enganado.

Foi o erudito João Pedro Ribeiro, o verdadeiro fundador da *Diplomatica*, em Portugal, quem, antes de Herculano, mais pericia mostrou n'esta tão necessaria como difficil tarefa. Os 80 annos do sabio author das *Dissertações Chronologicas* não foram menos uteis que os 85 do author da *Historia Genealogica*.

Vem depois Alexandre Herculano, e, lançando mão dos elementos amontoados durante seculos, e juntando-lhes outros, ainda escondidos debaixo do pó dos archivos, prosegue a obra interrompida de João Pedro Ribeiro; illumina com os raios da sua erudição e da sua finissima critica o verdadeiro cahos, em que, não obstante a muita luz que já se havia feito, permanecia ainda a historia geral dos primeiros seculos da monarchia; reune todos os autographos ainda existentes, e todos os apographos,

de provada veracidade historica; confronta uns com outros todos estes quasi innumeraveis documentos; classifica-os pela sua natureza; alinha-os chronologicamente; destroe erros, que até alli passavam por dogmas; aponta as circumstancias dos factos, a causa que os originou, o alcance politico, social ou economico de cada um; e, feito isto, que já de si é um trabalho herculeo, que só poderá avaliar quem não fôr de todo estranho a este genero de labôres e tiver percorrido, no silencio do seu gabinete, todos os filões d'aquella mina abundante de preciosidades historico-archeologicas, que mais tarde veiu a lume com o nome de *Portugaliae Monumenta Historica*, lança emfim, com mão firme e consciencia segura, os primeiros traços da sua primorosa *Historia de Portugal*.

Latejam n'esta obra monumental as fontes de Minerva; palpita o coração da patria; convence a voz da razão; falla a justiça, desassombrada, dos homens e dos acontecimentos; a palavra reflectida, a phrase cheia, o periodo arredondado, o discurso connexo, de rigorosa deducção logica, o estylo chão, mas vigoroso, austéro, espelhando o caracter do escriptor, tudo, finalmente, parece feito pensadamente para a eternidade.

Com effeito, ainda ninguem, entre nós, se preparou com tão fina e preciosa bagagem, trabalho de longas vigilias, purificado pelos raios do espirito, para emprehender larga viagem pelas regiões da historia patria. Não vae n'esta asserção a mais leve offensa para os que, depois d'elle, ganharam na mesma arêna as suas espóras d'oiro; em tudo ha primazias.

Infelizmente para Portugal e tambem — porque não hemos de dizel-o? — para a sua memoria, que de todos nós teria ainda mais bençãos do que tem e realmente merece ter, o eminente historiador parou abruptamente, com espanto e pesar de todos, na marcha triumphante que ia seguindo, para se deter a terçar lanças com os fanaticos das velhas lendas monasticas, que das encruzilhadas o assaltavam.

Aquelle espirito lucido, sereno e recto, não foi, por desgraça, de todo isento de orgulho, que, embora legitimo, quando nascido de merecimentos reaes, é sempre infiel conselheiro; por isso, em vez de seguir ávante com o seguro da sua consciencia, de olhos fitos na justiça do futuro, deixou-se arrastar por tão funesta paixão, e, n'um azedume sempre crescente, veiu a desfechar no virulentissimo pamphlêto — *Eu e o Clero* — que, sendo uma das provas mais evidentes da pujança do seu talento, do vigôr athletico do seu pulso de polemista, do seu estylo diamantino e fulminante, é tambem mais um triste e lamentavel exemplo de que ainda as maiores summidades scientificas, litterarias, artisticas, todas, n'uma palavra, estão sujeitas a fraquezas. O impavido destruidor de idolos ridiculos, por seculos venerados no templo da historia patria, chegou a recear da justiça dos vindouros; e nos esforços que empregou para segural-a, deixou cegar-se a ponto de tambem ser injusto. É esta a verdade, embora custe dizel-a.

Os volumes II e III da *Historia de Portugal* viram a luz no meio d'esta lucta lamentavel; o IV, talvez o mais importante de todos, e com certeza o mais trabalhoso, é nosso parecer que não chegaria a publicar-se, se não estivesse concluido ou quasi concluido, quando estrondeou aos pés do Eminentissimo Cardeal Patriarcha o famoso opusculo — *Eu e o Clero*.

A penna do historiador trocára-se pelo gladio do lidador; se ainda depois a empunhou para escrever os tres volumes — *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* — foi para mostrar aos seus adversarios que elle sabia muito bem escolher as armas e o campo de combate, conforme o inimigo que se atrevia a affrontal-o. Se elle tivesse levado a cabo a grandiosa empreza a que mettêra hombros, sem dar demasiada importancia ás criticas, mais ou menos apaixonadas dos contemporaneos, Portugal poderia hoje orgulhar-se de possuir um corpo completo de historia patria, escripto com inexcedivel competencia e probidade, que faria inveja ainda ás nações mais adeantadas, e que poderia servir de lição e exemplo a todos os que amam este genero de estudos, e se deleitam em desenhar á penna, para a transmittir ao futuro, a physionomia do passado. É este o juizo de todos os homens imparciaes, em vista dos admiraveis trabalhos, que nos legou a penna vigorosa de Alexandre Herculano.

Quer isto dizer que podemos jurar sempre nas suas palavras, que podemos acceitar, sem discussão, todos os factos da sua narrativa, com todos os juizos que sobre elles assenta, com todos os corollarios que d'elles faz derivar? Não.

A razão de um homem, por mais sã que se nos revéle, por mais esclarecida que se nos manifeste, por mais alto que se libre nas regiões incommensuraveis do seu dominio, não pode formular evangelhos, que se imponham á razão d'outro homem. A maior offensa que poderia fazer-se á memoria veneranda do mestre de todos os que hoje lidamos na investigação das coisas, dos homens e dos acontecimentos dos tempos idos, seria attribuir-lhe a vaidosa pretenção de dominar despoticamente as intelligencias; porque a verdade é, que o grande lidador nunca rompeu, de viseira cahida e coração iroso, senão contra a ignorancia audaciosa, o fanatismo embrutecedor e a má fé comprovada. Só n'estes recontros desgraçados a espada da justiça

se lhe converteu nas mãos em gladio de vinganças.

Não é, pois, menoscabar a gloria do preeminente historiador recusar fé a alguns de seus assértos.

Essa gloria indisputavel não está, nem podia estar, na absoluta exactidão de toda a sua narrativa, na indefectibilidade de todos os seus juizos; está, principalmente, em ter ensinado praticamente aos portuguezes como, no seculo dezenove, se escreve a historia, deixando-lhes por modêlo os quatro volumes da sua *Historia de Portugal*.

Seja-nos, pois, licito a nós, obscuro mineiro, que, de coração alegre, as poucas horas, que nos sobram de fadigosas e inadiaveis occupações, as consagramos a excavar nas sombras do passado, esclarecer um ponto historico, que se nos afigura de alguma importancia, e que o abalisado historiador deixou no escuro, como deixou outros, que futuras e mais felizes indagações poderão vir tambem a pôr em plena luz.

(Continúa).

O socio effectivo
RICARDO SIMÕES DOS REIS.

No jornal *The American and Building News*, que se publica em New-York, appareceu um artigo do nosso insigne confrade Mr. C. H. Blackalll, ácerca da architectura portugueza, analysando a celebre construcção do monumento de Belem, que pelas suas judiciosas observações e competencia artistica merece toda a consideração, e por ser de grande valor architectonico para se avaliar a nossa arte nacional, a qual fez época em Portugal em 1500, tratando tambem de outras construcções notaveis do reino.

A maneira lisongeira como se expressa a respeito de Lisboa, torna egualmente interessante este artigo; e nós lhe ficamos muito penhorados e agradecidos, pela amabilidade d'este nosso confrade em ter dedicado a sua instructiva publicação á nossa humilde pessoa.

Em seguida reproduzimos uma traducção do artigo.

J. DA SILVA.

ARCHITECTURA PORTUGUEZA

Lisboa

Por qualquer motivo, Portugal parece ser pouco visitado por artistas e ainda menos por architectos.

Não é facil explicar qual a razão d'isto; porque o paiz é de muito facil accesso, tanto por mar, em que a viagem a partir d'Inglaterra não dura mais de dois ou tres dias, como em caminho de ferro para as pessoas qne ao mesmo tempo queiram passar por Hespanha. Portugal offerece na realidade muitas attracções, tanto aos individuos interessados em qualquer arte, como aos simples touristes que unicamente viajam, procurando novas sensações e passar tempos agradaveis.

Gosa-se um clima que é uma continua primavera durante todo o anno; tem uma situação que difficil será encontrar egual no mundo; boas conducções para todas as direcções; bons hoteis e variedade de divertimentos; d'este modo, não é pois para admirar que quem visita Lisboa fique encantado e maravilhado de a conhecer; admira-se pois que tão poucos Americanos inglezes para ali viagem, devendo Lisboa ser vista para ser apreciada como merece.

Uma simples descripção dará uma vaga idéa das suas bellezas: effectivamente ha poucas coisas a descrever, porque Lisboa é pobre em monumentos.

Podemo-n'os deleitar com as bellezas do vasto Tejo, em que não abundam muito os navios das differentes nacionalidades, apenas se vê aqui e ali navegar algum navio de véla ou a vapôr, o que denota não haver grande numero de ancoradouros e pouco commercio; comtudo vêem-se ruas de bastante movimento commercial, como a rua Aurea, onde predominam tentadoras obras de ourivesaria, e que termina n'uma grandiosa praça á beira mar denominada Praça do Commercio. Encontram-se tambem lindos passeios e parques revestindo os cumes de alguns dos muitos elevados outeiros sobre que Lisboa é edificada; mas as construcções architectonicas não se notam á primeira vista. Desde 1755, anno em que a cidade ficou completamente destruida pelo terrivel terremoto, tem havido poucos distinctos architectos em Portugal, e ainda menos constructores de merito. Ha cento e cincoenta annos que Lisboa devia ter possuido bastantes edificios notaveis; comtudo, pelos poucos exemplares architectonicos que o terramoto poupou, merece a pena visitar se esta cidade.

Na parte baixa da cidade, onde foram mais desastrosos os effeitos do terramoto, está a cathedral: a sua fachada principal é, pela sua especial construcção, com duas torres quadradas sobre o frontespicio, de consideravel altura e simplicidade, sendo a parte interna mais notavel pela sua disposição, do que por sua architectura. Na verdade, esta cathedral é interessante pela forma do plano.

É necessario considerar que este edificio foi começado sob a influencia *ingleza*, por causa do seu primeiro bispo, de Salisbury. A cathedral foi construida em 1147, e tem soffrido muito com os repetidos tremores de terra, destruindo se quasi todas as suas principaes partes, excepto as torres e uma parte do absis, sendo reedificada em muitos periodos differentes; e o seu original caracter gothico tem sido inteiramente alterado, com as obras

do renascimento; todavia têem sempre conservado a mesma disposição do plano.

De todas as egrejas que se encontram em Portugal, é esta, cujo plano mais se approxima ao perfeito typo gothico, sendo semelhante ao que existe em França. Realmente não ha em Portugal outro exemplar de igual importancia, que tenha um absis com o desenvolvimento perfeitamente circular e ornado com capellas vistosas.

Lisboa está edificada ao longo da margem direita do Tejo, na extensão de sete milhas approximadamente.

A parte mais occidental da cidade, conhecida por suburbios de Belem, possue uma obra que é digna de um estudo particular, não só por ser o melhor monumento de architectura de Lisboa, como tambem por ser a mais caracteristica producção architectonica do paiz.

No seculo XV, existia em Belem uma ermida muito antiga e modesta. Quando Vasco da Gama estava para partir em descobrimento das nossas terras, no que tanto immortalisou o seu nome, foi ali implorar a protecção da Virgem, e o infante D. Henrique, que estava para o acompanhar na sua perigosa travessia, fez um voto, de que, se a empreza tivesse o resultado desejado, elle construiria no mesmo sitio, onde existia a ermida, uma egreja que excederia todas as outras em negligencia.

Dois annos depois, em cumprimento d'este voto, foi então começada por el-rei D. Manoel a presente egreja de Belem.

Foi tambem construido um convento que foi occupado pelos monges de S. Jeronymo.

O desenho é INTEIRAMENTE PORTUGUEZ EM TODOS OS SEUS DETALHES, e não se encontra, tanto por dentro como por fóra, qualquer signal que indique *ter havido influencia alguma estrangeira*. A este respeito é quasi unico na sua especie, pois que a maior parte dos edificios portuguezes, tanto civis como religiosos, foram delineados por estrangeiros, ou então modificados por associações estrangeiras, o que faz com que a verdadeira tendencia architectonica da nação seja imperfeitamente representada. Jámais os portuguezes tiveram uma tão genuina inspiração como a que se admira aqui.

Seria bastante para desejar, que se podesse investigar quaes os antecedentes d'este desenho, e vêr como foi extrahido da architectura contemporanea d'outros povos; mas os documentos desappareceram e os dezoito terremotos que em varias occasiões tem visitado Lisboa, destruiram inteiramente todos os vestigios d'alguns edificios locaes que podessem ter preparado o caminho para um desenho tão rico e abundante em idéas como este.

O systema geral póde considerar-se como gothico do seculo XIII; comtudo em nenhum outro paiz foi o *gothico* tratado d'uma maneira tão florida e phantastica.

Os detalhes tanto de esculptura como d'ornamentação são positivamente do Renascimento; pelo modo do remate do edificio e floridas cornijas assim como pela disposição das bellas janellas tendo ornatos contrapostos com o apparelho das paredes planas, o uso adoptado da luz vertical produz pronunciadas sombras. A forma quasi plastica do desenho prova á evidencia que os Mouros deixaram em Portugal bastante influencia da sua arte, como em Hespanha. Dizer que o desenho era Gothico, no seu systema geral; que parecia do Renascimento nos detalhes, e Mourisco no caracter, é quasi uma cousa impossivel de se provar e comtudo é esta exactamente a impressão que a egreja de Belem deixa no espirito de qualquer observador; comtudo com esta variada modificação, aquella composição gothica do Renascimento e Mourisca não existe tal qual em parte alguma; senão como pontos suggestivos de um desenho inteiramente conforme como este estylo portuguez; como se nota ser a Santa Capella de Paris, estylo francez, ou a capella de Gioto, estylo italiano.

A egreja é coberta por tres linhas de aboboda, de construcção tão ousada que a sua projecção sobre papel quasi parece ser impraticavel na execução. Realmente d'esta maneira a abobada cahiu logo depois de ser construida, e a historia diz-nos que havia o architecto delineado um plano de tão pouca confiança que nenhum operario poderia ser obrigado a tomar conta da sua reedificação. A abobada foi finalmente acabada pelos *criminosos condemnados á morte*, aos quaes seria concedido o perdão, se por ventura escapassem,

A obra só teve exito pela segunda vez que foi construida, e sustentou se tão bem que, apezar da egreja ser violentamente abalada pelo grande terramoto, nenhuma pedra se deslocou. E' duvidoso, que, sendo os francezes bons constructores como eram, podessem construir uma abobada que fosse capaz de resistir a uma tão violenta prova como aconteceu a esta que existe em Belem. Sómente em desenho se poderá dar uma idéa approximada da disposição d'esta abobada, que é similhante á abobada em fórma de leque, construida na capella de Henrique VII em Westminster, com a differença que os *leques* aqui não são tangentes, e formam completos circuitos em volta dos pequenos pilares; emquanto que na capella Ingleza a abobada tem toda a vantagem da resistencia por ficar apoiada por uma grossa parede continua. As columnas que servem d'apoio em Belem tem vinte e cinco metros d'altura até á nascença da abobada, e metro e meio pouco mais ou menos de diametro.

Os claustros ficam logo ao norte da egreja, e são

do mesmo estylo, mas com detalhes d'um caracter mais pronunciado do Renascimento, que parecem indicar que foram construidos depois de 1500, anno em que a egreja foi começada. Os claustros do segundo andar estão incompletos, faltam-lhes umas pequenas columnas torcidas e curiosas, os seguintes dos arcos tornam a parte mais baixa mui interessante. As restaurações têem progredido agora e como é uma simples questão de repetição de detalhes que já existem, os claustros ainda hão de apresentar todo o pittoresco interesse do original primitivo.

(Continua).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 79

No anno de 1875 publicámos no tomo I, n.º 6, do *Boletim* da nossa associação, pag. 91, a interessante descoberta de uma necropole romana em Alcacer do Sal, dando uma estampa colorida que representava a pintura da maior urna cineraria, que ali se tinha encontrado; e mencionavamos egualmente os raros objectos archeologicos em metal que estavam no mesmo local, taes como: freios de ferro, admiraveis folhas de espadas com punhos de bronze cinzeladas, lanças de ferro, fibulas de bronze, vasos *lacrimatorios*, lampadas mortuarias de barro, moedas, etc., etc.; assim como uma curiosa e rarissima mascara de barro, *colorida em estuque polido*, da qual publicamos tambem depois a photographia no n.º 13 do referido *Boletim* no anno de 1876.

Todas estas antiguidades romanas estiveram em meu poder, pois que havia proposto ao proprietario de as adquirir para o Museu do Carmo da nossa Associação, o que nos proporcionou a occasião de tirar a copia não sómente da grande urna, como o cliché da mascara; porém, outra offerta mais elevada por outra pessoa frustrou a acquisição. Todavia, dei conhecimento ás associações archeologicas estrangeiras, de tão importante descobrimento feito no territorio de Portugal; mas nunca mais se fallou d'este achado.

Passados 5 annos, quando houve o congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica em Lisboa; tendo vindo á capital com outros distinctos archeologos francezes o afamado Mr. E. Cartailhac, encarregado pelo seu governo de fazer investigações archeologicas em Portugal, paiz ainda pouco explorado nos estudos prehistoricos, e havendo este sabio alcançado do nosso governo todas as facilidades para realisar os convenientes resultados de suas scientificas investigações, tão bom exito obteve, que descobriu nas cavernas artificiaes d'Almada vasos de superior forma e esmerada execução sem terem sido executados a torno, como ainda não se tinham encontrado em Portugal.

Desejando Mr. Cartailhac prestar mais outro importante serviço á sciencia archeologica, deu á luz uma muito erudita obra sobre as antiguidades archeologicas de Portugal e Hespanha, obra de grande merecimento que ultimamente (1886) foi publicada em Paris com o titulo de *Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, illustrada de 500 esmeradas gravuras; e querendo dar um cabal conhecimento dos mais importantes descobrimentos feitos em Portugal, dirigiu-me Mr. de Cartailhac, em 5 de março de 1885, uma carta com o seguinte pedido: «Voulez-vous me permettre de vous demander de «rendre un grand service à la science? Vous avez «à Lisbonne... une caisse remplie d'objets en fer, «de medailles, de poteries trouvés auprès d'Alca«cer do Sal. *J'ai pu voir un moment tous ces ob«jets*, ils ont *une importance capitale pour l'Eu«rope entière*. Je n'ai pas osé demander la per«mission de rien dessiner et le déplore. Je suis dans «l'impression de mon livre juste à l'endroit où il «me faudrait parler de ces *magnifiques sabres*, *de «ces mors de chevaux*, *de ces lances*, *etc.* Je suis «désespéré de ne pas avoir le dessin de quel«qu'uns. Si vous pouviez faire photographier quel«ques types, vous rendriez mon livre plus com«plet et je vous remercierai publiquement. Je vous «assure que la *renommée archéologique du Portu«gal* en tirerait un tel bénéfice, que je vous de«mande d'aller, au besoin, *solliciter l'ordre de sa «magésté, votre Roi*».

No intuito de prestar serviço á sciencia, e mui principalmente ao meu paiz com uma tão notavel noticia d'este thesouro, que lhe grangearia dos sabios uma fama assaz lisongeira, não hesitei em concorrer para ser esse achado conhecido no mundo.

Tomei o conselho proposto pelo archeologo francez, alcançando d'el-rei o Sr. D. Fernando a auctorisação para me serem franqueados os citados objectos da necropole de Alcacer do Sal.

Acompanhado pelo habil photographo Rocchini, fui ao local onde estava o caixote. Despregado na nossa presença e dos serventes necessarios para esse trabalho, fiquei surprehendido de não achar os objectos raros de ferro e de bronze! Indagando se haveria outro caixote em que elles estivessem, me foi respondido não haver nada mais procedente de Alcacer do Sal!

Afim de satisfazer ao pedido do meu estimado confrade, dispuz os objectos encontrados e d'elles tirou-se um cliché, o qual representa a estampa d'este numero; pois que, além d'esta vista fazer parte das outras antiguidades que teriam dado tão subida importancia scientifica ao nosso paiz, tambem completava a publicação já feita, dando agora o de-

PORTUGAL

NÉCROPOLE DE ALCACER DO SAL

Idade do ferro

Estampa 79

Pag 92

senho completo das urnas cinerarias, que tinha sido publicado no n.º 6 do tomo I, sómente o desenvolvimento em superficie plana do assumpto com as figuras coloridas. Vinha a ficar, por este modo, mais conhecida a grandeza e a forma que tinham essas urnas romanas, assim como a disposição das figuras.

Foi grande perda a dos outros objectos, e todos os homens de sciencia a lastimaram, porque ainda não se tinham achado objectos da 1.ª edade de ferro tão caracteristicos, como os de Alcacer do Sal, por pertencerem, pelo menos, ao III seculo; quando sómente na Grecia se tinham descoberto outros similhantes, do IV seculo, e em Italia, do V seculo de J. C.

J. DA SILVA

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

Descobertas recentes de monumentos megalithicos na Russia Meridional

Tendo em 1886 emprehendido o archeologo russiano Mr. Felitzin, investigações nos districtos de Maïkop e de Batalpadchinsk ao noroeste do Caucaso, fez descobertas muito importantes de *dois grandes cemiterios compostos de Dolmens*, de remota antiguidade. Cada um d'estes cemiterios contém até cem monumentos, apresentando necropoles inteiras! Alguns conservam ainda o seu typo primitivo. Os Dolmens são designados pelos habitantes actuaes com a denominação de *Casas dos Valentes*. Geralmente têem a forma d'uma especie de grandioso cofre de pedra, formado por quatro enormes lousas, preparadas de uma maneira primitiva, pesando pelo menos 4:000 kilogrammas cada uma.

Estas pedras estão collocadas verticalmente e cobertas por uma quinta pedra, deixando um rebordo em contorno, e tendo um pequeno buraco circular na pedra da frente, que serve de entrada. Alguns d'estes monumentos estão postos sómente sobre o solo; outros ficam collocados sobre outeirinhos artificiaes de diversas alturas; uma terceira cathegoria está metade soterrada; ha mesmo alguns que parecem estarem escondidos no terreno, de maneira que a superficie superior fica unicamente visivel pela lousa superior.

Estes Dolmens ficam dispostos por grupos de 3, 5 e 7, representando uns, no seguimento dos outros, alinhamentos assaz regulares. Alguns estão rodeados de pedras postas ao alto; junto a outros, principalmente d'aquelles que se encontram sobre os outeirinhos, estão renques de pedras, juntas umas ás outras formando especies de galerias que conduzem á entrada dos Dolmens.

Além d'estes cemiterios de Dolmens o referido archeologo achou os vestigios de extensas fileiras de pedras erguidas no comprimento perto de um kilometro com pequenos intervallos entre si na direcção do sul ao norte; similhantes aos Cromlechs de Inglaterra, das Indias e das margens do Mediterraneo.

As excavações d'esses monumentos deram sempre em resultado esqueletos humanos, silex, vasos de barro de differentes formas, com ornamentação caracteristica da idade do bronze; algumas vezes flechas de bronze, fivellas, anneis e pequenas perolas do mesmo metal. N'um dos Dolmens havia uma espada romana e uma moeda bosphoriana da éra 215 de J. C.

Outro havia servido para sepultura de 15 cadaveres, estando todos assentados. Esta maneira de collocar os cadaveres foi sempre encontrada em todos os monumentos investigados. Ao lado dos esqueletos humanos muitas vezes apparecem ossos de diversos animaes domesticos, cães, cavallos, carneiros, etc.

Notou Mr. Felitzin, que os Dolmens nos quaes tinha feito as suas investigações, todos apresentavam o aspecto commum aos mesmos monumentos encontrados na Africa e nas Indias, assimilhando-se mais com as construcções megalithicas de Inglaterra, Dinamarca e peninsula Scandinava. Isto provaria, conforme a opinião do archeologo russiano, mais um dado para se suppôr que as peregrinações de muitos dos povos vindos da Asia Central, seguiram o caminho do Caucaso e não dos Oural e do Volga. É evidente que as populações constructoras dos Dolmens passaram das margens orientaes do mar Negro, para as septemtrionaes, onde a costa da Criméa apresenta uma serie de monumentos do mesmo genero. Foi n'estes dois paizes que se encontraram os Dolmens. Os do lado meridional da Criméa foram descobertos primeiramente por André Fabre, membro da sociedade de historia e antiguidades de Odessa em 1818. Estabeleceu elle, n'essa mesma época, a similhança d'estes monumentos com os Dolmens dos arredores de Genebra.

Em 1845, mr. Felitzin teve occasião de ver os Dolmens indicados por Fabre. Havia 7 proximo de Yalta, Districto da Costa. Tudo que refere Mr. Felitzin a respeito dos Dolmens caucasianos, recentemente descobertos, está d'accordo com os exemplares da Criméa. Estes têem tambem sobre o solo as mesas enormes, cofres formados de quatro lousas, de origem primitiva, com o comprimento, alguns, de 4 metros, e cobertos por uma 5.ª lousa de fórma irregular. Alguns d'estes monumentos estão inteiramente fóra do solo, porém outros apparecem soterrados. Todos apresentam, como no Caucaso, vestigios da mais remota antiguidade, e foram

investigados e desmanchados ha muitos seculos. Do interior dos tumulos deviam ter despojado os cadaveres, porque todos estão cheios de entulho e de nenhuma terra vegetal. Outro facto que chamou a attenção dos archeologos foi a differente grandeza dos Dolmens da Criméa. Ha construcções do comprimento de 4 metros, e outras que não têem mais de 1 metro e 35 centimetros, de largura 80 centimetros e altura 65; mas os cadaveres não seriam enterrados, ficando deitados ao comprido, e sem duvida collocados, ficando sentados; da mesma maneira como se verificou no Caucaso.

Na *Ethnographia dos povos da Europa antes de Jesus Christo*, Mr. Ch. Stern, da Academia Real da Belgica estabelece com acceitaveis dados a dupla direcção, em que tiveram logar as imigrações da Asia central. A corrente septentrional devia passar o mar Caspio na direcção do Volga, e a meridional devia d'Arménia avançar para o Hellesponto e chegar á Europa pelo Propontide. O mesmo sabio estabelece egualmente uma terceira corrente média; partindo das margens do mar Caspio para o Sudoeste e chegando em frente da Criméa para o Noroeste, ás margens da Scandinava e da Chersonesia Cimbrica. Já a sciencia alcançára em 1872 as mesmas conclusões que obteve o mais recente explorador dos Dolmens caucasianos.

J. DA SILVA.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

CAPITULO I

Principios da arte christã no Occidente

PRIMEIRO PERIODO

(Continuação)

Encontram-se nos tumulos dos fieis: tecidos d'ouro, anneis, bracelêtes e bijoterias, brinquedos de creança, relicarios portateis, vasos de vidro ou d'argila collocados ordinariamente perto das cabeças dos cadaveres, instrumentos de supplicio.

Vasos de sangue. Entre os signaes certos do martyr o principal é o vaso de vidro ou d'argila, que serviu para recolher *o sangue do martyr*, collocado dentro do tumulo, ou no exterior do nicho sepulchral.

Objectos collocados no exterior do tumulo. Entre estes objectos, uns são executados pela mão do homem, outros não o são. Podem classificar-se, na primeira cathegoria, os *baixos relêvos*, as estatuetas, os pequenos *bustos*, e os fragmentos de esculpturas em pedra e em marmore, os cacos de louça, os fragmentos de *vasos* de *crystal* e de *vidro esmaltado* e *dourado*, os prismas e as pequenas *placas* de *mosaico*, os anneis, os collares, os bracelêtes, e um grande numero d'outros objectos de *toilette feminino*, d'ambar, ouro, marfim e nacar, os brinquedos de creança, as folhas de taboa de escrever, as placas de bronze, as guarnições e os ornamentos para portas e cadeiras, d'ouro, marfim, bronze e ferro, os camapheus, as moedas e as medalhas, os utensilios de cosinha; n'uma palavra, tudo desde o objecto mais ordinario até ás joias mais preciosas.

Encontram-se tambem fragmentos brutos de toda a especie de substancias, os mais diversos objectos naturaes e os mais extravagantes; pedaços de tufo, estilhaços de pedra ou de tijôlo, caróços de fructos, folhas d'arvore ou de planta, dentes e ossos d'animaes, caracoes, cascas de mexilhão e d'óstra, conchas, etc.

Estes objectos fixos ao cimento, eram dispostos de maneira que podessem desenhar figuras de que facilmente se podesse fazer idéa.

Outros monumentos christãos dos tres primeiros seculos além das catacumbas. Occupar-nos-hemos dos edificios religiosos construidos sobre a terra, dos cemiterios construidos ao ar livre, dos paramentos sagrados e dos instrumentos do culto, anteriores á abjuração de Constantino.

Sabemos por documentos historicos que muitas pessoas abastadas tinham em seus palacios oratorios onde os soberanos Pontifices vinham celebrar os Santos Mysterios na presença da multidão dos fieis. Muitos d'estes oratorios foram substituidos, depois da abjuração de Constantino, por basilicas, ás quaes deram o nome das pessoas piedosas que haviam cedido á egreja o direito de propriedade; e se mais tarde estas pessoas ficavam consideradas no numero dos Santos, estas basilicas eram-lhes dedicadas.

A mais remota menção d'um templo christão data do tempo de Alexandre Severo, que foi imperador desde 222 até 235.

Não é conhecida a fórma nem a distribuição interior d'estas primitivas egrejas.

Os unicos monumentos notaveis dos tres primeiros seculos, até hoje conhecidos, são as *cellas* dos cemiterios, ás quaes se deu tambem o nome de *basilicas*, desde o principio do IV seculo.

Estes pequenos edificios, construidos nos cemiterios, serviam para ponto de reunião dos fieis.

Cemiterios ao ar livre. As sepulturas christãs foram estabelecidas, desde o principio, ao ar livre.

Estes cemiterios, designados em geral pelo nome de *d'areae* [1] eram, do mesmo modo que as catacumbas, situados fóra das portas das cidades; porque as leis romanas prohibiam severamente as inhumações dentro dos muros.

Depositavam-se os cadaveres, quer em simples

[1] Tinha a mesma designação que criptæ e cœmeteria.

fóssas, algumas vezes revestidas interiormente de tijólos e de lages, quer em pias de pedra, ou caixões de madeira mettidos debaixo da terra. As paredes dos tumulos mais ricos eram, dadas certas circumstancias, rebocadas de argamassa, ou estucadas e decoradas com pinturas *a frêsco*, semelhantes ás das galerias e capellas sepulchraes das das catacumbas.

Paramentos e objectos do culto. Parece certo que, durante os primeiros seculos, os paramentos sagrados não se differençavam dos fatos ordinarios, nem pela fórma nem pelo talhe.

Do mesmo modo que aproveitavam para os sagrados paramentos as fórmas e os pannos dos fatos ordinarios, assim tambem aproveitavam para o serviço dos altares os vasos ricos e preciosos que haviam servido aos usos profanos.

(*Continua*). POSSIDONIO DA SILVA.

ERRATA

Convem fazer rectificação de um termo com que foi explicada a estampa n.º 48 do n.º 1.º do Boletim, Tomo III, pag. 8 e 9, linhas 23 e 9. Revendo este volume notei que o termo *gravura* tinha sido inadvertidamente applicado para explicar o genero de trabalho do original pertencente ao bellissimo livro de Horas que possuia el-rei o Sr. D. Fernando; quando essa palavra deveria ser *illuminura*, como é mui facil de verificar, examinando-se o trabalho da reproducção d'essa estampa.

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Resultado das eleições da Assembléa Geral da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes em 19 de dezembro de 1886, para o exercicio do anno de 1887.

ASSEMBLÉA GERAL

Presidente, Joaquim Possidonio Narcizo da Silva — *Vice-presidente*, (architectura) Valentim José Correia — (archeologia) Visconde de S. Januario — *Secretario*, (architectura) D. José de Saldanha Oliveira e Sousa — *Vice-secretario*, Ernesto da Silva — *Secretario* (archeologia) Visconde de Alemquer — *Vice-secretario*, Visconde de Castilho — *Thesoureiro*, José da Cunha Porto — *Bibliothecario*, Conselheiro José Silvestre Ribeiro — *Conservadores*, Conselheiro Jorge Cesar Figanière e General Antonio Pedro d'Azevedo.

SECÇÃO D'ARCHITECTURA

Presidente, Valentim José Correia — *Secretario*, Antonio José Gaspar — *Delegado*, José Maria Caggiani — *Supplente*, Licinio N. Silva.

SECÇÃO D'ARCHEOLOGIA

Presidente, Ignacio de Vilhena Barbosa — *Secretario*, Zephyrino Brandão — *Delegado*, Carlos Munró *Supplente*, Borges de Figueiredo.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÃO

Presidente, General Antonio Pedro d'Azevedo — *Secretario*, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa — *Delegado*, Pinto Bastos — *Supplente*, Eduardo Dias.

A secção scientifica e artistica encarregada de niformar a Assembléa ácerca das obras nacionaes e estrangeiras offerecidas á nossa Associação, ficou composta dos socios Visconde de Alemquer, Marquez de Vallada, Zephyrino Brandão, General Antonio Pedro de Azevedo e Borges de Figueiredo.

A benemerita Camara Municipal de Lisboa deliberou fundar tres premios da quantia de dois contos de réis para serem conferidos aos auctores dos projectos para edificações nobres que se construirem na capital, afim de animar os architectos nacionaes a produzirem obras artisticas de reconhecido merecimento.

Compoz um jury de seis architectos, dois pertencentes á referida camara, tres da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, e um eleito pela nossa Real Associação, e serão presididos pelo vereador.

Tendo-se procedido a essa escolha na sessão de 19 de Fevereiro, foi eleito o nosso digno presidente o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva. Na mesma sessão o mencionado presidente propoz que se louvasse o Municipio pela generosa protecção com que deseja dar impulso ao aperfeiçoamento das construcções no nosso paiz, e com reconhecimento dos nossos confrades se agradecesse tão illustrado e patriotico incentivo.

O distincto archeologo Americano Inglez Mr. Elmer Reinolds participou ter já entregado ao representante de Portugal em New York os caixotes com a interessante collecção de 1250 objectos prehistoricos que offereceu para o museu da nossa Associação, informando que no mez de Maio proximo enviaria outros objectos tambem de interesse scientifico, entre os quaes sementes de arvores desconhecidas em Portugal, afim de ver se poderão vegetar no nosso solo. São importantes e generosos os serviços que deixarão vinculado o nome de tão acreditado sabio nos annaes do Museu Archeologico de Lisboa.

O curso de archeologia, tanto da primeira como da segunda parte no anno findo de 1886, fez alcançar a quatro estudantes ficarem laureados com os premios pecuniarios. Outros sairam approvados.

Sempre perseverante no proposito de se divulgarem os conhecimentos archeologicos em Portugal, o nosso prezado presidente, o sr. Possidonio da Silva está publicando mais uma obra de bastante utilidade, afim de se conservarem os objectos do culto; assim como evitarem se indesculpaveis erros nas restaurações dos edificios religiosos. Enviou já a 2:000 parochos do reino o 1.º fasciculo d'essa obra que se intitula Resumo Elementar de Archeologia Christã. E' de suppôr que correspondam a este louvavel empenho, visto a maneira como esta publicação se pode adquirir.

Chegou a occasião de se compôr a inscripção antiga junto ao portal do Museu do Carmo, que havia sido mutilada quando a camara mandou construir os degraus para desaffrontar as columnas do frontespicio, em que a calçada da rua occultava um terço do fuste, porque o pedreiro que assentou o pilar do lado do norte imitou o que havia praticado do lado do sul da escada, encaixando o pilar na cantaria do edificio, o que não importava vandalismo, pois n'esse logar não havia nenhuma inscripção.

A digna Camara, tomando em consideração o pedido da nossa Associação, deu-lhe parte que se ia proceder áquelle reparo para a incripção ficar inteiramente visivel, o que merecerá os louvores de todos os archeologos nacionaes e estrangeiros.

NOTICIARIO

Em Algeria o dr. Vercontre fez investigações archeologicas proximo de Tunis em uma necropole. Encontrou sepulturas onde estavam cadaveres mettidos dentro de *duas jarras conicas* collocadas bocca com bocca. São numerosas e indicam remota antiguidade.

Em Argel exploram novamente as ruinas que já foram descobertas, que se julgam pertencerem a thermas; havendo-se encontrado estatuas que parecem representar divindades.

Ficou constituida a mesa para este anno no Instituto de França para a Academia de Bellas Artes: Mr. Champlain, presidente; Mr. Bonnat, vice-presidente. Mr. visconde de Laborde é o secretario perpetuo.

O governo francez determinou que seria obrigatorio para qualquer *construcção nova* tirar licença da commissão de hygiene, e tambem alcançar licença para se habitar ou alugar uma *casa nova*: resolução esta de reconhecida utilidade publica. Bom seria que fosse tambem adoptada em Lisboa tão sensata providencia.

Vão começar as obras para a reedificação do Alcazar de Toledo. Calcula-se a importancia em um milhão de pesetas. Em Hespanha não deixam para as kalendas gregas as restaurações dos seus monumentos.

Segundo o novo regulamento, a inspecção de Paris é composta de cinco architectos de primeira classe, e cinco de segunda, além do architecto inspector geral; ficando divididas as suas obrigações da maneira seguinte: 1.º circulação na via publica e *salubridade*; 2.º examinar as casas por causa dos *incendios*; construcções das paredes, *segurança dos andaimes e bailéos*; 3.º visitar os *theatros*, salas para bailes, *escriptorios* de creados e creadas, *padarias*, casas de banhos, *barracas* e estabelecimentos nas *feiras*, depositos de *materias fecaes e latrinas*.

Quando haverá em Portugal essa tão urgente inspecção?

O governo da Grecia concedeu licença para que o governo francez podesse emprehender escavações em Delphos. Não se ignora que eram em Delphos, assim como em Olympia, os mais importantes sanctuarios da antiga Grecia, e que pelas offertas dos soberanos e das pessoas opulentas se formou alli um museu que não tinha outro que se lhe podesse comparar pela sua importancia artistica e riquezа. O solo está ainda quasi no seu estado primitivo, e os archeologos são concordes que se encontrará um thesouro importante para a arte e para a historia.

Todas as nações civilisadas se esmeram por adquirir essas antiguidades de outras eras, embora já tenham praticado interessantes escavações; em quanto no nosso paiz uma unica de reconhecida importancia historia se deixa quasi desprezada e infructifera para os estudos archeologicos pela indifferença que estas uteis investigações merecem ainda no nosso paiz! E' certamente para lamentar!

O intelligente architecto hespanhol encarregado da restauração da celebre cathedral de Sevilha, deseja obter *quatorze operarios canteiros portuguezes*, para as importantes obras d'aquelle monumento. E' lisongeiro para os operarios nacionaes essa preferencia, porque se reconhece a sua mestria em obras de seu officio, assim como é para agradecer a escolha do digno architecto que deseja ter habeis officiaes para o esmero d'essa restauração, não hesitando em os pedir a esta nação amiga.

Em umas escavações feitas nas ruinas do castello de Alvor, povoação proximo de Lagos, foi encontrado um cofre contendo um missal, escripto em pergaminho, delicadas illuminuras e algumas moedas de ouro do reinado de D. João II de Portugal.

Nas immediações de Vich descobriu-se uma preciosa capella byzantina com o seu competente claustro, a qual servia de habitação a uma familia de lavradores d'aquella localidade.

As paredes e muros da casa contêem grandes bellezas artisticas, que se patentearão com as obras de restauração, que em breve vão ter logar.

1887, Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1887 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Architectura ogival. — pelo sr. J. P. N. da Silva ..... Pag. 97

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Archeologia historica. — O Foral de Penella — pelo sr. Ricardo Simões dos Reis ..... » 104
Explicação da estampa n.º 80 — pelo sr. J. da Silva ..... » 108
Archeologia religiosa na Hollanda — pelo sr. Ramalho Ortigão ..... » 110
Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) — pelo sr. Possidonio da Silva ..... » 110
Chronica ..... » 111
Noticiario ..... » 112

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA OGIVAL

Como é proprio da natureza das cousas nas artes, que produzem obras visiveis e que abrangem a extensão cuja manifestação exterior está dependente da materia, como as artes do desenho e a plastica, e entre ellas, principalmente a architectura, não se póde conseguir a sua perfeição senão por um caminho vagaroso e progressivo; pois a faculdade de vencer a materia exige experiencias, tentativas e muitos esforços, além d'um exercicio constante; em uma palavra, é muito mais difficil do que a manifestação do pensamento, seja por meio de palavras, de sons, ou pelo accionado (gestos).

Quando pelo emprego das artes liberaes a antiguidade grega ornava durante seculos os sanctuarios de suas divindades, mostrou alfim pelo drama o apogêo da sua perfeição no tempo de Péricles. Depois os celebres artistas da escola de Egina. Phidias creou as obras primas, plasticas, do Parthénon d'Athenas; e desde esse momento vê-se apparecer successivas producções portentosas de grande belleza, entre as quaes a architectura, a esculptura e a pintura, que rivalisavam em magnificencia. A antiguidade grega então se desenvolvia em todos os seus ramos de sciencias e artes. Sobre varios pontos, ficou exhausta, e ultrapassou até as forças humanas. Não aconteceu o mesmo na edade media; o seu estado de formação não foi produzido, como aconteceu no tempo de Péricles, pela reunião de todos os ramos de intelligencia, concorrendo ao mesmo tempo por esse impulso. Seria mui natural achar-se egual resultado nos povos da Europa, depois de terem desapparecido os ultimos vestigios da civilisação antiga. Todavia, a época mais brilhante, pelo contrario, é cheia de juventude, temeridade, vigor, illusões e capricho, devido ao estado de adolescencia. O seculo da edade media, que corresponde ao de Péricles na Grecia, isto é, na sua edade viril, é mesmo muito anterior aos factos geraes, que pareciam dever ser necessarios para os produzir. Não será, pois, para admirar, por esta razão, que a esculptura e a pintura ficassem por muito tempo na infancia, e que conseguintemente os progressos da architectura se effectuassem tão vagarosamente até tomar de improviso um impulso espontaneo, que a conduziu ao desenvolvimento que

observamos nas construcções das egrejas do fim do seculo XII e durante o XIII seculo.

Foi no X seculo e durante o XI que os novos elementos sociaes se separaram d'aquelles, que tinham sido legados ao christianismo pelas civilisações antigas. Até então os povos do antigo imperio Romano do Occidente e as nações germanicas haviam vivido reunidos, não obstante a firme consciencia de suas nacionalidades, introduzidas e constituidas pelos abalos operados no tempo da grande emigração das hordas do Norte (seculo IV).

No XI seculo apparece uma tendencia nova na arte, resultante dos preliminares d'esta outra phase da ordem social dos povos christãos, constituidos pelas relações sociaes e populares, então estabelecidas. Formou-se como se fosse o refazer o passado, servindo-me d'este modo de expressar; e com uma tal energia, apresentava as suas novas formas para substituir a primitiva arte christã, transformando-a em textura mais expressiva e mais nobre. O pensamento procurava uma apparencia mais vistosa e mais conveniente; o sentimento mostrava uma representação mais magestosa e mais digna; e, principalmente, offerecia manifestação mais independente e mais prompta nos seus resultados. Para se obter este intuito, cada povo empregou um meio differente, conforme os elementos diversos, de que era composto, e conforme o grão da sua intelligencia e dos seus sentimentos particulares. Porém, não obstante as differenças numerosas que se notam entre esses povos dos seculos, de que nos occupamos, encontraremos nas suas artes feições geraes e caracteristicas, que nos obrigam a reconhecer que a arte occidental foi universal, progressiva e simultanea em todos os paizes onde foi exercida: todavia, no final do XI seculo, com a architectura Romã ou Romanica, a volta inteira principiou a desenvolver-se e a mostrar uma certa originalidade; libertou se das fórmas antigas, mas continuou ainda severa, massiça e pezada, sendo timida na expressão do sentimento dado pelo artista ás suas producções. No seculo XII chega mesmo a ser insensivelmente mais independente e mais formal; assignala nas suas obras uma existencia mais energica e menos monotona do estado social; algumas vezes, chega até a marcar, com um grande rigor, um andamento brilhante e magestoso.

Devemos chamar a attenção sobre os principios constitutivos da architectura Romã, recapitulando o que já aqui expozemos. Este estylo conserva o mesmo plano das antigas basilicas, tendo a fórma de um parallelogrammo muito oblongo. O absis central sempre fica voltado para o Oriente, sendo constantemente de feitio circular. Apresenta tres naves, raras vezes cinco. A capella-mór é mais elevada que o corpo da egreja; tem por baixo construida uma capella subterranea, crypta; disposição esta que sempre apresenta. Em logar de apparecer o tecto com o madeiramento, como era uso nas basilicas, mostra uma abobada engendrada pela metade de um cylindro, collocado horisontalmente em cima das paredes das naves, bem como na capella-mór. Pilares quadrados se levantam até ao nascimento das abobadas, substituindo o logar das columnas das basilicas. Nas construcções Romãs havia dois systemas de abobadas; o que se formava pela metade de um cylindro, descançando sobre duas paredes parallelas e outro em arestas, formado por duas ellypses encruzadas ao centro, dando n'essa posição quatro arestas, de que resulta uma cruz. Sobre a intersecção do altar-mór e da nave principal com o cruzeiro se ergue (como era habitual nos monumentos byzantinos), uma cupula quasi sempre circular, porém algumas vezes polygonal. Essa cupula assenta sobre uma parte quadrada, ficando sustida nos angulos por uma parte em sacada, chamada *abobada-pendente*.

Na architectura Romã, a extremidade circular, ao Oriente do absis, está coberta geralmente por metade de uma calota espherica. A abobada da nave principal é quasi sempre mais alta que a do altar-mór e este é mais elevado que o absis.

Quando na architectura Romã se servem de columnas, teem ellas diversas proporções; umas vezes são sobre o comprido e delgadas, outras teem formas curtas e grossas. O capitel roman merece attenção particular, pela sua fórma cubica, e posto que se pareça com o capitel byzantino, todavia não se confunde com elle, pois não tem *ornato algum*.

A architectura romã dos seculos X e XI ainda mostra no seu aspecto uma apparencia achatada; posto que já esteja em progresso, desenvolve-se ainda no seculo XII: vindo a ser mais magestosa, mais esbelta, e mais bem proporcionada nas suas diversas partes, que a compõem, bem como mais harmoniosa no seu conjuncto, e finalmente tem mais leveza e é executada com mais delicadeza. O plano dos monumentos offerece menos superficies cheias; as aberturas se multiplicam e são de maiores dimensões. Nas elevações dos edificios, as partes horisontaes diminuem e desapparecem cada vez mais, principiando a ser divididas por corpos com alguma saliencia; nota se tambem diminuição de grossura. A linha perpendicular começa a predominar e a chamar a attenção pela sua applicação. Os portaes do templo se alteam; as naves augmentam de elevação; as janellas, ainda sem ter nos intervallos subdivisões geometricas, são comtudo já mais elevadas, apparecendo torres de extraordinaria altura; porém a pyramide polygonal que as cobre tem ainda pouca elevação.

Os monumentos mais completos da transição indicam todos os signaes do estylo que revela a passagem da volta inteira para a da ogiva, assim como a passagem da arte das mãos dos architectos monasticos para as dos architectos seculares. Na decadencia da volta inteira, que teve logar no começo do XII seculo até ao fim d'elle, o profil mostrando o feitio de um S, foi applicado com profusão; porém, no seculo XIII ficou excluido; posto que para tornar a apparecer depois no meado do seculo XIV, com mais constante acceitação. O contorno d'esta curva marca uma decadencia na falta de gosto, assim como ignorancia total das fórmas elegantes produzidas pela combinação sabia de figuras e linhas geometricas. No nosso paiz, infelizmente, applicam-na os mestres de obras, que não teem noções das regras de architectura; servem-se constantemente d'essa desastrada fórma, sendo sempre repetida nas cimalhas por baixo dos telhados das casas, com approvação das respectivas plantas pelas estações officiaes!

Passamos a citar alguns monumentos, os mais principaes, por serem dignos de descrever-se, não só pela sua importante edificação, como por servirem de exemplos que confirmam os principios que expuz ácerca da architectura do periodo a que me refiro.

Um d'elles é a bella cathedral de Chartres, em França, um dos maiores monumentos da época de 1001. A primitiva egreja construida em 858 fôra incendiada pelos Normandos: egual sorte, em consequencia de um raio, teve a que existia em 1020. Ambas eram construidas só de madeira, como foram todas no principio da época antecedente: mas, no meado do XII seculo concluiu-se a egreja, que actualmente entra no numero dos monumentos mais notaveis que possuem os francezes.

Ha certas tradições que merecem ser mencionadas, não só por nos mostrarem a candidez das gerações passadas, como a sinceridade de suas convicções.

Conforme uma ingenua legenda acreditada durante muitos seculos, os druidas, esses ministros da religião dos Celtas que se extinguiu no VI seculo com o estabelecimento do christianismo, na Gallia, costumavam reunir-se nas impenetraveis florestas para apanhar o *agarico sagrado* (um cogumello que nasce no carvalho); tinham elles por fé esperar a sua salvação por uma virgem mais, á qual erigiam um altar com o titulo: *Virgini Parituræ*. A *gruta* celtica e o *altar* mysterioso, quando a salvação foi trazida ao Mundo pela Virgem, filha de David e Jessé, deram logar á construcção d'uma capella, dedicada á Virgem Santissima, mãe de Jesus Christo, templo, cuja sumptuosidade, magestade e decoração pomposa, são celebres no universo! A piedosa legenda de Chartres não faz parte da historia profana; porém, como muitas outras que se ligam á origem de varios monumentos construidos em gloria de Nossa Senhora, testemunha qual era a devoção dos nossos antepassados e a sua consoladora esperança.

Tal é tambem a legenda romana, relativa á fundação da egreja de Santa Maria *in Ara Cœli*, em Roma. No templo de Jupiter Capitolino, o imperador Augusto, depois de ter consultado em vão o oraculo de Apollo, viu o céo abrir-se, e sobre o altar, no meio de um circulo de ouro, pareceu-lhe ver uma virgem de belleza encantadora, tendo nos braços um menino. Uma voz dizia: *Hîc ara Filii Dei est.* (E' aqui o altar do Filho de Deus). No cume do Capitolio, no sitio onde as superstições pagãs possuiam um asylo, que parecia para sempre inviolavel, vêmos actualmente o altar d'Aquelle *que venceu a superstição e a heresia.*

Em uma curiosa collecção de *Cancellieri*, lê-se uma narração que tem alguma analogia com a legenda de Chartres. O templo da Paz foi construido pelo Imperador Augusto, em memoria da paz dada ao mundo, depois da victoria de Actium. Quando ficou concluido o templo, o imperador desejoso de saber quanto tempo elle poderia durar, consultou o oraculo (como era costume nos tempos antigos), o qual respondeu: *Quoadusque virgo pariat* (até que uma virgem dê á luz). Os romanos receberam estas palavras como uma promessa de immortalidade; porém, durante a noite, na qual o Redemptor nasceu em Bethléhem, esse magnifico edificio desabou subitamente, e ficou desde então sepultado debaixo das suas ruinas.

Estas poeticas narrações, que encantavam a devoção ingenua de nossos avós, não merecem inteiro credito, sem duvida; porém agrada encontrar essa candura que attrae e captiva pela sincera convicção que possuiam esses homens simples e de crenças profundas.

O edificio de Chartres surprehendia pela belleza das proporções e magnificencia de sua architectura, quando em 1191 ficou consumido pelas chammas. Esta catastrophe causou consternação geral, mas não tardou que desapparecesse a lembrança d'este desastre. A arte de edificar experimentava então uma transformação que deixou assignalada sobre numerosos monumentos dos mais importantes. Os antigos principios que o genio dos architectos havia modificado para os apropriar ás novas idéas, experimentavam mui consideravel mudança. O seculo XI tinha engrandecido as egrejas afim de adoptar uma disposição magestosa e pittoresca ao mesmo tempo, prolongando as naves lateraes em roda do absis, como já explicámos.

O seculo XII veiu inaugurar o systema da ogiva

e descobriu o segredo de se construir as abobadas ogivaes, com tanta leveza, tão solidas e elegantes na sua configuração.

O seculo XIII mostrou decidida predilecção pela ogiva, como pelas arcadas elevadas e grandiosas janellas divididas por frageis pilarêtes. Os ornamentos recebem então um cunho original, como opportunamente indicaremos. A arte do estatuario, principalmente, estava em progresso e as pinturas sobre as paredes desappareceram quasi em toda a parte; substituiram-n'as os brilhantes quadros pintados sobre as vidraças. A arte do desenho, sobre tudo na architectura e esculptura decorativa, chegou ao seu apogêo. Na antiguidade, no renascimento e nos tempos modernos tem-se feito d'esta arte agradavel applicações differentes, mas não teem sido tão perfeitas.

Para nos convencer, basta examinar o monumento da Batalha. Em nenhuma parte a intelligencia do architecto se exerceu com mais talento e esmerado gosto; admiram-se as fórmas mais agradaveis, e mais bem executadas. Proporções nos corpos, flexibilidade nos contornos, variedade e distincção na escolha dos ornamentos, grandioso na concepção, simplicidade de execução, harmonia no todo, excellencia nos detalhes, emfim tudo é completo e reune o bello com o sublime n'este estylo ogival.

As vidraças pintadas da egreja não eram inferiores aos mais gabados, taes como de Bourges, Tours, Mans, Capella Santa de Paris. A perspicacia do archeologo reconhece na sua execução a continuação das tradições romano-bysantinas. Os pintores seguiram fielmente os preceitos dos antigos mestres, continuando a imitar as pinturas que cobriam as paredes internas das egrejas edificadas nos seculos XI e XII.

Nas pinturas das vidraças no seculo XIII, como n'aquellas executadas a fresco nos seculos anteriores, os personagens principaes são desenhados conforme um typo facil de reconhecer-se com signaes de convenção que os conhecedores distinguem e comprehendem. Os ornamentos, a architectura, o nexo dos grupos, pertencem a um estylo mais antigo, salvo pequenas mudanças que não são sempre indicio de progresso. E' preciso confessar, a pintura no seculo XIII não seguiu a par o desenvolvimento da estatuaria Estava até então na infancia, timida, inexperiente; patenteiou todavia de subito um vigor, um arrojo e um caracter que nos causa admiração. Em logar de fazer estatuas apenas em esboço, hirtas, sem movimento e sem vida, admiramos ver como o cinzel soube animar, no marmore e na pedra, fazendo apparecer os primeiros raios do sentimento. A attitude é natural, o pannejamento é simples e bem ajustado, a expressão, fim supremo da arte, brilha nos rostos, indicando maior progresso e intelligencia.

Se as vidraças pintadas da Batalha egualavam em merecimento os melhores trabalhos d'este mesmo genero, comtudo as obras de esculptura são muito mais superiores. Em nenhuma parte, na mesma epocha, mesmo em Italia, terra classica das bellas-artes, a esculptura produziu nada de mais notavel.

Na historia da arte moderna, a edificação de Chartres como a de Reims são dois monumentos que todos os artistas devem examinar com muita particularidade para admirarem quanto pode o talento guiado por uma intelligencia fertil e dotada de saber. Pode-se por ventura idear alguma cousa de mais esplendido que o portal meridional d'esta egreja ornado de centenares de grandes estatuas, principalmente quando todas estas estatuas estavam pintadas e douradas? O tempo, os rigores das estações tem alterado as vistosas cores de purpura e azul, das quaes se descobrem ainda alguns vestigios, mas o maior numero passaram incolumes através dos seculos.

Sobre a separação da porta central está representado J. C. tendo na mão o livro dos Evangelhos, acompanhados dos apostolos. No timpano se desenvolve, em uma profusão de pequenos grupos, a scena magestosa do dia de Juizo, vendo-se a separação dos justos dos peccadores. Os escolhidos, collocados á direita, vão gosar da bemaventurança no paraiso, os condemnados, postos á esquerda, são precipitados no abysmo do inferno. Sobre o frontão exterior, a Virgem Maria rodeada de anjos domina o templo, de que ella é padroeira.

O comprimento d'este edificio na parte interna, é de 132 metros, a largura de 34^{m},30, a altura das abobadas de 35 metros. O cruzeiro tem 65 por 14 metros. A extensão d'estas dimensões não menos que a disposição da fabrica, produz um vivo sentimento de admiração no espirito d'aquelle que pela primeira vez vê aquelle sumptuoso monumento. A nave composta de 7 arcos ogivaes, os lados prolongando-se á roda do absis, as galerias superiores, o sem numero de columnas que supportam as abobadas e os *ricones*, as vidraças pintadas, os espelhos rendilhados e as altas frestas, tudo concorre para produzir o effeito mais completo e admiravel, e por isso sem excepção sabios e ignorantes, penetrando no interior d'este magnifico templo, ficam extasiados e commovidos.

Em Inglaterra, a mais notavel abbadia é a de Salisbury; a egreja e o claustro são monumentos de primeira ordem, tanto pela magestade do edificio, como pelo seu aspecto grave, e regularidade de sua symetria; além das disposições architectonicas serem combinadas com muita graça e simplicidade, merecendo um exame especial este monumento, o que

terá logar quando nos occuparmos da architectura ogival da Gran-Bretanha.

Um specimen notavel da architectura religiosa da Allemanha é a bella abbadia de Altunberg, proximo de Colonia, a qual pertence á era de 1214, posto que o caracter d'esta architectura indica a epocha de transição pela simultaneidade do emprego da ogiva e da volta inteira, assim como pela sua ornamentação.

Tambem se faz recommendavel aos archeologos a abbadia de Rommendorf na Prussia, pertencente ao seculo XII.

Na Hespanha temos a soberba abbadia de Santa Maria de las Huelgas, proximo de Burgos, edificada por Affonso VIII em 1157, a qual offerece um resumo da historia da architectura em Hespanha, desde o seu desenvolvimento até ao seculo XV, pois que a parte do edificio construida pelo fundador tem esse cunho de severidade e de caracter athletico da architectura do seculo XII; conserva um claustro do estylo bysantino. Em quanto á capella de D. Leonor, é ornada pelo gosto mourisco do seculo XI, e a capella de S. Miguel brilha com elegante architectura arabe do seculo XIV, além de possuir um delicado vestibulo que conduz ao interior do mosteiro, ligando-o a um outro claustro, obra do seculo XIII onde a ogiva apparece ao lado da volta circular romã.

O estylo do seculo variava pouco d'aquelle dos seculos precedentes, como já tivemos occasião de o declarar. A differença consistia principalmente em as egrejas serem delineadas n'uma escala maior e a sua construcção ser feita com mais solidez. O capitel antigo, corrupção do corinthio, dominava sobre tudo, bem como a pilastra estriada e ornada de arabescos. O arco de volta inteira coroava ainda as portas e janellas, era pezado e achatado e servia egualmente esta curva para a configuração das abcbadas.

No seculo XI a architectura era ainda uma imitação barbara da arte romana. Porém o gosto dos artistas de cada região, os materiaes e os recursos ecclesiasticos tiveram uma grande influencia sobre os diversos desenvolvimentos que se operaram na arte de edificar. Nas esculpturas dos monumentos do seculo XI viam-se muitas vezes representados centauros e outros animaes fabulosos da antiguidade. Isto não nos deve surprehender, pois desde essa epocha o estudo dos auctores classicos se cultivava muito nos conventos; sabia-se de cór Virgilio, Horacio, Juvenal, Cicero e Ovidio; estudando-se com bastante assiduidade as obras de Platão e de Aristoteles.

Onde se conservam magnificos exemplos da ornamentação do seculo XI é na Normandia, em Caen, na egreja de Santo Estevão da era de 1077.

Os povos do Norte da Europa continuaram então a conhecer a Italia, Constantinopla e o Oriente. Os monumentos que iam admirar, augmentavam-lhes o saber; um renascimento completo nas artes teve logar entre elles. Nota-se logo depois da primeira cruzada uma mudança sensivel no uso das armas, nos costumes e na architectura de todos os povos da Europa. Uma influencia oriental indirecta se observa nas construcções dos monumentos no principio do seculo XII.

Foi no começo e durante este seculo, que a ogiva se introduziu na architectura, como já explicámos, porém a maior parte das vezes a sua fórma era só applicada nas cornijas, afim de ligar os cachorros uns aos outros. Na sua ogiva primitiva foi empregada como sendo um ornato. Este ensaio d'uma innovação nas fórmas da architectura, não parece ter dado nascimento á architectura ogival do seculo XIII, pois as ogivas das duas epochas não têem de commum senão o angulo curvilineo que indica o seu vertice.

Em quanto á ornamentação do seculo XII, apresenta uma imitação variada ao infinito, de facil execução, abundante na representação de plantas exoticas, as quaes eram imitadas com franqueza, apresentando saliencias calculadas para projectarem sombras profundas, e por conseguinte bastante escuras para fazer realçar o contorno d'esses ornatos.

No numero dos edificios da segunda metade do seculo XII citaremos a capella-mór da egreja de Centirt, proximo de Caen. Vê-se as janellas circulares, tendo a archivolta ornada de zig-zags e sustida por pequenas columnas. As janellas por este modo construidas, tendo a cornija cachorros em fórma de modilhões para servir de entablamento, indicam positivamente que pertencem á epocha de transição.

O uso das torres nas egrejas data da era de 873, posto que as houvesse já antes, mas eram, assim como as egrejas, construidas só de madeira. O servirem-se de sinos e a necessidade de os conservar deu origem a um novo systema para construir as torres das egrejas.

Ainda que as torres sejam anteriores aos minaretes dos arabes, que ornam as suas mesquitas, todavia os christãos as fizeram tambem isoladas do edificio religioso, principalmente na Italia; parecem ter sido adoptadas para um fim de utilidade e não por uma exigencia da esthetica. Os gregos e os romanos não fizeram nenhum uso de torres para os seus monumentos do culto, e unicamente as construiram na sua architectura militar. E' pois provavel que a torre da idade média fosse para imitar as construcções italianas, pois durante esse periodo, o maior numero das egrejas lhe serviam

de alguma maneira de praças fortificadas: porém os christãos lhe deram um aspecto particular, que é especial ao systema de sua construcção pelo feitio, disposição e numero d'ellas.

A fórma que tinha na antiguidade era quadrada ou octogona, ornada de um soco ou base; as faces ficavam lisas, o cimo coroado de ameias e tudo acabava por uma cobertura elevada. Em quanto ás torres dos christãos, apresentam uma fórma pyramidal: a agulha era feição indispensavel, e a sua dimensão diminue á proporção que augmenta na sua altura, fazendo separação em cada um dos andares de que se compõe a sua edificação.

Nos paizes onde a architectura religiosa copiou a torre antiga, como aconteceu na Inglaterra, as torres das egrejas são todas de elevação perpendicular, como se fossem interiças, sendo tão largas no cimo como na base. Na Allemanha, onde não havia nenhum modelo romano para se imitar, em França onde elles eram raros, davam-lhes uma disposição que preenche as condições da sua applicação.

Como sempre a parte da egreja era fechada do lado do oriente, onde não havia porta alguma, ficando ao Oeste aberta no logar da entrada principal, pensaram que convinha fortificar esta entrada com duas torres collocadas uma de cada lado do portal, ou edificar uma no centro da fachada, para se defender das correrias dos inimigos. Quando se queria tambem fortificar as entradas lateraes, seguiam a mesma disposição, que tinham feito á entrada principal, levantando-as nos quatro angulos da intersecção da nave com a da capella mór, assim como sobre os cruzeiros: como fizeram na cathedral de Laon, nas egrejas de Cluny, no domo de Bamberg, no de Worms, e egualmente no de Fribourg.

A cathedral de Worms foi edificada em 996, e concluida no fim de 20 annos. Em 1018 a parte oriental do monumento abateu, porém dois annos depois este desastre estava inteiramente reparado. O cimo da torre do Nordeste abateu em 1429 e ficou restaurado em 1472: as capellas da nave são posteriores á fundação.

A cathedral de Worms é uma basilica com tres naves e com um cruzeiro, tem dois altares-móres, um ao nascente, que é limitado por uma fórma quadrada, e outro ao poente, com feitio octogonal. Cada um d'estes altares-móres tem duas torres collocadas uma ao Norte e outra ao Sul. As abobadas da nave são do fim do seculo XIII, tendo pois cinco torres, uma a cada angulo do edificio, duas cylindricas, duas octogonas e de egual fórma sobre o cruzeiro, porém de maiores dimensões, posto que em altura sejam só metade das outras torres. Pertence pois esta egreja á cathegoria dos edificios romãs das cathedraes com duplo absis, estylo que engendra naturalmente as quatro torres, supprime os portaes da fachada principal e dá só entrada pelos lados lateraes.

Quando se entra n'este magestoso monumento, a impressão é ao mesmo tempo variada e grande. As pinturas a fresco bysantinas, as pinturas flamengas, os bellos baixos relevos do seculo XIII, as capellas de um trabalho mimoso de ogival florido, os tumulos do estylo do renascimento que encerra os brazões dourados e coloridos, as entre columnas adornadas de estatuas, compõem um conjuncto tão extraordinario, que todos os estylos, todas as epochas e todas as phantasias saltam á nossa vista ao mesmo tempo; e se invocarmos um dos maiores acontecimentos da historia, ainda nos causará maior assombro este venerando edificio, pois dentro d'elle se reuniu a celebre diéta em 1521, na qual Carlos V declarou Luthero heretico e schismatico, banindo-o do imperio.

Mas a obra prima da architectura da idade média na Europa, a egreja da jerarchia feudal e religiosa existe na cidade de Reims, onde eram sagrados os reis da França.

As antigas prerogativas d'esta cidade lhe deram o jus de possuir uma cathedral mais rica e mais vasta que todas as outras, além de ser a unica que a sua construcção ficasse completa. Situada em um immenso valle, no centro de uma extensa planicie rodeada de montanhas, de qualquer lado que se avance, descobre-se desde logo, a uma grande distancia, esse colosso monumental que se contorna no vasto horisonte que a circumda, parecendo ser uma massa compacta e pesada, tal como nos acontece quando de longe se avista a egreja e convento de Mafra: porém, á medida que se approxima d'aquella cathedral, parece tomar vida e animar-se, julga-se ver estender os seus arcos botantes, acredita-se o perceber um movimento nos seus contrafortes, nos seus botaréos, pinaculos, como nas suas flechas, na infinidade de estatuas e de santos que povoam esse mundo de pedra. Junto do portal principal, o espectador fica surprehendido e attonito. Em primeiro logar, ao rez-do-chão se apresentam tres portaes gigantescos, dos quaes as hombreiras são ornadas de figuras, em numero de 35, tendo cada uma de altura $2^{m},45$; estes portaes estão coroadas com uma abobada, e as ogivas ornadas por 5 renques de figuras mais pequenas que as primeiras, representando os personagens do antigo testamento, separados uns dos outros por uma faxa vertical coberta de flores e folhagens. Só na arcada do centro vêem-se 80 d'essas figuras: na arcada esquerda e na direita ha 120! A linha exterior da ogiva das abobadas está coroada por um tympano agudo formado de dois lados similhantes ao trian-

gulo isosceles, e ornado de folhas do feitio de cogulos; por cima d'estes tres portaes, ao centro, debaixo de uma elevadissima ogiva, apparece o grande oculo, o delicado espelho dividido em 12 principaes partes: á direita e á esquerda erguem se os coruchéos rendilhados e esguios, tendo como remates uma maior e quatro pequenas agulhas ornadas nas arestas egualmente por cogulos, contendo estatuas de grandes dimensões: estes coruchéos disfarçam os contra-fortes que servem para consolidar as torres. No terceiro andar, finalmente, ha uma elegante galeria aberta, sustida por delgadas columnasinhas coroadas de frontões elegantes, e em roda das torres estão collocadas estatuas collossaes em numero de 42, representando os reis da França.

Apparecem depois as duas torres octogonas tambem com rendilhados flanqueados nos 4 angulos de torrinhas hexagonaes, egualmente rendilhadas, em duas das quaes ha uma escada em espiral de uma grande delicadeza, cuja idéa e execução foi obra ousada. Estas torres de egual altura não se concluiram, mas sabe-se que deveriam terminar por uma flecha similhante ás da cathedral de Strasbourg e de Fribourg. As torres de N. S. de Reims têem mais de 68 metros de elevação.

Não emprehendemos descrever o exterior, o fundo do côro com os seus botaréos, arcos butantes, erguidos com tanta temeridade e arrojo. Não fallaremos tão pouco d'essas faces exteriores lateraes, d'esses pilares, principalmente os que estão ornados de coruchéos rendilhados, formados de quatro columnas e de um remate gracioso, apresentando uma grande flecha central com oito lados, ornada de folhas e cogulos angulares, limitados por uma cruz, cujas extremidades são compostas de folhagens, frechas flanqueadas por quatro outras mais pequenas no mesmo estylo. E' preciso ver e examinar muito tempo para se comprehender este curioso conjuncto de linhas e de superficies, em resaltos, em sacadas, planos perpendiculares, horisontaes e obliquos, esta multitude tão variada de partes cheias e vasadas!

Se o exterior é grandioso, o interior da cathedral é magestoso. O plano forma uma cruz não sómente pelo desenvolvimento dos quatro lados de cubo com augmento para o Occidente, como era a regra primitiva, mas aqui a hastea perpendicular da cruz na planta estende-se mais do que se fazia no anterior seculo, principalmente para o lado do Poente. Tem oito unidades de Oeste a Leste e quatro de Sul ao Norte que produzem ao todo 12 numeros. O final oriental do côro é formado por quatro columnas e dividido por cinco espaços. Cinco capellas rodeiam o sanctuario, apresentando cinco lados, pois são construidas pelo traçado de um decagono. A nave principal tem 10 espaços, o cruzeiro compõe-se de outras tres naves de 30 metros de Norte ao Sul. O comprimento total da egreja é de 138^{m},94 e a largura de 30^{m},29. A altura por baixo do fecho da abobada é de 38^{m},33. A frente interior occidental da nave, sobre a qual está o grande espelho ou oculo, apparece ornada de 52 nichos elegantes, cada um dos quaes contém uma figura em relevo. Foi em 1211 que a primeira pedra se assentou, mas um incendio havia destruido em 1210 a antiga cathedral principiada e concluida no seculo IX. Para a ogiva chegar ao seu completo desenvolvimento foram precisos 75 annos, apparecendo no dominio real proximo da capital de França, onde vinham convergir todos os talentos e todas as descobertas, que deu origem á architectura ogival.

O insigne architecto Roberto de Coucy em 30 annos concluiu este famoso monumento; o talento do artista não encontrou nenhum obstaculo, e, cousa rara na idade média, rara mesmo em todos os tempos, o plano geral de tão grandiosa fabrica não soffreu alteração alguma durante a sua execução, e por isso a egreja metropolitana de Reims apresenta á nossa admiração um monumento inteiro homogeneo, sem alterações e enxertos extranhos ao seu estylo.

O aspecto interior é muito magestoso, pois deve-se reconhecer que unicamente a architectura ogival póde produzir tão maravilhoso effeito. As diversas partes d'este monumento ligam-se entre si com esmerada elegancia; as columnas são fortes, as arcarias bem assentes, de maneira que a solidez não appareça em parte alguma sacrificada aos lavores da ornamentação. As frestas e os espelhos guarnecidos de vidros coloridos, deixam passar atravez uma luz serena e modificada, a qual favorece a perspectiva, espargindo claridade mysteriosa sobre todos os objectos que ornam este soberbo templo.

Transportemo-nos pelo pensamento a essa antiga cidade de Reims, para presenciarmos as magnificas ceremonias da sagração d'um rei. Os dois ultimos a quem fizeram essa pomposa ceremonia foram o desventurado Luiz XVI, que nas mãos do algoz terminou sua attribulada existencia, e Carlos X que por mal aconselhado perdeu a corôa em 72 horas! N'aquelles dias de gala, as ruas da cidade enchiam-se de multidão anciosa de gosar a festividade. De todas as partes brilham os estandartes, o luzido das armas, a riqueza das equipagens, os uniformes sumptuosos e variados. Os clarins fazem soar nos ares estridentes tangeres; os sinos deixam ouvir ao longe os seus sons festivos; o da grande cathedral que não pesa menos de 14:000 kilogrammas domina todos os ruidos com o seu estrondoso som, Luiz VI vae ser sagrado em 1775 pelo cardeal arcebispo e duque de Reims.

Os paramentos reaes vieram da egreja de S. Diniz, logar onde se guardavam as insignias da grandeza e fragilidade dos reis de França: as corôas ao pé dos tumulos! Esses ornamentos compunham se da corôa de Carlos Magno, de ouro massiço, enriquecida de rubis e saphiras, forrada de um bonnet de setim carmezim e tendo no remate uma flôr de liz de ouro ornada de 36 perolas orientaes; o sceptro, egualmente de ouro esmaltado e guarnecido de perolas orientaes, tem dois metros de comprido; no extremo vê-se a mão da justiça, de ouro massiço, ornada de rubis e perolas. Ali figuraram a espada do proprio Carlos Magno, cujo punho e guarda são tambem de ouro, a bainha coberta de veludo com flores de liz d'ouro, a fivela do manto real tambem de ouro, ornada de 18 rubis com 4 pontas de pedras brilhantes e bordado de perolas orientaes, as esporas de ouro cravejadas de rubis.

O templo cheio de todos os titulares e damas, as pessoas reaes em tribunas proprias, e os amphitheatros construidos entre os pilares apinhados de pessoas distinctas. Esta assembléa apresenta o espectaculo mais vistoso e admiravel. A vista ficava turva por ver reunida tanta riqueza e pela variedade de vestuarios. Antes do juramento os bispos perguntam á assembléa, aos grandes, ao povo, se acceita Luiz XVI para rei. Depois das acclamações costumadas em similhantes circumstancias, o arcebispo convida o rei a prestar o *juramento do reino*. Durante este juramento solemne toda a assembléa está de pé e voltada para o rei, as vestimentas e insignias reaes estão expostas sobre o altar. O rei avança e recebe a espada, symbolo do poder supremo, e para defeza dos direitos dos fracos, a qual nunca deve ser tirada para satisfazer a sua ambição ou as suas vinganças. Depois da prostração e do canto das ladainhas, o rei recebe as uncções; é então revestido com as insignias reaes, o arcebispo mette-lhe no dedo um annel de subido valor, põe-lhe o sceptro na mão esquerda e a mão da justiça na direita. O prelado, ajudado de todos os pares, ecclesiasticos e seculares sustentam por cima da cabeça do principe a corôa de Carlos Magno, e pondo-a, recitam uma oração.

A egreja de S. Paulo em Issoire dá uma idéa bem clara da posição relativa das diversas partes que constituem as fórmas correspondentes ás basilicas romãs mais completas.

Nota-se o nascimento da torre central, que se eleva por cima de uma cupula sobre abobadas pendentes, a base quadrada da torre; é a parede exterior do santuario guarnecida de mosaicos, ornamentação vistosa. O telhado do santuario está ornado de um frontão, o qual limita um acrotero. A roda do santuario gira um andar de janellas descrevendo um semi-circulo alternado de nichos quadrados.

As empenas levantam-se por cima da arcada. Na parte interna, abrange cada capella absidal o logar que occupam baixos relevos representando diversos signos do zodiaco, assim como as pequenas janellas que dão luz ao jazigo do santo que ali se venera. A parte do cruzeiro é abobadada por quatro cylindros para dar resistencia á cupula, em quanto que a outra parte tem abobadas com fórma cylindrica. A capella central tem contrafortes pelas outras capellas absidaes; a empena do cruzeiro tem um ornato que esconde a intersecção dos telhados compostos de ameias de pedra e entrelaçados uns nos outros. As paredes do santuario e do absis têem embutidos de mosaicos preto e amarello, formando xadrez, estrellas, triangulos e florões. Os telhados das capellas têem pouca elevação e estão cobertos de telhas de canaes. São estas as fórmas que caracterisam a architectura d'este periodo.

(Continua).

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARCHEOLOGIA HISTORICA

O Foral de Penella

(Continuado do n.º 6, pag. 90)

E' ponto averiguado que foi Fernando Magno o primeiro monarcha que concedeu foral a terras portuguezas. E' tambem certo que a carta de fôro mais antiga, de que em Portugal resta memoria, é a concedida por esse rei simultaneamente a S. João da Pesqueira, *Penella*, Paredes, Linhares e Anciães, entre os annos 1055 e 1065, sendo, portanto, estes os primeiros municipios portuguezes; e que o apographo da *Penella* é o que parece ter sido o primeiro na ordem dos tempos, pois é o unico que foi confirmado por D. Affonso I.

Mas ha nos limites do reino, como hoje se acha constituido, e da parte, que n'esse tempo ou pouco depois, estava sujeita á corôa de Leão, duas terras, de tal ou qual importancia relativa, que se chamam *Penella;* uma ao norte do que é hoje districto de

Vizeu, outra no extremo sul do actual districto de Coimbra. Qual d'ellas recebeu esse primeiro foral? Eis o problema que vamos resolver. E não será este, por ventura, o unico resultado do nosso humilde trabalho; porquanto, havendo, como ha, no continente portuguez, mais povoações com o mesmo nome d'aquellas, de que necessariamente temos de occupar-nos, diremos o bastante para, na materia sujeita, evitar futuras confusões.

Não obstante as cautelas com que arrisca, em geral, suas opiniões, Alexandre Herculano enganou-se, quando, transcrevendo, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, o foral, dado a *Penella* pelo infante D. Affonso Henriques, em julho de 1139 (aliás 1137), e provavelmente expedido de Tuy, [1] o precede da seguinte observação: *Ipsi Penelae cui forale Ferdinandus Magnus dedit, hoc videtur concessum.*» [2]

A Penella de que se trata n'este foral, como se vê claramente do pequeno extracto que d'elle vamos fazer, é a do districto de Coimbra: — «*In dei nomine. Ego Adefonsus Infans filius Hanrici comitis et Regine Tharasiæ facio cartam donationis et firmitudinis uobis homines de Penella cunctisque ibi habitauerit dono atque concedo uobis meum Castellum cum suis terminis... Cujus uero isti sunt termini de illa cabeza de mata furada et fert in dueca* [3] *et uadit ad illam cabeza de Albarol* [4] *et fert in illa taliada et uadit per illo lombo raso et fert in illa uia antiqua da serra et quomodo currit aqua ad illum flumen de Asie* [5] *et uadit per illum flumen et fert in directum ad ipsum portum de lagenas et pergit a cabeza de ouelia et descendit per illa ualle de pito et uadit a figueiroa* [6] *et intrat in illa aqua de ladea* [7] *usque in illo ulmar et fert in cabeza de mata furada. Dono atque concedo uobis ipsum castrum cum suos obtimos foros...*»

Não resta a menor duvida de que é á Penella do districto de Coimbra que pertence este foral. Vê-se pelas confrontações, algumas das quaes ainda hoje conservam o mesmo nome, taes como *Dueça* (dueca), *Albarrol*, *Alge* ou *Alja* (Asie) [1]; como tal vem incluido no Tombo d'esta villa, mandado fazer pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra, senhor d'ella, por alvará de 14 de novembro da Era de 1458 (de Christo 1420), assignado por sua mão e expedido de Cantanhede; [2] como tal, emfim, tem sido sempre considerado.

Adeante diremos por quem foi confirmada esta carta de fôro, e se mais alguma lhe foi concedida; advertindo desde já que, se fossemos a dar credito — *de visu et auditu* — ao que, sobre o assumpto tem corrido, como boa moeda, nenhuma terra do reino teria sido mais mimoseada com estes favores da realeza.

Passemos agora á analyse do foral, por Fernando Magno, concedido simultaneamente a São João da Pesqueira, *Penella*, Paredes, Linhares e Aciães.

Transcrevendo este foral nos *Portugaliæ Monumenta Historica* [3], diz Alexandre Herculano nas observações preliminares: «De todos os foraes concedidos a terras de Portugal, cuja memoria chegou até nós, o mais antigo é este, dado por Fernando Magno a cinco castellos, ou villas fortificadas, nas terras da provincia Portugalense, por elle conquistadas. E' o unico foral de Portugal que simultaneamente constitue varios municipios; o que nos leva a crêr que a cada um d'estes cinco castellos provavelmente foi dada uma carta, apographo de um unico diploma; de nenhuma d'estas, porém, resta o primitivo exemplar; as que existem encontram-se descriptas nas confirmações feitas pelos reis portuguezes depois da desmembração de Portugal do reino leonez. E comquanto este diploma diga respeito a cinco municipios distinctos e por isso deva julgar-se que a cada um d'elles foi conferido seu, pareceu-nos poder, sem inconveniente, deixar de os transcrever todos; não só porque o texto, salvas lições varias, introduzidas pelos copistas, é quasi o mesmo; mas por que por este só diploma, como já advertimos, foram constituidos aquelles cinco municipios. Ha muitos apographos authenticos, ou pelo menos anteriores ao XV seculo: dois do foral de São João da Pesqueira (*Sancti Johannis de Pesca-*

---

[1] Hist. de Port., vol. I, pag. 490. Nota in fine.

[2] Port. Mon. Hist. Leges et consuetudines, vol. I, pag. 371.

[3] É o rio Dueça, que n. na aba oriental do Monte de Vez, atravessa os concelhos de Penella e Miranda do Corvo e desagua no Ceira.

[4] É um logarejo, da freg. e conc. de Miranda do Corvo, na extrema dos dois conc. Miranda e Penella.

Ha tambem dentro dos limites do conc. de Penella um sitio chamado — Mattas ou Soutos de Albarrol.

[5] É o rio Alge, que n. na vertente oriental da serra da Louza, tambem chamada de S. João d'Alcouchel, no seu prolongamento pelo conc. de Penella.

[6] Chama-se Venda das Figueiras, freguezia da Cumieira, conc. de Penella.

[7] É hoje o Rabaçal, séde de freg. conc. de Penella. Em tempo de D. Affonso III já tinha ambos os nomes *Ladeya ou Rabazal.*

Viterbo, *Elucidario*, art. Ladéra.—Port. Mon. Hist. Foral de Germanello.

---

[1] É, evidentemente, corrupção de *Alie* (Alje).

No exemplar, em portuguez, do seculo XIV, existente na Torre do Tombo e tambem descripto nos Port. Mon. Hist., lê-se *Alia*. No foral do Figueiró dos Vinhos, conc. limitrophe, e no foral da Arega, hoje freg. do mesmo conc., lê se *Algia*.

[2] Este documento é importantissimo. Por elle se prova que o celebre duque de Coimbra não s hiu de Portugal para correr as *sete partidas do mundo*, em 1416, logo depois do r gresso de Ceuta, como opinam alguns. O historiador allemão Schaefer diz que elle sahiu em 1424: o m is provavel, porém, é que elle desse começo ás suas extraordinarias viagens em principios de 1421; o que não prejudica a opinião corrente de que essas viagens duraram 12 annos, uma vez que se admitta a hypothese do t r casado com a condessa de Urgel, D. Izabel (1429), mesmo em Aragão. Ja estava em Portugal, quando morreu D. João I, em 14 de agosto de 1433.

[3] Port. Mon. Hist. Leges et consuetudines. Vol. I, pag. 343

ria), quatro do de Penella (*Penellæ*), tres do de Paredes *(Paredes)* e quatro do de Anciães *(Ansilanes)*; faltam exemplares do diploma conferido a Linhares; talvez porque a esta povoação foi dado um novo e diverso foral, depois da independencia do reino, por se haver perdido ou obliterado o primeiro. O mais antigo é o de *Penella*, pois que parece confirmação original de D. Affonso I, e por isso dará o texto para esta publicação... [1]

Seguem depois algumas outras considerações, que por brevidade omittimos, e por fim a transcripção do foral. Extractaremos sómente a ultima parte, unica que importa ao nosso proposito.

«*Et terminum de penella per rio et per costoias* [2] *et per uale de piisco* [3] *et fer in rio torto* [4] *et inde pala damendoas* [5] *et per monte furado et fer in carapito* [6] *et inde in tavala* [7]. *Ego inclitas rex alfonsus et suo filio rex sancius in hanc kartam..... propia manu ROBORAMUS....*»

Este foral foi confirmado por D. Affonso II, no mez de outubro da Era 1255 (de Christo 1217).

Os I e II exemplares não dizem onde foi dada esta carta de confirmação.

—*Facta karta mense octobris Era M.ªCC.LV.ª*

Os III e IV dizem que foi em Trancoso.

—*Facta karta apud Trancosum mense octobris Era M.CC.L.ªV.ª*

Os exemplares II, III e IV só differem do I nas desinencias de algumas palavras e em os III e IV dizerem *rium tortum* onde o I e II dizem simplesmente *rio;* notando-se todavia alli a falta de uma palavra —«*et terminum de penella per rio* [8] *et per costoias.*

E' indubitavel que todos se referem á mesma *Penella*, e que esta é a do districto de Vizeu; mas, já agora, vejamos as confrontações do foral de Paredes, para que sobre o ponto se derrame toda a luz.

Diz este foral: «*Isti sunt termini de paredes, diuidit com fonte arcada* [9] *per ponte uetera como intrat aqua de gauielo deinde per cabeça de torgaes deinde per cabeça de outro uale de eruedosa* [1] *et ripario que uenit de machanaria* [2] *deinde per castellum de* CARAPITO. *deinde per lagenam que est inter alvito ferrario et petro rubo deinde como uadit ad lagenam de porto de tavarelas deinde diuidit cum* PENELLE *deinde por nido de grou. Deinde per capud de corvaceyra. Deinde como uadit ad castineyra* [3]. *Deinde ad capud de agieyra deinde diuidit cum trevões* [4] *per lagenam que est sutus mulinum de Petro petriz deinde per cabeça de lintilaes.... Deinde como uadit per cimam de* TAUARA *ad ponte de fumo. Deinde como uadit per cimam de* TAUARA *desuper ponte uetera usque in gauielo*». (Exemplares I e III) «*paredes diuidit per pelagus desuper pontem ueteram de* TAUARA *quomodo uadit per cabeza de torgaes.... et exinde per castellum de* CARAPITO.... *et diuidit per lagenam de porto de tauarela quomodo diuidit cum pena de dono* [5] *et cum* PENELLA.... *et per enfesta de paacioo* [6] *quomodo uadit ad* TAUARAM» (Exemplares II e IV).

Este foral foi egualmente confirmado por D. Affonso II por carta datada de Guimarães, dia 4 de julho da Era 1256 (de Christo 1218). Já tinha sido confirmado por D. Sancho, pois que na carta de D. Affonso II se diz: «*roboro et confirmo... quam pater meus Rex donnus sancius...*»

O foral de S. João da Pesqueira não tem confrontações. Foi confirmado por carta de D. Affonso III, datada da Guarda na Era 1294 (de Christo 1256).

O de Anciães (Carrazeda de Anciães), tem as confrontações seguintes: *per littore Dorio de cabeza de requeixo usque in fraga de azaiam et per portela de mauro usque in cima de ualle de torno cum suas teleiras usque in cruce de freisinel*» [7].

Foi confirmado ainda por D. Affonso II, por

---

[1] Traduzimos em vulgar o texto latino de Herculano, por nos parecer util.

[2] Costoias, freg. do conc. de Foscoa, distr. da Guarda.

[3] Serra do Pisco, cuja maior elevação é perto de Trancoso.

[4] Rio Torto, n. perto de Sebadelhe e desagua no Douro, um pouco acima do Tavora. Sebadelhe é freg. do conc. de Foscoa, distr. da Guarda. Recebeu foral de D. Affonso II, em 1220.

[5] *Almendra*, freg. do conc. de Foscoa, distr. da Guarda.

[6] *Carapito*, freg. do conc. de Aguiar da Beira, nas faldas da serra do Pisco, á esquerda do Tavora. Aguiar da Beira, no distr. da Guarda, recebeu foral de D. Affonso III, em 1258.

[7] *Tavora*, freg do conc. de Taboaço, proxima do rio do mesmo nome, no distr. de Vizeu.

[8] E' quasi certo que este espaço em branco denota hesitação da parte dos copistas, que, não conseguindo decifrar a palavra que o precedia, preferiram calar a errar. Os copistas do III e IV exemplares foram mais ousados, talvez por mais ignorantes; entenderam cortar a difficuldade, escrevendo *rium tortum* quando deveriam ter escripto *rium tavaram* ou *tavalam*. E' este o nosso juizo.

[9] *Fonte Arcada*, freg. do conc. de Sernancelhe, na margem direita do Tavora, distr. de Vizeu. Recebeu foral de Sancia Vermuiz em 1193. A villa de *Sernancelhe* recebeu foral de Egas Gundesendiz em 1124; foi confirmado por D. Affonso II em 1220.

[1] *Ervedosa*, freg. do conc. de S. João da Pesqueira, distr. de Vizeu.

[2] *Macieira*, freg. do conc. de Sernancelhe.

[3] *Castanheira*, freg. do conc. de S. João da Pesqueira, na esquerda do rio *Torto*. distr. de Vizeu. Tanto o rio Torto, como o *Carapito* apparecem tambem, como vimos, no vizinho ex-municipio de Penella.

[4] *Trevões*, freg. do conc. de S. João da Pesqueira.

[5] *Penedono*, villa e conc. a que pertence *Penella*, no distr. de Vizeu. Recebeu foral de D. Affonso II, em 1195.

[6] *Passô*, freg. do conc. de Moimenta da Beira, distr. de Vizeu.

[7] *Freixiel*, freg. do conc. de Villa Flôr, distr. de Bragança n'um valle da serra de Carrazeda. Para se vêr que é este o *Freixiel* de que resa o foral de *Anciães*, transcrevemos algumas das confrontações do foral, que lhe foi dado pelo prior do Hospital (*priorll do espritall de todo portugall*), entre os annos 1195 e 1209. «... *e dessi aas llagias de cima do ual torno... e dessi á cluz de medeiro de uillarinho... e dessi ao uano ancho por meio dauga de ryo tua*». O Villarinho de que aqui se falla é o chamado *Villarinho da Castanheira*, freg. de Carrazeda d'Anciães, d'onde dista 9 kil.

O valle *Torno* é limite commum a Freixiel e Anciães; o rio *Tua* nasc. na Galliza, entra em Portugal na provincia de Traz-os-Montes. e desag. no Douro, defronte de Sontello, freg. do conc. de S. João da Pesqueira, passando proximo de *Freixiel*.

carta feita em Guimarães, em abril da Era 1257 (de Christo 1219).

Do foral de *Linhares*, como diz Herculano, não se encontrou exemplar algum; por isso não se sabe positivamente de qual das povoações d'este nome se trata; mas quasi se pode affirmar que é *Linhares*, freguezia do concelho de Carrazeda d'Anciães, d'onde dista 5 kilometros, ao sul.

Parece-nos que, em vista das transcripções que deixamos feitas e das notas illustrativas de que vão acompanhadas, conseguimos demonstrar plenamente não só que a *Penella*, á qual foi concedido foral por D. Affonso Henriques, é differente d'aquella a que Fernando Magno o concedeu, mas tambem quaes as verdadeiras povoações, a que este ultimo foral foi, simultaneamente, concedido, d'entre as muitas que em Portugal existem, de identicos nomes. Cahiu, pois, em erro Alexandre Herculano quando disse que a *Penella*, que recebeu foral do infante D. Affonso Henriques, parece ser a mesma que já o tinha recebido de Fernando Magno.

Se Alexandre Herculano conhecesse, como nós, a topographia da villa e municipio de Penella, no districto de Coimbra, onde nos honramos de ter nascido; ou tivesse simplesmente comparado as confrontações acima transcriptas, não teria emittido aquella opinião, á qual a sua auctoridade dava grande peso. Ambas estas povoações foram, é verdade, conquistadas por este rei leonez; mas uma ficava quasi no extremo norte, outra no extremo sul do então chamado territorio colimbriense; a que primeiro recebeu foral é hoje uma simples freguezia do concelho de Penedono, no districto de Vizeu; a que o recebeu depois é ainda hoje séde de concelho, tendo sido sempre considerada como uma das mais nobres villas de Portugal, no districto de Coimbra.

Foi, certamente, a identidade de nome das duas povoações que induziu a este erro o grande historiador, como já tinha induzido quasi todos ou todos os que o precederam; e, ainda ultimamente, o auctor do, infelizmente, tão pouco consciencioso e tão descuidado diccionario, *Portugal Antigo e Moderno*, e o distinctissimo escriptor, o sr. Pinheiro Chagas, no seu aliás muito util e accurado *Diccionario Popular*. E' de notar que, geralmente, se attribuiam á *Penella* do districto de Coimbra ambos os foraes, e alguns outros, que eram apenas cartas de confirmação dos mesmos. A razão d'isto está na sua secular importancia e nobreza relativa.

Em 1884 publicou-se um livro — *Noticias de Penella* — onde se repetem todas estas inexactidões. Esta publicação, que, por motivos ponderosos, não quizemos subscrever, comprehende grande quantidade de escriptos nossos (diz o prologo que démos *esclarecimentos importantes*), uns reproduzidos quasi fielmente, outros completamente mutilados ou adulterados, de envolta com innumeros apontamentos historicos, transcripções d'actas camararias, etc.; quasi tudo, porém, conservávamos ainda sem a devida coordenação e demorado exame, a que devia ser submettido, antes de sahir a lume. Eram materiaes accumulados desde muitos annos, e que representavam algum trabalho, por certo digno de melhor sorte. Pela impropriedade da occasião e do logar, nos abstemos de historiar aqui as peripecias que precederam e acompanharam esta publicação, e cujo resultado lamentamos.

O foral de Penella (districto de Coimbra), concedido em 1137 por D. Affonso Henriques, sómente foi confirmado por D. Affonso II, em Coimbra, no mez de novembro de 1217; só D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, no 1.° de junho de 1514.

O rei venturoso concedeu, como todos sabem, novos foraes a quasi todas as cidades e villas do reino; o que foi uma das medidas mais uteis do seu governo, attenta a grande confusão e desordem, em que laboravam a justiça e a administração do paiz, que em grande parte se baseavam nos velhos foraes.

Para concluir, diremos que as cinco povoações, que receberam identico foral de Fernando Magno, quando, em 1057[1], entrou a primeira vez por terras de Portugal, ficam todas ao norte do que então se chamou territorio colimbriense: Penella, Paredes e S. João da Pesqueira, na margem esquerda do Douro; Linhares e Anciães (Carrazeda de Anciães) na margem direita do mesmo rio e esquerda do Tua; ao passo que a outra Penella, que recebeu foral do infante D. Affonso Henriques, em 1137, fica ao sul do Mondego e foi conquistada pelo mesmo Fernando Magno quando, em 1064[2], segunda vez entrou em Portugal para extender o seu dominio até Coimbra; cidade que, ficando séde de um novo districto[3], nunca mais voltou ás mãos dos sarracenos.

D. Sisnando povoou o castello de Penella, bem como o de Arauz (Arouce—hoje Louzã), Cantanhede,

---

[1] Devemos suppor que foi logo depois da conquista que elle concedeu aquelle foral. Fernando Magno morreu em 1065.

[2] *In era M.ª C.ª II.ª* (de Christo 1064) *Introuvit rex domnus fridenandus cui sit beata requies in ciuitatem Colimbriam .. et prehendiuit eam de tribubus ismahelitarum...* (Doação feita por D. Sisnando de uma herdade, junto de Coimbra, para ahi se fundar uma egreja. — Port. Mon. Historica. — Diplomata et Chartae).

[3] *Tempore illo quo serenissimus rex domnus fernandus ego consul sisnandus accepi ab illo potestatem colimbrie et omnium ciuitatum siue castellorum que sunt in omni circuitu ejus cilicet ex lameco* (Lamego) *usque ad mare per aqua m fluminis durii* (Douro) *usque ad omnes terminos quos ihr sciani ad austrum possident que illo gladio suo et regali dominacione adiuuante deo abstulit a sarracenis et restituit christianis dedit que predictus rex michi supradictum terram totam ad edificandum et populandum et faciendum cuncta que bene visa fuerint....*

(Documento de 1088, do Livro Preto — Port. Mon. Hist. — Diplomata et Chartae),

Monte-Mor-o-Velho e Tentugal (que parece ter sido sua patria[1]), mas nem Fernando Magno nem elle lhe deram foral; se um ou outro lh'o houvera dado, é de presumir que o infante D. Affonso Henriques, em vez de lhe conceder uma nova carta de fôro, como concedeu, se tivesse limitado a confirmar a de seu bisavô ou a de seu logar-tenente.

Coimbra, 1 de março de 1887.

O socio effectivo

RICARDO SIMÕES DOS REIS.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 80

Posto que conste na Europa, para não dizer em todo o mundo, qual era a subida importancia artistica e archeologica dos objectos de que se compunham as preciosas collecções que el-rei o Senhor D. Fernando II, de saudosa e veneravel memoria, possuia no palacio das Necessidades, por mais fertil que fosse a imaginação de um illustrado amador de antiguidades, nunca poderia suppôr o extraordinario conjuncto de centenares de objectos raros e valiosos pela materia assim como pelo seu primor de execução, d'esses exemplares ali reunidos de todos os generos e regiões, nem acreditaria que houvesse em Portugal uma tão selecta escolha de esmerados productos artisticos, que adquiriu durante 42 annos este Principe, um dos mais desvelados e competentissimos colleccionadores de antiguidades não só nacionaes como estrangeiras. Felizes os que tiveram a regalia de verem e examinarem tão soberbo e incomparavel museu existente em Lisboa.

Quando no castello da Pena, já então avançava rapidamente o seu mortal padecimento, el-rei me fez vêr dois admiraveis vasos gregos, que havia pouco tinha comprado, vasos que ornavam, com outros e escolhidos artefactos, o seu elegante gabinete na sua habitação de Cintra, depois de lhe ter gabado a belleza da forma d'aquella preciosa ceramica, exclamei: que todos os objectos artisticos e archeologicos que encerravam os seus aposentos, tanto de Lisboa como de Cintra, faziam suppôr pelo conjuncto d'elles, e suas respectivas composições haverem sido executados expressamente para guarnecerem a sua habitação, e por esta notavel particularidade, pela sua belleza e valor, produziam mais extraordinaria admiração. Louvei-lhe egualmente a sua superior intelligencia e apurado bom gosto para ir procurar por toda a parte essas antiguidades, não o detendo o excessivo preço afim de gosar do seu real merecimento e contemplal-os com a satisfação de um verdadeiro conhecedor das obras primas de todas as épocas e origens! Respondeu-me com o seu tão agradavel modo: *Diga tambem a minha excessiva paciencia de esperar a opportunidade para os descobrir, e conseguir reunil-os todos da mesma época, a fim de ficar completa a decoração dos meus differentes aposentos.*

Mal sabia este amavel Principe, que por pouco lhe restava o legitimo prazer de os contemplar.

E' bastante para sentir que essas singulares collecções não possam estar publicas para serem visitadas pelos amadores de antiguidades e pelos artistas nacionaes, onde encontrariam modelos magnificos e especiaes em todo o genero de obras e materia para lhes inspirar obras dignas de apreço, as quaes concorreriam egualmente para o progresso artistico da nação.

Estas sentidas e patrioticas considerações deverão dar, de certo, maior interesse para se examinarem as seis photographias que se publicam com este numero do *Boletim*, as quaes representam fielmente os principaes aposentos do rei artista, pertencentes ao palacio real das Necessidades, em que figuram os varios objectos dispostos pela propria mão do Senhor D. Fernando, que, com tanto encanto ornava a sua residencia. Estas vistas darão uma idéa da magnificencia archeologica, de que infelizmente teremos de deplorar o lamentavel *desmantelamento*, com a perda de tão precioso museu!

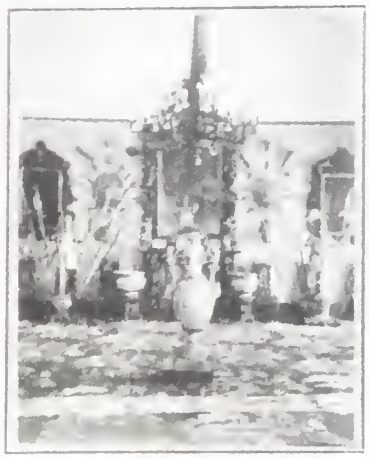
A primeira photographia, *A*, mostra a sala d'armas, que serve de sala de espera, e era no tempo dos frades do convento das Necessidades um gabinete de physica; sendo hoje o seu principal adorno um grande painel, pintura a oleo, de grande merecimento, do celebre pintor Holbein, o qual descança sobre um rico fogão com esculpturas, e em cima d'elle veem-se primorosos objectos de marfim e bello metal. Grandissimas bacias da China sobre pés torneados, estão collocadas com symetria aos lados d'esse fogão; ficando pendente do tecto um vistoso lustre de metal dourado, de elegante fórma que chama a attenção dos entendidos. Entre os vãos das janellas armas antigas, dispostas em trophéos, brilham reflectindo pela luz que recebem do Nascente. Na janella do meio d'esta sala está um guerreiro trajando em todo o rigor da idade média e montado n'um cavallo ajaezado conforme se usava n'essa época. O cavallo é copia d'aquelle que o Principe preferia para os seus passeios.

[1] *Ego sesdandus dovid proles (filho de David) gratia dei consul colimbriensis... testo et do et concedo . hereditatibus quas ganaui et populaui et edificaui in heremo. . et medietatem de villa* TENTUGAL *que fui de hereditate parentum meorum* (metade da villa de Tentugal que herdei de meus paes)... *et medietatem de villa de* CANTONIEDE (Cantanhede) *et in angliata sub castello* SANCTA EOLALIAE (Monte Mor-o-Velho) *duas uillas ad integrum arazed et lamosma* (Arazede — e *Lamarosa ?*) .. *et medietatem de illis castellis que ego populaui* ARAUZ ET PENELLA (Louzã e Penella).

(Testamento de D. Sisnando, conde de Coimbra, em que institue herdeiros de seus bens sua filha Geluira e a egreja de Mirleus, por elle fundada. — Port. Mon. Hist. — Diplomata et Chartae).

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Estampa 80



A

B

C

D

E

F

Museu Artistico e Archeologico d'El-Rei D. Fernando

PALACIO DAS NECESSIDADES

1887

Pag 109

Ao centro da mesma sala ha uma urna de superior trabalho e elegante de forma, que attrae a attenção dos amadores de objectos raros. Saindo de esta passa-se a outras duas salas, cuja porta fica em frente do grande painel já citado.

A sala immediata á de entrada, que pela porta representada na photographia apparece aberta, deixa ver a sala de armas, tambem está guarnecida de quadros escolhidos e de mobilia e objectos de grande estimação, notando se entre elles um soberbo contador de tartaruga de subido trabalho artistico. Uma mesa de delicada esculptura com fino marmore que a cobre, no brilho do qual se reflecte uma elegante urna de Sevres, encimada pela figura de Pallas; além de paineis e outros objectos de louça do Japão, um vistoso tapete e um lustre de crystal completa a decoração d'esta segunda sala, *B*.

A photographia *C* apresenta a primeira sala que serve para a bibliotheca na qual as paredes estão todas guarnecidas por bellas estantes de pau santo que encerram obras dos principaes auctores, em diversas materias e linguas, com apuradas encadernações, contendo para cima de 10 mil volumes. Por cima d'estas estantes um sem numero de objectos de ceramica das antigas e celebres fabricas, com delicadas fórmas e de incomparavel belleza, enchem todo o espaço que ellas podem offerecer.

Grandes mesas de apurada esculptura em distancia uma das outras, teem ricas pastas pesadas de gravuras raras, que fazem parte da soberba collecção de mais de 15 mil estampas de todas as escolas de eximios artistas de differentes nacionalidades. Commodas *fauteuils* convidam á leitura n'esse recinto em que as bellas artes e a litteratura têem um templo condigno da sua especial applicação.

Espaçosas janellas dão bastante claridade para melhor se poder apreciar e admirar esse conjuncto de attractivos causando tambem agradavel satisfação considerar a importancia material e intellectual que esta bibliotheca encerra. Quadros com gravuras e placas dispostas convenientemente concorrem para ornar a rica bibliotheca; e um delicado lustre de filigrana de vidro, tendo por principal adorno duas aguias encimadas de coroas, como é o brazão da casa de Austria, completa esta maravilha artistica e archeologica.

A respeito d'este *bijou* do lustre, dizia-me o chorado Principe, fazendo ver esta acquisição que havia obtido em Veneza. *Poderia suppôr-se que fosse encommendado para esta sala, pois está proporcionada para a sua grandeza e pela delicadeza do seu feitio e transparencia da materia não destroe a harmonia da decoração, e mesmo parece augmentar o espaço em que os objectos figuram.* E accrescentou : *Custou-me barato, dei doze mil francos por elle.*

Se estas salas causam indelevel satisfação pelo seu agradavel aspecto, mais nos deverão interessar examinando os quartos reservados em que vivia este notavel Principe, onde tudo está assignalado pela sua presença, como por haverem sido tantas vezes contempladas e attrahirem-lhe a attenção tão pr morosas obras reunidas pela sua esmerada e intelligente apreciação.

A photographia *D* mostra o gabinete particular do Principe, vendo-se, entre duas janellas, a primorosa secretaria cheia, a não poder conter mais, de objectos de subido apreço, tanto pela sua qualidade, como, sobretudo, pela perfeição da sua execução.

Este *cofre artistico de joias*, porque era ahi que estavam reunidas as mais valiosas obras de arte, pode-se dizer que vale mais do que tudo que enche as outras salas, não obstante o seu avultado numero, riqueza e perfeição.

A pequenez d'esta vista photographica apresenta sómente um limitado numero de obras que compõem esse thesouro de antiguidades, entre as quaes figura um painel que está avaliado em 46 contos de réis, e um diptyco esmaltado, de superior merecimento. Posto que seja muito resumida esta descripção, todavia poderá formar-se idéa de quanto seria para lastimar que Portugal ficasse privado de tão admiravel collecção, não sómente pela recordação do seu augusto colleccionador, mas tambem pelos preciosos exemplares, que serviriam de instrucção aos artistas nacionaes.

Ha n'este gabinete uma notavel particularidade, de ter sido no vão de uma janella, que fica á esquerda da secretaria, o *atelier do rei artista*; pois como as paredes do convento das Necessidades são de extraordinaria grossura, havia no intervallo d'essa janella espaço sufficiente para o trabalho de PINTAR FAIANÇA !

N'esse vão de janella foi onde o Senhor D. Fernando pintou com mimosa execução 178 differentes peças de louça, tendo todas a sua firma no reverso. Bastaria esse facto historico de ter n'esse quarto produzido o Principe tão especiaes obras para importar o dever de se conservar a recordação do local em que o real artista creou a sua fama de excellente pintor de faiança.

As duas photographias *E* e *F* mostram o lado opposto do mesmo gabinete, fronteiro á secretaria; reproduzem vistas quasi similhantes, porém tiradas de dois pontos differentes, a fim de ficarem os objectos principaes visiveis no seu melhor aspecto.

Em uma alta e linda *étagère* estão objectos de prata lavrada e outras preciosidades; por cima na parede ha um quadro antigo; na parte que forma o angulo do gabinete vê-se uma outra *étagère* com feitio diverso e tem as suas prateleiras cheias de objectos de precioso metal e não menos estimação

artistica, ornando o lado esquerdo um commodo sophá, por cima do qual está um magnifico diptyco de esmalte de admiravel trabalho, que se destaca entre os quadros de differente natureza, que guarnecem as paredes, completando tão vistoso conjuncto uma mesa torneada posta em frente do sophá: egualmente ha sobre ella objectos de marfim e de prata chamando a attenção dos admiradores de antiguidades, que, por tanta dedicação archeologica, ficam attonitos e encantados.

Nos outros paizes mais ricos e adiantados em civilisação, ha mais d'uma d'essas collecções de muito merecimento e valor, mas não causam grande admiração, porque estão os estrangeiros costumados a vel-as e aprecial-as todas as vezes que desejam; porém, o facto de haver em Portugal sómente estas magnificas collecções de escolhidos exemplares, e que mui poucas pessoas conhecem, faz com que sejam reputadas como dignas de pertencerem á nação a fim de se conservar um tão admiravel museu, accrescendo o merecimento de terem sido feitas por um Principe tão sympathico e estimado pelo povo portuguez. Seria, pois, muito para desejar, se se fizer leilão do espolio do Senhor D. Fernando, que Portugal o arrematasse, e talvez sem grave encargo para o paiz, se o parlamento destinasse a verba que estava designada para a *dotação annual do rei artista*, e fosse applicada a amortisar a importancia d'aquella acquisição, como se o Principe continuasse a existir durante aquelle periodo; certamente seria avultada a quantia, porém a nação não ficava prejudicada, porque possuia o valor correspondente ao custo da compra: além de conservar-se para o paiz um tão admiravel museu, que serviria tambem de monumento artistico erigido á memoria do seu augusto fundador.

Consta que um dos interessados n'este espolio, dissera: *Estas collecções não devem sair d'aqui* (Necessidades). *Os herdeiros conservarão o direito que teem á parte que lhes pertencer, mas conservando-as intactas no logar em que ficaram postas pelo Senhor D Fernando, não só como recordação do seu apurado gosto artistico de apreciador de archeologia, como pela fama que teria este museu em Portugal entre os outros museus existentes na Europa.*

Quão nobre é este pensamento e manifesta illustrada opinião de quem a expoz.

E' agora costume muito louvavel nos paizes cultos mandar collocar uma lapide no predio em que uma pessoa distincta nas lettras, sciencias ou artes, falleceu a fim de ficar commemorada qual a habitação em que exhalou o seu ultimo suspiro. D. Fernando, habil pintor de ceramica, em Portugal, ficará porventura privado da mesma distincção? Talvez; porque era modesto e foi pessoa real.

POSSIDONIO DA SILVA.

ARCHEOLOGIA RELIGIOSA NA HOLLANDA

Particularidade curiosa

E' ao clero catholico, e principalmente á esclarecida iniciativa de um arcebispo de Utrecht, G. W. van Heukelum, que se deve na Hollanda o singular movimento dos ultimos annos na renovação do ensino pratico das bellas artes e no desenvolvimento do gosto publico!

O clero catholico, que nos paizes catholicos tão indifferente se mostra quando se não mostra adverso á resolução de todos os problemas estheticos, é na Hollanda a classe mais solicita na conservação ou na restauração dos antigos monumentos, das velhas cathedraes do seculo XI ao seculo XVI, e no collecionamento e classificação technica de todas as preciosidades artisticas e principalmente das que servem de documentos á historia da arte christã. Para este fim existe uma rigorosa legislação diocesana regulando os minudentes cuidados empregados pelos bispos, pelos parochos e pelos fieis no intuito de dar á egreja catholica a gloria de demonstrar pela sua acção nos progressos artisticos a força e a efficacia da sua poderosa organisação hierarchica.

Todas as restaurações architectonicas feitas nas naves, no côro, nas fachadas das egrejas, nos porticos, nas torres, nos campanarios, nos lanternins dos edificios catholicos de Utrecht são perfeitas de arte e de sciencia archeologica.

As antiguidades colligidas no museu archiepiscopal, alfaias de egreja e de sachristia, marfins, crystaes, esmaltes, manuscriptos, illuminuras, ferragens, encadernações, filigranas, vestimentas, estofos, bordados, mil objectos tão diligentemente procurados em todas as egrejas e em todas as sachristias da antiquissima diocese e tão sabiamente classificados n'este archivo de caracter artistico, constituem um dos mais preciosos monumentos que tenho visto para a historia da egreja, para a historia da vida monastica e para a historia da arte christã na edade média.

A Hollanda — RAMALHO ORTIGÃO.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 6, pag. 95)

CAPITULO II

Summario. — Estylo Latino — Estylo Byzantino — Fórmas das Basilicas — Origem da Basilica Christã — O Narthex — Orientação das Basilicas e Egrejas Christãs — Egrejas cruciformes, circulares e polygonaes — Cryptas — Baptisterios — Oratorios domesticos — Templos pagãos e edificios profanos apropriados em Egrejas Christãs — Systema e regras de construcção — Decoração monumental — Narthex, fachadas e portaes das Basilicas — Janellas e a maneira de as vedar. — Madeiramento do cume dos edificios — Torres — Pinturas representadas em mosaico — Pavimento nos edificios — Altares — Ciborium — *Ambon*, Tribuna para as leituras da Biblia — Poltrona para os bispos e bancos para os sacerdotes — Cemiterios — Monumentos funerarios—Sarcophagos —Tumulos sub-

terraneos — Objectos com symbolos christãos achados nas sepulturas — Alfaias religiosas — Calices e Patenas — Custodias — Relicarios — Pombas e torres — Accessorios do altar — Corôas de metal precioso suspensas sobre o altar — Dipticos — Encadernação dos livros dos Evangelhos — Estofos religiosos — Paramentos sacerdotaes — Jesus Christo sob fórmas symbolicas — Os Apostolos S. Pedro e S. Paulo.

Periodo Latino e Bysantino. A architectura christã póde considerar-se dividida em dois ramos perfeitamente distinctos. O primeiro, que se poderá chamar o *Estylo Latino*, foi adoptado pela egreja Latina, isto é, na Italia, na Illyria, na Dalmacia e em toda a Europa Occidental. É caracterisado pela imitação mais ou menos correcta da architectura classica, greco-romana. O outro estylo, formado por elementos orientaes e romanos, nasceu em Constantinopla, e ahi se desenvolveu, formada sob a influencia Oriental, uma configuração inteiramente nova: deram-lhe o nome de *Bysantino*.

O Estylo Latino predominou no Occidente até ao principio do seculo VIII; e o Estylo Bysantino no Oriente, até á tomada de Constantinopla pelos Musulmanos, em 1453.

Chamou-se *Latino* o estylo do imperio do Occidente, em primeiro logar porque, derivando do Estylo Romano ou Classico, foi empregado nos paizes em que a lingua *latina* era a lingua ecclesiastica e vulgar; em segundo logar, porque existiu tanto tempo como aquella lingua, approximadamente.

O Estylo *Bysantino* tem o nome derivado de Bysancio ou Constantinopla, capital do imperio do Oriente.

Estylo Latino. A architectura greco-romana chegou ao seu apogêo durante os dois primeiros seculos da era christã. A sua decadencia começou no seculo III, afastando-se da nobre simplicidade do Estylo Classico.

No seculo IV, ainda mais se pronunciou a sua degeneração.

Começaram então a desmanchar os antigos monumentos para em seu logar construir e decorar mais facilmente os novos. Tal era o estado da architectura no Occidente, quando foram construidos os primeiros monumentos christãos do periodo *Latino*.

Fórma das basilicas. As *basilicas profanas* eram vastos edificios construidos no *Forum*, ou nos arredores das praças publicas. Serviam para ponto de reunião dos vendedores, assim como de outros individuos que se occupassem de negocios. Era n'ellas que os magistrados administravam Justiça.

As *basilicas christãs* foram construidas segundo o modêlo das basilicas profanas: sómente, em vez de se construirem ao longo das praças publicas, eram precedidas de um pateo quadrado, com o fim de as afastar do ruido e do tumulto da rua. Tinham, como as basilicas profanas, a fórma d'um rectangulo mais ou menos alongado e compunham-se de tres partes principaes — o *pateo* ou o *atrium*; a *nave* e o *Sanctuario*.

O *narthex* abria-se ao fundo do atrium. Era uma especie de vestibulo, propriamente dito, formado pelo portico transversal contiguo á fachada da basilica.

Esta primeira parte da basilica era occupada, durante o officio, por aquelles a quem as leis ecclesiasticas prohibiam tomar parte nas assembléas dos fieis.

Do *narthex*, entrava-se por uma, tres ou cinco portas para a basilica, que era ordinariamente dividida em tres naves por duas ordens de columnas.

A da direita, reservada para os homens, e a da esquerda para as mulheres.

(Continua).

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O dia 15 de maio foi designado por Sua Alteza o Principe D. Carlos para serem distribuidos os premios aos alumnos do *Curso elementar de Archeologia*, no Museu do Carmo. Não podendo assistir Sua Alteza por estar ausente da capital, nomeou para o representar o seu ajudante, tenente coronel, sr. Novaes Telles, que abriu a sessão solemne á uma hora da tarde. Tinham sido classificados pelo jury, na 1.ª parte do curso, *archeologia prehistorica:* Maximiano de Deus Monteiro, approvado com o 2.º premio de réis 25$000 e louvor; Luiz Eloy Callado Junior, com menção honrosa; Antonio Telles Machado Junior, com approvação simples.

Na 2.ª parte, *archeologia historica*, obtiveram approvação e o 2.º premio de 25$000 réis, D. Antonio José de Mello e Maximiano de Deus Monteiro; e Alfredo d'Ascensão Machado, approvação simples. Os diplomas e premios foram entregues aos srs. alumnos pelo representante do Principe Real.

Depois do relatorio lido pelo professor do curso o sr. Possidonio da Silva, em que informava a assembléa haverem-se matriculado 72 estudantes, ficando já 15 laureados n'este curso, obteve a palavra o alumno Maximiano Monteiro que fez a leitura da resposta que deu aos 36 pontos do exame da 2.ª parte d'este curso, e que foi ouvido com interesse do auditorio pela maneira como havia desenvolvido o assumpto e satisfeito ás provas de sua applicação

Além dos socios da Real Associação, e entre os convidados, pessoas distinctas pela sua representação e saber, achavam-se o contra-almirante conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva e o secretario do emin. Patriarcha, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, os quaes em 1867 haviam frequentado as prelecções, que o sr. Silva tinha dado no Museu do Carmo ácerca d'architectura monumental dos povos da antiguidade.

A's 2 1/2 horas findou a sessão, sendo conduzido pelo professor e alguns socios até ao portal do edificio, onde com toda a amabilidade se despediu o distincto ajudante d'ordens de Sua Alteza Real.

Mr. dr. Massy, medico do conde de Paris, desejando vêr o museu da nossa Associação, pediu ao secretario do Principe Real, sr. conde de S. Mamede, para avisar o presidente dos architectos de que receberia ás 2 horas do dia 15 de maio a visita d'este distincto facultativo. Mr. Massy viu com satisfação as nossas collecções archeologicas e fez elogio de haver tambem em Portugal exemplares prehistoricos de grande interesse scientifico.

O sr. Possidonio da Silva recebeu da Sociedade Academica Franco-Hispano-Portugueza de Toulouse um officio em que se lhe dirigiam as seguintes phrases: — *Tendo a honra de vos contarmos no numero dos socios, rogavamos que concorresseis pessoalmente para a exposição das sociedades scientificas, enviando não sómente as vossas publicações inseridas no « Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes », mas tambem todas aquellas que tiverdes publicado em separado.*

E' n'este intuito que ficariamos reconhecidos se nos enviasseis, o mais breve possivel, a collecção extraida do Boletim das Sociedades a que pertenceis e de vossas publicações sobre qualquer ramo de litteratura ou de arte.

Pela estreiteza do praso de tempo, não era possivel satisfazer cabalmente a tão distincto convite, tendo apenas o sr. Possidonio escolhido entre as suas publicações os seguintes trabalhos impressos em separado do Boletim; a saber:

Descripção artistica das novas salas do real palacio da Ajuda, 1865. — *Elogio historico do architecto civil José da Costa Sequeira*, 1873. — *Elogio Historico do architecto membro do Instituto mr. Victor Baltar*, 1774. — *Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*, 1867. — *Dissertation artistique sur l'architecture en Portugal, depuis le XII au XVII siècle*, 1869. — *Souvenir du Congrès international d'Anthropologie pré-historique en Boulogne*, 1872. — *L'Assainissement de la ville de Lisbonne, lû dans le Congrès pour l'avancement des sciences, à Bordeaux*, 1872 — *Notice historique et artistique des principaux édifices religieux du Portugal*, 1873. — *Relatorio dos trabalhos effectuados em* 1886 *pela Associação dos Architectos Civis*, 1867. — *Notice sur les monuments mégalithiques du Portugal*, 1879. — *Découverte des Haches d'un type nouveau en Portugal*, 1880. — *Mémoire sur l'inscription très ancienne gravée et peinte sur un rocher en Portugal*, 1885. — *Relatorio apresentado na sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em* 1881. — *Relatorio lido na sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em* 1886.

NOTICIARIO

No Egypto acabam de se descobrir pinturas feitas sobre madeira de sycomoro tendo sido achadas em *Fayoum*, n'um tumulo. Suppõe-se que pertencem ao periodo greco-romano, terceiro seculo da era actual.

Uma inscripção encontrada com diversos objectos que continha o referido tumulo principia por estas palavras: *Tumulo de Julius, soldado, natural da aldeia de Philadelphia...*

As pinturas representam dois retratos, de desenho correcto; um é de uma joven senhora com o cabello apartado em *bandeaux* sobre a testa, tendo nas orelhas grandes brincos; o outro é de um mancebo, do qual representa sómente a parte superior do busto.

Em Roma, proximo da Porta Angelica, a commissão archeologica descobriu um monumento funerario d'um sapateiro, da epocha de Trajano. O busto executado com grande expressão está collocado em um nicho rectangular com frontão sobre o qual ha duas fôrmas representando a *Caliga* com todas as suas correias: por baixo do busto está gravado o seguinte:

C. TVLIS. HELIVS. SVTOR. A
PORTA. FONUNALE. FECIT. SIBI. ET
IVLIAE. FLACCILLE. FIL. ET. C. IVLIO
ONESIMO. LIBERTO. LIBERTABVSQVE
POSTERISQVE. EORUM. V· F·

Um abastado russiano, amador de musica, que tinha residido muitas vezes em Paris, legou uma rebeca de *Stradivarius* ao conservatorio nacional de musica da capital, com a expressa determinação de que qualquer rebequista laureado d'esta escola terá a honra de tocar no concerto da distribuição dos premios, para se ouvir a sua execução n'esse bello instrumento.

A continuação das investigações dos monumentos historicos em Tunes tem feito descobrir, a alguns metros do aqueducto de Bulla Regia, vestigios de pequenas casas com o pavimento de mosaico representando passaros entre figuras geometricas.

O amphitheatro está construido fóra da cidade a 500 metros, o eixo maior tem 60 metros e o menor 45 metros; em altura tem tres filas sobrepostas de galerias. O *podium* conserva se em grande parte.

As medalhas encontradas nas escavações são todas de bronze. Duas são púnicas e têem no reverso o cavallo de Carthago; as outras teem as effigies de Maximiano, Claudio, Aureliano, Probus, Valentiniano, Cezar, Diocleciano e Constantino.

Em Colombiers, França, foi achado um *vaso gallo-romano*, que estava soterrado a um metro proximo do cemiterio da egreja de Colombiers. Era costume collocar nos nichos d'uma camara sepulchral as cinzas dos finados depositadas nas urnas *(ollæ)*; eram collocadas duas a duas, como os ninhos dos pombos, d'onde lhes veiu o nome de *Columbarium*.

Este vaso, que os antigos auctores designavam com o nome de *sinus* e d'*alveus lactis*, era representado nas sepulturas christãs dos primeiros seculos atado a um *pedum* (cajado de pastor) e suspenso ao braço do Bom Pastor, ou depositado aos seus pés.

Celebraram na Italia o quinto centenario da fundação do zimborio de Milão. Documentos descobertos recentemente, deram a conhecer que esta celebre construcção tinha principiado no mez de fevereiro de 1387.

1887, Lallemant Frères, Imprensa, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1887 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 8

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:
Architectura monumental (Continuação) — Edificios romanos — pelo sr. J. P. N. da Silva ..... Pag. 113
Architectura portugueza — pelo sr. C. H. Blackall ..... » 117
Numismatica — S ..... » 119
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:
Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) — pelo sr. Possidonio da Silva ..... » 122
Explicação da Estampa n.º 81 — pelo sr. J. da Silva ..... » 124
Bibliographia artistica — Redacção. — O pintor e gravador a agua forte Dirk (Rodrigo) Stoop ..... » 126
Chronica ..... » 127
Noticiario ..... » 128

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Edificios romanos

(Continuado do n.º 6, pag. 84)

Roma, como se sabe, foi antigamente a séde do imperio do Universo, e é digna de toda a nossa admiração, tanto pelas suas recordações historicas, como pelos monumentos antigos que ella conservou: ninguem poderá fallar d'esta cidade por tantos titulos celebre, sem experimentar uma certa emoção que não se póde reprimir, pois que grandes recordações estão ligadas ao aspecto d'esses logares que foram habitados por Camilio, Scipião, Catão, Pompêo, Cesar e muitos outros heroes, constrangendo a nossa alma a commover-se com a lembrança das acções heroicas que praticaram e o assombro que sempre causam a quem se dedica ao estudo da historia antiga d'este povo.

Tal é, pois, a inconstancia e a fragilidade das cousas humanas: a natureza, como se fosse um abysmo immenso, absorve as gerações para reproduzir outras, destinadas a desapparecerem egualmente pela sua vez, deixando apoz ellas apenas alguns tenues vestigios da sua fugitiva existencia!

Considerando quaes foram os nossos primeiros estudos sobre Roma, n'elles se occupou o nosso entendimento, sendo Roma a primeira sociedade civilisada do mundo que nós conhecemos; uma nação, para o engrandecimento da qual trabalharam os historiographos, os oradores, os poetas e os artistas, como foram Tito Livio, Tacito, Sallustio, Cicero, Virgilio, Ovidio, Horacio, que nos encantaram pelo seu estylo natural e sublime; que nos electrisam pela força dos seus raciocinios, pela nobreza dos seus pensamentos; e estas diversas impressões que recebemos na nossa juventude, fallam com bastante auctoridade á nossa imaginação, para que esta Roma que elles illustram não nos possa ser indifferente, nem deixe de merecer a nossa attenção.

Esses monumentos que ha mais de 17 seculos faziam a admiração dos proprios Romanos, que haviam visto as pyramides do Egypto, subsistem ainda mais ou menos arruinados, não tanto pelos estragos do tempo, como pelo vandalismo dos homens. Qual seria o principio que inspirou o engenho d'este povo poderoso, para se dedicar a tão extraordinarias emprezas? Foi devido a uma nação visinha, que tinha então o imperio das Bellas-Artes; como veiu a ter egualmente, muitos seculos depois, sob o dominio dos Medicis; foram os Etruscos, os pri-

mitivos habitantes da Toscana, que haviam produzido obras admiraveis no seu paiz e vieram executar outras similhantes em Roma. O aspecto dos seus monumentos era nobre e severo e convinha ao caracter dos fundadores da antiga Roma; posto que lhe associaram depois uma excessiva magnificencia que degenerou em pouco tempo em um luxo extraordinario, imitando na epoca mais florescente da sua architectura, os bellos exemplos que haviam admirado nos monumentos edificados na Grande Grecia.

A architectura Romana não é mais do que uma imitação da architectura Grega, a qual se propagou por toda a parte onde os gregos penetráram; por toda a parte onde o seu engenho mais conquistador que as suas armas, estendeu a sua influencia. Desde a mais remota antiguidade, se havia introduzido na Italia o germen da lingua, da religião, do culto, dos usos, das artes e das opiniões da Grecia. Fosse qual fosse a origem de Roma, fosse qual fosse o seculo que os historiadores dão á sua fundação, elles não nos informam sobre os primeiros passos de uma nascente civilisação, pelo contrario nos demonstram ser já um povo que possuia os conhecimentos das artes adquiridos das colonias estrangeiras estabelecidas na Italia, as quaes tinham vindo todas da Grecia. Roma, desde a sua origem, teve pois a mesma arte monumental dos gregos. Sem duvida que os modelos de esculptura e de pintura que haviam admirado nas suas cidades, lhe fez vêr a necessidade de se familiarisar com elles, tanto pelo sentimento das proporções, como pela elegancia das fórmas e belleza dos ornatos. Ora, foi isto que veiu produzir a conquista da Grecia, fazendo refluir para Roma, não só as obras produzidas pela Arte Grega, como tambem a propria residencia de habeis artistas d'aquelle paiz; sendo evidente que tudo quanto a Grecia perdia pelo empobrecimento das suas artes, Roma aproveitava, enriquecendo-se por todas as maneiras, apoderando-se de suas obras primas, e convidando os mais distinctos artistas para levantarem os seus monumentos; pois é sabido que os artistas concorrem sempre aonde a opulencia os chama, e esta faz florecer as artes liberaes.

Desde então se distinguiu a arte de edificar no paiz dos romanos, havendo elles delineado os monumentos sobre muito maiores dimensões, cousa que nunca podia ter sido feita pelos gregos, nos estados em que a Grecia se achava dividida; portanto a architectura, na antiga Roma, sendo protegida pela riqueza publica e particular, achou o mais vasto campo para as suas grandiosas concepções de construcções as mais variadas, e uma applicação a mais illimitada de seus avultadissimos recursos.

Não obstante os romanos terem tido o espirito pouco inventivo, souberam perfeitamente apropriar as idéas e as descobertas feitas pelos outros povos. A sua architectura tirou-lhe o principal caracter pelo emprego das abobadas e das arcadas, modo de construcção applicada em quasi todas as suas obras monumentaes.

A introducção da arcada na architectura modificou completamente o estylo grego. Desde então a maneira de ornar as diversas Ordens gregas foi alterada. Eis a razão principal por que a arte monumental do povo latino apresenta um caracter inteiramente original.

Os reis, augmentando e fortificando Roma, edificaram tambem templos, palacios e tumulos. Empregaram para a execução d'estes trabalhos architectos gregos. Foi assim que Romulus pôde levantar diversos monumentos a Jupiter, a Vesta, á Lua, ao Sol e a Marte. Numa Pompilius dedicou egualmente muitos santuarios em honra da Fé e da Fidelidade, de Romulus e de Janus. No tempo de Tullus Hostilius se erigiu, perto do Forum, uma columna prismatica á qual se suspenderam os despojos dos tres Curiacios que haviam em combate singular sido vencidos pelos Horacios. Ancus Martius fendeu o porto de Ostia, lançou uma ponte de madeira sobre o Tibre, e fez construir no centro da cidade uma prisão que existe ainda, e é conhecida pelo nome de *prisão Mamertina*. Estes importantes trabalhos foram executados sob os Tarquinios; traçou-se o grande Circo entre o Aventino e o Palatino, e o rodearam de bancos de pedra para os espectadores. O Forum foi circumdado de porticos, e o pantano que existia entre o monte Palatino e o Capitolio foi enchuto por meio de um canal subterraneo, chamado — *A grande cloaca*, que ainda hoje se vê, posto que esteja mais de metade enterrada, sendo uma das tres mais consideraveis construcções emprehendidas pelos romanos; e foi n'esta obra que fizeram a primeira abobada com as pedras cortadas em fórma de cunha. Tarquinio, o Soberbo, ornou de porticos o grande circo, e principiou o celebre templo de Jupiter Capitolino, de tão admiravel architectura. Para se fazerem trabalhos d'esta ordem era preciso que o povo romano já possuisse grandes conhecimentos e estivesse bastante adiantado na pratica das artes desde o principio do seu estado social.

Este povo fez ainda muito maiores progressos na arte de edificar, depois da conquista da Grande Grecia, onde se acharam immensas riquezas e magnificos edificios. Durante a guerra punica, na Sicilia, offereceu-se tambem á sua admiração uma abundancia de construcções pertencentes á mais brilhante época da architectura hellenica. As artes receberam então um grande impulso. Ricos com os despojos obtidos dos povos vencidos, os romanos dedicaram-se a aformosear a sua cidade com monu-

mentos novos. Citaremos o templo da Honra e da Virtude, levantado por Marcellus, trabalhos que foram dirigidos por Caius Mutius, o mais antigo architecto romano que a historia menciona. Porcius Caton assentou os alicerces de uma basilica, perto do Forum. Um facto notavel foi que Antiochus, tendo resolvido concluir o grande templo de Jupiter Olympico em Athenas, encarregou da direcção das obras um architecto romano, de nome Cassurius. Este templo foi disposto com tanta arte e ornado com tanto gosto e magnificencia, que o reputavam ser um dos quatro mais admiraveis santuarios da Grecia.

Depois da segunda guerra de Macedonia e da tomada de Corinthio, Roma enriqueceu-se ainda mais de um sem numero de obras d'arte hellenica. Os edificios construidos n'esta epoca assemelham-se muito mais aos monumentos gregos do que aos outros mais antigos.

O primeiro templo de marmore que appareceu em Roma foi edificado por determinação de Quintus Metellus, sendo encarregado das obras os architectos lacedemonios Saurus e Batracus. Quasi no mesmo tempo foram construidos os sumptuosos porticos de Scipião Nasica sobre o Capitolio, e de Curcius Octavius perto do Circo.

Os capiteis do portico de Octavius foram feitos de bronze de Corinthio. Desde então, em logar de continuarem com materiaes que fornecia o solo romano, empregaram nos edificios publicos marmores preciosos dos paizes estrangeiros; isto deu logar a ornarem-se os monumentos com mais gosto e riqueza. Principiaram a lagear os templos com marmores de varias côres, dando origem aos mosaicos. O orador Lucius Crassus foi o primeiro que empregou o marmore na construcção dos edificios particulares.

A epoca das guerras civis não deixou recordações interessantes para a historia da arte. Todavia Sylla fez edificar o templo de Jupiter Capitolino sob o antigo plano adoptado pelos Tarquinios. Este santuario foi concluido por Catulo, que ahi fez inscrever o seu nome, posto que Cesar quizesse que n'elle se gravasse o de Pompeu. Os romanos abastados principiaram a empregar nas suas habitações um luxo extraordinario, que Lucullus levou ao ultimo grau de magnificencia.

Desde esta epoca começaram as construcções monumentaes a serem executadas egualmente com um aspecto mais magestoso, como apparece no monumento funereo de Cecilia Metella sobre o rio Appianio, e o de Plausius, proximo de Tivoli; assim como a sepultura de Pompeu, conhecida pelo nome dos Horacios e Curiacios.

O edificio mais bem conservado, pertencente a esta epoca, é o templo circular de Vesta de Tivoli, da era 682, antes de Jesus Christo; o qual é da Ordem corinthia, e assemelha-se pela sua decoração aos monumentos feitos pelos gregos, do mesmo genero, e nos indica claramente o estado a que tinha chegado a architectura romana pelos fins da republica. Ainda que os monumentos romanos não possam ser comparados aos dos gregos pelo bom gosto e perfeição do trabalho, todavia são superiores a estes pelas suas vastas dimensões e pela riqueza dos seus ornamentos.

Foi no principio da era imperial, que a architectura romana tomou o caracter original que a distingue. Quando Augusto esteve de posse do governo, e que a paz se consolidou na Italia, a capital do novo imperio se aformoseou com magnificas construcções. Os romanos tiveram então artistas distinctos. A Ordem corinthia, que pela sua riqueza era a mais importante, convinha perfeitamente ao esplendor romano, e veiu a ser a Ordem preferida. A contar d'esta epoca, os romanos fizeram edificar em todas as partes do imperio, Europa, Asia e Africa, estradas publicas, aqueductos, thermas, templos e arcos de triumpho, que fazem ainda a admiração da presente epoca.

O reinado de Augusto póde ser considerado a epoca mais brilhante da arte monumental romana. Todas as artes receberam um impulso consideravel. Roma transformou-se a tal ponto, que Augusto dizia: *que a tinha achado construida de tijolo, e que a deixava edificada de marmore.* Durante este periodo, as fórmas de muitos monumentos ficaram inteiramente determinadas. Foi assim que Statilius Paurus fez concluir no Campo de Marte o primeiro amphitheatro com pedra, do qual a historia faz menção.

Os romanos não se limitavam unicamente a levantar monumentos, fundaram tambem muitas cidades. Na Asia, nós achamos Cesarea, que estava ornada de sumptuosos edificios de marmore. Viam-se alli bellos templos, um theatro e um amphitheatro.

Entre os outros monumentos d'esta epoca, conservados na totalidade ou em parte, devemos citar quatro columnas doricas de Athenas, que pertenceram a um portico dedicado a Augusto e a Minerva; o templo de Pola na Styria, que foi consagrado a Roma e a Augusto, e o pantheon de Pompêa, que se julga ser do mesmo tempo dos edificios precedentes; o theatro de Marcellus, principiado por Cesar e acabado no reinado de Augusto, e algumas columnas do templo edificado por Agrippa no centro dos porticos de Neptuno; sobre o capitolio tres columnas corinthias, as quaes faziam parte do templo de Jupiter trovejante; a pyramide de Caius Cutius; e finalmente os restos do tumulo de Augusto, no Campo de Marte. Em Roma, não achamos o pantheon de Agrippa, do qual fallaremos depois.

Não obstante os prodigiosos trabalhos, executados durante o reinado de Augusto, a sua epoca

talvez possa ser considerada como o principio da decadencia da arte.

A pratica da architectura ficou, no reinado de Tiberio, quasi no mesmo estado em que estava sob o reinado precedente. Este imperador empenhou-se principalmente em concluir as construcções principiadas pelo seu predecessor, e restaurar os monumentos que ameaçavam ruina. Não teve a vã gloria de inscrever sobre estas obras o seu proprio nome, mas teve a sensatez e soube dar a merecida consideração aos fundadores d'ellas, fazendo gravar os seus respectivos nomes.

Tiberio dedicou um templo a Augusto, e ajudou varias cidades a glorificar d'esta maneira a memoria de seu pae adoptivo. Sejano fez edificar, proximo da porta Nomentana, um quartel para as guardas pretorianas, imitando os acampamentos militares, de fórma quadrada, tendo uma porta em cada lado.

Um dos primeiros actos do governo de Caligula foi promulgar um edito, que obrigava as cidades e os cidadãos a levantarem-lhe templos e a tributarem-lhe as honras divinas! Para si mesmo fez construir dois templos sobre o monte Palatino! Tanto póde o egoismo, sendo dominado pelo orgulho e favorecido pelo despotismo.

A maior empreza, cuja lembrança se liga ao reinado do imperador Claudio, é a famosa construcção do porto de Ostia, proximo da foz do Tibre. É uma das mais consideraveis obras que foram executadas pelos romanos; tambem mandou concluir os aqueductos e formar canaes subterraneos. O nome de Claudio faz lembrar sempre trabalhos de grande utilidade publica.

Os monumentos edificados nos ultimos annos da republica até Nero, dão logar a varias observações. Ainda que os romanos tivessem adoptado as praticas da arte hellenica, todavia imprimiram ás suas construcções um caracter particular, applicando indistinctamente a todos os edificios a Ordem corinthia, que systematisaram dando-lhe proporções e ornamentos convenientes. Os gregos não tinham empregado o corinthio de uma maneira uniforme e seguindo regras fixas. Durante o periodo de que nos occupamos, pozeram em obra excellentes materiaes, marmores, alabastros que tiravam das pedreiras do Egypto. Os romanos, como já dissemos, foram superiores aos gregos, principalmente nas construcções das abobadas e arcadas. Foi então que principiaram a applical-as nos seus theatros, amphitheatros e aqueductos.

A começar no reino de Nero, os monumentos de architectura sobrecarregaram-se de ornamentos e tomaram proporções gigantescas. Nero no principio parecia pouco disposto a proteger as artes. Procederia talvez sob o impulso dos conselhos de Seneca, que reputava a pintura e a esculptura como indignas de ser consideradas entre os estudos liberaes, e as olhava como agentes de corrupção. Todavia este imperador mudou depressa de opinião; é verdade, que cuidou menos de fazer executar obras uteis para o publico, do que de construir palacios e villas magnificas para satisfazer a sua vaidade.

Entre as construcções publicas, ás quaes este imperador deixou o seu nome, deve mencionar-se a conclusão dos aqueductos principiados por Claudio; fez edificar um gymnasio com thermas magnificas. Estes edificios eram todos de marmore.

Não se ignora o terrivel incendio que devastou, n'este reinado, as duas terças partes de Roma, destruindo um grande numero de monumentos, dos quaes muitos eram notaveis pela sua remota antiguidade, aniquilando um consideravel numero de objectos de arte do mais subido interesse, tirados da Grecia e das provincias da Asia-Menor. Nero applicou-se a reparar estes desastres. A pedra foi substituida pela madeira n'essas construcções; ao mesmo tempo, o imperador mandou edificar um palacio rodeado de um triplice renque de porticos de 330 metros de desenvolvimento; além d'isso, Nero empregou na decoração interna do seu novo palacio um luxo fabuloso, um fausto extravagante, que nenhum outro lhe egualou depois.

Se os imperadores Galba e Vitellius não deixaram construcção alguma importante, não aconteceu o mesmo no reinado de Vespasiano, que fez reparar os monumentos publicos, restaurar o Capitolio e reedificar pela terceira vez o templo de Jupiter. O Senado e o povo votaram um arco de triumpho em honra de Vespasiano e de seu filho Titus pelas celebres victorias que este ultimo tinha alcançado sobre os judeus. Uma outra obra importante, devida á munificencia de Vespasiano, foi o templo da Paz, que elle ornou com o producto dos despojos da Judéa. Este sanctuario estava rodeado de um recinto de porticos, que se podia comparar ao Forum pela sua extensão. Além de outras construcções, fez o colossal amphitheatro de Flavio, um dos monumentos mais gigantes da antiguidade, conhecido pelo nome de Coliseo. Quando este imperador falleceu, Roma tinha attingido o maior gráo de esplendor e magnificencia.

Dois terriveis acontecimentos assignalaram os primeiros annos do reinado de Titus: um foi a erupção do Vesuvio, em que a lava cobriu completamente as cidades de Herculanum e de Pompêa; o outro foi um incendio, que consumiu grande numero de edificios publicos de Roma, taes como os templos de Isis, de Serapis e de Jupiter Capitolino; os porticos de Neptuno e de Octavio; as thermas de Agrippa; o pantheon e o theatro Balbus. Titus quiz reparar estes desastres á sua custa; porém, morreu

sem ter visto concluidos todos os monumentos, dos quaes havia principiado a reedificação. Todavia, foi este principe que completou e inaugurou, por jogos esplendidos, o famoso amphitheatro de Flavio, edificando egualmente sobre o Esquilino thermas de muita fama pela sua extensão e riqueza da decoração: compunham-se de salas de banhos, e estavam divididas como os gymnasios e as palestras gregas, sendo construidas sobre as ruinas do palacio denominado de Nero, do qual ainda hoje se admiram os seus soberbos vestigios.

A primeira empreza monumental de Domiciano, na sua subida ao throno, foi uma nova reconstrucção do templo de Jupiter Capitolino, que surgiu das suas ruinas muito maior e mais rica que nunca. Fez profundar uma naumachia perto do Tibre, reparou o grande circo, dispoz um stadio para as corridas e mandou construir um odeon para a musica. Aformoseou o seu palacio com porticos, banhos, basilicas e aposentos magnificos; finalmente, empregou um luxo verdadeiramente real na sua casa do campo de Albano, onde fazia celebrar a festa das Panathéneas como se usava em Athenas.

Nerva dedicou-se principalmente a concluir as obras de utilidade publica, emprehendidas pelo seu predecessor. Foi assim que completou e deu o seu nome ao Forum, chamado antes Palladium. D'este forum subsistem duas columnas d'Ordem corinthia, que são de bellas proporções.

Arartes, durante o reinado de Trajano, brilhara de um maximo explendor. Este imperador preoccupou-se sobretudo dos interesses publicos, tomando muito a peito a conservação das estradas, os aqueductos, as pontes e outros edificios civis. Os habitantes de Ancona, para perpetuar a lembrança dos extraordinarios trabalhos e do porto que elle mandou construir n'esta cidade, levantaram-lhe um arco triumphal, cuja obra foi dirigida pelo architecto Apollodoro de Damascénes, que tambem edificou em Roma o Forum, o qual formava uma grande praça quadrangular, rodeada de porticos, e na mesma havia a basilica Ulpienna, uma bibliotheca grega e latina, e a celebre columna chamada Trajana, modelo que tem servido em todos os tempos para um monumento heroico.

Emquanto ás thermas de Trajano, foram reunidas ás de Titus, nas quaes Raphael descobriu os bellos arabescos, que depois imitou com tanta mestria no Vaticano. Estes dois estabelecimentos de banhos offerecem, nas suas grandiosas ruinas, um conjuncto incomparavel de magestosa apparencia e de monumental composição.

Por ordem d'este mesmo imperador, foram construidas por Licinius outras thermas para o publico.

Trajano fundou varias cidades: a Mysia deu-lhe o nome de sua irmã; a Totinopolis o de sua mulher; e o nome que lhe pertencia á Chersonesia; sendo estas as mais consideraveis construcções executadas na Asia-Menor. Trajano mandava encarregar os architectos gregos de dirigirem essas edificações, sendo mais um facto a registrar para a historia da arte romana. Durante o reinado d'este imperador, a arte monumental romana produziu as suas mais bellas obras, que foram legadas para nossa admiração depois do reinado de Augusto. Sem duvida, o estylo d'estes monumentos não é o mais puro, os seus ornatos peccam pela minucia como são feitos, todavia offerecem o aspecto geral de um effeito de assombro agradavel.

(Continúa).

J. P. N. da Silva.

ARCHITECTURA PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 6, pag. 92)

As ordens monasticas foram extinctas em Portugal no anno de 1830, e o mosteiro de Belem foi então convertido em asylo de orphãos com a designação de *Casa Pia*, sendo um modelo de boa administração no seu genero, em que ha disposições especialmente completas e salutares, que raras vezes se encontram realisadas nos paizes do sul.

As paredes do antigo refeitorio acham-se ainda revestidas de bellos azulejos, que constituiriam um thesouro em qualquer museu. São na maior parte azues, similhantes á louça de Delffe, e representam assumptos da biblia.

Ha tambem algumas outras construcções, n'este antigo mosteiro, de bastante interesse.

Uma extensa fachada junto á egreja do lado occidental foi ultimamente construida, mas tão mal edificada, que pouco tempo depois a torre central desmoronou pela base.

Porém, não se encerra sómente n'isto a riqueza architectonica que se encontra no bairro de Belem; ha proximo, na distancia de tres quartos de milha para o occidente da egreja, sobre uma ponta de areia, que se estende pelo Tejo dentro, uma obra de architectura militar gothica, que é o mais puro especimen d'este estylo no paiz e quasi similhante á decoração da egreja do convento, que difficilmente se póde attribuir a origem estrangeira. Está construida mesmo á beira do Tejo, e faz parte das defezas militares de Lisboa, apesar de não ser essa actualmente a sua applicação; pois que, não obstante possua fortes baterias e profundas canhonheiras, apenas seria uma protecção insignificante contra a artilheria moderna.

Do lado da terra apresenta uma torre quadrada com trinta metros de altura, flanqueada da direita por uma pesada porta levadiça e chapeada, e á

esquerda por baixas fortificações. Pela rectaguarda estende-se um vasto terraço, defendido nos angulos por umas pequenas torres similhando-se a guaritas. Tanto a torre como os parapeitos adjacentes são guarnecidos de profundas canhoneiras.

É construida com egual cantaria empregada na construcção do mosteiro, mas a acção do ar do mar tem produzido uma côr vermelha mais pronunciada e certos veios mais profundos, de madeira que constitue um quadro maravilhoso, vista tanto de longe pelo rio abaixo, como atravez da longa praia de areia.

Os portuguezes consideram-n'a como um dos melhores monumentos architectonicos do paiz. O unico desconto a fazer a tal asserção é ser de um caracter menos distinctamente nacional do que a egreja.

É para notar a pouca influencia que a Hespanha parece ter exercido sobre os esforços architectonicos de Portugal, pois que não obstante o terem estado estes dois paizes debaixo do mesmo governo durante um certo tempo e estarem separados por pequenas barreiras naturaes, comtudo são inteiramente distinctas as construcções em todos os respeitos, exceptuando o elemento mourisco, posto que pouca influencia exerceu. Portugal parece ter despresado os seus visinhos, imitando as idéas de paizes com que se deveria suppôr ter tido menos affinidade.

A differença entre Hespanha e Portugal com respeito ás suas habitações particulares é muito sensivel. Em todo o paiz empregam sobretudo a cal e o estuque. Em geral o hespanhol, especialmente na Andaluzia, parece ter a mania de fazer parecer tudo novo e limpo ainda que tenha de encobrir os edificios de boa architectura.

Os portuguezes, que são tão cuidadosos em suas intenções, conseguem uma apparencia aceiada e solida nas suas casas, por um modo muito differente, cobrindo-ás especialmente com azulejos, costume que se não encontra em mais parte alguma do mundo.

Os mouros bem como outros povos empregavam os ladrilhos frequentemente nos sobrados e terraços, mas em Lisboa quasi todas as paredes exteriores das casas são cobertas com tijolos vidrados (ladrilhos). Muitas vezes quasi se não encontra architectura, servindo-se de tijolo nas hombreiras das portas e das janellas, tendo um elevado friso de azulejo em roda-pé, em torno do sobrado; mas o modo mais usualmente seguido, consiste em construir as paredes de maneira ordinaria, irregular, com cal e areia, construindo os angulos da edificação e todas as hombreiras de cantaria cortada, e occasionalmente estendendo uma ou duas bellas atravez fiadas da frente. As fachas de pedra, tanto horisontaes como verticaes, são estreitas e excedem a superficie das paredes em que assentam, cousa de uma pollegada.

Quando o edificio está inteiramente completo, e tem já tido bastante tempo para assentar, toda a frente é então coberta com azulejos assentes em estuque ou cimento. Este trabalho ha de sempre existir e tem tão boa apparencia no fim de tres seculos como na occasião em que se acabou de fazer sendo incomparavelmente superior ao estuque.

O escriptor esteve em Lisboa examinando durante alguns dias este trabalho, e não encontrou um unico azulejo solto ou com os cantos gastos.

Os azulejos são todos manufacturados em Lisboa.

Geralmente teem uma pintura qualquer.

Nunca se empregam completamente brancos, no entanto alguns ha d'uma só côr; ha d'isso um notavel exemplo em uma casa nas proximidades de Belem cuja frente é toda coberta de azulejos côr de enxofre que produz um bello effeito.

O azul é comtudo a côr mais empregada — a côr azul sobre fundo branco é uma bonita e exacta imitação d'aquellas dadas com uma boa aguada de azul francez.

As figuras côr de limão são algumas vezes empregadas com o azul, e tambem ás vezes se introduzem sombras de claro escuro, todavia o azul é sempre a côr predominante e é a unica empregada para representar qualquer assumpto com uma só côr. Ha uma grande variedade de modelos. Em geral constam de desenhos geometricos ou de desenhos representando folhagem, mas algumas das melhores casas ainda conservam as suas frentes cobertas de azulejos cujas pinturas caprichosas representam fórmas architectonicas e figuras humanas cujo fundo é o mesmo de toda a fachada. Taes exemplos comtudo são excessivamente raros. Os ladrilhos não vidrados nunca se empregam. Finalmente não é difficil vêr d'onde proveiu este uso, se attendermos ás analogias exteriores. É fóra de duvida que os mouros deixaram em Portugal, bem como na Hespanha, conhecimentos sobre a industria ceramica, e ensaios sobre o fabrico do azulejo.

Os portuguezes, depois do seu curto poderio sobre os mares, foram substituidos na supremacia maritima pelos hollandezes, e foi d'este ultimo povo que lhes proveiu a imitação; todavia ainda n'isto os portuguezes mostraram a sua individualidade, pois, comquanto as cores e muitos dos padrões sejam inteiramente iguaes aos que se encontram nos antigos azulejos hollandezes, os fabricados em Lisboa são de um estylo particular, sendo mais apropriados para os seus effeitos geraes do que os de Delft. Mas é preciso notar, que os portuguezes em nada aperfeiçoaram o seu aspecto exterior por qualquer lado que se encare o assumpto. O pensa-

mento é excellente e bem desenvolvido, pois nada mais brilhante e interessante do que vêr uma extensa rua toda revestida de lindas cores, que hoje tão facilmente produz a industria ceramica. É certamente o mais perfeito processo de decoração exterior que até hoje se tem conseguido. Em Lisboa parecem só ter em vista com este processo o aceio exterior das casas por isso que os azulejos são agradaveis á vista e de facil applicação; todavia os seus desenhos não são muito visiveis de longe, não produzindo o effeito que era de esperar.

Não deixa d'aqui ter cabimento um detalhe pratico da architectura de Lisboa. A cidade é tão limitada pelos outeiros, que ultimamente alguma das mais baixas porções da margem do rio tem sido aterradas e ahi se teem edificado varias construcções sobre escadarias. A disposição das estacas é similhante á usada em Amsterdam; ficam collocadas em fileiras de tres ou mais segundo a espessura da parede, e ligadas por fortes travessas de madeira, e as fileiras estão ligadas por cintas de madeira de Flandres, uma para cada fila de estaca. Os espaços entre as estacas é de um ou dois pés abaixo dos topos, são cheios de cascalho até ao nivel das travessas longitudinaes, formando uma solida plataforma onde assentam os alicerces em geral de alvenaria.

C. H. Blackall.

NUMISMATICA

Fez-se em França, no departamento do Gers, um descobrimento de medalhas romanas, que, pelo grande numero e pertencerem a diversos consules, se deve suppôr fossem enterradas na era vulgar de 305 durante o tempo que Constance não era ainda Cesar. Têem as effigies dos imperadores:

Galliano	12
Posthumus	1
Claudio II	11
Aureliano	254
Quintillius	1
Tacito	75
Floriano	18
Probus	475
Corus	36
Numeriano	56
Carinus	62
Diocleciano	189
Maximiano	232
Constance	11

e das imperatrizes:

Severina	10
Magna Urbica	3
Salonina	1
Total	1:447

São poucas de Galliano e de Claudio, uma unica de Posthumus, posto que este tyranno tivesse governado a Gallia com o titulo de imperador mais de dez annos. Deve-se suppôr que estas medalhas que alcançam, alem de Constance, para mais de quarenta annos, tivessem quasi todas desapparecido da circulação. Ha tambem poucas de Constance, o que indica talvez que fossem escondidas no principio do seu governo sendo Cesar. Em quanto ás medalhas cunhadas com a effigie dos outros imperadores, o numero está na proporção da importancia e duração do seu reinado. Ha uma só de Quintilius e algumas de Floriano, porque estes dois imperadores, por assim dizer, não reinaram, suicidaram-se, ou foram assassinados poucos dias depois de serem acclamados imperantes. As medalhas de Probus são em maior numero.

Todas estas medalhas, excepto as de Posthumus e de Galliano, que parecem ser um amalgama de cobre e prata, em que este metal entra com uma minima porção, são de bronze, prateadas, isto é, cobertas com uma delgada capa d'estanho. Sómente algumas, mas em pequena quantidade, são de bronze.

Esta composição prova a sua authenticidade e marca a época em que foram cunhadas; sem duvida, a prata sem liga, empregada nas moedas do tempo da republica e sob os imperadores até Septimo-Severo, começou a ter alteração no governo d'este imperador, e esta alteração augmenta cada vez mais até Claudio o Gothico: desde esta época até Diocleciano, não houve mais do que bronze.

Todas estas moedas teem quasi a mesma grossura e o mesmo diametro, com a differença, que as mais largas são mais delgadas, o que resulta ser o pezo de todas quasi o mesmo; são do modelo do pequeno bronze, entre o n.º 6 e o n.º 8 dos circulos adoptados pelos numismaticos para a medida do diametro das medalhas.

As effigies dos imperadores variam, sem duvida, de um imperador para outro, podendo ser, não obstante, indicadas pelos typos seguintes:

1.º — Typos sem vestidura comprehendendo sómente a cabeça e o collo;

2.º — Effigies com trajo consular ou imperial;

3.º — Effigies com a face sempre voltada do lado esquerdo, com manto imperial, o sceptro ou o globo do mundo na mão direita;

4.º — Effigies representando Augusto em traje de guerreiro, mais vezes com elmo, e voltadas para o lado esquerdo;

5.º — Finalmente effigies voltadas para o lado direito com trajo militar.

A primeira cathegoria comprehende alguns Tacitos, e as tres peças de construcção, duas com o

nome de Claudio, e uma com o nome de Carus. Pertencem a este typo tres peças de Maximiano representando Hercules, ornado da pelle do leão de Neméa.

A segunda cathegoria subdivide-se em dois typos bem differentes conforme a toga afivelada sobre o hombro ao meio do peito.

As effigies de terceira cathegoria trazem o manto imperial, tendo na mão direita ou o sceptro ou o globo do mundo; algumas vezes a mão está aberta e na posição da dos bispos quando deitam a benção. O ornato do manto é muito rico e extremamente variado, havendo apenas dois similhantes. Esta cathegoria comprehende sómente Probus, Diocleciano e Maximiano.

A quarta cathegoria está constituida, como já se disse, pelos imperadores armados de lança e escudo, as mais das vezes com elmo. Estão representados quer em posição de descanço, com a azagaia sobre as costas, o escudo no braço esquerdo; quer na acção de combate, a lança levantada, o escudo em acção d'evitar o golpe; alguns Maximianos com capacete tendo a face voltada para a direita.

Na quinta cathegoria, os imperadores teem uma tunica justa que certamente é um trajo militar, porém não trazem armas. Esta cathegoria subdivide-se em quatro typos differentes indicados pela forma do ornato do hombro esquerdo. O primeiro typo parece-se um pouco com um laço dos cordões do uniforme militar. O segundo está simplesmente indicado por dois pequenos traços no limite do adorno. O terceiro apresenta um ornato oval, algumas vezes triangular ou estrellado, e pontuado no meio. Finalmente, vê-se na quarta cathegoria de fóra dos dois traços do segundo typo, uma série de pontos bastante grossos dispostos symetricamente em triangulos isosceles agudos, a ponta levantada do hombro esquerdo.

Os quatro typos apresentam ainda um grande numero de variedades, conforme os bordos da tunica, á roda do collo, são simples ou ondulados, com ou sem guarnições, etc. Nos Probus, os typos um e tres apresentam uma variedade que se repete muito frequentemente, a qual consiste em uma dupla curva por cima dos seios.

Além d'isto, as effigies, apresentam nos reversos modificações, que parece quasi que cada medalha teria um cunho especial. É esta a impressão que produz sempre o exame das moedas romanas. Todavia, não acontece assim. Não é raro achar bastantes eguaes, para admittir que sejam do mesmo cunho; nem se póde mesmo certificar, sobre alguns, que o cunho que serviu para os cunhar, principiasse a estar gasto.

Os letreiros das effigies são egualmente muito variados. Completos algumas vezes, isto é, com todos os pronomes em abreviação, o nome precedido do titulo *Imperator* em abreviatura, seguido das letras P F *(pius felix)*, não trazem, outras vezes, mais do que o nome precedido ou não do titulo de *Imperator* e seguido, conforme o caso, do titulo Augusto ou *Nobilis Cæsar*. Alguns de Carinus e Numeriano teem só, com os Constances, esta ultima designação. Em duas medalhas de Probus se faz menção do segundo e terceiro consulados d'este imperador.

Ha tres medalhas de consagração: duas de Claudio o Gothico *(Divo Claudio Pio)* com um altar no reverso; uma de Carus *(Divo Caro Pio)*: o reverso está ornado de emblemas sacros; finalmente, uma quarta medalha, tendo os bustos radiados, para a direita, de Carus e de Carinus unidos. Esta medalha traz o letreiro: CARVS ET CARINVS AVGG. Ao ℞. a victoria marchando para a esquerda, tendo uma palma na mão esquerda, e na mão direita uma corôa. No letreiro: VICTORIA AVGG. No campo a letra A.

Os reversos, com os letreiros que os explicam, são de tres modos differentes.

Os primeiros applicam-se ao imperador, representado sobre a face da medalha. Eis aqui a enumeração:

Virtus augusti.	*Comes augusti.*
Providentia augusti.	*Spes augusti.*
Æternitas augusti.	*Virtus Probi augusti.*
Felicitas augusti.	*Comiti Probi aug.*
Annona augusti.	*Adventus aug.*
Conservatio augusti.	*Adventus Probr.*
Perpetuitas augusti.	*Abundantia aug.*
Virtuti augusta.	*Pax augusti.*
Æquitas augusti.	*Pietas augusti.*
Oriens augusti.	*Lætitia augusti.*
Securitas augusti.	*Origine augusti.*
Salus augusti.	*Virtuti aug.*
Concordia augustorum.	*Virtus augustorum.*
Uberitas augusti.	*Princium juventute.*
Felicitas aug.	*Restitutor orbis.*
Liberalitas augusti.	*Restitutor Exerciti.*
Pacator orbis.	*Restitutor orientis.*

Elles celebram, como se vê, a coragem, a piedade, a liberdade, a justiça dos imperadores. Recordam as suas victorias, jubilos, felicidade, regresso das guerras, triumphos, juventude, camaradas do exercito, até á sua origem, que remontam á loba de Romulus. Representam-nos como sendo os libertadores do exercito do Oriente, do Universo; indicando a união dos imperadores e o seu pacto nas medalhas de Diocleciano e de Maximiano.

As segundas fazem lembrar os factos militares ou civis, os acontecimentos importantes. Eis aqui os seus letreiros:

Salus æterna.	*Fides militum.*
Fortuna Redux.	*Concordia militum.*
Pax æterna.	*Pax exerciti.*
Felicitas sæculorum.	*Genius exerciti.*
Salus publica.	*Undique victores.*
Securitas perpetua.	*Virtus militum.*
Temporum felicitas.	*Victoria germanica.*
Clementia temporum.	*Æternitate imperii.*
Sæculi felicitas.	*Romæ æternæ.*
Spes publica.	*Fides exerciti.*
Felicitas temporum.	*Felicitas publica.*
Lætitia fund.	*Concordia exerciti.*

A clemencia e a fortuna dos tempos, o bem publico, a paz eterna, a felicidade do seculo, a fidelidade, a concordia e o valor dos soldados e do exercito—são medalhas dedicadas a Roma, a eterna, a perpetuidade do imperio, ou que celebram diversas victorias dos imperadores, e especialmente a grande lucta de Probus contra os germanos.

Para concluir, os ultimos reversos são religiosos:

Jovi victori.	*Herculi pacifero.*
Jovi conservatori.	*Herculi victori.*
Jovi statori.	*Herculi conservatori.*
Jovi conservatori probi.	*Providentia deorum.*
Jovi tutatori.	*Herculi invicto.*
Jovi augusto.	*Soli invicto.*
Jovi conservatori Augusti.	*Dianæ conservat.*
Jovi invicto.	*Venus felix.*
Mars victori.	*Venus genitrix.*
Marti pacifero.	

E', pois, como se vê, dedicada a providencia dos deuses: Jupiter, pacificador, conservador, protector; Augusto, Marte vencedor, pacificador, Hercules invicto, protector; Diana conservadora; Venus feliz e fecunda. Estas legendas rodeam as imagens dor deuses Jupiter Nicéphore, assentado; em pé, Marte trajando como guerreiro; Hercules com a sua clava, em repouso ou derrubando o leão Néméo, o veado de Diana.

A maior parte d'estas medalhas foram cunhadas em Hespanha, algumas na Gallia; não obstante algumas teem, no campo de reverso, letras indicando que foram feitas em Roma. A sua perfeição, na falta de marca, indica a sua origem. Podera talvez notar-se em algumas um retevo insufficiente, e n'outras incorrecção de desenho; porém, ha grande numero que são, na verdade, muito bellas e muito bem cunhadas, posto que pertençam a uma época do principio da decadencia. As dos primeiros imperadores, Guilherme, Claudio e Aureliano, são menos bellas que as outras.

A época que recordam estas medalhas foi de desordens. Havia uma prolongada lucta contra os barbaros que procuravam arrojar-se sobre o Imperio, desde o paiz dos Scythas até ás margens do Rheno, serie de guerras civis entre os diversos generaes que disputavam o poder.

Galliano, esquecendo o captiveiro de seu pae, e vivendo no luxo e deboche, consolava-se da perda de suas provincias com boas palavras: *dizendo que se podia viver sem a posse do Egypto e que o Estado podia subsistir* sem compridos capotes e panos d'Arraz. O Imperio foi então protegido pelos corajosos generaes que se proclamaram imperadores e que foram designados sob o nome de *tyrannos.*

Depois do suicidio de Quintillus, que foi proximo á sua nomeação pelo senado, Aureliano ficou só no poder. As medalhas d'este imperador, muito numerosas (254), recordam principalmente os acontecimentos no Oriente (Oriens Augusti). Cincoenta reversos indicam o pacto e a fidelidade de seus soldados que, não obstante, terminaram por assassinal-o.

Aureliano tinha pacificado o imperio a tal ponto que não se sentia a falta de um imperante. Todavia, depois de oito annos de interregno, Tacito, homem idoso mas virtuoso, foi nomeado. Fez reinar a ordem. As seiscentas e quinze medalhas com a sua effigie nos reversos nos comprovam essa pacificação geral. (Temporum felicitas. Pax æterna, Salus æterna, Felicitas Augusti, &). Tacito é quasi sempre representado com a toga consular, algumas raras medalhas sómente o mostram com o uniforme de guerreiro.

Floriano, irmão de Tacito, foi designado para o substituir; porém, Probus foi, no mesmo tempo, proclamado pelas suas tropas. Ao termo de tres mezes, Floriano suicidou-se ou foi morto pelos seus soldados. Dezoito d'estas medalhas recordam a sua passagem no imperio.

Probus, ficando soberano, foi reconhecido pelo Senado. A este general, distincto imperador e um grande guerreiro, faltou-lhe ter um historiador digno de si. As quatrocentas e sessenta oito medalhas d'esta collecção com a sua effigie dão a conhecer não sómente as assignaladas acções que elle praticou, mas a popularidade de que gosava. Está representado nas medalhas de todas as maneiras, consul, imperador e guerreiro. Os reversos são extremamente variados e celebram a sua coragem, suas victorias e seus triumphos. Probus derrotou successivamente os Francos, dos quaes o nome tinha apparecido pela primeira vez na historia alguns annos antes, os Vandalos, Burgundios e Lizes. Destreçou completamente quatrocentos mil inimigos. Uma medalha (*Victoria Germanica*) lembra a destruição d'estes povos, os quaes se arremessavam em massas extraordinarias, sobre o imperio romano. Marcus Valerius Probus entrou triumphante em Roma

em 281, e seria provavelmente n'esta occasião que as medalhas com quadrigas (*Soli Invicto*) e as outras em que o imperador está representado a cavallo calcando aos pés os seus inimigos vencidos, fossem cunhadas.

A medalha cujo reverso representa a Loba de Romulus com esta legenda — *Origini Augusti* não seria lisonja dedicada a um imperador nascido em Pannonia d'uma origem inferior?

Carus, que substituiu Probus, começou brilhantemente; mas tendo levado a guerra á Persia, ahi morreu fulminado. Seu filho Numeriano, que lhe succedeu, não tardou em ser assassinado pelo seu sogro Asser. Carinus, outro filho de Carus, que seu pae tinha enviado ás Gallias, foi igualmente destroçado e morto por Diocleciano, não obstante o seu denodo.

Apesar da pouca duração do reinado d'estes tres principes, a quantidade das medalhas com a sua effigie é bastante consideravel; contando-se trinta e seis de Carus, cincoenta e seis de Numeriano, e sessenta e duas de Carinus. O numero de peças com a effigie de Numeriano é para se notar, visto a raridade d'estas medalhas.

Em um certo numero de medalhas de Carinus e de Numeriano, estes principes são designados como *Nobilis Cæsar:* isto comprova que, desde a sua exaltação, Corus tinha associado seus dois filhos ao imperio. Os cargos do governo principiavam a ser muito onerosos para uma só pessoa. Por isso Diocleciano, seu successor, repartiu o imperio com Maximiano, e até mesmo se associou a dois Cesares.

O numero de medalhas de Diocleciano é de cento e sessenta e nove. Ha duzentas trinta e duas com a effigie de Maximiano; tanto um como o outro apresentam typos de quatro cathegorias. Ha, como nas de Probus, Diocleciano e Maximiano, tendo manto imperial, com o sceptro ou o globo do mando na mão. Mas os reversos são menos variados. O maior numero d'estes reversos são religiosos. Ha muitas figuras de Jupiter, sob todas as fórmas, nos de Diocleciano. O imperador Maximiano tinha tomado o nome de Hercules, por isso esta effigie de Hercules sobresae nos reversos de suas medalhas. Os deuses gregos, na occasião de desapparecerem, fazem um ultimo esforço para destruir a religião nova que os arruina por toda a parte e vae em breve triumphar. Os imperadores se divinisam a si proprios. Diocleciano é Jupiter (*Jove Augusto*), Maximiano é Hercules. Em cento oitenta e nove medalhas com a effigie de Diocleciano, apparecem mais de cento e trinta de Jupiter. Maximiano tem mais de trinta reversos com Hercules, e vinte com Jupiter. E' um indicio de effervescencia religiosa na gente pagã, caracterisada historiamente pela grande perseguição dos christãos no seu reinado.

Acharam-se muito poucas medalhas com a effigie das imperatrizes; sendo dez de Severina, mulher de Galliano, das quaes uma tendo no reverso *Venus felix;* tres de Magna Urbica, mulher de Carus, com o reverso de *Venus genitrix*, e finalmente uma só com a effigie de Salonina.

A investigação de medalhas antigas, o seu estudo e classificação não é uma occupação vã e inutil. O seu exame confirma e muitas vezes rectifica os factos historicos; faz-nos tambem conhecer a impressão dos acontecimentos sobre os contemporaneos. A grande variedade dos reversos das medalhas de Probus e as suas legendas não nos demonstram a grandeza d'este reinado? Todos estes reversos revelam a paz eterna, a ventura do seculo, a felicidade publica, a benignidade das estações, a seguridade perpetua, a tranquillidade publica, a concordia e a fidelidade dos soldados em tempos tão calamitosos, n'uma época de guerras no paiz e perpetuas, de revoltas das tropas assassinando, quasi sempre, os imperadores que haviam proclamado; seria tudo amarga ironia, se não vissemos n'isso uma grande aspiração dos povos para a paz e concordia no mundo.

E' egualmente a repetição dos reversos religiosos nas medalhas de Diocleciano e de Maximiano que nos certifica o derradeiro esforço dos deuses do paganismo contra o Deus dos christãos.

S.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 7, pag. 95)

Avançando pela nave dentro, encontravam-se os *ambons*, pulpitos destinados á leitura dos Santos Evangelhos para as prédicas, e á promulgação das leis ecclesiasticas.

Entrava-se emfim na terceira parte da basilica, a parte mais Santa e mais veneranda, aquella onde os seculares não podiam penetrar, e que se chamava o *Sanctuario*.

O altar occupava a parte central do Sanctuario, e tinha frente para uns poucos de lados.

Atraz do altar desenvolvia-se o *abside* de fórma

semi-circular e coberto ordinariamente com uma meia cupula.

A cadeira do Bispo era collocada ao fundo do *abside*, e para ella se subia por uns poucos de degraus. Aos lados da cadeira episcopal, se achavam, contiguos ao hemicyclo do abside, os assentos ou bancos destinados aos padres, que assistiam aos Officios Divinos.

A alteração mais notavel, que a disposição interior das basilicas soffreu com o andar do tempo, foi o accrescentamento do cruzeiro ou nave transversal, entre o abside e a nave propriamente dita.

Orientação das basilicas e das egrejas christãs. Chama-se *orientação* uma disposição particular, segundo a qual o eixo longitudinal d'um edificio, d'um tumulo, etc., se dirige do Occidente para Oriente

Desde a primitiva que a egreja christã adoptou o costume de orar voltando o rosto para o Oriente.

O costume de orientar as egrejas foi dos primeiros seculos do Christianismo.

Ha dois modos inteiramente oppostos d'orientar as egrejas. N'um, usado antigamente, a fachada principal forma a parte Oriental do edificio e a capella-mór do lado do Poente. N'outro, que preponderou mais tarde, a posição de todas as partes da egreja é completamente trocada, a fachada está voltada para o Occidente, e a capella-mór para o Oriente.

O primeiro modo d'orientação não durou muito tempo. Nos seculos v e vi, a começar no v, se construiram muitas egrejas com a capella-mór voltada para o Oriente. No Occidente a mudança effectuou-se lentamente, pois só se completou durante o seculo xiii.

Cryptas. A maior parte das basilicas foram edificadas nos mesmos sitios onde tinham sido sepultados os restos mortaes d'um Martyr, ou de qualquer Santo illustre.

Nas primitivas basilicas, o altar era situado mesmo sobre a sepultura.

As galerias e capellas subterraneas, que mais tarde foram substituidas, tiveram o nome de *cryptas*, da palavra grega que significa, *eu escondo*.

Estas galerias abobadadas transformaram-se muito tarde em verdadeiras capellas, ou egrejas subterraneas, por debaixo de todo o *presbyterium*; bastante vastas para necessitarem o emprego de columnas que recebiam os arcos das abobadas, formando assim muitas naves.

Baptisterios. Distinguem-se tres especies de baptismo: o baptismo por *immersão*, o baptismo por *aspersão*, e o baptismo por *infusão* ou *affusão*.

O primeiro ministra-se mergulhando na agua todo o corpo; no segundo e terceiro, o ministro, de longe ou de perto, lança a agua sobre a cabeça do neophito. O baptismo por immersão foi usado até ao seculo xii; a começar d'esta épocha, principiou a ser substituido, na egreja Latina, pelo baptismo por infusão, do qual até ali se não serviam, a não ser para os doentes em perigo de vida.

Primitivamente era reservada aos Bispos a administração do Solemne Baptismo. O Bispo mergulhava tres vezes o neophito, invocando de cada vez uma das Pessoas da Santissima Trindade.

Depois da abjuração de Constantino, quasi se generalisou por toda a christandade o baptismo ministrado nos edificios particulares situados ao lado das principaes egrejas, e especialmente das cathedraes.

Os baptisterios tinham em geral a fórma circular ou octogona, mas alguns havia quadrados, e outros ainda em fórma de cruz grega. As pias baptismaes eram muito grandes, porque muitas vezes se ministrava a adultos o baptismo por immersão.

Templos pagãos e edificios profanos convertidos em egrejas christãs. Os templos pagãos não se prestavam em geral para o culto christão, em consequencia das suas diminutas proporções.

Entretanto alguns foram convertidos, com ligeiras modificações, em egrejas christãs, e outros foram-lhes encorporados.

A maior parte d'estas transformações datam do reinado do imperador Theodosio (383-385), e dos seus successores immediatos.

Tambem houve monumentos civis que foram transformados em egrejas christãs; taes como as thermas e os banhos, que entre os romanos excediam em magnificencia os proprios templos.

Caracteres do Estylo Latino. As basilicas christãs foram muitas d'ellas construidas, aproveitando para isso monumentos mais antigos. Mas em consequencia das basilicas serem muito mais vastas do que os templos pagãos, tornava-se por isso não raras vezes necessario desmanchar muitos d'esses monumentos para construir uma só basilica.

A architectura estava n'uma tal decadencia, que muitas vezes chegavam a reunir fragmentos de dimensões e estylos differentes, e ajustavam-nos o melhor que podiam.

Se, por exemplo, se tratava de columnas provenientes de diversos monumentos, não pertenciam muitas vezes á mesma Ordem d'architectura; tendo portanto os fûstes e os capiteis de alturas differentes, enterravam os fustes, ou os collocavam sobre soccos. O desvio e a distancia relativa das columnas variavam dentro de limites excessivos.

A unica innovação d'alguma importancia introduzida nas construcções, foi a substituição da *arcada* pela architrave.

Nas regiões onde escasseavam monumentos antigos, os edificios do periodo Latino eram em geral muito pequenos, baixos e pobremente decorados, muitos até de madeira.

Apezar do que acabâmos de expôr, no seculo v e vi, construiram-se em Ravenna muitos monumentos importantes (dos quaes ainda alguns se conservam), sem que fôsse necessario recorrer á devastação que tiveram os anteriores; o que prova existir n'aquella epocha em Ravenna uma brilhante escola de habeis constructores.

Materiaes de construcção. As basilicas e os monumentos do periodo Latino eram construidos com pedras d'alvenaria regulares, quasi sempre quadradas, de mediano preparo, e tambem com tijolos chatos, ficando separados por uma espessa camada de cimento. Muitas vezes tambem os muros eram formados por cordões de uma, duas ou muitas faxas de pedras d'alvenaria alternadas com outras compostas de uma ou duas fiadas de tijolos.

Decoração dos monumentos. O periodo Latino não foi epocha de esplendor para a architectura ornamental.

O *ábaco* dos capiteis recebeu, durante o periodo Latino, dimensões e um esvasamento taes que muitas vezes parecia ser um capitel sobrepôsto sobre outro. A frente do ábaco era adornada, do lado da nave principal, com um symbolo, que algumas vezes era o monogramma do fundador, e em geral havia uma Cruz d'ordem Trina isolada, ou inscripta n'um circulo. Chama-se Cruz d'Ordem Trina, aquella cujos braços são mais largos nas extremidades do que no ponto d'intercepção dos ramos. Esta cruz quer só, ou entre dois cordeiros, ou entre dois passaros, com a frente um para o outro, foi um dos symbolos christãos mais usados durante o periodo Latino.

Desde o seculo vii que começaram a haver vidraças com vidros brancos esverdeados, e até mesmo com vidros de differentes côres. Não appareciam ainda figuras, nem ornatos alguns pintados sobre os vidros. As vidraças pintadas eram formadas por um grande numero de vidros de côr, cortados de differentes modos e que se reuniam de certa maneira, a fim do conjuncto representar figuras de formas regulares.

Madeiramentos do telhado. Desde o reinado de Constantino os grandes edificios apenas se cobriam com madeira.

A maior parte d'esta construcção ficava visivel no interior dos edificios. Em alguns as naves tinham tectos de madeira com pinturas diversas, representando caixotões ricamente adornados e dourados.

Torres. Raras eram as basilicas que desde a sua fundação tinham possuido torres. Os campanarios que hoje se vêem proximo das antigas egrejas de Roma, são quasi todos posteriores ao seculo viii. As torres do *periodo Latino* são quasi todas de fórma circular ou octogonal.

Pinturas em mosaico. Nas grandes basilicas as abobadas esphericas da abside, o arco triumphal e algumas vezes tambem, as paredes comprehendidas entre as janellas altas da nave e das arcadas que ligam as columnas, eram cobertas com vistosos mosaicos.

As materias mais ordinariamente empregadas n'este genero de trabalho, eram as differentes qualidades de pedra, os marmores e pedaços de vidro.

(Continúa)

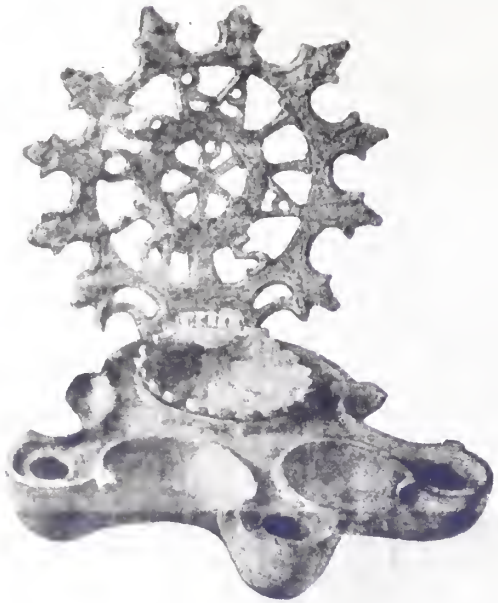
Possidonio da Silva.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 81

Compõe-se esta estampa de tres antigos objectos romanos, um de applicação desconhecida e os dois de singulares feitios, os quaes foram descobertos n'uma vinha em Castelsardo, ilha de Sardenha, nas escavações a que constantemente o illustrado governo da Italia manda proceder no seu paiz. No sitio proximo do cabo Norte se descobriram algumas amphoras. Dentro d'essas amphoras acham-se esqueletos humanos, o que faz suppôr que pertencessem á Necropole de *Tibula*. Espera-se que forneçam alguns dados afim de se determinar a situação d'aquella remota cidade. Seria assás importante descobrir-se o seu principal cabo e verificar-se a distancia indicada no itinerario de Antonino.

Na profundidade de $0^m,60$ e n'um espaço pertencente á antiga necropole, foi descoberta uma série de amphoras de *terra cotta* das maiores, dispostas parallelamente juntas umas das outras e em fileiras, na direcção do nascente ao poente, cada uma das quaes continha um esqueleto humano em perfeito estado de conservação.

Tendo-se aberto tres escavações em direcção perpendicular áquellas sepulturas, quasi em cada uma d'ellas se acharam duas peças annulares de amphoras uma dentro da outra, com as quaes haviam formado uma especie de estojo para metter o cadaver (desenho A), servindo-se para esse fim de duas amphoras com dimensões differentes, partindo-as em duas partes desiguaes para que a mais curta e estreita podesse conter os pés do cadaver, e a outra mais larga e comprida recebesse a parte superior do defuncto, entrando na outra a parte inferior, e por este singular modo não poderiam os despojos mortaes soffrer profanação e resistindo melhor á má qualidade de terreno. Nenhum outro objecto notavel appareceu n'estas sepulturas, mas sabe-se, pelas informações dos cultivadores, que muitas vezes ao lavrar a terra se encontram moedas de pequeno modelo pertencentes ao baixo imperio. O numero de sepulturas descobertas por esta fórma foram seis.



Log 1874

Não ha noticia de que em outro logar d'esta ilha estivesse adoptado o uso systematico de se sepultar por esta fórma, posto que em outros pontos, em Cagliari e Décimo, se encontraram, mas sempre para sepultar creanças, ficando isoladas. Esta particularidade local provavelmente seria usada pela natureza do terreno saibroso. Pode-se dizer, comtudo, que proximo do extremo limite septemtrional da Sardenha, não sómente as amphoras serviam para conservar o vinho, mas tambem para conter os mortos!

O desenho B representa uma bellissima lampada christã de bronze com tres bicos de apreciavel tamanho, de estylo elegante e perfeita fundição. Tem um metro de diametro. No mesmo sitio, se achou tambem um disco egualmente em um buraco, tendo o monogramma de Christo, n'uma inscripção entre dois circulos concentricos, na qual se lê: DEO GRATIAS. Esta peça fazia parte da lampada, á qual se reuniu depois.

Lampadas similhantes se teem achado nas catacumbas christãs. Este achado porém vem confirmar o que se tinha supposto, que eram christãs as sepulturas encontradas nas escavações do templo de Hercules em *Selinunte* no concelho di Castelvetrano (Italia), onde se viam esculpidas na architrave d'esse arruinado edificio tres cruzes, duas de fórma grega e uma latina.

Em 1859 um notavel monumento christão foi descoberto a um kilometro das ruinas d'este templo: uma grande campa sepulchral tendo uma inscripção attribuida proximo do seculo v, tanto pela paleographia como pela simplicidade da sua fórma:

AVSANIVS
DIACONVS
IN PACE VIX
ANNIS LXV
DEPOSITVS
VII. IDVS IAN

Este facto isolado demonstrava a existencia de uma sepultura christã. Acharam-se cruzes de fórma grega esculpidas em algumas outras peças de cantaria pertencentes ao templo maior de *Serradifalco*, ao qual se deu o nome de templo de Hercules e tambem mostravam o classico monogramma ☧ Ahi se encontrou entre a decima columna do referido templo a lampada de bronze com magnifica *patina*.

Deve-se notar que esta lampada é formada de duas peças, da lampada propriamente e do disco rendilhado, que se conheceu pertencer a esta lampada pelo signal de soldadura que existia n'essas duas peças; portanto estava-se de posse de uma lampada completa de tres bicos, sendo de grande importancia a todos os respeitos. Pesa tres kilogrammas e 165 grammas; a separação dos dois bicos é de 22 centimetros. O disco tem de diametro 18 centimetros.

A falta de argola indica que a lampada não podia ser suspensa, mas posta sobre uma lamina que ficava soldada no fundo e uma elegante concha tapava o orificio por onde se deitava o azeite. O disco tem no centro o novo monogramma de Christo com a fórma constantiniana, encerrado em uma grinalda que circumda a dita inscripção *Deo gratias*, a qual externamente apresenta uma serra de raios terminando em fórma de pinha. De traz tem uma argola para se pegar. A raridade e belleza d'esta obra de bronze se ajunta o apreço epigraphico. Parece que nos faz ouvir ainda o echo dos combates que enlutaram a Africa pelo scisma dos *Donatistas* e invocar essa saudação antiga e constante dos catholicos.

O desenho C representado n'esta estampa é sobre maneira curioso pela sua composição como pela materia de que é feito, assim como pelo seu estylo archaico. Foi descoberta esta antigualha em *S. Genesio* a 15 kilometros de *Tolentino* (Italia), em uma rica sepultura com 3 metros de largura por todos os lados e a 4 metros de profundidade. No meio da cova estava um esqueleto humano tendo do lado da cabeça e dos pés grupos de vasos, differentes armas e outros objectos, como sempre se encontram nas sepulturas da acropole de *Tolentino*. O craneo do esqueleto tinha em roda um circulo de fio de prata, os vasos eram todos de bronze; á esquerda do craneo foi descoberta a talha que mostra o desenho C e sobre a direita do mesmo craneo havia uma taça.

Proximo dos pés do esqueleto do lado direito, estava um elmo, e ao lado um outro grupo de vasos de bronze. Estes exemplares constituiriam um verdadeiro thesouro archeologico.

A talha, de fórma muito elegante, é certamente uma das mais bellas que n'este genero se tem achado, estando ornada na parte superior de uma faixa, que representa combate de animaes. A base e a bocca estão ricamente decoradas.

A parte que merece maior interesse é a cobertura que representa a estampa, composta com muita habilidade de uma estatua nua, de estylo archaico: os pés estão postos sobre uma palmeta e descança a cabeça sobre as caudas de dois leões estendidas por cima do orificio do vaso.

A cauda é formada por duas hastes semicirculares, de bronze fundido, e composta de quatro renques de canudos, tendo na extremidade uma especie de gancho guarnecido com um botão de flor, o qual é feito de massa vitrea rosada.

As hastes estão entrelaçadas com muita arte e phantasia em duas estatuetas representando tritões barbados, que teem os braços erguidos segurando um peixe em cada mão. As pernas d'estes tritões terminam em serpentes, entrelaçadas de modo a formar dois arcos para servir de azas e metter os braços, por causa do peso.

Tão precioso achado constitue uma das melhores obras antigas produzidas pela metallurgia grega.

J. da Silva.

BIBLIOGRAPHIA ARTISTICA

Offerecemos á leitura dos nossos consocios a copia de um original, que, por ser o unico manuscripto que redigiu para a imprensa o Senhor D. Fernando, se faz recommendado aos amadores d'estes raros escriptos, tanto mais que não quiz se soubesse quem apreciava as obras do artista, do qual descrevia as gravuras cujos exemplares são rarissimos em alguns museus. Em Portugal não havia collecção completa, nem tão pouco nenhuma estampa relativa ao casamento da rainha D. Catharina; sómente depois de incessantes diligencias, poude el-rei obtel-as n'um leilão que se fez na Allemanha.

É tambem bastante curiosa esta leitura pela qual se conhece que, não obstante o empenho que o principe tinha de possuir essa collecção como cousa de grande merito artistico, tal empenho tinha egualmente por fim obter para Portugal essas gravuras representativas de um facto historico da nação, para mais uma vez nos convencer, qual era o amor que consagrava ao nosso paiz, como se fosse natural d'elle!

Posto que quizesse conservar sempre o incognito d'esse seu trabalho litterario, todavia, pela composição da phrase, se conhece que é de um principe de origem estrangeira, ainda que na linguagem se sirva de palavras escolhidas e dictadas com sensatez e criterio. Por tanto vem enriquecer esta publicação um documento de subido apreço para o paiz e que augmenta, se mais é possivel, a nossa admiração pela memoria do seu Augusto Auctor.

Da Redacção.

O PINTOR E GRAVADOR A AGUA FORTE DIRK (RODRIGO) STOOP

Não é impossivel que aquelles que na nossa patria amam ou cultivam as artes, ignorem que um artista hollandez do seculo 17, mais conhecido pelas suas aguas fortes do que pelo seu pincel, vivesse alguns annos n'esta nossa cidade de Lisboa. Julgamos ser agradaveis áquelles que prezam noticias curiosas e interessantes á arte em Portugal, offerecendo-lhes aqui alguns succintos apontamentos sobre o artista acima mencionado, o qual no seu tempo gosava de uma honrosa reputação.

Suppõe-se que Dirk Stoop nasceu em Dartrecht. Stoop vindo a Portugal foi nomeado pintor da infanta D. Catharina e em 1662 acompanhou esta senhora a Inglaterra, quando ella contrahiu matrimonio com o rei Carlos II.

Em 1678 voltou Stoop á sua patria aonde falleceu em 1686, contando muitos annos d'idade.

Os quadros de Stoop acham-se em varias collecções da Europa e sem merecimento transcendente ha n'elles muita vida e vigor de colorido.

Stoop não tratava senão assumptos ou de guerra ou de caça e esmerava-se sobretudo em representar cavallos, dando-lhes bastante expressão e movimento; bem que o seu typo seja longe de bello ideal d'este nobre animal, e o desenho nem sempre irreprehensivel.

Porém não se faça crime a Stoop do que elle tinha de commum com todos os artistas do seu tempo e do seu paiz, que pela maior parte se tinham creado um typo de cavallo meio de *convenção* meio frisão. Em Portugal encontram-se pinturas de Stoop, possuindo El-Rei D. Fernando dous quadros d'este artista, ambos representando combates entre turcos e ignoramos que outra nação, pois que o incerto dos trajes só conjecturas permitte. Um d'estes quadros é assignado e mostra por extenso o nome do artista — D. Stoop fec. 1652. Ignoramos infelizmente quanto tempo este viveu em Portugal; sendo porém provavel que este quadro fosse pintado em Lisboa, póde suppôr-se que não foram poucos os annos que Stoop aqui se demorou. Bartsch attribue a Stoop 19 aguas fortes, porém outros auctores mais algumas. Aquellas, indicadas por Bartsch, são n.º 1 até 12 *varios cavallos* e de n.º 13 até 19 a viagem da Infanta D. Catharina de Portugal a Londres para o casamento com Carlos II, da Gran-Bretanha. Collecção de 7 estampas. As estampas de Stoop são estimadissimas pelos amadores de estampas antigas e é bem singular que nós, que estes apontamentos escrevemos, não achassemos até agora, depois de pesquizas e indagações de muitos annos em Portugal senão uma unica estampa de Stoop. Esta estampa pertence á rarissima série *da viagem* da infanta D. Catharina e faz parte da muito interessante e curiosissima collecção de estampas antigas (retratos e factos historicos) do ex.mo sr. marquez de Rezende. Não foi tão pouco em Portugal que o sr. marquez encontrou esta estampa; foi-lhe dada

na Allemanha. Sabemos que todos os cuidados, e desejos do marquez para completar aqui a interessante serie da *viagem da infanta* tem sido sem resultado. E' tão rara esta série que em poucas collecções se encontram mais do que 2 ou 3 numeros, como o affirmam os mais acreditados auctores nas suas obras ácerca dos *pintores gravadores*. A série das estampas relativas á viagem da Infanta D. Catharina é de valor e interesse para a nossa historia tendo, além do merecimento do assumpto, a particularidade não menos curiosa de nos mostrar o aspecto de varios pontos de Lisboa n'aquelle tempo. Não será por isso fóra de proposito descrever aqui estas 7 estampas as quaes por em quanto não nos consta que alguem possua completas n'esta cidade. Sabemos que el-rei D. Fernando não menos assiduo do que o sr. marquez de Rezende em procurar as mencionadas 7 estampas, teve por fim o prazer de as adquirir (completas) na occasião da venda de uma das melhores collecções d'estampas da Allemanha. Eis aqui a descripção das 7 estampas sem alterarmos o pessimo e singular texto portuguez com que *seu auctor quiz illustral-as*.

N.º 1 (13) Solemne entrada em Lisboa do embaixador inglez lord Montagne no dia 28 de março de 1662.

No alto lê-se: *O magnifique entrada*, etc., etc., The entrance of the lord ambassador etc., Theodorus Stoop suæ Maest. Reginæ Angliæ pictor. Com dedicação a Eduardo conde de Sandwich.

N.º 2 (14) Solemne partida de Lisboa da Rainha em 20 d'abril de 1662. Com dedicação a Carlos II d'Inglaterra. Theod. Stoop.

N.º 3 (15) Embarque da Rainha em Lisboa. The manner how her Ma.ty Dona Catharina *imbarketh* from Lisbon for England. Com dedicação a Francisco de Mello, conde da Ponte. *Roderigo* Stoop.

N.º 4 (16) Jacob duque de York encontra com a sua esquadra aquella da Rainha. The Duke of York's meeting with *ye Rosail* Navy after it came into the channel. Dedicação ao duque João de York R.º Stoop.

N.º 5 (17) Desembarque da Rainha em Portsmouth The manner of the Queenes Ma.ties landing at Portsmouth. Dedicado ao Duque João de Ormond. *Roderigo* Stoop.

N.º 6 (18) Entrada da Rainha em Portsmouth e a sua recepção no Tamisa pelo Lord Mayor e os deputados pela cidade em 23 d'agosto de 1662. The triumphal entertainment of *ye* King and *queenes* Ma.ties etc. Dedicada ao Lord Mayor. Rod. Stoop.

N.º 7 (19) A chegada de Carlos II e da Rainha a Hamptoncourt. The comming of *ye* Kings etc. A margem para a dedicação ficou em branco. Rº Stoop.

Ha de Stoop mais 8 estampas que dizem respeito a Portugal. São 8 vistas de Lisboa. Estas 8 estampas igualmente raras se acham completas como as 7 mencionadas, nunca as vimos, portanto não as podemos descrever.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Na sessão de assembléa geral do mez de maio, da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, o seu digno presidente o sr. Possidonio da Silva apresentou a seguinte proposta:

«Estando em uso nas nações mais cultas, fazer collocar nas casas onde nasceram, habitaram ou falleceram distinctos litteratos, homens de sciencia e artistas, um padrão commemorando o seu nome e a merecida fama do seu saber e obras; venho propôr a esta Real Associação para alcançar da ex.ma camara municipal de Lisboa (com a precisa auctorisação) mande collocar uma lapide com esculptura na parede, do lado nascente, no andar nobre do edificio do antigo convento das Necessidades, junto ao cunhal do lado do sul, entre as duas janellas do gabinete (*atelier*) de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, como publico testemunho de veneração pela memoria do rei artista alli fallecido, pelas suas producções em diversos ramos de bellas-artes, e principalmente por se ter dedicado com todo o esmero á pintura em ceramica, desenvolvendo em Portugal no seculo XIX o gosto por esse genero de pintura.

Não será monumento erigido a um soberano, mas sim uma homenagem ao talento do rei artista portuguez.»

Esta proposta foi tomada na devida consideração pela assembléa e votada plenamente. Em seguida foi eleita uma commissão para ir ao Paço da Ajuda pedir a El-Rei o Senhor D. Luiz a precisa auctorisação para ser collocada essa lapide no edificio real das Necessidades.

Sua Magestade mandou pelo conselheiro Nazareth, administrador da Casa Real, officiar á Associação que permittia a collocação pedida, como consta da seguinte copia do referido officio:

Ill.mo e ex.mo sr. — Ao ter a honra de accusar a recepção do officio com data de 14 do corrente, que v. ex.a, na qualidade de mui digno presidente d'essa Real Associação, me dirigiu sobre a permissão de Sua Magestade El-Rei, que a referida Associação carece, para na parede do lado do nascente, no andar nobre do edificio do antigo convento das Necessidades, entre as janellas do gabinete (atelier de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando) mandar collocar um padrão commemorativo de seu fallecimento no mencionado edificio, como rei artista; offerece-se-me em resposta participar a v. ex.a que o mesmo Augusto Senhor, da melhor vontade accedeu aos desejos manifestados, e muito agradece esta homenagem de veneração prestada á memoria de seu augusto pae. — Deus guarde a v. ex.a — Administração da fazenda da casa real, em 22 de junho de 1887. — Ill.mo e ex.mo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — A. J. Duarte Nazareth.

A Associação, officiando ao nobre presidente do municipio de Lisboa, remettendo-lhe copia do officio da casa real, e solicitando da camara a realisação

d'este testemunho publico, enviou-lhe o officio do seguinte theor:

Ill.mo e ex.mo sr. — Havendo sido approvado pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes que se apresentasse á respeitavel camara municipal de Lisboa a proposta para se mandar collocar entre as janellas do lado do sul do andar nobre do edificio do antigo convento das Necessidades (atelier de S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando) um padrão commemorativo de seu fallecimento alli como rei artista pelas suas producções em desenho, gravura, aguarella e principalmente pintura em ceramica; e tendo já esta Real Associação alcançado de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz a permissão necessaria para n'aquelle palacio real se poder assentar essa lapide, como consta pela copia do officio da administração da casa real, que vae incluso: vem pois esta Real Associação, confiando muito nos sentimentos illustrados da benemerita corporação da qual v. ex.a é distincto presidente, solicitar a realisação d'este pensamento, a exemplo do que já se tem praticado em Lisboa com outras pessoas notaveis; prestando por esta forma a ex.ma camara municipal de Lisboa uma homenagem de consideração ao principe illustrado, que com tanto disvelo se dedicou ao culto das bellas-artes em Portugal. — Deus guarde a v. ex.a Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, aos 6 de julho de 1887. — Ill.mo e ex.mo sr. Fernando Pereira Palha Osorio Cabral, dignissimo presidente da camara municipal de Lisboa. — O presidente, Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

A illustrada camara municipal annuiu com patriotica satisfação a prestar mais este acto de reconhecimento ao talento do rei artista e de veneração pela sua memoria, manifestando esses nobres sentimentos no seu officio.

NOTICIARIO

Nas investigações a que se procede nas arenas de *Lutecia*, em Paris, encontrou-se um esqueleto humano, quasi ao meio do circulo. Sepulturas similhantes já se haviam descoberto em 1870. Os archeologos suppõem pertencerem aos gladiadores; todavia este recente descobrimento offerecerá grande interesse aos anthropologistas sobre a origem d'este esqueleto, o qual tem 1 metro e 75 centimetros de proporção, e estava enterrado a 1 metro e 45 centimetros de profundidade.

Outra grandiosa empreza está agora proposta; é a construcção d'um canal Indo-Europeu, a fim de diminuir a distancia entre a India e a Europa; será pelo valle do Tigre e do Euphrates e atravez da Turquia e Asia e terá 275 kilometros de extensão, devendo importar a sua construcção em 1:500 milhões de francos!

A America do Norte acaba de auctorisar o emprego de 300:000 francos para perfurar a crosta terrestre, afim de se conhecer a composição da terra, e particularidades relativas á sua formação.

O governo civil de Gerona (Hespanha) participou á Associação Catalanista de Barcelona, que tomaria providencias para evitar a *perda de objectos de valor historico e artistico* que passam a enriquecer museus e collecções estrangeiras; já tem destinada verba para os adquirir e obstar a tão condemnavel procedimento; determinando tambem, que os objectos de merecimento que existirem n'aquella provincia irão augmentar os museus publicos; satisfazendo por esta forma a representação que a este respeito lhe tinha sido dirigida pela referida Associação. Que util exemplo para o nosso paiz!

O distincto archeologo Mr. Carlos Normand representou para se salvar da destruição completa os *vestigios da cidade romana de Pictoire*, que fôra descoberta no anno de 1885 em Sanxay, nas quaes o governo já dispendeu 60 mil francos.

Para o nosso paiz essa incuria não causará surpresa; lá temos nós vestigios d'essa mesma época, em cujas escavações o governo gastou algumas dezenas de libras, e estão expostas a perderem-se pelo esquecimento de se conservar esses unicos vestigios, que, por emquanto, só se descobriram em Portugal.

Está aberto um concurso, entre architectos nacionaes e estrangeiros, para apresentarem o projecto do augmento do grande parque nos terrenos do lado norte d'Avenida, além da nova praça do Marquez de Pombal, que ficará situada ao meio da referida Avenida: o praso é até 2 de novembro do presente anno.

Em Paris vae-se construir uma capella anglicana, erigida em commemoração do jubileu da rainha de Inglaterra, e terá o nome de *Victoria Chapel*. Na presença dos embaixadores inglez e dos Estados-Unidos se collocou a primeira pedra para sua fundação, e o governo inglez teve a extrema delicadeza de escolher um architecto francez para a sua construcção, que terá logar na capital da França.

Na antiga Sidão, cidade e porto da Syria, a 32 kilometros de Beyrouth, descobriram-se em um poço de 13 metros de profundidade 7 tumulos e 17 sarcophagos de uma belleza notavel, cobertos de pinturas.

A 5 metros 50 centimetros da superficie do solo, ali proximo, encontrou se uma parede de um tumulo tapado por seis grandissimas lousas. Em cima da primeira pedra havia duas outras. A ultima cobria uma cavidade aberta na rocha, onde estava um sarcophago real, um formidavel mónolitho anthropoïda de marmore preto.

O caixão foi tirado com bastante difficuldade, mas sem degradação. Continha o corpo de *Tabnit*, rei phenicio, que estava bem conservado, estando posto sobre uma prancha concava de madeira de sycomoro, guarnecida lateralmente por argolas de prata. Essas argolas tinham correias atravez para conservar o cadaver fixo sobre o seu leito funereo.

Suppõe-se que este sarcophago é proveniente do Egypto. Na origem teria recebido a mumia de um general em serviço da XXIX dynastia; depois d'uma profanação, teria sido vendido e transportado para a Phenicia.

1887, Typ. Franco-Portugueza, Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1887 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 9

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:
Architectura monumental (Continuação) — **Edificios romanos** — pelo sr. J. P. N. da Silva ..... Pag. 129
Periodo ogival — Architectura do XIII seculo — pelo sr. J. P. N. da Silva ..... » 132
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:
Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) — pelo sr. Possidonio da Silva ..... » 136
Explicação da Estampa n.º 82 — pelo sr. J. da Silva ..... » 142
Chronica ..... » 142
Noticiario ..... » 143
Necrologia ..... » 144

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Edificios romanos

(Continuado do n.º 8, pag. 117)

A Ordem de architectura mais empregada no reinado d'este soberano, foi a corinthia; porém esta Ordem havia já perdido um pouco da sua simplicidade e elegancia primitiva; não obstante, o reinado de Adriano é justamente celebre na historia da Arte, e merece o nome de *Restaurador das Bellas-Artes*.

Os artistas formados n'este reinado continuaram os seus trabalhos no pacifico governo de Antonino, que fez concluir o gigantesco amphitheatro de Capua, levantou, em memoria de sua mulher Faustina, um templo, monumento, cujas columnas são de bellas proporções, e os ornamentos de uma pureza rara de se encontrar nas construcções d'essa época; restaurou um grande numero de monumentos em Roma, na Italia, e em muitas provincias da Asia.

Marco Aurelio, considerando as bellas-artes como objectos de luxo inutil, foi pouco inclinado a protegel-as, e por este motivo cita-se apenas do reinado d'este soberano philosopho o templo dedicado a Faustina, um arco de triumpho e uma columna destinada a perpetuar a memoria das suas victorias sobre os Marcomanos.

É do tempo de Marco Aurelio que data a fundação do celebre templo do Sol em Balbek.

Com os successores dos Antoninos, a Architectura caminhou rapidamente para a sua decadencia. Levantaram-se ainda alguns edificios de extensão consideravel, porém, sobrecarregados de ornamentos de muito mau gosto: e todos os preceitos das Ordens gregas foram desprezados, ou desconhecidos. É preciso chegar ao tempo de Septimo Severo para ver outra vez as artes serem protegidas com alguma intelligencia. O monumento mais notavel que lhe deveu Roma, era o Septizenium, o seu mausoleu, que estava situado no angulo meridional do Palatino, e ornado com 7 andares de columnas; porém existe um arco de triumpho bem conservado, que foi levantado em memoria das victorias alcançadas sobre os Persas. Este arco é um testemunho do estado bastante adiantado da decadencia a que já havia chegado a architectura: um outro arco offerecido pelos negociantes, chamado dos ourives, ainda é de peior gosto que o precedente. Fez restaurar o templo de Agrippa, o portico de Octavio, o templo de Concordia e o de Jupiter Trovejador.

Possuimos poucas noticias a respeito das obras d'arte executadas no reinado de Caracalla; porém é curiosa a descripção do funeral que este sobe-

rano fez em consideração de seu pae, que nos mostra como se praticavam as cerimonias d'este genero na antiga Roma.

Primeiro fazia-se em cêra a imagem do defuncto, e a collocavam sobre um leito muito grande e bastante elevado, feito de marfim e ouro. Conservavam este simulacro durante sete dias; á roda d'elle estavam em pé os Senadores e as Matronas, illustres pelo seu nascimento. Alguns mancebos escolhidos na Ordem dos Cavalleiros e dos Senadores levavam o leito funereo para o Forum romano, passando pela Via Sagrada, e o depositavam sobre uma eça, á roda da qual ficavam os filhos da nobreza. Então, fazia-se o elogio do finado, e transportava-se o leito para o Campo de Marte, onde estava a fogueira pyramidal, composta de muitas Ordens reintrantes, umas sobre as outras e ornadas exteriormente de ricos pannos bordados de ouro, pinturas e figuras de marfim. Na segunda Ordem, que ficava aberta sobre cada um dos lados da fogueira, se collocava o leito funereo; depois o principe successor, tendo uma tocha acceza, punha-lhe o fogo, e todos os assistentes se apressavam para alimentar a chamma. Quando o fogo tinha chegado ao cume da pyramide, desprendia-se uma aguia, a qual se acreditava transportar ao ceu a alma do imperador. Desde este momento, o soberano finado ficava sendo venerado como egual dos deuses. Eis aqui a razão por que, nos tempos antigos e nos modernos, se fazem sempre os sarcophagos de fórma pyramidal, troncados, para imitar a origem das fogueiras que consumiram os cadaveres; e posto que fosse esta fórma adoptada pelo paganismo, ainda hoje é seguida pelos povos de outras crenças e de outras civilisações.

Entre algumas construcções emprehendidas no reinado de Caracalla, concluiram o Portico edificado em recordação das victorias de Septimo Severo; as Thermas, grandiosissimo e tão magnifico monumento, revestido todo de marmore, de mosaico e columnas preciosas. Para dar uma ideia do luxo que n'este edificio se tinha empregado, basta dizer que havia 1:600 cadeiras de marmore polido para se tomar n'ellas os banhos! Os baixos relevos que ornavam as salas eram de melhor estylo que as esculpturas dos arcos de Triumpho levantados em gloria de Septimo Severo.

Para empobrecer os nobres Patricios, este imperador obrigava os Senadores a edificarem á custa d'elles circos e amphitheatros em todos os logares onde elle tencionava ir, sendo depois demolidos, tão depressa se ausentava: portanto, póde-se assegurar que elle destruiu mais monumentos, de que se construiram novos por sua ordem.

Heliogabalo edificou diversos Templos em gloria do Sol, em Eféso e em Roma. Construiu Thermas sobre o Palatino, e havia ali levantado uma alta torre toda coberta de chapas de ouro e de pedras preciosas, do cimo da qual elle esperava, em occasião opportuna, ter a coragem de se precipitar para se suicidar!

O reinado de Alexandre Severo foi muito mais favoravel para as artes: principiou por fazer reparar muitos edificios publicos, theatros, circos, amphitheatros, augmentou as Thermas de Nero; mandou collocar nos Foruns de Trajano e de Nerva as estatuas de um grande numero de homens illustres; fundou celleiros publicos e banhos em todas as cidades em que estes estabelecimentos não existiam. O pezar foi tão sentido pela morte d'este imperador que se decretou erigir-se-lhe um cenotaphio; e se instituiram cerimonias expiatorias e festas em sua memoria.

Os successores de Julius Philippus até Galliano, não fizeram cousa alguma em favor das artes. Os Scythas e os Persas n'esta epoca devastaram as provincias da Asia e da Grecia, e arruinaram um grande numero de monumentos celebres da antiguidade. As invasões dos barbaros chamaram a attenção sobre as fortificações das cidades: então, não havia vontade de levantar novos monumentos, todavia julga-se que fôra n'este tempo que Palmyra principiou a ser aformoseada por edificios, dos quaes conserva ainda magnificas ruinas. Posto que os Templos, que se veem em Palmyra, pertençam á época da decadencia da arte monumental, são todavia superiores ás obras de architectura executadas nas outras provincias do imperio romano; o que foi devido ao gosto apurado que possuia Aureliano pelas artes liberaes.

O que avultou mais tarde foram as Thermas de Diocleciano as quaes eram muito superiores em grandeza e riqueza a todos os banhos que se haviam construido antes d'elle. Tinham espaço para 3:000 cadeiras para os banhistas: as arcadas da vasta sala, que ainda existem, são sustentadas por 8 grandes columnas de granito encarnado oriental. Os palacios de Diocleciano podiam ser comparados ás cidades completas; pois que tinha reunido hippodromos, templos, banhos, palestras e fontes; grandes avenidas ornadas de porticos, e precedidas de portaes magestosos, conduziam a uma especie de Forum collocado ao centro d'essa habitação imperial.

Constantino, ficando só senhor do imperio, principiou por desmantellar o campo das guardas pretorianas em Roma. Fez construir as Thermas sobre o monte Palatino, junto do templo do Sol. Esta construcção, como as outras do mesmo tempo, foi executada com tijollos. O senado e o povo votaram-lhe um Arco Triumphal, para celebrar a victoria sobre Maxencio. Este edificio foi construido

com os marmores tirados ao Arco de Trajano. Esta circumstancia nos permitte podermos comparar o auge a que tinha chegado a esculptura sob o reinado d'estes dois soberanos, e julgar o estado barbaro em que havia cahido a arte no IV seculo da nossa era. Um dos caracteres que mais distinguem as construcções d'estes tempos barbaros, é que ellas mostram que os materiaes foram tirados das antigas construcções, sendo reunidos sem gosto nem arte, nas novas edificações.

Foi por esta maneira que a arte monumental, depois de ter brilhado com grande esplendor sob a dominação de Augusto, dos Florius e Antoninos, veiu degenerando cada vez mais até ao reinado de Constantino. A affectação nos assumptos das decorações, a profusão dos ornatos, a falsa applicação das melhores regras, que produziu a invenção da Ordem Composita, apressaram a decadencia da arte. Os perfis perderam a sua pureza, as proporções foram alteradas, os principios os mais acertados, desconhecidos. Deve-se attribuir este lamentavel resultado á influencia dos povos barbaros, e a esta multidão de escravos de todas as nações que, accumuladas dentro de Roma, corrompiam o caracter nacional e embruteciam os descendentes do povo rei! As invasões estrangeiras contribuiram bastante para darem o ultimo golpe ás bellas-artes; em logar de restaurarem os monumentos e de construirem outros, pensaram unicamente em fortificar as cidades. Foi n'esta época de decadencia que o christianismo se constituiu. Impondo a sua Lei a quasi todas as nações do antigo mundo, fez nascer uma nova ordem de ideias e de cousas. A arte romana, que não era mais que uma sombra de si mesma, se regenera, como os povos idolatras se purificam pelo baptismo. Então tomou uma outra physionomia, um outro caracter; que pertence a uma época distincta, e caracterisa a arte monumental do christianismo.

Depois d'este resumo rapido sobre a arte monumental nas differentes épocas de Roma, passaremos a examinar com particularidade as ruinas dos monumentos d'esta celebre cidade. Temos em primeiro logar o edificio do Pantheão, que pela sua importancia artistica, historica e archeologica merece ser conhecido e apreciado.

O Pantheão é um dos mais bellos monumentos da antiga Roma, e o mais bem conservado. Foi edificado por Agrippa depois da batalha d'Actium, e dedicado a todos os deuses. Venus estava ahi enfeitada com uma perola que valia 250 mil escudos de ouro. Este soberbo templo é precedido de um portico sustido por 16 columnas monolithas de granito da mais bella proporção, e de um trabalho perfeito: teem 10,^{m} 99 de alto.

O interior d'este templo está ornado de 48 columnas de marmore, e a claridade entra por uma unica abertura feita na cupula, a qual antigamente era coberta de laminas de bronze. Tiraram do Pantheão todos os seus ornamentos de bronze, e os simulacros dos deuses do paganismo, para o transformar em uma igreja para todos os santos! Esta applicação o preservou do saque geral que a maior parte dos outros templos soffreram: posto que o Pantheão perdeu os seus bronzes, os marmores, o porphyro e o alabastro, todavia conservou a sua inimitavel cupula, o seu gracioso peristylo e as esbeltas columnas. O plano do Pantheão é ao mesmo tempo simples e grandioso; de fórma perfeitamente circular, tem 45^{m}56 de diametro, sendo a altura egual á sua largura.

A cupula está interiormente dividida por espaços symetricos e eguaes, feitos com muita arte e gosto; tem todos os ornamentos vazados de maneira que, sem tirar nada á sua solidez, está alliviada pelo menos dos $^{3}/_{5}$ do peso que teria de sustentar se ficasse lisa a parte espherica da cupula. Todo o edificio é da Ordem Corinthia, e, posto que hoje esteja esbulhado dos seus mais ricos ornamentos, tem ainda uma apparencia de magestade e grandeza que produz maior admiração: é reputado um dos mais bellos monumentos da arte monumental romana. Este templo, que reunia um sem numero de estatuas da maior belleza, ficou fechado até a era de 608; época em que o imperador Phocas fez presente d'elle ao Papa Bonifacio IV: este pontifice foi o primeiro que o consagrou ao culto christão. O celebre Raphael tem n'este templo o seu tumulo, o qual é de proporções mesquinhas; porém o epitaphio é sublime e digno da memoria de tão insigne artista.

O Forum romano está presentemente na sua magestosa desolação! No bello tempo da republica, era ali que se reunia o povo, no centro de um duplo renque de Templos e de estatuas, entre os arcos de Triumpho que appareciam em todas as partes em gloria dos descendentes de Roma, que vinham n'este glorioso recinto decidir do destino dos povos e dos reis. Este logar antigamente o mais illustre do universo, famoso pelas suas grandes recordações, é hoje destinado a mercado de bois!

N'estas ruinas monumentaes do Forum, a eloquente palavra dos oradores romanos tem sido substituida pelos mugidos dos animaes!

Roma antiga dava o nome de Forum ás praças, e muitas vezes aos seus mercados; d'aqui provém a sua divisão em duas classes. Os *Fora civilia* eram considerados como aformoseamento da cidade; e de alguma maneira como tribunal de Justiça; os outros, chamados *Fora venalia*, eram propriamente os mercados publicos. O primeiro d'esta classe pertencia ao Forum romano, o centro d'elle era

occupado pelos *Rostres*, ou tribuna para os discursos oratorios, até que Cesar a fez transferir para o angulo da praça. Esta tribuna, celebre por ter sido occupada por tantas vozes eloquentes, se chamava *Rostra*, porque a base estava ornada exteriormente pelas proas dos navios conquistados aos carthaginezes. Tinha sido construida sobre o poço que escondia a navalha e a pedra de amolar de Navius. Nunca, talvez a razão e a verdade triumpharam com mais evidencia, que n'este sitio, mesmo onde a superstição reverenciava o absurdo embuste.

Cesar fez transportar os *Rostres* para os collocar em um canto da Praça, d'onde o orador não podesse avistar o palacio do Senado no Capitolio. O mesmo havia praticado Lysandro em Athenas, dispondo a tribuna de maneira que o orador voltasse as costas para o mar. Vãs precauções! Thrasybulo entrou pelo Pireu, e Cesar expirou traspassado pelos punhaes dos senadores.

As duas columnas corinthias com a cornija e o friso são os unicos vestigios do famoso templo de Jupiter Trovejador, esse magnifico monumento levantado por Augusto, em memoria de ter escapado de ser ferido pelo raio, que havia cahido de noite, proximo da sua liteira durante a guerra na Hespanha, e que matou o escravo portador do facho que o allumiava n'essa tenebrosa occasião. Estas columnas de marmore de Luni foram primitivamente pintadas de encarnado, como outras encontradas nas ruinas de Pompeia: no friso vêem-se instrumentos de sacrificios em relevo.

O portico composto de 6 columnas Jonicas, das quaes as bases e os capiteis são de marmore branco, e os fustes de granito do Egypto, fazia parte do Templo da Fortuna; tem vestigios de que este edificio fôra restaurado com materiaes tirados de outros monumentos mais antigos; não obstante, os fragmentos que existem, são de bom gosto. Julga-se que este Templo foi construido no reinado do imperador Maxene e dedicado na época de Constantino.

A fundação do Templo da Concordia, que ficava proximo ao da Fortuna, teve logar pela occasião da reconciliação entre o Senado e o povo. Cicero havia reunido n'este templo o Senado, na occasião da conjuração de Catilina. No governo de Vitellius foi queimado, e reconstruido por Vespasiano; e incendiado de novo na idade-media; hoje é um montão de ruinas, que tem interesse unicamente pelas suas recordações e pelas inscripções encontradas recentemente nos seus fragmentos.

A columna corinthia que avulta no Forum foi dedicada ao imperador grego Phocas pelo Exarcha Smaragde, antigos commandantes dos imperadores gregos na Italia, que elle erigiu áquelle tyranno cruel, pusillanime e rapinador; como monumento historico pouco interessa; não nos póde inspirar nenhuma lembrança nobre, sendo esta columna dedicada a um tyranno pelo servilismo de um adulador, e principalmente estando junto do nobre theatro da liberdade romana: provavelmente foi tirada esta columna de um outro edificio, para este fim, conforme o uso dos antigos romanos, de levantar columnas commemorativas aos grandes varões, uso n'aquella occasião imitado; porém, ficou aviltado pela adulação. Todos os monumentos d'esta ordem existentes do tempo antigo em Roma, a Santa Sé os tem aproveitado e conservado, fazendo collocar sobre elles imagens de santos, porém, n'este deixou ficar o seu pedestal ermo, como um anathema á memoria do reprobo que a havia occupado, sem merecer nenhuma veneração publica.

J. P. N. da Silva.

PERIODO OGIVAL

ARCHITECTURA DO XIII SECULO

A época mais notavel da idade média foi o XIII seculo. A auctoridade de Summo Pontifice, o poder sacerdotal, tão poderosos no seculo precedente, vem a desapparecer no XIV. O christianismo então secularisava-se; o amor e a caridade que ensinava, manifestaram-se no espirito d'associação, fóra do clero. Esta foi a causa por que no XIII seculo se ergueram as magestosas egrejas de N S. de Reims, Amiens, Ruão, Paris, Strasbourg, Florença, as de Colonia, na Allemanha, Salisbury, na Grã-Bretanha, Burgos, na Hespanha, e Batalha, em Portugal.

O enthusiasmo cavalheiresco, estimulado por um poderoso sentimento e attrahido pelo culto do amor e pelas poesias que elle inspirava, tinha chegado ao seu maior auge. As nobres classes do sudoeste da Europa foram accommettidas d'uma disposição de espirito, que as levou a uma acção commum, que não tinha nenhuma relação com a politica e o governo temporal. As occupações predilectas d'esse seculo consistiam em emprezas guerreiras, em cruzadas brilhantes no Oriente e no Occidente; essas emprezas offereciam grandes difficuldades pelos arriscados perigos de todo o genero, a que davam logar; porém, na realidade, esses sacrificios não obtiveram nenhum resultado proveitoso para o estado social, salvo o de se ter descoberto uma parte antiga do mundo e de se ter feito conhecer no Occidente. Todavia o enthusiasmo que conduzira os cavalleiros francos em tão extraordinario numero, desde o final do XI seculo, ao Oriente, com o unico fim de conquistar o Santo Sepulchro, desvaneceu-se insensivelmente no XIII seculo, porque a necessi-

dade de ir buscar novas emprezas que haviam seduzido tanto os habitantes occidentaes para irem até a Asia, já não exaltava tanto os animos; os braços dos homens principiavam a ser utilisados de uma maneira muito mais rasoavel e util.

A protecção relativa que o sacerdocio havia concedido á multidão ignorante, durante o tempo em que ella não tinha ainda a consciencia dos seus direitos e da sua força, e estava submettida aos máus tratamentos da pobreza, teve de cessar por si mesma, desde o principio do XIII seculo; o clero havia perdido a sua liberdade, tendo-a submettido ao serviço e á vontade autocrata do seu chefe espiritual, cujas decisões, desde o XII seculo, muitas vezes foram substituidas ás que emanavam dos concilios; os chefes superiores ecclesiasticos julgavam d'uma maneira inteiramente arbitraria as cousas que procediam da intelligencia e dos sentimentos, opprimindo as consciencias; além d'isso, esses chefes no XII seculo empregaram meios severos e muitas vezes crueis, para reprimir o pensamento livre religioso em França, na Allemanha e na Italia. Portanto, no XIII seculo, época tão eminentemente revolucionaria, o imperio moral da Igreja principiou a declinar.

Para aquelles que o Papa Innocencio III não podia nem consentir, nem tampouco conservar no seio da igreja, para estes inventou uma policia secreta sacerdotal, uma nova lei ecclesiastica dos — *suspeitos* — e para coroar esse pensamento *tão sublime*, estabeleceu o mais terrivel de todos os tribunaes criminaes conhecidos no mundo — a *nefanda inquisição*. — A religião christã, dos tres primeiros seculos, docil, humilde e pacifica, tinha-se transformado em violencias moraes e materiaes. O pensamento do arianismo trazido pelos emigrados vindos pelo nordeste á Europa, tinha despertado as perseguições; mas a imaginação caminhava a par do entendimento: por este modo unidos, mofavam de qualquer poder terrestre. Quando o sentimento da verdade e do direito penetra na alma humana, ella despreza qualquer aggressão imaginavel. As ideias novas sobre as cousas religiosas e ecclesiasticas propagaram-se no principio do XIII seculo entre as elevadas e as inferiores classes da sociedade, e essas ideias foram proclamadas com um poderoso arrojo.

O momento de abater esse orgulho obstinado e arrogante havia chegado. Por outra parte, o poder politico e civil cada vez se tornava mais preponderante.

No dominio da sciencia, grandes esforços são egualmente tentados. O espirito das raças occidentaes, surprehendendo as leis que regem a harmonia do mundo, satisfeito das relações de medida e de proporção que principiava a conhecer na natureza, afasta-se cada vez mais das ideias da gente semitica, d'essas ideias sobrenaturaes que a sciencia veiu destruir.

No XIII seculo, as ideias são revolucionarias, e ao mesmo tempo audaciosas e innovadoras; a architectura patenteou a sua temeridade n'essas elevadas abobadas, n'essas altas e delgadas paredes, flanqueadas de delicadas columnasinhas que parecem não ter fim, e que testemunham, mesmo no recinto das igrejas, a ideia de independencia do homem, tal como se comprehendia n'essa época. Mas, sem ter ainda o apoio tradicional, sem haver um typo fixo, estar sempre preso ao serviço sacerdotal; para se obter essa independencia arrojada, carecia de bases mais solidas. Mostra ainda hesitação, é desmedida a sua acção, e mesmo irregular, phantastica, indecisa na sua expressão; a architectura ogival vae além da lei natural de proporções e de medida. Manifesta com independencia intellectual o sentimento religioso da sua época, com as suas sobreexcitações em todo o genero, principalmente mysticas e symbolicas. Conserva não obstante para o diagramma ou esqueleto da sua concepção, para o trabalho de operações abstractas, algumas leis naturaes que o estudo acabava de descobrir; porém, o architecto do XIII seculo exaggera sobre tudo as disposições das alturas, e em geral as dimensões de suas obras; sobrecarregando-as além d'isso d'uma ornamentação geometrica de linhas curvas e rectas, inorganica na sua essencia, vivificada pelas folhas, pelas flôres e pelos fructos imitados da vegetação indigena. Todo este conjuncto formava o caracter religioso do edificio. Para conservar as esperanças e os elementos que constituem o vago do pensamento religioso, que vacillava n'essa época, o architecto dispunha na parte interna da sua obra, d'uma tal obscuridade, que apenas alterava alguns raios de luz polychroma, penetrando pelos vidros coloridos das frestas ou espelhos. Essas trevas mysteriosas occultavam a devida e normal deducção das fórmas primarias; e portanto o constrangimento da imaginação indeterminada encobria ainda a obra nacional do artista, e dava esse sombrio caracter de religiosidade melancholica que está tão assignalada sobre os monumentos desde o começo do XIII seculo.

A architectura ogival apresenta essencialmente, vista sobre outro ponto, o mesmo caracter cavalleiresco da época que a viu nascer, sendo temerarios como foram os proprios cavalleiros d'então, e patenteando essa poesia, com que cantavam as suas proezas.

A arte foi até ao XII seculo o dominio exclusivo do clero e dos frades. Mas, desde que as cidades se emanciparam e os municipios principiaram a organisar-se, os padres se secularisaram e os frades se relaxaram da regra da sua Ordem.

Um grande numero de operarios para essas obras se tinha formado entre os irmãos conversos dos mosteiros. Com o andar dos tempos, esses operarios ficaram independentes. Fóra das edificações das igrejas, um grande numero de outras construcções d'um genero desconhecido antes, se erguem; os padres e os frades não eram já sufficientes para esses trabalhos; além d'isso, não estavam no caso de resolver os novos problemas que fazia apparecer a nova architectura d'essa época. Os constructores seculares habilitados anteriormente entre os frades leigos dos conventos, poderam emancipar-se e trabalharam sem se submetter aos seus mestres, vindo a ser mesmo superiores no exercicio da sua arte.

As difficuldades e as condições imperiosas que impunha a technica das novas construcções, embaraçavam sobre maneira os artistas ecclesiasticos, e os forçou muitas vezes a desistirem em frente das difficuldades que ellas lhes causavam. A sciencia que possuiam as pessoas empregadas no culto, não estava em relação com as necessarias exigencias da época; e por esta razão, na proximidade do fim do XII seculo, se formavam habeis architectos, canteiros e alveneis com os conhecimentos necessarios, os quaes se reuniram em uma corporação especial, quando o seu numero veiu a ser consideravel, conforme já explicámos.

Não obstante não haver provas escriptas, documentos historicos, é verosimil que as corporações dos constructores seculares existiam na Allemanha desde o XIII seculo. O imperador Rodolpho outorgou em 1275 uma constituição particular aos constructores estabelecidos em Strasbourg; e em 1278 o Papa Nicolau III lhes concedeu um Breve d'indulgencia, renovado pelos seus successores, sendo o ultimo pelo Santo Padre Bonifacio XII. Porém, o pensamento d'uma reunião de todos os constructores da Allemanha só se realisou em 1459: para esse fim teve lugar uma assembléa geral em Ratisbonna. Outras assembléas semelhantes se fizeram em Spira em 1464 e em 1467, e finalmente em 1498, havendo o imperador Maximiliano rectificado em Strasbourg os estatutos das lojas maçonicas allemãs.

O desenvolvimento dos estudos archeologicos tem comprovado que o estylo ogival, vulgarmente chamado gothico, teve a sua origem em França. Além d'isso, é positivo ser o mais antigo exemplo do emprego da ogiva, o da capella-mór da cathedral de S. Diniz, monumento proximo de Paris. Sabe-se que essas construcções foram emprehendidas de 1137 a 1144. Todavia, o estylo ogival não se formou na imaginação de um unico artista, foi obra progressiva, lenta, dependeu de faculdades collectivas que sazonaram essa concepção pouco a pouco, modificando-a e completando-a.

No XIII seculo a architectura da idade media chegou ao seu apogêo. Mostrando na materia, que a preparava com ousadia, parece fazer subir para o céu o pensamento do artista. Simplicidade e elegancia no plano, elevação nas proporções perpendiculares das fachadas, acerto na escolha dos objectos da ornamentação, e sufficiente sciencia na combinação dos effeitos produzidos pela sombra e pela luz; tudo isto se acha relativamente nos monumentos ogivaes do XIII seculo. Os edificios d'esta época reunem em si todas as artes liberaes; a esculptura e a pintura veem como auxiliares á architectura, e quando estas tres artes conseguiram concluir os preceitos technicos da sua arte, o resultado surprehendeu a multidão, e os fieis, pela vista das elevadas abobadas azuladas e cravejadas de estrellas d'ouro, rodeados de imagens resplandescentes pelas vistosas côres das vidraças, entoavam canticos, os quaes, sendo acompanhados pelos sons vigorosos do orgão, transportavam o pensamento a essas regiões celestes, onde a paz e a alegria faz a felicidade eterna dos bemaventurados: e portanto para se alcançar esse grandioso effeito, todas as artes rivalisavam, concorrendo com as suas obras portentosas para esse maravilhoso concerto celeste.

No XIII seculo, a architectura é soberana da fórma; a geometria domina n'ella. A sua existencia não é devida ao concurso da esculptura, a qual em outras épocas (como aconteceu no XV e XVI seculos), veiu a ser o elemento dominante. N'este periodo a architectura é ao mesmo tempo severa e magestosa nos monumentos religiosos, caprichosa nos palacios e nos paços municipaes. A esculptura apparece aqui, sómente como superfluidade, como uma cousa accessoria. Apenas se vê nos capiteis e nas cornijas horisontaes, divididas por linhas verticaes; nas curvas profundas das arcadas, nas archivoltas que molduram as aberturas. Esta applicação moderada da esculptura nos monumentos do XIII seculo, é que a faz agradavel pela sua harmonia bem calculada, conforme regras bem deduzidas, as quaes, quando vieram a ser desprezadas, causaram a decadencia da architectura da idade media. Comparando o todo com os detalhes, em muitos monumentos da mesma época entre si, nota-se uma lei, que rege os principios invariaveis que haviam presidido á sua concepção geral e á distribuição das suas diversas partes.

No XIII seculo a linha recta e o circulo contribuem de uma maneira singular para compôr as combinações de figuras geometricas empregadas na composição dos rosaes, das frestas e em geral em toda a parte onde se applica a ornamentação mathematica, isto é, aquella na qual não entram na sua configuração, nem as plantas nem os animaes. A metade do angulo recto, abertura de 45°, é empregada de preferencia para os rasgamentos das

portas e das frestas, bem como para formar o contorno das molduras e dos ornamentos. Os numeros impares dominam em todas as partes as suas divisões.

Emquanto ás suas condições exteriores, o estylo da architectura ogival liga-se estreitamente ao estylo de volta inteira, imitado da basilica abobadada, tal qual se tinha desenvolvido durante os outros seculos. O plano das igrejas, nas suas principaes partes, fica sendo o mesmo que se praticava precedentemente. A capella-mór é collocada ao Oriente, e fica separada da nave por um ou mais cruzeiros: duas torres, encimadas de agulhas pyramidadas, se erguem quasi sempre sobre o lado Occidental do monumento, e fórmam com o portal, a fachada principal, aquella que o architecto tomou mais a peito de ornar. A nave central eleva-se a uma altura assás considéravel acima das naves lateraes, e estas são collocadas ao Norte e ao Sul; a disposição interna fica subordinada ao emprego das abobadas de barrete e ás suas fórmas diversas. Porém, o sentimento de uniformidade em todas as partes do seu conjuncto se manifesta mais visivelmente que na architectura da volta inteira: a disposição que revela é mais vivaz e mais patente do que se mostrava nos monumentos anteriores. A direcção vertical, que se nota em todas as combinações, desenvolve-se d'uma maneira maravilhosa. Um genero particular e essencialmente novo de preparar a materia, um principio até então ignorado da fórma, tanto para o conjuncto como para os detalhes, que se affastam inteiramente d'aquillo que havia precedido, foram as consequencias d'esta mudança na maneira de arrostar e de tratar a apparencia material da nova arte.

A capella-mór não ficava tambem mais separada das outras partes do monumento. Já não era como na antiga basilica Latina, collocada em um logar separado e á parte; fazendo até mesmo que ficasse quasi no mesmo nivel com o resto do solo do monumento; motivado isto, sem duvida, por se ter supprimido as criptas, ou igrejas subterraneas, as quaes não podiam dar-lhes applicação n'essa época. A capella-mór rodeada de um gallileo, se estende além da intersecção dos cruzeiros com a nave principal. Prolongando-se algumas vezes na extensão Occidental da igreja, então é rodeada d'uma elegante decoração architectonica de cantaria ou madeira ornada de esculpturas. O espaço Occidental na parte interna, por baixo das torres, forma um vestibulo de portico em relação com o systema adoptado no interior do edificio.

Este systema consiste principalmente em fazer desapparecer inteiramente o aspecto massiço e tosco das paredes, não obstante o desenvolvimento da configuração das abobadas e a tendencia a apresentar ficar suspenso nos ares o todo com os seus detalhes. Por esta razão, não se vê nos monumentos d'este estylo senão sómente pontos de apoio, cujas dimensões ficam dissimuladas por divisões verticaes e pelas abobadas de grande leveza que parecem estar apenas assentes sobre as suas bases. É pois por estas particularidades que a architectura ogival se distingue essencialmente da architectura de volta inteira, na qual a espessura das paredes compõe a principal parte do monumento, e cujos pilares e columnasinhas estão mais ou menos envoltas. Muitas vezes os apoios decorativos não parecem ser senão o resultado do acaso e do capricho. Na architectura de ogiva, pelo contrario, as paredes não são uma necessidade para reunir entre si os pilares, pois elles não formam mais do que uma ligação delgada entre estes ultimos, e a sua apparencia é por assim dizer um excesso de superfluidade. As propriedades caracteristicas produzidas por este principio novo na concepção da fórma, consiste em que os pilares e as columnas envoltas se erguem independentes e com temeridade em excessiva altura; a sua disposição se prolonga e se continua nas linhas da abobada que as limitam. A subdivisão das abobadas *anima* a sua uniformidade, servindo-me d'esta comparação; do mesmo modo que a abobada de barrete havia feito no estylo de volta inteira, multiplica-se ainda e produz em um gráu superior o mesmo effeito, pela introducção dos arcos duplos, que servem para indicar transversalmente as partes principaes da abobada, como as dos arcos ou ogivas *encruzadas* que vem cortar a abobada em diagonaes, dividindo-a em partes de menor importancia. Este systema de apresentar muitos artezões, fórma a estructura da aresta da abobada, e os intervallos que deixam vasios, são cheios de peças de diversas fórmas, ora quadradas, ora triangulares. A abobada, posto que dividida, não se apresenta como se fosse uma peça inteiriça, não é mais que uma reunião de artezões delicados, cuja aggregação forma um todo completo. N'esses artezões estende-se o lançamento e a disposição vertical dos pilares; o peso das abobadas não parece descançar senão sobre certos pontos onde ellas tomam verdadeiramente nascimento, tendo a apparencia de recahir unicamente sobre os pilares. Portanto, o volume das abobadas parece decompôr-se e as grossas paredes com apparencia solida ficam inuteis para sustentar sobre os lados lateraes e exteriores de edificio o peso d'essas mesmas abobadas; os encontros não apresentam egualmente nas suas fórmas senão singelos pilares chamados *contra-fortes*, que compõem os pontos de resistencia das paredes. Esses pilares penetram até á parte interna do edificio, onde ficam perfilados de diversas maneiras, e servem ali de ponto de apoio aos arcos duplos da

abobada, emquanto que na parte externa apresentam um caracter de fortaleza e de solidez que assegura a perfeita estabilidade das paredes. Conforme este systema de *contra-fortes*, as paredes divisorias ou de circuito são quasi inuteis, não servem senão para se lhe abrir as janellas muito elevadas e largas. O espaço em roda d'essas janellas fica occupado por uma obra de alvenaria de pouca importancia. Por estas disposições das partes cheias, o peso e a dimensão vertical desapparecem ao mesmo tempo, as leis do lançamento perpendicular imperam livremente e d'uma maneira poderosa. Com este principio deram a forma das abobadas; pois o uso da volta inteira, sendo uma curva immovel e limitada, seria uma contradicção; n'esta conjectura adoptaram a ogiva com a sua curva temeraria e ascendente, havendo sido já empregada antes sob differentes formas, e de diversas maneiras, cuja imitação não serviu de nenhum modo para crear as regras d'arte, mas tão sómente para o desenvolvimento do estylo do XIII seculo.

(Continúa.)

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 8)

Narthex, fachadas e portaes das basilicas. O narthex interior occupava o fundo do atrio, e era formado pelo portico contiguo á fachada principal da basilica. Communicava pelos extremos com as galerias que rodeavam o atrio; como se observa na egreja de Villarinho de S. Romão, na provincia do Douro.

Nas basilicas Latinas, quando a configuração do terreno não permittia estabelecer o atrio e o narthex, substituiam algumas vezes estes por galerias altas collocadas no interior do edificio ao longo da nave.

Os portaes das basilicas eram construidos segundo o modelo dos portaes ricos do estylo classico.

As portas dos portaes das basilicas eram de bronze ou de madeira. Algumas das portas de bronze, das primeiras basilicas, provieram de monumentos pagãos. Nó seculo IX, a egreja de Santa Maria Maior, em Roma, tinha portas de prata.

Janellas e vidraças. As janellas das basilicas eram rasgadas d'alto a baixo, e de volta inteira.

Serviam de vidraças a estas janellas grandes laminas de marmore ou de pedra, atravessadas de buracos para por elles penetrar a luz no interior dos edificios.

Mais tarde, estas laminas foram vasadas de maneira que offereciam á vista os mais complicados desenhos.

Na Europa Occidental e Septemtrional, em que as laminas de pedra e de marmore escasseiavam, guarneciam as janellas com caixilhos de madeira.

As clara-boias muitas vezes não tinham cobertura, principalmente nos paizes meridionaes; e n'outros eram vedadas com laminas de pedras translucidas ou de placas d'alabastro.

Desde o seculo VII que começou a haver vidraças com vidros brancos e esverdeados, e até mesmo com vidros de differentes côres. Não appareciam ainda figuras, nem ornatos alguns, pintados sobre os vidros; as vidraças com vidros de côr eram formadas por um grande numero de vidros coloridos, cortados de differentes modos e que se reuniam de certa maneira, a fim do conjuncto representar figuras de fórmas regulares.

Desde o reinado de Constantino, os grandes edificios apenas se cobriam com madeira.

A maior parte d'esta construcção ficava visivel no interior dos edificios. Em alguns, as naves tinham tectos de madeira com pinturas diversas, representando caixões ricamente adornados e dourados.

Raras eram as basilicas que desde a sua fundação tinham possuido torres. Os campanarios que hoje se vêem proximo das antigas egrejas de Roma, são quasi todos posteriores ao seculo VIII. As torres do *periodo Latino* são na maior parte de fórma circular ou octogonal.

Nas grandes basilicas as abobadas esphericas do abside e o Arco Triumphal, e algumas vezes tambem as paredes comprehendidas entre as janellas altas da nave e das arcadas que ligam as columnas, ficavam revestidas com vistosos mosaicos.

Os materiaes mais ordinariamente empregados n'este genero de trabalho, eram folhas de marmore e pedaços de vidro.

Em muitas basilicas de Roma, o abside abobadado em fórma de esphera tem ao centro a imagem de Jesus Christo em pé ou sentado, com o braço direito erguido, ou lançando a benção, e com um rolo de papel ou um livro collocado á sua esquerda. Aos lados do Salvador estão representados os Apostolos, ou outros Santos. O sólo que pisam

é o da Judeia, o que se conhece pela representação do rio Jordão, cujo nome é muitas vezes inscripto debaixo dos pés de Jesus Christo, e pela presença das palmeiras, que foram, desde o primeiro seculo da era christã, o symbolo da Terra promettida. Logo abaixo do abside se estende, em toda a largura, uma zona estreita, no centro da qual se vê o Cordeiro Divino coroado com ou sem a Cruz, collocado sobre um outeiro d'onde brotam os quatro rios do Paraiso: Geham, Phison, o Tigre e o Euphrates, symbolos dos Evangelistas. Doze cordeirinhos, seis de cada lado, se dirigem para o cordeiro symbolico, e parecem sahir das cidades Santas de Jerusalem e Bethlem, que occupam os extremos da composição, e se acham representadas por varias portas e muralhas com ameias. Estes cordeirinhos symbolisam os fieis.

Alguns mosaicos representam o sonho de S. João, isto é, os quatro animaes, symbolos dos Evangelistas; e os vinte e quatro velhos, vestidos de mantos brancos, offerecendo coroas ao Cordeiro.

Para piso das basilicas, os primitivos christãos serviam-se dos differentes processos de empedramento, como os romanos usavam. Mais tarde, estes processos foram substituidos por um trabalho de novo genero, chamado *opus alexandrinum*, assim designado por ter sido usado primeiramente na Alexandria. Estes empedramentos consistiam em um conjuncto de variados marmores em que predominavam os porphyros verdes e vermelhos; pareciam como um rico tapete estendido no sólo.

O empedramento *alexandrino* foi muito pouco empregado na Europa Occidental e Septemtrional.

Havia tambem empedramentos em que sobresahia a prata e outros metaes preciosos.

Parte do piso do Sanctuario da basilica do Vaticano é de palhetas de prata; mas o da capella de S. Pedro, da mesma basilica, é de palhetas de ouro.

Nas catacumbas era mesmo sobre os tumulos dos martyres que se celebravam os Santos Mysterios; porém, a começar do seculo III, este uso foi approvado tambem pela Egreja.

No Occidente, o altar era quasi sempre erigido sobre o tumulo d'um martyr. Os restos mortaes do Santo collocavam-se immediatamente debaixo do altar n'um sarcophago, e ainda, na maior parte dos casos, ficavam depositados n'uma crypta collocada debaixo do Sanctuario. Tanto na Grecia como no Oriente, nunca em tempo algum, e até mesmo em nossos dias, se fez d'um tumulo um altar, mas sim d'uma mesa, que recordava aquella sobre a qual o Salvador instituiu a Eucharistia. Um altar *nunca* encerrava *reliquias*. Desde o tempo de Constantino, que data a maior parte dos altares das egrejas do Occidente. No principio do seculo VI (517) o concilio da Épona prescreveu, que todos os altares fossem de pedra, os quaes foram adoptados pela razão symbolica de ser considerado o Salvador a pedra angular.

Os altares de pedra d'essa épocha eram sempre formados por uma especie de prateleira quadrada ou rectangular, para constituir a mesa do altar propriamente dito. Esta mesa, muitas vezes, cobre um sarcophago ou um tumulo de madeira; outras é sustentada por um pé central em fórma de cippo, e ainda outras posta em quatro, cinco e mesmo até seis columnellos.

Havia altares formados de tres lages, das quaes duas se collocavam verticalmente, servindo de supporte á terceira, collocada horisontalmente a fim de formar a mesa do altar. Encontram-se tambem altares formados de cinco placas, tendo, pelo seu conjuncto, a fórma de um cofre de pedra.

A Auréola era formada de folhagens e sustentada por quatro anjos; Nosso Senhor Jesus Christo fica collocado entre dois Cherubins, que facilmente se reconhecem pelas suas asas abertas. Uma mão figurada no remate superior da Auréola, é para indicar a presença de Deus. É tambem adornada de flores, para indicar que o assumpto se passa no céu.

As esculpturas mostram que esta arte estava muito decahida no seculo VIII. Essas figuras com posições grotescas e forçadas, teem todas o rosto de frente, e os membros desproporcionados, sendo tudo d'uma imperfeição tal, que é difficil imaginar-se nada mais grosseiro e rude.

A inscripção, muito mal escripta, e n'uma linguagem quasi inintelligivel, não é mais esmerada do que as esculpturas.

Quando as faces dos altares das basilicas das grandes egrejas não tinham esculpturas, eram então revestidas de laminas d'ouro e de prata com engastes de pedras preciosas, ficando cobertas de colchas bordadas, representando algumas vezes assumptos sagrados.

Desde o seculo IV até meiado do XII, que as mesas dos altares eram, muitas d'ellas, escavadas em fórma de bandeja em toda a extensão do plano superior, tendo um rebórdo de alguns centimetros d'altura; ás vezes tinham ornatos esculpidos. Muitas mesas eram furadas nos angulos, com um ou muitos buracos, cuja serventia ainda não foi possivel descobrir. O altar era encimado por um *ciborium*, especie de docel ou baldaquino, sustentado por quatro columnas de madeira, ou de marmore e de metal.

Entre as columnas do ciborium havia umas cortinas ou reposteiros de corrediça, que se corriam para occultar o officiante e o altar durante a consagração.

O ciborium, que data do seculo XII, tem uma fórma um tanto differente da que foi posta em uso durante o periodo Latino.

As cortinas dos antigos ciborios eram em geral de preciosissimos damascos de seda e ouro, ou com ricos lavores guarnecidos de perolas, pedrarias e mesmo laminas d'ouro e de prata.

Primitivamente, cada egreja apenas tinha um altar. Comtudo mais tarde houve egrejas no occidente que tinham muitos.

Os gregos e os orientaes nunca tiveram senão um altar nas suas egrejas.

Os *altares portateis* antigos compunham-se, bem como os mais recentes, d'uma prancha rectangular de madeira, de pedra ou de metal, algumas vezes munida de uma moldura de ouro ou de prata, e tendo no extremo um appendice para servir de punho. Não se acharam altares portateis do periodo Latino, não obstante parecer indubitavel que deveriam ser communs n'aquelle periodo.

Uma tribuna, collocada no meio da nave principal das basilicas, era destinada á leitura dos Santos Evangelhos e aos sermões. Algumas egrejas possuiam tres: uma para o Evangelho, outra para a Epistola e outra para as prophecias.

A tribuna do Evangelho tinha regularmente duas escadas. Perto d'ella havia um enorme candelabro que servia para supportar uma grande tocha chamada *o facho do Evangelho*.

Nas basilicas christãs, o sanctuario e o côro eram separados da nave por uma divisão, umas vezes occultando o recinto, e outras ficando rendilhado, á altura de metro e meio a dois metros acima do chão. Esta divisão, chamada *cancello*, era muitas vezes de marmore.

A cadeira episcopal ou *cathedra* occupava o fundo do abside. Era de pedra de marmore precioso, e elevada tres degraus, pelo menos, acima do presbyterio.

Havia tambem cadeiras de marfim.

Aos lados da cadeira episcopal, e ao longo da parede do hemicyclo, achavam-se os bancos destinados aos padres, chamados algumas vezes *exedrae*, pelos auctores antigos. Eram muito simples, e durante o officio cobriam-se com almofadas.

A partir do meiado do IV seculo caíu a pouco e pouco em desuso o enterramento nas catacumbas; e no principio do seculo seguinte, desappareceu completamente. Os cemiterios estabeleciam-se á roda da capella-mór das egrejas e das basilicas, situdas fóra dos muros das cidades, com os seus tumulos quasi sempre orientados.

N'estes cemiterios depositavam-se a maior parte das vezes os cadaveres em covas de pedra e cal. Entre duas paredes parallelas e distantes entre si 70 centimetros, pouco mais ou menos, abriam-se, por meio de lages ou simples tijolos, nichos de tamanho sufficiente para receber um cadaver. Estes nichos chegavam ás vezes a disporem-se em dez ordens, umas sobre as outras. Este systema foi o adoptado para as sepulturas dos cemiterios do IV, V e VI seculos.

Algumas vezes tambem os cadaveres eram encerrados em sarcophagos, que em seguida se cobriam com terra, ou se collocavam tanto ao ar livre como debaixo de abobadas, no interior das egrejas e das basilicas.

Foi sómente no VII seculo que a Egreja começou a permittir, ou antes a tolerar, as inhumações, não precisamente no interior, mas em redor dos templos situados dentro das cidades. Unicamente os bispos haviam até ali gosado do privilegio de serem enterrados nas suas egrejas Cathedraes.

Durante o periodo Latino foram muito raros os edificios isolados que se construiram para servir de sepultura aos grandes personagens.

As esculpturas dos sarcophagos começaram a modificarem-se no meiado do V seculo. Os assumptos biblicos desapparecem a pouco e pouco, e são substituidos por imagens de Santos. A Cruz da SS. Trindade ou o monogramma de Christo occupa, muitas vezes, o centro da face principal dos sarcophagos, destinada antes para o logar do Salvador, tendo aos lados pombas, pavões, palmeiras, parras e outros symbolos.

As tampas são ornadas de Cruzes da SS. Trindade, formadas pelo entrelaçamento de Cruzes gregas e de Cruzes de Santo André, isto é, em fórma de X.

O meio da face principal d'alguns sarcophagos é occupado pelo monogramma de Christo, que d'este modo preenche o logar do Salvador. Os pavões aos lados do monogramma são os emblemas dos Apostolos, e as pombas, bicando os cachos de uvas, symbolisam os fieis alimentando-se do vinho eucharistico. A maior parte dos sarcophagos eram de pedra ou de marmore; no entanto alguns havia de chumbo e até mesmo de gesso.

Os *sarcophagos do IV seculo* tinham todos a mesma largura e a mesma altura nas extremidades; do V seculo, apparecem muitos tendo o lado da cabeça mais largo que o dos pés.

As *campas sepulchraes* são em geral indicio de uma sepultura subterranea. O seu uso é muito remoto. As lages tumulares, assentes sobre os tumulos subterraneos ou nos nichos ao longo das paredes, eram já empregadas no V seculo, sendo muitas vezes esculpidas em relevo, e tambem algumas ornadas com desenhos só a traço. Por vezes ajustavam na parede, onde existia qualquer sepultura, uma placa de marmore ou de pedra, sobre a

qual se gravavam symbolos, o nome do defuncto, a sua idade, ou tambem o dia do seu fallecimento.

Os *tumulos* dos cemiterios primitivos podem-se dividir em tres classes, segundo os objectos que n'elles se encontram. A primeira classe comprehende aquelles em que, além do esqueleto, se não encontra mais objecto algum, a não ser ás vezes uma pequena faca: estes tumulos são os dos servos ou pessoas de condição servil. Nos tumulos da segunda classe, o esqueleto é acompanhado do grande alfange de ferro, chamado *scramasaxe:* são estes os dos homens livres ou senhores feudaes. O homem livre gosava do privilegio de trazer á cintura este instrumento, que com elle era tambem depositado no tumulo. A terceira classe era constituida ordinariamente por um certo numero de tumulos ricos em coisas de toda a especie, principalmente em armas e objectos de toilette feminina: são esses os tumulos dos chefes militares, dos guerreiros e membros da sua familia.

O homem de guerra era sepultado com todo o seu equipamento, e ao lado depositava-se a sua esposa, adornada com todas as joias que tinha usado durante a vida.

As fivelas (fibules), que se encontram em tão grande numero n'essas sepulturas tinham duas serventias.

As maiores serviam para fechar o boldrié de coiro onde se suspendia o *scramasaxe*. Quasi todas são de ferro, sendo algumas marchetadas de prata ou revestidas de laminas de prata, com lavores representando folhagens ou figuras. Encontram se algumas de bronze, e são as mais bellas.

Ha tambem umas fivelas de bronze e de menores dimensões, que serviam para ligar o vestuario á roda dos rins, para individuos dos dois sexos. Estas fivelas eram em geral menos lavradas que as do cinturão. Algumas havia tambem de ferro.

Os alamares, broches ou *fibulas*, destinadas a unir sobre os hombros ou sobre o peito as duas extremidades do vestuario, são sem duvida os objectos mais interessantes que se encontram nas sepulturas dos cemiterios, Ha-os de ouro, de prata, de bronze, e encontram-se sobretudo nos tumulos de mulher.

Encontram-se tambem frequentemente nos tumulos de mulher, pregos para segurar o cabello, com cabeças de aperfeiçoado trabalho. Ha-os de ouro, de prata e de bronze, com grandes comprimentos.

Os brincos das orelhas são em geral, assim como os pregos para o cabello, pequenas obras primas de ourivesaria. Compõem-se quasi sempre de um annel de grande diametro, ao qual está ligado um pequeno botão de ouro cheio de filigranas e de vidrilhos embutidos. Os *collares* que frequentemente se encontram nas sepulturas de mulher, compõem-se de contas, de fórmas e dimensões differentes, enfiadas n'um cordel. As contas são de vidro e de loiça de diversas côres, e de coral natural ou arredondado; tem-se tambem encontrado, mas raras vezes, contas de ouro massiço. As de vidro e de loiça são, em geral, pintadas com differentes camadas de côres juxtapostas, que adherem pela cozedura, representando zig-zags, e outras muitas figuras estriadas. As côres que predominam, são o vermelho, o amarello, o verde, o pardo, o azul, o branco e o preto.

As *vasilhas de barro* constituem o complemento obrigado de todos os tumulos antigos. Encontram-se, quasi sempre, uma ou duas aos pés do esqueleto. Parece que estas vasilhas serviam aos pagãos para conterem agua lustral. Em seguida á sua crença na verdadeira fé, os convertidos ao Christianismo continuaram a encerrar vasilhas nos tumulos, porém mudaram a significação d'esta ceremonia funebre, substituindo a agua lustral pela agua benta.

A maior parte d'estas vasilhas são de barro preto e vermelho. Muitas apresentam a fórma d'uma pequena urna, tendo na parte superior do bojo ornatos de estylo muito rudimentar, feitos em volta e por meio da ponta d'um instrumento cortante.

As *vasilhas de vidro*, de fórmas elegantes e variadas, que se encontram nas sepulturas junto á cabeça ou aos pés do esqueleto, mostram que a arte de vidraceiro já tinha attingido um elevado gráu de perfeito. O maior numero são de vidro, d'um amarello esverdeado, soprado ou moldado; algumas tem como ornato riscas delgadas, brancas ou de côr, feitas depois da sopragem ou misturadas com a massa vitrea.

A introducção do Christianismo entre os Francos data do fim do seculo v. Não é por isso para admirar o encontrarmos nos seus tumulos objectos ornados com symbolos christãos.

O *calice* occupa o primeiro logar entre os vasos sagrados. Já os Apostolos se serviam de calices para a celebração dos Santos Mysterios.

Nos primeiros seculos da egreja, os calices eram de madeira, de vidro e até mesmo de chifre.

Depois da conversão de Constantino, é que se começou a generalisar o uso dos calices de ouro e de prata. Muitas vezes eram tambem ornados de pedrarias.

Existem calices de differentes especies. Os calices ordinarios, que se compõem, como os de todas as idades posteriores, de uma taça, um nó e um pé, tinham, em geral, a taça de fórma cylindrica, mais ou menos vasada, muito estreita e profunda. Os calices da segunda especie eram os calices ministeriaes, que serviam para distribuir aos fieis o precioso sangue, quando estava em uso a com-

munhão de duas especies na Egreja. Este uso foi abolido no XIII seculo. Os calices ministeriaes, em geral, de grandes proporções, tinham duas azas.

Havia ainda os calices das offerendas, *calices offertorii*, nos quaes os diaconos recebiam as oblações de vinho; os calices baptismaes, que serviam para dar aos novos baptisados uma mistura de leite e de mel; e os calices de adorno, que nos dias solemnes eram suspensos na egreja, nas proximidades do altar, ou collocados sobre a credencia.

A *patena*, assim chamada do verbo latino *patere*, *estar aberto*, em consequencia da sua fórma larga e pouco profunda, é um prato de metal, de vidro, ou de qualquer outra substancia, no qual se colloca a Hostia, durante a santa Missa. O seu uso é tão remoto como o do calice.

As patenas eram redondas, quadradas ou polygonaes e munidas d'um rebórdo.

O uso de reservar a Santa Eucharistia para os doentes e ausentes, provém desde a origem do Christianismo.

Pouco depois, quando os *altares* foram augmentados com o *ciborio*, suspendiam a reserva Eucharistica encerrada em vasos com a fórma de torres e pombas. Os vasos para as Sagradas Particulas tinham primitivamente a fórma de uma pomba. Quasi todos eram de ouro, de prata e de cobre dourado. A pomba Eucharistica encerrava-se geralmente em um Tabernaculo com fórma de torre.

Durante o periodo *Latino-bysantino*, os corpos dos Santos eram cuidadosamente encerrados em sarcophagos, e depositados em cima d'um altar ou n'uma crypta subterranea.

O relicario para o Santo Lenho tem quasi sempre a fórma de pequenas Cruzes peitoraes, concavas interiormente, e abrindo-se em toda a sua altura, por meio d'uma dobradiça collocada no vertice superior da Cruz.

As *chaves da confissão de S. Pedro* são assim chamadas, porque se diz, que serviam para dar ingresso no tumulo do principe dos Apostolos, na crypta da basilica Vaticana. As chaves são grossas, ovaes, ôcas e de lavores rendilhados.

Os Soberanos Pontifices dos primeiros seculos tinham por uso distribuir aos reis, aos principes e aos bispos, parcellas das cadeias de S. Pedro, dentro de anneis, cruzes, e principalmente em preciosas chaves.

Desde o IV seculo que começaram a importar de Jerusalem os oleos provenientes das lampadas que ardiam de noite e de dia no Santo Sepulchro, e em outros logares Santos.

Os Papas e os Bispos enviavam estes oleos ás egrejas, aos soberanos e ás pessoas de distincção. Eram conservados e remettidos em pequenos vasos de vidro ou de metal, circulares, e achatados, com gargallo

Durante os primeiros seculos, a Mesa do altar estava inteiramente livre e a descoberto, e só se punha em cima o pão, o vinho e os Vasos Sagrados necessarios para o Santo Sacrificio.

Os *Crucifixos* e os castiçaes *eram desconhecidos* durante os primeiros seculos. N'essa épocha apenas algumas vezes se via uma cruz ao lado direito do altar.

Corôas de altar, geralmente de *metal precioso* e ornadas de pedrarias engastadas, constituiram, durante todo o periodo latino, o mais rico accessorio do altar.

As mais notaveis corôas de altar, que foram descobertas em 1858 e 1860, em Toledo (Hespanha), são em numero de onze, todas de ouro e cravejadas de pedras.

Algumas vezes, principalmente a partir do IX seculo, deu-se o nome de *regnum* ás corôas votivas dos altares, para as distinguir das de illuminar. Tambem ás vezes se penduravam cruzes proximo dos altares.

As luzes que se empregavam com profusão, durante os Officios Divinos, eram collocadas proximo dos altares, quer sobre uma mesa, quer sobre candelabros, ou ainda mais vezes sobre lustres, em fórma de corôa, suspensos no côro, no Sanctuario e até mesmo no meio da egreja.

Os *diptycos* são de épocha muito remota. Ao principio eram formados de duas pequenas taboas de madeira ou de marfim, dobrando-se uma sobre a outra, e cuja parte interior continha uma camada de cera, sobre a qual se escrevia. Estas taboas eram rodeadas com uns fios de linho, sobre os quaes se deitava cêra que se imprimia com um sinete. Serviam assim para as missivas secretas.

Desde a sua origem que a Egreja Christã teve diptycos. Eram tabellas ou catalogos, sobre os quaes se inscreviam certos nomes que deviam ser lembrados e lidos, pelo menos em parte, nas reuniões sagradas dos fieis.

Podêmos pois, conforme a origem, distinguir duas especies de diptycos sagrados: os diptycos consulares adaptados á liturgia, e os diptycos puramente ecclesiasticos.

Os diptycos puramente ecclesiasticos eram de marfim ou de metal. Tinham nas faces exteriores esculpidos ou cinzelados a imagem de Christo e a da Santa Virgem, ou assumptos tirados da historia do Velho e Novo Testamentos, e outros symbolos christãos.

Quando a leitura dos diptycos começou a deixar de se usar nos officios sagrados, transforma-

ram-se as taboas esculpidas ou cinzeladas, em capas para livros liturgicos.

Desde o tempo de S. Jeronymo que começaram a ornamentar, o mais ricamente possivel, o livro dos Evangelhos; notava se esta riqueza tanto no exterior como no interior do volume.

Muitas vezes o texto sagrado era escripto com letras de ouro sobre membranas côr de purpura.

Exteriormente os livros dos Evangelhos eram ornados com todo o esmero; nas capas abundavam o ouro, a prata, os vidrilhos, as pedrarias e as perolas, e durante muito tempo, foi costume encerral-os em estojos ou cofres, *capsae*, ricamente trabalhados.

As capas dos Evangeliarios podem-se dividir em duas classes: as de laminas metallicas e as de marfim.

Entre as primeiras, umas eram simples, sem figuras e até mesmo desprovidas de toda a ornamentação, outras cravejadas de pedras e esculpidas em relevo, representando assumptos religiosos.

Os assumptos das capas dos Evangeliarios de marfim e de metal não differem dos que têem as dos diptycos. São symbolos ou scenas extrahidas do Novo Testamento e principalmente da vida e da paixão de Nosso Senhor.

Estofos preciosos. Durante os primeiros seculos da era christã, os fatos ordinarios eram de tela, ou, na maior parte das vezes, de lã. Depois da conversão de Constantino, o uso dos tecidos de seda para as vestes liturgicas generalisou-se bastante, a ponto tal, que o Soberano Pontifice S. Silvestre, contemporaneo d'este imperador, foi obrigado a abolil-o nas roupas brancas de altar chamadas *corporaes*.

Além dos tecidos unidos, ha outros ornados com figuras ordinariamente multicolores, obtidas umas pela applicação de variegadas côres depois da tecedura, outras durante a tecedura, por meio de certas combinações dos fios da cadeia e da trama.

Durante o periodo Latino, o fabrico textil da seda era completamente desconhecido na Europa meridional e occidental. Provinham da Asia, do Egypto, da Grecia e de Constantinopla, os tecidos de seda. É por este motivo que muitas vezes se chamavam *estofos transmarinos*, e mais tarde tambem, estofos dos Sarracenos, porque os arabes mahometanos forneciam para o Occidente uma grande quantidade.

Os estofos mais antigos não raras vezes eram decorados com medalhões circulares ou ovaes, no genero de *Maestricht*, obtidos ou pela tecedura, ou por bordados applicados posteriormente.

A ornamentação dos tecidos, que vinham do Oriente e sobretudo da Persia, consistia em assumptos em que predominavam o reino animal e o vegetal, e até por vezes na propria mythologia d'este ultimo paiz. Em vão procurariamos o symbolismo christão n'estas representações tão variadas. Apenas ali se encontra o producto da imaginação dos artistas orientaes, que confeccionaram esses tecidos.

Os symbolos e os assumptos christãos só excepcionalmente apparecem sobre alguns productos das fabricas gregas ou bysantinas, e isso mesmo em uma épocha relativamente recente; consistem em pequenas Cruzes Gregas da Trindade, inscriptas em circulos, animaes symbolicos, taes como o leão e o pavão, e raramente um personagem isolado. As scenas historicas do Velho e Novo Testamentos não começaram a representar-se sobre os estofos senão durante o VIII seculo.

Desde o meiado do IV seculo, que a egreja começou a servir-se d'este meio, para representar, sobre os tecidos empregados nas ceremonias sagradas, assumptos religiosos extrahidos do Velho e do Novo Testamentos, ou da historia dos Santos.

O ouro, a seda e as perolas abundavam em todos estes bordados, que consistiam muitas vezes em medalhões circulares ou ovaes e que applicavam sobre tecidos preciosos, para lhes imprimir um caracter religioso.

Desde o VI seculo que a arte de bordar foi, na Europa occidental, a principal occupação das mulheres nobres, e no seculo seguinte, esta arte elevou-se a um tal grau de prosperidade, nas Ilhas Britannicas, que durante toda a idade media não deixou de florescer.

Desde os primeiros seculos, que se ornavam com bordados de purpura, ou de qualquer outra côr brilhante, as vestes de lã branca dos padres e dos diaconos. Estes bordados foram mais tarde substituidos por brocados de seda. Serviam-se tambem dos pannos d'essa qualidade, para armação das basilicas e nas egrejas.

Estes ricos pannos tinham ainda outro uso. Antes de serem collocadas nos ataúdes, as ossadas dos Santos eram rodeadas de pelles de camello e envolvidas em tecidos os mais ricos, de linho, seda e ouro. A maior parte dos estofos antigos que se conservaram até aos nossos dias, foram tirados de sepulturas de Santos.

Paramentos Sacerdotaes. A Egreja manteve escrupulosamente, para os ornamentos sagrados, as fórmas adoptadas pelos primeiros christãos, emquanto que a fórma e o talhe dos fatos profanos se modificaram insencivelmente.

(Continua).

POSSIDONIO DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 82

Todos os factos que nos possam recordar as gloriosas emprezas que alcançaram o dominio na India, e com as quaes conseguiram esforçados varões dar maior lustre á nação portugueza, hão de ser recebidos pelo publico com satisfação, pois que são merecidos e verdadeiros acontecimentos, que, por mais minimos que pareçam, serviram comtudo para despertar no nosso espirito o glorioso poderio que no seculo XVI tivemos e que causou a admiração das outras nações.

A photographia d'este numero apresenta um curioso objecto, que vem confirmar a nossa asserção: o collar de filigrana de ouro, que serviu de distinctivo do *Poder Real,* de que os vice-reis da India estavam revestidos, como representantes do soberano portuguez, pelo seu dominio na região oriental, sendo o insigne varão Vasco da Gama que primeiro mereceu este distinctivo.

O rei afortunado julgou necessario que os governadores da India apparecessem áquelles povos com fausto, como elles estão costumados a contemplar nos seus senhores; e n'este intuito determinou crear o vistoso collar, que indicasse ao vulgo a soberania que os vice-reis possuiam, afim de manter o respeito e admiração pela sua suprema auctoridade.

Compõe-se este historico collar de 34 contas d'ambar, envolvidas no tecido metalico, ficando espaçadas umas das outras por uma corrente brincada do mesmo feitio; no extremo superior pende um coração delicadamente rendilhado, sobre o qual ha uma coroa ornada por outras quatro contas da mesma materia acima mencionada; na extremidade do collar avulta uma medalha circular, com o diametro de 0,25 centimetros, estando suspensa por um laço, no qual uma elegante roseta orna o centro. Na face d'esta medalha acha-se representada em relevo, em fórma de retabulo, no meio, N. Senhora em pé orando, e aos seus pés duas figuras, de joelhos, estão rezando duas pessoas.

A volta d'este collar tem 1^{m},14; o trabalho é delicadissimo, como requer a execução n'este genero, mas a composição é tambem de muito merecimento artistico.

Ha ainda uma circumstancia, que dá a esta reliquia archeologica uma subida estimação (podendo-se dar-lhe este nome) porque é a unica que consta existir, e tambem por ter pertencido a el-rei o senhor D. Fernando: faz parte do seu riquissimo espolio artistico, sendo tambem um dos raros objectos a que dava muita estimação, pois tendo mandado fazer uma vitrine especial, depois que tive a fortuna de lhe fazer adquirir a celebre *argola d'ouro*, fez uma selecção dos objectos mais raros e preciosos que lhe pertenciam, reunindo-os n'essa maquineta em que figurava este collar, e estando no logar de honra exposta a referida argola. Augmenta ainda mais o apreço d'esta photographia, o ser a primeira que se reproduziu da collecção original, que o senhor D. Fernando mandou photographar em triplicado para offerecer um exemplar á rainha da Grã-Bretanha, de todos os seus objectos de ouro e prata feitos em Portugal. D'estas photographias poude eu alcançar uma collecção para o museu archeologico da nossa Associação: por tanto, tudo concorre para dar maior merecimento a esta recordação historica e á estampa que pertence ao numero d'este *Boletim.*

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Ultimamente, á chegada a Lisboa de S. M. o Imperador D. Pedro II, o nosso digno presidente foi cumprimentar o augusto viajante, sendo recebido com a extrema amabilidade, que sempre tem dispensado ao sr. Possidonio da Silva.

A primeira cousa que o Imperador lhe perguntou, foi se a collecção do museu do Carmo tinha augmentado, e que publicações havia feito depois da sua ultima visita a Portugal.

Disse lhe mais: «Agora não tenho tempo para visitar o museu, mas no meu regresso não me esquecerei de o ir vêr.»

«Quero que conheça meu neto D. Pedro Cobourg, elle tambem se applica á archeologia.»

Mandou-o chamar, apresentou-o ao principe com lisongeiras expressões, recebendo os seus cumprimentos por ter a honra de o conhecer, e significando-lhe o prazer de saber que S. A. se dedicava aos estudos archeologicos. Pela affirmativa que manifestou, o nosso presidente, com o zelo que nós todos lhe conhecemos pelo explendor da nossa Associação, tomou a liberdade de convidar o principe para Socio Honorario do nosso Instituto. Do melhor grado aceitou o convite.

O Imperador preveniu o sr. Possidonio da Silva de que, quando regressar a Lisboa, tencionava com o seu neto, fazer uma investigação archeologica no paiz, para a qual já o convidava a acompanhal-os.

Despediu-se o nosso presidente das pessoas reaes, dando-lhe o Imperador as maiores demonstrações de estima e mesmo de consideração, que sensibilisaram bastante o ancião archeologo.

O Ministro da Guerra, sr. Visconde de S. Januario, offereceu, para o archivo da nossa Real Associação, duas excellentes cartas geo-hydraphicas das ilhas Desertas do archipelago da Madeira. Vinham acompanhadas do seguinte officio:

Illmo e ex.^{mo} sr. — Tendo sido recentemente publicada a carta geo-hydraphica das ilhas Desertas do archipelago da Madeira, por conta d'este ministerio e do da marinha; incumbe-me s. ex.^{a} o ministro da guerra, de enviar a v. ex.^{a} dois exemplares da referida carta, dos quaes um é destinado a v. ex.^{a} e o outro ao archivo da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes.

Deus guarde a v. ex.^{a} — Secretaria de estado dos

Distinctivo dos Vice-Reis da India

Est. 82
Vol. 5º
Doc. 142

negocios da guerra, em 19 de agosto de 1887. — Ill.mo e ex.mo sr. presidente da assembléa geral da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — O director geral *Caetano Pereira Sanches de Castro.*

Mais um novo testemunho de quanto anhela o illustre Ministro o sr. Visconde de S. Januario, que a nossa Associação possua obras de subido interesse, e sobre tudo trabalhos executados com tanto primor pelos engenheiros nacionaes. A nossa gratidão não data d'este anno; já ha muito temos confessado a s. ex.ª quanto somos reconhecidos e penhorados pelas repetidas offertas de valiosissimos exemplares scientificos e archeologicos com que tem enriquecido as collecções do nosso museu.

Alcançou o nosso presidente, do acreditado commerciante o sr. Pillaud, estabelecido na Ribeira Velha e proprietario de parte da antiga muralha da cidade, do tempo d'el-rei D. Fernando I, um antigo brazão de marmore que estava assente n'essa muralha, para o museu da nossa Associação. Esta offerta não sómente nos convence da generosidade d'este honrado cidadão, mas tambem do desejo de contribuir para a conservação das antiguidades, exemplo este digno dos maiores louvores e da nossa gratidão.

A veneranda e nobre viuva do celebre archeologo Monsieur Arcisse De Caumont, falleceu em Caen no mez de agosto ultimo, depois de prolongada molestia, sendo considerada uma grande perda para os archeologos francezes, pois havia acompanhado sempre o seu distincto esposo nas investigações scientificas, e creado depois uma medalha em *Vermeil*, de grande modulo, com a effigie de mr. De Caumont, em memoria do illustre fundador da *Associação Franceza de archeologia para a conservação dos monumentos historicos*, sendo destinada para laurear os descobrimentos e publicações archeologicas, como foi conferida ao fundador da nossa Associação o sr. Possidonio da Silva, no anno de 1879. Aquelle triste acontecimento causou dolorosa consternação aos socios de tão benemerita Associação e a todos os admiradores da dedicada senhora, pela sua perseverante solicitude para o progresso da sciencia e pelo renome do seu adorado esposo.

Um outro brazão portuguez de memoravel facto historico, aquelle da mudança da Universidade de Coimbra para a capital em 1431, pertencente ao edificio em Lisboa, na rua das Escolas Geraes; foi tambem obtido pelo nosso presidente para augmentar a numerosa collecção de brazões que já possue o Museu do Carmo.

NOTICIARIO

Mais outro importantissimo descobrimento archeologico teve logar no Egypto.

Um arabe de Gournach encontrou um tumulo cheio de feretros amontoados em grande confusão, dando isso logar a que o sabio mr. Maspero descobrisse outros tumulos, parecendo ser um museu de antiguidades; porém os arabes haviam desenterrado dynastias completas, talvez as mais illustres que reinaram no Egypto, as 17.ª, 19.ª e 20.ª, que tinham livrado o paiz dos antigos conquistadores, os Pastores: Soqnorunri e Ahmon I que fizera a conquista da Syria e da Ethiopia; Amenhotep I e Thotmés III, Séti I, Ramsés II, emfim, o Sésostris dos gregos, o unico dos Pharaós cujo nome a posteridade conservou. Os illustres sacerdotes d'Amon, a quem a lei confiava a guarda das mumias reaes, haviam retirado as dos principes da 19.ª e 20.ª dynastias Ramsés I, Séti I, Ramsés II, Ramsés III, dos tumulos magnificos que occupavam em Bab e Molouk, para as salvar dos ladrões, transportando-as primeiramente para uns annexos do tumulo de Amenhotep I, onde o maior numero dos membros da 18.ª dynastia estavam reunidos. Quando a raça dos illustres sacerdotes de Amon se extinguiu pela sua vez, um filho de Sheshonq I, Onapout, transferiu as mumias reaes para o tumulo onde descançavam as ultimas gerações da familia sacerdotal: padres e reis repousavam a pár durante quasi trinta seculos!

Ao primeiro Pharaó tiraram-se as faxas, para as substituir por outras novas e mesmo com o fim de se verificar se seria o conquistador Ramsés II, sendo o preferido para essa necessaria reparação; depois se praticou o mesmo com Séti I e Soqnorunri; em seguida Ahmés I e os illustres sacerdotes de Amon; tendo sido preciso um mez todo, para despir todos estes Pharaós, medil-os e descrevel-os, e tambem para lhes mudar os fatos.

Damos, conforme as informações de mr. Maspero, alguns detalhes sobre a apparencia exterior dos corpos d'estes soberanos, que teem o semblante risonho, quasi alegre, parecendo estarem contentes da sua situação.

Homens e mulheres são de grande estatura, bem constituidos. O busto largo, vigoroso, as pernas nervosas e magras, os pés compridos e bastante arqueados, as mãos delicadas, os braços compridos, os musculos do hombro e pescoço muitissimo desenvolvidos. A cabeça é pequena em relação do corpo, sendo sobre o comprido por diante e detraz, estreita no logar das fontes, grossa na parte inferior. O nariz comprido e afilado, os olhos pequenos e approximados, a boca grande e bem ornada de dentes, o cabello farto, espesso, encaracolado nos homens e ondeado nas mulheres que não o usavam entrançado em pequenas tranças ligadas, como trazem as actuaes nubiannas.

Thotmés III tem o rosto esmagado inteiramente, e as suas feições apparecem desconcertadas, como se fossem vistas atravez de um véo. Os outros teem o nariz achatado pela pressão das faxas; mas este accidente obsta pouco a mostrar a expressão da sua physionomia.

Ahmés I apresenta aspecto severo e de arrogancia; Thotmés II tem uma apparencia de timidez e astucia; as rainhas com feialdade, mas com ar resignado. O estudo minucioso dos corpos deu logar a que se determinasse quasi a idade de cada individuo. Thotmés II teria 26 a 30 annos quando falleceu; Soqnorunri, uns 40 annos; a princeza Ahmos, quanto muito, 30 annos. Notou-se em Thotmés II que tinha ainda estigmas de molestia de pelle. E' cousa para se notar com extraordinaria surpreza, que depois de tão grande numero de annos, se conseguisse conhecer o aspecto d'esses remotos soberanos, que uma casualidade fez descobrir.

Uma colossal composição será pintada pelos mais festejados artistas francezes, Stevens e Gervex, que

abrange o periodo de cem annos passados e comprehende 1:800 personagens celebres na politica, artes, industria, sciencia, exercito, etc. Estará exposta na exposição de 1889 em Paris.

Varios sabios francezes procedem actualmente á analyse da agua do oceano. Esta agua, conforme assevera mr. Tuld, não encerra menos de *dois milhões de toneladas* de prata.

O museu de guerra de Washington acaba de receber um objecto singular: é um collar composto de dedos humanos.

O capitão Burke, que se occupa especialmente do estudo das antiguidades indianas, crê que este collar deveria pertencer a um principal sacerdote.

N'um convento de Philipopoli descobriu-se um fragmento inedito da philosophia de Aristoteles, escripto em 180 folhas de pergaminho.

Museu industrial e commercial do Porto. — Está aberto todos os dias, excepto ás segundas feiras, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde; aos domingos abre ás 11 horas da manhã. A entrada é gratuita, subindo-se pela escadaria do Museu, na rua do Palacio de Crystal.

A nação franceza não se esquece de immortalisar os feitos dos varões que illustraram em todos os tempos o seu nome. Isso não é sómente para os menos remotos acontecimentos historicos, como acabam de demonstrar erigindo uma estatua ao afamado guerreiro *Dumnacus*, chefe gaulez, levantada no centro do paiz dos Andécanos, o qual defendeu a invasão de Julio Cesar ha dois mil annos! Este monumento tem cinco metros e meio de altura, e o heroe está representado calcando aos seus pés a aguia romana, com um escudo na mão esquerda, e a *Framea* (arma dos antigos gaulezes) na mão direita.

Estes testemunhos publicos de reconhecimento nacional são do maior patriotismo que um povo illustrado póde patentear, pois se os nossos predecessores não tivessem velado pela independencia da nossa terra, e alcançado fama pelo seu heroismo, nenhuma gloria resultaria para a nação, e a sua historia seria sem nenhum interesse para a posteridade.

NECROLOGIA

Sendo tão natural desapparecer do mundo um ente, quando a natureza lhe marca a hora derradeira não obstante sempre se experimenta um doloroso sentimento pelo obito d'um de nossos similhantes; porém muito mais penoso é soffrermos esse golpe, quando se trata de um cavalheiro dotado de grande merito, saber e talento. É sob a impressão de tão triste acontecimento, que deploramos o fallecimento do nosso distinctissimo socio honorario o conde senador João Gozzadini, que teve logar em Bolonha no dia 6 de Outubro ultimo. Se pelo seu nobre nascimento, descendente dos antigos reis da Grecia, pelo qual recebia a consideração devida á sua elevada jerarchia, não menos jus tinha em receber da nobreza nacional e dos homens mais cultos de todos os paizes, a veneração mais distincta pelas suas superiores qualidades e intelligencia. Foi portanto, para o seu paiz como para a sciencia, uma grande perda, assim como veiu causar aos seus collegas e admiradores a mais profunda magoa o seu passamento!

Deve a Italia a este esclarecido archeologo descobrimentos de summa importancia, e publicações archeologicas de notavel merecimento. Havia elle obtido pelas suas assiduas e eruditas investigações, que a celebre Necropole étrusca de Marzaboto se descobrisse em Bolonha; foi egualmente á sua iniciativa que o congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica se reuniu n'essa cidade no anno de 1872, cuja presidencia o actual rei de Italia lhe cedeu como preito aos seus merecimentos scientificos. Não menos admiradas foram as suas communicações ácerca da primitiva capital Etrusca Felsina, onde debaixo dos alicerces de uma moderna egreja se achavam importantes vestigios das primeiras construcções d'esse remoto povo, no solo da Toscana. Não foi sómente da sua Nação que recebeu as maiores distincções; os paizes estrangeiros o agraciaram com as suas mais honorificas Ordens, e era socio correspondente do Instituto de França. O illustrado Governo Italiano lhe deu a direcção do museu civico archeologico de Bolonha, porque reconhecia quanto era digno d'esse cargo, sendo todos esses assignalados serviços e subidas distincções testemunhos publicos, que conservarão a memoria do seu venerando nome, o qual deu fama á sua nação e realçou ainda mais o nome da sua illustre descendencia.

Desejariamos poder tecer um mais desenvolvido panegyrico d'este estimado amigo e nosso consocio; porém outro socio mais habilitado fará o seu elogio historico, quando fôr inaugurado o seu retrato na nossa Real Associação, afim de se commemorarem os seus distinctos merecimentos e de se conservar a sua memoria. O devido tributo de admiração, e o sentimento da nossa affectuosa dedicação, dictam estas expressões, deplorando tambem o fatal acontecimento que roubou á sciencia e aos seus collegas estrangeiros um dos mais abalisados archeologos, servindo esta demonstração de sentida magoa pelo seu chorado passamento, como tambem para cumprirmos um dever pelo logar que occupamos n'esta Real Associação, expressarmos em seu nome o sentimento que soffreu pela sua perda e egualmente prestarmos a devida homenagem ao nome de um socio tão distincto e venerando.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1888 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Origem do estylo ogival na Inglaterra — pelo sr. Possidonio da Silva ..... Pag. 145

O Monumento de Mafra — A'cerca dos pára-raios — pelo socio sr. J. C. Gomes ..... » 151

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Memoria para servir de illustração ao desenho de uma estatua descoberta em Beja, que se disse ser de Cybèles — Manuscripto de Manuel José Maria da Costa e Sá ..... » 154

Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) pelo sr. Possidonio da Silva ..... » 156

Explicação da Estampa n.º 82 — pelo sr. J. da Silva ..... » 157

Chronica ..... » 158

Noticiario ..... » 159

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ORIGEM DO ESTYLO OGIVAL NA INGLATERRA

Tendo sido invadida a Grã-Bretanha por Cesar, 55 annos antes da era vulgar, esta conquista durou mais de 4 seculos e meio. Sob o governo do general romano Agricola, sogro do historiador Tacito, desde 75 a 85 da era vulgar, os romanos excitaram os insulares a levantar templos, a construir forums e casas de habitação. Mais tarde edificaram tambem porticos, thermas e outros edificios, como havia no imperio romano. Esses monumentos erguidos durante a dominação romana, são chamados *anglo-romanos*. As ruinas, em grande numero d'essas construcções, estão ornadas na Inglaterra, como nos outros paizes, de telhas e tijolos formando renques emmoldurados. Existem alguns inteiramente construidos de tijolos: o arco de volta inteira é muitas vezes empregado, assim como o apparelho alternado. Entre estes monumentos, encontram-se a egreja de S. Martinho de Cantorbery; a porta de Newport em Lincoln; o castello de Richborough no condado de Kent; algumas partes da egreja de S. Nicolau de Leicester; uma corpulenta torre-circular no castello de Lincoln. Os primitivos habitantes d'este paiz sabiam sómente edificar, servindo-se de junco e madeira, sendo os romanos quem lhes ensinou a construcção executada com pedra e cal.

Conforme as descripções mui succintas das mais antigas egrejas da Grã-Bretanha, se collige ser a sua fórma a da basilica romana, tendo columnas e arcadas de volta inteira, á imitação dos edificios levantados nos outros paizes sob a dominação romana.

As invasões dos dinamarquezes, durante o IX seculo, atrazaram o desenvolvimento das construcções architectonicas. Porém, reviveu a actividade no pacifico reinado do rei Edgar, que concluiu em 974 a egreja de Ramsey em Hurtingdonshire. Este monumento tinha duas torres mais elevadas que o espigão do telhado, estando a mais baixa diante da fachada, e a torre mais alta sobre a intersecção do cruzeiro, firmada sobre 4 columnas, ligadas por arcadas, afim de obstar ao desvio dos pontos de apoio, sendo este o primeiro exemplo citado nas construcções de torres n'este paiz

As egrejas, nos primeiros tempos da introducção do christianismo na Inglaterra, eram pouco numerosas. O papa Gregorio, o Grande, recommenda no VII seculo ao apostolo Agostinho, de não demolir os templos do paganismo, mas tirar-lhes os idolos, afim de servir o edificio para o culto do verdadeiro Deus.

Os saxonios tendo chegado á Inglaterra no meiado do V seculo, essa dominação durou até á conquista

normanda em 1066. Os antiquarios inglezes chamam *anglo-saxonios* aos monumentos d'esta epoca, dos quaes os mais antigos mostravam uma imitação da construcção romana. No antigo estylo saxonio eram as columnas curtas e com um grande diametro em relação com a sua altura; tambem se encontra o emprego de pilares quadrados: uns e outros sustentam arcos de volta inteira. Estas arcadas apresentavam fórmas desproporcionadas e pezadas, afastando-se muito das proporções das arcadas construidas pelos romanos.

Está provado que os saxonios tinham um estylo de architectura differente do estylo Normando, tendo havido uma mudança na architectura em Inglaterra durante o reinado de Eduardo, o Confessor, quasi no meiado do XI seculo.

As construcções saxonias, feitas de pedra, parecem ter tomado por typo as construcções de madeira. As suas fachadas são decoradas com resaltos de pouca saliencia, afim de representar os *prumos de madeira*. Os andares estão separados por faixas horisontaes, contra os quaes os prumos vem topetar, parecendo estarem entulhados no frechal, como se pratica nas construcções dos frontaes. Na divisão das aberturas das janellas ha, nas egrejas saxonias, balaustres, em logar de columnas ou pilastras. N'estes monumentos, vêem-se tambem arcos de volta inteira e feitio triangular. Esta ultima fórma era uma reminiscencia da construcção em pedra no madeiramento; em quanto a ornamentação d'essas egrejas, cousa então bastante rara, não apresenta mais do que figuras humanas ou de animaes, executados mui grosseiramente, ou cipós enroscados com plantas, e combinados com mui pouca destreza. Nota-se n'esta ornamentação a similhança que se encontra nas egrejas da Noruega, e o que é ainda mais curioso, é assemelhar-se aos ornamentos empregados nas *tescalli* dos templos do Mexico! Talvez não esteja longe a epoca, em que as investigações archeologicas venham provar, que o que nós reputamos o novo mundo, seja o *velho*, em relação ao que nós habitamos.

Posto que as egrejas anglo-saxonias tivessem conservado o plano da basilica romana, eram, todavia, pequenas e obscuras (como nós já fizemos notar esse uso nas primitivas egrejas da Allemanha) havendo uma unica torre no portal occidental.

Uma era nova apparece para a architectura na Inglaterra, com a conquista de Guilherme, duque da Normandia, no anno de 1066. Os monumentos tiveram maiores dimensões, sendo muito mais regulares do que os precedentes.

Na Grã-Bretanha sómente se encontram d'esse tempo edificios religiosos, que, estando inutilisados ha mais de tres seculos do seu primitivo destino, se conservam no seu mesmo esplendor, devendo isso a serem *considerados como objectos d'arte e de raridade*, ficando assim explicada a sua admiravel conservação, não obstante a sua remota antiguidade.

Sem duvida, as abbadias inglezas ficaram desertas desde o anno de 1538, no qual Henrique VIII decretou a abolição das ordens monasticas. Em vista d'este decreto, essas magestosas egrejas, seus claustros, dormitorios e capellas estiveram mais de um seculo sem reparo algum, devido á falta de recursos para esse fim; porém, as paredes eram tão solidas, o chumbo que cobria os telhados tinha tanta espessura, que tudo poude resistir ás injurias do tempo, até que as novas gerações, surprehendidas de admiração e respeito por tão venerandos monumentos, se apressaram a salval-os da sua ruina. Em quanto aos outros mosteiros, que duraram em França até ao anno de 1789, e em Portugal até 1834, durante o tempo que estiveram habitados, com elles se despenderam avultadissimas quantias, afim de satisfazerem a novas necessidades e a differentes caprichos monasticos, o que deu causa a modificarem-se algumas partes d'esses monumentos, quando, por ventura, não ficarem transfigurados; porque os frades achando então as suas cellas acanhadas e incommodas, não se constrangiam em derribar admiraveis pilares, para as alargar, ou em destruir ricos e mimosos portaes, afim de construirem passadiços para evitar a fadiga de descerem compridas escadas, indo para os officios divinos, como aconteceu no bello edificio da egreja de Belem, havendo mutilado os delicados arrendados que embellezavam o coro das egrejas, mas que tinham o inconveniente de lhes deixar passar o ar atravez, posto que não tivessem molestado os antigos antecessores religiosos! Foram então essas separações substituidas *mais atiladamente* por pezadas barreiras de madeira, seguindo-se o mau gosto da moda, de se esburacarem as cantarias para as cobrir de madeira pintada e cobrirem-se as ogivas com dourados, mostrando, no remate d'esses arcos agudos, a desastrada decoração que imita um extraordinario sol raiando no meio de uma immensa nuvem construida de gesso, a qual está rodeada por seraphins compostos do mesmo material. Tal era a perfeição d'arte n'aquella epoca! E para maior desvario, chegou uma occasião em que a voz despotica do provincial, intimado por ordem vinda de Roma, no meiado do ultimo seculo, ordenou que os claustros, casas do capitulo, refeitorios e todas as outras casas conventuaes fossem demolidos sem consideração a cousa alguma, para se fazerem n'esses mesmos sitios novas construcções com o feitio e apparencia de grandes e feios quarteis, que appareceram construidos em toda a parte, onde a ordem dos frades benedictinos possuia os seus conventos.

Em quanto as abbadias de Inglaterra, não obstante

abandonadas, apparecem menos desfiguradas, em comparação dos novos conventos, mesmo aquelles mais sumptuosos.

Que espectaculo lastimoso se apresenta em nossos dias, ao contemplarmos o indifferentismo com que se olha para esses monumentos, tão recommendaveis para as artes e para a historia do paiz, estando a arruinarem-se cada vez mais, ou então servindo para abjectas applicações, essas obras primas de remotas eras, que não se podem hoje substituir, por maiores que fossem os actuaes recursos da nação, e a sua execução fosse a mais primorosa para imitar esses trabalhos, pois seria mentir para a posteridade, dar-lhes a representação de obras de outros seculos, porque não teriam a mesma significação, nem se lhes poderia dar a devida veneração. Por conseguinte, a principal causa da conservação que se nota nos edificios religiosos da Grã-Bretanha, provém das circumstancias politicas d'aquelle paiz, havendo outra razão não menos poderosa, a qual é ser o caracter nacional que distingue o povo inglez e seus habitos domesticos, tão profundamente differente dos usos dos povos dos paizes meridionaes.

O cuidado extremo pelo aceio entre os inglezes, é uma disposição nata n'essa nação, sendo como uma paixão natural que os domina, o que na verdade é muito para louvar. Isto não é sómente observado nas habitações sumptuosas da nobreza, vê-se o mesmo habito entre os camponezes, quando se entra nos seus modestos *cottages;* tudo ali respira aceio e luz, como se tudo fosse acabado de novo.

Estes habitos, levados muitas vezes até á mania, deviam necessariamente influir muito sobre o destino dos antigos monumentos. Quando se faz um culto de conservar a sua propria habitação, como se poderiam deixar alterar e perder se essas grandiosas e magnificas construcções, obras de tantos seculos e de tanto valor artistico? Não é, pois, para estranhar, que os monumentos religiosos de Inglaterra se tenham conservado n'um estado mais completo, e que os seus detalhes, ainda os mais insignificantes, estejam intactos, pois teem sido *protegidos por um governo illustrado e por um povo que preza as bellas artes*, dedicando uma sincera veneração a todos os seus antigos edificios, e por este motivo aquelles monumentos se acham em melhores condições do que em outro qualquer paiz.

Porém o que ainda é mais surprehendente e que parece mesmo ser extraordinario, depois de se terem examinado os monumentos que actualmente são construidos na Inglaterra, julga-se impossivel terem sido capazes alguns architectos inglezes, nas differentes epocas da sua historia, haverem construido essas bellas e grandiosas egrejas, que rivalisam com as mais magestosas producções da arte christã na Europa. Parece incrivel terem esses artistas esquecido inteiramente aquillo que a experiencia dos seculos passados lhes havia indicado ser preciso seguir na arte de edificar. Pois não se podem desculpar as desastradas construcções que presentemente se executam em alguns monumentos publicos e suas modernas egrejas. Por ventura seriam obras de verdadeira architectura, as que quizeram executar, misturando os estylos de todos os seculos e de todos os paizes, havendo por esta fórma edificios para os differentes gostos, excepto para aquellas pessoas que possuam o menor sentimento do que deve ser a nobre arte de edificar?!

O que faz parecer ainda mais inexplicaveis essas caricatas construcções, é que a maior parte dos architectos inglezes são dotados de muito talento e bastante instruidos; quasi todos tem viajado, estiveram em Roma e em Athenas; porém de volta ao seu paiz, alguns ficaram com a intelligencia abafada pela atmosphera natal, que extingue qualquer sublime inspiração artistica, paralysando totalmente o sentimento elevado que requerem as obras monumentaes, em que devem ser indicadas as mais sensatas proporções e toda a precisa coherencia nas suas combinações architectonicas.

É verdade que os architectos inglezes luctam com grandes difficuldades; os materiaes do seu paiz são de pequenas dimensões: compõem-se de tijolo e seixo, e raras vezes de pedra. Ora, sem cantaria, não póde haver esculptura, e por conseguinte, não se executam magnificos monumentos, pela impossibilidade de os fazer, pela falta dos bons materiaes, posto que com o emprego do tijolo se possam edificar palacios e templos; mas então seria necessario adoptar um outro caracter architectonico e outras fórmas, para as quaes esta qualidade de material podesse convir; pois, pela maneira como os architectos se servem do tijolo nos monumentos, parece ser mais com o proposito de disfarçar a sua natureza argilosa, metamorphoseando-a para lhe darem a apparencia de cantaria, e com esse fim applicar-lhe uma camada de argamaça, para ficarem encobertos os tijolos com abundantes rebocos. D'aqui provém o apresentarem muitos dos edificios d'aquelle paiz um aspecto de papelão, vendo-se as arestas disformes, como se o papelão estivesse machucado, além de não poder conservar os perfis das molduras, ficando mal executadas, e mostrando uma apparencia de fragmentos de esponja.

Em conclusão, talvez não exista outro paiz, onde a architectura monumental tenha declinado tanto, desde um para dois seculos, e patenteie tão profunda lethargia, assim como o absoluto esquecimento dos bons modelos que a Grã-Bretanha possue na sua architectura!

Todavia é preciso confessar, que foi n'esse solo

rebelde, debaixo d'esse clima desfavorecido da natureza, que antigamente se edificaram tão sumptuosos edificios, essas soberbas abbadias de York, de Durham, de Lincoln, de Winchester, que existem para asseverar que a arte, quando estava no seu maior explendor, poude tambem florecer sob a desfavorecida atmosphera britannica.

Se, por ventura, fosse necessario dar uma nova prova para demonstrar a força poderosa de quanto póde a fé, qual é o seu magico ascendente, assim como a supremacia excelsa do catholicismo durante a idade media, achariamos confirmado n'este facto, comparando as duas epocas respectivas. Mesmo os romanos nunca poderam conseguir fazer florecer a architectura n'este paiz. Elles que fundavam em toda a parte portentosos monumentos, não deixaram um unico que seja de alguma importancia na Inglaterra. Porém, para os povos possuidos pela fé do catholicismo, não lhes era impossivel emprehender e executar cousa alguma para exaltar a religião que regenerou a humanidade.

Não satisfeita de haver submettido as intelligencias e de dominar a alma, estava egualmente na sua missão o exaltar e engrandecer as idéas, elevando pela fé ao sentimento do bello os povos mais entorpecidos do mundo; servindo-se d'elles como instrumentos para erigir em todos os logares testemunhos da sua salutar influencia, e tambem para confirmar no porvir, que em toda a parte onde se havia plantado a doutrina christã, as Bellas Artes tinham florido e prosperado.

É da summidade d'este ponto de vista, que a historia da architectura vem a ser um precioso e bello estudo. Vamos apreciar um grande numero de monumentos pertencentes á Inglaterra, todos procedentes do mesmo pensamento, cingidos pela mesma aureola, e attestando pela sua similhança a identidade da sua origem. Depois veremos quantas diversidades não nos apresentam elles sob esta poderosa influencia, que variedades e differenças foram produzidas por circumstancias mais ou menos visiveis, mais ou menos faceis de distinguir. É pois na dupla apreciação d'estas circumstancias locaes e das regras geraes a que estavam sujeitas, que se constitue a verdadeira historia da arte da idade media.

Examinando a architectura ogival dos monumentos da Grã-Bretanha, procuraremos, todavia, quaes foram os caracteres geraes que a ligaram aos monumentos religiosos do resto da Europa, e quaes pelo contrario, as particularidades que as distinguem da architectura ogival dos outros paizes.

Notaremos, em primeiro logar, que não obstante se ter no principio quasi conformado com o typo universal, o typo supremo e canonico, lhe veiu a ser, pouco a pouco, menos fiel, e se afastou successivamente, para ficar em uma completa independencia, para depois desapparecer sepultada n'essas trevas, onde dormita presentemente a arte na Grã-Bretanha.

Os estudos archeologicos feitos na Inglaterra teem, felizmente, descoberto estarem bem assignadas as differentes epocas da construcção dos seus monumentos. Desde a conquista da Inglaterra pelo rei Guilherme, no começo do seu reinado, isto é, desde 1060, foram edificadas as mais antigas egrejas, que hoje existem erguidas sobre o solo britannico. Pois que nem os saxonios nem os lombardos, da mesma sorte, como aconteceu a todos os povos barbaros d'essa epoca, tiveram architectura nenhuma que lhes fosse propria; e quando tiveram de edificar, não fizeram mais do que seguir as tradições deixadas na Inglaterra pelos romanos, tradições aliás obscuras e degeneradas: portanto, as suas construcções eram toscas, imperfeitas, e não poderiam chegar intactas até ao presente, quando mesmo os conquistadores as tivessem deixado subsistir no seu estado primitivo.

Os companheiros do rei Guilherme haviam dividido entre si o solo conquistado, parecendo ter combinado arrazar tudo, tanto egrejas como castellos, destruindo os em toda a parte, para fazerem occupar esses mesmos espaços por novos castellos e egrejas, edificadas no gosto da *architectura normanda*. O furor de fazer novas construcções, que se havia apoderado dos animos, tanto na Italia como em França e na Allemanha, depois do anno 1000, quando se desvaneceu o terror de acabar o mundo, sómente poude penetrar na Grã Bretanha, depois de ser conquistada pelos normandos. Em menos de um seculo, a face do paiz ficou inteiramente mudada, havendo apenas hoje vinte fragmentos, tanto religiosos como militares, que se suppõe pertencerem á epoca anterior a essa conquista.

Portanto não ha nenhuma difficuldade em determinar positivamente a data das mais remotas egrejas da Inglaterra, assim como designar qual é o seu estylo, visto que foram os normandos que introduziram esse genero de architectura, sendo pois mui natural, que se dê á architectura o nome do povo onde ella teve a sua origem.

O novo modo de edificar se desenvolveu successivamente em Inglaterra, sem que se possa explicar como foi o seu começo, nem o seu desenvolvimento. Do mesmo modo aconteceu em Pisa, Luca e Veneza, como opportunamente veremos. Tambem teve logar na Allemanha, no reinado de Othão, e em França, particularmente na Normandia, onde, desde meio seculo antes, haviam começado as primeiras tentativas n'este genero de edificar.

Mas foi unicamente devido á conquista o ter-se introduzido em Inglaterra, de uma maneira mais rapida, como se fosse de um dia para o outro. Em

poucos annos, o novo reino contava tantas egrejas do novo estylo, quantas havia nos outros estados do continente.

É preciso declarar, comtudo, que esta introducção foi completa; pois não sómente haviam transportado os architectos e os operarios da Normandia, mas tambem a necessaria cantaria, que veiu de Caen[1] já cortada e apparelhada. Por toda a parte os abbades ou os frades normandos, apenas eleitos bispos, se apressavam logo em exercitar os seus talentos como architectos, havendo mesmo alguns que possuiam esses conhecimentos em subido grau, pois n'essa epoca era isso um privilegio exclusivamente ecclesiastico, conforme explicámos quando tratámos das primitivas construcções ogivaes na edade media.

Estas reconstrucções, geralmente executadas no mesmo estylo, e feitas com tanto cuidado e com uma tão grande superfluidade de solidez, deviam necessariamente deixar vestigios duradouros e numerosos no paiz, para mostrar no futuro a sua importancia. Portanto, os edificios pertencentes ao estylo normando não são raros ainda hoje na Inglaterra.

Contando-se n'este paiz 22 cathedraes, ha ainda 13 que conservam algumas partes importantes da sua primitiva construcção normanda.

Entre as cathedraes inglezas que tenham conservado mais completamente a physionomia d'esse estylo, devemos citar em primeiro logar as de Durham, Peterborough e Norwich. Na de Durham reina em todo o edificio a volta inteira, menos na sua extremidade oriental, especie de segundo cruzeiro, o qual está sustido por extensas abobadas ogivaes. As de Peterborough e Norwich conservam o plano normando em toda a sua primitiva configuração, havendo unicamente algumas alterações nos seus detalhes. As janellas foram alargadas e ornadas conforme a maneira usada depois no XIV e XV seculos; porém a capella de N. S. é inteiramente ogival, estendendo os angulos das suas abobadas até ao côro do hemicyclo da egreja, o qual é de volta inteira. Não obstante estes pequenos augmentos, o caracter antigo d'esta soberba architectura subsiste em toda a sua magnificencia.

Em Ely, Rochester, Chichester, as naves são inteiramente no estylo normando, e a capella-mór ergue-se sobre ogivas esbeltas e de arrojada altura. Em Cantorbery vê-se o contrario: a nave é unicamente construida em ogivas, sendo a maior parte da capella-mór decorada no estylo normando. Finalmente em Winchester, o feitio da volta inteira não existe no côro, nem na nave; porém domina nos dois cruzeiros e nos dois braços da cruz, e a sua applicação n'estas duas partes symetricas do edificio dá-lhe solemnidade e produz maravilhoso contraste com a leveza aerea do resto da construcção.

Não obstante notar-se esta semelhança, tem cada uma d'ellas physionomia particular. Comparadas ás construcções coevas na Normandia, apresentam, como se devia antever, notavel analogia, principalmente nas partes edificadas, que são mais antigas. Tudo que pertence ao XI seculo se vê imitado, linha por linha, nos monumentos dos dois paizes. São os mesmos perfis, eguaes molduras, os mesmos zigzags e identicos ornamentos No XII seculo algumas differenças se principiaram a notar, como, por exemplo, maior sobriedade nas esculpturas em Inglaterra do que na Normandia, devido á esculptura, que é essencialmente a arte meridional ter empobrecido, e se extingue á medida que se avança para o Norte, sendo esta a razão porque as egrejas de volta inteira na Inglaterra, de data mais recente, apresentam sempre um aspecto menos ornado, menos florido, do que as egrejas existentes na Normandia, posto serem de egual epoca.

Os capiteis são quasi sempre de fórma cubica, eguaes aos de Colonia e margens do Rheno, como já explicámos, sendo raro encontral-os na Grã-Bretanha, ornados com essas folhagens tão variadas e elegantes; e ainda muito menos, compostos com essas numerosas figuras de homens ou de animaes, applicação tão commum nas outras egrejas, em que a volta inteira domina na sua edificação.

Em quanto aos tectos, eram construidos todos de madeira, com divisões formadas por grandes caixotões e cobertos de pintura; maneira esta que produz um effeito magestoso nas naves de Ely e de Peterborough, e nos cruzeiros de Winchester. Não foi isso devido a uma particularidade local: sem duvida, já existia feitio semelhante nas egrejas dos outros paizes, da mesma era; mas julgaram depois de mau gosto conservar esses tectos de madeira, sendo melhor transformal-os, fazendo-os de gesso, para imitar *abobadas caidas*, como infelizmente se tem praticado no nosso paiz; e não ha ainda muitos mezes que, n'um monumento publico, se renovou esse luminoso modo de compôr a cantaria!

Este estylo, que, não obstante a sua tardia introducção no solo inglez, tinha antes d'um seculo produzido tantas obras primas, principia a ser abandonado e desapparece totalmente em 1189. Durára perto de 130 annos. O estylo que o substituiu e que se designa em Inglaterra sob o nome de *estylo inglez primitivo*, corresponde, salvo raras excepções, ao estylo gothico, que tem por caracteristico a ogiva em toda a sua perfeição, a ogiva, a lanceta que patenteia esse grandioso de proporções, essa sobriedade nos ornatos, que tanto distingue em

[1] Cidade da França no departamento Calvados.

todas as architecturas o seu mais subido grau de perfeição.

Entre este estylo novo e o estylo normando, a transição parece ter sido singularmente precipitada em Inglaterra; pois não deixou vestigios de indecisão na adopção d'este novo estylo, havendo se introduzido da mesma maneira, como aconteceu ao estylo normando, isto é, apparecendo desde logo completo nas suas novas fórmas e dominando sem opposição.

Existem ainda na Grã-Bretanha admiraveis producções d'esse estylo, a ogiva primitiva, que sem razão se chama *estylo inglez*, porque, chamando-se estylo francez ou allemão, podia-lhe ser dada essa denominação, por ser identico n'esses tres paizes. Qualquer archeologo, ao primeiro golpe de vista, indicará a data approximativa das egrejas francezas e allemãs d'essa epoca, e poderá egualmente determinar a edade das que pertencem á Inglaterra e que teem esse estylo. Ha, todavia, uma differença notavel nos seus respectivos planos, visto que nas egrejas allemãs e francezas são limitados com a fórma de hemicyclo nos dois periodos da idade media, assim como em todas as suas capellas apparece a mesma fórma *semi circular*. Na Inglaterra, pelo contrario, desde o momento que o estylo normando foi abandonado, em todas as egrejas fizeram essa extremidade da planta limitada por *lados rectos*, apresentando esta differença radical, que nem o rito nem nenhuma prescripção canonica exigiam. Talvez que os architectos inglezes suppozessem que, por este meio, obteriam um effeito mais agradavel á vista; todavia, no interior de uma egreja, cousa alguma póde substituir o effeito da perspectiva produzida pelo fundo da capella-mór, quando é formado por um hemicyclo. Colloque-se uma pessoa ao centro da nave principal, e possa abranger com a vista a reunião de todas as linhas do templo, convergindo para o mesmo ponto central, ou vá penetrando pelas naves lateraes, que lhe parecerá fugirem diante de si esses lados e como entranharem-se por uma curva magestosa para um ponto invisivel do logar aonde está, como uma especie de mysterio, que convém para a harmonia e santidade do local.

Esse agradavel effeito não se encontra nas egrejas de Inglaterra, porque, entrando-se n'esses templos, se avista immediatamente o final das naves lateraes, e a nave principal mostra uma grande parede recta e liza que limita o santuario, produzindo essa configuração recta um effeito aspero, sem mysterio nem poesia.

No exterior das egrejas inglezas, tambem se nota a falta da fórma circular no fundo da capella-mór. Nas egrejas ogivaes dos outros paizes a fachada, os lados lateraes e a capella-mór teem uma physionomia distincta; emquanto que na Inglaterra mostram esses edificios uma empena semelhante posta sobre as quatro faces. Signo algum exterior indica o logar reservado do santuario e o que está occupado pela nave principal, podendo-se rodear o monumento, antes de se ter descoberto a sua verdadeira entrada!

Comtudo, quando se examinam as cathedraes inglezas do XIII seculo, esquece-se esta importante falta, em desconto de outras bellezas que possuem, assim como tudo que ha de glacial e desengraçado d'esse aspecto pobre, que apresenta á vista o fundo das suas capellas-móres. A Abbadia de Westminster, e particularmente a sua fachada Norte, o Minster de Wewerley, a do cruzeiro, da parte Meridional de York, e a fachada de Lincoln, offerecem admiraveis modelos do estylo de lanceta. É impossivel dar a este genero de architectura uma representação mais nobre, um caracter mais grandioso e sublime. Em quanto á cathedral de Salisbury, que os inglezes reputam n'este genero a perfeição das perfeições, é verdadeiramente um magnifico edificio: as proporções são grandiosas, o seu plano, d'uma disposição regular e simples, e a mais perfeita symetria; a fachada é esplendida e delicadamente ornada, á excepção das portas, que teem dimensões mesquinhas e parecem mais proprias para egreja de aldeia. Admira-se a sua agulha construida de cantaria, tendo uma grande altura, obra executada com primor; além d'isso, tem merecimento pela raridade, por ser a unica torre de sinos, de alguma importancia, que ha n'aquelle paiz. Finalmente, o interior d'este edificio é de maravilhosa regularidade; porém, ao mesmo tempo, mostram as suas paredes uma nudez desagradavel, pela falta absoluta de qualquer obra de esculptura; não apparece cousa alguma que indique a acção de vida, nem ha signal de animação; observa-se uma apparencia severa, triste e glacial, causando dolorosa impressão vêr esse contraste em tão soberba fabrica. Sem embargo, comprehende-se a grande celebridade que tem alcançado a abbadia de Salisbury, apesar das imperfeições dos seus detalhes, pois, na verdade, é um dos monumentos maiores e mais completos que se admira no mundo.

Se entrassemos no seu claustro, e atravessassemos essas extensas abobadas para chegarmos em frente d'um elegante portal, ornado com primorosos lavores, que dá entrada para uma grande rotunda octogona, tendo os lados rendilhados, cheia de deslumbrante claridade, veriamos que não haveria outro modelo na Europa que se podesse egualar a esta casa de capitulo. Ergue-se ao centro d'ella uma alta columna de pedra, com o feitio de um tronco de frondosa palmeira, da qual a copa se curva como se fosse um guarda-sol immenso, e abriga com os seus ramos symetricos todo o centro

da rotunda, prendendo-se a oito fragmentos de outras palmeiras, que estendem os seus ramos, saindo de cada um dos angulos d'esse polygono.

É impossivel imaginar-se cousa alguma que seja mais graciosa, delicada e magestosa, de que a maneira por que foi executada esta obra e a disposição artistica das suas abobadas. Nós temos em Portugal, na sachristia da egreja de Belem, um trabalho que nos póde dar uma pequena idéa d'esta disposição, posto que não apresente o conjuncto que a casa de capitulo do monumento inglez offerece á admiração dos artistas e amadores. Na arte de dispôr e ornar as abobadas, são os inglezes os mais insignes mestres n'este genero, possuindo uma aptidão para estas obras que lhes é peculiar, e parecendo ser sobre este ponto que se dirigem quasi exclusivamente os seus estudos e a sua imaginação. Por isso conseguiram n'esta especialidade produzir effeitos de uma grande variedade e de uma extraordinaria magnificencia.

As casas capitulares de Lincoln, de Welly e de York offerecem exemplos não menos notaveis que a de Salisbury.

O uso de ornar tão sumptuosamente as abobadas appareceu na Inglaterra no fim do reinado de Henrique III, mas só unicamente nos reinados de Eduardo I e Eduardo II, é que se augmentou esse uso e se aperfeiçoou a execução. O estylo de lanceta, que durou como em França e Allemanha perto de 100 annos, isto é, durante todo o XIII seculo, veiu a ser substituido por um novo estylo, ao qual os inglezes chamam *Decorated english*. Não é, propriamente fallando, uma nova architectura; todos os caracteres geraes do estylo precedente foram conservados, a ogiva é sempre o elemento principal e dominante, mas quasi todos os detalhes se encontram modificados. Deram a esses detalhes um contorno mais correcto, mais delicado e uma execução mais apurada.

Em quanto esta mudança tinha logar na Inglaterra, a França e a Allemanha passavam por uma transformação egual. Foi na era de 1290 a 1310 que estes tres paizes abandonaram as proporções austeras e grandiosas do estylo de lanceta, por formas mais elegantes e exquisitas. Todavia, a similitude nas datas e a tendencia commum para uma decoração progressiva, não obstaram a que, na Grã-Bretanha, o novo estylo não apresente notaveis particularidades. Comparando-se as obras primas do XIV seculo, tanto a egreja de Saint Ouen de Ruão como a da Batalha, a um dos typos mais bellos do estylo *Decorated english*, como é a nave e capella mór da cathedral de York, que está construida com egual delicadeza e elegancia, tendo identico caracter, nota-se logo a differença nos detalhes e o quanto se afasta da identidade de fórmas, que provinha, no XI seculo, da recente influencia da conquista da Grã-Bretanha, d'essa força produzida pela união que possuia o catholicismo.

Por conseguinte, as diversidades nas fórmas principiam a apparecer no XII seculo, de uma maneira mais distincta que no XIII; porém, foi principalmente no seculo seguinte que vieram a ser mais assignaladas e distinctas, e á medida que o tempo decorre se patenteiam cada vez mais. Tanto assim, que depois de 100 annos, no reinado de Luiz XII e dos Tudor, existiam duas variedades do mesmo estylo, e mais duas architecturas surgem completamente distinctas!

POSSIDONIO DA SILVA.

O MONUMENTO DE MAFRA

A'cerca dos pára-raios

Concluida, em 1730, a soberba edificação de D. João V, erguiam-se alterosas as duas torres e a formosa cupula do zimborio, desafiando as nuvens, sem que os seus constructores soubessem livral-as dos insultos que, porventura, podessem advir-lhes pelo effeito das descargas electricas que aquellas lhes arremessassem. Franklin, o novo Prometheu, não apparecera ainda e, depois mesmo da invenção dos seus apparelhos — 1752 — muitos annos decorreram sem que se pensasse na defeza da grande mole. Contra os terriveis effeitos da electricidade atmospherica só havia o sino denominado de *Santa Barbara*, de som plangente, que se fazia tocar todas as vezes que as trovoadas se approximavam do edificio! Era então o convento habitado pelos frades da ordem de S. Francisco.

No reinado de D. José, o marquez de Pombal, tendo feito diversas reformas nas ordens religiosas, e supprimido alguns dos mosteiros e conventos, estabeleceu em Mafra os conegos regrantes de Santo Agostinho, que em Lisboa occupavam o mosteiro de S. Vicente de Fora. D. Joaquim da Assumpção Velho, um dos conegos e socio da academia real das sciencias, em uma memoria apresentada á mesma academia, em 1786, refere o seguinte ácerca de seis raios caidos no edificio de Mafra, no espaço de 60 annos — 1717 a 1786.

Diz o erudito academico que o primeiro raio cahira no começo da obra, proximamente no logar da capella-mór. O segundo succedeu em 1731; não causou estragos. O terceiro cahiu em 1740, na occasião em que estavam tocando os sinos; os frades donatos, a quem pertencia aquelle serviço, fugiram terrorisados; a faisca não causou prejuizos porque, segundo a opinião de D. Joaquim, o fluido electrico consumiu-se nos metaes da torre. O quarto foi sobre o zimborio, em 18 de fevereiro de 1765; a sua actividade pareceria incrivel, diz o

mesmo conego, a não se demonstrar pelos effeitos. — O lanternim ficou inteiramente damnificado; algumas pedras de grande pezo, salvando os terraços, foram arremessadas longe do edificio; as lascas cahidas na egreja carregaram vinte carros, quando se procedeu á remoção d'ellas; só ficaram intactas a cruz e ornatos e a pedra que constitue o fêcho; o restante ficou tão destroçado que causava admiração como podia sustentar-se de pé. Em dezembro de 1772 cahiu outro raio na torre do norte; já a este tempo o mosteiro era habitado pelos conegos regrantes, que haviam prohibido o toque do sino de Santa Barbara nas occasiões de trovoada. A prohibição não agradou — e dois operarios insubordinados, subindo á torre, provocaram a explosão da nuvem que, lançando a faisca, os obrigou a fazer calar o sino; os homens, porém, não tiveram perigo, nem houve estragos. O sexto e ultimo raio cahiu no dia 19 de março de 1786; como era dia festivo, os sinos tocavam.

Tratava se dos officios religiosos; no côro estavam oitenta conegos, e na egreja achavam-se duzentas pessoas approximadamente. A nuvem impellida por tempestuoso vento N. O. fez a explosão em frente do edificio, despedindo dois raios em direcção obliqua á torre do sul, entrando um pelo alto, e outro pela ventana; este veiu logo ao atrio, onde causou prejuizos e, segundo a opinião de D. Joaquim, a sua actividade juntando-se á da outra faisca que descera, e não podera ser absorvida nos metaes da torre, fez então maiores estragos: quebrou quinze degraus de uma escada de communicação para os relogios, tirou uma grande lasca de pedra a uma columna, arrombou a parede de cantaria deslocando-lhe algumas pedras, partiu vidros e, passando ainda sobre o terraço onde fez novos destroços, introduziu-se na egreja, causando grande susto e graves incommodos a muitas pessoas que foram arremessadas ao chão.

A scena no côro foi mais tragica — diz o reverendo conego:

«Viu-se distinctamente entrar uma faisca na direcção do grande lampadario do altar-mór. que é de ferro e bronze; dois conegos dos paramentados com pluviaes, inteiramente de seda, que estavam no plano do presbyterio, por baixo do lampadario, foram feridos por uma faisca que ahi saltou e os fez cahir de costas sobre os degraus; um ficou mortal, e passou mais de um quarto de hora primeiro que désse signal de vida; depois de vinte e quatro horas tornou a si inteiramente; os ornamentos e vestidos ficaram intactos, menos o sapato do pé direito, que teve o talão despedaçado; a cara e o corpo ficaram queimados, e o lado direito e as costas tiveram vergões, como se fora assado em uma grelha.

«O outro conego, que foi attingido pelas pernas, achou-se queimado na curva da perna esquerda, e junto ao sangradouro do braço direito; e o sapato do pé esquerdo ficou rasgado em todo o comprimento do pé. A lampada d'onde se despedin a faisca apagou-se, ficando crestado o ornato; os vestidos e as carnes exhalavam cheiro electrico muito suffocante e activo, que se derramou pela egreja; o pavimento de marmore, na parte que correspondia aos pés dos conegos, ficou com alguns pequenos buracos.»

Entre as muitas considerações apresentadas pelo erudito academico n'aquella sua memoria, pondera elle que o edificio, ne espaço de 60 annos, soffreu seis descargas; que os raios procuraram os pontos mais elevados, e seguiram os metaes com preferencia a outro qualquer objecto, para o que concorreria a elevação do terreno, a altura das torres e zimborio, e a grande quantidade dos metaes; e observa que no espaço de 15 annos, em que habitava no mosteiro, não tinha havido trovoada estacionaria, e por isso não julgava o sitio tempestuoso nem sujeito ás trovoadas.

Com quanto fossem em 1786 já conhecidos os estudos de Franklin e o seu systema dos para-raios, não estava este ainda geralmente adoptado; e os do edificio de Mafra, não sendo os primeiros da Europa, são todavia os primeiros em Portugal, e uma das importantes obras que os conegos regrantes ali deixaram.

A communidade, refere D. Joaquim, pediu a el-rei o beneplacito para estabelecer os pára-raios, o qual lhe foi concedido.

D. Joaquim foi o encarregado da collocação d'elles.

Depois do estabelecimento dos famosos apparelhos, ainda que por bastantes vezes tenham cahido faiscas electricas no edificio, nunca mais ali houve estragos; porém, em 1844 succedeu sobre o zimborio uma descarga fortissima e de uma actividade tal que o raio, percorrendo todo o ambito da egreja circumdado pelo conductor, despedaçou este em todos os angulos que elle descreve obedecendo á figura cruciforme, chegando a fundir o metal, e deixando a chapa de cobre, de que é feito o conductor, queimada e torcida com a consistencia de ferro.

Tambem em 1858, por effeito do tremor de terra, que aconteceu em novembro d'esse anno, o pára-raios que está sobre a cruz do zimborio rebentou, e a haste central, que é sustentada por espias, no terço inferior, descahiu ficando a extremidade aguda voltada para a povoação; dias depois, sobrevindo ali uma faisca, escapou-se uma porção do fluido electrico que feriu uma casa em frente do edificio, fazendo n'ella alguns estragos; —

a maior porção, certamente, desceu pelo conductor para o solo.

Observámos, tambem, ha annos, que tendo cahido uma faisca na torre do sul e entrando necessariamente no relogio, na passagem pelo terraço, despedaçou uma pedra por onde o conductor seguia; viu-se depois que no ponto em que aconteceu o sinistro havia solução de continuidade do fio, o que era desconhecido por estar elle occulto com a cobertura de chumbo, e ainda sobre esta uma camada de bitume.

Ora, posto que os pára raios estendam a grande distancia a sua acção preservativa, comtudo influem consideravelmente a grandeza da nuvem tempestuosa, distancia, movimento, e quantidade de fluido electrico de que se achar carregada; devendo, por isso, ter se muito em conta a boa construcção dos apparelhos, a sua collocação, e a qualidade do metal empregado na feitura d'elles. E nos conductores não deve existir o menor obstaculo que embarace o movimento da electricidade em toda a extensão do fio, ficando este a descoberto para se conhecer do seu estado de conservação; e quando ha já necessidade de o dobrar, para se amoldar á configuração do edificio, convem ser em curvas perfeitas, e não em angulos rectos

Trataremos do numero e disposição dos pára-raios existentes no edificio.

Os pára-raios no edificio de Mafra são 17, distribuidos pela seguinte fórma: — 1 no zimborio; 2 nas torres; 2 nos torreões; 2 nos dois pontos extremos da parallela da linha da frente; 4 no centro da mesma linha; e 6 nas duas faces lateraes, sendo 3 por cada lado.

O do zimborio, estabelecido sobre a cruz, compõe-se da vara de bronze fundido, cylindrica e de figura conica, guarnecida de hastes lateraes, formando 45 com a linha do horisonte; do pé da cruz sae o conductor que segue interiormente pelo corrimão de uma escada e, passando occulto pelo terraço, vae directamente á terra; acha-se, porém, assaz complicado, porque a elle se juntam dois fios, um que tambem pela parte interna circula a cupula, e outro que no terraço circumda a figura cruciforme da egreja e communica com os relogios, obedecendo a todos os angulos reintrantes e salientes, sendo-lhe assim difficil resistir á velocidade de uma grande quantidade de fluido electrico e de uma actividade incalculavel, como se observou no acontecimento de 1844.

Nas torres servem de pára-raios as barras de ferro que seguram os gallos, e onde outr'ora havia cruzes do mesmo metal; são imperfeitas, porque as extremidades das barras não estão precisamente agudas; os conductores que descem d'aquelles apparelhos entram nos relogios, e na sahida ramificam-se com o fio que circumda a egreja; o que é superfluo, achando-se elles directamente encaminhados á terra.

Os pára-raios dos torreões são constituidos da haste central de bronze, de figura conica, com 5m,8 de altura, guarnecida de hastes lateraes que, como no zimborio, formam 45° com a linha do horisonte; porém os conductores, ligados á extremidade inferior da haste, passam pelo interior de chaminés em toda a altura do grande corpo e, tornando-se invisiveis até á terra, não se póde assegurar que não haja solução de continuidade; e uma explosão n'aquelle logar póde causar gravissimos desastres.

Os dois apparelhos dos pontos extremos da parallela da frente são compostos sómente da vara de bronze fundido, de figura cylindrica e ponteaguda; da base parte o fio conductor dirigido interiormente pela abertura de um respiradouro; — póde dar se a mesma hypothese que nos torreões.

Os da linha parallela, tambem de uma só haste vertical, communicam-se entre si pelo conductor que passa por baixo de uma cimalha, ponto inaccessivel e difficil de observar. Os das faces lateraes, menos importantes, mas muito uteis, teem os conductores em communicação directa e immediata com o solo.

Vê-se, portanto, que o edificio, em toda a sua area, está bem defendido, achando-se convenientemente guarnecidos os pontos principaes e mais elevados. E' ainda a organisação dada por D. Joaquim da Assumpção e que até hoje não foi alterada.

O illustre academico, na sua « memoria » que deixamos citada, promettia dar conta dos trabalhos de collocação dos apparelhos; não a encontramos, nem sabemos se existe[1]. E' de crer que elle desenvolveria magistralmente as theorias adoptadas na épocha, pelas quaes se admittia que o pára-raios subtrahia a electricidade ás nuvens: — está hoje demonstrado o contrario. — Sabe-se que, quando a nuvem electrisada positivamente se fórma na atmosphera repelle a electricidade positiva, e attrahe a negativa que se accumula, especialmente, nos corpos mais elevados; se estes corpos estão ar-

[1] A nosso mestre, o conego regrante, sr. D. João do Coração de Maria, ouvimos dizer que todo o metal para os pára-raios e conductores viera de uma barca hespanhola que naufragára em Peniche. E, dizia-se na communidade que D. Joaquim se ufanava da obra por elle dirigida; e d'entre alguns episodios que citava, lembra-nos um engraçadissimo: — D. Joaquim sempre que havia trovoadas corria para o terraço. Certo dia foi elle acompanhado por um leigo que levava alguns instrumentos; as nuvens approximavam-se, e os trovões eram repetidos e medonhos; o leigo tremia, não obstante as prelecções de D. Joaquim, certificando-lhe que o raio não podia cahir n'outro ponto que não fosse algum d'aquelles apparelhos — eram essas as leis de physica. — O leigo, que não podia resistir mais, diz a D. Joaquim: « O que eu temo é que venha um raio estupido que não saiba as leis de physica, e, cahindo sobre nós, nos esmague.» O leigo sabia, talvez, o que tinha acontecido a Rickmann.

mados de pontas metallicas, a electricidade negativa, attrahida pela influencia da nuvem, derrama-se na atmosphera, e neutralisa a electricidade positiva da nuvem; portanto, os pára-raios oppõem-se á accumulação da electricidade na superficie da terra, e levam as nuvens tempestuosas ao estado neutro, prevenindo assim a queda do raio. Ora, como muitas vezes a electricidade é tão abundante que seja difficil a uma só ponta de pára-raios descarregar o solo, parece-nós judiciosa a guarnição das hastes lateraes, que serão outras tantas maneiras de esgôto. Assim, foram estabelecidos no zimborio e nos torreões, mas então, intencionalmente, para provocarem as nuvens tempestuosas em suas diversas posições, e subtrahir-lhes a electricidade.

Não é, porém, para as nossas forças, nem é mesmo o nosso designio, tratar de materia tão sublime, que só pertence aos homens de sciencia.

Parece-nos, todavia, ser muito conveniente simplificar os conductores, destruir-lhes as ligações superfluas, e adaptar a cada pára-raios dois ou tres fios bem construidos, pondo-os a descoberto, e em contacto directo com o solo; de fórma que recebida a descarga no apparelho, o fluido electrico tenha sahida prompta e desembaraçada. No zimborio, que tem sido sempre o ponto mais ferido, não deveria haver menos de tres conductores, nas referidas condições, que poderiam ser de fios de ferro galvanisado.

E, sendo certo que todas as edificações estão sujeitas, mais ou menos, a serem feridas pelas descargas electricas, é da mais alta conveniencia que, não só os edificios publicos como tambem os particulares sejam guarnecidos com os pára-raios. D'estes apparelhos tão simples e tão baratos depende a conservação das edificações e, muitas vezes, a conservação das vidas.

Se peccamos no nosso modo de ver, merecemos indulgencia, porque as nossas aspirações são unicamente ao trabalho, e á gloria que d'elle resulta.

O socio
J. C. Gomes.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Damos n'este numero a publicação do manuscripto de uma memoria inedita do distincto litterato Manuel José Maria da Costa e Sá, digno sobrinho do afamado prelado de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, ácerca da estatua antiga de uma Divindade, que fôra descoberta nas proximidades d'aquella cidade em 1783, n'umas ruinas muito importantes de remota epoca, a qual, pela apreciação e consideração archeologicas do seu auctor, será lida com grande interesse pelos socios da nossa Associação; além do seu merecimento scientifico, tem para nós maior valia, pois o auctor d'esta memoria refere, que entre os vestigios das referidas ruinas se encontrou a mão do braço direito, de marmore branco, de primorosa esculptura, parecendo ser um fragmento da referida estatua, esculptura que foi offerecida ao nosso consocio o sr. Possidonio da Silva em 1868, com a declaração de ter sido *descoberta em Beja*, e que se admira no nosso museu do Carmo com o n.º 175 das suas collecções. É sem duvida, singular, que, passados tantos annos, se soubesse que essa esculptura tinha sido achada e a particularidade de suppor-se que talvez pertencesse á estatua da Divindade descripta n'esta memoria.

No diccionario de Innocencio Francisco da Silva, se refere que Costa e Sá tinha deixado muitos manuscriptos ineditos, porém no numero d'elles não cita esta memoria do auctor, assignada por elle. Portanto, tem duplicado interesse a publicação, devendo-se este importante conhecimento ao ex.mo Monsenhor Elviro dos Santos, nosso illustrado consocio, que nol-o offereceu, pelo que repetimos os emboras que já na sessão da Assembléa geral lhe foram prodigalisados.

A Redacção.

MEMORIA

PARA SERVIR DE ILLUSTRAÇÃO AO DESENHO DAS RUINAS DE UMA ESTATUA DESCOBERTA EM BEJA QUE SE DISSE SER DE CYBÉLES

..... E se antigualhas temos capazes de comprazerem por sua figura, venhão a par das cousas que hoje possuimos, buscar agrado e acceitação. Occultas memorias acharão agasalhado e favor, sendo trazidas com a diligencia que as faça bem receber.

Cuidados Literarios do Prelado de Béja, — Pag. 85.

Entre muitos e diversos monumentos, que desentranhou de si, o territorio de Beja, tão rico em antigualhas de todo o genero, e ancianidade, nos dias em que ahi foi Prelado meu saudosissimo Tio o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, depois Arcebispo de Evora, vulto faz de merecer reparo a Estatua de

Cybeles. — E creio, não he repugnante trazer a tão sabia Academia hum desenho da mesma Estatua, soltando a semelhante respeito a voz, que se me póde permittir.

Correndo o anno de 1783, como se carecesse de pedra para certa obra das Propriedades que na Cidade de Beja o Capitão João Manoel da Veiga, Pessoa de cabedaes, lembrou que esta se haveria das ruinas soterradas na quinta que o mesmo possuia a meia legoa de Beja sobre o caminho d'Evora, onde chamam Sulatesta; *senão he, que por outras vezes* tal expediente *se teria praticado. — O terreno respondeo logo com muita pedraria, indicando a raridade e preço das ruinas que encerrava. D'isto houve noticia o nosso Ex.mo Prelado, e preste se dêo em afervorar sua escavação quanto em si cabia.*

Para muito encarecer a valia deste achado; foi a copia dos monumentos que e descobriram, de primor, e typo mais variado ao nosso reflexivo meditar. — A Estatua, dita de Cybéles, maior que o natural; huma Mão de acabado desempenho, tendo a patéra, e de proporções a ser da mesma Estatua; outra pequena Estatua, bem proporcionada; hum grande, e magnifico Banho; Laternas sepulcraes de perfeição excellente; Urnas de muito preço; Vasos Lacrimaes, e outros, ao tálhe Etrusco, com elegancia de gosto; Anneis d'oiro, e de grande peso; Fragmentos de pedaços de Pés, Dedos, e outros restos de Estatuas, e Idolos; Moedas varias; Destroços de Columnas, Alquitravas e Frisos; muitas Lapidas Romanas, e objectos outros, relativos aos usos, e serviços de suas gentes (*); e o mais, Ladrilhos, onde se viam caracteres desconhecidos, que seriam ou Phenicios, Celtiberos ou Turdetanos, parece que, semelhantes aos que se acham nas pedras de cantaria do Castello de Fáro, e Torre de Béja: Eis a summa do extrahido, que bem avigora a idéa da grandeza do alli sepultado (**). Por que, pintando este descobrimento riqueza de satisfazer com usura, o trabalho do proseguimento na sua exploração, para evitar o damno que receberia hum pequeno Olival arráizado no sólo, e por motivos outros, ainda de mais baixo estôfo, se terminou sua escava, mandando se aluir, e igualar o profundado. — Parte dos monumentos encontrados trouxe abom recado aquelle sabio Prelado; outros se perderam, por hum não sei que, de silencio.

(*) Nota I.

(**) Nota II.

O Desenho presente, he segundo o que da mesma Estatua tirou em aguadas de Nakim, hum dos Individuos adjunctos á viagem Literaria que fez a estes Reinos o desvelado investigador D. José Cornide; e com o qual brindou a liberalidade com que o nosso Prelado lhe franqueou seu Monetario e Galeria: E vindo o mesmo Prelado a Lisboa, no anno de 1802, por occasião de ser nomeado Arcebispo de Evora, como tivesse idéa de adiantar a impressão das Memorias do Bispado que deixava, entre muitas coisas de sua antiguidade que trouxe, veio o dito Desenho (*). Por esse tempo recebia eu tinturas da arte de desenhar; e desejando meu Pai possuir hum perfil daquelle, o houve, acompanhado d'hum contorno de que o nosso Prelado fazia caso: Segundo estes transumptos, debaixo das vistas do meu Mestre João Castanhola, Pessoal habil, e d'instrucção Romana, executei hum, que talvez por ser de traços, e mais assignado o nosso Ex.mo Prelado veio a appetecer outro semelhante. O que offereço agora é copia fiel daquelle; ainda que, já de mão desacostumada e pouco sustida. O simples contorno abona a excellencia da Estatua: escusa notar-se o garbo da actitude, o lançado da roupagem, a delicadeza no enrugado das pregas, o solto e disposição nas dobras, de ajuste attendido ás feições do corpo: e só direi, que a Mão da Patéra, que vi, e que era da Estatua, segundo as proporções, ostentava desempenho primoroso. A finura da cutis, o subtil do formado, o relance aos tóques das juncturas, a branda maciez da carne, dava na vista; e fazia conhecer desempenho de perfeita naturalidade, que seu Estatuario, senhor da arte, tinha desenho, manejava as regras, batia o escopro, e tocava o cinzel á mestra, de não se escusar talvez a liça com os Phidias *e* Praxiteles: *Sendo a Estatua, se fosse inteiriça, sem mutilado, e roçaduras tão sensiveis (*), não inferior ás que se constituiram objecto dessa pagina curiosa na historia de Nossa Era, de que o vindouro fará juizo. Ao menos, Artistas houve e Pessoas aventuradas, que viram os portentos, que d'esse genero, se admiram na Italia, e outras Partes, que observando a dita mão se expressaram de maneira não differente.*

(*) Nota III.

(*) Nota V.

MANUEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ.

(Continúa)

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTA

(Continuado do n.º 9

Em geral, os paramentos sagrados dos padres e dos ministros inferiores eram brancos. O uso das côres variadas manifestou-se primeiramente nas *casulas* e nas *capas d'asperges*.

As cinco côres liturgicas de que se servem hoje, foram estabelecidas pouco mais ou menos no IX seculo, e definitivamente consagradas dois seculos depois.

Os paramentos dos padres são as *casulas*, a *capa d'asperges*, a *estóla*, o *manipulo*, o *cinto*, a *ópa* e o *amicto*. As principaes vestimentas, proprias para os ministros inferiores, são a *dalmatica* e a *tunicella*.

A casula primitiva era uma vestimenta sem mangas, muito ampla, envolvendo todo o corpo desde o pescoço até aos pés, e formando uma especie de barraca, *casula*, em torno da pessoa que a vestia. Tinha apenas uma abertura para passar a cabeça.

A *estóla* deve o seu nome e origem ao vestuario que os romanos chamavam estola.

A Egreja adoptou como paramento a *estóla*, de que se fazia uso por toda a parte, na occasião em que se estabeleceu o Christianismo.

O *manipulo* não se usava durante os primeiros seculos da Egreja. Foi S. Gregorio o Grande, (590-604) quem primeiro fallou, em seus escriptos, do manipulo como paramento sagrado.

A *capa* é um paramento commum ao padre e a alguns dos ministros inferiores. Primitivamente serviam-se da capa para se resguardarem da chuva nas procissões; é tambem por este motivo que ella se chama muitas vezes *pluvial*.

A *alva* e o *cinto* devem a sua origem á *tunica talar* dos antigos, que era um vestuario de linho, munido de mangas e apertado á roda do corpo com um cinto.

A alva era vestida nas funcções sagradas pelos bispos, padres e todos os ministros inferiores.

O *amicto* é uma especie de téla de que os padres e os ministros se servem para cobrir o pescoço. A origem d'este vestuario não vae além do VIII seculo.

Durante os tres primeiros seculos, os diaconos trajavam o *colobio*, que era uma especie de tunica longa e estreita, ordinariamente sem mangas. Foi no principio do IV seculo, que o Papa S. Silvestre substituiu o *colobio* pela dalmatica.

A *dalmatica* era uma bluse comprida, feita de lã da Dalmacia.

Até ao VII seculo, os sub-diaconos da Egreja do Occidente não eram vestidos senão com a alva, com o cinto e com o amicto.

Mosteiros Latinos

Foi no principio do VI seculo, que começaram a maior parte dos religiosos a reunir-se em communidade, e a viver juntos, debaixo do mesmo tecto. Vivia então S. Benedicto.

Iconographia do periodo Latino

Muitos monumentos do periodo Latino, sobre tudo os mais antigos mosaicos, conteem personagens em pé e attitude respeitosa, tendo nas mãos, envoltas nas rugas do manto, uma corôa em fórma de circulo, que offerecem ao Salvador. Este é representado sob a fórma symbolica do Cordeiro, do monogramma, da Cruz, e até mesmo d'um simples espaço vazio.

Christo, debaixo da fórma symbolica do Cordeiro ou do monogramma, no meio de doze cordeirinhos ou de doze pombas, que os monumentos do periodo Latino nos offerecem frequentemente, symbolisa o Salvador rodeado dos seus discipulos, isto é, a Egreja triumphante no Céu, recebendo na terra o ensino do seu Divino Fundador.

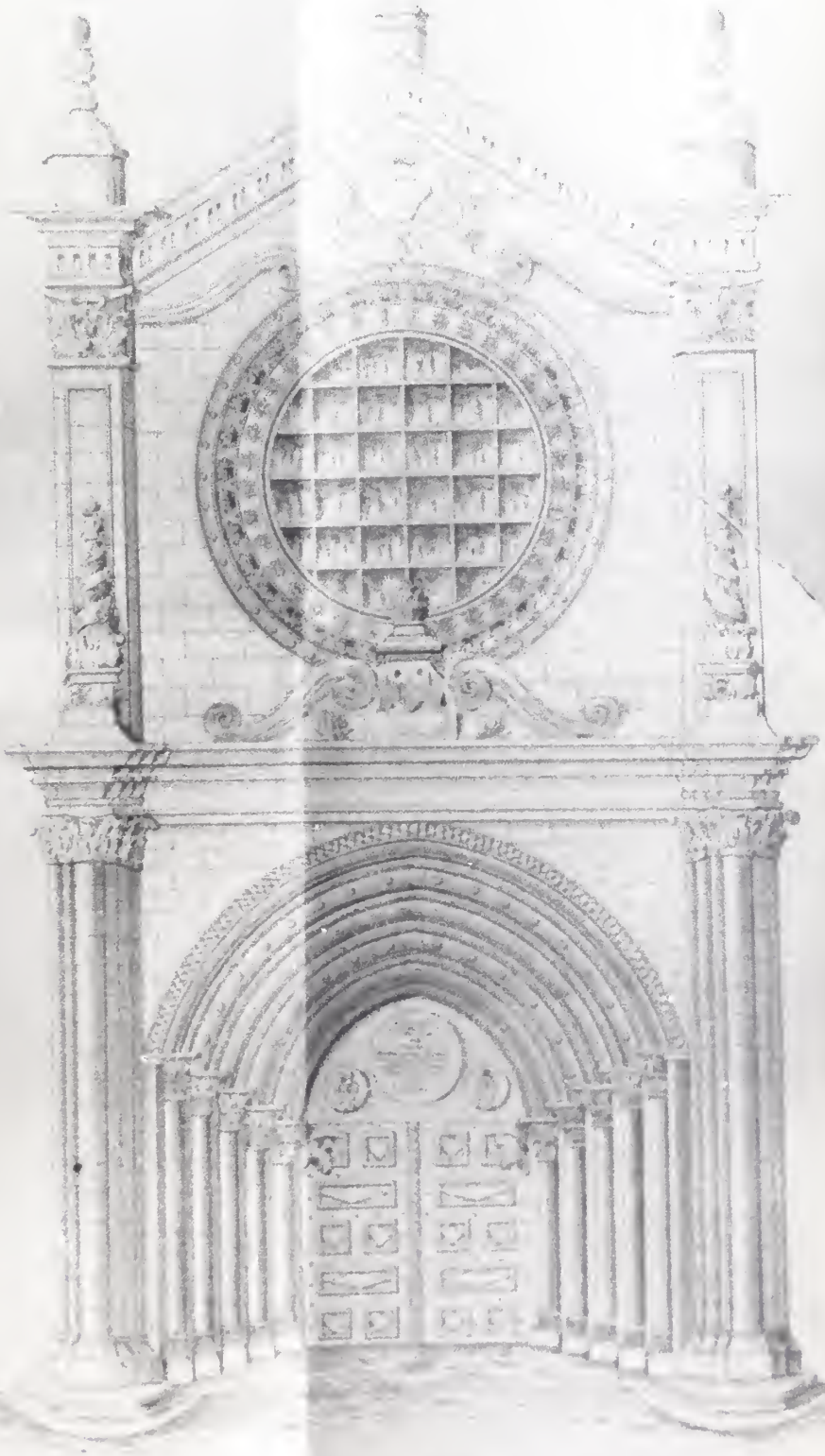
Tambem muitas vezes se encontra um cordeiro, uma Cruz Trina, ou o monogramma de Christo entre dois cordeiros, duas pombas, dois pavões ou dois veados; isto symbolisa o Salvador sob a fórma humana no meio dos Apostolos e d'outros Santos, ou sob a fórma symbolica do Cordeiro e do monogramma no meio de doze cordeirinhos ou doze pombas.

Vê-se tambem uma taça ou um cacho de uvas no meio de dois pavões ou de duas pombas, o que nos parece uma allusão mais directa ao regosijo dos que vão para o Céu.

Alguns monumentos do periodo Latino, principalmente os mosaicos do V e VI seculos, teem um throno, com ou sem docél, e em que ha uma almofada, um cortinado cahindo diante da cadeira e algumas vezes o livro dos Evangelhos. Um monogramma ou uma Cruz, geralmente da Trindade, occupa o meio do throno e domina toda a composição. Muitas vezes vê-se, ao lado do throno, os doze Apostolos em pé, ou sómente S. Pedro e S. Paulo. Em todos estes assumptos o throno representa o Salvador.

Mais tarde, principalmente no Oriente, accrescentaram a esta representação novos signaes iconographicos: nas extremidades da almofada collocavam á direita da Cruz a lança, e á esquerda a esponja na extremidade d'uma lança; algumas vezes tambem se entrelaça a corôa de espinhos em torno da Cruz. A partir d'este momento, a *cathedra* da doutrina torna-se o throno do julgamento final e a Cruz o signal do Filho do Homem.

S. Pedro, collocado ao lado do Salvador, sustenta



Pag 157

ordinariamente sobre o hombro esquerdo uma cruz de haste comprida; outras vezes recebe com a mão direita um volume desenrolado, que Nosso Senhor lhe apresenta. Desde a primeira metade do v seculo, que elle conserva as chaves na ponta do seu manto.

S. Paulo é quasi sempre representado recebendo um ou dois rolos, symbolos da Lei Evangelica.

Muitas vezes tambem collocavam uma phenix sobre uma palmeira. A Phenix é a figura da resurreição futura.

Caracteres do estylo Bysantino

O plano e a disposição das egrejas bysantinas apresenta-se com tres typos distinctos: 1.º, com a basilica coberta de madeira, similhante á basilica Latina do Occidente; 2.º, com a rotunda ou egreja circular; 3.º, com a basilica bysantina propriamente dita, abobadada e sobreposta d'uma ou de muitas cupulas. A basilica bysantina abobadada distingue-se perfeitamente de todos os monumentos dos tempos anteriores, pela cupula sobre abobadas *pendentes*, e construida ao meio d'uma nave, mais ou menos alongada.

As fachadas das egrejas bysantinas differem das que têem as basilicas Latinas. Estas terminam em geral por um frontespicio triangular; as fachadas das egrejas orientaes, pelo contrario, terminam ou por uma fachada horisontal á maneira d'uma cornija, ou por uma série de corôamentos semicirculares.

O systema de construcção das egrejas bysantinas distingue-se pelos seguintes traços. O tijolo é geralmente empregado para todas as edificações. Mesmo nos paizes em que a pedra é abundante, os architectos bysantinos preferiam, a maior parte das vezes, o tijolo aos materiaes de grandes dimensões. O caracter distinctivo das egrejas bysantinas, sob o ponto de vista da construcção, consiste na presença de uma ou de muitas cupulas elevadas, sobre abobadas pendentes.

Chamam-se *abobadas pendentes* umas certas saliencias nas abobadas do cruzeiro, que pela sua fórma se approximam do sector espherico e que serve para fazer passar uma construcção de quadrado a octogono ou a plano circular.

A decoração exterior das egrejas bysantinas, sobretudo no IV e V seculos, era pobre e simples. Do VII seculo ou do VIII seculo em diante, os ornamentos exteriores das paredes e archivoltas das janellas são bastantes vezes como os dos edificios Latinos, formados por fiadas de pedras alternadas com uma ou muitas fiadas de tijolos. As archivoltas ornadas de molduras ficam em resaltos umas sobre as outras, e representadas nas paredes por cordões feitos de tijolos de fórma e côr variaveis.

A decoração *interna* consiste em revestimentos de diversas naturezas, marchetados de marmores ou mosaicos, applicados sobre os pilares, paredes e abobadas. O caracter essencialmente superficial da esculptura bysantina consiste regularmente em folhagens lisas e angulares.

Os ornatos que os bysantinos gostavam de esculpir nas almofadas de marmore com que decoravam o interior das egrejas, eram entrelaçamentos de linhas rectas e curvas, ás quaes juntavam cruzes da Trindade, florões e algumas vezes figuras de animaes tanto reaes como chimericos.

(Continúa)

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 81 83

EDIFICIO RELIGIOSO DO PAÇO DE SOUSA

A presente estampa representa o frontispicio que substituiu a antiga fachada da egreja pertencente ao mosteiro dos monges benedictinos, que foi fundado em 960 por Troycozendo, avô do famigerado Egas Moniz, o qual deu aos monges, em 1130, o palacio em que tinha nascido no anno de 1050, tendo-se ampliado muito este edificio que fica situado no valle por onde corre o rio Sousa, e deu o nome á residencia do doador. Teve, pois, a designação de *Paço de Sousa*, mas, havendo o cardeal rei concedido aos monges que fossem extinctos os commendatarios em 1580, vieram depois os abbades administrar as rendas; grande parte d'estas foram applicadas a reparar e melhorar este edificio, o que causou (como é costume) destruirem a primitiva construcção e alterarem-lhe o typo architectonico.

No anno de 1605 teve esta egreja nova reedificação, o que obrigou a remover o tumulo d'Egas Moniz para a capella-mór, e tambem, em 1741, o abbade, querendo dar mais elevação á dita capella, entendeu que ficaria mais elegante fazendo-a rebaixar dois metros: foi necessario por isso transferir outra vez o tumulo para o corpo da egreja, ficando já então *deslocada* a inscripção do monumento!

O portal existente é da segunda epocha ogival, que mostra a estampa, mas sómente na sua parte inferior. As columnas teem capiteis de ornamentação differentes, de linda composição, alguns, os que ficam do lado do norte, deteriorados pela acção do tempo. Nos arcos ogivaes que ornam o portal, ainda se conhece o começo para se saber traçar a fórma mais perfeita da ogiva. O que é singular (posto que não seja pela primeira vez representado) é ver a esculptura da cabeça de S. Marcos e do seu symbolo correspondente servindo de misulas para sustentar a verga do portal. O Sol e

a Lua que apparece na empena do frontispicio era de uso na idade media figurarem por cima do portal; representava a *Lua* a Synagoga, a antiga Lei; e o *Sol* a nova Lei do christianismo.

O que causa vergonha é o feitio ridiculo do caixilho da vidraça moderna que serve no oculo que dá luz á egreja, assim como o remate superior do edificio, que, sendo d'um outro estylo, produz uma desharmonia que offende o bom gosto e patenteia a falta de criterio de quem auctorisou similhante reconstrucção!

Este portal é um dos melhores do seu typo que possue o paiz, e juntando-lhe a memoria d'esta egreja ter servido para o jazigo do illustre varão portuguez, mais importancia se deverá dar á sua conservação.

Vem a proposito noticiar o vandalismo que ultimamente se praticou com os restos mortaes de tão assignalado personagem.

Quizeram limpar as esculpturas do sarcophago d'Egas Moniz, e resolveram, por ser mais commodo, deslocarem as pedras, com o desejo de conservar os ossos, não no logar que occupavam dentro do tumulo, mas sim mettidos n'uma reles caixa de *folha de Flandres*, a qual foi soldada, e para se saber o que ella continha, collocaram lhe uma tira de papel almaço com a respectiva designação, ficando a referida caixa depositada a *um canto* da sachristia!

Quando eu fui, em 1884, ver este edificio, que está incluido no numero dos monumentos nacionaes, ao entrar na egreja fiquei surprehendido de ver as esculpturas do sarcophago divididas e mettidas na face das paredes da nave, porém com calculada symetria, pois ficaram separadas em duas partes e collocadas na frente uma da outra, nas paredes lateraes do edificio. Perguntei pelo cofre de pedra que pertencia a este tumulo e respondeu-se-me que estava no largo aparando a agua da torneira d'uma bica publica! Muito mais surprehendido fiquei quando inquiri onde estavam os restos mortaes de Egas Moniz e me mostraram a mencionada caixa de folha.

Para esta profanação e vandalismo ficar mais patente e ser conhecido dos visitantes (menos das auctoridades) posto que esteja visivel para todos, admira-se o cuidado que houve pelo respeito á memoria do illustre finado, de haverem conservado por baixo das esculpturas, em duas linhas separadas, o epitaphio que em uma só linha circumdava o sarcophago. Todavia o mais curioso e notavel é ter ficado uma das tres pedras que contém o citado epitaphio, a pedra do meio, com as letras collocadas em sentido inverso! Ha muitos annos que estava exposta por esta intelligentissima maneira!

Tendo representado ao Governo pela falta de veneração de tão respeitaveis despojos, afim de restabelecer o seu jazigo como era na primitiva, determinou que se fizessem os concertos necessarios: ficará, portanto, collocado o sarcophago na capella-mór do lado do Evangelho, desapparecendo ainda que tardio esse estupido vandalismo.

J. da Silva.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Na sessão da Assembléa geral de 10 de outubro teve a honra de apresentar o sr. presidente Possidonio da Silva a proposta para ser eleito Sua Alteza o principe D. Pedro Augusto Cobourg, neto de Sua Magestade o Imperador do Brazil D. Pedro II, para socio honorario da nossa Real Associação, na conformidade da auctorisação que o illustrado principe havia concedido ao nosso presidente, quando Sua Alteza esteve em Lisboa no outomno passado.

Esta subida distincção que novamente recebeu a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, não sómente dará maior consideração a este instituto, como tambem se fará publico, que uma outra pessoa real de um importante imperio pela sua prosperidade e illustração, dignou-se ajuntar o seu distinctissimo nome ao de S. M. El-Rei D. Fernando II e ao do Principe Real D. Carlos de Bragança, que nos honraram com sua augusta protecção e concedendo-nos a distincção de serem socios d'esta Real Associação.

Resultado das eleições na Assembléa geral da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes em 18 de dezembro de 1887, para o exercicio do anno de 1888:

ASSEMBLÉA GERAL

Presidente, Joaquim Possidonio Narciso da Silva; *vice-presidente* (architectura), Valentim José Correia, (archeologia) visconde de S. Januario; *secretario*, (architectura) D. José de Saldanha Oliveira e Sousa; *vice-secretario*, Ernesto da Silva; *secretario* (archeologia), visconde de Alemquer; *vice secretario*, visconde de Castilho; *thesoureiro*, José da Cunha Porto; *bibliothecario*, Conselheiro José Silvestre Ribeiro; *conservadores*, Conselheiro Jorge Cesar de Figanière, General Antonio Pedro de Azevedo.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

Presidente, Valentim José Correia; *secretario*, José Antonio Gaspar; *delegado*, José Maria Caggiani; *supplente*, Ernesto da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Presidente, Ignacio de Vilhena Barbosa; *secretario*, Zephyrino Brandão; *delegado*, Borges de Figueiredo; *supplente*, Eduardo Dias.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÃO

Presidente, General Antonio Pedro de Azevedo; *secretario*, D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa;

delegado, Bernardino José de Carvalho; *supplente*, Alfredo Keil.

Um descobrimento de grande interesse para os estudos prehistoricos foi feito em Portugal no anno findo, constando de *vinte instrumentos de cobre*, o que nas proximidades da cidade de Leiria teve logar por um acaso. Querendo-se deitar abaixo um decrepito carvalho cujo tronco já estava ouco, e ameaçava perigo se caisse sobre alguem, resolveram tiral-o do sitio em que tinha crescido, achando-se debaixo das suas raizes os instrumentos de cobre, os quaes estavam postos por ordem uns sobre os outros. Isto demonstra que ha muito estavam occultos no terreno, pois que não foram vistos quando se plantou a arvore, assim como o arranjo em que se achavam faz suppor que fosse um esconderijo d'aquella época.

Póde o nosso presidente obter tres exemplares para a collecção do museu, sendo de muito apreço, porque instrumentos d'esta qualidade de metal são raros em todas as regiões onde têem apparecido vestigios do homem prehistorico.

O nosso consocio o sr. dr. abbade de Miragaya Pedro Augusto Ferreira pelo seu reconhecido zelo em concorrer para a devida conservação das nossas antiguidades de todas as épocas, acaba de conseguir do illustrado Prelado da Diocese de Vizeu que os vinte e quatro quadros que existem na cidade e são attribuidos ao habil artista portuguez Gran Vasco, *fiquem expostos em uma galeria que se vae estabelecer*, tanto para a sua necessaria conservação como para serem mais bem apreciados os seus merecimentos pelos visitantes e principalmente os quatro paineis que occupam a parede da sachristia da Sé estando *contra a luz*, como havia o sr. Possidonio da Silva feito notar ao cabido d'aquella cathedral em 1874, offerecendo-se, *elle mesmo* para collocar esses paineis no lado opposto áquelle onde estavam, na referida sachristia, pois receberiam a luz devidamente e produziriam mais perfeito e bellissimo effeito. O cabido agradeceu e encarregou-se da transferencia; porém, esta ficou em esquecimento ha 14 annos! Ainda bem que o sr. abbade conseguiu que estes quadros tão elogiados pelos entendidos de todas as nações, fiquem d'ora ávante patentes não só para serem admirados, como evitar, por mais tempo, a censura do desleixo que têem tido as nossas antiguidades nacionaes. Merecidos louvores ao nosso illustrado consocio pela dedicação com que trata da conservação do que existe no paiz.

Verificou-se a inauguração da leitura de *publicações modernas e illustradas* de archeologia em uma sala no museu do Carmo, conforme o offerecimento que o sr. Possidonio da Silva fizera á nossa associação, depositando no referido museu 657 volumes e mais de 6:000 mil gravuras e estampas d'essa sciencia que possue, tanto em portuguez como em francez, hespanhol, italiano, inglez, allemão e sueco, para serem consultados pelos alumnos do curso de archeologia, bem como pelo publico curioso d'esses conhecimentos. Está franca a bibliotheca nas segundas, quartas e sextas feiras de cada semana, que não sejam dias santificados, desde as 12 horas ás 2 da tarde.

NOTICIARIO

Novos descobrimentos archeologicos foram feitos em Roma, no sitio onde se achavam os jardins de Sallustio. Nos vestigios de uma escada de marmore de Pentélico, que conduzia a uma piscina, está representada na face principal, em baixo relevo, uma scena de banho; e na parte lateral vê-se uma tocadora de flauta dupla, muito joven e inteiramente nua, d'uma encantadora physionomia e de extrema pureza de contornos. Uma outra figura que está proxima, representa uma mulher trajando uma capa, debaixo da qual apparecem as pregas da tunica; tem os cabellos encaracolados e os pés calçados com sandalias.

O governo de Constantinopla tem augmentado o seu museu de antiguidades. Este museu occupa um edificio monumental, que foi construido no XV seculo por Mahomet II, e está situado nos jardins do serralho.

Grande quantidade de objectos de subido valor foram transportados, tanto fragmentos architectonicos, como sarcophagos, estatuas, etc. Admiram-se principalmente um *Zeus* e um hermaphrodita achados em Pergamo, assim como bellos bronzes vindos da Thessalia; vasos gregos, vidros phenicios, pertencentes ás escavações mandadas fazer pelo dr. Schliemann no local de Troia.

Ultimamente recebeu sessenta caixotes, um dos quaes pesava 13 toneladas, contendo os objectos descobertos em Saida, antiga Sidão. Sem duvida, o museu de Constantinopla virá a ser um dos principaes e causará vergonha aos paizes que não tratam da conservação das antiguidades que ha nos seus territorios.

Começarão este anno os monumentos de Paris a ter uma inscripção especial, para designar o architecto ou architectos que tiverem concorrido para a sua construcção. Muito folgamos com esta louvavel determinação.

Ha mais de oito annos que a nossa Associação tinha approvado uma proposta similhante apresentada pelo seu presidente o sr. Possidonio da Silva, tendo-se alcançado do governo a devida permissão para se gravarem nos edificios publicos os nomes dos architectos e a era de suas edificações.

Em Athenas vão continuar as escavações em Mantinêa. O theatro e a scena já appareceu nas suas principaes partes.

Proximo d'este local acharam-se os vestigios de alguns edificios, entre os quaes estará o templo de Héra, mencionado por Pausanias.

Uma serie de bellos capiteis Doricos, de epocas differentes, foram achados em construcções mais recentes.

Vão-se assentar 50 tonelladas de *rails* d'aço nas ruas de Chicago; as suas superficies são estriadas, ficando os intervallos cheios de uma composição bastante resistente.

O governo hespanhol acaba de crear novos distinctivos para os professores das escolas industriaes, de diplomatica, de architectura e de bellas artes; devendo os directores d'estas escolas assim como os professores da escola geral preparatoria para engenheiros e architectos, usar medalhas de ouro, mas as d'estes ultimos com fita differente.

Os quatro theatros principaes de New-York vão ter o panno do proscenio tecido de *amiantho*, para evitar que nos incendios se communique o fogo da scena para a sala.

Vae-se construir uma nova cathedral em Gibraltar, para a qual o governo inglez dá 11:000 metros de terreno.

O castello de Chantilly ficará completo, conforme o projecto primitivo, não sómente no que diz respeito á sua construcção, como tambem ao acabamento das esculpturas; egualmente se fará a installação da bibliotheca e das collecções artisticas. S. A. o duque de Aumale deseja que, na occasião em que o Instituto de França tomar posse, tudo esteja em ordem e com a devida commodidade para o publico.

A bibliotheca do Museu das artes industriaes, de Berlim, é composta de 8:000 volumes, representando as publicações existentes sobre estes estudos. Além d'isto, tem uma collecção de 25:000 photographias, gravuras e desenhos, classificados por assumptos e paizes.

Inaugurou-se em Zurich um monumento á memoria de Semper, insigne professor de architectura. Consiste em um busto de marmore de Carrara, collocado sobre um pedestal de calcareo jurassico.

Vae-se construir em Roma um vasto edificio para o novo Museu archeologico, que custará 414 contos de réis, concorrendo a municipalidade com um terço e o governo com dois terços! Ficarão reunidos n'este Museu todos os objectos da arte antiga e os que se encontrarem nas escavações que se fazem na cidade de Roma e suas provincias. N'essa capital, onde ha tão importantes museus artisticos, augmenta-se-lhes o seu numero, e não se põe obstaculo ao avultado dispendio para esse novo edificio, afim de se conservarem as antiguidades; em quanto que, no nosso paiz, ha a mesquinhez de não se velar por esses vestigios de remotas eras, que se teem descoberto no reino!

Em Munich haverá este anno uma Exposição internacional da arte industrial. Para esse fim será construido um palacio com a extensão de 600 metros.

Uma grande perda scientifica veiu enlutar todos os sabios do mundo, qual foi o obito de mr. Pedro Carlos Roberto, archeologo e numismatico formado, membro do Instituto de França e commendador da Legião de Honra. Deixa uma obra importante sobre archeologia e numismatica, além de outras publicações de subido apreço sobre o periodo gallo-romano. A sua memoria nunca será olvidada, tanto pelo seu talento, como pelas suas distinctas qualidades.

Está averiguado em França, que a *radiação ultravioleta* das lampadas electricas de arco voltaico, assim como as lampadas de incandescencia, exercem sobre a vegetação uma influencia perniciosa. As novas e curiosas observações que recentemente se fizeram no palacio de Inverno em S. Petersbourg, confirmaram esse resultado.

Notou-se desde a primeira noite de festa, que as plantas que ornavam as salas tinham ficado amarellas e seccas; os sobrados estavam cobertos pelas folhas caídas; numerosas plantas ficaram destruidas; outras, serão precisos alguns annos, para adquirirem o vigor da sua vegetação; finalmente, foi uma grande derrota.

A patriotica direcção da Associação Industrial Portugueza tomou a louvavel iniciativa de promover uma exposição de todas as industrias do paiz, que terá logar na Avenida, no mez de maio do presente anno. Esta idéa será aceite, com fervor e reconhecimento, por todos os industriaes que se teem empenhado em realisar tão louvaveis progressos.

E' de esperar que todos se farão representar n'este certamen, no qual será apreciado o merecimento que os differentes industriaes de Portugal teem alcançado pela sua intelligencia e pelos esforços dos seus estabelecimentos; pois não só se farão mais conhecidos dos nacionaes e estrangeiros, como tambem alcançarão merecidas recompensas, para os distinguir dos seus antecessores, concorrendo egualmente para dar mais realce á nação e obter maior consideração das nações civilisadas.

Não duvidamos do brio dos industriaes portuguezes, que abraçarão com grande prazer a resolução utilissima que a benemerita Associação Industrial Portugueza tomou, afim de lhes proporcionar o ensejo de patentearem o grau do desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas respectivas industrias; prestando tambem, pela sua adhesão a esta exposição nacional, o auxilio e concorrencia para augmentar o lustre do seu paiz.

1887. Typ. Franco-Portugueza Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1888 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 11

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:
Origem da architectura e influencia que teve sobre as outras artes — pelo sr. J. da Silva ..... Pag. 161
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:
Pontes romanas em Portugal — pelo sr. Abbade Pedro Augusto Ferreira ..... » 169
Memoria para servir de illustração ao desenho de uma estatua descoberta em Beja, que se disse ser de Cybéles (Continuação) — Manuscripto de Manuel José Maria da Costa e Sá ..... » 171
Explicação da Estampa n.º 84 — pelo sr. J. da Silva ..... » 173
Artigo do sr. José Diogo Ribeiro sobre archeologia christã ..... » 173
Chronica ..... » 174
Noticiario ..... » 175

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ORIGEM DA ARCHITECTURA E INFLUENCIA QUE TEVE SOBRE AS OUTRAS ARTES

Não é possivel marcar na historia a epocha em que uma arte teve fim nem a epocha em que uma outra teve principio. Os vinculos que ligam os povos visinhos e as civilisações contemporaneas são tão numerosos como invisiveis; occultam-se á analyse do historiador, que encontra mais facilmente os seus indicios, do que pode demonstrar a existencia d'elles.

Pela comparação dos monumentos de architectura se conhece, que o Egypto e a Asia serviram mais de uma vez de modelo aos artistas dos tempos primitivos. Os gregos poderiam ter estabelecido a filiação das formas e das indicações, que tivessem obtido das civilisações mais remotas, sem por isso diminuir-lhes o seu talento e a sua gloria; pois se alguns elementos de architectura, combinações de fórmas, de linhas, germens de ornamento lhes vieram do oriente ou do Egypto, todavia os principios formulados com perspicuidade, a sciencia das proporções, a belleza e a uniformidade no todo, a escolha excellente dos accessorios, o sentimento da perfeição entrevista, desenvolvido e alcançado, em uma palavra, tudo aquillo que constitue a creação, a originalidade, verdadeira, o engenho, tudo isto pertence inquestionavelmente aos gregos. A grande arte européa principiou com elles.

Nem a questão de raça, nem a questão de clima, nem a razão politica, podem explicar qual foi o divino privilegio, que dotou os gregos d'esse espirito d'uma clareza tão superior, de iniciativa, de progresso, de tradição fecunda, que os fez dignos de servir de modelo a todas as nacionalidades que se teem succedido na Europa. Foram elles que tiveram a gloria de inventar as ordens da architectura. Havendo creado esta admiravel e philosophica divisão de bellezas, que a architectura sabe produzir, marcaram com o seu cunho o patrimonio commum da antiguidade, e por tanto teem direito de poder revindicar para si toda a gloria.

Os antigos habitantes da Grecia edificaram habitações, muralhas, fortalezas, mas unicamente para satisfazerem as necessidades da vida ou para a sua defesa. O sentimento do bello não teve origem n'essas construcções massiças que os pelasgos levantaram durante suas mysteriosas emigrações, não sómente na Grecia, como na Asia menor e na Italia. Os costumes e a industria formaram-se ao contacto da Asia, o commercio e a navegação contribuiram para esse progresso, e quando a arte se desprendeu das suas tradições no seculo VI A. J. C. ainda

a encontramos fascinada pelas tradições orientaes. Todavia a arte deu um passo decisivo n'este seculo, e não sómente ella se ergueu ousada, mas esse vôo foi tomado com toda a liberdade de acção. O estado da sociedade, os acontecimentos de um povo que se engrandece, explicam-nos claramente as causas d'esse progresso e a força d'essa acção intelligente.

Depois de prolongadas dilacerações os povos tão diversos em que se dividia a Grecia tinham estabelecido seus limites, sua constituição e seu equilibrio social. O decrepito nucleo social foi despedaçado, e uma nova sociedade cheia de vigor, sequiosa de experimentar o seu poderio, de augmentar riqueza, de gozar de uma e outra cousa, appareceu simultaneamente na maior parte das cidades gregas. Então os legisladores dictaram sabias leis, o direito das gentes foi reconhecido, e a segurança dos mares proclamada. Os jogos olympicos e as festas nacionaes estabelecem relações amigaveis entre os povos, que tinham lutado armados uns contra os outros. A população cresce favorecida pela situação commoda e feliz, as colonias estabelecem-se em todas as partes e vão generalisar o nome e as idéas gregas nos paizes dos povos incultos da Thracia, da Italia e da Sicilia, proporcionando um favoravel desenvolvimento e proclamando a idéa das bellas-artes.

Além d'isto, esses tyrannos que se collocavam em todos os logares á frente dos vencidos emancipados quizeram assignalar o seu reinado ephemero por obras grandes. Fosse por gosto de ostentação e de fruir o luxo que isso occasionava, ou fosse por imitar os reis asiaticos, e talvez para occupar os seus subditos e empobrecel-os, emprehenderam grandes obras que deveriam formar habeis architectos. Cypsélus e Periandro de Corintho, Orchoménos e Clisthenes de Sicyone, Polycrato de Samos, Phalaris de Agrigento, Eupalinos de Megara, Pittacus de Mityléne, Pisistrate e seus filhos de Athenas, todos esses tyrannos souberam prezar as bellas-artes, e contribuiram poderosamente para o seu progresso no seculo VI. É verdade que no seculo de Pisistrate as artes desenvolveram-se sob a tutella despotica emquanto que no seculo de Péricles attingiram a sua sublime perfeição aleitando-se com a liberdade.

Em todos os tempos Athenas foi pela sua posição, pelo caracter mais humano e mais hospitaleiro dos seus habitantes, um nucleo para os povos do mundo antigo. Os pelasgos, os heraclides e os jonios tinham alternativamente encontrado um asylo n'essa generosa Attica, e por isso todas as colonias jonicas da Asia menor consideravam Athenas como sendo a sua mãe patria, e quando o fogo sagrado se apagava nos seus templos, era em Athenas, no prytaneu, que mandavam accendel-o, symbolo prophetico que mais tarde as artes deviam realisar. Já vimos que foi em Athenas que a Ordem Dorica obteve a expressão mais perfeita como a Ordem jonica a graça mais delicada. Em uma palavra, Athenas possuia por excellencia desde o seculo VI esse genero de assimilação que constitue um centro, uma capital, e se annunciava desde então como sendo a futura capital das artes.

A architectura foi a mãe, a instituidora dos outros ramos de bellas-artes. Na Grecia onde todas as producções do espirito humano tinham seguido o desenvolvimento mais natural e mais logico que se possa imaginar, a architectura engrandeceu em primeiro logar e presidiu ao nascimento e ao progresso da esculptura e da pintura. No seculo de Pisistrate, a architectura unicamente é já florescente e proxima da perfeição; no seculo de Péricles, a esculptura vem disputar a palma e tomar o logar ao seu lado. Foi sómente no seculo de Alexandre, que a pintura, ultima arte nascida, e que tinha ficado por muito tempo sob a tutella da architectura, mostrou o seu mais vivo esplendor.

No principio, o homem ia buscar os elementos da architectura na natureza exterior, organica ou inorganica, animada ou vegetal. As grutas deram-lhe os modelos para as habitações, as collinas (tumulos) para as sepulturas, as arvores, os monolithos lhe deram a idéa de pontos de apoio isolados; umas vezes fizeram-se sustentar os edificios pelos animaes; outras vezes por figuras de homens. Emquanto a decoração, as folhagens, as flores, os ovos dentro da sua casca, os fructos no seu envolucro mais aberto, as perolas, o lyrio marinho, a vinha, a palmeira, o acantho, as offertas suspensas á roda dos altares, as grinaldas, os broqueis, as transas, os cordões, os vasos, tudo lhe tinha servido de exemplo para ser imitado. Porém os gregos os transformaram e desnaturalisaram, metamorphoseando de tal maneira, que se encontra apenas uma fugitiva assimilação, deram-lhes uma forma abstracta e ideal, tão conveniente, que o ponto de partida desappareceu muitas vezes, e o modelo original se desvaneceu completamente á nossa vista. É n'isto que consiste exactamente a arte, é a intervenção da intelligencia humana que opera, reage e refaz os elementos que lhe fornece a experiencia, muda os contornos, simplifica-os, torna-os disfarçados, fazendo uma cousa nova e original, servindo-se de contornos mais puros, com combinações convencionaes, adaptadas á decoração, motivada por um sentimento delicado conforme as exigencias geometricas da architectura civil.

D'ahi a pouco essa architectura veiu a servir a si mesma de modelo, a copiar-se no que produzia; é por egual razão que nos tempos modernos se vê a erudição matar o engenho, e os artistas, em

logar de descobrir fórmas novas para imitação, continuam a copiar servilmente os seculos passados!

Em todos os logares onde havia arvores, os homens começaram a construir com madeira. Em toda a extensão dos paizes onde as raças hellenicas foram ter com as suas emigrações desde a Asia menor, além da Thracia e da Macedonia, até ao fundo da peninsula grega, as florestas eram abundantes. Os hellenos mesmo empregavam a madeira nos logares superiores dos edificios, com a unica differença que cobriam a madeira com um revestimento de argila cosida pintada, tão depressa o souberam fazer.

Pausanias viu em Olympa, junto do templo de Jupiter, uma columna de madeira, vestigio da casa de Anomaus, antigo rei do paiz, conservada cuidadosamente até ao segundo seculo da era christã. Essa columna, fragmento de um antigo edificio, posto que já carunchosa, desfazendo-se em pó, estando consolidada por ligamento de ferro, e rodeada por outras 4 columnas mais modernas, que lhe haviam ajuntado para sustentar o portico, era com o fim de conservar a reliquia d'aquella primitiva construcção.

Poucos paizes tinham tanto a peito como a Olympia, esta terra sagrada para toda a Grecia, a veneração pelo passado. Ahi se conservavam com todo o esmero os monumentos mais proprios para comprovar a antiguidade das ceremonias e das festas publicas. O architecto que os Eleanos encarregaram de edificar o templo de Juno, d'esta vez de cantaria e da Ordem Dorica, aproveitou uma das columnas do templo primitivo de madeira de carvalho, e empregou-a em sustentar o *porticum*, a parte coberta, onde a madeira, ficando resguardada, não se damnificava exposta ao tempo.

Perto de Mantinéa, estava situado um templo de Neptuno todo construido de madeira, formado de trancas de carvalho entrelaçadas. Este templo de uma antiguidade tão respeitavel foi salvo da destruição pelo imperador Adriano, que admirava muito esses monumentos primitivos e prezava muitissimo a arte archaica, devendo observar que alguns d'estes monumentos tinham já oito a nove seculos de existencia no tempo d'este imperador. Elle fez edificar um outro templo muito maior para encerrar dentro o primitivo templo construido em madeira, e por esta maneira fazer mais prolongada a sua duração.

Se as almas devotas estavam acostumadas a considerar as vastas florestas, os seus silenciosos recintos, como sendo o templo da Divindade, a arte soube aproveitar o effeito que produziam os troncos verticaes e esbeltos das arvores, atravez os quaes a vista penetra e se dilata. Quanto este aspecto tinha de pittoresco, de grandioso e de architectural! Por isso rodearam os templos com um *peristylo* que imitava uma floresta formada de columnas.

As influencias orientaes que affectaram a arte grega, foram sempre desapparecendo á medida que esta architectura se desenvolvia. Deve-se procurar a causa d'isso no talento hellenico tão independente, tão creador, tão desejoso de belleza e de logica, fiel observador da tradição regularmente constituida nos principios fundamentaes da architectura Dorica.

O tronco da arvore foi o typo da columna, posto que pouco tempo depois esse typo se transformou de tal maneira que não conserva nada mais de commum com a sua origem que as condições da sua solidez.

Estando os apoios de madeira que sustentavam o telhado enterrados no solo, as columnas assentavam tambem sobre o chão lageado, sem terem base para fingir que profundavam egualmente na terra. Por tanto a architectura foi buscar esses elementos de decoração á vida real, a objectos que copiou no principio, e que apresentou depois de uma maneira mais abstracta e mais ideal.

Em quanto ao Jonico faz esquecer as decorações da madeira, esse typo primitivo, para apresentar sobre os monumentos linhas suaves e sem interrompimento, ornamentos que, sendo de phantasia, não teem nada de logico, nada de solidario com a architectura em si propria.

Os pelasgos sendo perfeitos constructores em cantaria, as suas obras se encontram ainda por toda a parte onde habitaram, sendo em grande numero quasi eternas pela sua grande solidez. As tribus hellenicas, pelo contrario, muito tempo foram nomadas, errantes; caminhando para o Oriente por marchas e migrações successivas construiram em madeira habitações faceis de transportar ou faceis de tornar a fazer. Portanto a madeira foi o principio de sua architectura.

O que constitue a superioridade da architectura grega, não são os seus planos simples, subordinados directamente ás necessidades do homem, não são esses accessorios, tão limitados, pouco variados, reproduzidos pela tradicção e unicamente destinados a fazer sobresair as molduras e as fórmas geraes do monumento, mas sim a sua essencia, o seu talento profundo, as sublimes proporções que elles souberam determinar com tanto acerto, harmonia e esmero.

Tirae-lhes dos seus templos as columnas, os frizos, as cornijas, os tectos e suas subdivisões, que nunca lhes podereis alterar as suas admiraveis proporções.

O sublime de architectura grega é o templo grego, porque é o typo mais perfeito da arte, e a sua formula suprema consiste no bem combinado de suas proporções. Os artistas antigos levaram a

um grau inimitavel este sentimento, que determinava as relações entre os diversos membros que compõem a architectura, perfeita harmonia entre as partes de edificio em si, harmonia que unicamente constitue a unidade, o bello, o sublime da arte.

O templo estava, pois, submettido a essas regras, que lhe davam a belleza que attrahia, e esse caracter magestoso que tanto captiva a admiração, a ponto tal que, se encontramos separados um dos seus fragmentos, bastará unicamente esse para se designar qual a dimensão do edificio, qual o seu estylo, a proporção das suas outras partes, do mesmo modo que um esculptor, sendo-lhe dado um fragmento de uma estatua, designa logo a proporção d'ella, do mesmo modo que um naturalista dando-se-lhe um osso fossil reconstrue sem difficuldade um monstro ante-diluviano. Por ventura se poderá dizer outro tanto a respeito dos monumentos indios, egypcios, assyrios e chinezes? Não, certamente, não é n'elles que se manifesta esse dom creador de que era dotado o engenho grego. Cicero dizia que se edificasse um templo em Olympia, onde não chovesse, e era preciso que esse templo fosse resguardado por um telhado e um frontão. Não obstante parecia-lhe impossivel (e com fundada razão) se podesse mutilar este edificio admiravelmente construido, que se chama um templo grego; porque, se lhe separassem uma só parte, ficaria defeituoso destruindo-se a sua belleza e patentearia ao mesmo tempo o gosto mais depravado, que se tivesse a respeito d'este typo architectonico, quem tal cousa ousasse praticar.

É na architectura principalmente que deve a tradicção ser continuada, fiel, constante e necessaria; e os gregos o souberam comprehender admiravelmente. Os principios e os processos se transmittiam como se fosse uma herança sagrada. Um architecto inventava uma forma agradavel, uma proporção mais bella, depois todos sem rivalidade o imitavam, e assim a tradicção progredia. É por este motivo que todos os monumentos do mesmo tempo na Grecia teem um ar de familia tão visivel que se poderia acreditar serem todas obras do mesmo architecto. Quanto menos o artista estava preoccupado da sua individualidade, mais abraçava com prazer e se associava com ufania ao movimento progressivo da sua profissão, assim como á gloria que a sua patria adquiria, concorrendo os conhecimentos de todos para esse mesmo engrandecimento.

É preciso confessar que os gregos tinham a respeito da sua arte a comprehensão mais exacta; sabiam que os trabalhos do homem não duram, que unicamente a fórma e a idéa mais bella não é cousa alguma, se a expressão que a traduz não fôr ainda mais bella. É pela superior execução das regras d'arte, que o Parthenon é a principal obra prima do mundo, pois o seu plano é egual a todos os planos dos templos gregos, e n'elles se procuraria debalde um pensamento novo, que não se encontrasse na architectura dos outros paizes pertencentes á Grecia, tão intima era a convicção que tinham os architectos gregos de não ser possivel achar outra melhor, não obstante serem tão eximios na sua profissão; precisavam para a sua propria reputação do concurso de todos os seus contemporaneos, para que as suas obras merecessem sempre a admiração dos povos, e a sua arte fosse reputada a mais superior. Assim como os grandes seculos litterarios teem pelo estylo um culto que é a sua mais poderosa inspiração, tambem os architectos teem confirmado pela sua arte uma tal perfeição que não será nunca ultrapassada em relação a concepção e a esmero excessivo empregado na execução.

Devido á constancia de se ter conservado a tradição na architectura grega é que nós podemos hoje reconstruir a sua historia, não obstante o silencio dos auctores e a escuridão que cerca o maior numero dos monumentos ainda existentes. A Ordem Dorica, principalmente, é o typo constitutivo do qual as outras Ordens não são mais do que uma transformação. Esta Ordem transmittiu as suas fórmas successivamente desde a sua origem até á sua decadencia e não nos deve causar admiração essa persistencia. Não sómente o Dorico do seculo de Pisistrates se distinguiu do Dorico do seculo de Péricles e do seculo de Alexandre, porém em cada epocha nota-se a graduação, como uma transição continua: foi assim que se estabeleceu o encadeamento historico da arte.

A escala das proporções nos ministra, pois, um methodo verdadeiramente scientifico, que suppre o testemunho dos homens pelo testemunho da pedra. O estudo dos monumentos é regularisado pela successão de graduações que os distinguem: portanto os templos gregos, sem se poder determinar a sua data, classificam-se por ordem chronologica conforme suas proporções, suas subdivisões, sua physionomia.

O que comprova ainda mais quanto os architectos gregos apreciavam a importancia das proporções, é que elles escreveram obras sobre a sua arte; ainda mais, commentaram os seus proprios monumentos. Rhokos de Samos tinha descripto o grande templo de Juno que elle havia edificado; Chersiphron e Meagenes, o seu templo de Diana de Epheso; Polycleto, tão habil architecto como grande esculptor, o qual construiu o theatro de Epidauro, que foi tão admirado pelos antigos, Polycleto tinha composto um tratado sobre as *symetrias*, isto é sobre as proporções, onde a architectura devia occupar logar egual ao da esculptura; Ictinus tinha feito uma obra sobre o Parthenon.

Não nos devemos admirar de saber que os architectos das antigas épocas compozeram obras sobre a architectura; pois possuiam uma educação esmerada, auxiliada por uma razão sensata, por aptidões variadas, e fecundidade de engenho inexgotavel o que são o privilegio dos artistas consummados; tendo apparecido artistas de egual merecimento durante a Renascença na Italia.

Portanto, desde os mais antigos tempos, os bons architectos viam o seu renome estender-se por todas as partes, convidavam-os de bastante distancia; recebiam-nos com grandes honras e generosas recompensas, taes como os gregos unicamente souberam prodigalisar aos artistas de reconhecido talento.

Foi chamado Eupalinus de Megara em Samos, para construir o magnifico canal que era reputado uma das maravilhas do mundo; Spintherus de Corinthio foi requisitado pelos Amphictyones de Delphos para reconstruir o templo de Apollo; Chersiphron natural de Gnosse em Crete edificou o templo colossal dos Efesios; Theodoro filho de Rhoekos de Samos era solicitado de Sparta para formar escola; os architectos que tinham levantado os templos de Pœstum, foram chamados pelos Phoceanos para fundar a cidade de Vélia. A Grecia soube prezar as suas artes, porque sabia reconhecer o prestimo dos seus artistas.

Os monumentos do seculo de Pisistrates merecem um estudo serio, pois foi n'essa epocha que a architectura attingiu um esplendor que não deixou nada a inventar no seculo de Péricles, posto que não conseguisse todavia alcançar essa belleza suprema, essa flôr de perfeição, esse sentimento divino que é o caracteristico das obras-primas. Pelo menos, os monumentos do VI seculo chegaram até este limite, e assim compete lhes um logar de grande importancia na historia da architectura.

Muitas vezes as colonias levavam vantagem nas artes ás suas metropoles, porque, desde o primeiro dia, ellas foram commerciantes, em seguida ricas e illustradas, depois deixaram vida activa pelo prazer da existencia. É verdade que foi rapida e ephemera essa prosperidade, como acontece ás arvores transplantadas, que, conservando sómente debeis raizes, o furacão as derriba sem esforço. O mar não isolava de fórma alguma as cidades gregas, pelo contrario as reunia; pois era a sua estrada real, e a sua tradição, egualmente espalhada, impedia que as tendencias locaes alterassem o gosto apurado nas artes.

Que encanto não se experimenta fazendo recordar os logares celebres da historia e ao estudarmos esses monumentos que resistiram á destruição dos seculos!? As suas ruinas são ainda hoje a mais bella herança da Grecia, o embellezamento de um paiz que não tem precisão de ornamentos; visto que os monumentos da arte completam alli as bellezas da natureza, em taes termos que parecem dar-lhes poesia, insufflar-lhes vida.

O templo que primeiramente nos deve occupar, é o templo de Corintho, aquelle, cujas proporções e estylo accusam a mais remota antiguidade; e tambem porque Corintho foi a cidade onde a architectura se desenvolveu com mais rapidez; sendo ahi que os frontões se ornavam primeiro com ornatos de argila, assim como as beiras do telhado e os vertices do templo com enfeites da mesma materia. Diz-se que, de todas as artes, a architectura é, com as suas dispendiosas construcções, a que dá mais cabal ideia da prosperidade de uma nação. Ora, nenhum povo em toda a Grecia alcançou um tão elevado gráu de prosperidade como foram os Corinthios.

O destino de Corintho era tornar se poderosa pelo commercio, e adquirir riquezas por esse meio. O segredo d'este destino e de sua fortuna, foi devido á posição que occupava. Collocada sobre o isthmo que unia as duas metades da Grecia, era Corintho o élo d'estes dois paizes, a chave do seu commercio e por isso veiu a ser o imperio das mercadorias da Asia e de Italia. O isthmo foi uma ponte lançada entre o Adriatico e o Archipelago, entre o mar da Sicilia e o mar Jonico.

O que mais distinguia o caracter grego, era conservar sempre a prudencia, mesmo nos seus excessos. Os abastados Corinthios sabiam amar o bello e proteger as artes; e no gozo de uma ociosidade opulenta, intelligente e epicuriana, tinham a sagacidade de governar um povo de operarios e de artistas. Este povo era amavel, hospitaleiro, sem duvida, possuindo um gosto delicado; mais estimado do que invejado pelo resto da Grecia, era attraido pelo engodo do ganho, pelas bellas cousas, prazeres, e voluptuosidades. Faltou-lhe unicamente, para ser grande, o infortunio, que experimenta e fortalece; falton-lhe tambem um amor mais forte pela gloria, a gloria, essa palavra tão querida de qualquer alma grega.

O templo de Corintho está situado ao pé da Acropolis sobre o declive mesmo d'essa poderosa cidadella, não distante da fonte de Pirena. Elle ultrapassava em grandeza ao templo de Egina; as suas ruinas têem um aspecto de força, de magestade, e sobretudo de apparencia pesada, que surprehende á primeira vista. Observam-se ainda restos de estuque sobre as pedras das columnas; por conseguinte, escolhendo monolithos, isto é, pedras inteiriças para a sua construcção, não attenderam á decoração, mas cederam unicamente á timidez. Esquecendo por um instante as admiraveis ruinas de Athenas, reconheceremos n'estas um caracter de força, de solidez imponente, que constitue uma certa magestade. Se não se encontra o bem acabado da execução, a exactidão delicada do apparelho dos tempos mais

recentes, é preciso não esquecer que o typo está já completo, posto que não seja inteiramente perfeito; pois que devia-se deixar ainda alguma cousa para o progresso da arte. Este templo, pelas suas proporções e regras de sua construcção, parece ser o mais antigo que tenha resistido em pé sobre o solo grego.

Deixando Corintho, encontraremos a sua influencia e o progresso que ella havia imprimido á arte nas outras cidades. Em Delphos haviam chamado um architecto corinthio, Spintharos, para construir o seu celebre templo de Apollo, em Syracusa, colonia Corinthia, fundada no seculo de Cypselus, e cujos mais antigos monumentos foram edificados por architectos vindos de Corintho.

Seria inutil traçar a historia de Delphos e a grande importancia que representou na republica antiga o oraculo de Apollo. Esse poder espiritual sobre o qual se firmavam os *poderes temporaes*, e que não desprezavam sem receio de arbitrios tanto os reis como os generaes, fundadores de colonias, servia egualmente para sancção das leis de Solon de Lycurgo: conselho diario dos particulares, voto decisivo da guerra, da paz, conforme elle vaticinava, ou ameaçava com a colera dos deuses, mixto de politica generosa e de vistas interesseiras, de alta sabedoria e pueris artificios, o oraculo de Delphos foi até ao tempo de Pericles, o poderoso nucleo moral da Grecia. Porém no seculo de Pisistrates já este oraculo gozava do maior credito, e Delphos podia-se chamar com alguma probabilidade — o centro da terra — como os gregos o denominavam, isto é, o centro do mundo grego. De todas as partes concorriam as offertas, de todos os logares chegavam embaixadores, tanto do Occidente como do Oriente. Que dons magnificos! que bellas estatuas! quantos monumentos se erigiam junto d'elle! Cada povo da Grecia levantava um edificio chamado *Thesouro*, consagrado a guardar os seus tropheus cada vencedor; cada athleta lhe offertava uma estatua; chegou-se a contar ali até ao numero de 3:000, sem fallar dos numerosos altares, porticos, baixos relevos votivos e inscripções! Tudo isto estava accumulado sobre um pequeno espaço, sobre um terraço que a natureza havia formado e disposto em semi-circulo como um theatro dominado pelos dois cumes do Parnaso de sete mil pés de elevação, residencia de Apollo e das Musas, tão celebrada pelos poetas da antiguidade.

Todas estas riquezas d'arte se comprimiam, não com symetria, como são dispostos esses vastos intervallos, os largos, e as avenidas, esses espaços vasios que tanto gostam de ver os modernos, e que muito repugnavam ao gosto antigo: O Forum Romano, a Acropolis de Athenas, dão a prova d'isso. Pelo contrario, tudo estava collocado em grupos ao acaso, com uma certa irregularidade que não prejudicava o effeito dos objectos d'arte; havia uma apparencia de desordem, mais pittoresca que se fosse uma glacial uniformidade; pois davam áquelle conjuncto, movimento e variedade que chamava a attenção, deleitava a vista, e não excluia a harmonia; fazendo valer muito mais o merecimento d'essas preciosidades creadas pelas artes, posto que estivessem reunidas pela credulidade. É n'essa maneira de dispôr os objectos de bellas-artes, que consiste a differença radical do gosto antigo do gosto moderno: nos nossos edificios, nas nossas fachadas, nas disposições dos accessorios, na distribuição exigimos a *sua symetria rigorosa;* os antigos mais atilados procuravam uma harmonia que agradasse, e não ferisse o gosto pela monotonia da repetição. A symetria estabelece sempre o equilibrio, a regularidade; aquillo que está á esquerda, ella tem o cuidado de não esquecer repetir tambem á direita; applica a regoa e a esquadria em todos os pontos e faz-se tão exacta como é a geometria; em uma palavra é o resultado de uma sciencia. A harmonia, pelo contrario, não obriga nem os terrenos nem os nivelamentos; acceita os obstaculos, respeita todas as conformidades, sabe aproveitar e estima mesmo encontrar os caprichos do acaso, nasce da opposição e muitas vezes das discordancias: é finalmente delicada em sentimento, o que poucos sabem avaliar, e ainda menos aproveitar.

Quem hesitará pois de reconhecer quanto, em materia de arte, o sentimento é superior á sciencia? Compare-se a collocação dos edificios dos nossos monumentos modernos os mais gabados, á fórma como estão dispostas as ruinas dos antigos monumentos, mesmo as ruinas que ainda hoje nos offerecem, tanto a formosa Roma, como a formosa Athenas e vereis que differença quanto ao modo de se saber dar valor ás producções de arte, a que ponto chega o gosto apurado de um povo intelligente ajudado d'uma reflexão esclarecida: isso mesmo que á nossa educação tanto repugna, elles julgaram com bastante sensatez ser necessario para mais engradecer a perfeição de seus monumentos, aos quaes não se podem comparar nenhuns dos outros que existem hoje no mundo.

O templo de Apollo foi reedificado cinco vezes. A fabula nos narra que o templo primitivo foi feito de madeira de louro; depois *de cêra;* as abelhas o fabricaram com feitio de colmêa pela cêra que produziam e com as suas *proprias azas*. Mais tarde foi construido em bronze. Depois os architectos Agamedes e Trophonios o edificaram de cantaria. Foi novamente destruido pelo fogo; sendo no anno 548, A. J. C. no meiado do seculo de Pisistrates, que o antigo templo de Delphos foi incendiado. Logo os Amphictyones pediram donativos do mundo inteiro

para a sua reconstrucção; obtiveram os soccorros, mesmo de Amasis, rei do Egypto. Quando tiveram reunidos 302 contos de réis, os Alcmaeonides tomaram a empreza da construcção do templo. Afim de se conciliar o favor dos Amphictyones e do Oraculo de Delphos, fizeram a fachada principal em marmore de Paros; primeira vez que este excellente material foi applicado em architectura.

O architecto encarregado d'esta importante construcção foi chamado de Corintho; chamava-se Spintharos, como já referi. Tendo faltado o dinheiro, foi o templo concluido muito tempo depois, e ornado com esculpturas executadas por Calamis, Praxias, os quaes completaram a decoração d'esta magnifica obra. Quando estiver o templo de Apollo desenterrado das suas ruinas, se poderá então apreciar o estylo d'esse monumento, que os auctores não descreveram sufficientemente.

Por uma coincidencia notavel, os mais antigos templos que se têem conservado são os de Corintho e de Syracusa. Syracusa era uma colonia corinthia, fundada no seculo de Cypsélus, quando a architectura, esta arte que é o barometro da prosperidade publica, ahi se desenvolvia com esplendor. Por esta fórma essas duas cidades, unidas já por tantos vinculos, se acham ligadas tambem na historia d'arte.

Nada é mais obscuro que a historia primitiva das colonias sicilianas. Mas nada foi mais rapido que o augmento d'estas colonias alcançado pelo commercio e pelas armas. A Sicilia era um porto especialmente propicio para o commercio, pois occupava como o centro entre a Hespanha, Italia, Grecia e Africa. Eis aqui por que Syracusa em 70 annos depois da sua fundação, poude fundar 5 outras colonias. Qual não devia ser o poder d'esse povo que repelliu os Carthaginezes, destruiu as armadas e os exercitos de Athenas, conteve Roma, a propria Roma, durante 3 annos detida pelas suas fortificações! Carthago, Athenas, Roma, as 3 grandes capitaes do mundo antigo.

As ruinas de Syracusa narram ainda aquillo que foi esta cidade magnifica. Athenas possue monumentos mais bellos e mais completos; Agrigento tem conservado, erguidos sobre as suas elevadas collinas, uma serie de templos, porém nenhuma outra cidade grega deixou tão extensos vestigios como os que se vêem em Syracusa!

O mais antigo templo terá pouco mais antiguidade que o templo de Corintho, e suppõe-se que fôra edificado em honra de Diana, protectora da colonia. N'este templo estava collocada a sua estatua tão gabada pelos auctores antigos pelo seu caracter archaico, que a tornava ainda mais veneravel. Havia outro templo de Minerva ricamente ornado, e cheio de offertas magnificas que Marcellus tinha respeitado depois de haver tomado a cidade, e que Verres roubou sem escrupulo.

Admiravam-se principalmente as portas chapeadas de ouro e marfim, esculpidas com uma arte que fazia a admiração dos proprios antigos; a construcção d'este templo é da era de 495 A. J. C. No vertice do frontão do templo, resplandecia o broquel de Minerva. Os navegadores avistavam em grande distancia este escudo polido com muito brilho, da mesma maneira que os Athenienses, depois de terem dobrado o cabo de Sunium, distinguiam a ponta da lança da grande Minerva de Phidias, situada sobre o rochedo de Acropolis. Quando partiam para alguma viagem, os Syracusanos iam primeiro ao templo de Jupiter Olympico, tiravam o fogo sagrado para um vaso e embarcavam, conservando esse vaso na mão até perderem de vista o broquel da sua divindade protectora. Foi n'este templo de Jupiter que Dionisio o Tyrano tirou o manto de ouro massiço que ornava a estatua do Deus, e pôz-lhe em seu lugar uma capa de lã, dizendo que aquella seria mais quente para o inverno, e menos pesada para o verão. A avidez dos despotas egual sempre á sua barbaridade.

As ruinas de Syracusa são menos celebres que as de Agrigento; pois Agrigento não apresenta unicamente um numero mais consideravel, mas os seus templos estão mais bem conservados, e são portanto de mais interesse, e se recommendam ás investigações do archeologo e do artista. Todas essas ruinas illustres teem nomes de vulto na historia: O templo de Juno é o mais elevado de todos; o da Concordia, o mais completo; o de Jupiter Olympico, o mais grandioso, porém hoje involto no pó, sendo o de Hercules o mais perfeito de estylo. Mais distantes avistam-se os templos de Ceres e Proserpina. Finalmente as muralhas cortadas na propria rocha, certificam quanto era forte e poderosa essa cidade. Tanta grandeza cahiu repentinamente: tal foi o destino das colonias sicilianas. Podem-se comparar a essas plantas transportadas para um solo muito forte, e sob uma temperatura demasiadamente favoravel; vegetam rapidamente alguns dias, dão as mais vistosas flôres, depois em uma manhã murcham repentinamente, e a robusta vergontea desfallece e morre.

A colonia Siciliana desejando vir a ser egualmente metropole, pediu um chefe aos Megarianos para formar outra colonia, na seguinte e laconica mensagem, em que transluz o prazer orgulhoso, que esses habitantes gregos sentiram, pela importancia que haviam alcançado, sendo apenas uma cidade de segunda ordem. Dizia assim: — *A colonia que vós enviastes, ha cem annos, alem mar, á Sicilia, está hoje rica, poderosa e muito povoada Ella quer tambem levar mais avante aos paizes dos*

barbaros o nome grego e a dominação grega; portanto ella vos pede um chefe para esse fim. — Os Megarianos lhe enviaram Polyclete. Foi o que deu origem a Selinonte ser edificada no anno 651 A. J. C. Os seus templos tinham sido construidos pelos architectos gregos. Acharemos ainda aqui a influencia da architectura corinthia. Em quanto ao desenvolvimento que teve esta nova cidade, a historia é muda; sómente nos diz a data da sua primeira ruina em 409, e da sua ruina definitiva em 249 A. J. C. Esta cidade foi tomada por Annibal no anno 409. Compunham-se as armadas carthaginezas de hordas de barbaros africanos. O temivel general ordenou a mortandade das mulheres, dos velhos e das creanças, excepto aquelles que se tinham refugiado nos templos, com receio que a desesperação não os levasse a deitar fogo, e elle perdesse então os ricos despojos que continham. Havia 6 templos que ornavam o cume da Acropolis de Selinonte. Tres d'estes templos são do VI seculo, o mais antigo pertence á fundação da cidade. Dois são do V seculo, e assemelham-se muitissimo ao templo de Theseo em Athenas do seculo de Péricles. O sexto templo é de todos o mais vasto e o mais grandioso; mostra pelo seu caracter bem visivel pertencer aos dous ultimos seculos.

Estes templos estão todos orientados, voltados para o Oriente, de maneira que os primeiros raios de sol feriam o triangulo sagrado do frontão, assim como a estatua do deus, quando as portas do templo estavam abertas, parecendo que presidiam á luz e á existencia.

Examinando os monumentos pelas suas fachadas, se conhece ser o seu estylo como em Corintho é Syracusa, de uma remota antiguidade: observando porém os templos de Selinonte, não sómente se notam os caracteres e as bellezas do Dorico Archaico, particularidade interessante, mas tambem os defeitos inherentes a não ter a arte chegado á época da sua perfeição, além de ser uma mistura da arte grega e oriental, o que se explica pela proximidade das feitorias carthaginezas. Todavia offerecem já o grande e o bello caracter dos entablamentos gregos, dos entablamentos sicilianos, cuja importancia, ainda que seja um pouco exagerada, está todavia disfarçada por uma delicada e magnifica decoração.

Mas o que ha de particularmente mais bello a notar nos templos do VI seculo de Selinonte, é a parte superior que cerra os lados do templo. Pois os ornamentos pintados que o ornam são preciosos para a historia da arte; tanto pela sua conservação como pelo seu estylo, sendo um dos elementos mais importantes para a solução do problema da polychromia, que nos confirma a sua applicação sobre os monumentos da Grecia com o proprio testemunho da mesma architectura.

O aspecto que apresentam as ruinas de Selinonte é na verdade magestoso. A queda d'esta cidade infeliz foi para a Sicilia o mesmo que a destruição de Sybaris para a Italia, a destruição de Mileto para a Asia Menor, a de Athenas para a Grecia. Selinonte ficou reduzida a um logar devastado e deserto.

Carthago desappareceu do mundo, quando chegou a sua vez, e lá estão as suas ruinas como epitaphio da sua historia: mas que vestigios deixaram essas opulentas cidades phenicias, das quaes o unico talento era a ambição do ouro, em quanto os gregos cimentaram a immortalidade mesmo nas suas ruinas; pois que as gerações vindouras irão ainda procurar ahi, não sómente impressões agradaveis, mas principalmente admirar modelos para imitarem?

Se denominámos o VI seculo o seculo de Pisistrates, foi pela mesma razão de ser dado ao V seculo o nome de Péricles e ao IV o de Alexandre. N'aquella época a fórma do governo predominante era a tyrania, conforme a significação grega, isto é, a designação dada á pessoa que se apoderava do poder soberano em uma cidade livre, como havia feito Pisistrates em Athenas.

Porém o que collocava Pisistrates acima dos usurpadores contemporaneos, era o seu titulo de Atheniense. Elle reinava sobre um povo predestinado pela sua posição geographica, pelo seu engenho a tomar o primeiro logar entre os gregos. Não é, pois, Pisistrates, é sim Athenas, representado pela sua figura no periodo architectural pertencente á Grecia n'esta época.

Sob 33 annos do seu reinado, as lettras e as artes encontraram na sua côrte um apoio poderoso e um protector esclarecido, sendo o titulo mais celebre que pertence a Pisistrates, o ter mandado publicar os poemas de Homero. Portanto as artes não deviam ser menos protegidas que as lettras, e a architectura principalmente, que offerece sempre á vontade de quem emprehende grandes projectos, vastas ambições de sua sciencia, os seus ricos materiaes e numerosos operarios, mesmo quando ella não tenha ainda alcançado a sua maior perfeição. N'este caso, suppre a imperfeição da obra apresentando o grandioso nas construcções. É por este motivo que os monumentos das épocas antigas têem todos um aspecto que produz sempre uma certa veneração e assombro. Além d'isto, nós vimos até que ponto a belleza da architectura havia chegado no meado do VI seculo, e principalmente a architectura Dorica que achamos adoptada pelos athenienses, no seu primitivo templo de Parthenon no auge da sua perfeição. Agora para completarmos a apreciação do desenvolvimento da architectura grega no VI seculo e apreciarmos a sua arte monumental em todas as suas phases devemos examinar como o Jonico veio substituir o Dorico primitivo, quaes foram as cau-

sas politicas ou sociaes que influiram para isso, as vantagens ou o abuso que essa introducção na architectura n'este periodo poude ter influido para a decadencia da arte na Grecia. Trataremos em seguida da importancia que a pintura dos monumentos contribuiu para harmonisar melhor o effeito geral d'elles; e não obstante serem construidos com materiaes de excellente qualidade, o gosto apurado dos gregos sacrificava o valor da materia para que a perfeição da arte chegasse ao seu maximo gráo; preferindo a belleza dos seus monumentos e o amor das bellas artes aos calculos interesseiros e vistas mesquinhas, condicção propria dos povos incultos e mercenarios, que desconhecem e desprezam o amor da gloria, o culto das bellas artes e os gosos da civilisação.

J. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

PONTES ROMANAS EM PORTUGAL

Os romanos deviam construir, e com certeza construiram, no chão hoje denominado *Portugal*, muitas pontes nas suas differentes e esplendidas estradas militares, ou de 1.ª classe; e nas de 2.ª, 3.ª e 4.ª classes. Além das estradas militares, por onde moviam os seus exercitos e nas quaes havia postos muito bem montados, tiveram como era natural que tivessem, outras muitas estradas secundarias para serviço dos povos intermedios, estradas menos luxuosas, algumas das quaes nem eram calçadas de pedra.

Ora sendo o chão de Portugal cortado por tantos rios e ribeiros, forçosamente se haviam de construir, para passagem d'elles, muitas pontes das quaes hoje muito poucas existem, authenticas do *povo-rei*, não tanto porque desabassem com o peso dos seculos, pois, as pontes, construidas pelos romanos eram quasi todas de cantaria e muito solidas, mas porque foram destruidas pelas guerras d'exterminio que ensanguentaram a peninsula desde aquella data até os nossos dias, já durante a invasão dos *barbaros do norte* e nas luctas entre estes e os romanos, — já nas guerras incessantes d'aquelles barbaros entre si, até que se constituiu a monarchia visigothica, — já no periodo calamitoso da invasão dos mouros e das luctas e guerras que durante seculos se feriram n'este solo entre os musulmanos e visigodos uns contra os outros, e depois nas sangrentas guerras intestinas dos musulmanos contra os proprios musulmanos e dos godos contra os proprios godos até se instituirem os reinos da Gallia, Leão, Castella, Navarra, Aragão e depois Portugal — até se fundirem estes 5 reinos da peninsula nos dois que hoje por mercê de Deus existem.

Tambem se destruiram em Portugal muitas pontes ainda no 1.º quartel d'este seculo por occasião da guerra da peninsula.

Do exposto se vê que das pontes construidas pelos romanos poucas e muito poucas devem hoje existir, embora se digam romanas pela tradição, ou porque o affirmem os antigos geographos, ou porque assim o faça crer o aspecto de ancianidade que apresentam, pois é certo que muitas foram construidas pelos godos, outras pelos arabes, outras pelos reis de Leão, Navarra, Aragão e Gallia, e outras pelos nossos reis desde os principios da monarchia.

A primeira ponte de que ha memoria, construida sobre o Douro, data do tempo de D. Affonso Henriques, e talvez que fosse projectada e principiada muito antes, pois o documento mais antigo que prende com a dita ponte é o testamento d'aquelle rei, no qual se encontra um legado em favor d'ella Não se sabe ao certo se chegou a ultimar-se, mas no seculo XVI estava ainda imponente, como o diz o conego tercenario de Lamego, Ruy Fernandes, na sua «Descripção do terreno em volta d'aquella cidade duas leguas», e d'ella se veem ainda hoje claros vestigios — grossos fundamentos d'alguns pegões — no ponto do Piar, no leito do Douro, entre as freguezias de Barrô, concelho de Mesão-Frio, a menos de 1 kilometro de distancia pàra oeste, ponte da qual hoje apenas resta a memoria e que existiu sobre o mencionado rio no ponto ainda hoje denominado Ponte Henriques como eu disse no artigo Villa Jusã em cuja circumscripção estive.

Tambem a rainha D. Mafalda, esposa d'aquelle rei, mandou construir a actual ponte de *Canavezes* sobre o Tamega, ponte que originariamente foi construida pelos romanos.

São estas as 3 pontes mais antigas de que tenho conhecimento, construidas pelos nossos reis.

Das nossas pontes actuaes apenas me consta que foram construidas pelos romanos as seguintes:

1.ª — Ponte de Chaves. Tem alguns arcos soterrados na margem direita do Tamega e depois do meado d'este seculo foi alargado o taboleiro superior, mas todos os seus arcos parecem os primitivos.

O Tamega hoje não tem outros vestigios de ponte romana, pois a Cavez, em Celorico de Basto, segundo se suppõe, foi mandada construir por frei Lourenço Mende no seculo XIII.

A ponte actual de *Amarante*, que é de bom

granito e uma das mais solidas e mais luxuosas do nosso paiz, foi mandada fazer por D. Maria I em 1790 em substituição da que fez S. Gonçalo pelos annos de 1260, segundo se suppõe, e no mesmo sitio onde estava a outra ponte mandada fazer pelo imperador Trajano, era de 106 annos antes de Jesus Christo.

Ponte de Alvarenga sobre o rio Paiva a leste da villa d'Arouca.

No artigo Alvarenga o meu antecessor, guiando-se pelo que se lê n'outros auctores, disse que a mencionada ponte foi mandada fazer tambem pelo imperador Trajano, era de 110 annos antes de Jesus Christo, que era obra do mesmo mestre que fez a ponte hespanhola d'Alcantara, e que estava ainda tão bem conservada omo se fosse feita ha 10 ou 12 annos!

A pequena distancia da dita ponte existia effectivamente outra muito antiga.

A ponte actual é dos fins do ultimo seculo. Foi principiada a sua construcção pelo bispo de Lamego, D. Manuel de Vasconcellos Pereira, mas fallecendo em 1786 quando a ponte se achava ainda por concluir, foi concluida por ordem da rainha D. Maria I (Alvará de 15 de fevereiro de 1791) por meio de derrama lançada sobre as comarcas comvisinhas — Lamego (provedoria) e Feira (ouvidoria).

Tenho sobre a minha meza de estudo os proprios autos da arrematação das obras da conclusão que montou a 3:300$000 réis, dos quaes a provedoria de Lamego pagou 2:300$000 réis e a ouvidoria da Feira 1:000$000 réis.

Nos mesmos autos se vê ainda a planta que serviu de base de arrematação, indicando a côres differentes a parte que já estava feita e a que devia fazer-se.

Prosigamos:

2.ª — Ponte do Perozello na extincta freguezia d'este nome e sobre o Cavado [1].

É considerada romana; tem 12 arcos, e fazia parte da estrada da Geira.

3.ª — Ponte de Cladellas, na freguezia d'este nome, concelho de Amares, comarca de Villa Verde sobre o rio Homem, affluente do Cavado.

Tem 3 arcos e é tambem considerada romana. O arco maior tem de abertura 13^{m},14 e de altura 13^{m},8; comprimento do taboleiro 34^{m},8; largura 2^{m},63.

4.ª — Ponte de Missarella sobre o rio d'este nome ou Regavão, confluente do Cavado, tambem concelho de Montalegre.

É antiquissima e considerada romana tambem, mas foi em parte reconstruida nos principios d'este seculo.

Está firme sobre 2 grandes rochedos e tem um só arco, mas imponente e com 13^{m} de extensão e grande altura.

5.ª — Ponte de Mirandella na villa d'este nome em Traz-os-Montes, lançada sobre o Tua.

É uma das primeiras pontes de Portugal no seu genero; tem 19 grandes arcos hoje, formando um taboleiro de mais de 100^{m} de comprimento em recta — e foi romana, mas tem soffrido em differentes datas differentes reconstrucções parciaes, datando do seculo XVI uma das reconstrucções mais importantes.

Tem arcos de diversos estylos correspondentes ás diversas reconstrucções.

Os mais achatados e de maior abertura estão na margem esquerda; são os mais antigos e um d'elles ameaça ruina e demanda reconstrucção em praso breve.

Não sei se algum dos ditos arcos será ainda romano; sem duvida seriam de volta inteira.

Talvez sejam tambem romanos alguns arcos que tem soterrados na margem direita do Tua..

6.ª — Ponte de Soure no concelho d'este nome.

Alguem diz que esta ponte é ainda a ponte romana que estava na antiga estrada militar de Lisboa para Merida, lançada sobre o rio Soure.

7.ª — Ponte Cavallar sobre o rio Sermanha confluente do Douro, a leste e no concelho de Mesão-Frio, entre as povoações e freguezias de Cidadella antiga, cidade romana, e Oliveira.

É ponte antiquissima; alguem diz ser tambem romana — e é certo que nas suas convisinhanças tiveram demorada residencia os romanos como provam as muitas moedas, tijolos e outras velharias romanas que por ahi se teem encontrado. Ainda este anno d'ahi enviaram um tijolo romano de enorme espessura e grande pezo. Póde vêr-se no nosso Museu Commercial e Industrial.

A dita ponte estava na estrada romana do Porto para Panoias e Lamego por Mesão-Frio e Cidadella.

—

Já que estamos fallando de pontes fallemos tambem do material de construcção d'algumas.

Cá pelo Norte as nossas pontes antigas eram quasi todas de granito, porém conheço duas de schisto, talvez dignas de especial menção.

Encontra-se uma d'ellas sobre o rio Temi-Lupus, ou Foz-de-Mil-Lobos, a cerca de 4 kilometros a montante da Regoa na freguezia e concelho de Armamar e na estrada marginal do Douro (margem esquerda).

Foi feita pela extincta companhia dos vinhos nos fins do ultimo seculo e é toda de formosa *cantaria*

[1] V. Cavado no Port. Ant. e Mod.

de schisto, inclusivamente o ultimo arco de bastante altura. Quando o nosso governo depois de 1855 mandou fazer a estrada marginal da *Regoa* até á *Pesqueira* os engenheiros acharam tão solida e tão bem acabada a dita ponte que a conservaram intacta. Apenas a altearam alguns metros sem tocarem no antigo arco. É uma das nossas mais solidas e talvez *a unica de cantaria de schisto*.

A outra está no concelho, freguezia e termo de Villa-Nova-de-Foscôa, no sitio e ribeiro do Valle na antiga e horrorosa estrada que da barca do Pocinho (hoje estação d'este nome) conduzia para Foscôa, Marialva, etc. e é formada unicamente por dois enormes pedras de schisto medindo cada um 1,^{m}20 de largura e 8^{m} de comprimento!

Foram cortados em uma pedreira talvez tambem *unica* no seu genero em todo o nosso paiz.

E' uma rocha massiça de schisto duro como aço e da qual os montantes podem cortar pedra com as dimensões e espessura que bem lhes aprouver! Assim tiraram d'ali aquellas duas colossaes pedras e podiam dar-lhes maiores dimensões ainda se fôra possivel movel-as por caminhos tão desgraçados como eram os de Foscôa *in illo tempore!* Tambem forraram litteralmente com grandes dimensões da mesma pedra a cadeia actual da villa, o pavimento, as paredes e o tecto!

Ficou á prova de fogo e segurissima, porque a pedra não tem juntas. São todas grandes monolithos que tomam todo o vão das paredes e do tecto da cadeia, sendo impossivel aos presos deslocarem-n'as.

Não ha em Portugal outra cadeia tão segura!...

Occupa o *rez-de-chaussée* dos novos paços do concelho onde funcciona tambem o tribunal judicial etc. e da mesma pedreira podem cortar pequenas e delgadas pedras, como se veem na mesma villa de Foscôa, formando *sobrados* e balaustradas de varandas.

Ha tambem no Alto Douro na região do *Port-Wine*, outras muitas pedreiras de bello schisto, de onde se extrahem grandes folhas. Assim se vê em muitos logares tampos enormes de 6 a 7 metros de comprimento, 1 de largura e 0^{m},2 de espessura, nomeadamente na quinta do Ferrão (junto da estação actual do mesmo nome) pertencente á nobre e rica familia Pessanhas.

As ditas pedras foram cortadas cerca de 4 kilometros a montante na povoação de Donello, aldeia da freguezia de *Covas do Douro* concelho de Sabrosa, districto de Villa Real de Traz-os-Montes.

São os maiores tampos de schisto que ha em todas as quintas do Alto Douro.

Nós tambem ali temos uma quinta, a quinta do *Campo Velho*, na outra margem (esquerda) do Douro e no valle e margem (direita) do Tedo, onde em uns logares mandados fazer por meu pae se vêem tampos de schisto com 27 palmos de comprimento! Foram cortados a menos de 200 metros talvez de distancia da casa da mesma quinta.

—

Uma ponte tambem notavel e unica em Portugal é a ponte de Aivados, ponte natural, formada pelo rio Arcão, que nasce do grande olho d'agua, chamado *Borbolegão*, a 5 kilometros da villa de Grandola para N.

A dita ponte é de um só arco, especie de gruta lindissima e aberta pela natureza em um grande penedo calcareo.

O socio

ABBADE PEDRO AUGUSTO FERREIRA

MEMORIA

PARA SERVIR DE ILLUSTRAÇÃO AO DESENHO DAS RUINAS DE UMA ESTATUA DESCOBERTA EM BEJA QUE SE DISSE SER DE CYBÉLES

(Continuado do n.º antecedente)

Sim, não vi as conjecturas que julgaram a Estatua de Cybeles. A grande authoridade das Pessoas que foram de parecer a este voto (*), *não tanto, como a correspondencia do figurado della, e a iconologia que nos traz aos olhos os distinctivos da Deosa daquelle nome; bem como, a maior estensão do seu culto, me firmam opinião semelhante.* (*) Nota VI.

Cybeles, filha do Ceu e da Terra, mulher de Saturno, a Grande Deosa, a Mãe dos Deoses, he Divindade mui afamada e celebre (*). *Personalisação da Natureza deificada; assim, annel entre o simples culto que aquella intimára, e a idolatria que lhe succedera, recebia oblações duplas, mais prestadias em razão da forsa fysica, que tornava como visivel sua maior potestade; e segundo os attributos da natureza havia nomes diversos* (**) *confundindo e identificando-se com todas as Divindades que chamavam adorações ao mesmo espirito* (***). (*) Nota VII. (**) Nota VIII. (***) Nota IX

Os Phrigios a fazem das Comarcas que habitam, constituindo-se por mil enredos seus primeiros adoradores.— As montanhas que increspam suas serras davam nomes

á Deosa (****); *elles acordavam os passos da sua pertendida existencia* (*****) *aos Districtos que moravam* (*) *Os bosques que pertenciam a Cybeles, como parte á força que desenvolvia, tiveram vida; e o Moço Atys que lha constituio, nas suas ligações com a Deosa deo historia e muito fallar* (*). *O Culto porém desta Deosa vinha de mais longe; tinha antiguidade perdida; era como aborigine* (**). *Luciano lhe assigna Templo, e Cidade na Assyria que subia aos dias da mesma Deosa, como dedicação do seu Atys* (***): *e d'outro dá testemunho edificado pela famosa Stratonicia Rainha daquella Região* (****). *O nome de Deosa, Syriana, era o mais vulgar que alli se lhe dava; mas seus attributos e maneiras eram identicos a Cybeles:* (*****). *Isis lhe chamava o aveihantado Egypcio, onde seu culto vinha das confusões do principio* (******). *A Phenicia dahi a conheceo e adorou* (*******). *E esta foi a dedução, que, como outras ideas, seguio este culto, donde o houve o Phrigiano que presumido constituio a Deosa de sua progenie; e acatamento tão inteiro, e devoto lhe rendeo, que o fez como proprio. Roma que se lhe curvava na denominação de Vesta* (*) *a invocou nos perigos de Annibal, trazendo a seus muros reliquia para a venerar na de Cybeles* (**). *Huma Vestal figurou á sua chegada* (***), *e huma Vestal intendeo sempre nas suas Festas; que eram magnificas* (****). *As ceremonias e funções que ao todo esta Deosa recebia eram estrugidas com os arruidos das de Bacco, Pan, Osiris, Baal, e mais Divindades, symbolos a expressarem a Natureza* (*****). *Dahi houveram os Sacerdotes de Cybeles o appellido de Corybantes, e outros que taes* (******). *Destas fontes seu culto desceria a todas as bandas. E os mysterios que escureciam o que lhe era relativo, a isso muito contribuiria: sendo demais, os Padres da Deosa, levados quasi em dogma de trazerem proselytos á sua crensa, peregrinando terras, missionando com pequenos idolos de Cybeles a que chamavam* Betylos (*); *no que punham o ardor que declara o nome de* Corybantes *porque são geralmente conhecidos* (**).

Em verdade, mui atrazados himos no conhecimento das Divindades, que adoraram os Povos que primeiro foram em nossas terras; do que, já houvemos soláque d'hum genio de boa erudição da França (***); *sendo pennas estrangeiras, que diffundindo a vastidão do seu maior saber, sobre esses pequenos restos de que alcançaram conhecimento, dos muitos que nossos territorios offerecem diariamente, a quem devemos discurso sustido, e de dizer, ácerca d'huma Divindade tão famosa na Lusitania, o Deos* Endovéllico (****).

Não obstante. — Os Lusos adoradores da Natureza, e Sabeos na crença, como eu ousei de annunciar em outra parte (*) *remissos não seriam no offertar oblações a Cybéles: de bom grado se curvariam á Deidade que symbolisava da terra a força produtrix, que lhe diriam ter sido já em pessoa nas suas campinas que tanto abençoava* (**). *Passando do nuo estado da natureza ao da civilidade, que o trato e engrandecimento do povoado lhe communicava, a bom folgar teriam o culto que ao centro da sociedade lhe communicava as ideas em todo, das florestas, campos e astros, de que o estado caseiro mais desapegava suas imaginativas: Elles abraçariam adorações que substituia as que davam á Natureza, fáce a fáce* (***), *ao singelo da simplicidade, em pleno ar; senão he, que o engrandecimento da sociedade lhe traria esta transformação; e que o dar com os outros Povos alterasse o nome peculiar com que houvessem levantado o simulacro da endeosada Natureza* (*). *Nossas Provincias, pois, frequentadas por Egypcios, Persas, Fenicios, Celtas, Gregos, Kartaginezes, Romanos* (**), *por onde as opiniões fizerão circulo, metamorfose, e propagação, receberia em signal de taes Gentes lhe abordarem os Deoses que venerassem* (***). — *Mas, entre muitos Templos de gentilidade, descobertos na Lusitania, sim, nenhum se diz de Cybeles* (****). *Attendamos, porém, que Isis, Proserpina, Fortuna, Concordia, e mais, a quem pela maior parte se dizem dedicados, são de inteira conformidade e imagem ao gesto daquella Deosa, tomando seus emblemas; sendo até a mesma Divindade com outro nome* (*****). *E o fogo de Vesta, com que tambem se allumiava, não he de fugida desconcordancia que recebesse sôpro e guarda junto a Lisboa* (******).

(****) Nota X
(*****) Nota XI
(*) Nota XII
(**) Nota XIII
(***) Nota XIIII
(****) Nota XV
(*****) Nota XVI
(******) Nota XVII
(*******) Nota XVIII
(********) Nota XIX
(*) Nota XX
(**) Nota XXI
(***) Nota XXII
(****) Nota XXIII
(*****) Nota XXIIII
(******) Nota XXV
(*) Nota XXVI
(**) Nota XXVII
(***) Nota XXVIII
(***) Nota XXIX
(*) Nota XXX
(**) Nota XXXI
(***) Nota XXXII
(*) Nota XXXIII
(**) Nota XXXIIII
(***) Nota XXXV
(****) Nota XXXVI
(*****) Nota XXXVII
(******) Nota XXXVIII

(Continúa)

MANUEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ.

Gomil do Renascimento

Est. 44
Vol. 5º
Fol. 173

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 84

A presente photographia, copia d'uma primorosa alfaia pertencente ao precioso museu do real palacio das Necessidades que foi colligido pelo Rei Artista, é uma das mais bellas peças de ourivesaria d'esta afamada collecção, que hoje publicamos.

E' um grande gomil de prata dourada, obra cinzelada do XVI seculo em Portugal. Pela sua fórma pouco vulgar, ornamentação singular da aza e do bico, profusão dos grotescos (1) e complicada composição do relevo do bojo, que cobrem totalmente este objecto, causa admiração, assim como pelo conjuncto de tantos lavores, os quaes nos demonstram afertil imaginação do artista e a mestria na sua profissão.

Foram os ourives italianos, que, inspirados pelo typo oriental e pela creação do Renascimento, principiaram a executar no metal precioso esse genero de ornato dos differentes objectos para uso da mesa e do toucador.

Certamente que attrae bastante a curiosidade examinar-se essas vistosas obras, em que os ourives hespanhoes tanto se distinguiram, e depois os nossos artistas nacionaes tambem com rara habilidade se desenvolveram. Se os italianos se ufanam de terem tido um Benevenuto Cellini, e a Hespanha um João Arphe, tambem Portugal se vangloria de ter Gil Vicente alcançado digna menção entre os mais habeis artistas d'essa epocha.

O observador, enlevado por tão vistosa composição e habil trabalho, não presta a devida attenção; mas, passado o primeiro effeito de merecida admiração, sente-se depois como que cançado de contemplar tão complicada ornamentação, porque os artistas d'essa epocha julgavam que ficaria a sua obra com maior merecimento, cobrindo toda a superficie da peça com uma accumulação ornamental não lhe deixando parte alguma lisa, para a vista repousar e apreciar melhor os diversos cinzelados e relevos de que se compõem os objectos, diminuindo de certo modo o merecimento d'essas variadas composições: todavia, examinando-se cada detalhe em separado e fazendo-se abstracção dos proximos cinzelados, reconhece-se e avalia-se o talento e a habilidade do artista que executou a obra.

Não destroem o merecimento archeologico d'este exemplar as reflexões que expomos, porque se porventura se póde notar esse defeito (causado pela phantasia do artista em querer deslumbrar o observador) devemos não esquecer ser esse o estylo que determinava a epocha artistica do seculo; portanto, esta alfaia, como todas as outras do mesmo estylo, são positivas testemunhas artisticas da sua primitiva origem.

Esta photographia é mais uma reliquia que possue o museu da nossa associação, pois conservará outro specimen da excellente collecção que havia no nosso paiz, que pertenceu a el-rei o senhor D. Fernando. Quanto aos seus outros raros objectos, ignoramos qual será o seu destino. Lamentamos a perda que poderá resultar a Portugal, indo essas collecções para fóra do reino. (1)

POSSIDONIO DA SILVA.

(1) Esta designação, dada pelos modernos ás fórmas d'este ornato, provém de terem alguns curiosos descoberto em Roma os primeiros modelos de decoração d'este genero nas cavernas que antigamente serviram e estufas thermaes, que estavam soterradas; mas como a estas construcções subterraneas se dá em Roma o nome = *Grótta*, = as decorações que ellas tinham, tomaram o nome de *Grotescas*.

No *Diario de Noticias* do 1.º de março ultimo, appareceu o seguinte artigo:

Archeologia christã

Estão já publicados seis fasciculos do *Resumo elementar de archeologia christã*, pelo sr. Possidonio da Silva, digno presidente e fundador da associação dos architectos e archeologos. É um bom serviço feito a este ensino especial, de que o auctor tem sido um benemerito e tenaz vulgarisador.

A este respeito temos presente o seguinte artigo do sr. José Diogo Ribeiro, que solta mais um brado em favor da conservação dos monumentos nacionaes:

«Em alguns seminarios diocesanos crearam-se ultimamente cadeiras para o ensino da archeologia christã. Folgamos devéras com uma tão sensata deliberação de illustres prelados portuguezes. Possuindo os parochos noções exactas e sufficientemente desenvolvidas sobre este interessante ramo das sciencias technologicas, poderão dirigir com acerto as restaurações de que necessitem os edificios religiosos que se achem sob sua inspecção, impedindo que se deturpem suas primitivas e venerandas feições; poderão obstar ao descaminho e á destruição das alfaias antigas que muitas egrejas ainda possuem em maior ou menor copia, e que são frequentes vezes de um alto merecimento aos olhos dos entendidos, não obstante a forma desgraciosa que acaso se lhes note, ou a vulgaridade da materia de que sejam fabricados.

«Os individuos a quem de ordinario se incumbe a reparação dos templos ruraes ignoram as mais simples noções de esthetica, desconhecem o senti-

(1) Veja-se o *Boletim* n.º 7 do tomo 5.º, 1887, pag. 110, 2.ª série.

mento do bello e a poesia da arte. Os seus trabalhos não obedecem jámais a um plano harmonico, não seguem estylo algum definido. Uma copia abastardada e fóra de toda a conveniencia, um amontoado de ornamentos decorativos de mau gosto, um mistiforio de inconciliaveis systemas architectonicos, eis o que esses psendo-artistas nos sabem exhibir.

«Não basta, porém, note-se, ao que haja de tomar o encargo da resrauração de um antigo monumento o dispôr de instrucção technica, talento comprovado e gosto selecto; é sobretudo necessario que possua especiaes conhecimentos historicos e archeologicos; é mister que, desprezando os impulsos do seu genio inventivo, se conforme inteira e escrupulosamente com a traça primordial.

«Porque — é preciso não o esquecer — a architectura tem sempre uma feição especial, em harmonia com as idéas dominantes de um povo, nas diversas epochas da sua evolução sociologica.

«Destruir ou abastardar aquella feição é commetter uma profanação e praticar um anachronismo.

«Comprovemos a nossa these.

«Foi a religião dos egypcios o pantheismo, mais tarde degenerado em grosseiro fetichismo; divinisaram elles todas as forças da natureza que mais estrondosamente se lhes manifestaram; e d'ahi provieram as fórmas collossaes de suas pesadas e massiças construcções.

«O espirito culto, o gosto apurado e a delicadeza de sentimento dos gregos revelam-se nas admiraveis proporções, na harmonia, elegancia e pureza de suas ordens architectonicas.

«Os romanos não tiveram architectura propriamente sua; adoptaram porém as ordens gregas, as quaes amplificaram as proporções de modo a darem aos seus edificios uma feição de grandeza imponente que bem se casava com o caracter do povo-rei.

«A singeleza e humildade dos primeiros christãos transpareciam nos seus templos pobres e de modesta apparencia.

«A architectura ogival *, com a sua brincada e phantasiosa ornamentação, seus elegantes e subtis rendilhados; suas elevadissimas agulhas, que parece quererem arrojar-se ás nuvens, suas naves esguias e alterosas, suavemente illuminadas por uma claridade tenue, coada atravez de formosissimas vidraças multicolores, é uma expressão perfeitissima do ideal christão, e a que melhor traduz as aspirações para a divindade, a elevação de vistas para os mundos da luz; interpreta pois ao justo o sentir da sociedade medieval, que tão accentuadamente se distinguiu por seu poetico mysticismo.

«O estylo manuelino, que floresceu no nosso paiz durante o brilhante periodo dos descobrimentos, reflecte os sonhos dourados, as ridentes esperanças, os desejos anhelantes dos inclitos portuguezes d'aquelle tempo, cuja imaginação era illuminada pelos esplendores procedentes dos encantados paizes da aurora prenhes de maravilhas.

«O estylo *rococò* em Portugal condiz especialmente com o viver da sociedade frivola e amaneirada da segunda metade do seculo passado, sociedade da qual os grandes ideaes haviam desapparecido.

«Vê-se, pois, que os edificios conservam o cunho caracteristico da epocha a que pertencem e das gerações que os levantaram, revelam-nos portanto o sentir e a orientação do espirito d'essas gerações; dão-nos a medida do seu desenvolvimento intellectual e artistico, fornecem-nos por vezes noticias valiosas ácerca dos seus usos e costumes; são, sob varios aspectos, paginas soltas da historia da humanidade.

«Importa, pois, que haja o maior cuidado em preservar de qualquer estrago ou deformação os caracteres impressos n'esses preciosos documentos de antigas eras, os quaes, além do seu valor artistico, historico e archeologico, são memorias venerandas de nossos maiores, e a ellas andam frequentemente annexas as mais santas e piedosas recordações.

«A fim de auxiliar o empenho dos illustres prelados a que nos referimos no começo d'este nosso artigo, iniciou o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente da commissão dos monumentos nacionaes e fundador do museu de archeologia do Carmo, em Lisboa, a publicação de um *Resumo de archeologia christã*, do qual já foram distribuidos seis fasciculos. Aos que desejem porém mais desenvolvidas noções sobre o assumpto, recommendamos os *Elementos de archeologia*, pelo mesmo auctor, um volume in-4.°, de mais de tresentas paginas, esmeradamente impresso em optimo papel, e illustrado com 324 primorosas gravuras.

Vimeiro de Alcobaça.

José Diogo Ribeiro».

* E' impropria a designação de gothica, dada á architectura ogival, por quanto os godos foram expulsos da Europa alguns seculos antes de se começarem a delinear as fórmas iniciaes d'esse formoso typo architectonico, cuja creação lhes tem sido erradamente attribuida.

CHRONICA

A ex.ma condessa Zucchini estremosa filha do nobre conde e senador João Gozzadini, nosso socio honorario fallecido, fez a honra de enviar o retrato

do seu illustre pae ao nosso presidente para ser inaugurado na galeria da nossa Associação, distincção que é costume tributar-se aos socios estrangeiros. A sr.ª condessa declara-se muito reconhecida por este testemunho de veneração para com a memoria do seu veneravel pae.

O distincto director da Sociedade Franceza de Archeologia, o sr. conde De Marcy, recebeu uma nova mercê; foi-lhe conferida pelo imperador da Russia a commenda da Ordem Imperial de S. Estanislau. Esta subida distincção que o nosso illustrado socio honorario teve agora de uma nação tão pouco facil em conferir titulos honorificos, mesmo aos nacionaes, maior consideração significa para o reconhecido merecimento do nobre conde. Receba este prezado consocio as nossas sinceras felicitações por tão assignalada honra.

O nosso digno socio monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, offereceu mais outro objecto antigo, um brazão da nobre familia dos Coutinhos, que foi encontrado entre a alvenaria da parede de uma casa sita na quinta dos Passarinhos á Fonte do Louro no valle de Chellas; apresenta a notavel particularidade de ter esculpido um bonito ornato arabesco, que se póde suppôr seja do tempo da dominação arabe, o qual foi mutilado a fim de se aproveitar a pedra para o brazão. Este interesse que o nosso socio tem em concorrer para o engrandecimento do Museu, prova tambem quanto preza as antiguidades do nosso paiz.

O nosso presidente, o sr. Possidonio da Silva, recebeu um officio da Associação Franceza para o progresso das sciencias, assignado pelos sete membros da meza, convidando-o para a sessão do congresso que terá logar este mez em Oran, e em nome da municipalidade d'Argel lhe offerece hospitalidade n'aquella cidade.

O nosso compatriota o sr. Manuel Dias Lima, residente na Bahia, offereceu um arco e flechas tomados a uma tribu de Indios ao norte de Minas, objectos que lhe foram dados pelo barão de Minas Novas. Esta offerta d'um portuguez testemunha o constante affecto pela sua patria, e indica tambem o desejo de ser prestavel aos estudos archeologicos d'esta associação, pelo que merece louvores.

No tomo 26 da *Revista Bibliographica Universal*, 5.ª entrega, vem a noticia do curso de archeologia, dado n'esta associação pelo socio sr. Possidonio da Silva, mencionando tambem haver depositado n'este Museu a collecção da sua bibliotheca das publicações sobre archeologia, impressas nos differentes paizes civilisados. O *Polybiblion* faz a sua tiragem de 3:000 exemplares mensalmente. Esta revista tem grande credito na republica das lettras e das sciencias.

A Associação Artistico-Archeologica Barceloneza convidou o nosso presidente a tomar parte na Exposição universal de Bellas-Artes e Archeologia que terá logar n'aquella cidade no presente anno, o foi acceite pelo nosso dedicado consocio, porque, pertencendo áquella associação, prestou-se a fazer parte dos expositores.

NOTICIARIO

Um ethnologista americano inglez mr. Cushing, foi viver com os indios zunis: tendo sido adoptado por elles, sujeitou-se aos costumes selvagens, a fim de poder estudar a *Archeologia Tolteca*.

Poude verificar que nos valles de alguns rios d'esta região, presentemente transformada em deserto, havia em tempos remotos um grande numero de povoações florescentes.

Mas ainda ninguem havia explorado as suas antigas ruinas. Um grande numero de especimens de ceramica e de instrumentos de pedra já foram remettidos para New-York, os quaes testemunham a prosperidade e a civilisação d'esses antigos povos.

As cidades não cairam pelo correr do tempo em ruinas; a sua destruição tambem não foi motivada por guerras, mas sim por *tremores de terra*, porque a posição em que se encontram um grande numero de esqueletos indica terem os habitantes de Arizona morrido, ao fugirem na occasião de abaterem os telhados e as paredes das casas. Suppõe o archeologo que taes povoações pertenceram a uma epocha anterior ás construcções das pyramides do Egypto, cerca de 7:000 annos.

Havendo mr. Cushing achado o esqueleto de uma menina em uma sepultura sobre o flanco do valle junto a um altar, rodeada de objectos que serviram aos *sacrificios*, é de crer que esta Ephigenia toltequa fosse sacrificada depois de um ou mais abalos de terra, a fim de applacar a ira das divindades, e que os habitantes, socegados, se recolheram aos seus domicilios, em seguida a este horroroso holocausto, mas seriam surprehendidos por um novo e mais terrivel abalo, ficando esmagados na totalidade. Esta tradição tem se perpetuado nas raças ignorantes, dando a raça branca a este sitio o nome de *Montanhas da Superstição*.

Projecto apresentado pelo insigne architecto mr. Charles Garnier para ser construida uma serie de typos de habitações desde o tempo prehistorico até ao renascimento das Bellas-Artes, e que devem figurar na exposição de Paris em 1889.

Epocha Geologica: Ao ar livre, fragmentos de cortiças; *Troglodytas*, as grutas; *Lacustres*, habitações sobre os lagos; *Habitações sobre o solo*, cabanas, choças, etc. — Epocha de Transição: Principios de construcções, desenvolvimento de abrigos. — Epocha Historica: *China antiga*, 5:000 annos antes de J. C. *Astéques*, *tribus do Norte*, laponios, esquimaus, etc.

Origem egypcia, 4:000 annos antes de J. C. Egypcios, assyrios, ninivitas, babylonios, phenicios, pelasgos, etruscos. — De 1:100 annos antes de J. C. até á era christã: Argivos, persas, hellenos, gaulezes, germanicos, romanos, italianos, etc. — Depois da era christã: Hunos, francos, selvagens d'Africa, Soudão, etc. Byzantinos, russos, slavos, romanos, arabes, mouros, turcos. — Desde 1200 da nossa era: Idade media, Renascimento.

Estas habitações serão rodeadas por um pequeno jardim, e dentro d'ellas ficarão dispostos mobilia e objectos da epocha.

Um *Cresus* inglez, mr. Fay, mandou edificar um palacio nos suburbios do Mexico, collocado no ar, a 100 metros da altura do solo, rodeado de jardins aereos! Estas construcções serão sustentadas por grandiosos pilares de ferro, e um giganteseo elevador servirá para se estabelecer a communicação do terreno com o andar suspenso: o material será cartão-pedra.

A cidade de Nara, no Japão, possue uma estatua de Budha, em bronze, com a altura de 15 metros e 50 centimetros, que foi fundida na era de 744 por ordem do mikado Sho Mu-Ten-No. Por tres vezes ficou a estatua sem cabeça: a primeira vez, quatorze annos depois de ter sido erigida, por ter ficado mal assente, cahiu e fez-se em bocados.

Em 1180, n'uma guerra civil, o templo foi incendiado e a cabeça derreteu-se. Em 1567, novo incendio destruiu a cabeça pela terceira vez; mas um devoto concorreu para compôr essa divindade, ficando exposta aos rigores das estações, para que outro sinistro não destruisse o sanctuario, e não inutilisasse quarta cabeça.

Assentou-se um orgão na egreja de Santa Clotilde em Paris, mas, não havendo espaço sufficiente no côro, foi preciso empregar um systema mechanico para servir este instrumento; havendo-se disposto, em quatro logares separados uns dos outros, as peças principaes para poder funccionar. O teclado ficou collocado proximo das cadeiras do côro; os folles por detraz do altar-mór da egreja e os canudos separados em dois grupos á direita e á esquerda do altar por cima do engradamento da entrada do côro, transmittindo-se do teclado aos instrumentos separados a execução musical pela electricidade; esta serve aqui unicamente de *motor*, utilisando se a sua instantaneidade.

A exploração archeologica em Tunis fez descobrir dois mosaicos representando uma panthera, e cavallos aguias, assim como um outro muito maior mostrando o acompanhamento de Neptuno sobre um carro tirado por quatro cavallos marinhos.

Proximo das barreiras de Paris, em Puteaux, achou-se um cemiterio antigo, muitos sepulchros de gesso com a fórma de um trapezio sobre o comprido estando orientados com os pés para o sudoeste, e ornatos symbolicos vasados em relevo postos nas extremidades.

Nas escavações de Mantinea, o principal objecto descoberto até ao presente é um pedestal representando Apollo, Marsyus e as musas, de que falla Pausanias. As descobertas relativas á topographia e á epigraphia apresentam bastante interesse; correspondem com muita exactidão ás indicações do historiador grego. Encontraram-se tambem vinte e quatro capiteis pertencendo a todas as epochas desde a mais remota até ao periodo romano.

Estão-se construindo em Inglaterra presentemente, os tectos das estufas compostos de duplicados caixilhos envidraçados, dispostos em degraus horisontaes. Entre os dois vidros ha um espaço de 75 millimetros, dos quaes 50 millimetros são occupados por um *jacto d'agua*. O motivo d'esta disposição é de conservar no interior da estufa uma temperatura a mais egual possivel, sem haver necessidade de aquecel-a artificialmente, nem lhe pôr toldo no verão. A agua pela sua falta de conductibilidade, impede a irradiação do calor interior para o exterior no inverno, e do calor exterior para o interior no verão.

O acaso fez descobrir agora em Béocia, o templo dos *kabeieros*, de que fallam muitos escriptores gregos. Escavações methodicas foram logo praticadas, fazendo apparecer fragmentos de columnas e dois altares de marmore, assim como um grande numero de objectos offerecidos ás divindades do sanctuario. Todos esses objectos são estatuasinhas de *vaccas*; acharam-se mais de 500 em terra-cota, 74 de bronze, 83 de chumbo, e uma de bronze dourado. O maior numero de estatuetas de bronze teem inscripções.

A polychromia monumental em França tem-se desenvolvido com grande acceitação, e o specimen mais importante pela grande superficie que occupa, como pela belleza da composição e esmero do trabalho, são as abobadas da escada nobre *Daru* no museu do Louvre.

A decoração dos mosaicos d'estas abobadas indica uma especie de historia da arte pela evocação de todas as escolas representadas n'este grandioso museu.

Nas abobadas *pendentes* são representadas as cidades symbolisando as escolas ou as grandes epochas da arte grega: Corintho, Athenas, Mileto, Selinonte; no frizo, os medalhões de Phidias, Praxiteles, Ictinus, Apelles, e os nomes de Menésicles, Nicias, Callimaco, etc. Os dois arcos-abobadas serão destinados, um ao Egypto e á Assyria, o outro á arte Romana. O espaço central será destinado para o Renascimento. O maior zimborio elliptico recordará principalmente a Italia, — Florença, Roma, Veneza e Milão; nas abobadas pendentes, os medalhões de Raphael, Miguel Angelo, Ticiano e Leonardo de Vinci, e os nomes de Donatello, André del Sarto, Palladio. Os grandes arcos das abobadas pendentes pertencem a Flandres e Hespanha, os dois pequenos zimborios a Allemanha e Inglaterra. Os dois ultimos zimborios e o grande arco da abobada pendente representarão a arte franceza, dos pintores do XVI, XVII e XVIII seculos, ficando o arco central para a escola moderna.

A superficie que terão estes mosaicos é de 1766 metros quadrados; cada decimetro quadrado precisa, termo medio, de 90 a 120 cubos de esmalte: será o total quasi de 12 milhões de cubos para esta decoração colossal!

1887. Typ. Franco-Portugueza Lisboa.

SÉRIE 2.ª ANNO DE 1888 TOMO V

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:
Periodo oigival — Architectura do XIII seculo (Continuação) — pelo sr. J. P. N. da Silva ..... Pag. 177
Exposição Industrial Portugueza — pelo sr. Possidonio da Silva ..... » 181
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:
Pontes romanas em Portugal — pelo socio o sr. Dr. Abbade Pedro Augusto Ferreira ..... » 181
Memoria de Archeologia — pelo socio o sr. Dr. Elmer Reynolds ..... » 184
Explicação da estampa n.º 85 — 9elo sr. Possidonio da Silva ..... » 188
Resumo elementar d'archeologia christã (Continuação) — pelo sr. Possidonio da Silva ..... » 189
Chronica ..... » 190
Noticiario ..... » 191
Necrologia ..... » 192

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

PERIODO OGIVAL

ARCHITECTURA DO XIII SECULO

(Continuado do n.º 9 pag. 136)

As abobadas com artezões, os contra-fortes, e as ogivas, nas suas proporções e relações reciprocas, foram pois os elementos caracteristicos d'essa architectura.

Em toda esta nova disposição era natural supprimir ou transformar uma das fórmas principaes da architectura de volta inteira: queremos fallar da absis, d'essa semi-calote espherica, que coroava a extremidade oriental, a parte do monumento, onde era o logar do altar-mór. A introducção da abobada de barrete tinha já feito applicar, em alguns monumentos, a volta inteira no final do XII seculo e artezões nas abobadas, cujo resultado foi a substituição da fórma espherica para cobrir a capella-mór com uma outra fórma tendo varios lados, isto é, com uma fórma polygonal. No XIII seculo esta fórma veiu a ser geral nos monumentos, e de tal sorte mesmo que a capella-mór não era mais senão uma cousa á parte, com uma apparencia particular e independente do resto do edificio; porém o seu limite de feitio polygonal pertencia ao systema geral da nova construcção; pois ficava confundida com o resto, e então fazia uma parte separada da mesma construcção.

Acabámos de apreciar o nascimento da estructura geral da creação architectonica do XIII seculo; notámos qual era a sua differença comparada ao estylo de volta inteira. Occupando-nos agora dos seus detalhes architectonicos, descobriremos egualmente uma transformação total.

Já se tinham esquecido as tradicções da architectura antiga no XIII seculo. Os edificios levantados n'essa época teem uma physionomia tão original, todas as partes formam um conjuncto tão homogeneo, que parece ser o resultado d'uma arte inteiramente nova. Todavia, recordando-nos das observações que fizemos quando tratámos da origem do estylo ogival, conhece-se que este estylo procedeu directamente, por uma serie de metamorphoses, do estylo romã. Se na classificação dos monumentos da idade média se introduziu um estylo de transição, foi precisamente porque a ogiva tinha sido empregada em concorrencia com a curva da volta inteira, e porque egualmente a sua apparição coincide, repetimos outra vez, com varias innovações architectonicas, como o emprego das arestas das aboba-

das e dos arcos botantes, cujo systema se aperfeiçôa cada vez mais, e a nova applicação de ornamentos imitados da flora nacional.

N'este novo periodo a architectura progride rapidamente pelas transformações que se succedem sem interrupção. A arte do XIII seculo não era, como já dissemos, a continuação do desenvolvimento da arte do XII. Devemos notar, porém, que certos paizes adiantaram-se e caminharam mais rapidamente; emquanto outros seguiam apenas o exemplo, acceitando só um pouco mais tarde essas innovações, como aconteceu em Portugal.

Devemos fixar na memoria certas disposições que facilitaram a classificação dos edificios d'esta época, e comparar a differença com o periodo antecedente; comprehendendo estas alterações no XII seculo ser o côro da egreja mais comprido comparativamente á nave. Prolongam-se tambem os lados collateraes á roda do santuario, e as capellas se dispõem em roda do côro como uma irradiação do tabernaculo. Estas disposições que haviam já apparecido no XII seculo, como referimos, são mais frequentes no XIII seculo. Em alguns grandes edificios apparecem mesmo 4 naves lateraes, que rodeam a capella-mór. Esta egualmente se estende muito mais do que as outras lateraes, é geralmente consagrada a Nossa Senhora. Este uso, que principia no XIII seculo, foi depois universalmente seguido no XIV.

O apparelho da construcção não é empregado com grandes dimensões. Todas as fiadas não tem egual altura, mas as pedras de cada fiada são da mesma largura; todavia este apparelho está bem apropriado ás esplendidas construcções d'aquella época.

Considerando agora os differentes elementos da sua ornamentação, acharemos que as molduras são mais salientes e circulares do que as que se executavam antes. Nas folhagens que ornavam as cornijas e os capiteis, todas as reminiscencias gregas e bysantinas são desde então banidas.

Os artistas não se servem mais para as suas composições senão dos modelos tirados da natureza, escolhendo-os na flora indigena. Estas copias são feitas com todo o discernimento, variadas e engraçadas, e tendo o caracter sempre o mais monumental. As folhas do trevo apparecem sobre as paredes lisas, esculpidas em concavo, bastante profundo, ou são representadas nos toros salientes. Os ornatos de configuração de baculo são collocados sobre os frontões, nas arestas das pyramides, tambem sobre ás cornijas e em algumas outras partes do edificio, principalmente na parte externa. A sua fórma é sobre o comprido, tendo no extremo um envazamento representando umas vezes um pequeno florão, outras uma folha enrolada de feitio de voluta, ou então fica limitada por imitação de cabeças humanas. Posto que esta fórma de ornato tivesse já apparecido no fim do XII seculo, elle pertence mais ao periodo do XIII seculo. Os baldaquinos que cobrem as estatuas coroando-as, são compostos de diversos modos; muitas vezes assemelham-se ao feitio de uma cidade, e se denominam *Jerusalem Celeste*. Os coruchéos compõem-se de uma arqueadura, tendo para remate uma agulha pyramidal com os seus ornamentos de fórma de baculo *(crochet)*: estes coruchéos geralmente ornam os contra-fortes, e servem tambem para consolidar a construcção, como a seu tempo explicaremos.

Examinando o interior dos edificios d'este mesmo periodo, notaremos que os pilares transformam-se cada vez mais para se moldarem ás exigencias da nova construcção. As columnas, cuja altura não é determinada, como acontece nas Ordens da architectura classica, pelo seu diametro, elevam-se conforme requerem as outras partes aonde são applicadas. Ha muitas que se erguem desde o solo até ás abobadas para sustentar as arestas dos artezões; contendo talvez 30 vezes o seu diametro na altura; todavia não têem apparencia delgada, porque estão postas em grupos, enfeixadas, e por este motivo a vista comprehende que, estando envoltas nos pilares, não são só para sustentar o pezo que se apoia sobre ellas. Ás vezes tambem ha columnas completamente soltas, com uma tal elevação, que só por si não teriam as precisas condições de estabilidade, porque uma columna isolada tendo a mais 12 vezes o seu diametro em altura, não terá as condições sufficientes de estabilidade, mas se n'este caso se conservam solidas é porque o seu capitel supporta esse peso. As columnas *monocylindricas* são muitas vezes collocadas em roda do côro, para que a construcção fique mais desafrontada e a vista possa abranger melhor a perspectiva, e ao mesmo tempo facilitar a circulação. Em todas as outras partes do edificio as columnas formam grupo, composto de um numero maior do que era aquelle que se applicara antes.

N'esta época de perfeição da architectura ogival todos os membros do edificio indicam visivelmente o motivo da sua applicação: sob este ponto de vista, é o capitel um objecto muito interessante para estudo.

Os gregos serviam-se do capitel como d'um ornato necessario interposto entre o peso do entablamento e o fuste da columna. No XIII seculo, era o capitel muito mais indispensavel, para que podesse receber os artezões da abobada e ligal-os com o fuste da columna, sendo muito menos largo que todos reunidos esses artezões: portanto todas as partes que compõem a architectura ogival do XIII seculo, foram perfeitamente dispostas para satisfazerem a essa importante necessidade. Toda a ornamentação do capitel foi combinada com egual acerto e a mes-

ma previsão. Uma fertil vegetação nasce do pilar e se estende sobre os arcos da abobada para n'elles se apoiarem e sustental-os. Entretanto as transformações se operam com tanta rapidez, que para fazer uma justa ideia do caracter d'esta ornamentação, é preciso fixar-se o periodo em que ella teve logar, pois foi de limitada duração. Quando os espiraes perolados e o uso da representação de figuras de animaes phantasticos ficaram postos de parte, uma flora de convenção se desenvolveu á sua maneira. Os esculptores, por estarem costumados a trabalhar constantemente nas egrejas, parece terem conservado uma unica lembrança da natureza vegetal; conheciam as verdadeiras regras das suas variadas especies, porém, não tendo esses modelos patentes, e havendo contemplado com mais attenção a folha de trevo, posto que dessem a esta folha 5 ou 7 lobulos, só com esta folhagem compunham disposições as mais variadas.

A vegetação que se desenvolveu espontaneamente sob o cinzel do esculptor do XIII seculo, moldava-se maravilhosamente ás configurações, que tinham a satisfazer: ainda que não imitassem nenhuma planta especial, parece comtudo terem seguido uma marcha natural da vegetação.

No começo da sua applicação, as suas fórmas são indecizas; as folhas parecem reviradas sobre si, similhando-se a uma florescencia ainda incompleta, como se fosse uma planta que não estivesse completamente desenvolvida. Pouco tempo depois as folhas são maiores e apresentam um contorno angular; o que indica mais firmeza na execução, apparecendo nas suas composições cachos de fructos, como para annunciar que a planta já chegou ao seu sazonamento e obteve todo o seu vigor. A esculptura conserva então alguma cousa de monumental, e symetrica, na sua vigorosa vegetação, sendo capaz de resistir aos rigores das estações pelo trabalho da sua execução. Os artistas, no meado do XIII seculo, copiaram as folhagens com uma exactidão maravilhosa, que se deve já tomar como o principio da decadencia d'este estylo; as fórmas geraes começam a ser confusas, as folhagens então já não eram mais um enfeite necessario para a solidez do capitel, vindo a ser uma decoração arbitraria e sem fundamento. O capitel passa ainda por outras transformações mais importantes que as das folhagens. Nos pilares aonde as columnas se multiplicam com os artezões da abobada, vêem-se primeiramente capiteis differentes e proporcionados aos diametros das columnas, porém depois esses capiteis se transformaram de muitos em um unico.

Estava reservado ao XIII seculo o aperfeiçoamento da base da columna, tanto pela composição das molduras, como pela delicadeza do trabalho. Deve-se notar em primeiro logar uma regra geralmente seguida, a de não deixarem superficie alguma horisontal lisa, apresentando sempre transições entre a linha vertical e a linha horisontal: esta regra era sempre observada não sómente para a base da columna, como para todos os pontos de apoio do edificio.

Emquanto á sua composição, a base da architectura ogival do XIII seculo lembra o feitio da base attica; o socco toma fórma octogonal, deixando sobrepôr um pouco o tóro inferior; algumas vezes os angulos do socco estão cortados, e as saliencias das molduras apparecem sustentadas por pequenas misulas. Quando as columnas estão enfeixadas, as bases parciaes multiplicam-se por cima do socco principal.

A ogiva tomou, n'este periodo, na abertura das arcadas, maior elevação, que nunca mais teve, pois no XIII seculo o arco é muitas vezes alteado por duas linhas perpendiculares. Os arcos n'esta época são unicamente ornados de molduras, porém bem assignalados.

Quasi geralmente nas egrejas de alguma importancia, se abriam galerias por cima das arcadas das naves lateraes, as quaes se denominavam — *triforium*. — No XIII seculo, o *triforium* é formado por um corredor bastante estreito, unicamente para dar passagem, apresentando sobre o circuito da nave principal, uma correnteza de arcadas, as quaes ficavam collocadas geralmente no numero de 3 em cada vão de abobada.

As janellas do *clerystereo*, sem serem inteiramente estreitas, não obstante são esguias; esta fórma aguda faz lembrar um pouco a ponta de ferro de uma lança, o que deu logar a chamar-se á fórma d'essas janellas o nome de *lancetas*, denominação de que alguns archeologos se servem para designar o estylo d'esta época.

Nas grandes cathedraes, as janellas estão divididas por seguintes de pedra mui delgadas, que terminam em fórma ogival e em florão. As janellas, com esta decoração, geralmente produzem um effeito magnifico e elegante; pois sobre esses seguintes, põem-se-lhe curvaduras multiplicadas, e piraretes delicados.

São as abobadas a parte mais importante do edificio ogival, como já indicamos; fica-lhe subordinado tudo mais pertencente á construcção dos monumentos do XIII seculo: e para se fazer uma ideia perfeita d'esta condição, é preciso estudar todas as partes de que se compõe o edificio, os pilares, os contra-fortes, os botaréos; examinando toda a estructura d'uma d'essas magestosas cathedraes, por exemplo, a egreja da Batalha, posto que de era mais recente, ou a Sé de Braga; sómente se poderá então comprehender qual a sciencia e a pericia com que estão executadas essas abobadas tão bem equi-

libradas, firmadas sobre os seus delgados pontos de apoio e com que arrojo foram lançadas a tão consideravel altura. Estas abobadas são construidas com peças de pequenas dimensões, já de caso pensado, pois, se tivessem maior volume, teria sido mais difficil collocal-as; álem de lhe augmentar muito mais o peso, não offereceriam tanta resistencia.

Os feixos ornados das abobadas n'esta época são muito applicados, e executados com bastante mão d'obra; quando representam personagens, o seu desenho é mais correcto e gracioso que os esculpidos no seculo precedente. No principio do XIII seculo costumam pintar esses feixos das abobadas, mesmo quando o resto do edificio não tem pintura alguma, do que ha exemplo na antiga capella de Nossa Senhora da Oliveira em Santarem e na capella-mór da igreja de S. Thiago em Almada. O primeiro edificio é da era 1222, depois de servir de praça de touros, foi arrazado para se construir uma prisão. E' assim que se dá apreço ás antiguidades nacionaes!!! Este uso foi seguido nos seculos seguintes; e tambem por esta occasião se collocaram brazões sobre essas pedras que serviam de feixos ás abobadas; como tambem havia na mesma capella de Nossa Senhora da Oliveira.

O exterior do edificio era a parte do monumento mais enriquecida de esculpturas. Geralmente tem na fachada principal tres portaes, onde ha grande numero de curvaduras collocadas sobrepostas umas ás outras, e descançando sobre pequenas columnas. Entre essas columnas vêem-se estatuas, tendo por cima um tendilhão no qual apparecem representados os apostolos, os patriarchas, os prophetas, etc. Algumas vezes sobre o pilar que separa o portal em duas entradas, collocam a imagem de Jesus Christo com o livro da escriptura aberto e lançando a benção. Sobre o tympano e as arcaduras da fachada estão representados differentes assumptos religiosos.

O oculo da fachada, assim como os do cruzeiro, são muito mais desenvolvidos e compostos de ornatos com fórmas diversas, o que não se havia executado no XII seculo; mui principalmente depois da segunda metade do XIII seculo, em que appareceram os mais elegantes.

Vêem-se ainda ás vezes nas fachadas, postas sobre varias linhas, galerias com muito lavor. Essas galerias quasi sempre têem balaustrada para facilitar a circulação na parte superior do edificio, e muitas vezes servem para ter grandes estatuas, como ha nas cathedraes de Nossa Senhora de Paris e de Amiens.

O contra-forte era o meio mais essencial para dar impulso ao desenvolvimento do systema ogival. Foi a parte da construcção que exigiu mais estudo; e tanto assim, que custou no principio bastantes experiencias infructuosas. Mas tambem, quando este difficil problema ficou resolvido, poderam os edificios apresentar a maior magestade, bem como a ousada temeridade na excessiva altura d'essas cathedraes.

Ao principio o botareo e o arco de encosto ficavam escondidos na grossura da parede das naves lateraes, como já mencionámos. Porém já nos ultimos annos do seculo XII, os architectos não tiveram duvida em os deixar apparentes. A maior difficuldade consistia em achar um ponto resistente para contramurar. Desde o principio os arcos butantes eram formados por um quarto de circulo, oppondo-se ao esforço pela sua propria resistencia, e tambem pelo seu proprio peso, pois carregavam sobre os pilares internos do edificio. Passado algum tempo o emprego do arco-gigante foi mais bem applicado; tinham-o augmentado para fórmar uma curva de maior desenvolvimento, e por este modo não offerecia sómente uma força passiva, mas egualmente uma força activa: por quanto recebia uma parte do peso da abobada, e assim alliviava outro tanto os pilares postos na parte interna do edificio. As outras difficuldades foram vencidas com egual exito.

Do aperfeiçoamento do botareo e do arco-gigante resultou ficar todo o edificio construido com mais leveza. O peso das abobadas estando por esta maneira dividido, e lançado principalmente sobre os pilares externos do monumento, poderam sem receio os architectos do XIII seculo abrir janellas bipartidas nas paredes do rinção das abobodas; ficando na parte interna toda a construcção reduzida unicamente a pilares delgados, porém resistentes pelo pezo que sustinham, e firmadas verticalmente por causa do equilibrio estabelecido entre o encontro da abobada e a resistencia dos arcos-gigantes.

A decoração com que ornavam os contra-fortes, não era por simples enfeite, mas sim por fazer parte essencial da construcção, como se observa em todos os outros pontos da edificação; foi resultado da intelligencia e saber do artista para obstar a que o arco gigante cedesse por não achar sufficiente apoio contra a extremidade do pilar do mesmo gigante, que augmentaram o cume d'esse pilar, ficando o peso d'essa nova construcção disfarçado por um campanariozinho, ou por um corucheu enfeitado com todos os ornatos da época.

Seria infundado chamar barbaros a estes architectos do XIII seculo, em que as suas portentosas obras indicam tanto saber e talento; portanto não devemos ser echo da injusta offensa feita ao merecimento de artistas tão habeis e devemos repellir o ultraje feito á sua memoria; pois se o estudo da archeologia se houvesse divulgado ha mais tempo, teria evitado o erroneo conceito d'aquelles que por ignorancia julgaram mal da arte que não entendiam.

(Continúa)

J. P. N. DA SILVA.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Ficará registado no XIX seculo mais um facto importante na historia contemporanea de Portugal: é o da exposição que em 7 de junho corrente foi inaugurada em Lisboa na Avenida da Liberdade, sob a presidencia de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz, acompanhado pela Familia Real.

Se as principaes nações mais adiantadas na civilisação teem, por mais de uma vez, curado de expôr qual o progresso de sua industria e o augmento de sua riqueza agricola, o que é facilitado pelo grande desenvolvimento intellectual e pelos recursos de nações poderosas, alcançando captar admiração dos estranhos e louvores universaes, é natural e justo que um pequeno Estado, embora lhe faltem essas essenciaes condições, surja explendido apresentando uma exposição geral de sua industria que possa merecer a apreciação publica em todos os seus ramos de trabalho, e este com apurado esmero e reconhecido progresso dos seus productores. Será sem duvida para causar ufania á Nação um tão util resultado obtido no nosso paiz e merecerá encomios dos outros povos illustrados.

Mas se a patriotica e benemerita Associação Industrial Portugueza tambem não tivesse tomado a resolução de realisar este nobre certamen, ainda ficaria por muito tempo ignorado em Portugal, e fóra d'elle, o aperfeiçoamento que os seus industriaes teem attingido: portanto, emboras e repetidos emboras sejam dados á illustrada Associação, e egualmente ao seu mui sympathico socio-presidente o sr. Conselheiro João Chrysostomo Melicio, que pela sua perseverante direcção, intelligencia e zelo, conseguiu uma tão importante exposição, a qual deve dar maior impulso ao progresso da industria.

Congratulamo-nos pois com os nossos compatriotas por tão notavel acontecimento de regosijo e credito nacional.

POSSIDONIO DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RECTIFICAÇÃO

PONTES ROMANAS

Por ter sahido incorrecta esta noticia no numero antecedente d'este Boletim, é publicada novamente conforme a redigira o seu illustrado auctor.

A REDACÇÃO.

PONTES ROMANAS EM PORTUGAL

Os romanos deviam construir, e com certeza construiram, no chão hoje denominado *Portugal*, muitas pontes nas suas differentes e esplendidas estradas militares, ou de 1.ª classe, e nas de 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, pois além das estradas militares, por onde moviam os seus exercitos e nas quaes havia postas muito bem montadas, tiveram como era natural que tivessem outras muitas estradas secundarias para serviço dos povos intermedios, estradas menos luxuosas, algumas das quaes nem eram calçadas de pedra.

Ora sendo o chão de Portugal cortado por tantos rios e ribeiros, forçosamente se haviam de construir, para passagem d'elles, muitas pontes das quaes hoje muito poucas existem, authenticas do *povo-rei*, não tanto porque desabassem com o peso dos seculos, pois as pontes construidas pelos romanos eram quasi todas de cantaria e muito solidas, mas porque foram destruidas pelas guerras d'exterminio que ensanguentaram a peninsula desde aquella data até os nossos dias, já durante a invasão dos *barbaros do norte* e nas luctas entre estes e os romanos, — já nas guerras incessantes d'aquelles barbaros entre si, até que se constituiu a monarchia visigothica, — já no periodo calamitoso da invasão dos mouros e das luctas e guerras que durante seculos se feriram n'este solo entre os mussulmanos e visigodos uns contra os outros, e depois nas sangrentas guerras intestinas dos mussulmanos contra os proprios mussulmanos, e dos godos contra os proprios godos até se constituirem os reinos da Galliza, Leão, Castella, Navarra, Aragão e depois Portugal — e por ultimo nas guerras que se feriram até se fundirem estes reinos da peninsula nos dois que hoje por mercê de Deus existem.

Tambem se destruiram em Portugal muitas pontes ainda no 1.º quartel d'este seculo por occasião da guerra peninsular.

Do exposto se vê que das pontes construidas pelos romanos poucas e muito poucas devem hoje existir, embora se digam romanas pela tradição, ou porque o affirmem os antigos geographos, ou por que assim o faça crer o aspecto de ancianidade que apresentam, pois é certo que muitas foram construi-

das pelos godos, outras pelos arabes, outras pelos reis de Leão, Navarra, Aragão, Castella e Galliza, e outras pelos nossos reis desde os principios da nossa monarchia.

A primeira ponte de que ha memoria, construida sobre o Douro, data do tempo de D. Affonso Henriques, e talvez que fosse projectada e principiada muito antes, pois o documento mais antigo que prende com a dita ponte é o testamento d'aquelle rei, no qual se encontra um legado em favor d'ella. Não se sabe ao certo se chegou a ultimar-se, mas no seculo XVI estava ainda imponente, como o diz o conego tercenario de Lamego, Ruy Fernandes, na sua «Descripção do terreno em volta d'aquella cidade duas leguas», e d'ella se veem ainda hoje claros vestigios — grossos fundamentos d'alguns pegões — no ponto do Piar, no leito do Douro, entre a freguezia de Barrô, concelho de Rezende, e a freguezia de Barqueiros, concelho de Mesão-Frio. Houve tambem outra ponte sobre o rio Teixeira, junto de Mesão-Frio, a menos de 1 kilometro de distancia para oeste, ponte da qual hoje apenas resta a memoria e que existiu sobre o mencionado rio no ponto ainda hoje denominado *Ponte Henriques*, como eu disse no *Portugal antigo e moderno*, artigo *Villa Jusã*, em cuja circumscripção esteve.

Tambem a rainha D. Mafalda, esposa d'aquelle rei, mandou construir a actual ponte de *Canavezes* sobre o Tamega, ponte que originariamente foi romana.

São estas as 3 pontes mais antigas de que tenho conhecimento, construidas pelos nossos reis.

Das nossas pontes actuaes apenas me consta que foram construidas pelos romanos as seguintes:

1.ª — Ponte de Chaves. Tem alguns arcos soterrados na margem direita do Tamega e depois do meado d'este seculo foi alargado o taboleiro superior, mas todos os seus arcos parecem os primitivos.

O Tamega hoje não tem outros vestigios de ponte romana, pois a de Cavez, em Celorico de Basto, segundo se suppõe, foi mandada construir por frei Lourenço Mendes no seculo XIII.

A ponte actual de *Amarante*, que é de bom granito e uma das mais solidas e mais luxuosas do nosso paiz, foi mandada fazer por D. Maria I em 1790 em substituição da que fez S. Gonçalo pelos annos de 1260, segundo se suppõe, e no mesmo sitio onde estava a outra ponte mandada fazer pelo imperador Trajano, era de 106 annos antes de Jesus Christo.

Ponte de *Alvarenga* sobre o rio Paiva, a leste da villa d'Arouca.

No artigo Alvarenga o meu antecessor, guiando-se pelo que se lê n'outros auctores, disse que a mencionada ponte foi mandada fazer tambem pelo imperador Trajano, era de 110 annos antes de Jesus Christo; — que era obra do mesmo mestre que fez a ponte hespanhola d'Alcantara — e que estava ainda tão bem conservada como se fosse feita ha 10 ou 12 annos!

A pequena distancia da dita ponte existia effectivamente outra muito antiga.

A ponte actual é dos fins do ultimo seculo. Foi principiada a sua construcção pelo bispo de Lamego, D. Manuel de Vasconcellos Pereira, mas fallecendo em 1786 quando a ponte se achava ainda por concluir, foi concluida por ordem da rainha D. Maria I (Alvará de 15 de fevereiro de 1791) por meio de derrama lançada sobre as comarcas convisinhas — Lamego (provedoria) e Feira (ouvidoria).

Tenho sobre a minha meza de estudo os proprios autos da arrematação das obras da conclusão que montou a 3:300$000 réis, dos quaes a provedoria de Lamego pagou 2:300$000 réis e a ouvidoria da Feira 1:000$000 réis.

Nos mesmos autos se vê ainda a planta que serviu de base de arrematação, indicando a côres differentes a parte que já estava feita e a que devia fazer-se.

Prosigamos:

2.ª — Ponte de *Perozello* na extincta freguezia d'este nome, sobre o Cavado [1].

É considerada romana; tem 12 arcos, e fazia parte da estrada da Geira.

3.ª — Ponte de *Caldellas*, na freguezia d'este nome, concelho de Amares, comarca de Villa Verde, sobre o rio Homem, affluente do Cavado.

Tem 3 arcos e é tambem considerada romana. O arco maior tem de abertura $13^m,14$ e de altura $13^m,8$; comprimento do taboleiro $34^m,8$; largura $2^m,63$.

4.ª — Ponte da *Misarella* sobre o rio d'este nome ou Regavão, confluente do Cavado, concelho de Montalegre.

É antiquissima e considerada romana tambem, mas foi em parte reconstruida nos principios d'este seculo.

Está firme sobre 2 grandes rochedos e tem um só arco, mas imponente, com 13^m de abertura e grande altura.

5.ª — Ponte de *Mirandella* na villa d'este nome em Traz-os Montes, lançada sobre o Tua.

É uma das primeiras pontes de Portugal no seu genero; tem 19 grandes arcos hoje, formando um taboleiro de mais de 100^m de comprimento em recta, — e foi romana, mas tem soffrido em differentes datas differentes reconstrucções parciaes, datando

[1] V. *Cavado* no Port. Ant. e Mod.

do seculo XVI uma das reconstrucções mais importantes.

Tem arcos de diversos estylos correspondentes ás diversas reconstrucções.

Os mais achatados e de maior abertura estão na margem esquerda; são os mais antigos e um d'elles ameaça ruina e demanda reconstrucção em praso breve.

Não sei se algum dos ditos arcos será ainda romano.

Talvez sejam tambem romanos alguns arcos que tem soterrados na margem direita do Tua.

6.ª — Ponte de *Sôr* no Alemtejo.

Alguem diz que esta ponte é ainda a ponte romana que estava na antiga estrada militar de Lisboa para Merida, lançada sobre o rio *Sôr*.

7.ª — Ponte Cavallar sobre o rio Sermanha confluente do Douro, a leste e no concelho de Mesão-Frio, entre as povoações e freguezias de Cidadelhe, antiga cidade romana, e Oliveira.

É ponte antiquissima; alguem diz ser tambem romana — e é certo que nas suas convisinhanças tiveram demorada residencia os romanos como provam as muitas moedas, tijolos e outras velharias romanas que por ali se teem encontrado. Ainda este anno d'ali me enviaram um tijolo romano de enorme espessura e grande pezo. Póde vêr-se no nosso Museu Commercial e Industrial do Porto.

A dita ponte estava na estrada romana do Perto para Panoias e Lamego por Mesão-Frio e Cidadelho.

8.ª — Ponte de *Segura*, na Beira Baixa, sobre o rio Elga, confluente do Tejo.

É internacional, considerada tambem *romana*, e está ainda muito solida.

9.ª — Ponte da *Pedra* sobre o rio Leça, na estrada real do Porto para Braga.

É muito antiga e tambem considerada *romana*; está em ruinas e abandonada, e foi substituida por outra, quando se fez a nova estrada a macadam no no meado d'este seculo.

—

Já que estamos fallando de pontes fallemos tambem do material de construcção d'algumas.

Cá pelo Norte as nossas pontes antigas eram quasi todas de granito, mas conheço duas de schisto, talvez dignas de especial menção.

Encontra-se uma d'ellas sobre o rio Temi-Lupus, na Foz-de-Mil-Lobos, cerca de 4 kilometros a montante da Regoa, na freguezia e concelho de Armamar e na estrada marginal do Douro (margem esquerda).

Foi feita pela extincta companhia dos vinhos nos fins do ultimo seculo e é toda de formosa *cantaria de schisto*, inclusivamente o arco de bastante altura. Quando o nosso governo depois de 1855 mandou fazer a estrada marginal da *Regoa* até á *Pesqueira*, os engenheiros acharam tão solida e tão bem acabada a dita ponte que a conservaram intacta. Apenas a altearam alguns metros sem tocarem no antigo arco. É uma das nossas pontes mais solidas e talvez *a unica de cantaria de schisto*.

A outra está no concelho, freguezia e termo de Villa-Nova-de-Foscôa, no sitio e ribeiro do Valle, na antiga e horrorosa estrada que da barca do Pocinho (hoje estação d'este nome) conduzia para Foscôa, Marialva, etc. e é formada unicamente por dois enormes pranchões de schisto medindo cada um 1,^{m}20 de largura e 8^{m} de comprimento!

Foram cortados em uma pedreira talvez tambem *unica* no seu genero em todo o nosso paiz.

E' uma rocha massiça de schisto duro como aço e da qual os montantes podem cortar pedra com as dimensões e espessura que bem lhes aprouver! Assim tiraram d'ali aquellas duas colossaes pedras e podiam dar-lhes maiores dimensões ainda, se fôra possivel movel-as por caminhos tão desgraçados como eram os de Foscôa *in illo tempore!* Tambem forraram litteralmente com grandes pranchões da mesma pedra a cadeia actual da villa, o pavimento, as paredes e o tecto!

Ficou á prova de fogo e segurissima, porque as pedras não teem juntas. São todas grandes monolithos que tomam todo o vão das paredes e do tecto da cadeia, sendo impossivel aos presos deslocarem-n'as.

Não ha em Portugal outra cadeia tão segura!...

Occupa o *rez-de-chaussée* dos novos paços do concelho onde funcciona tambem o tribunal judicial etc. e da mesma pedreira podem cortar pequenas e delgadas pedras, como se veem na mesma villa de Foscôa, formando *sobrados* e balaustradas de varandas.

Ha tambem no Alto Douro na região do *Port-Wine*, outras muitas pedreiras de bello schisto, de onde se extrahem grandes pedras. Assim se vê em muitos lagares tampos enormes de 6 a 7 metros de comprimento, 1 de largura e 0^{m},2 de espessura-nomeadamente na quinta do Ferrão (junto da esta, ção actual do mesmo nome) pertencente á nobre familia Pessanhas.

As ditas pedras foram cortadas cerca de 4 kilometros a montante na povoação de Donello, aldeia da freguezia de *Covas do Douro*, concelho de Sabrosa, districto de Villa Real de Traz-os-Montes.

São os maiores tampos de schisto que ha em todas as quintas do Alto Douro.

Nós tambem ali temos uma quinta, a quinta do *Campo Velho*, na outra margem (esquerda) do Douro e no valle e margem (direita) do Tedo, onde em uns lagares mandados fazer por meu pae se vêem tampos de schisto com 27 palmos de comprimento! Foram cortados a menos de 200 metros talvez de distancia da casa da mesma quinta.

Uma ponte tambem notavel e unica em Portugal é a ponte de Aivados, ponte natural, formada pelo rio Arcão, que nasce do grande olho d'agua, chamado *Borbolegão*, a 5 kilometros da villa de Grandola para N.

A dita ponte é de um só arco, especie de gruta lindissima e aberta pela natureza em um grande penedo calcareo.

—

Aproveitando o ensejo, falleremos particularmente dos rios e pontes do districto de Vianna do Castello. As tres arterias fluviaes que cortam este districto são o Minho, Lima e Neiva; a estes affluem: ao Minho o Mouro e o Coura; sobre o Oceano o Ancora e o Cabanez; ao Lima o Portuzello e o Vez.

O Neiva lança-se directamente no Oceano.

Eis em resumo o plano hydrographico para intelligencia das pontes sobre estes rios.

Sobre o rio Minho apenas ha a ponte do caminho de ferro, em Valença, concluida em 1884, e sobre os seus quatro pegões assentam dois taboleiros metallicos sahidos das officinas belgas de Braine le Conte: foi aberta em 1885 e tem 300 metros de comprimento.

A ponte do rio Mouro (na estrada de Monsão a Melgaço) [1] foi construida em 1879; é de pedra.

Sobre o rio Coura, ha duas pontes: a de Caminha, de madeira, construida em em 1838, com 432^{m}; e a de Villar de Mouros, de 3 arcos ogivaes, que recorda a parte moderna da ponte de Ponte de Lima. É portanto do meado do seculo XIV.

No rio Ancora ha 4 pontes: duas modernas; a da E. R. de Vianna a Caminha e a do caminho de ferro; as antigas são a de Abbadim, que reputo ser Manuelina [2], e a de Tourim, *primitivamente romana*, ou pelo menos construida com materiaes que eram da edificação d'aquelle povo.

A de Affife (sobre o rio Cabanez) é moderna e uma das mais bellas, cuja estampa vem no *Archivo Pittoresco* e *Minho Pittoresco*.

Sobre o rio Lima ha duas pontes de pedra: a de Ponte de Lima e a da Ponte da Barca, e a de ferro em Vianna, no caminho de ferro.

Esta foi construida em 1876 pela casa Eiffel de Paris, medindo 563 metros de comprimento, e tem tambem dois taboleiros assentes em 9 pegões. O taboleiro inferior serve para a via ferrea, ao contrario da ponte internacional de Valença.

N'um affluente do Lima, o rio Portuzello, se erguem duas pontes na freguezia de Meadella: uma na E. R. de Vianna a Ponte de Lima; é moderna; a segunda antiga e de 3 arcos, talvez do tempo dos Filippes.

A ponte de Ponte de Lima (a mais notavel do districto) é uma extensa ponte de cantaria de granito, parte em arcos ogivaes, e parte de arcos semicirculares. Esta ultima parte é considerada *romana* e consta de 7 arcos fóra hoje do leito do rio Lima, já na freguezia de Santa Marinha de Arcozello. A parte ogival data do reinado de D. Pedro I, como se lê na lapide que tem.

Nos *Estrangeiros no Lima*, vol. 2.° e no *Minho Pittoresco* se vê a estampa d'esta ponte, e no 1.° livro se lê uma extensa memoria d'ella. Tem 400 metros de comprimento.

Nas suas proximidades ainda existem marcos miliarios e passava aqui uma estrada romana de Braga para Astorga.

A outra ponte de pedra sobre o Lima é a de Ponte da Barca, mandada fazer por D. Manuel e D. João III, e reformada totalmente no seculo passado, como consta da lapide que existe no meio d'ella. Tem 200^{m} e 5 arcos, e hoje está muito arruinada.

No rio Neiva existia uma ponte considerada *romana*, que a cheia de 1876 demoliu, sendo construida outra então, que está na E. M. de Vianna a Espozende e tem 15^{m}.

No rio Vez (affluente do Lima) ha uma ponte de pedra na villa dos Arcos de Val-de-Vez. A antiga (talvez *romana*) foi demolida em 1876, para se fazer a actual que tem 4 arcos.

Sobre os regatos ha pontões sem importancia architectonica e todos modernos.

—

Ao sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me com relação ao seu districto.

O socio

ABBADE PEDRO AUGUSTO FERREIRA.

---

[1] E. R. n.° 23.
ou dos Filippes, como tenho por mais provavel.

MEMORIA DE ARCHEOLOGIA

O Dr. Elmer R. Reynolds, nosso digno socio laureado, que generosamente offereceu 1250 objectos de instrumentos prehistoricos descobertos nas proximidades do rio Choptank em Maryland, enviou ultimamente a esta Real Associação uma memoria d'esse importante achado, a qual se publica n'este numero para conhecimento historico d'esta localidade, e das circumstancias archeologicas em que foram colhidos esses bellos specimens prehistoricos. Serão sem duvida mui apreciadas pelos nossos consocios estas scientificas informações e mais nos confessamos gratos pela generosa e importante offerta que recebemos de tão illustrado collega da região do norte da America.

«O primeiro estabelecimento colonial permanente em Maryland foi fundado em 1633 na extremidade sul do estado, junto ao ponto onde o rio Potomac desemboca na bahia Chesapeake. Em vista do mappa junto notar-se-ha que esta bahia se estende para norte e sul quasi parallela ao oceano Atlantico. E observar-se-ha tambem que este grande mar interior divide a Maryland em duas partes desiguaes a que os indigenas dão os nomes de costas Oriental e Occidental. A primeira d'estas divisões abrange nove regiões e é muito mais pequena que a outra. O oceano Atlantico fórma o limite Occidental.

A segunda divisão comprehende treze regiões e estende-se para oeste até ás montanhas Apalaquias. Em virtude de uma carta patente especial, do rei de Bretanha, foi concedido a lord Baltimore levar para o novo paiz chamado *Terra-Mariæ* os catholicos adherentes que quizessem arrostar com as privações de uma região agreste e desconhecida de preferencia a permanecer na Inglaterra onde os seus privilegios religiosos eram circumscriptos por obnoxias leis parlamentares.

Affastando-se dos usos dominantes, em virtude dos quaes as auctoridades transatlanticas apossaram-se arbitrariamente dos novos dominios no continente americano, este fidalgo, por um rasgo de diplomacia tão raro como justo, fez calar para sempre todos os motivos de hostilidade dos Indios, comprando ás tribus indigenas a propria terra que o seu Rei lhe tinha conferido para sempre como prova do seu real agrado.

A venda do Maryland por seus possuidores aborigenes, embora em rigor fosse um acto voluntario, deve todavia attribuir-se ao mêdo que os Indios tinham ás hostilidades hereditarias dos Susquehannocks, tribu feroz e poderosa que habitava a região do rio Susquehannak na extremidade norte da bahia de Chesapeake.

Trinta e cinco annos depois a nascente colonia tinha augmentado por tal fórma em força numerica que foi destacada uma pequena parte de seus cidadãos para a costa Oriental com instrucções para formar um estabelecimento nas margens do rio Grande Choptank, as quaes eram ainda povoadas por muitas aldeias de Indios Choptank e Nanticok.

Póde dizer-se portanto que a nossa historia d'estes Indios começa em 1668; todavia os annaes coloniaes d'essa época conservaram tão pouco do que lhes diz respeito e esses mesmos escassos elementos estão tão intimamente ligados com os decretos legislativos da colonia que, tentando reconstruir uma historia logica da vida d'elles, o estudante de ethnologia vê-se desde logo na embaraçosa posição de formular uma hypothese pouco solida, baseada principalmente em analogias, ou de se remetter ao silencio, admittindo tacitamente — Que a historia é muda sobre este ponto.

Se os factos reaes ao meu alcance me forçam quasi a acreditar esta alternativa, por outro lado o sentimento do dever obriga-me a apresentar um bosquejo historico d'estes selvagens a respeito dos quaes, devo dizel-o, não possuo maiores conhecimentos do que os distinctos membros da Sociedade Real, a quem são destinadas estas breves notas, e por isso apresentarei um resumo das informações historicas e outras que os meus ocios profissionaes me permittiram obter.

O condado de Dorchester que tem por capital Cambridge, foi organisado em 1669.

Está situado ao sul do rio Choptank, a algumas milhas de distancia da juncção d'esse com a bahia Chesepeake. N'este mesmo anno (1669) foi publicado em St. Mary, capital da provincia, um decreto para a continuação da paz e protecção aos nossos visinhos e confederados, os Indios do rio Choptank.

Este decreto estabelece ainda que, em virtude da fidelidade dos Indios Choptank com que entregaram alguns assassinos etc., a provincia dispõe a favôr d'elles e de seus herdeiros para sempre, de todo o terreno ao sul do rio Choptank (Agua azul) limitado a oeste pela propriedade livre, agora pertencente a William Dorrington, e a leste pela Angra do Secretario Sewell [1] que seria obtida de sua Ex.ª a troco da renda annual de 6 pelles de castor. Esta provisão para beneficio dos Indios tutellados foi confirmada e fortalecida por decretos subsequentes dos poderes legislativos da provincia e do estado durante um periodo de mais de 200 annos.

A cidade de Cambridge foi fundada em 1684 no ponto então conhecido pelo nome de Survey de Daniel Jones, na margem de um affluente, largo e fundo, do rio Choptank.

Mais tarde, ainda no mesmo anno a assembléa geral augmentou os recursos municipaes da cidade convertendo-a em um dos *principaes portos de entrada da divisão* oriental do estado.

Um anno depois (em 1685) os limites da cidade eram alargados pela compra d'uma porção de terreno adjacente, que o seu proprietario John Urik tinha obtido de *Absco*, chefe da tribu Choptank [2].

Antes de 1684 tinha existido uma aldeia India no sitio do Cambridge e pela sua favoravel posição e pelos enormes ossarios proximos parece provavel que tenha sido séde da principal tribu. Referencias ulteriores dos annaes coloniaes e algumas informações tradiccionaes que o tempo conservou, revelam

---

[1] Hoje chamada Angra do Secretario.

[2] A primitiva compra de Maryland aos proprietarios indigenas permittiu-lhes ficar sob tutella e conferiu-lhes o uso e direito de dispôr de certos tractos de terreno, valiosas pescarias, etc.

que os Indios Choptank e Nanticok [1] eram numeroros e poderosos, embora vivendo sob o dominio colonial. As suas principaes occupações eram a caça, a pesca e a pratica de uma especie de agricultura rude e desordenada que parece não ter sido melhorada pelo contacto com os Europeus.

Depois de ter sido um povo necessariamente semi-guerreiro, alcançaram por fim um periodo de paz domestica sob a protecção de provincia.

Uma prova das disposições desusadamente pacificas d'estas tribus deduz-se do facto de nunca tomarem desforço por meio das armas contra os colonos que repetida e systematicamente lhe usurpavam direitos sub-territoriaes que a assembléa provincial tinha julgado necessario conceder-lhes.

Que o governo da colonia desejou sustentar as mais variadas convenções com os Indios é facto de que não póde duvidar-se; todavia como a imposição das leis foi confiada a officiaes que não eram superiores a tentações especulativas, estabeleceu-se um libello judicial que constituiu um gravissimo precedente para todos os negocios ulteriores com os pupillos nacionaes.

O maior aggravo adduzido por estes Indios baseava-se na matança illegal da caça, que tão essencial era á sua alimentação, nos dominios que solemnemente tinham sido reservados para seu uso e onde a nenhum caçador colono era permittido entrar. Assim, apezar dos protestos suaves, mas repetidos, dos Indios, continuou a destruição da sua caça de toda a especie até que se perdeu a amizade d'estas duas tribus ou pelo menos a dos Nanticoks — todavia sob o ponto de vista de organisação politica continuavam a ser leaes aos que não o eram para com elles apezar de terem força bastante para obterem uma desforra sanguinolenta.

Em 1704, no reinado da rainha Anna, tentou-se uma reparação tardia d'estes aggravos por meio de um decreto do poder legislativo do estado que ordenava a revisão e restauração de uma grande porção de terreno no condado de Dorchester; dizendo que tinha sido illegalmente alterado o titulo que garantia aos indios a sua posse.

O preambulo d'este decreto de restituição que confirma plenamente o fundamento dos aggravos contra os quaes as tribus tinham ha tanto tempo e inefficazmente luctado, é do teor seguinte:

«Sendo sobremaneira justo que os Indios, antigos habitantes da provincia, tenham no seu paiz natal uma região conveniente para sua habitação, livre das *usurpações e oppressões dos Inglezes* e muito especialmente os indios Nanticok do condado de Dorchester que ha muitos annos teem vivido em paz e concordia com os Inglezes, e a todos os respeitos obedientes ao governo etc. etc.»

Em seguida a este exordio do certificado de boa ou má fé das altas partes contractantes, o decreto trata de pôr de parte todo o territorio contido no condado de Durchester a começar da abertura da angra de Chicchawan [1] e seguindo a mesma até ao ponto em que ella se junta ao rio Nauticok a sul.»

Este territorio foi concedido para uso commum das duas tribus e foi-lhes transmittido por intervenção de seus respectivos chefes — *Panghquash e Annotoughquank.*

Em troca d'esta concessão as tribus supra citadas eram obrigadas a pagar ao estado o tributo annual de uma pelle de castor.

Ora o tributo annual de uma pelle de castor que duas tribus de Indios tinham de pagar conjunctamente póde parecer meramente nominal aos que desconhecem estes assumptos; mas eu que tive occasião de visitar pessoalmente aquella região, sinto ter de confessar que esta renda parece ter sido generosa por isso que aquella doação comprehende nos seus limites os pantanos baixos tributarios dos rios Nanticok, Transquaking, Blackwater e Chickacomies.

N'uma palavra, esta região é o grande Paúl de Angra Negra ou como é designada na localidade «A Costa dos Mosquitos» habitada por numerosos milhões de salteadores alados, contra cujos assaltos sanguinarios ainda se não descobriu meio seguro de defeza.

É digno de notar-se que este «galante» presente de territorio não foi feito por dez ou vinte ou mesmo cincoenta annos, mas por excesso de franqueza os *joviaes* legisladores da provincia da Rainha Anna generosamente decretaram que os *gentis* selvagens e irmãos o herdariam para sempre!

N'estas circumstancias é-me permittido accrescentar que para sempre é — muito tempo.

Estimulado como estou por ardentes desejos de levantar o véo que encobre a verdadeira significação d'estas antigas transacções, devo confessar que nunca pude reconhecer se este decreto de doação foi determinado por motivos sinistros; todavia julgo-me auctorisado a suppôr que o «Problema Indio» não era menos intrincado n'aquellas remotas éras do que é hoje e que em summa os legisladores de Maryland revelaram a mais perspicaz previdencia no seu modo *machiavelico* de tratar este assumpto. Provavelmente estes «Solons» provinciaes entenderam que as doenças dominantes dos indigenas deviam ser tratadas com o remedio mais barato, mais forte que tinham á mão; e por isso esta receita do «dr. Sangrado» era nada mais nem menos do que uma

[1] A tribu Nanticok tinha antigamente residido nas margens do rio Nauticok, e mais tarde ao longo da bahia. Depois da cessão das suas terras retiraram-se para o rio Choptauk e juntaram-es aos seus alliados que usavam a mesma lingua.

[1] Hoje chamada Angra Chicone.

caiadura official *ante-mortem* dos tumulos de seus fieis alliados.

Na verdade foi esta a lei mais triste, mais astuta e mais comica que jámais emanou de uma legislatura christã.

O resultado todavia foi completamente inesperado, a não suppormos que tinha sido previsto por aquelles joviaes Machiavellos.

Os sagazes Indios rejeitaram o «*medicamento*» em que viam o seu «*epicedio*» ; recusaram-se com indignação a ser pasto das hordas aladas do pantano de Blackwater e a sua antiga amizade e lealdade em breve se transformaram em «fel e absintho».

Romperam portanto a sua alliança com o estado, e debandaram, dirigindo-se parte da tribu Nanticok para a Pensylvania onde se juntou aos seus velhos amigos os Susquehannoks e outra para New-York, onde foi recebida na afamada «Seis Nações». O resto afastou-se até ao Canadá e ahi se perdeu para sempre n'aquellas vastas florestas de tristes, sombrios e rumorosos pinheiros.

Assim desappareceu da historia humana um povo primitivo que foi fiel aos seus contractos com a nobre raça branca apezar das muitas provocações que soffriam e que em outras regiões tinham frequentemente dado logar a massacres e a uma longa série de sangrentas represalias.

Vergonha é confessal-o, mas é um facto exuberantemente reconhecido pela historia que os nossos successivos tratados com as tribus que nos eram sujeitas foram dirigidos por uma politica egualmente vil e a maior parte das nossas guerras com os Indios resultaram da nossa infidelidade com os «*Pelles Vermelhas*».

Que admira pois que elles procurassem desforrar-se se a represalia constitue a verdadeira base do seu systema politico! Demais maravilha seria que elles deixassem de responder a ferro e fogo.

Emquanto aos Indios Choptank, o seguimento mostrará que eram menos orgulhosos que os Nanticoks, que espontaneamente se haviam exilado.

Aquelles permaneceram no territorio reservado da Angra de Sewell, até 1798. N'essa data a sua força numerica achava-se tão diminuida e as suas terras tão depreciadas pela desapparição da caça que a legislatura do estado nomeou uma commissão para inspecionar a maior parte do seu dominio e expol-a á venda em hasta publica. O registro d'este processo, que ainda se conserva no palacio da Legislatura em Cambridge, mostra que esta commissão foi composta de Henry Waggaman, do juiz William B. Martin, James Steel, Moses le Compte e William Marbury.

Em consequencia dos trabalhos d'esta commissão, quasi todo o territorio Indio situado nas margens do rio Choptank passou para a posse do governo e o producto da venda foi posto de lado como fundo especial de que se pagavam prestações annuaes aos membros sobreviventes da tribu.

Muito a meu pezar pude apenas colligir alguns, poucos, factos relativos á historia subsequente d'este povo. Entretanto consegui verificar que em 1833 existia ainda uma pequena colonia de Indios Choptank em East New-market, poucas milhas acima de Cambridge no ponto hoje conhecido pelo nome de Angra dos Indios.

A sua principal occupação consistia na pesca e em trabalhos de verga.

Alguns dos mais antigos habitantes de Cambridge ainda se lembram d'elles e particularmente de um Indio que era conhecido pelo nome caracteristico de «Harry Sixpence».

Este Indio vinha periodicamente a Cambridge para trocar os seus cestos pintados por «fazenda de branco». Estes cestos eram feitos de tiras delgadas de carvalho habilmente tecidas e pintadas de vistosas côres.

Apezar de cuidadosas investigações em East New-market não consegui saber se ainda vivia por aquelles sitios algum Indio de pura raça. Entretanto podem ainda distinguir-se muitos dos seus descendentes, já de sangue mixto, por isso que se teem cruzado com a população escrava.

Durante as minhas pesquizas archeologicas por entre os campos no condado de Talbot na margem norte do rio Choptank, fui informado pelos doutores Chaplain e Hardcastle a Trappe [1] que havia quatro ou cinco annos tinha apparecido n'aquelles sitios um Indio desconhecido.

Não sabia fallar inglez, mas a sua cara de fome era mais elequente do que o inglez, hebraico, ou sanskrito.

Depois de lhe darem de comer visitou o rio na extensão de 3 milhas. Em seguida voltou e desappareceu para o lado do norte.

Suppõe-se que era um descendente de alguma das tribus dispersas que tinha vindo de algum ponto affastado para visitar os tumulos de seus ante-passados.

Um clerigo protestante, o reverendo padre Hutchin de Greensborough, condado de Kent, Maryland, informou-me durante a minha exploração no condado de Talbot que na sua viagem para aquella terra tinha encontrado muitos indios Choptank que lhe declararam que viviam proximo de Smyrna, Delaware.

A pelle d'elles era completamente escura, o cabello preto e corredio, as fórmas direitas, estatura mediana e a apparencia geral muito agradavel.

Soube tambem por este cavalheiro que em abril

[1] Séde antiga de uma missão Trappista.

de 1877 um indio Choptank tinha pregado a uma congregação de methodistas negros em Vienna, condado de Dorchester.

(Continúa).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 85

Foi no XIV seculo que se tornou geral o costume de destinar para sepulchros de pessoas illustres os sarcophagos em que se figuram as personagens deitadas sobre o marmore que cobre os seus despojos mortaes. Ha em algumas egrejas de Portugal muitos tumulos d'este genero, porém quasi todos mutilados pela incuria de quem tinha por dever, tanto religioso como civil, velar pela conservação d'estes monumentos de tanta veneração pela memoria dos finados, como pelo merecimento artistico de suas esculpturas.

Felizmente temos dois d'estes sarcophagos que estão ainda intactos em Santarem: um na egreja da Graça pertencente á illustre familia de Pedro Alvares Cabral, vendo-se as effigies do varão e de sua esposa representadas sobre um grandioso sarcophago de pedra que tem subido apreço archeologico, pois é o unico que existe sem signal de vandalismo; outro de estylo differente, mas bello pela esculptura do retabulo rendilhado que contém o tumulo, pertencente ao marquez de Vianna; isto é, encerra este mausoleo um unico dente do fallecido titular, porque, tendo sido ferido mortalmente na batalha de Alcacer-Kivir por haver acompanhado el-rei D. Sebastião á Africa em 1578, não se conseguiu encontrar depois o seu cadaver, mas possuindo sua illustre avó o primeiro dente que elle teve, mandou-lhe fazer o primoroso moimento que, devido a estar depositado em um mesquinho recinto *fechado* no claustro da extincta egreja do Convento de S. Francisco em Santarem, se conserva sem nenhuma profanação artistica nem religiosa, e é digno de ser visto e admirado pelos entendidos em bellas artes.

A estampa do presente Boletim representa um outro sarcophago que pertence á Sé da cidade do Porto e que, não obstante não ter merecimento artistico tão superior como os outros dois já citados, todavia, pela singular representação do assumpto em alto relevo, é sobre maneira muito curioso para que seja conhecido. Esteve por muitos annos occulto n'um recanto de uma pequena capella abobodada e situada na parte externa da fachada lateral da egreja, na travessa que conduz para a entrada do palacio episcopal, ficando quasi mixto com o portão da entrada d'este edificio; ignorava-se que ali houvesse essa obra de esculptura.

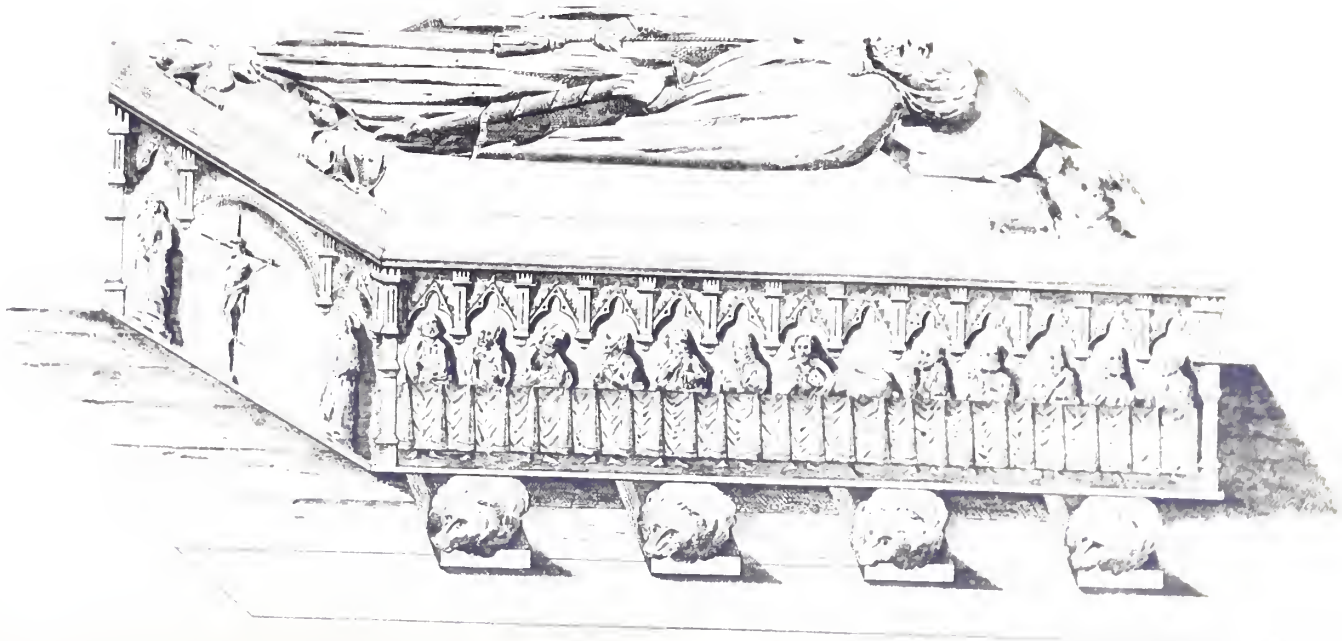
Sobre este sarcophago, que não tem epitaphio, está deitado um guerreiro vestido com armas brancas Na face principal vê-se representada em esculptura a ceia de Jesus Christo com os Apostolos: posto que não seja de aprimorada execução, ha todavia a notar-se a singular posição de Judas: collocado á esquerda de Christo, lhe passou o braço á roda do pescoço que, obrigando-o a inclinar a cabeça sobre a meza, com o aperto do collo, teve Judas que deitar fóra da bocca toda a lingua, como se fosse para patentear o seu sacrilego delicto de haver denunciado o Divino Mestre aos seus algozes.

Este sarcophago raro pela sua curiosa esculptura, é ainda hoje pouco conhecido dos habitantes da invicta cidade do Porto. Por minha causa, está agora exposto convenientemente porque, quando no anno de 1852 levantei a planta d'esta cathedral, o descobri então escondido n'um canto da capellinha referida e estando todo coberto por aparas e ferramenta de um carpinteiro que estabelecera ali a sua officina. Como estava sempre fechada a meia porta d'esta casa, ficava menos visivel da rua o tumulo.

Tendo apreciado esta esculptura pela sua composição, procurei no mesmo dia o Rev.mo Bispo, na idéa de que a podesse obter para o museu do Carmo, o que S. Ex.a julgou conveniente; mas disse-me que, pertencendo ella ao cabido, era a esse que eu devia dirigir-me; prometteu comtudo auxiliar o meu proposito. O cabido informou ao prelado, que o tumulo era pertença da Sé e por conseguinte não devia sair do edificio. O Rev.mo Bispo participou-me esta deliberação; e eu respondi a S. Ex.a louvando a resolução que o illustrado cabido havia tomado; mas *instava* para que se asseiasse o recinto, tirando-se-lhe as aparas e as teias de aranha e se limpasse a cantaria da abobada, pois estava chamuscada pelo lume quando o operario dentro d'ella derretia o grude: propuz-lhe mesmo, que seria melhor remover o sarcophago para o claustro da Sé afim de ser visto pelos visitantes nacionaes e estrangeiros. Em parte satisfizeram ao meu pedido, retiraram o carpinteiro, limparam a casa, fazendo desapparecer o chamuscado das paredes e mandaram assentar uma cancella de ferro que veda a entrada para esta capella sepulchral. Não obstante esta necessaria reforma, é pouco procurado aquelle exquisito monumento, que pertence a um antigo Bailio, o qual havia adquirido a capella para seu jazigo, sendo ainda da primitiva construcção da mesma cathedral: por tanto, por todas estas circumstancias, vem a ser este singular sarcophago uma das mais notaveis antiguidades da provincia do Douro e mesmo de Portugal.

POSSIDONIO DA SILVA.

BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes



RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTA

(Continuado do n.º 10)

A começar no VIII seculo, as pinturas a fresco das egrejas bysantinas foram muitas vezes substituidas por mosaicos e por embutidos em estuque; acabaram por ser completamente substituidas.

A influencia bysantina fez-se sentir primeiramente no começo do IX seculo e mais tarde, no fim do X. Foram construidas muitas egrejas sob a influencia bysantina dos monumentos typos.

No reinado de Justiniano (527-565) o estylo bysantino ficou definitivamente constituido com os caracteres acima definidos. Santa Sophia em Constantinopla constitue o seu typo por excellencia.

Leão, o Isauriano, prohibiu, em 726, a reproducção de qualquer figura, quer pela esculptura, quer pela pintura nas paredes das egrejas, quer nos objectos de culto. Esta prohibição, confirmada em 754, por um conciliabulo heretico, subsistiu até 842. N'este ultimo anno, depois da morte de Theophilo, ultimo imperador iconoclasta, a imperatriz Theodora substituiu os editos de Leão o Isauriano e restabeleceu o culto das imagens.

A epocha mais florescente da arte bysantina foi no X seculo e mais particularmente no reinado de Constantino Porphyrogeneta.

No XI seculo, uma serie de graves acontecimentos precipitou a decadencia do imperio bysantino e trouxe por consequencia o enfraquecimento das artes. No XIII, XIV e XV seculos, as artes continuaram a desfallecer, até que, em 1453, os turcos, apoderando-se de Constantinopla, causaram a decadencia da arte bysantina.

CAPITULO IV

SUMMARIO.—O estylo Roman desde o VIII até ao seculo X—Caracteres do estylo Lombardo — Planos das Egrejas — Cryptas — Baptisterios — Systemas de construcção — Abobadas — Pilares e columnas — Bases — Capiteis — Fachadas — Cornijas — Decoração monumental — Architectura, antes do seculo XI, nos outros estados sem ser na Lombardia: Italia central e meridional, Belgica e França — O estylo Roman durante o XI e o XII seculos — Caracter da Architectura Roman — Plano e distribuição das Egrejas — Cryptas — Baptisterios n'este seculo — Materiaes e modo de construir — Sepultura monumental — Fachadas — Portico das egrejas — Portaes — Portas e suas ferragens — Janellas e rosaceas — Maneira de resguardar da chuva as janellas e as vidraças pintadas — Absides — Pilares, columnas — Bases e capiteis — Arcadas e arcarias menores — *Triforium* — Cornijas e modilhões — Abobadas — Contrafortes — Madeiramentos — Torres — Modo de se lagearem os edificios — Pinturas muraes — Inscripções lapidares — Altares — Piscinas — Tribunas — Cadeiras do côro e a separação da capella-mór do corpo da egreja — Capellas funereas — Tumulos visiveis e occultos — Campas — Pias Baptismaes — Gradamentos — Alfaias religiosas — Calices e patenas — Custodias — Relicarios — Corôas suspensas nos altares — Lustres de fórma de corôas — Cruzes para os altares e procissões — Castiçaes e tocheiros — Evangeliarios — Capas dos livros do Evangelho — Thuribulos — Pias para agua benta — Pentes lithurgicos — Cadeiras para os sacerdotes — Baculos — Calçado lithurgico — Mitras — Tecidos bordados — Vestuarios sacerdotaes.

Periodo Roman

O periodo roman estende-se desde o VIII seculo até ao fim do XII. O estylo roman formou-se e desenvolveu-se debaixo da influencia combinada de tres elementos: 1.º, o estylo classico e latino, cujos monumentos existiam espalhados pela Europa meridional; 2.º, o estylo bysantino, cujos principios foram importados do Oriente; 3.º, o genio particular dos povos barbaros que invadiram a Europa desde o V seculo.

O estylo proveniente da influencia combinada d'estes tres elementos, chamou-se *roman*, porque a sua origem e duração coincidem pouco mais ou menos com a da lingua romanica. Porconseguinte a palavra *roman* indica, do mesmo modo que na lingua romanica, o elemento barbaro que contribuiu para a formação d'este estylo.

O estylo Roman desde o VIII até ao X seculo

A decadencia completa das bellas artes foi o effeito necessario dos movimentos politicos que a Europa soffreu durante tres seculos. Só os padres e os religiosos luctavam no meio d'este chaos, contra a barbarie e a força brutal dos invasores. O renascimento das artes foi lento, e do mesmo modo o das lettras, porque o solo da Europa occidental estava juncado de destroços amontoados, dos monumentos antigos; as tradições artisticas tinham-se perdido, e os principios haviam cahido em esquecimento.

Para a architectura e para as artes, a Lombardia foi, desde o VII até ao fim do X seculo, o principal centro d'este renascimento. O estylo formou-se n'esta epocha, ao norte da Italia, e recebeu o nome de *Lombardo*.

Caracteres do estylo Lombardo

O estylo Lombardo, ou o estylo Roman do norte da Italia, reinou n'este paiz desde o VIII seculo até ao fim do XII.

O plano da basilica Latina foi geralmente adoptado nas egrejas lombardas.

Na maior parte das grandes egrejas lombardas, as paredes internas são construidas com galerias.

As cryptas das egrejas lombardas estendem-se por baixo de todo o presbyterio, e formam verdadeiras capellas subterraneas, com muitas naves abobadadas.

Os baptisterios isolados, geralmente octogonaes ou circulares, usaram-se durante o periodo lombardo.

A maior parte dos edificios lombardos são construidos de tijolos.

Abobadas. A abobada em fórma de *berço* con-

siste n'um semi-cylindro concavo e sem penetração alguma.

A abobada de *aresta*, assim chamada porque apresenta quatro arestas no intradoz, é formada pela intersecção ou penetração de duas abobadas de berço, com a mesma abertura e reunindo-se em angulo recto.

Os architectos lombardos fizeram grandes progressos na construcção das abobadas. Antes do seu tempo não se conhecia além da cupula senão duas especies de abobadas: a abobada de berço, e a abobada de aresta romana.

As abobadas lombardas apresentam todas uma elevação em fórma de zimborio, particularidade que pertence ao systema de construcção seguido pelos architectos lombardos. Esta elevação dá ás abobadas das egrejas lombardas um aspecto particular.

Nas egrejas lombardas de tres naves, a principal tem sempre dobrada largura.

Como dissémos, as abobadas da nave principal exercem sobre os seus pontos de apoio não sómente uma pressão vertical, mas tambem uma obliqua e lateral, que tende a fazer inclinar para fóra os pilares e as muralhas superiores. Nos edificios lombardos, esta pressão acha-se equilibrada pelo encontro opposto das abobadas altas e baixas das naves lateraes e em parte apoiada sobre os contrafortes exteriores, pelos arcos-butantes das naves lateraes e pelas porções de parede que supportam estes arcos.

Nos edificios antigos e nas basilicas latinas serviam-se de columnas cylindricas, pouco espaçadas e recebendo directamente as pressões verticaes de entablamentos d'um peso relativamente pouco consideravel. Os constructores lombardos substituiram o pilar composto de columnas pelo simples supporte cylindrico da basilica coberta de madeira.

Os caracteres dos pilares lombardos podem resumir-se da seguinte maneira: 1.° Os pilares apresentam uma secção rectangular ou quadrada e são ornados de pilastras ou de columnas envolvidas, recebendo as bases das nervuras e dos arcos-butantes. 2.° Não têem todas a mesma grossura, umas são menos, outras mais fortes, segundo recebem ao mesmo tempo as bases de todas as abobadas, ou das naves lateraes sómente. Foi desde a primeira metade do seculo VIII que appareceram os pilares ornados de columna, desconhecidos na arte classica e empregados com profusão no Occidente pela arte na edade media. As columnas e as columnatas são ordinariamente construidas por fiadas de desigual altura de medio e pequeno apparelho; raramente são monolithas.

Essas columnatas dos pilares, quasi sempre delgados e muito elevados, chegam muitas vezes sem interrupção até á origem das abobadas, e constituem um facto capital na historia da arte, porque são um dos elementos mais caracteristicos e fundamentaes de quasi toda a architectura da edade media.

As bases lombardas approximam-se sensivelmente, pela sua fórma, da base attica propriamente dita.

Estas bases são muitas vezes munidas d'um ornato destinado a ligar o tóro inferior com os angulos do plintho e a dar d'este modo uma apparencia de maior solidez dos angulos. Este ornato ou appendice recebeu o nome de *garra* ou *pata*.

As garras mais antigas são muito simples, as de data posterior representam ordinariamente cabeças d'animaes.

(Continúa).

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA

El-Rei o Senhor D. Luiz agraciou com a commenda da Ordem de Christo ao Presidente da Sociedade Franceza de Archeologia, Monsieur le Comte Arthur De Marsy, socio honorario da nossa Associação, que pelas suas scientificas publicações e uteis serviços prestados ás letras, é bastante conhecido no seu paiz, assim como pelas suas importantes investigações historicas em relação a Portugal sobre os negocios publicos das duas nações se tornava digno da benevolencia do soberano. Foi pois uma bem merecida distincção, pela qual os seus consocios e amigos com jubilo se congratulam.

O socio o sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa fez n'esta associação conferencias Paleon-ethnologicas sobre a controvertida questão da origem do homem, apresentando um resumo desenvolvido de como tem sido discutido este thema, e expondo opinião propria a fim de ser discutida e avaliada em relação a este importante assumpto. Estiveram concorridas as conferencias.

Foi offerecido pelo sr. Barão de Minas Novas um exemplar de ceramica dos Indios, de singular execução. E' de fórma oval bastante concava e a sua polychromia está applicada com regularidade no desenho da composição. O barro é de duas qualidades differentes, a das superficies externas é melhor, porém a que as separa é muito ordinaria. A faixa de duas côres que orna a borda d'este artefacto, não foi produzida por pintura liquida, mas sim applicada por um producto mineral.

Este curioso exemplar, descoberto na proximidade da cidade da Bahia, é de subido apreço para o nosso museu, porque é talvez o unico d'este genero que existe em Portugal.

O illustrado secretario da secção de Archeologia, o sr. visconde de Alemquer, foi agraciado pela nação hespanhola com a Gran-Cruz de Izabel a Catholica. Esta mercê é mui agradavel aos seus consocios que reconhecem o merecimento que possue tão sympathico varão. Receba pois o nobre visconde os parabens dos seus amigos e confrades.

Foram eleitos socios da nossa Associação o sr. Joaquim de Araujo, o dr. A. Berchon, francez, o architecto inglez-americano Maximiano Allardt, e o sr. Manoel Dias Lima, brazileiro.

O nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, recebeu um novo diploma, o de socio honorario da Sociedade Archeologica de Bordeus; com a singular particularidade que, não havendo n'aquella associação a classe de socios honorarios, reformaram os estatutos para lhe poderem conferir essa distincção como um testemunho da importancia que reconhecem nas suas constantes investigações archeologicas. São as expressões que o secretario geral d'essa benemerita sociedade exarou no officio em que participava ao nosso estimado presidente este novo titulo de extrema consideração. Ainda bem que as Nações que sabem dar valor aos trabalhos scientificos, não olvidam os nossos patricios que se tem feito distinctos pelos seus aturados e uteis trabalhos. Não é sómente uma subida e merecida distincção conferida ao nosso consocio, é mais principalmente a Portugal, onde pouco caso se faz dos relevantes serviços scientificos de seus filhos.

NOTICIARIO

Estão dois artistas distinctos de Allemanha Mrs. Bühlmann e Wagner preparando uma vista de Roma no principio do IV seculo. em que a capital do mundo antigo attingiu o seu maior desenvolvimento antes que monumentos architectonicos tão sumptuosos fossem destruidos pelos barbaros. A cidade será vista do alto do Capitolio em dia festivo, quando Constantino ahi fez a sua entrada triumphal. A pompa d'esta solemnidade presta-se admiravelmente para dar aos soberbos edificios subida magnificencia. Este trabalho consideravel de restauração, porque não serão só representados em perspectiva os numerosos edificios da cidade, mas tambem o campo, os aqueductos, as vias romanas ladeadas pelos tumulos, casas de campo dos senadores, satisfará aos amadores de antiguidades que em Munich poderão admirar n'este anno aquelle novo panorama.

Em uma sepultura megalithica, descoberta em Collorgues, proximo de Gard (França), achou-se a representação de uma figura de mulher.

Esta pedra gravada do dolmen, que estava destinada para servir de degrau, porque na face opposta ao solo é que havia a esculptura, não tinha sido vista. Occupa a terça parte da superficie uma tosca imagem a qual tem o rosto de fórma circular; na parte superior do circulo ha uma pequena fórma aguda que indica o nariz e dois pontinhos cavados de cada lado representam os olhos: dentro do mesmo circulo, quasi pelo centro d'elle, em relevo, ha duas elevações circulares que figuram o seio: partindo do nariz saem dois arcos um pouco dobrados na metade do seu comprimento, com extremidades grossas e redondas, como se fossem braços, e ficando por baixo do circulo do rosto quasi juntos. Logo mais abaixo ha um objecto que parece ser uma hacha encavada.

A pedra tem naturalmente a fórma de um corpo, sem outro feitio humano, acabando em ponto bicudo. É de grés digoeéno. A face foi desengrossada com pequenos golpes de percutores de silex e foi depois com muita pachorra polida com raspadeiras tambem de silex; sendo por esta maneira que o artista prehistorico poude conseguir dar algum relevo á figura e ao instrumento que limita este esboço humano.

E' curiosa e singular similhante esculptura. A sua incorrectissima configuração dá-nos a conhecer o esforço que a intelligencia tentava para produzir o corpo humano.

Tunis tem já um museu de antiguidades, como ha muito possue o Cairo. Este novo museu situado no Bardo, contém uma secção epigraphica, estatuas, inscripções punicas, lybicas e latinas, de grande merecimento artistico, e fragmentos de architectura. Admira-se um mosaico de 140 metros, que foi descoberto em Sousse, representando o *Cortejo de Neptuno*. O Deus sobre um carro occupa a parte central, e em roda grupos de diversas divindades do Occano adornadas com os seus attributos e montadas nos seus cavallos marinhos. Em Tunis tambem está para se installar um museu de bellas artes, de ethnographia e de industria tunisina,

Effectuou-se em Chicago a trasladação de uma ponte *inteira* que havia sobre o rio que tem o mesmo nome. No logar onde se construiram os pilares, collocaram-se caixões de madeira cheios de agua e sobre elles pozeram cavalletes que chegavam á altura em que a ponte estava formada; tirando se a agua dos caixões foram estes levantados em pezo pelo mesmo processo como n'um dique se levanta um navio.

Proximo da cidade de Roquefort (França) descobriram-se em uma gruta esqueletos humanos, havendo entre elles objectos que foram expostos com os corpos dos defunctos; alem de perolas feitas com a parte mais espessa da concha, rochas diversas, objectos de cobre, uma folha de faca e braceletes de azeviche.

Um guarda do campo descobriu duas espadas de bronze em tumulos do Jura, onde os esqueletos estavam rentes do solo circumvisinho, tendo as cabeças para o oriente.

A cathedral protestante de S. Paulo em Buffalo, ficou completamente destruida por um incendio causado por explosão de gaz natural nos carneiros.

Em Roma sobre a *via Salaria* descobriu-se um sarcophago, que é um dos melhores monumentos d'este genero que se teem achado da antiguidade, sendo a sua conservação perfeita.

A melhor maneira de evitar a humidade das paredes é revestil-as com a seguinte composição: — Juntar ao breu duas libras de cal em pó e uma libra de vidro moido. Com esta pasta sufficientemente consistente se revestem as paredes humidas que ficarão de todo seccas, por mais humido que seja o chão.

As escavações feitas em Thebas á roda das ruinas do Templo dos Cabires deram resultados inesperados. Acharam-se em pouco tempo, mais de 500 estatuas, representando pelo maior numero animaes: leões, porcos e passaros. Estas estatuas desenterradas com muito cuidado, serão transportadas para o museu de Athenas.

EmVosges (França) acharam, em Thionville, *torques* (collares e braceletes), machados de jadeita e calcareo, assim como uma espada e navalha de bronze.

O monumento que vae erigir-se na cidade de Cracovia ao celebre poeta polaco Mvckiewicz, será o maior d'este genero que haverá na Europa, pois terá 15 metros de altura.

NECROLOGIA

Conselheiro Jorge Cesar de Figanière

Á memoria de um digno socio d'esta Real Associação, o conselheiro Jorge Cesar de Figanière, que pelas suas exemplares qualidades como pelos dotes intellectuaes era tão distincto, cumpre-nos tributar os nossos sentimentos de merecida veneração e de cordeal e antiga amisade. Todas as pessoas que tiveram a ventura de o conhecer e de apreciar a sua superior intelligencia deploraram o seu prematuro passamento.

Este respeitavel cavalheiro, fallecido em Lisboa no mez de abril ultimo, serviu a sua patria com denodo e abnegação, com o unico intuito de concorrer para conquistar a liberdade do pensamento, assim como desenvolver a civilisação do seu paiz: se arriscou a sua existencia para alcançar esse triumpho, foi tambem porque o amor á sua patria não era inferior ao seu entranhado empenho de contribuir para o progresso da civilisação.

A sua culta intelligencia dotou as letras com uteis publicações, e proporcionou-lhe prestar serviços relevantes a Portugal, desenvolvendo conhecimentos especiaes em diplomacia, pelos quaes grangeou merecidos louvores e recebeu honrosas distincções.

Essa desvelada dedicação ás letras e á sciencia fez-lhe egualmente colher documentos de maximo interesse para a historia patria, e reunir uma selecta collecção de gravuras raras e de moedas escolhidas, a qual era citada como um dos melhores medalheiros possuidos por um particular em Portugal.

Pelo seu trato lhano e cortez captivava a sympathia de quem o visitava, e era considerado pelas pessoas mais illustradas e illustres, nacionaes e estrangeiras, com demonstrações assaz lisongeiras, as quaes não só deram ufania ao finado director geral dos negocios estrangeiros, como egualmente ennobreciam a nação a quem este meritissimo funccionario servia.

Desejariamos ser mais explicitos como era mister, occupando-nos d'um socio tão conspicuo, mas outro mais competente, e não menos affectuoso, se encarregará do respectivo elogio; pois tivemos só em mente patentear o nosso saudoso pezar de verdadeiro amigo e admirador ao recordar os traços principaes da sua prestante existencia.

Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

1888. Typ. Franco-Portugueza Lisboa.

INDICE DO QUINTO TOMO

DA

SEGUNDA SERIE DO JORNAL

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Boletim Architectonico e de Archeologia)

1888

Numero de Bol.	Numero de Pag.	Designação das materias	Secção	Por quem foram redigidos os artigos	Designação das Estampas
1	1	Prologo	—	Redacção.	
»	2	Memoria sobre a Architectura Romanica	Architectura	Manoel Maria Rodrigues.	
»	12	Nomes dos artistas que trabalharam no edificio Real de Mafra	Idem	Joaquim da Conceição Gomes.	
»	13	Mumias americanas expostas no Museu do Carmo	Archeologia	Dr. Baldy.	Photographia
»	15	Descripção da Eatampa	Architectura	J. da Silva.	»
»	15	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	16	Noticiario	—	Idem.	
2	17	Nomes dos artistas que trabalharam no edificio Real de Mafra	Architectura	Joaquim da Conceição Gomes.	
»	20	Parecer para a creação de Cursos de Archeologia religiosa	Archeologia	Ignacio de Vilhena Barbosa.	
»	22	Necropole de Marzabotto	Idem	J. P. N. da Silva.	
»	26	Mumias americanas expostas no Museu do Carmo	Idem	Dr. Baldy.	
»	29	Memoire de l'archéologie des signes gravés sur les anciens monuments du Portugal	Idem	Le chevalier J. da Silva.	Gravuras
»	31	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	32	Noticiario	—	Idem.	
3	33	Architectura monumental da Grecia	Architectura	J. P. N. da Silva.	
»	39	Memoire sur le signification des signes gravés sur les anciens monuments du Portugal	Archeologia	Le chevalier J. da Silva.	Gravuras
»	43	Mumias americanas expostas no Museu do Carmo	Idem	Dr. Baldy.	
»	45	Bibliographia — os azulejos	Idem	Redacção — Gabriel Pereira.	
»	47	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	48	Noticiario	—	Idem.	
4	49	Sessão solemne da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes	—	Idem.	
»	51	Elogio historico de S. M. El-Rei D. Fernando II	Biographia	O socio Marquez de Vallada.	Photographia
»	63	Os monumentos de Portugal, historicos, artisticos ou archeologicos	Bibliographia	Ignacio de Vilhena Barbosa.	
»	64	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	64	Noticiario	—	Idem.	
5	65	Architectura monumental. Templos da Grecia	Architectura	J. P. N. da Silva.	
»	70	Segundo periodo da Architectura da Edade-media	Idem	Idem.	
»	75	Resumo de Archeologia christã	Archeologia	Possidonio da Silva.	
»	78	Descripção da estampa	Idem	Idem.	Gravuras
»	80	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	80	Noticiario	—	Idem.	

Numero de Bul.	Numero de Pag.	Designação das materias	Secção	Por quem foram redigidos os artigos	Designação das Estampas
6	81	Architectura monumental. Templos da Grecia	Architectura	J. P. N. da Silva.	
»	84	Segundo periodo da Architectura da Edade-media	Idem	Idem.	
»	88	Farol de Penella	Archeologia	Ricardo Simões dos Reis.	
»	90	Architectura Portugueza	Architectura	Mr. C. H. Blackall.	
»	92	Descripção da estampa	Idem	J. da Silva.	Photographia
»	93	Montanhas megalithicas na Russia Meridional	Prehistorico	Idem.	
»	94	Resumo de archeologia christã	Archeologia	Possidonio da Silva.	
»	95	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	96	Noticiario	—	Idem.	
7	97	Architectura ogival	Architectura	J. P. N. da Silva.	
»	104	Farol de Penella	Archeologia	Ricardo Simões dos Reis.	
»	108	Descripção da estampa	Idem	J. da Silva.	Photographia
»	110	Archeologia religiosa na Hollanda	Idem	Sr. Ramalho Ortigão.	
»	110	Resumo de archeologia christã	Idem	Possidonio da Silva.	
»	111	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	112	Noticiario	—	Idem.	
8	113	Architectura monumental — Edificios romanos	Architectura	J. P. N. da Silva.	
»	117	Architectura Portugueza	Idem	Mr. C. H. Blackall.	
»	119	Numismatica	Archeologia	S.	
»	122	Resumo de archeologia christã	Idem	Possidonio da Silva.	
»	124	Descripção da estampa	Idem	J. da Silva.	Gravuras
»	126	O gravador Diik Stoop	Bibliographia	El-Rei o Sr. D. Fernando II.	
»	127	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	128	Noticiario	—	Idem.	
9	129	Architectura monumental — Edificios Romanos	Architectura	J. P. N. da Silva.	
»	132	Periodo ogival	Idem	Idem.	
»	136	Resumo de archeologia christã	Archeologia	Possidonio da Silva.	
»	142	Descripção da estampa	Idem	J. da Silva.	Photographia
»	142	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	143	Noticiario	—	Idem.	
10	144	Nechronologia do Conde João Gozzadini, Archeologo Italiano	—	J. Possidonio Narciso da Silva.	
»	145	Origem do estylo ogiva na Inglaterra	Architectura	Possidonio da Silva.	
»	151	O monumento de Mafra	Idem	Joaquim da Conceição Gomes.	
»	154	Memoria sobre uma estatua romana em Beja	Archeologia	Manuel José M. da Costa e Sá.	
»	156	Resumo de archeologia christã	Idem	Possidonio da Silva.	
»	157	Descripção da estampa	Architectura	J. da Silva.	Gravuras
»	158	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	159	Noticiario	—	Idem.	
11	161	Origem da architectura e a influencia que tem sobre as outras artes	Architectura	J. da Silva.	
»	169	Pontes romanas em Portugal	Idem	Abb. Dr. Pedro A. Ferreira.	
»	171	Memoria sobre uma estatua romana em Beja	Archeologia	Manuel José M. da Costa e Sá.	
»	173	Descripção da estampa	Idem	J. da Silva.	Photographia
»	173	Artigo sobre archeologia christã	Idem	Sr. José Diogo Ribeiro.	
»	174	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	175	Noticiario	—	Idem.	
12	177	Periodo ogival	Architectura	J. P. N. da Silva.	
»	181	Exposição Industrial Portugueza	—	Possidonio da Silva.	
»	181	Pontes romanas em Portugal	Architectura	Abb. Dr. Pedro A. Ferreira.	
»	184	Memoria de archeologia prehistorica da America do Norte	Archeologia	Dr. Elmer Reynolds.	
»	188	Descripção da estampa	Idem	Possidonio da Silva.	Gravuras
»	189	Resumo de archeologia christã	Idem	J. da Silva.	
»	190	Chronica da Associação	—	Redacção.	
»	192	Noticiario	—	Idem.	

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00612 5310